

Ensaaios

Michel Eyquem de Montaigne



Livro III



Índice

Prefácio	4
A vida de Montaigne	5
Capítulo I – Sobre a vantagem e a honestidade	11
Capítulo II – Sobre o arrependimento	16
Capítulo III – Sobre os três comércios	22
Capítulo IV – Sobre a diversão	26
Capítulo V – Sobre alguns versos de Virgílio	30
Capítulo VI – Sobre as carruagens	54
Capítulo VII – As inconveniências da grandeza	62
Capítulo VIII – A arte da conferência	63
Capítulo IX – Sobre a vaidade	72
Capítulo X – O controle da vontade	95
Capítulo XI – Sobre os aleijados	105
Capítulo XII – Sobre a fisionomia	109
Capítulo XIII – Sobre a experiência	120
Apologia	142

PREFÁCIO

A presente publicação pretende suprir uma reconhecida deficiência em nossa literatura – a edição completa dos *Ensaio*s de Montaigne. Esse grande escritor francês é digno de ser considerado um clássico, não somente em sua terra natal, mas em todos os países e em todas as literaturas. Os *Ensaio*s, que são imediatamente a mais célebre e a mais permanente das suas produções, constituem um repositório ao qual mentes como as de Bacon e Shakespeare não desdenharam recorrer; e, realmente, como observa Hallam, a importância da literatura francesa é em grande medida resultado do compartilhamento em que a mente dele influenciou outras mentes, contemporâneas e subseqüentes. Mas, ao mesmo tempo, calculando o valor e a categoria do ensaísta, não podemos deixar de levar em conta as desvantagens e as circunstâncias do período: o estado imperfeito da educação, a comparativa escassez de livros e as limitadas oportunidades de relacionamento intelectual. Montaigne livremente emprestou de outros e achava que os homens podiam emprestar livremente dele. Não precisamos nos maravilhar pela reputação que ele parece com facilidade ter alcançado. Montaigne foi, sem se dar conta disso, o líder de uma nova escola de letras e moralidade.

O seu livro era diferente de todos os outros que naquela época circulavam pelo mundo. Ele desviou as antigas correntes de pensamento em novos canais, transmitindo aos leitores a opinião do autor sobre os homens e as coisas com uma franqueza sem precedentes, lançando o que deve ter parecido um novo enfoque de um tipo estranho sobre muitos temas ainda obscuramente compreendidos. Acima de tudo o ensaísta descascou-se a si mesmo, tornando propriedade pública o seu organismo físico e intelectual. Ele levou ao mundo as suas confidências sobre todos os assuntos. Seus *Ensaio*s foram uma espécie de anatomia literária de onde obtemos um diagnóstico da mente do escritor, feito por ele mesmo a diferentes níveis e sob uma grande variedade de influências operacionais.

De todos os egotistas Montaigne foi, se não o maior, o mais fascinante, talvez porque fosse o menos afetado e o mais verdadeiro. O que ele fez, e tinha professado fazer, era dissecar sua mente e mostrá-la para nós, o melhor que conseguisse (como realmente fez), e a sua conexão em relação aos objetos externos. Ele investigou sua estrutura mental como um estudante que desmonta o próprio relógio em partes para examinar o funcionamento do mecanismo; e o resultado, acompanhado por ilustrações abundantes de força e originalidade, entregou aos confrades da raça humana na forma de um livro.

Eloquência, efeito retórico, poesia, nada se afastava do seu desígnio. Ele não escreveu por necessidade; talvez apenas pela notoriedade. Mas desejou deixar à França, não, ao mundo, algo para se lembrar, algo que pudesse contar que tipo de homem ele fora – o que sentia, pensava, sofria – e alcançou um êxito, receio, muito além das suas expectativas. Seria bastante razoável Montaigne esperar que seu trabalho obtivesse alguma celebridade na Gascônia, e até mesmo, com o tempo, através da França; mas é pouco provável que pudesse prever como o seu renome se espalharia pelo mundo; como ele haveria de ocupar uma posição praticamente única como homem de letras e moralista; como os seus *Ensaio*s seriam lidos em todos os principais idiomas da Europa por milhões de seres humanos inteligentes que nunca ouviram falar de Perigord ou da Liga; os quais, se forem interrogados, ficarão em dúvida se o autor viveu no século XVI ou no século XVIII.

Essa é verdadeira fama. O homem de gênio não pertence a nenhum período ou país. Ele fala a linguagem da natureza, que é sempre a mesma em toda parte.

O texto destes volumes foi retirado da primeira edição da versão de Cotton, impresso em três volumes entre 1685 e 1686, em oitavo, e republicado em 1693, 1700, 1711, 1738 e 1743, no mesmo número de volumes e com o mesmo formato. Nas primeiras publicações os erros de imprensa foram corrigidos somente até a página 240 do primeiro volume, e todas as edições seguem aquele padrão. A de 1685-6 foi a única que o tradutor viveu para ver. Ele faleceu em 1687, deixando para trás uma interessante e pouco conhecida coleção de poemas que veio à luz postumamente, em 1689, impressa em oitavo.

Foi considerado imperativo corrigir cuidadosamente a tradução de Cotton intercalada com o *variorum* da edição original (Paris, 1854, em 4 volumes) e empreenderam inserir ocasionalmente nos pés de página as passagens paralelas de Florim do texto primitivo. Também foi recuperada uma *Vida do Autor* e todas as suas Cartas, em número de dezesseis; mas, em vista da correspondência, é difícil duvidar que esteja num estado meramente fragmentário.

Fazer mais que fornecer um esboço dos principais incidentes da vida de Montaigne parecia, diante da encantadora e competente biografia de Bayle St. John, uma tentativa tão improvável quanto inútil.

O pecado de todos os tradutores que atacaram Montaigne parece ter sido uma tendência de reduzir o idioma e a fraseologia dele ao idioma e fraseologia da época e país aos quais pertenciam, e, além disso, a inserção de parágrafos e palavras, não somente aqui e ali, mas constante e habitualmente, por um evidente desejo e propósito de elucidar ou fortalecer o pensamento do autor. O resultado era geralmente desafortunado; sinto-me compelido, no caso de todas essas interpolações sobre as disposições de Cotton – onde não as cancelei – a descartar as notas, por julgar incorreto permitir que Montaigne seja responsabilizado por coisas que jamais escreveu; e relutante, por outro lado, de suprimir completamente essas matérias intrometidas, onde parecem possuir valor próprio.

Não é redundância ou paráfrase a única forma de transgressão em Cotton, pois há lugares na sua tradução que ele mesmo pensou em omitir, e certamente é desnecessário dizer que a restauração completa de todo o texto seja considerada essencial para sua integridade e perfeição.

O mais caloroso agradecimento é devido a meu pai, Mr. Registrar Hazlitt, autor da excelente e bem conhecida edição de Montaigne publicada em 1842, pela importante contribuição que ele fez na verificação e retradução das citações – que estavam no mais corrompido estado e das quais as versões inglesas de Cotton estavam singularmente desatadas e inexatas – e pelo zelo com que cooperou comigo no cotejo do texto em inglês, linha por linha e palavra por palavra, com a melhor edição francesa.

Pela gentileza de Mr. F. W. Cosens eu pude dispor, enquanto trabalhava neste projeto, do exemplar de 1650 do Dicionário Cotgrave, *in folio*, que pertenceu a Cotton. Ele está autografado e copiosamente anotado, e não é exagero presumir que tenha sido o mesmo livro empregado por ele em sua tradução.

W.C.H. Kensington, novembro de 1877.

A VIDA DE MONTAIGNE

Este anexo foi livremente traduzido e anteposto ao *variorum* da edição de 1854 (Paris, 4 volumes, em oitavo). Esta biografia é a mais proveitosa, contendo tudo o que é realmente interessante e importante no diário da Excursão à Alemanha e Itália o qual, como foi escrito somente sob ditado de Montaigne, está na terceira pessoa e mereceu escassa divulgação, como um todo, numa roupagem inglesa.

O autor dos *Ensaaios* nasceu, como ele próprio nos informa, no castelo de St. Michel de Montaigne, entre onze e doze horas do último dia de fevereiro de 1533.

O pai dele, Pierre Eyquem, escudeiro, foi sucessivamente primeiro Conselheiro da cidade de Bordéus em 1530, Sub-Prefeito em 1536, Conselheiro pela segunda vez em 1540, Procurador em 1546 e finalmente Prefeito de 1553 a 1556. Era um homem de austera probidade, dotado de uma “particular consideração pela honra e pelo decoro em sua pessoa e vestuário... uma vigorosa boa fé em sua palavra, uma consciência e um sentimento religioso inclinados à superstição e não a outro extremo” [*Ensaaios*, II, 2]. Pierre Eyquem deu grande atenção à educação dos filhos, especialmente quanto ao seu aspecto prático. Para associar intimamente o filho Michel ao povo e vinculá-lo àqueles que necessitavam de assistência, assegurou-se que ele fosse desde a infância influenciado por pessoas de condição humilde; subseqüentemente o colocou para alimentar-se com um aldeão pobre e então, num período posterior, fez com que se habituasse ao gênero de vida mais comum, tomando cuidado, não obstante, de cultivar sua



mente e dirigir o seu desenvolvimento sem o exercício de constrangimento ou de rigor impróprio. Michel, que nos dá o mais minucioso relato dos seus primeiros anos, narra de modo encantador como era despertado ao som de alguma música agradável, e como aprendeu o latim antes do francês sem passar pela palmatória ou verter uma lágrima, graças ao professor alemão que o pai havia colocado próximo dele, o qual nunca se dirigiu a ele senão no idioma de Virgílio e Cícero.

O estudo do grego teve precedência. Aos seis anos o jovem Montaigne foi para o *College de Guienne* em Bordéus, onde teve como preceptores os mais eminentes estudiosos do século XVI: Nicolas Grouchy, Guerente, Muret e Buchanan. Aos treze anos ele havia passado por todas as classes e, como era destinado ao direito, deixou a escola para dedicar-se àquela ciência. Tinha então quase quatorze anos, mas esses anos precoces de sua vida estão envoltos em obscuridade. A próxima informação disponível é que em 1554 ele recebeu o cargo de conselheiro no Parlamento de Bordéus; em 1559 ele foi a *Bar-le-Duc* com a corte de Francisco II e no ano seguinte estava presente em Rouen para testemunhar a declaração de maioridade de Carlos IX. Não sabemos de que maneira ele estava envolvido nessas ocasiões.

Entre 1556 e 1563 ocorreu um importante incidente na vida de Montaigne: o começo da sua fantástica amizade com Etienne de la Boetie a quem encontrou, como ele mesmo nos diz, por mera casualidade, na celebração de alguma festividade na cidade. Desde esse primeiro encontro os dois se acharam irresistivelmente atraídos um pelo outro; durante seis anos essa aliança teve primazia no coração de Montaigne e permaneceu depois em sua memória, quando a morte os separou.

Embora em seu próprio livro [*Ensaaios*, I, 27] ele acuse severamente aqueles que, contrários à opinião de Aristóteles, contraem núpcias antes dos trinta e cinco, Montaigne não aguardou o período determinado pelo filósofo de Estagira e em 1566, aos trinta e três anos, casou-se com Françoise Chassigne, filha de um conselheiro do Parlamento de Bordéus. A história da sua vida de casado compete em obscuridade com a de sua fase juvenil. Os biógrafos de Montaigne não estão de acordo; na mesma medida em que esclarecem nossa visão de tudo aquilo concernente aos seus pensamentos mais secretos e aos mecanismos íntimos de sua mente, guardam muitas reticências a respeito de suas funções públicas e administrativas, bem como de suas relações sociais. O título de Cavaleiro da Ordem do Rei, que é concedido por Henrique II em uma carta e ele assume num preâmbulo; o que conta sobre as comoções das cortes onde passou uma parte de sua vida; as Instruções que ele escreveu sob ditado de Catarina

de Médici ao Rei Carlos IX; e sua nobre correspondência com Henrique IV, contudo, não deixam nenhuma dúvida quanto ao papel que ele desempenhou nos negócios públicos daquela época e acatamos, como prova incontestável da profundidade da estima em que ele era considerado pelos personagens mais exaltados, uma carta que foi a ele endereçada por Carlos na ocasião em que foi agraciado com a Ordem de St. Michael, a qual constituía, como ele próprio nos informa, a honra mais elevada da nobreza francesa.

De acordo com Lacroix du Maine, depois da morte do seu irmão primogênito Montaigne renunciou ao cargo de Conselheiro para dedicar-se à carreira militar; porquanto, se pudermos dar crédito ao Presidente Bouhier, ele nunca desempenhou qualquer atividade ligada ao exército. Contudo, várias passagens nos *Ensaio*s parecem indicar que ele não somente assumiu o serviço militar, mas de fato participou de numerosas campanhas com os exércitos católicos. Deixe-me adicionar que em seu monumento ele é representado em cota de malha, com um elmo e manoplas do lado direito e um leão aos pés, tudo indicando, na linguagem dos emblemas funerários, que o falecido esteve engajado em algumas importantes proezas militares.

Sejam quais forem essas conjeturas é certo que nosso autor, chegando aos trinta e oito anos, resolveu dedicar o tempo de vida restante ao estudo e contemplação; em seu aniversário, no último dia de fevereiro de 1571, criou uma inscrição filosófica em latim para ser gravada em uma das paredes do castelo (onde ainda pode ser vista) e cuja tradução tem este sentido: “No ano de Cristo... no seu trigésimo oitavo aniversário, às vésperas das Calendas de março, Michel Montaigne, já cansado das funções na Corte e das honrarias públicas, retirou-se completamente para conversar com as virgens instruídas onde ele pretende despende o quinhão restante que reservou para um tranqüilo recolhimento”.

Na ocasião de que tratamos, Montaigne era desconhecido para o mundo das letras, exceto como tradutor e editor.

Em 1569 Montaigne publicou uma tradução da *Teologia Natural* de Raymond de Sebonde, trabalho que havia empreendido apenas para agradar o pai. Em 1571, fez imprimir em Paris um certo ‘opúsculo’ de Etienne de la Boetie; essas duas realizações, inspiradas num caso pelo dever filial e noutro pela amizade, atestam que as razões afetivas predominavam sobre a mera ambição pessoal de um literato.

Podemos supor que Montaigne começou a compor os *Ensaio*s logo após seu afastamento dos compromissos públicos; pois, de acordo com sua própria avaliação, observa o Presidente Bouhier, ele não quis caçar, construir, o trabalho de jardinagem ou a atividade agrícola; ocupava-se exclusivamente em leitura e reflexão, dedicando-se com satisfação à tarefa de fixar no papel seus pensamentos assim que eles ocorriam. Esses pensamentos transformaram-se num livro cuja primeira parte, que haveria de conferir imortalidade ao escritor, veio à luz em Bordéus no ano de 1580. Montaigne tinha então quarenta e sete anos; no passado ele havia sofrido durante alguns anos de cólicas e cálculos renais; tinha necessidade de distrair-se de suas dores e a esperança de obter algum alívio das águas medicinais, e nessa época empreendeu uma grande viagem. Como os relatos dessas viagens através da Alemanha e da Itália compreendem algumas particularidades altamente interessantes de sua vida e de sua história pessoal, parece valioso fornecer um esboço ou análise deles.

“A Viagem de que regressamos teve um curso simples de descrever”; diz o editor do Itinerário, “de Beaumont-sur-Oise a Plombières, em Lorraine, nada foi suficientemente interessante para nos deter... devemos de ir mais longe, até Basle, da qual temos uma descrição, familiarizando-nos com sua situação física e política naquele período, bem como com o caráter de seus banhos. A passagem de Montaigne pela Suíça não é desprovida de interesse, pois ali vemos nosso viajante filosófico acomodar-se em todos os lugares aos costumes do país. Os hotéis, as provisões, a cozinha suíça, tudo lhe era agradável; parece como se ele realmente preferisse aqueles aos gostos e modos franceses nos lugares que estava visitando, e cuja simplicidade e liberdade (ou franqueza) concordava mais com seu próprio modo de vida e pensamento. Nas cidades onde ficou, Montaigne preocupou-se em observar os clérigos protestantes, para se familiarizar com todos os seus dogmas. Teve até mesmo algumas disputas ocasionais com eles.

“Deixando a Suíça ele foi para Isne, então um império sobre Augsburgo e Munique. A seguir prosseguiu para até o Tirol, onde ficou agradavelmente surpreso, depois das advertências que havia recebido; as inconveniências superficiais que sofreu deram-lhe ocasião de observar que por toda a sua vida tinha desconfiado das afirmações de outros com respeito aos países estrangeiros, que os gostos das pessoas estão de acordo com as noções do local de nascimento de cada um; e que, por conseguinte, ele havia aproveitado muito pouco do que lhe foi contado anteriormente.

“De chegada a Botzen, Montaigne escreveu a François Hottmann para dizer que ficara muito satisfeito com a visita à Alemanha e que a deixava com grande pesar, conquanto fosse agora para a Itália. Então atravessou Brunsol, Trent (onde se hospedou na Rosa), indo dali para Rovera; e aqui ele primeiro lamentou a escassez de lagostim, mas compensou a perda compartilhando trufas cozidas em óleo e vinagre, laranjas, cidras e azeitonas; e com tudo se deliciou. Depois de passar uma noite inquieta, quando levantou pela manhã ele apostou que havia alguma cidade ou distrito novo para ser visto, e ficamos conversando, com prazer e vivacidade”.

O secretário, a quem Montaigne ditou o seu Diário, assegura-nos que nunca o viu interessar-se tanto pelas pessoas e cenas das vizinhanças, e acredita que a completa mudança ajudou a mitigar os seus sofrimentos, concentrando sua atenção em outros pontos. Quando havia alguma reclamação de que ele tinha conduzido o seu grupo para fora da rota batida e então voltava para muito perto do ponto onde começaram, respondia que não tinha nenhum trajeto determinado; somente se propunha a visitar os lugares que não havia visto, e desde que não pudessem convencê-lo a trilhar o mesmo caminho duas vezes ou voltar a um lugar já visitado, não podia perceber nenhum prejuízo no seu plano.

Quanto a Roma, ele não se preocupou menos de visitar, já que todo o mundo faz isso; disse que nunca houve laçao que não pudesse lhe contar tudo sobre Florença ou Ferrara. Também disse que se parecia com aqueles que estão lendo alguma história agradável ou um livro refinado, que temem acabar: ele sentia tanto prazer em viajar que antecipava com receio o momento de chegar ao lugar onde deveriam parar durante a noite.

Vemos Montaigne viajando, da mesma forma que ele descreveu, completamente à vontade, sem o menor constrangimento; trilhando, da maneira que imaginou, as estradas ordinárias e comuns tomadas pelos turistas. As boas hospedarias, as camas macias e os panoramas agradáveis atraíram a sua atenção em todos os lugares, e nas observações sobre os homens e as coisas ele se limita principalmente ao lado prático. A consideração da saúde estava constantemente diante dele; foi por causa disto que, enquanto em Veneza (que o desapontou) aproveitou a oportunidade para observar, em benefício dos leitores, que sofreu um ataque de cólica e expeliu duas grandes pedras depois da ceia. Ao deixar Veneza ele foi sucessivamente para Ferrara, Rovigo, Pádua, Bolonha (onde teve uma dor de estômago) e Florença; e em todos os lugares, antes de desembarcar, instituiu como regra enviar alguns dos criados para averiguar onde seria obtida a melhor acomodação. Ele manifestou que as mulheres florentinas são as melhores do mundo, mas não teve uma opinião igualmente favorável da comida, que era menos abundante que na Alemanha e não tão bem servida. Ele nos faz perceber que na Itália lhe serviram pratos insossos, enquanto na Alemanha foram muito melhor temperados e servidos com uma variedade de molhos e condimentos. Mais adiante observou que os copos eram singularmente pequenos e os vinhos insípidos.

Depois de jantar com o Grão-Duque de Florença, Montaigne ignorou o interior do país – que não teve nenhuma fascinação para ele – e chegou rapidamente a Roma no último dia de novembro, entrando pela Porta del Popolo e hospedando-se no *Bear*. Mas depois alugou, a vinte coroas por mês, quartos finamente mobiliados na casa de um espanhol, que incluía no preço a utilização do fogo da cozinha. O que mais o aborreceu na Cidade Eterna foi o número de franceses que encontrou, e todos o saudaram em sua língua nativa; mas quanto ao restante estava muito confortável e sua permanência estendeu-se por cinco meses. Uma mente como a dele, plena de elevadas reflexões clássicas, não deixou de ficar profundamente impressionada na presença das ruínas de Roma, e ele entesourou numa magnífica passagem do Diário os sentimentos do momento:

“Ele disse”, escreve o secretário, “que em Roma nada mais se vê que o céu debaixo do qual ela havia sido construída e um esboço do local onde se encontrava: que o conhecimento que dela tivemos era abstrato, contemplativo, não palpável aos sentidos atuais; que aqueles que disseram ter visto as ruínas de Roma foram pelo menos muito longe, pois a ruína de tão gigantesca estrutura deve ter inspirado maior reverência – nada mais era que o sepulcro dela. O mundo, invejoso dela e da sua prolongada dominação, foi compelido em primeiro lugar a quebrar em pedaços aquele corpo admirável; então, quando percebeu que os restos ainda atraíam adoração e temor, havia realmente enterrado a própria destruição. Quanto a esses pequenos fragmentos que ainda podiam ser vistos à superfície, apesar das agressões das intempéries e de todos os outros ataques, seguidamente repetidos, haviam sido favorecidos pela fortuna para constituir uma insignificante evidência daquela infinita grandeza que nada pôde extinguir completamente. Mas é provável que esses restos desfigurados tivessem menos direito a atenção e que os inimigos daquele renome imortal, em sua fúria, tenham se empenhado em primeiro lugar na destruição do que estava muito bonito e mais digno de preservação; e que os edifícios dessa Roma bastarda, erguidos sobre as antigas construções, embora pudessem estimular a admiração da era presente, traziam à sua lembrança os ninhos de corvos e pardais embutidos nas paredes e arcos das igrejas velhas, destruídas pelo Huguenotes. Novamente ele [o mundo] fica apreensivo, vendo o espaço que essa sepultura ocupa, que não seria capaz de recobrir inteiramente aquele poder, e que o próprio enterro havia sido enterrado. Além disso, ver um miserável monte de lixo com cacos de azulejo e cerâmica crescer (como faz desde a antiguidade) até a altura do Monte Gurson [em Perigord] e uma largura equivalente, parecia demonstrar uma conspiração do destino contra a glória e a preeminência daquela cidade, ao mesmo tempo propiciando uma prova moderna e extraordinária de sua passada grandeza.

Ele [Montaigne] observou ser difícil acreditar que tantos edifícios estivessem no local, considerando a área delimitada por quaisquer das sete colinas e particularmente pelas duas mais favoráveis, os montes Capitolino e Palatino. Julgando apenas pelo que restou do Templo da Concórdia, ao largo do *Forum Romanum*, cujo desabamento parece bem recente – como uma enorme escarpa de montanha em horríveis rochedos – não parece que mais de dois edifícios tais pudessem ter encontrado espaço no Capitolino, sobre o qual no período havia de vinte e cinco a trinta templos, além de habitações particulares.

“Mas, de fato, há pouquíssimas probabilidades de que as visões que temos da cidade estejam corretas: seu traçado e forma têm mudado infinitamente; por exemplo, o *Velabrum*, devido ao nível rebaixado, recebeu os esgotos da cidade, tornou-se um lago, foi elevado por acumulação artificial a uma altura similar à das outras colinas, e Monte Savello tem, a bem da verdade, simplesmente crescido sobre as ruínas do teatro de Marcellus. Ele acreditava que um romano antigo não reconheceria novamente o local. Acontecia freqüentemente que ao cavar a terra os operários descobrissem o capitel de alguma coluna alta que, embora enterrada, mantinha-se na vertical. As pessoas do povo não têm nenhum recurso além dos alicerces dos arcos e abóbadas das casas antigas sobre os quais, como em lajes de pedra, erguem os seus modernos palácios. É fácil constatar que várias das ruas antigas estão trinta pés abaixo daquelas em uso no momento”.

Embora céptico como se exhibe nos livros, Montaigne manifestou durante sua curta estada em Roma um grande respeito pela religião. Ele solicitou a honra de ser recebido para beijar os pés do Santo Padre, Gregório XIII e o Pontífice o exortou a prosseguir sempre na devoção até agora mostrados à Igreja e ao serviço do Mais Cristão dos Reis.

“Depois disto”, diz o editor do Diário, “vimos Montaigne despendendo todo o seu tempo em excursões pelas redondezas, a pé ou a cavalo, em visitas e observações de toda natureza. As igrejas, as estações, até mesmo as procissões e os sermões; e depois os palácios, os vinhedos, os jardins, as diversões públicas como o Carnaval, etc – nada foi negligenciado. Ele presenciou a circuncisão de uma criança judia e colocou no papel o mais minucioso relatório da operação. Ele se encontrou em San Sisto com o embaixador moscovita, o segundo que tinha vindo para Roma desde o pontificado de Paulo III. Esse ministro fez despachos de sua corte para Veneza, endereçados ao *Grande Governador de Signory*. Naquele momento a corte de Moscou tinha limitadas relações com as outras potências da Europa e eram muito incorretas as suas informações, pensando que Veneza fosse um território dependente da Santa Sé”.

De todos os particulares com que ele nos abasteceu durante sua permanência em Roma, a seguinte passagem em referência aos *Ensaaios* não é a menos singular: “O Mestre do Palácio Sagrado devolveu-lhe os *Ensaaios*, corrigidos de acordo com os pontos de vista dos monges instruídos. ‘Ele só tinha conseguido formar um juízo deles’, disse Montaigne, ‘através de certo monge francês, não compreendendo o próprio idioma francês’” – deixemos que o próprio Montaigne relate a estória – “e recebeu com tanta complacência as minhas escusas e explanações sobre cada uma das passagens que tinham sido censuradas pelo monge francês que acabou por me dar liberdade para revisar o texto tranqüilamente, sujeito apenas à minha própria consciência. Pelo contrário, eu lhe implorei que cumprisse o parecer das pessoas que haviam me criticado, confessando entre outras coisas, como, por exemplo, o meu emprego da palavra fortuna ao citar os poetas históricos, em minha apologia de Juliano, em minha reprovação da teoria de que aquele que reza deve estar naquele período isento de inclinações viciosas; item, quanto à minha estimativa da crueldade como alguma coisa além da simples morte; item, sobre o meu ponto de vista de que uma criança deve ser levada a fazer de tudo, e assim por diante; que essas eram as minhas opiniões e eu não as considerava injustas; quanto às outras coisas, disse-lhe que o revisor não alcançou o meu propósito. O Mestre, que é um homem sábio, apresentou-me muitas desculpas e deixou-me a conjecturar se ele não concordava com as melhorias sugeridas; e chegou até mesmo a defender-me engenhosamente em minha própria presença contra outra pessoa (um italiano, também) que se opôs aos meus sentimentos”.

Tal foi o que se passou entre Montaigne e esses dois personagens naquele instante; mas quando o Ensaísta estava de partida e foi despedir-se, usaram linguagem muito diferente com ele. “Eles me pediram”, ele diz, “para não dar nenhuma atenção à censura passada sobre o meu livro, no qual outros franceses informaram que havia muitas coisas tolas; acrescentando que eles reverenciavam a minha inclinação afetuosa pela Igreja e minha capacidade; e tinham tão elevado conceito de minha integridade e consciência que iriam deixar-me fazer as tais alterações no livro como era apropriado, quando fosse reimprimi-lo; entre outras coisas, a palavra fortuna. Para se desculparem pelo que haviam dito contra o meu livro, mencionaram como exemplo os recentes trabalhos de cardeais e outros clérigos de excelente reputação que tinham sido acusados por falhas similares, as quais de forma alguma afetaram as reputações dos autores ou da publicação como um todo; eles me pediram que emprestasse à Igreja o apoio da minha eloqüência (foram suas palavras literais) e fizesse uma permanência mais prolongada no lugar, onde eu deveria ficar livre de qualquer intrusão adicional por parte deles. Pareceu-me que nos apartamos realmente como bons amigos”.

Antes de deixar Roma, Montaigne recebeu o seu diploma de cidadania, pelo qual se sentiu amplamente lisonjeado; e depois de uma visita a Tivoli ele partiu para Loretto, parando em Ancona, Fano e Urbino. No começo de maio de 1581 chegou a Bagno della Villa, onde se estabeleceu, disposto a tentar as águas. Lá, encontramos no Diário, por sua própria vontade o Ensaísta viveu na mais rígida conformidade com o regime e daqui em diante só ouvimos falar da dieta, do efeito gradualmente ocasionado pelas águas em seu organismo, da maneira como as utilizou; em poucas palavras, ele não omite uma vírgula quanto às circunstâncias ligadas à sua rotina diária, seus hábitos corporais, seus banhos e tudo o mais. Não era mais nenhum diário de viajante que ele mantinha, mas o relatório de um inválido, atento aos mínimos detalhes da cura que ele se empenhava em concretizar: uma espécie de caderno de memorandos no qual anotava tudo que fez e sentiu, para benefício do médico de casa, a cujos cuidados ficaria a sua saúde quando do seu retorno, bem como o atendimento das suas fraquezas subseqüentes. Montaigne dá isso como razão e justificativa para aqui detalhar essa expansão, que para o seu pesar havia omitido, fazendo assim suas visitas a outros banhos que poderiam tê-lo poupado da dificuldade de agora escrever com tal verbosidade; mas é talvez uma razão melhor aos nossos olhos do que ele dizer que escreveu para seu próprio uso.

Encontramos nesses relatórios, todavia, muitos detalhes que são valiosas ilustrações dos costumes locais. A maior parte das entradas no Diário, dando conta dessas águas e das viagens até a chegada de Montaigne à primeira cidade francesa, em sua rota para casa, está em italiano, porque ele desejou exercitar-se naquele idioma.

A minuciosa e constante vigilância de Montaigne sobre sua saúde e sua pessoa poderia levar à suspeita daquele excessivo medo da morte que se degenera em covardia. Mas não era suficiente o medo da cirurgia de cálculos, naquele tempo realmente formidável? Ou talvez ele tivesse o mesmo modo de pensar do poeta grego, de quem Cícero nos dá esta declaração: “Eu não desejo morrer; mas o pensamento de estar morto me é indiferente”. Vamos ouvir, porém, o que ele diz a si mesmo e muito francamente quanto a esse ponto: “Seria muito fraco e efeminado de minha parte se, certo como estou de sempre me achar em posição de dever sucumbir naquele caminho [para a pedra ou cálculo renal] e da morte que vem mais e mais próxima de mim, eu não fizer algum esforço, antes de chegar o momento, para suportar a prova com firmeza. Pois a razão prescreve que devemos aceitar com jovialidade o que apraza a Deus nos enviar. Então o único remédio, a única regra e a exclusiva doutrina para evitar os males pelos quais os seres humanos estão rodeados, sejam quem forem, é a resolução de agüentá-os até onde nossa permita a natureza, ou acabar pronta e corajosamente com eles”.

Montaigne ainda estava no balneário de La Villa quando, no dia 7 de setembro de 1581, soube por carta que tinha sido eleito Prefeito da cidade de Bordéus no 1º de agosto precedente. Essa informação o fez apressar sua partida; e de Lucca prosseguiu para Roma. Novamente permaneceu algum tempo naquela cidade e lá recebeu uma carta dos conselheiros de Bordéus, notificando-o oficialmente da sua eleição para a Prefeitura e convidando-o a retornar tão rápido quanto possível. Montaigne partiu para a França acompanhado pelo jovem D’Estissac e vários outros cavalheiros que o escoltaram por uma distância considerável; mas ninguém voltou para a França com ele, nem mesmo seu companheiro de viagem. Ele passou por Pádua, Milão, Monte Cenís e Chambery; dali foi para Lyons, e não perdeu nenhum tempo em refugiar-se em seu castelo depois de uma ausência de dezessete meses e oito dias.

Vimos há pouco que durante a sua ausência na Itália o autor dos *Ensaaios* foi eleito prefeito de Bordéus. “Os cavalheiros de Bordéus”, diz ele, “elegeram-me Prefeito de sua cidade enquanto eu estava distante da França e longe de pensar em tal coisa. Peço desculpas; mas eles deram a entender que eu estava fazendo algo errado em proceder assim, e que é também às ordens do rei que eu deveria ficar”. Esta é a carta que Henrique III escreveu a ele naquela ocasião:

Monsieur de Montaigne: – Visto que tenho grande apreço por sua fidelidade e zelosa devoção ao meu serviço, foi com prazer que soube de sua escolha para a prefeitura da minha cidade de Bordéus. Tive o agradável dever de confirmar a nomeação, e o fiz com a maior boa vontade, vendo o que foi feito durante sua prolongada ausência; portanto é meu desejo, e eu solicito e ordeno expressamente que você proceda sem demora e assuma os deveres para os quais recebeu tão legítima convocação. E assim você agirá de modo que muito me agradará, enquanto o contrário será muito inapropriado. Rezo a Deus, M. de Montaigne, para conservá-lo em sua santidade.

“Escrito em Paris, 25 de novembro de 1581.

“Henrique.

“A Monsieur de Montaigne, Cavaleiro de minha Ordem, Cavalheiro Efetivo de minha Câmara, que no momento encontra-se em Roma”.

Montaigne, em seu novo emprego – o mais importante da província – obedeceu o axioma de que um homem não pode recusar um dever, embora absorva seu tempo e atenção e envolva até mesmo o sacrifício do seu sangue. Colocado entre dois partidos extremistas, já no ponto de exaustão, ele se mostrou na vida prática o que está em seu livro, um amigo da política moderada e mediadora. Tolerante por caráter e por princípio ele pertenceu, como todas as grandes mentes do décimo sexto século, àquela seita política que buscava melhorar as instituições sem destruí-las; e dele podemos dizer o que ele mesmo disse de La Boétie: “que possuiu aquela máxima indelével impressa em sua mente: obedecer e submeter-se religiosamente às leis sob as quais ele nasceu. Afetuosamente ligado à tranqüilidade do seu país e inimigo de mudanças e inovações, ele teria preferido empregar os meios de desencorajamento e supressão de que dispunha a promover o sucesso deles”. Tal era a plataforma de sua administração.

Montaigne aplicou-se de maneira especial à manutenção da paz entre as duas facções religiosas que naquele momento dividiam a cidade Bordéus; e ao fim dos dois primeiros anos de gestão (em 1583), seus reconhecidos concidadãos lhe outorgaram a prefeitura por outros dois anos, uma distinção que só havia sido desfrutada, como ele nos diz, em duas ocasiões anteriores. No término de sua carreira oficial, depois de quatro anos de exercício, ele bem poderia dizer que não deixou ódios para trás nem foi causador de injúrias.

Em meio às diligências de governo, Montaigne encontrou tempo para revisar e ampliar os *Ensaaios*, que desde o seu aparecimento em 1580, recebiam contínuos acréscimos na forma de capítulos ou apontamentos adicionais. Mais duas edições foram impressas em 1582 e 1587; durante esse tempo o autor, enquanto fazia alterações no texto original, havia composto parte do Terceiro Livro. Ele foi a Paris fazer os arranjos para a publicação do seu trabalho ampliado, resultando numa quarta impressão, em 1588. Nessa ocasião Montaigne permaneceu por algum tempo na capital e foi então que encontrou *Mademoiselle* de Gournay pela primeira vez. Dotada de um espírito ativo e inquisidor e, acima de tudo, possuindo um temperamento vivaz e saudável, em sua infância *Mademoiselle* de Gournay fora carregada para a controvérsia, a aprendizagem e o conhecimento por aquela maré iniciada no século XVI. Ela estudou latim sem um professor; e quando, aos dezoito anos, tornou-se acidentalmente possuidora de uma cópia dos *Ensaaios*, foi transportada com deleite e admiração.

Ela deixou o castelo de Gournay para vir vê-lo. Com relação a essa jornada de simpatia, não podemos fazer melhor que repetir as palavras de Pasquier: “Aquela jovem senhora, ligada a diversas das maiores e mais nobres famílias de Paris, propôs a si mesma nenhum outro casamento a não ser com sua honra, enriquecida pelo conhecimento obtido de bons livros e, acima de todos os outros, dos *Ensaaios* de M. de Montaigne, que no ano 1588 fez uma prolongada permanência na cidade de Paris, para onde ela foi com a finalidade conhecê-lo pessoalmente; sua mãe, *Madame* de Gournay, levou-os de volta consigo para o seu castelo onde, em duas ou três diferentes ocasiões, o autor passou três meses inteiros como a mais bem-vinda das visitas”. É dessa época que data a adoção de *Mademoiselle* de Gournay como filha de Montaigne, uma circunstância que tendeu a lhe conferir imortalidade numa medida muito maior que as próprias produções literárias dela.

Deixando Paris, Montaigne ficou em Blois por algum tempo para comparecer à conferência dos Estados-Gerais. Desconhecemos a sua participação naquela assembléia: mas é sabido que no período ele estava comissionado para negociar entre Henrique de Navarre (depois Henrique IV) e o Duque de Guise. Sua vida política é praticamente um espaço em branco, mas De Thou nos assegura que Montaigne desfrutou da confiança das principais personalidades do seu tempo. De Thou – que o chama sem constrangimento de homem honesto – conta-nos que entrando com ele e Pasquier na corte do Castelo de Blois, ouviu-o pronunciar algumas opiniões muito notáveis sobre eventos contemporâneos, e adiciona que Montaigne tinha previsto que as dificuldades da França não poderiam terminar sem testemunhar-se a morte de Henrique de Navarre ou do Duque de Guise.

Ele havia se tornado completamente senhor dos pontos de vista desses dois príncipes, tanto que disse a De Thou que o Rei de Navarre estaria preparado para abraçar o Catolicismo se não tivesse receio de ser abandonado por seu partido, e que o Duque de Guise, de sua parte, não tinha nenhuma particular aversão pela Confissão de Augsburgo, pela qual o Cardeal de Lorraine, tio dele, lhe havia inspirado alguma preferência, não fosse pelo perigo envolvido em abandonar a comunhão de Romish. Para Montaigne teria sido fácil maquirar – como nós hoje chamamos – uma grande influência na política e criar para si mesmo uma elevada posição, mas seu lema era: ‘*Otio et Libertati*’ [repouso e liberdade]; então voltou para casa tranqüilamente e compôs mais um capítulo para sua próxima edição, este sobre as inconveniências da Grandeza.

O autor dos *Ensaaios* tinha agora cinquenta e cinco anos. A enfermidade que o atormentava só fez evoluir cada vez pior com a idade; e ele ainda se ocupava continuamente em leitura, meditando e composição. Montaigne empregou os anos de 1589 a 1591 fazendo novas adições ao seu livro; e mesmo com a aproximação da velhice poderia razoavelmente prever muitos momentos felizes, quando então sofreu um ataque de amigdalite, privando-o da capacidade de expressão vocal. Pasquier, que nos deixou alguns pormenores das suas últimas horas, relata que ele permaneceu três dias em completa posse de suas faculdades,

mas incapaz de falar, de forma que o compeliram a recorrer à escrita para tornar conhecidos os seus desejos; e como sentia o fim aproximar-se, implorou que a esposa chamasse certos cavalheiros que moravam nas imediações para possibilitar uma última despedida. Quando eles chegaram, Montaigne pediu que uma missa fosse celebrada no quarto; assim que o padre ergueu o anfitrião da cama, este caiu para a frente com os braços estendidos adiante, e então expirou. Ele estava em seu sexagésimo ano. Era o dia 13 de setembro de 1592.

Montaigne foi sepultado perto de sua própria casa, mas alguns anos depois seus restos mortais foram removidos para a igreja de Santo Antônio em Bordéus, onde ainda hoje se encontram. Em 1803 o seu monumento fúnebre foi restaurado por um descendente.

Em 1595 *Mademoiselle de Gournay* publicou uma nova edição dos *Ensaïos*, a primeira com as últimas emendas do autor, retiradas de uma cópia a ela apresentada pela viúva de Montaigne e a qual não foi recuperada, embora se saiba que investigaram a existência dela alguns anos depois da data da impressão, realizada com autorização.

Friamente como as produções literárias de Montaigne parecem ter sido recebidas pela geração que sucede imediatamente a sua própria época, o gênio dele cresceu na avaliação no século XVII, quando surgiram grandes espíritos tais como La Bruyère, Molière, La Fontaine e *Madame de Sevigne*. “Oh”, exclamou Chatelaine des Rochers, “que companhia fundamental ele é, minha nossa! Ele é meu velho amigo; e ele é assim apenas pela razão, ele sempre parece novo. Meu Deus! Como aquele livro é cheio de sentido!” Balzac afirmou que ele tinha levado a razão humana tão longe e tão alto quanto poderia ir, tanto em política quanto em moral. Por outro lado, Malebranche e os escritores de Port Royal estavam contra ele; alguns repreendiam a licenciosidade dos seus escritos; outros a sua impiedade, materialismo e epicurismo. Até mesmo Pascal, que havia lido cuidadosamente os *Ensaïos* e não tinha obtido pouco aproveitamento deles, não poupou suas investivas.

Mas Montaigne sobreviveu à difamação. Conforme o tempo passou, seus admiradores e ‘emprestadores’ aumentaram em número; e o Jansenismo, que o encareceu no século XVIII, pode não ser a sua menor recomendação no século XIX. Certamente temos aqui, no geral, um homem de primeira classe; e uma prova do seu gênio magistral parece ser que os méritos e as belezas dele são suficientes para nos induzir a desconsiderar os seus defeitos e falhas, que seriam fatais num escritor inferior.



Capítulo I

Sobre a vantagem e a honestidade

Nenhum homem está livre de dizer disparates; mas o pior é quando alguém labuta para fazer-se de tolo:

“Nae iste magno conatu magnas nugas dixerit”

“É certo que ele, brevemente, dirá uma grande besteira com muito esforço” [Terêncio].

Isso não me diz respeito; os meus deslizam de mim com tão pouco cuidado quanto são de pouca importância e isso é o melhor para eles. Deles agora mesmo me separaria pelo que valem e não os compraria nem os venderia pelo que pesam. Eu os transmito ao papel, assim como faço à primeira pessoa que encontro; e que isto é verdadeiro, observe pelo que se segue.

Para quem a deslealdade não deve ser odiosa, quando Tibério rejeitou-a numa coisa de tão grande importância para ele? Da Alemanha recebeu pela palavra de um enviado que se pensasse em acordo eles o livrariam de Armínio através do veneno: este era o inimigo mais poderoso que os Romanos já tiveram, que tão ignominiosamente os havia derrotado sob Varus e o único a impedir o seu engrandecimento naquela região.

Ele retornou a resposta: “que o povo de Roma estava acostumado a vingar-se dos seus inimigos às claras e com suas espadas nas mãos, não clandestinamente e através de fraude”; em que renunciava ao lucrativo pelo sincero. Você dirá que ele era um arrogante; eu também o creio: e isso não é nada excepcional em homens da profissão dele. Mas o reconhecimento da virtude não é menos válido na boca daquele que a odeia, visto que assim como a verdade o compele, se ele não a receber em seu íntimo, pelo menos há de vesti-la como ornamento.

Nossas estruturas externa e interna estão cheias de imperfeições, mas não há nada inútil na natureza, nem mesmo inútil em si mesmo; nada se insinua neste universo que não tenha nele algum assento e lugar apropriado. Nosso ser é cimentado com qualidades doentias: ambição, ciúme, inveja, vingança, superstição e desespero têm em nós uma posse tão natural que sua imagem é discernida nas bestas; mais ainda, a crueldade, um vício tão antinatural; pois até mesmo no meio da compaixão nós sentimos por dentro não sei que titilação agriçoce de natureza perversa no prazer em ver os outros sofrerem; e as crianças sentem isso:

“Suave mari magno, turbantibus aequora ventis,

E terra magnum alterius spectare laborem:”

“É doce, quando os ventos perturbam as águas do vasto oceano,
da terra testemunhar o perigo de outras pessoas” [Lucrecio]

nas sementes de qualidades que, sendo despidas pelo homem, destruiriam as condições fundamentais da vida humana. Iguamente, em todos os governos há ofícios necessários, não apenas miseráveis mas também viciosos. Os vícios ajudam a compor as costuras das nossas emoções, assim como os venenos são úteis para a conservação da saúde. Se eles se tornam desculpáveis porque nos são úteis e a necessidade comum encobre suas verdadeiras qualidades, vamos resignar essa prenda aos cidadãos mais fortes e mais corajosos que sacrificam sua honra e consciência, como outros antigos sacrificaram suas vidas, pelo bem do seu país: nós, que somos mais fracos, admitimos que assim é mais fácil e menos perigoso. A prosperidade pública exige que os homens devam trair, mentir e massacrar; deixemos essa incumbência a homens que são mais obedientes e mais submissos.

Com sinceridade, fiquei aborrecido de ver freqüentemente os juízes, através de fraude e falsas esperanças de favoritismo ou perdão, persuadirem um criminoso a confessar seu delito, nisso fazendo uso de logro e impudência. Isso se torna legal e o próprio Platão, que encorajava essa maneira de agir, fornece outro meio mais satisfatório para minha própria preferência: essa é uma espécie de justiça maliciosa e eu a vejo como não menos ferida por si mesma que pelos outros. Não faz muito eu disse em discurso a algum acompanhante que dificilmente seria levado a trair o meu príncipe por um homem particular e que ficaria muito envergonhado de trair qualquer homem particular pelo meu príncipe; odeio não somente enganar alguém, mas que qualquer um venha a enganar-me; não disporei o assunto nem darei ocasião a qualquer coisa assim.

No pouco que tive de mediar entre nossos príncipes nas divisões e subdivisões pelas quais estamos neste momento rasgados em pedaços, fui muito cuidadoso para que eles não fossem enganados por mim e nem enganassem outros por meu intermédio. As pessoas daquele tipo de comércio são muito reservadas; pretendem ter o máximo de moderação imaginável e as opiniões mais próximas daqueles com quem têm de lidar; eu exponho minha opinião formal e depois o meu método mais apropriado; um negociador brando, um aprendiz que antes falha em sua obrigação do que anseia para si mesmo. E ainda tive até agora tanta sorte (pois sem dúvida a Fortuna tem a maior participação nisso), que poucas daquelas coisas passaram de mão em mão com menor suspeita ou mais favoráveis à privacidade. Tenho um modo livre e aberto que na primeira reunião facilmente se insinua e obtém a convicção daqueles com quem devo negociar. A sinceridade e a pura verdade, que a idade de alguma forma torna correntes; e além disso a liberdade e a independência de um homem que trata sem qualquer interesse próprio nunca são odiosas ou suspeitas e ele pode muito bem empregar a resposta de Hipérides aos Atenienses que reclamaram do seu modo franco de falar: “Senhores, não considerem se sou ou não livre, mas se não estou sendo subornado ou não tenho alguma vantagem para meus próprios negócios”. Minha liberdade de falar também me livrou facilmente de toda a suspeita de acobertar por minha veemência, nada deixando de dizer, por mais expressiva e amarga que fosse (de forma que eu não poderia ter dito nada pior por trás deles) e assim prossegui numa exibição manifesta de simplicidade e indiferença. Não almejo nenhum outro fruto da ação além da própria ação e não acrescento a ela nenhum longo argumento ou proposições; cada ação joga seu próprio jogo e ganha se puder.

Quanto ao resto, não sou agitado por nenhuma paixão com respeito aos grandes, seja de amor ou de ódio, nem é minha vontade cativada por uma injúria ou compromisso em particular. Vejo nossos reis simplesmente com um afeto leal e respeitoso,

não sou incitado por qualquer interesse privado e aprecio muito a mim mesmo por isso. Nem as causas genéricas e justas me atraem senão com moderação e sem ardor. Não estou sujeito a esses pactos e compromissos estreitos e penetrantes. Raiva e ódio estão além do dever de justiça e são as paixões úteis apenas para aqueles que não se restringem rigorosamente à sua obrigação pela simples razão:

“Utatur motu animi, qui uti ratione non potest”

“Aquele que emprega a sua paixão não pode fazer uso da razão” [Cícero].

Todas as intenções legítimas são neles temperadas e uniformes, caso contrário eles se degeneram à sedição e à ilegalidade. É isto que me faz caminhar em todos os lugares com minha cabeça erguida, de rosto e coração aberto. Na verdade — e não tenho nenhum receio de confessá-lo — em caso de necessidade posso facilmente acender uma vela a São Miguel e outra para o dragão dele, como uma velha; ficarei do lado correto até mesmo no fogo, mas exclusivamente se for capaz. Deixe que, se necessário for, Montaigne seja subjugado à ruína pública; mas se não há nenhuma necessidade, devo antes pensar em obsequiar a Fortuna por me salvar e farei uso de todas as possibilidades que permita o meu dever para sua preservação. Não foi Atico quem, estando do lado justo (mas perdedor), por sua moderação preservou-se daquele naufrágio universal do mundo, entre tantas mutações e diversidades? Para um homem privado, como ele era, é mais fácil; em tal tipo de trabalho penso que um homem pode não ser corretamente ambicioso para se oferecer e se insinuar. Não julgo honesto nem generoso que um homem, sendo na realidade oscilante e irresoluto, mantenha sua afeição impassível e sem inclinação nas dificuldades das suas divisões, públicas e pessoais:

“Ea non media, sed nulla via est, velut eventum

Exspectantium, quo fortunae consilia sua applicent”

“Não é um caminho mediano, mas caminho algum, esperar pelos eventos através dos quais eles submetem suas resoluções à Fortuna” [Tito Lívio].

Isso pode ser permitido aos negócios de nossos vizinhos; e assim Gelo, o tirano de Siracusa, sustado em sua inclinação na guerra entre Gregos e bárbaros e mantendo um embaixador residente com presentes em Delfos para assistir e verificar de que modo a fortuna se inclinaria e então adequando a oportunidade para se encontrar com os vencedores. Seria uma forma de traição proceder dessa maneira em nossos próprios negócios domésticos, em que um homem deve necessariamente estar de um lado ou de outro; entretanto, para um homem que não tem nenhuma posição ou comando expresso a convocá-lo, acho que acomodar-se é mais desculpável (mas ainda não me escuso nessas condições) do que nas expedições estrangeiras, para as quais, conforme nossas leis, nenhum homem é pressionado contra a sua vontade. E até mesmo esses que se ocupam integralmente de tais guerras podem se comportar com tal temperamento e moderação que a tempestade pode voar sobre as suas cabeças sem lhes causar qualquer dano. Não tivemos razão para esperar um resultado dessa natureza na pessoa do recém-falecido Bispo de Órleans, o *Sieur de Morvilliers*? [Um negociador capaz que, embora protegido pelos Guises e apoiando-os resolutamente, ainda ficou longe de perseguir os Reformistas. Ele faleceu em 1577].

Entre esses que se comportam corajosamente na presente guerra, conheço alguns cujos modos são tão suaves, prestativos e justos, os quais certamente permanecerão firmes, sejam quais forem os eventos que o Céu esteja preparando para nós. Sou de opinião que compete corretamente apenas a reis disputar com reis; e divirto-me com esses espíritos que, por leviandade de coração, prestam-se a querelas tão desproporcionadas; pois um homem nunca tem uma disputa mais particular com um príncipe, marchando aberta e corajosamente contra ele pela própria honra e de acordo com seu dever; se ele não pode amar tal personagem, faria melhor estimando-o. É notável que por causa das leis e do antigo governo de um reino sejam sempre ligados nisso e até mesmo aqueles que, no próprio interesse particular os invade, escusados os que não reverenciam os defensores.

Mas não devemos, como se faz hoje em dia, chamar os impertinentes de descontentes, de dever o que emana do interesse privado e da paixão, nem uma conduta traiçoeira e maliciosa de coragem; eles chamam de zelo sua predisposição à injúria e à violência; não é a causa, mas o seu interesse que os inflama; eles se entusiasмам e começam uma guerra, não porque ela seja justa, mas porque é uma guerra.

Um homem pode muito bem comportar-se cômoda e lealmente também entre aqueles do partido adversário; transportar-se, se não com o mesmo afeto (para o que é capaz em diferentes medidas), pelo menos com uma afeição moderada, bem temperada e como assim você não o enganará num partido, ele poderá exigir tudo que você puder fazer daquele lado, contentando-se com uma moderada proporção do seu favor e benevolência; e nadar em águas agitadas sem nelas pescar.

O outro caminho, de oferecer o próprio homem o mais extremo empenho que ele é capaz de executar, para um ou outro partido, tem em si ainda menos de prudência do que de consciência. Quando você atraiça alguém por quem era tão bem acolhido quanto ele, não irá aquele saber que em outro momento você vai fazer a mesma coisa com ele? Irá tê-lo por um vilão; e enquanto isso ouve o que você deseja dizer, obtêm a sua informação e orienta a sua infidelidade com objetivos próprios; o homem hipócrita é muito útil para conduzir, mas devemos ter o maior cuidado para que ele leve o mínimo possível.

Eu não digo nada a um partido que não possa oportunamente dizer a outro com pequena alteração de ênfase; e nada mais informo além de coisas indiferentes ou conhecidas, ou que sejam de conseqüências comuns. Não me permito, sob quaisquer circunstâncias, mentir a nenhum deles. O que me é confiado em segredo, oculto religiosamente; mas em escassa confiança tomo as coisas daquela natureza, tanto quanto posso. Os segredos dos príncipes são problemas espinhosos para quem neles não tem interesse. Eu de muito de boa vontade regateio que eles pouco confiam em mim, mas reservadamente confiam no que lhes conto. Eventualmente sei mais do que desejaria. Um modo aberto de falar introduz outro modo aberto de falar e extrai descobertas, assim como o vinho e o amor. Em minha opinião Filipides respondeu muito discretamente ao rei Lisímaco que perguntara qual das suas propriedades ele lhe concederia: “O que você quiser”, ele disse, “contanto que não seja nenhum dos meus segredos”. Eu vejo cada um descontente quando dele é escondido o fundamento da função em que é empregado, ou que na coisa há

qualquer reserva; de minha parte, fico satisfeito de nada mais saber do negócio além do desejado por aqueles que me empregam, nem pretendo que o meu conhecimento exceda ou se restrinja àquilo que devo dizer. Se preciso servir de instrumento para uma decepção, quero pelo menos ficar com a consciência tranqüila: não serei reputado um criado tão afetuoso ou tão leal quanto seria apropriado para trair seja quem for; quem é infiel a si mesmo é tão justificável quanto seu patrão. Mas se eles são príncipes que não aceitam homens pela metade e menosprezam os préstimos limitados e condicionais, nisto não posso ajudá-los: eu lhes falo francamente, o tão distante quanto posso; pois não deveria ser um escravo, mas argumentar, e dificilmente poderia submeter-me a isso. E eles também são responsáveis por extorquir de um homem livre a seu serviço a mesma sujeição e obrigação que extraem daqueles comprados, ou cuja fortuna deles depende de forma expressa e particular. As leis me livraram de uma grande ansiedade; elas escolheram um lado para mim e me deram um mestre; todas as outras superioridades e obrigações devem ser relativas a ela e podadas de todas as outras. Ainda não é o caso de dizer se meu afeto haveria de inclinar-me contrariamente, minha mão deveria obedecê-lo imediatamente; a vontade e o desejo são leis por si mesmas; mas as ações devem receber autoridade de um mandato público.

Tudo o que procede de mim é um pouco dissonante das formas ordinárias; não produziria nenhum grande efeito, nem é de qualquer duração prolongada; a própria inocência não pôde, nesta nossa época, negociar sem dissimulação ou traficar sem mentir; e, realmente, os empregos públicos não são de forma alguma do meu gosto: o que minha profissão requer eu executo da maneira mais privada que consigo. Sendo jovem, estive comprometido até as orelhas nos negócios e fui bem sucedido; mas me desimpedi em tempo. Tenho freqüentemente evitado intrometer-me nisso, raramente aceitado e nunca solicitado; ainda me mantenho de costas para a ambição, mas não como os remadores que avançam para trás; ainda assim, ao mesmo tempo, que tenha compelido menos a minha resolução pela boa fortuna, não tendo embarcado completamente nisso. Pois ali as maneiras são menos desagradáveis e mais satisfatórias à minha habilidade, pelo que, se antigamente tivessem me chamado ao serviço público e por meu próprio avanço em direção à opinião do mundo, sei que haveria, apesar de todos os meus próprios argumentos contrários, procurado por eles. Como geralmente se diz, em oposição à minha prática, que o que chamo de liberdade, simplicidade e lisura em minhas maneiras é arte e sutileza e antes prudência que bondade, indústria que natureza, bom senso que sorte, me faz mais honra que desgraça: mas eles certamente tornam a minha delicadeza deveras sutil; e seja quem for que me siga de perto e me espione estreitamente, eu lhe darei a palma se ele não admitir que não há nenhuma regra na sua escola que poderia equiparar-se a este movimento natural, conservando uma aparência de liberdade e permissividade, tão equilibrada e inflexível por tantos e tão diversos caminhos tortuosos, por onde toda a sua inteligência e empenho nunca haverá de conduzi-los. O modo da verdade é simples e único; o da vantagem particular e da comodidade nos negócios em que um homem se imiscui é duplo, desigual e fortuito. Observei com freqüência praticarem essas liberdades falsas e artificiais, mas, na maior parte das vezes, sem sucesso; eles gostam do asno de Æsopo que, emulando um cachorro, amavelmente aplaude com as duas patas dianteiras sobre os ombros do dono; mas tantos afagos quanto os de um cachorro fizeram com que o pobre asno, com expressão bondosa, por duas vezes recebesse golpes de bastão por seu cumprimento:

“Id maxime quemque decet, quod est cujusque suum maxime”.

“Melhor se torna cada homem que mais pertence a si mesmo” [Cícero].

Não negarei a falsidade do seu direito; isso tornaria mais difícil entender o mundo: sei que foi amíúde de grande utilidade, que mantém e provê a maioria das ocupações dos homens. Há vícios que são legais, assim como há muitas ações, boas ou desculpáveis, que não são legítimas em si mesmas.

A justiça, em si mesma natural e universal, é por outro lado mais suntuosamente disposta do que aquela outra justiça especial, nacional e limitada às finalidades do governo,

“Veri juris germanaeque justitiae solidam et expressam Effigiem nullam tenemus; umbra et imaginibus utimur;”

“Não retivemos nenhum retrato sólido e expressivo do verdadeiro direito e da justiça germana; temos apenas a sombra e a imagem dela” [Cícero]

, de tal forma que o sábio Dandâmis, ouvindo recitarem as vidas de Sócrates, Pitágoras e Diógenes, julgou que fossem grandes homens em todos os sentidos, exceto que eles eram muito sujeitos a reverenciar as leis, às quais, para secundar e autorizar, a verdadeira virtude deve debilitar muito de seu vigor original; muitas ações viciosas são introduzidas, não somente pela sua permissividade, mas também pelo seu conselho:

“Ex senatus consultis plebisquescit scelera exercentur”

“Crimes são cometidos pelos decretos do Senado e da assembléia popular” [Sêneca].

Eu sigo a elocução comum que distingue entre coisas lucrativas e honestas, pois de que mais chamar algumas ações naturais: não são apenas lucrativas senão necessárias, desonestas e sujas?

Mas vamos prosseguir em nossos exemplos com a deslealdade de dois pretendentes ao reino da Trácia [Rescuporis e Cotis, *apud* Tácito] que estavam prostrados em sua disputa pelo título; o imperador proibiu-os de continuar suas lutas: mas um deles, sob pretexto de levar as coisas a uma solução amigável através de uma conferência, convidou o adversário para uma distração, prendeu-o e assassinou-o em sua própria casa. A justiça requeria que os Romanos recebessem satisfação por uma ofensa dessas, mas havia certa dificuldade em obtê-la pelos meios ordinários; então, o que não podiam fazer legitimamente, sem guerra e sem perigo, resolveram fazer através da deslealdade; e o que não podiam fazer com honestidade, fizeram pelo lucro. Para essa finalidade encontraram instrumento adequado num tal Pompônio Flaco. Esse homem, por meio de palavras veladas e garantias, tendo arrastado aquele em suas armadilhas, em vez da honra e do benefício que lhe havia prometido enviou-o para Roma de mãos e pés amarrados. Aqui um traidor traiu outro, ao contrário do costume habitual; eles são cheios de desconfiança, por isso é difícil embai-los em sua própria arte: disso é testemunha a triste experiência que tivemos recentemente [aqui Montaigne

provavelmente se refere à simulada reconciliação entre Catarina de Médici e Henrique, Duque de Guise, em 1588].

Deixemos quem queira ser como Pompônio Flaco e desses há o bastante: de minha parte, por minha fé e minha palavra, como em todo o resto, participo deste corpo comum: o seu melhor resultado é o serviço público; isto é o que tomo como pressuposto. Mas se alguém devesse ordenar que me encarregasse dos tribunais da lei e dos processos, eu haveria de responder que não lhe dou crédito; ou para o cargo de líder dos sapadores, diria que fui chamado para a mais honrada função; pois nisso ele igualmente me empregaria para mentir, trair e abjurar a mim mesmo, conquanto não para assassinar ou envenenar; para algum serviço notável, eu haveria de dizer: “Se espoliei ou roubei alguma coisa de qualquer homem, envie-me antes às galés”. Pois a um homem de honra é permissível dizer como os Lacedemônios [Plutarco: a diferença entre um amigo e um bajulador], assim que concluíram um acordo depois de terem sido derrotados por Antipater: “Você pode nos impor taxas tão pesadas e ruinosas quanto quiser, mas se mandar que façamos coisas vergonhosas e desonestas, perderá seu tempo, pois isso será em vão”. Cada pessoa deveria propor a si mesma o voto que os reis do Egito faziam os seus juizes solenemente jurar, que não fariam nada contrário às suas consciências, embora nunca se impusessem tanto quanto eles. Em tais atribuições há evidentes marcas de infâmia e condenação; simultaneamente aquele que concede o acusa e a concessão, se você bem compreende, é um fardo e um castigo. Quanto mais os negócios públicos são aperfeiçoados por suas façanhas, tanto pior para os seus próprios e quanto melhor se comportar nisso, tanto pior para você; e não será nenhuma novidade, nem, possivelmente, sem alguma aparência de justiça, se a pessoa que o arruína é a mesma que o promoveu.

Se em algum caso a deslealdade puder ser desculpada, isso só deve acontecer quando ela é praticada para punir e denunciar a perfídia. Há suficientes exemplos de deslealdades, não apenas rejeitadas, mas castigadas e punidas por aqueles em favor de quem foram empreendidas. Quem ignora a sentença de Fabrício contra o médico de Pirro? Mas também encontramos o registro de algumas pessoas que ordenaram uma coisa e depois vingaram severamente a sua execução naqueles que haviam empregado, rejeitando a reputação de tão desenfreada autoridade, desconhecendo e abandonando tão abjeta servidão e obediência. Jaropelk, Duque da Rússia, tramou com um cavaleiro da Hungria trair ou matar Boleslaus, rei da Polônia, dando aos Russos oportunidade para fazer-lhe algum dano notável. Esse ilustre personagem trabalhou competentemente: era mais assíduo do que antes a serviço daquele rei, de forma que obteve a honra de ser designado para o conselho dele e era um dos principais chefes em sua confiança. Com essas vantagens e aproveitando uma oportuna ocasião da ausência do mestre, traiu Vislicza, uma grande e rica cidade que os Russos saquearam e queimaram completamente, passando a fio de espada não somente todos os habitantes de ambos os sexos, jovens e velhos, mas além disso grande número de vizinhos da pequena nobreza que para lá haviam atraído especialmente com aquele propósito. Jaropelk, tendo assim saciado sua vingança e abrandado sua raiva — a qual não era realmente sem motivo (pois Boleslau mais de uma vez o havia ofendido violentamente) — e satisfeito com os frutos dessa deslealdade, vindo avaliar a plenitude disso com um juízo sadio e livre de paixão, percebeu haver terminado com tanto horror e remorso que mandou vazar os olhos e cortar as línguas e as partes vergonhosas dos homens que tinham executado aquilo.

Antígono persuadiu os Argiraspidas a trair e trazer às suas mãos Eumenes, general deles e seu adversário; mas depois que o entregaram para ser morto ele se tornou comissário da justiça divina para castigar crime tão odioso e os consignou às mãos do governador da província com a ordem expressa de, por qualquer meio, aniquilá-los e tudo fazer para lhes proporcionar um fim miserável, de forma que daquele grande número de homens, apenas um voltou novamente à Macedônia: o que melhor o havia servido, o que ele julgava ser o mais malvado e merecedor da maior punição.

O escravo que revelou o lugar onde seu dono, P. Sulpício, tinha se escondido foi, de acordo com a promessa de proscricção de Sila, resgatado de suas dores; mas de acordo com o voto da justiça pública — que era livre de qualquer compromisso dessa natureza — ele foi lançado apressadamente da rocha Tarpéia.

Em vez das armas de ouro que havia prometido, nosso rei Clóvis fez que enforcassem três dos criados de Cararie depois de traírem o seu dono e ainda debochou deles: enforcou-os com as bolsas da recompensa penduradas nos pescoços; depois de ter satisfeito sua segunda convicção especial ele satisfaz a primeira e mais geral.

Tendo Maomé II resolvido livrar-se do irmão por suspeita de estado, de acordo com a prática da família otomana, empregou na execução um dos seus oficiais que, vertendo nele uma grande quantidade de água muito rápido, sufocou-o. A seguir, para expiar o assassinato, entregou o assassino nas mãos da sua mãe (que era a causadora de tal morte, porque eles eram irmãos apenas pelo lado paterno); ela, na sua presença, rasgou o peito do assassino e com suas próprias mãos arrancou o coração dele e o lançou aos cães. Mesmo para as piores pessoas é a coisa mais doce imaginável, depois de ter uma vez alcançado o seu objetivo através de uma ação viciosa, com toda a segurança nele impingir alguma exibição de virtude e justiça, como compensação e correção de consciência; aos quais se pode acrescentar que olham os executores de tais crimes horrendos como homens a quem reprovam e imaginam conseguir através das mortes deles apagar a memória e o testemunho de tais procedimentos.

Ou se talvez você for recompensado, não frustrate a necessidade pública com aquele remédio extremo e desesperado; ele não pode aquilo tudo se não for tal qual você mesmo, mas olhá-lo como um sujeito amaldiçoado e execrável e concluir que você é um traidor ainda maior do que ele, contra quem você está: porque ele experimenta a malignidade da sua disposição por suas próprias mãos, onde possivelmente não pode ser enganado, você que não tem nenhum precedente objeto de ódio para movê-lo a um ato desses; mas ele o emprega como fazem os malfeitores condenados nas execuções da justiça, um ofício tão necessário quanto desonroso. Além da baixa de tal profissão há, além disso, uma prostituição de consciência. Vendo que a filha de Sejano não poderia ser executada pela lei de Roma porque era virgem, para tornar isso legal ela foi primeiro violentada pelo carrasco e então estrangulada: não somente a mão dele mas também a sua alma é escrava da conveniência pública.

Quando Amurat I, para mais dolorosamente castigar os indivíduos que haviam tomado parte na rebelião parricida do seu filho, ordenou que seus parentes mais próximos ajudassem na execução, acho muito significativo que alguns deles tenham antes escolhido ser considerados injustamente culpados do crime de outro do que servir a justiça através de um parricídio deles

próprios. E até onde pude ver, na tomada agressiva de algumas pequenas fortificações no meu tempo, houve alguns biltres que, para salvar suas próprias vidas, consentiram no enforcamento de amigos e camaradas: julguei-os em pior condição do que aqueles que estavam pendurados. Diz-se que Witold, Príncipe da Lituânia, introduziu no país a prática do criminoso condenado à morte executar a sentença com sua própria mão, talvez pensando ser impróprio que uma terceira pessoa, inocente do delito, deveria tornar-se culpada de homicídio.

Um príncipe, quando por alguma circunstância urgente ou algum acidente impetuoso e imprevisto que muito interessa ao seu estado, for compelido a negligenciar sua palavra e quebrar sua fé, ou de qualquer outra maneira coagido do seu dever ordinário, deveria atribuir essa necessidade a uma chicotada da vara divina: vício é que não é, porque ele abandonou a própria razão em vista de uma razão mais universal e mais poderosa; mas certamente isso é um infortúnio: de forma que alguém poderia perguntar-me o qual o remédio. “Nenhum”, eu diria, “se ele estiver realmente atormentado entre esses dois extremos: *‘sed videat, ne quoeatur latebya perjurio’*; ele teve de fazê-lo: mas se fez aquilo sem desgosto, se nada lhe pesou fazê-lo, isto é um sinal de que sua consciência está numa condição lamentável”. Se puder ser encontrada uma pessoa de consciência tão delicada para pensar que nenhuma cura vale tão importante remédio, jamais desejarei vê-la pior; ela não pode mais escusada ou decentemente perecer. Nós não podemos fazer tudo que desejamos de forma que amiúde devemos, como último ancoradouro, entregar a proteção de nossas embarcações à mera escolta do céu. Para o que mais necessitamos com justiça nos reservar? O que é menos possível para ele fazer senão à custa da sua fé e da sua honra, coisas que, talvez, fossem mais caras a ele do que sua própria segurança, ou até mesmo a segurança do seu povo. Embora ele deva, de mãos postas, somente chamar a Deus para sua assistência, não tem motivo para esperar que a bondade divina não recuse o favor de um braço extraordinário para mãos justas e puras? Estes são exemplos perigosos, exceções raras e doentias de nossas regras naturais: devemos nos render a eles, mas com grande moderação e circunspeção; nenhuma utilidade privada é de tanta importância para que por causa dela venhamos a extenuar nossas consciências num grau tão elevado: o público pode ser, quando mais manifesto e de muito grande concernência.

Timoleão fez uma expiação oportuna por sua estranha proeza através das lágrimas por ele derramadas, trazendo à mente que com mão fraternal havia suprimido o tirano; e remoeu sua consciência por ter sido necessário comprar o interesse público por tão grande preço quanto a profanação da sua ética pessoal. Até mesmo o próprio Senado, por seu intermédio resgatado da escravidão, não ousou determinar positivamente fato tão elevado e dividiu-o em dois aspectos importantes e contrários; mas os Siracusanos, enviando ao mesmo tempo aos Coríntios para solicitar a proteção deles e requerer um capitão adequado para restabelecer sua cidade à dignidade anterior e livrar a Sicília dos diversos pequenos tiranos que a estavam oprimindo, deputaram Timoleão para aquela função com uma astuciosa declaração: “que de acordo como ele se comportasse bem ou mal naquela missão, sua sentença deveria inclinar-se a favor de entregá-lo ao seu país ou para desfavorecer o assassino do seu irmão”. Essa fantástica conclusão carrega em si alguma escusa, em virtude do perigo do exemplo e a importância de atitude tão estranha: e eles fizeram bem em exonerar-se de julgá-lo pessoalmente, recorrendo a outros para aquilo em que não tinham interesse. Mas o comportamento de Timoleão nessa expedição logo deixou seu objetivo mais claro, tão meritória e virtuosamente ele se humilhou em todas as ocasiões; e a boa fortuna a acompanhá-lo nas dificuldades que precisou superar nesse nobre encargo pareciam ser espargidas em seu caminho pelos deuses, conspirando favoravelmente para sua reabilitação.

A finalidade desse negócio é desculpável, se alguma pode ser assim; mas o lucro pelo aumento da renda pública que serviu ao Senado Romano como veleidade para a infame conclusão que vou relatar, não é suficiente para autorizar qualquer injustiça.

Certas cidades haviam resgatado sua liberdade com dinheiro (sob ordem e aquiescência do Senado) das mãos de L. Sila: o assunto veio novamente à baila, o Senado condenou-os ao mesmo tributo pago anteriormente e eles haviam perdido o dinheiro desembolsado para sua redenção. A guerra civil usualmente produz tais exemplos ignóbeis; nós punimos os homens privados por confiar em nós quando éramos ministros públicos: e o mesmo magistrado faz outro homem pagar a penalidade por sua mudança com que não tem nada a ver; o pedagogo chicoteia o estudante pela docilidade dele; e o guia bate no homem cego a quem conduz pela mão; uma horrenda imagem da justiça.

Há na Filosofia regras que são falsas e ilógicas. O exemplo que nos é proposto de preferir a utilidade privada diante da fé determinada não tem peso suficiente pelas circunstâncias colocadas por eles; os ladrões o seqüestram e depois de tê-lo feito jurar pagar-lhes certa quantia em dinheiro, o despedem. Isso não é propriamente dizer que um homem honesto pode livrar-se do seu juramento sem indenização, estando fora das mãos deles. Não é algo como: o medo me fez uma vez condescendente, fico obrigado a fazê-lo quando estou ainda temeroso; todavia aquele medo só prevaleceu em minha língua, sem forçar minha vontade, contudo sou compelido a manter minha palavra. De minha parte, quando minha língua por vezes disser inconsideradamente algo em que não pensei, tenho consciência de não reconhecê-lo: caso contrário, paulatinamente aboliremos todos os outros direitos derivados de nossas promessas e juramentos:

“Quasi vero forti viro vis possit adhiberi”

“Como se um homem de verdadeira coragem pudesse ser compelido” [Cícero].

E isso só é legal, por conta do interesse privado, para perdoar uma quebra de palavra quando prometemos algo que é ilegal e maléfico em si mesmo; pois o direito de virtude deveria assumir o lugar do direito sobre qualquer obrigação nossa.

Outrora coloquei Epaminondas no primeiro posto entre os homens excelentes e disso não me arrependo. Quão alto ele alargou a consideração do seu próprio dever particular? ele que jamais matou um homem a quem houvesse suplantado; quem, para o inestimável benefício de restabelecer a liberdade do seu país, teve escrúpulo de eliminar um tirano ou os cúmplices dele sem a devida formalidade judicial: e que terminou sendo um homem mau, de qualquer maneira oposto ao bom cidadão, que entre os inimigos na batalha não poupou seu amigo e seus convidados. Essa era uma alma de rica composição: ele desposou a bondade e a humanidade, ainda mais, alinhou-se aos mais afáveis e delicados em toda a escola da Filosofia para as ações humanas mais ásperas e violentas. Foram a natureza ou a arte que intensificaram sua grande coragem, tão completo, tão

obstinado contra a dor, a morte e a pobreza, num grau tão extremo de doçura e compaixão? Terrível em armas e sangue, devastou e subjogou uma nação invencível para todos os outros exceto para ele; e ainda no calor de um recontro, podia virar à parte do seu amigo e hóspede. Ele certamente era adequado para comandar na guerra e podia controlar-se com os guias da boa índole, na altura e ardor de sua fúria, uma fúria inflamada e espumante com sangue e matança. É um milagre ser capaz de misturar qualquer imagem de justiça com tais ações violentas: e somente seria possível uma firmeza de propósito como a de Epaminondas para misturar a doçura, a facilidade dos modos mais suaves e a mais pura inocência. E considerando que alguém explicou a Mamertini que os estatutos não tinham nenhuma eficácia contra homens armados; e outro falou na tribuna popular que os tempos de justiça e de guerra eram coisas distintas; e um terceiro disse que o barulho das armas ensurdeceu a voz das leis, esse homem não foi impedido de escutar as leis da civilidade e da pura cortesia. Quando foi para a guerra ele não havia emprestado dos seus inimigos o hábito de sacrificar às Musas, que podiam através da doçura e da alegria abrandar sua fúria marcial e inflexível? O exemplo de tão grande mestre deixa-nos sem receio de acreditar que há algo ilegal, até mesmo contra um inimigo, e que o interesse comum não deve requerer todas as coisas de todos os homens, contra o interesse particular:

***“Manente memoria, etiam in dissidio publicorum foederum,
Privati juris:”***

“A memória do direito privado permanece mesmo entre as dissensões públicas” [Tito Lívio]

***“Et nulla potentia vires
Praestandi, ne quid peccet amicus, habet;”***

“Nenhum poder sobre a terra pode sancionar a deslealdade contra um amigo” [Ovídio]

e que, para um homem honesto, nem todas as coisas são legais a serviço do seu príncipe, suas leis ou a disputa em geral:

***“Non enim patria praestat omnibus officiis...
Et ipsi conducit***

Pios habere cives in parentes”

“O dever à nação não substitui todas as outras obrigações. O próprio país requer dos seus cidadãos atitudes devotadas para com seus pais” [Cícero].

É uma orientação apropriada para os tempos em que vivemos: não precisamos endurecer nossa coragem com essas armas de aço; é o bastante que nossos ombros se acostumem a elas: é suficiente imergir nossas canetas na tinta sem banhá-las em sangue. Se é a grandeza de coragem e o efeito de uma rara e singular virtude menosprezar a amizade, as obrigações individuais, a palavra de um homem e afins, para o bem comum e obediência ao magistrado, certamente isso é suficiente para nos escusar, pois esta é uma grandeza que não pode ter nenhum lugar na grandeza da coragem de Epaminondas.

Abomino as exortações furiosas desta outra alma desordenada:

***“Dum tela micant, non vos pietatis imago
Ulla, nec adversa conspecti fronte parentes
Commoveant; vultus gladio turbate verendos”***

“Enquanto as espadas brilham, não pense em piedade; que nem sequer a face de um pai apresentada a você o comova: mutile com sua espada essas veneráveis feições” [Lucano].

Deixe-nos privar a perversidade, a infâmia e a natureza traiçoeira de tais pretextos de racionalidade: vamos pôr de lado essa justiça criminoso e extravagante, aderindo a imitações mais humanas. Quão grandes coisas podem o tempo e o exemplo fazer! Numa batalha da guerra civil contra Cina, um dos soldados de Pompeu matou acidentalmente o próprio irmão que era do partido adversário: ele suicidou-se imediatamente, de vergonha e tristeza; e alguns anos depois, em outra guerra civil entre os mesmos personagens, um soldado exigiu sua recompensa do oficial por ter liquidado seu irmão.

Raramente um homem atesta a honra e a beleza de uma ação por sua utilidade: e muito erradamente conclui que a isso todos são obrigados, que fica bem cada um fazê-lo, se for de utilidade:

“Omnia non pariter rerum sunt omnibus apta”

“Nem todas as coisas são igualmente adequadas para todos os homens” [Propércio].

Vamos nos ater ao que é mais necessário e vantajoso para a sociedade humana; será um matrimônio, ainda que o conselho dos santos considere o contrário muito melhor, disso excluindo a vocação mais venerável do homem: assim como destinamos para ganhões aqueles cavalos pelos quais temos menor estima.

Capítulo II

Sobre o arrependimento

Outros formam o homem; eu apenas o informo: e descrevo um em particular, embora mal esculpido, o qual, se tivesse de modelá-lo de novo, certamente com ele haveria de fazer qualquer outra coisa além de recordar o passado. Agora, entretanto, as feições do meu quadro mudam e alteram; isto não é, porém, dissimilar: o mundo permanece eternamente redondo; nele todas as coisas se movem incessantemente, a terra, as pedras de Cáucaso e as pirâmides do Egito, tanto pelo movimento das pessoas quanto pelo que é próprio delas. Até mesmo a própria persistência não é senão outro movimento, embora mais lento e mais lânguido. Eu não consigo fixar meu objetivo: ele está sempre cambaleando e vacilante por uma vertigem natural; eu o visualizo como está num dado instante e o examino; não pinto sua essência, pinto apenas sua passagem; não um transcurso de uma era para outra, ou, como dizem as pessoas, de sete em sete anos, mas a cada dia, de minuto a minuto, devo acomodar minha história à hora: posso mudar agora, não somente através da sorte, mas também pela intenção. Esta é uma contraparte de vários e mutáveis acidentes, de idéias irresolutas; e às vezes resulta contrário: seja porque tenho outra personalidade ou me dedico aos

tópicos por outras circunstâncias e considerações: é assim que posso ocasionalmente me contradizer, mas, como disse Demades, nunca contrário a verdade. Se minha alma pudesse alguma vez estabelecer uma posição segura eu não haveria de tentar e sim de esclarecer: mas ela está sempre aprendendo e fazendo experiências.

Propus a mim mesmo uma vida ordinária e sem brilho: é sempre a mesma; toda Filosofia moral tão bem pode ser aplicada a uma vida comum e privada quanto a uma de mais rica composição: cada homem carrega em si a configuração integral da condição humana. Os autores se comunicam com as pessoas por meio de alguns símbolos especiais e extrínsecos; eu, antes de qualquer outro, por minha essência universal; como Michel de Montaigne, não como um gramático, poeta ou advogado. Se as pessoas do mundo acha errado que eu fale muito de mim, acho errado que elas não pensem tanto por si mesmas. Mas porque razão, sendo tão particular em meu modo de vida, eu haveria de pretender recomendar-me ao conhecimento público? E seria também motivo de levar-me a criar para o mundo, onde a arte e a manipulação têm crédito e autoridade, resultados simples e incipientes da natureza e de uma natureza de tão débil proveito? Isso não é construir uma parede sem pedras ou tijolos, ou alguma coisa tal como escrever livros sem erudição e sem arte? As fantasias da música são continuadas pela arte; as minhas pela casualidade. Tenho comigo, pelo menos de acordo com a disciplina, que jamais homem algum tratou de um assunto por ele melhor entendido e compreendido do que eu empreendi fazer e nisto sou o homem vivo mais sensato: em segundo lugar, que nunca homem algum penetrou mais profundamente em seu tema, nem melhor e mais distintamente peneirou os elementos e conseqüências dele, nem algum vez alcançou mais exata e completamente a finalidade à qual se propôs. Para aperfeiçoá-lo, nada mais preciso trazer ao trabalho senão fidelidade; o que vale dizer, nada de mais puro e sincero será encontrado em qualquer lugar. Eu digo a verdade, não tanto quanto desejaria, mas até onde me atrevo; e ousa um pouco mais conforme envelheço; pois me parece que o hábito permite ao velho mais liberdade para tagarelar e maior indiscrição para falar da personalidade de um homem. O que aqui não pode ocorrer e vejo amiúde em outros lugares é o trabalho e o artesão se contradizendo um ao outro: “Pode um homem de tão sóbria conversação escrever livro tão estouvado?” ou “Procedem tais eruditos escritos de um homem de palestra tão débil?” Para quem discursa a uma taxa muito medíocre e escreve sobre assuntos incomuns, é antes dizer que sua capacidade é emprestada e não própria dele. Um homem culto não é instruído em todas as coisas: mas um homem de aptidão é inteiramente suficiente, até mesmo para a própria ignorância; aqui meu livro e eu vamos juntos de mãos dadas. Em outro lugar os homens podem recomendar ou censurar o trabalho sem referência ao trabalhador; aqui eles não podem: o que toca a um, toca ao outro. Quem por ele me julgar sem me conhecer será mais errado do que eu; aquele que o conhece me dá toda a satisfação que eu desejo. Serei feliz além do meu deserto se apenas puder obter um tanto da aprovação pública, fazendo os homens de entendimento perceberem o que eu seria capaz de conquistar pelo conhecimento, tendo escrito isto; e que eu merecia ter sido assistido por uma memória melhor.

Ficarei feliz por aqui escusar o que repito freqüentemente e muito raramente me arrependo, e que minha consciência está satisfeita consigo mesma, não como a consciência de um anjo ou a de um cavalo, mas como a consciência de um homem; sempre adicionando esta cláusula, nada cerimonial, mas de uma verdadeira e sincera submissão, que eu falo inquirindo e duvidando, pura e simplesmente recorrendo às convicções comuns e aceitáveis para a resolução. Eu nada ensino; somente relato.

Não existe nenhum vício que, sendo absolutamente vício, não seja ofensivo e que um juízo sadio não condene; pois há nisso tão manifesta deformidade e inconveniência que talvez esteja certo quem diz que ele é gerado principalmente pela estupidez e pela ignorância: tão difícil é imaginar que um homem possa conhecê-lo sem detestá-lo. A malícia aspira a maior parte da sua própria maldade, o próprio veneno. O vício deixa um arrependimento na alma, como uma úlcera na carne que está sempre rasgando e dilacerando a si mesma: porque a razão apaga todas as outras aflições e tristezas, mas cria aquilo do arrependimento que é tanto mais doloroso porque salta do interior, como o frio e o calor das febres são mais agudos do que aqueles que só atingem nossa pele externa. Contemplo como vícios (mas cada um de acordo com sua proporção) não apenas aqueles a quem a razão e a natureza acusam, mas também esses que a opinião dos homens, embora falsa e errônea, assim tornaram, conquanto admitidos pela lei e pelos costumes.

Não há igualmente virtude que não se regozije por um caráter de boa procedência; existe uma espécie, não sei bem qual, de congratulação pelo êxito que nos concede satisfação interior e uma generosa confiança que acompanha a boa consciência: uma alma audaciosamente viciosa poderia, talvez, armar-se com segurança, mas não conseguiria se abastecer dessa complacência e satisfação. E essa não é uma pequena satisfação para o homem sentir-se preservado do contágio de uma era tão depravada e dizer a si mesmo: “Quem pudesse penetrar na minha alma não me acharia culpado de nenhuma aflição ou da ruína de qualquer pessoa, de vingança ou de inveja, ou de qualquer ofensa às leis públicas, de inovação ou perturbação, ou quebra da minha palavra; e embora a licença do tempo permita e ensine que todos façam isso, ainda não saqueei o patrimônio de nenhum Francês ou tomei dinheiro dele, vivendo apenas daquilo que é meu por direito, tanto na guerra quanto na paz; nem coloquei qualquer homem para trabalhar sem lhe pagar o contratado”. Estes testemunhos de boa consciência são agradáveis; esta alegria natural nos é muito benéfica e a única compensação que nunca poderá falhar.

Estabelecer a recompensa das ações virtuosas com a aprovação dos outros é de fundamento deveras incerto e inseguro, especialmente numa época tão corrupta e ignorante como esta, em que o bom conceito do vulgo é injurioso: em quem você confia para lhe mostrar o que é recomendável? Deus me preserva de ser um homem honesto; de acordo com as descrições da honra, vejo diariamente cada um fazer a si mesmo:

“Quae fuerant vitia, mores sunt”

“O que antes constituía vício é agora costume” [Sêneca].

Alguns dos meus amigos foram por vezes educados e me repreenderam com grande modéstia e simplicidade, seja por seu próprio impulso voluntário ou a meu pedido, para auxiliar uma alma bem constituída a não só ultrapassar em utilidade, mas em

bondade, todos os outros deveres da amizade: eu sempre os recebi com os braços mais abertos, por cortesia e reconhecimento; mas, para dizer a verdade, freqüentemente achei tão inexatas medidas em suas censuras e elogios, que não estava muito desviado, antes por ter feito mal do que por ter feito bem, de acordo com as noções deles. Nós, que conduzimos vidas privadas e não expomos qualquer outra visão além da nossa própria, devemos decidir sobretudo fixar um padrão dentro de nós mesmos através do qual aferir nossas ações: e de acordo com ele, às vezes nos encorajar e às vezes nos corrigir. Eu tenho minhas leis e minha judicatura para me avaliar e aplico a mim mesmo mais dessas do que de qualquer outra regra: na realidade, restrinjo minhas ações de acordo com os outros, mas não os estendo para qualquer outra regra além das minhas. Só você sabe se é covarde e cruel, leal e devoto: os outros não podem conhecê-lo e só o adivinham por meio de conjeturas incertas, tanto não conhecem a sua natureza quanto a sua arte; então não confie nas convicções deles, mas abrace as suas próprias:

“Tuo tibi iudicio est utendum Virtutis et vitiorum grave

Ipsius conscientiae pondus est: qua sublata, jacent omnia”

“Deves empregar teu próprio julgamento em ti mesmo; grande é o peso de tua própria consciência na descoberta de vícios e virtudes: levadas para fora, todas as coisas são perdidas” [Cícero].

Mas a declaração de arrependimento que segue imediatamente o pecado não parece respeitá-lo em sua situação interior, que é hospedada em nós como em sua própria habitação. Podemos desconhecer e retratar os vícios que nos surpreendem, aos quais somos incitados pelas paixões; mas aqueles que estão arraigados numa vontade firme e vigorosa por um hábito prolongado não estão sujeitos a contradições. O arrependimento não é senão uma retratação da vontade e uma oposição às fantasias que nos conduzem pelo caminho que lhes agrada. Ele nos faz desconhecer sua virtude e abstinência anterior:

“Quae mens est hodie, cur eadem non puero fait?

Vel cur his animis incolumes non redeunt genae?”

“O que é minha mente; porque não é a mesma de quando eu era um menino? por que esses sentimentos não voltam às bochechas?” [Horácio].

Esta é uma vida correta que se mantém na devida ordem dentro do particular. Toda pessoa pode dissimular suas características e representar um homem honesto no palco: mas por dentro, no seu próprio âmago, onde podem realizar todas as suas inclinações, onde tudo é oculto, para ser exato, é lá que está o ponto principal. O próximo passo é ser assim em casa e nas atitudes ordinárias pelas quais não somos responsabilizados e onde não há disciplina nem artifício. E então Bias, partindo da excelente condição de uma família privada, diz: “de qual mestre é idêntico interior, por sua própria virtude e temperamento que ele é por fora, para temer as leis e o relato dos homens”. E era uma declaração digna de Júlio Druso para os pedreiros que lhe ofereceram, por três mil coroas, colocar sua casa em tal condição que os vizinhos não mais haveriam de examinar como antes: “eu lhes darei”, ele disse, “seis mil para construí-la de forma que todos possam observar cada quarto”. Este foi honradamente registrado por Agesilau, que em suas viagens costumava sempre tomar alojamento nas dependências dos templos, a fim de que o povo e os próprios deuses pudessem espreitar suas ações mais privadas. Tal personagem foi um milagre para o mundo, alguém em quem a esposa e o servo nunca viram qualquer coisa notável; poucos homens foram admirados pelos seus próprios domésticos; ninguém jamais foi profeta, não somente em sua própria casa, mas no próprio país, afirma a experiência das histórias [nenhum homem é herói para seu criado de quarto, disse o Marechal Catinat]: isto é o mesmo nas coisas nulas e neste baixo exemplo a imagem de um maior será observada. Em minha região [Gascônia], eles acham uma pilhéria ver-me impresso; os demais são lidos em minha própria casa, onde melhor sou estimado. Eu compro impressos em Guienne; em outros lugares eles me compram. Nisto reside o seu fundamento de esconder os presentes e vivos, para obter renome quando estão mortos e ausentes. Tive antes numerosas transações menores em mãos e não me expus ao mundo por conta de qualquer outra coisa além da minha presente participação; quando ao resto, deixo descansar. Veja esse funcionário que as pessoas escoltam pomposamente, com espanto e aplauso, para sua própria porta; ele despe o aparato junto com o roupão e cai tanto mais baixo quanto estava mais altamente exaltado: dentro dele mesmo, tudo está tumultuado e degradado. E embora lá tudo devesse ser normal, exigirá um julgamento vívido e bem selecionado percebê-lo nessas ações baixas e privadas; ao qual se pode acrescentar que ordem é uma virtude lúgubre e melancólica. Entrar numa discórdia, administrar uma embaixada, governar algumas pessoas, são ações de renome; repreender, rir, vender, pagar, amar, odiar, conversar suave e justamente com a família de um homem e com ele próprio; não relaxar, não dar ao mesmo homem a mentira, é mais raro e difícil e menos notável. Por tais meios as vidas retiradas, não importa o que digam em contrário, são submetidas a obrigações tão grandes ou dificuldades ainda maiores que os demais; e os homens privados, diz Aristóteles, servem a virtude mais dolorosa e nobremente do que esses de autoridade: nós nos preparamos para ocasiões eminentes, mais pela glória do que por escrúpulo. O atalho mais curto para se chegar à glória seria fazer por ela o que fazemos pela consciência: e a virtude de Alexandre a mim parece de muito menos vigor, em seu grande teatro, que a de Sócrates em sua ocupação humilde e obscura. Facilmente posso conceber Sócrates no lugar de Alexandre, mas Alexandre no de Sócrates, não consigo. A quem perguntar ao primeiro o que ele pode fazer, responderá: “Subjugar o mundo”: e posta a mesma pergunta ao outro ele dirá, “Continuar a vida humana em conformidade com sua condição natural”; uma ciência muito mais geral, densa e legítima que a outra [aqui Montaigne adicionou: “fazer ao mundo aquilo para o qual ele nasceu”, mas depois apagou estas palavras do manuscrito].

A virtude da alma não consiste em voar alto, mas em andar metodicamente; sua majestade não se exercita na grandeza, mas na mediocridade. Como aqueles que nos avaliam e provam interiormente não atribuem grande importância ao brilho de nossas atividades públicas, vendo apenas estrias e raios de água límpida espirrando de um fundo enlodado e barrento; assim, igualmente, julgam de nós por essa imponente aparência externa, de certa forma deduzida de nossa constituição interna; e não podem anexar as faculdades comuns, como é próprio deles, com as outras faculdades que os surpreendem e estão muito distantes da

sua visão. É por essa razão que damos formas selvagens aos demônios: e quem não daria a Tamerlão grandes sobranceiras, narinas largas, um semblante terrível e uma estatura prodigiosa, de acordo com a idéia concebida pela reputação do nome dele? Se alguém tivesse me levado a Erasmo, eu dificilmente acreditaria que eram tudo provérbios e aforismos o que ele disse aos seus homens ou à sua anfitriã. Nós somos muito mais capazes de imaginar um artesão em sua cadeira de assento furado, ou sobre a esposa dele, do que um venerável presidente pelo seu porte e suficiência: nós imaginamos que eles, em suas elevadas tribunas, não se humilharão tanto quanto ao vivo. Como as almas viciosas são freqüentemente incitadas por algum estranho impulso para fazer o bem, também as almas virtuosas se fazem perversas; elas então serão julgadas por sua condição estabelecida, quando estão em casa, sempre que isso pode ser e em todos os eventos, quando estão mais próximas do repouso e no seu local nativo.

As inclinações naturais são muito aprimoradas e fortalecidas pela educação, mas elas raramente alteram e superam sua instituição: mil personalidades do meu tempo escaparam para o vício ou a virtude por uma doutrina bastante contrária:

***“Sic ubi, desuetae silvis, in carcere clausae
Mansuevere ferx, et vultus posuere minaces,
Atque hominem didicere pati, si torrida parvus
Venit in ora cruor, redeunt rabiesque fororque,
Admonitaeque tument gustato sanguine fauces
Fervet, et a trepido vix abstinet ira magistro;”***

“Bestas tão selvagens, quando são trancadas em jaulas e crescem desacostumadas aos bosques, ficam dóceis e se deixadas sob seus olhares ameaçadores submetem-se às regras do homem; se novamente um leve gosto de sangue penetrar em suas bocas, retornam a raiva e a fúria, suas mandíbulas se erguem com sede de sangue e de sua raiva dificilmente se abstém os trêmulos donos” [Lucano]

; essas qualidades originais não serão desarraigadas; elas podem ser encobertas e permanecer ocultas. A língua Latina é muito natural para mim; compreendo-a melhor que o Francês; mas não costumo pronunciar-la e quase nunca escrever nela, nestes quarenta anos. A menos sob as extremas e súbitas emoções em que recaí duas ou três vezes em minha vida e ver meu pai uma vez em saúde perfeita cair desmaiado diante de mim, tenho sempre pronunciado do fundo do meu coração as minhas primeiras palavras em Latim; a natureza ensurdeceu, expressando-se forçosamente, apesar de tão prolongada descontinuação; e este exemplo é citado por muitos outros.

Em meu tempo tentaram corrigir os costumes do mundo através de novas opiniões, reforma que parece vício; mas os vícios essenciais foram deixados como estavam, se na realidade não os ampliaram e aumentaram é coisa a ser temida; nós procrastinamos com sucesso todos os outros por conta dessas reformas externas, de menor custo e maior visibilidade; assim os expiamos bem barato pelos outros vícios naturais, consubstanciais e intestinos. Veja um pouco de nossa experiência: não há nenhum homem, se ele ouvir a si mesmo, que não descubra uma forma particular e dominante própria dele; isso colide com sua educação e luta com a tempestade de paixões que lhe são contrárias. De minha parte, raramente me vejo agitado por surpresas; sempre me coloco em meu lugar, como fazem os corpos pesados e de difícil controle; se não estiver em casa, estou sempre ao alcance da mão; minhas dissipações não me levam muito longe; não há nada de estranho ou contrastante no caso; e ainda faço passeios sadios e vigorosos.

A verdadeira crítica e que esbarra na prática comum dos homens, é que seu próprio isolamento é repleto de sujeira e corrupção; sua idéia de reforma acomoda o seu arrependimento doentio e defeituoso, aproximando-se muito dos seus próprios pecados. Alguns, seja por se haverem ligado ao vício através de propensão natural ou por longa prática, não conseguem ver sua deformidade. Outros (de cuja constituição participo) sentem realmente o peso de vício, mas eles o contrabalançam com prazer ou algum outro ensejo; e padecem se a ele se prestam por um determinado prêmio, mas viciosa e baixamente. Ainda se pode, por acaso, imaginar tão vasta desproporção de medida, onde com justiça o prazer poderia escusar o pecado, como dizemos de utilidade; não apenas se acidental e livre de pecado, como nos roubos, mas no próprio exercício do pecado ou no prazer das mulheres onde a tentação é violenta, e, isto é citado, às vezes não é dominado.

Estando outro dia em Armaignac, na propriedade de um parente meu, vi lá um camponês que estava sendo por toda gente chamado de ladrão. Ele contou a história de sua vida assim: que nascendo na indigência e achando que não seria capaz de livrar-se da mendicância ganhando a vida com o suor do seu rosto, resolveu virar ladrão e por meio da força corporal desde a juventude havia exercido essa profissão com grande segurança; porque ele sempre fez sua colheita e vindima nas propriedades de outros homens, mas foi muito exagerado e furtou em tão grande quantidade que não se poderia imaginar que um homem fosse capaz de, em uma só noite, carregar tanto sobre os ombros; além disso ele tinha igualmente cuidado para dividir e distribuir o prejuízo proporcionado, de modo que a perda tivesse menor importância individual para cada homem. Ele agora está velho e rico para um homem da sua condição, graças ao comércio que confessa abertamente a todo mundo. E para fazer suas pazes com Deus ele diz que está todos os dias pronto através de bons ofícios a satisfazer os sucessores daqueles a quem roubou e se não terminar (pois não é capaz de fazer tudo imediatamente), ele então deixará para seus herdeiros o encargo de executar o restante, na proporção da injúria que somente ele sabe ter causado a cada um. Por tal descrição, verdadeira ou falsa, esse homem vê o roubo como uma ação desonesta e a odeia, embora menos que a pobreza e meramente se arrepende; mas na medida em que foi recompensado ele não se arrepende. Este não é aquele hábito que nos incorpora ao vício e até mesmo a ele conforma nossa compreensão; nem se trata daquele vendaval impetuoso que através de rajadas de problemas tolda nossas almas e por algum tempo nos precipita, bom senso e tudo, sob o poder do vício.

Tenho por hábito fazer o que faço inteiramente, mas um passo de cada vez; raramente tenho qualquer movimento que me esconda e me prive da razão e isso não procede do consentimento de todas as minhas faculdades, sem divisão ou sedição

interna; meu critério é ter toda a culpa ou todo o elogio; e se houver culpa uma vez, haverá sempre; pois quase desde a infância tenho sido assim: a mesma inclinação, a mesma atitude, a mesma força; e sobre as opiniões universais, permaneci desde a juventude no lugar onde decidi me agarrar. Há alguns pecados que são impetuosos, súbitos e estimulantes: vamos deixá-los de lado; mas nestes outros pecados tão freqüentemente repetidos, deliberados e inventados, sejam pecados de caráter ou pecados de profissão e vocação, não posso conceber que eles deveriam ter sido por tanto tempo estabelecidos com a mesma resolução, a menos que a razão e a consciência daquele que os tem seja constante para provê-los; e o arrependimento que ele ostenta seja inspirado abruptamente, é muito difícil eu imaginar ou dispor. Não acompanho a opinião da seita dos Pitagóricos: “que os homens assumem uma nova alma quando se dirigem às imagens dos deuses para receber os oráculos deles”, a menos que isso signifique haver necessidade dela ser extrínseca, nova e emprestada por algum tempo; nossa própria demonstração, de tão escasso sinal de purificação e limpeza, adaptada para tal ofício.

Eles agem em total oposição aos preceitos estóicos que realmente nos ordenam corrigirmos as imperfeições e vícios de que nos sabemos culpados, mas então nos proibem de perturbar o repouso de nossas almas: estes nos fazem acreditar que têm grande aflição e remorso interior: mas de emenda, correção ou interrupção, eles não fazem nada parecer. Não pode ser uma cura se a moléstia não foi completamente expelida; se o arrependimento fosse colocado no prato da balança, pesaria mais que o pecado. Não sei de nenhuma qualidade tão fácil de falsificar quanto a devoção, se os homens não conformam suas vidas e maneiras à profissão; sua essência é abstrusa e oculta; a aparência fácil e pomposa.

De minha própria parte, posso em geral desejar ser diferente do que sou; posso condenar e repugnar toda a minha constituição e implorar de Deus Todo-poderoso uma completa reforma e que Ele fará o favor de perdoar a minha fraqueza natural: mas parece-me que não devo chamar a isso de arrependimento, não mais do que estar insatisfeito por não ser um anjo ou um Catão. Minhas atitudes são normais e compatíveis com o que sou e com minha condição; não posso fazer nada melhor; e o arrependimento não alcança as coisas que não estão convenientemente em nosso poder; a tristeza sim. Imagino um número infinito de naturezas mais elevadas e regulares que a minha; e ainda não faço aquilo tudo para aprimorar minhas faculdades, não mais que meu braço cresceria mais forte e vigoroso por imaginar que o de outros sejam assim. Se conceber e desejar um modo mais nobre de agir haveria de produzir um arrependimento propriamente nosso, devemos então nos arrepender da maioria das nossas ações inocentes, visto que, como bem podemos supor, em uma natureza mais excelente elas teriam continuado com maior dignidade e perfeição; e nós gostaríamos que as nossas fossem assim. Quando comparo a conduta da minha mocidade com a da minha velhice, acho que em ambas geralmente me comportei com equivalente disposição, de acordo com o que eu entendo: isto é tudo aquilo que minha resistência pode fazer. Não estou me lisonjeando; sob as mesmas circunstâncias haveria de fazer as mesmas coisas. Não é uma pinta, mas antes uma tintura universal, com que estou manchado. Não reconheço nenhum arrependimento superficial, parcial e cerimonioso; ele precisa me aguilhoar por toda parte antes que eu venha a chamá-lo assim e deve picar meus intestinos tão profunda e completamente quanto Deus olha para mim.

Quanto aos negócios, muitas excelentes oportunidades me escaparam pelo desejo de uma boa administração; e minhas deliberações ainda estavam bastante saudáveis, de acordo com as ocorrências a mim apresentadas: este é o modo delas sempre escolherem o curso mais fácil e mais seguro. Penso que procedi com discrição em minhas resoluções anteriores, conforme minhas próprias regras e de acordo com a situação do assunto proposto e conseqüentemente haveria de fazer o mesmo em mil anos, nas oportunidades similares; não considero o que é agora, mas o que era então, quando fiz a deliberação: a força de toda a deliberação funda-se no tempo; as coisas e as ocasiões são eternamente trocadas e alteradas. Tenho em minha vida cometido alguns erros importantes, não pelo desejo de boa compreensão, mas de boa sorte. Há mistérios não previstos, elementos de assuntos que temos em mãos, especialmente sobre a natureza dos homens; condições silenciosas que não se deixam exibir, às vezes desconhecidas até mesmo para os seus possuidores, que nascem e começam em ocasiões incidentais; se minha prudência não os pudesse penetrar nem prever, eu não a culparia: isto não é autorizado adiante de seus próprios limites; se o evento é muito difícil para mim e assumir o lado que eu rejeitei, não há remédio algum; eu não me culpo: acuso minha sorte e não meu trabalho; isto não pode ser chamado de arrependimento.

Tendo Fócion dado aos Atenienses um conselho que não foi seguido e os acontecimentos logrado sucesso não obstante contrários à opinião dele, alguma pessoa lhe disse: “Bem, Fócion, estás satisfeito porque os eventos foram tão bem?” “Estou muito contente”, ele respondeu, “que isso tenha sucedido tão bem, mas não me arrependo de haver aconselhado outra coisa”. Quando qualquer dos meus amigos vem a mim por um conselho eu o dou franca e candidamente, sem aderir, como quase todos os outros homens fazem, ao perigo da coisa resultar contrária à minha opinião e que possa ser censurado pela minha deliberação; sou muito indiferente quanto a isso, porque a falta será dele por haver me consultado e eu não poderia recusar aquela incumbência [nós podemos dar conselhos a outros, diz Rochefoucauld, mas não podemos dotá-los da inteligência necessária para obter vantagem com eles].

Eu, de minha parte, dificilmente posso acusar qualquer um senão eu mesmo por minhas omissões e infortúnios, pois na verdade raramente peço o conselho de outros, se não por deferência ou cerimônia, excluindo quando me encontro na necessidade de obter informação, ciência especial ou sobre matéria de fato. Mas nas coisas que sustento por nada além de arbítrio, as razões de outros homens podem servir para fortalecer as minhas próprias, mas tem pouco poder para me dissuadir; ouço a todos com civilidade e paciência, mas, até onde me recordo, jamais fiz uso de qualquer uma senão as minhas próprias. Comigo eles são como átomos e moscas que confundem e distraem a minha vontade; não deposito nenhuma grande ênfase nas minhas opiniões, mas ponho o mesmo peso naquelas de outros e a fortuna me recompensa adequadamente: se não recebo senão pouco conselho, também dou muito pouco. Raramente sou consultado e ainda mais raramente acreditado e não sei de nenhum interesse público ou privado que tenha sido reparado ou melhorado por meu conselho. Mesmo aqueles cujas fortunas estiveram de alguma forma ligadas à minha orientação se permitiram ser governados por qualquer outra deliberação de mais boa vontade

do que eu. E como um homem que é tão zeloso do seu repouso quanto de sua autoridade, sou mais feliz que seja assim; deixando-me lá eles satisfazem meu desejo mais confesso: sossegar completamente e conter-me dentro de mim mesmo. Tenho grande prazer sendo desinteressado dos negócios de outros homens, desobrigado de ser a garantia deles e responsável pelo que eles fazem.

De todos os negócios passados, seja como for, tenho muito pouco pesar; pois remove a minha dor pensar que eles resultaram na grande revolução do mundo e na cadeia de causas Estóicas: sua fantasia não pode, por desejo e imaginação, mover uma partícula, mas a grande corrente de coisas não inverterá o passado e o futuro.

Quanto ao resto, abomino aquele arrependimento incidental que a velhice traz consigo. Aquele que disse na velhice que os anos o obrigaram a desacostumar-se dos prazeres, tinha opinião diferente da minha; jamais consigo me imaginar compelido pela incapacidade a fazer alguma coisa boa por mim:

***“Nec tam aversa unquam videbitur ab opere suo providentia,
Ut debilitas inter optima inventa sit”***

**“Nem pode a Providência parecer sempre tão oposta ao seu próprio trabalho;
aquela debilidade deveria ser contemplada entre as melhores coisas” [Quintiliano].**

Nossos apetites são escassos na velhice; depois do ato uma profunda saciedade nos agarra; nisto não vejo nada de consciência; o pesar e a fragilidade imprimem em nós uma virtude sonolenta e reumática. Não devemos nos sujeitar a perder tão completamente o controle pelas alterações naturais experimentadas sobre os nossos discernimentos para sermos iludidos por eles. A juventude e o prazer de antigamente não prevaleceram em mim, que não pude discernir bem o bastante a face do vício no prazer; nada proporciona o desgosto que os anos me trouxeram, até onde prepondera agora comigo, que não posso distinguir o prazer no vício. Agora que não mais estou em minha idade florescente, avalio essas coisas tão bem quanto se estivesse.

***“Conquanto esteja velho, inadequado para o amor das mulheres,
O poder da beleza ainda recorro” [Chaucer].***

Eu, que examinei isso minuciosamente e estritamente, concluí que meu raciocínio era praticamente o mesmo em minha idade mais licenciosa, exceto, talvez, que está enfraquecido e mais deteriorado pela idade; o prazer que me rejeita devido à minha saúde física, acho que agora nada mais rejeitaria em atenção à saúde da minha alma, tanto quanto a qualquer hora antes. Não o reputo mais valoroso por não poder combater; estão as minhas tentações tão esmagadas e mortificadas que não valem sua oposição; resistindo apenas em minhas mãos, eu os repudio. Devendo alguém diante disso apresentar a antiga concupiscência, temo que haveria de ser menos capaz de resistir a isso do que antes; não discirno que por si mesmo julga-se agora oposto a qualquer coisa feita antigamente, nem que tenha adquirido qualquer nova luz: portanto, se há convalescença, isto é um encantamento. Miserável variedade de remédio, dever a saúde à doença da própria pessoa! Não é que nosso infortúnio devesse executar esse mister, senão a boa fortuna do nosso julgamento. Não tenho disposição para fazer qualquer coisa por aflição ou perseguição, mas para as amaldiçoar: quer dizer, para as pessoas que apenas podem ser despertadas por um chicote. Na prosperidade minha razão é muito mais livre e muito mais distraída; e antes disposta a digerir dores que prazeres: vejo melhor num céu claro; a saúde me admoesta mais agradavelmente e para um propósito melhor que a doença. Eu fiz tudo aquilo em mim para reformar e ordenar meus prazeres, numa época em que tive saúde e vigor para desfrutá-los; eu deveria estar envergonhado e invejoso de que a miséria e o infortúnio da minha velhice sejam creditados sobre os meus bons anos saudáveis, vigorosos e vivazes, e que os homens devessem estimar-me não pelo que fui, mas pelo que deixei de ser.

Em minha opinião é na vida feliz e não (como disse Antístenes) na morte feliz, que consiste a felicidade humana. Não fixei como atribuição minha fazer a monstruosa junção do traseiro de um filósofo à cabeça e ao corpo de um libertino; nem me daria ao miserável excesso de mentir nesta agradável, sadia e prolongada parte da minha vida: eu me apresentaria uniformemente o tempo todo. Tivesse de viver novamente minha vida, haveria de vivê-la da mesma maneira que fiz até agora; não reclamo do passado nem temo o futuro; e se não estou muito enganado, sou o mesmo por dentro e por fora. Esta é uma obrigação importante que eu tenho com a minha fortuna, que a sucessão da minha propriedade corporal seja continuada de acordo com as estações naturais; eu vi a grama, a flor e o fruto e agora os vejo murchando; felizmente, contudo, porque de modo natural. Tolerando melhor as minhas enfermidades porque elas não vieram até que eu tivesse motivo de esperá-las e também porque elas me fazem lembrar com maior prazer aquela extensa felicidade da minha vida passada. Meu critério pode ter sido o mesmo em ambas as idades, mas era mais ativo e de maior encanto quando ainda jovem e vivaz do que agora, quando estou dividido, mal-humorado e intranquilo. Então repudio todas essas reformas casuais e dolorosas. Deus deve tocar nossos corações; nossas consciências devem se emendar com a ajuda da nossa razão e não pela decadência dos nossos apetites; o prazer não é em si mesmo pálido nem descolorido para ser discernido por olhos embaçados e consumidos.

Nós devíamos amar a temperança por si mesma e porque a castidade foi ordenada por Deus; mas aquilo a que somos reduzidos pelas purgações e ao qual fico obrigado pelas pedras, não é nem castidade nem temperança; um homem não pode se gabar de menosprezar e resistir ao prazer se não pode obtê-lo, se não sabe do que se trata e não pode distinguir suas graças, sua força e as mais fascinantes belezas; eu conheci um e outro, portanto melhor posso falar deles. Mas me parece que na velhice nossas almas estão sujeitas a moléstias e imperfeições mais problemáticas que na juventude; disse o mesmo quando era jovem e fui exprobrado pelo desejo de ter uma barba; e digo agora que meus cabelos grisalhos me dão um pouco de autoridade. Nós reclamamos da dificuldade dos nossos humores e do dissabor do conhecimento das coisas presentes; mas, na verdade, não tanto abandonamos os vícios quanto os modificamos – e para pior –, na minha opinião. Além de um orgulho tolo e insignificante, de uma tagarelice impertinente, humores rebeldes e insociáveis, superstições e um ridículo anseio de riquezas, quando perdemos o uso deles lá encontro mais inveja, injustiça e malícia. A velhice mais imprime rugas na mente do que na face; e nunca (ou muito raramente) são vistas almas que, envelhecendo, não cheirem a ranço e mofo. O homem acompanha o movimento, tanto

para sua perfeição quanto decadência. Observando a sabedoria de Sócrates e as muitas circunstâncias da sua condenação, poderia ousar acreditar que ele tinha algum tipo de propósito, contribuindo a ela por meio da conspiração, percebendo que à idade de setenta anos ele deveria temer fossem os elevados movimentos de sua mente paralisados e obscurecido seu costumeiro brilho. Que estranhas metamorfoses diariamente vejo a idade provocar em muitos dos meus conhecidos! Essa é uma poderosa moléstia, que natural e imperceptivelmente rouba de nós; é necessária uma vasta provisão de estudos e grandes precauções para evitar que as imperfeições nos carreguem, ou pelo menos para debilitar o progresso delas. Suponho que, não obstante todos os meus entrincheiramentos, elas me acompanham a passo: resisto o melhor que posso, mas não sei a que isso afinal irá reduzir-me. Mas a queda fatalmente virá e estou contente do mundo poder saber, quando estiver caído, daquilo que derrubei.

Capítulo III

Sobre os três comércios

Não devemos nos desembaraçar tão rapidamente de nossos humores e compleições: nossa principal aptidão é sabermos nos aplicar a ocupações diversas. É existir, mas não viver, manter a personalidade de um homem pela necessidade amarrada e vinculada a um só curso; essas são as almas mais corajosas que têm em si a maior variedade e maleabilidade. Disto há um honroso testemunho do velho Catão:

“Huic versatile ingenium sic pariter ad omnia fuit, ut natum

Ad id unum dices, quodcumque ageret”

“Suas partes eram tão flexíveis para todos os usos que se diria ter nascido apenas para o que estava fazendo” [Tito Lívio].

Tendo liberdade para prosseguir do meu próprio jeito, não há moda tão graciosa à qual eu poderia ligar-me, bem como não poder me desimpedir; a vida é um movimento desigual, irregular e multiforme. Isso não é ser amigo do caráter de alguém, muito menos o mestre tornar-se escravo, sendo através do nariz incessantemente conduzido por aquela personalidade e assim determinado nas suas inclinações prévias, não podendo desviar-se nem contorcer o pescoço para fora da coleira. Digo isto agora, nesta parte da minha vida, na qual penso não poder facilmente me desimpedir da intemperividade da minha alma que ordinariamente não pode se divertir senão em coisas de limitada amplitude, nem se aplica de outra forma que não integralmente e com toda a sua energia; sobre os temas mais leves que se oferecem ela se expande e dilata de modo a empregar o seu extremo poder; portanto, aquela ociosidade é para mim um labor muito doloroso e muito prejudicial à minha saúde. A maioria das mentes dos homens requer um tema abstruso para a exercitar e estimular; a minha tem antes necessidade de permanecer sentada e em repouso,

“Vitia otii negotio discutienda sunt,”

“Os vícios da indolência serão sacudidos pelos negócios” [Sêneca]

, pois seu mais importante e difícil estudo é pesquisar a si mesma. Os livros são uma espécie de ocupação que debocha do seu estudo. Sobre os primeiros pensamentos que a possuem, ela começa a ficar atarefada e ensaiar o seu vigor em todas as direções, exercitando o seu poder de controlar, tentando ora experimentar a força, ora fortalecer-se, moderar-se e percorrer a si mesma com graça e ordem. Ela tem recursos próprios para despertar suas faculdades: a natureza concedeu isso e acima de tudo o mais, matéria suficiente para fazer sua própria vantagem e temas bem apropriados sobre os quais pode criar ou avaliar.

A meditação é um poderoso e completo estudo do quão eficientemente ela pode provar e empregar a si mesma; devo antes moldar minha alma do que guarnecê-la. Não há ocupação alguma, mais fraca ou mais forte, do que um homem entreter seus próprios pensamentos, de acordo como é sua alma; os maiores homens fazem disso todo o seu negócio,

“Quibus vivere est cogitare;”

“Para quem viver é pensar” [Cícero]

, então a natureza a tem favorecido com esse privilégio, que não há nada que nós tanto desejamos fazer, nem qualquer atividade para a qual mais freqüentemente e com maior facilidade nos dedicamos. “Esse é o negócio dos deuses”, diz Aristóteles, e da beatitude deles a nossa procede.

Para mim o principal uso da leitura é através dos vários objetos que despertam a minha razão empregar meu julgamento, não minha memória. Poucas conversações me detêm sem empenho e esforço; é verdade que a beleza e a elegância da oratória me arrebatam muito mais do que o peso e a profundidade do assunto; e visto como sou hábil para adormecer em todas as outras comunicações, não dando senão uma película da minha atenção, freqüentemente resulta que em tais discursos pobres e lamentáveis, meras tagarelices, fico sonolento, respondo inexpressivamente, ridículo e inconveniente como uma criança, ou ainda mais grosseira e tola, mantenho um silêncio obstinado. Tenho um modo pensativo que me absorve e, devido a isso, uma ignorância pesada e infantil sobre diversas coisas muito ordinárias, pelo que conquistei duas qualidades às quais os homens podem realmente relacionar cinco ou seis histórias ridículas de mim, como de todo e qualquer homem.

Mas, prosseguindo em meu tema, esta compleição caprichosa me faz muito agradável em minha conversação com os homens a quem tenho de selecionar e escolher para meus propósitos; e me desqualifica para a sociedade comum. Nós vivemos e negociamos com as pessoas; se a palestra com elas nos é enfadonha, se desdenhamos nos aplicar na compreensão das almas vulgares (as vulgares são amiúde tão normais quanto aquelas da melhor linha e toda sabedoria é loucura que não se acomoda à ignorância comum), não mais devemos intervir nos negócios de outros homens ou nos nossos próprios; pois negócio, seja público ou privado, tem a ver com essas pessoas. As emoções menos forçadas e mais naturais da alma são as mais bonitas; os melhores empregos, aqueles que são menos cansativos. Meu Deus! como um bom ofício traz sabedoria àquele cujo anelo

limita-se à sua capacidade! isso é o conhecimento mais útil: “de acordo com o que homem pode”, era o lema e a sentença favorita de Sócrates. Um mote de grande solidez.

Devemos moderar e adaptar nossos desejos ao meio mais próximo e mais fácil de obter as coisas. Não é por uma tola disposição separar-me de mil outros aos quais minha fortuna está ligada, sem os quais não posso viver, à parte um ou dois que estão fora do meu relacionamento; ou antes um desejo fantástico de coisas que não posso obter? Minhas maneiras brandas e suaves, inimigas de toda acidez e aspereza, podem facilmente me haver defendido da inveja e de animosidades; pois não digo ser amado, mas homem algum nunca deu menos ocasião para ser odiado; contudo a frieza da minha conversação tem razoavelmente me privado da benevolência de muitos, que serão escusados se interpretarem isso em outro sentido pior.

Sou muito capaz de travar e manter amizades raras e esquisitas; pois através da razão agarro-me gananciosamente em tais conhecidos quando se ajustam às minhas preferências; lanço-me a eles com tanta violência que não apenas adiro mas deixo uma impressão onde bati, como freqüentemente tive a felicidade de comprovar. Nas amizades ordinárias sou um pouco frio e distante, pois meu envolvimento não é natural se não for a todo pano: além disso, tendo em minha mocidade a fortuna me concedido o deleite de uma amizade perfeita e exclusiva, a bem da verdade criou em mim um tipo de desgosto pelas outras e muitos imprimiram em minha imaginação que são umas bestas de companhia, como disseram os antigos, mas não do rebanho; e tenho também uma dificuldade natural de me comunicar imperfeitamente, com as transformações e a prudência servil e ciumenta requeridas na conversação das amizades numerosas e superficiais: e nesta nossa época somos dirigidos principalmente a essas, quando não podemos falar do mundo a não ser com perigo ou falsidade.

Ainda distingo muito bem que aqueles dotados das conveniências (refiro-me às conveniências essenciais) de vida como sua finalidade, como eu, deveriam fugir dessas dificuldades e delicadezas de humor como da pestilência. Eu deveria louvar uma alma de vários estágios, que sabe como se estirar e se afrouxar; essa encontra-se à vontade em todas as condições aonde a Fortuna a conduz; pode discursar com um vizinho, sobre sua casa, sua caça, suas disputas; pode palestrar prazerosamente com um carpinteiro ou um jardineiro. Invejo esses que podem se familiarizar com o mais baixo dos seus seguidores e falar com ele do seu próprio jeito; e repugna-me o conselho de Platão de que o homem deveria sempre falar num tom magistral com seus criados, sejam homens ou mulheres, sem jamais ser zombeteiro ou cordial; pois além das razões já citadas, é injusto e desumano atribuir tão grande valor a essa lamentável prerrogativa da fortuna e a polidez na qual menor disparidade é permitida entre os mestres e os criados me parece a mais eqüitativa. Outros estudam como erguer e elevar suas mentes; eu, como humilhar a minha e trazê-la para baixo; isto somente é vicioso por extensão:

*“Narras et genus Æaci,
Et pugnata sacro bella sub Ilio
Quo Chium pretio cadum
Mercesur, quis aquam temperet ignibus,
Quo praebente domum, et quota,
Pelignis caream frigoribus, taces”*

“Você nos conta longas histórias sobre a raça de Æacus e as batalhas que lutaram debaixo do sagrado Ilium; mas o que pagar por um barril de vinho de Chian, quem preparará o banho morno e em casa de quem, e quando poderei escapar do frio do Peligniano, você não nos diz” [Horácio].

O valor dos Lacedemonianos carecia de moderação e do doce e harmonioso som das flautas para esmorecer em batalha, de forma que eles não se precipitassem em fúria temerária, considerando que todas as outras nações via de regra empregavam sons severos e estridentes além de gritos altos e imperiosos para incitar e aquecer a coragem dos soldados ao patamar mais elevado; assim me parece contrário ao método habitual, na prática de nossas mentes, que no geral temos maior necessidade de chumbo que de asas; antes de temperança e serenidade do que de ardor e agitação. Mas, acima de todas as coisas, na minha opinião é odioso bancar o bobo, vestir o ar de gravidade de um homem de mente elevada entre esses que não fazem nada do tipo: falar sempre em letra de forma (através do livro),

“Favellare in puma di forchetta”

“Falar com a ponta de um garfo” (afetadamente).

Você deve se abandonar àqueles com quem conversa; às vezes afetar ignorância: coloque de lado o poder e a sutileza na conversação comum; preservar o decoro e a ordem é o bastante — ainda mais, rasteje no chão, se eles assim o desejarem.

Os eruditos freqüentemente tropeçam nesta pedra; eles sempre estarão desfilando sua ciência pedante e espalhando seus livros em todos os lugares; eles têm, nestes dias, enchido tanto as câmaras e as orelhas das senhoras com isso que, se perderam a substância, pelo menos ainda retêm as palavras; pois em todo o discurso em qualquer variedade de assunto, desprezível e comum de qualquer modo, eles falam e depois escrevem de um modo novo e estudado,

*“Hoc sermone pavent, hoc iram, gaudia, curas,
Hoc cuncta effundunt animi secreta; quid ultra?
Concumbunt docte;”*

“Nessa linguagem eles expressam seus medos, seus ódios, suas alegrias, seus cuidados; nesse desabafo revelam todos os segredos; o que mais? eles mentem eruditamente para seus amantes” [Juvenal]

e citam Platão e Aquinas nas coisas que o primeiro homem por eles encontrado poderia determinar tão bem; a aprendizagem que ainda não pode penetrar os declives de suas almas permanece suspensa pela língua. Se as pessoas de qualidade forem por mim persuadidas, deverão contentar-se em deixar seus tesouros próprios e naturais; eles escondem e ocultam a sua beleza debaixo de outras que não são nada suas: é uma grande loucura apagar sua própria luz e brilhar por meio de um

esplendor de empréstimo: eles são enterrados e sepultados debaixo *'de capsula totae'* [pintado e perfumado da cabeça aos pés" (ou) "como se fossem coisas cuidadosamente depositadas numa chapeleira", *apud* Sêneca]; é porque eles não se conhecem suficientemente ou se fazem justiça: o mundo não tem nada mais justo que eles; isto é para eles a honra das artes e pintar quadros. Precisam eles de qualquer coisa além de viver amados e honrados? Eles têm e sabem muito para isso: nada mais precisam fazer senão despertar e aquecer um pouco as faculdades que têm dentro de si mesmos. Quando os vejo mexendo com retórica, leis, lógica e outras drogas, tão impróprias e desnecessárias para o seu negócio, começo a suspeitar que os homens inspiradores de tais idéias fazem isso para poderem governá-los por causa delas; pois que outra desculpa posso inventar? É suficiente que eles possam, sem nossa orientação, compor as graças dos seus olhos com alegria, severidade, doçura e rejeitar o gosto com aspereza, expectativa ou favor: eles não precisam de outros para interpretar o que dizemos para servi-los; com esse conhecimento eles comandam com um chicote e regem os tutores e as escolas. Mas se, não obstante, os enfurece dar-nos lugar em seja lá o que for e desejam por curiosidade ter a sua participação em livros, a poesia é uma diversão apropriada para eles; isto é um encobrimento temerário, sutil, a arte da tagarelice, tudo prazer e tudo exibição, assim como eles mesmos. Eles também podem resumir vários artigos de história. Em Filosofia, fora da parte moral dela, podem selecionar instruções tais que lhes ensinem a julgar de nossos humores e condições, defender-se das nossas deslealdades, regular o ardor dos seus próprios desejos, administrar sua própria liberdade, alongar os prazeres da vida e suavemente suportar a inconstância de um amante, a grosseria de um marido; e a inconveniência dos anos, as rugas e assemelhados. Isto é o máximo que eu lhes permitiria nas ciências.

Há certas naturezas particulares que são retraídas e reservadas: meu modo natural é apropriado à comunicação e hábil em deixar-me exposto; sou visível em tudo, nascido para a sociedade e a amizade. A solidão que aprecio e recomendo a outros é principalmente não mais que recolher meus pensamentos e afeições em mim; restringir e conferir, não apenas meus passos mas meus próprios cuidados e desejos, resignando solicitude a todo estranho e evitando mortalmente a servidão e a obrigação e não tanto à multidão dos homens quanto à multidão dos negócios. O local solitário, para dizer a verdade, é preferivelmente o aposento que me deixa mais à vontade; eu me lanço mais prontamente nos negócios de estado e do mundo quando estou só. No Louvre e no alvoroço do tribunal encolho-me dentro da minha própria pele; a multidão me empurra e nunca me entretenho tão arrojadamente, com tanta licença ou tão especialmente como em lugares de respeito e prudência cerimoniosa: nossas loucuras não me fazem rir, é nossa sabedoria quem o faz. Naturalmente não sou nenhum inimigo da Corte, da vida; passei nela uma parte da minha própria e é de um humor agradável freqüentar grandes companhias, contanto que a certos intervalos e no meu próprio momento: mas esta suavidade de julgamento a que me refiro amarra-me forçosamente à solidão. Até mesmo em casa, no seio de uma família numerosa e numa casa suficientemente freqüentada, vejo muitas pessoas, mas raramente aquelas com quem me encanto em conversar; e lá reservo para mim e para os demais uma liberdade incomum: em minha casa não há nenhuma coisa tal como cerimônia, porteiros esperando ou acompanhando as pessoas até a carruagem e outras formalidades aborrecidas, ordenadas pela nossa cortesia (ó costume servil e inoportuno!). Ali cada um se governa de acordo com seu próprio método; deixo que expressem seus pensamentos enquanto sento-me mudo, meditando calado em meu gabinete, sem qualquer ofensa aos meus convidados.

Os homens cuja sociedade e familiaridade desejo são aqueles chamados homens sinceros e capazes; e a imagem destes me faz antipatizar com os restantes. É, se corretamente conduzida, a mais rara de nossas práticas e uma que devemos principalmente à natureza. O objetivo dessas medidas é simplesmente privacidade, freqüentação e conferência, o exercício de almas, sem outro fruto. Em nossos discursos todos os sujeitos são semelhantes a mim; não há peso nem profundidade, é só isso: ainda há graça e pertinência; lá todos são matizados por um julgamento maduro e constante, mesclado de bondade, liberdade, alegria e amizade. Não é tratando apenas dos negócios de reis e de estado que nossas inteligências descobrem sua força e beleza, mas em todas as insignificâncias de nossas conferências privadas. Eu entendo os meus homens mesmo por seus silêncios e sorrisos, que talvez melhor os revele do que a mesa do conselho. Hipômaco disse muito bem "que podia reconhecer os bons lutadores somente observando-os andarem na rua". Se por acaso a erudição penetrar em nossa conversa ela não será rejeitada, não magistral, imperiosa e inoportuna, como geralmente é, mas dócil e tolerante; lá nós buscamos somente passar nosso tempo; quando temos uma mente a ser instruída e aconselhada, iremos buscá-la em seu trono: por favor, sujeite-se a nós para esse propósito imediato; pois útil e vantajoso como é, imagino que em vista da necessidade podemos administrar isso bem o bastante e desempenhar nosso papel sem a sua ajuda. Uma alma bem-descida e adestrada na conversação de homens se fará suficientemente agradável; a arte nada mais é que a contraparte e o registro daquilo que as almas produzem.

Também a conversação das belas e honradas mulheres são para mim um doce comércio:

"Nam nos quoque oculos eruditos habemus"

"Porque também temos olhos versados no assunto" [Cícero].

Se a alma não tem nisso tanto o que desfrutar, como nos primeiros sentidos corporais que mais participam disso, conseguem trazê-lo numa medida próxima; entretanto, na minha opinião, não equivalente à outra. Mas esse é um comércio de cuja defesa um homem deve tomar partido, especialmente aqueles em que o corpo pode fazer muito, como em mim. Em minha juventude fui escaldado e padei todos os tormentos que os poetas dizem suceder àqueles que se precipitam no amor sem método e discernimento. É verdade que aquele chicoteamento desde então fez-me mais avisado:

***"Quicumque Argolica de classe Capharea fugit,
Semper ab Euboicis vela retorquet aquis"***

**"Quem da frota Grega escapou das rochas Cafareanas, toma
sempre cuidado em guiar-se no mar Euboano" [Ovídio].**

Esta é a loucura de um homem fixar todos os pensamentos e nisso ocupar-se com uma furiosa e indiscreta afeição; mas, por

outro lado, envolver-se sem amor e inclinação, como os comediantes, desempenhando um papel comum, sem pôr qualquer coisa própria dele senão palavras, realmente é garantir sua segurança, mas sobretudo, depois de tão covarde conduta ele deveria abandonar sua honra, vantagem ou prazer por medo do perigo. Pois é certo que de tal prática aqueles que a estabeleceram não podem esperar nenhum fruto que venha a agradar ou satisfazer uma alma nobre. Um homem precisa, com seriedade, desejar intensamente, esperando desfrutar um prazer, eu afirmo; entretanto a fortuna deve favorecer injustamente a sua dissimulação, o que muitas vezes resulta, porque não há ninguém do belo sexo — sem mencionar as que são tão feias quanto o diabo — que não se julguem bem merecedoras de ser amadas e que não iriam antes preferir a si mesmas diante de outras mulheres, ou por sua juventude, a cor do seu cabelo ou seu movimento gracioso (pois não há mulher alguma mais universalmente feia do que há mulheres universalmente belas e, como as virgens Brâmanes que nada mais têm a recomendar, sendo reunidas àquela finalidade pelo leiloeiro popular, as pessoas vão ao mercado local expor seus dotes matrimoniais à vista do público visando constatar se pelo menos não caem em tentação suficiente para adquiri-los como maridos). Conseqüentemente, não há ninguém que não se sujeite facilmente a ser dominado pelo primeiro voto que faz para servi-las. Já conhecemos experimentalmente essa deslealdade comum e ordinária dos homens de hoje que devem debandar; quer estejam agrupados ou separados eles se esquivam de nós, ou então moldam sua observância de preceitos e normas pelo exemplo que nós lhes damos, interpretam seus papéis na farsa como nós interpretamos os nossos e se entregam ao esporte sem paixão, cuidado ou amor:

“*Neque afluēctui suo, aut alieno, obnoxiae;*”

“Insubmisso tanto aos próprios sentimentos quanto aos dos outros” [Tácio]

, acreditando, de acordo com a persuasão de *Lísias* em Platão, que podem com mais utilidade e conveniência render-se a nós se pelo menos as amamos; de onde resultará, como nas comédias, que os expectadores terão tanto ou mais prazer que os comediantes. De minha parte, não mais reconheço uma *Vênus* sem um *Cupido* do que uma mãe sem herdeiro: são coisas que reciprocamente emprestam e devem sua essência uma à outra. Assim a ilusão reverte sobre quem a provocou; na verdade não lhe custa muito, mas ele também dá pouco ou nada por ela. Aqueles que fizeram de *Vênus* uma deusa divisaram que sua beleza principal era incorpórea e espiritual; mas a *Vênus* a quem essas pessoas caçam não é tanto humana, nem realmente brutal; as próprias bestas não aceitarão isto tão vulgar e tão mundano; vemos habitualmente que a imaginação e o desejo nos aquecem e nos incitam antes do corpo fazê-lo; observamos que tanto um sexo quanto outro têm na escolha do rebanho uma seleção particular das suas afeições e que entre eles existe um longo comércio de boa vontade. Até mesmo esses a quem a velhice nega a prática dos seus desejos ainda vibram, relincham e gorjeiam pelo amor; nós os vemos, antes do ato, cheios de esperança e ardor e mesmo quando o corpo não acompanha as regras do jogo se comprazem com a doce recordação das delícias passadas; alguns, depois de executarem, orgulham-se daquela intumescência; e outros, saciados e exaustos, ainda vociferam expressamente uma alegria triunfante. Quem não tem nada a fazer senão desincumbir o corpo de uma necessidade natural, não precisa estorvar outros com tão curiosos preparativos: não se trata de alimento para um apetite ordinário, grosseiro.

Como alguém indesejoso de que os homens pensem melhor de mim do que sou na verdade, discorrerei aqui sobre os erros da minha juventude. Não apenas pelo temor de prejudicar minha saúde (e ainda não consegui ser tão cuidadoso, pois tive dois leves infortúnios), mas além disso por causa do desdém, raramente fui propenso aos abraços familiares e interesseiros: eu levantaria o prazer pela dificuldade, pelo desejo de um certo tipo de glória e era o que *Tibério* pensava nos namoros aos quais era muito mais levado pela modéstia e parentesco do que qualquer outra qualidade e do temperamento da cortesã *Flora*, que nunca prestou atenção a nada menos que um ditador, cônsul ou censor e obteve satisfação na dignidade dos seus amantes. Sem dúvida as pérolas e tecidos de ouro, títulos e carruagens acrescentem algo a isso.

Quanto ao restante, tive grande estima pela inteligência, contanto que a pessoa não fosse excepcional; pois, para confessar a verdade, se devesse carecer de uma ou outra dessas duas atrações, haveria antes de renunciar à compreensão, que tem emprego em coisas melhores; mas no tocante ao amor, um assunto relacionado principalmente aos sentidos da visão e do tato, algo pode ser feito sem os préstimos da mente: sem a ajuda do corpo, nada. A beleza é a verdadeira prerrogativa das mulheres e tão mais peculiarmente própria delas do que a nossa, embora requerendo naturalmente outro tipo de feição, nunca está em seu esplendor a não ser quando jovem e imberbe, uma versão confusa de sua imagem. Diz-se que muitas estão a serviço do *Grand Signior* por causa da sua beleza, sendo de um número infinito, até a última, dispensada aos vinte e dois anos de idade. Razão, prudência e os ofícios da amizade são mais facilmente encontrados entre os homens e é por essa razão que eles administram os negócios do mundo.

Estes dois compromissos são fortuitos e dependentes de outros; o primeiro é importuno por sua raridade, o outro definha com a idade, de forma que nunca poderiam ter sido suficientes para as atividades da minha vida. O terceiro, que são os livros, é muito mais certo e muito mais propriamente nosso: concedem todas as vantagens dos dois primeiros, mas são constantes e têm a facilidade de auxiliar por sua simples presença. Eles seguem lado a lado comigo em todo o meu percurso e em todos os lugares estão me ajudando: confortam-me da velhice e da solidão; aliviam o peso incômodo da ociosidade e a toda hora me resgatam das companhias desagradáveis: embotam os momentos de aflição, se estas não são extremas e não assumem completa posse da minha alma. Para me distrair de alguma extravagância problemática, basta correr aos meus livros; eles agora me acomodam e orientam para fora dos meus pensamentos e não se rebelam por ver que só recorro a eles pelo anseio de outras comodidades mais reais, naturais e vívidas; eles sempre me recebem com a mesma bondade. Bem pode ir a pé, como dizem, quem conduz o seu cavalo pela mão; e nosso *James*, rei de *Nápoles* e da *Sicília* que sendo bonito, jovem e sadio, se fez carregar numa padiola, estendido sobre um colchão desprezível num pobre roupão cinzento e com um gorro do mesmo tecido, além do mais acompanhado por uma carruagem real, liteiras conduzidas por toda sorte de cavalos, cavalheiros e oficiais, ainda assim representando uma autoridade afável e des preocupada: “O homem doente não deve se queixar daquele que tem a cura em sua

manga”. Na experiência e prática desta máxima, que é bastante verdadeira, consiste todo o benefício que eu colho dos livros. De fato não faço maior uso deles, por assim dizer, do que aqueles que não os conhecem. Aproveito-me deles como fazem os avaros com seu dinheiro, sabendo que posso desfrutá-los quando me agrada: minha mente se satisfaz com esse direito de posse. Jamais viajo sem livros, seja na paz ou na guerra; e ainda às vezes os ignoro por vários dias, às vezes passando meses sem sequer olhar para eles. Lerei logo, digo a mim mesmo, ou amanhã, ou quando me convir; e nesse ínterim o tempo escoia furtivamente sem nenhuma inconveniência. Pois não é de imaginar a que grau me encanto e me contento do restante nesta deliberação, que os possuo para com eles me entreter quando estou disposto a trazê-los à mente como o refrigerio que são para a minha vida. É o melhor *viaticum* que jamais descobri para esta viagem humana e tenho pena desses homens de entendimento que são destituídos deles. Eu os prefiro a consentir em qualquer outra espécie de diversão, por leve que fosse, porque eles nunca poderão me desapontar.

Quando estou em casa freqüento um pouco mais a minha biblioteca, de onde imediatamente negligencio todas as preocupações familiares. Ela está localizada na entrada da minha casa e dali posso ver meu jardim, o paço, o pátio dos fundos e quase todas as partes do edifício. Lá folheio agora um livro, então outro, sobre vários assuntos, sem método ou intenção. Um enquanto estou meditando, outro enquanto dito ou escrevo, caminhando de lá para cá, extravagâncias tais como estas que aqui lhe apresento. Ela está no terceiro pavimento de uma torre em cuja base fica a minha capela; o segundo pavimento tem uma câmara retirada com um gabinete onde amiúde repouso, para ficar mais isolado; e acima dela fica um grande vestíbulo. Antigamente essa era a parte menos utilizada da casa. Ali passo a maioria dos dias da minha vida e a maior parte das horas desses dias. À noite nunca estou lá. Ao lado dela [da biblioteca] há um vistoso gabinete com lareira, projetado com muita comodidade e bem iluminado; e não estou mais receoso pelo problema da despesa do que pelo transtorno de poder muito facilmente limitar todo o meu trabalho de qualquer lado e no próprio chão, uma galeria de cem passos de comprimento por doze de largura, tendo já encontrado as paredes para alguma outra finalidade elevadas à altura requerida. Todo lugar de retiro requer um passeio: meus pensamentos adormecem se me sento imóvel: minha fantasia não segue por si mesma como quando as minhas pernas a excitam; e todos aqueles que estudam sem um livro estão na mesma situação. Meu estúdio tem formato orbicular e não há mais nenhuma parede além daquela diante da mesa e da cadeira, de forma que as restantes partes do círculo me apresentam uma visão de todos os livros, distribuídos em cinco filas de estantes imediatamente à minha volta. Ela tem três perspectivas majestosas e independentes e dezesseis passos de diâmetro. No inverno eu não fico continuamente lá, pois a casa foi construída sobre uma elevação, como se deduz do seu nome, e nenhuma parte dela é tão exposta ao vento e às intempéries, sendo de acesso mais difícil e um tanto remoto, também levando em conta o exercício, sendo ainda mais retirada da multidão. É ali que me encontro em meu reino e me esforço para ser um monarca absoluto, isolando este único recanto de toda a sociedade, conjugal, filial e civil; em outros lugares não tenho senão autoridade verbal e de uma essência confusa. Em minha opinião é o mais miserável homem aquele que não tem em casa um lugar para si mesmo, onde se entreter sozinho ou esconder-se dos outros. A ambição infecciona suficientemente os seus prosélitos mantendo-os sempre em exibição, como a estátua num logradouro público:

“Magna servitus est magna fortuna”

“Uma grande fortuna é uma grande escravidão” [Sêneca].

Eles não podem ter privacidade nem mesmo no banheiro. Não julgo haver nada tão severo na austeridade de vida que nossos monges afetam, como pude notar em algumas das suas comunidades; isto é, via de regra, ter uma sociedade perpétua num lugar e numerosas pessoas presentes em todas as atividades; e penso ser muito mais tolerável estar sempre só do que nunca lograr fazê-lo.

Se alguém me disser que é subestimar as Musas fazer uso delas apenas por divertimento e para passar o tempo, replicarei que ele não sabe tão bem quanto eu o verdadeiro valor do divertimento, do prazer e do passatempo; devo quase me reprimir para não acrescentar que todas as outras finalidades são ridículas. Eu vivo o dia a dia e, com a devida reverência, apenas para mim; ali todos os meus desígnios terminam. Quando jovem, estudei por ostentação; desde então, fiz-me um pouco mais avisado e agora estudo para meu deleite, mas nunca objetivando obter qualquer vantagem. Tive depois um capricho fútil e pródigo deste tipo de mobília, não apenas para prover minhas próprias necessidades, mas, além disso, como ornamento e aparência externa; creio que desde então me curei totalmente disso.

Os livros têm muitas qualidades fascinantes para quem saiba selecioná-los, mas todo bem tem sua contraparte; este é um prazer que não é puro e limpo, não mais que os outros: tem também suas inconveniências e das grandes. Nelas a alma é realmente exercitada; mas o corpo, cujos cuidados acima de tudo não devo nunca negligenciar, enquanto isso permanece inativo, envelhecendo inerte e melancólico. Não sei de nenhum excesso mais prejudicial para mim, nem mais a ser evitado nesta minha idade de declínio.

Foram estas minhas três ocupações favoritas e particulares; não falo daquelas que devo ao mundo pelas obrigações civis.

Capítulo IV

Sobre a diversão

Estive uma vez ocupado em consolar uma senhora verdadeiramente aflita. A maioria das suas lamentações era artificial e cerimoniosa:

***“Uberibus semper lacrymis, semperque paratis,
In statione subatque expectantibus illam,
Quo jubeat manare modo”***

“A mulher tem uma fonte de lágrimas pronta a esguichar sempre que delas precise fazer uso” [Juvenal].

Um homem procede de modo errado quando se opõe a essa paixão, pois a oposição não faz senão irritá-la e torná-la mais obstinada em sua tristeza; o mal é exasperado através da discussão. Nós vimos, no discurso comum, o que mencionei indiferentemente sobre mim, se qualquer um leva-me a controversá-lo, justifico isso com os melhores argumentos de que disponho; e muito mais como uma coisa em que tive um real interesse. E além disso, fazendo-o entrar asperamente em seu funcionamento; considerando que as primeiras orientações de um médico ao seu paciente deveriam ser corteses, joviais e agradáveis; nunca olhando convenientemente o doente, o médico rabugento nada faz a propósito. Pelo contrário, então, em suas primeiras aproximações um homem deve privilegiar a aflição e expressar alguma aprovação pela tristeza dele. Por esta percepção você obtém mais crédito para prosseguir adiante e por meio de insensível afabilidade, gradativamente passar a conversas mais sólidas e apropriadas à cura. Eu, cujo objetivo era principalmente ludibriar a companhia daqueles que tinham os olhos fixos em mim, decidi tão somente paliar minha doença. E realmente descobri por experiência que tenho um talento desafortunado para persuadir. Meus argumentos são muito agudos e estereis, pressionam muito toscamente ou não são familiares o bastante. Depois de me haver por algum tempo aplicado à sua aflição, não tentei curá-la através de razões fortes e vigorosas, seja porque não dispunha dela ou porque pensei fazer o meu negócio melhor de outra maneira; nem escolhi qualquer desses métodos de consolação que a Filosofia prescreve: de acordo com Cleantes, não é mal nenhum aquilo de que reclamamos; que é um mal leve, de acordo com os Peripatéticos; que a pessoa lamentar-se não é mesmo uma ação recomendável nem sequer justa, de acordo com Crisipo; nem segundo Epicuro, mais satisfatório à minha disposição, trocar os pensamentos das coisas aflitivas por aqueles que são agradáveis; nem fazer um pacote de todos estes juntos para fazer uso ocasional, de acordo com Cícero; mas, dobrando suavemente o meu discurso e pouco a pouco divagando, às vezes para assuntos mais próximos e às vezes mais remotos do propósito, conforme ela dava mais atenção ao que eu dizia, imperceptivelmente a arrebataram daquele pensamento angustiante, conservando sua tranqüilidade e bom-humor enquanto eu continuava ali. Nesse ponto fiz uso da diversão. Aqueles que me sucederam na mesma função nada fizeram, apesar de tudo, encontrando nela qualquer convalescença, porque eu não tinha chegado à raiz.

Eu talvez possa em outro lugar ter lançado os olhos sobre algum tipo de diversão pública; e as práticas das militares que Péricles empregou na guerra do Peloponeso — e mil outros em lugares diversos — para retirar as forças adversárias dos próprios países, é muito freqüente na história. Foi uma engenhosa evasão aquela por meio da qual *Monseigneur d’Hempricourt* salvou a si mesmo e a outros na cidade de Liège, que o Duque de Borgonha mantinha sob sítio: deixou que eles entrassem para executar os artigos da sua prometida rendição; o povo, reunido durante a noite para considerar, começou a se rebelar contra o acordo e vários deles decidiram cair sobre os comissários que estavam em seu poder; ele, sentindo as primeiras rajadas dessa tempestade popular chegando depressa aos seus alojamentos, repentinamente enviou-lhes dois dos habitantes da cidade (de alguns que estavam com ele) com novas e mais moderadas condições a serem propostas no seu conselho; estes foram e então excogitaram para a emergência dele: conseguiram desviar a primeira tempestade, levando a população enfurecida de volta ao saguão da prefeitura para ouvir e ponderar sobre o que tinham a dizer. A deliberação foi curta; uma segunda tempestade surgiu tão violenta quanto a outra, ao que ele despachou quatro novos mediadores da mesma qualidade para encontrar, protestando que agora tinha melhores condições para apresentar e como lhes daria absoluta satisfação, de forma que o tumulto foi mais uma vez contido e o povo novamente retrocedeu para o conclave. Em resumo, com essa dispensação de distrações, uma depois da outra, desviando a fúria deles e dissipando-a em frívolas conferências, afinal logrou mantê-los inertes até o dia amanhecer, o que constituía sua principal finalidade.

Esta outra história seguinte também é da mesma categoria. Atalanta, uma virgem de excelsa beleza e maravilhosa disposição de corpo, para se desimpedir da multidão de mil pretendentes que a procuravam em matrimônio, lançou a proposta de que aceitaria como marido quem pudesse igualá-la na corrida, sob a condição de que os derrotados haveriam de perder suas vidas. Diversos deles sopesaram muito bem o valor do prêmio contra o perigo e se submeteram à cruel penalidade do contrato. Hipomenes, depois de tentar quase de tudo, fez sua oferenda à deusa do amor, implorando o auxílio dela; concedendo o seu pedido a deusa deu-lhe três maçãs douradas e ensinou como usá-las. Iniciando a competição, Hipomenes percebeu sua amante energicamente insistente; ele, como se por casualidade, deixou cair uma das maçãs; a moça, enlevada pela beleza dela, não se demorou em apanhá-la:

**“*Obstupuit Virgo, nitidique cupidine pomi
Declinat cursus, aurumque volubile tollit*”**

**“A virgem, perplexa e atraída pela maçã reluzente,
interrompeu sua carreira e agarrou o ouro rolante” [Ovídio].**

Ele fez a mesma coisa, quando teve oportunidade, com a segunda e a terceira, até distraí-la e fazendo-a perder muito terreno, venceu a corrida. Quando os médicos não conseguem parar uma secreção eles a desviam e transformam em alguma outra substância menos perigosa. E também acho que esta é a prática mais trivial para as doenças da mente:

**“*Abducendus etiam nonnunquam animus est ad alia studia,
Sollicitudines, curas, negotia: loci denique mutatione,
Tanquam aegroti non convalescentes, saepe curandus est*”**

**“A mente será às vezes afastada para outros estudos, pensamentos,
cuidados, negócios: em suma, por uma mudança de lugar, como onde
as pessoas doentes não ficam convalescentes” [Cícero].**

Isso é resultado direto de empurrar um pouco as fraquezas do homem; não o fazemos sustentar nem repelir o ataque; apenas

o fazemos declinar e evitamos aquilo.

Esta outra lição é muito elevada e mais difícil: é para os homens a primeira forma de conhecimento meramente insistir na coisa, considerá-la e avaliá-la; compete exclusivamente a um Sócrates encontrar a morte com o semblante costumeiro, estar familiarizado com ela e zombar dela; ele não procura nenhuma consolação na coisa em si; morrer lhe parece um acidente natural e indiferente; é lá que ele fixa sua visão e resolução, sem olhar para outro lugar. Os discípulos de Hegesias deixavam-se morrer de fome, vitalizados pelas excelentes conferências dele e em tal número que o rei Ptolomeu proibiu-o de entreter seus seguidores com tais doutrinas homicidas, não considerando a morte em si mesma, nem eles assim a avaliavam; não estava neles fixar seus pensamentos; eles corriam para a morte visando uma nova existência.

Os pobres infelizes quem vemos trazidos ao cadafalso, cheios de ardente devoção e nisso, tanto quanto permitiam, empregando todos os seus sentidos, seus ouvidos atentos às instruções que eram dadas, seus olhos e mãos erguidos para o céu, suas vozes elevadas em orações, com uma emoção veemente e contínua, sem dúvida fazendo coisas muito recomendáveis e apropriadas a tal necessidade: nós devíamos encomiá-los por sua devoção, mas não particularmente pela sua persistência; eles evitam o encontro, desviam seus pensamentos a respeito da morte, como as crianças são distraídas com um brinquedo ou outro quando o cirurgião vai lhes dar uma picada com sua lanceta. Observei alguns que, vislumbrando os terríveis instrumentos de morte à sua volta, desfaleceram, voltando seus pensamentos furiosamente para outro caminho; como para atravessar um precipício formidável é aconselhável fechar os olhos ou olhar para outro lado.

Súbrio Flávio, sendo condenado à morte por Nero e pelas mãos de Níger, ambos grandes capitães, quando o conduziam ao local designado para sua execução, observou a sepultura que Níger havia mandado escavar para colocá-lo mal-feita: “Nada disso”, ele disse, voltando-se para os soldados que o vigiavam, “está de acordo com a disciplina do exército”. E para Níger, que o exortou a manter a cabeça aprumada: “Desfiras teu golpe com firmeza”, ele disse. E quando assim falou previu muito bem o que se seguiria; pois o braço de Níger tremeu tanto que ele precisou dar vários golpes em sua cabeça antes de conseguir cortá-la. Esse homem parece ter conservado seus pensamentos corretamente fixados no assunto.

Aquele que morre em batalha, com a espada na mão, não pensa então na morte; ele não a sente ou leva em consideração; o ardor da luta desvia seu pensamento de outra maneira. Um homem notável, conhecido meu, estava caindo enquanto lutava num duelo e sendo derrubado por nove ou dez ataques do seu adversário, cada um dos presentes o conclamou a pensar na consciência; mas desde então ele me diz que embora tenha ouvido muito bem o que lhe disseram, nada daquilo o demoveu e que nunca pensou em qualquer outra coisa senão se livrar e vingar-se. Logo depois ele matou o homem, naquele mesmo duelo. Quem trouxe a sentença de morte a L. Silano fê-lo com grande bondade, porque tendo recebido em resposta que ele estava bem preparado para morrer, mas não por mãos abjetas, correu a ele com seus soldados para obrigá-lo e mesmo desarmado como estava Silano defendeu-se teimosamente com os punhos e os pés, perdendo sua vida na disputa, com isso significando dissipar e desviar numa raiva súbita e furiosa a dolorosa apreensão da morte prolongada para a qual fora designado.

Nós sempre pensamos em qualquer outra coisa; ou a esperança de uma vida melhor nos conforta e apóia, ou a esperança do mérito de nossos filhos, ou a futura glória do nosso nome, ou em deixar para trás os infortúnios desta vida, ou a vingança a ameaçar aqueles que são a causa de nossa morte, concorrem para consolar-nos:

“Spero equidem mediis, si quid pia numina possunt,

Supplicia hausurum scopulis, et nomine Dido

Saepe vocaturum...

Audiam; et haec Manes veniet mihi fama sub imos”

“Eu contudo espero, se os deuses piedosos têm algum poder,
que tu hás de sentir teu castigo entre as pedras e chamará o
nome de Dido; eu ouvirei e este relato virá a mim de baixo”

Xenófanes estava sacrificando com uma coroa em sua cabeça quando alguém veio trazer-lhe a notícia da morte do seu filho Grilo, ocorrida na batalha de Mantinéia: ao primeiro choque das novas ele lançou a coroa no chão, mas entendendo pela continuação da narrativa a forma de morte mais valente e valorosa, levantou-a e recolocou-a na cabeça. O próprio Epicuro, por ocasião de sua morte, consolou-se na utilidade e perenidade dos seus escritos:

“Omnes clari et nobilitati labores fiunt tolerabiles;”

“Todos os labores ilustres e famosos a tornam suportável” [Cícero]

; e mesmo o ferimento, mesmo a fadiga não são, diz Xenófanes, tão intoleráveis ao general de um exército quanto a um soldado comum. Epaminondas encarou a morte muito mais alegremente depois de ser informado que a vitória lhe pertencia:

“Haec sunt solatia, haec fomenta summorum dolorum;”

“Isso é sedativo e alívio para as dores mais intensas” [Cícero]

; e tais circunstâncias similares divertem, desviam e impedem nossos pensamentos da consideração da coisa em si. Até mesmo os argumentos da Filosofia estão sempre margeando e resvalando no assunto, embora escassamente raspem sua crosta; o maior nome da primeira escola filosófica e superintendente sobre todos os demais, o grande Zenão, modelou este silogismo contra a morte: “Nenhum mal é honroso; mas a morte é honrosa; então a morte não é mal nenhum”; este contra a embriaguez: “Ninguém confia seus segredos a um bêbado; mas todas as pessoas confiam seus segredos a um homem sábio: então um homem sábio não é nenhum bêbado”. Isso é para atingir o reacionário? Adoro ver que essas excelsas e conducentes almas não podem libertar-se da nossa companhia: homens perfeitos como eles são, ainda assim são simplesmente homens.

A vingança é uma doce paixão, de grande e natural impressão; eu a discirno bastante bem, conquanto dela não tenha nenhuma experiência pessoal. Não faz muito tempo, para disso distrair um jovem príncipe eu disse que ele devia, a alguém que

o havia golpeado numa bochecha, virar a outra, em nome da caridade; nem procurei descrever-lhe os trágicos eventos que a poesia atribui a essa paixão. Deixei isso para trás e me ocupei em fazê-lo apreciar a beleza de uma imagem reversa: e, patenteando a ele a honra, a estima e a benevolência que haveria de adquirir através da clemência e da boa natureza, desviei-o daquela aspiração impetuosa. Assim deve um homem conduzir-se em tais circunstâncias.

Se a sua paixão amorosa é muito violenta, disperse, eles afirmam e falam a verdade; porque experimentei isso freqüentemente e com vantagem: divida-a em vários desejos dos quais deixou apenas um reinante, se quiser, sobre todo o resto; mas para que ele não venha a tiranizá-lo e dominá-lo, enfraqueça-o e retarde-o, repartindo e desviando aquilo:

“Cum morosa vago singultiet inguine vena,”

“Quando estiver atormentado por desejo feroz, satisfaça-o com a primeira pessoa que se apresente” [Pérsio]

“Conjicito humorem collectum in corpora quaeque,”

Com sentido semelhante [Lucrécio]

e previna-se a tempo com isto, a fim de que não se mostre problemático tratar com ele, quando o apanhou uma vez:

“Si non prima novis conturbes vulnera plagis,

Volgivagaque vagus venere ante recentia cures”

“A menos que você cure as velhas feridas com novas” [Lucrécio].

Fui uma vez atingido por um veemente desgosto e, além disso, mais justo que entusiástico; eu poderia talvez perder-me nisso se tivesse confiado somente na minha própria força. Tendo necessidade de alguma poderosa diversão para desimpedirme, através da arte e do estudo tornei-me afetuoso, no que fui assistido por minha juventude: o amor aliviou e me salvou do mal em que a amizade me havia comprometido. Isso é o mesmo em tudo; uma violenta imaginação me agarrou; eu encontro um caminho mais próximo antes para mudá-la do que para subjugá-la: eu delego, se nada há em contrário, contudo pelo menos outro, em seu lugar. A variação sempre alivia, dissolve e dissipa.

Se não puder contender, escapo disso; e evitando-o, deslizo para fora do caminho e estabeleço meus duplos; trocando de lugar, negócio e companhia, asseguro-me na multidão de outros pensamentos e fantasias onde ele perde meu rastro e assim escapo.

Depois procedo da mesma forma que faz a natureza, através do benefício da inconstância; durante o tempo que ela nos concede como médica soberano de nossas paixões, trabalha principalmente por isso, abastecendo nossas idéias com outros e novos negócios, desobriga e dissolve a primeira apreensão, por mais forte que seja. Um homem sábio pouco menos vê seu amigo morrendo ao término de vinte e cinco anos do que no primeiro ano; e de acordo com Epicuro, não menos sob qualquer condição; porque ele não atribuiu qualquer alívio às aflições, para a previsão ou a antiguidade delas; mas tantos outros pensamentos a atravessam que afinal se cansa e definha.

Alcíbiades, para desviar a inclinação dos rumores do populacho, cortou as orelhas e o rabo do seu bonito cachorro e colocou-o num lugar público a fim de que, dando às pessoas ocasião para mexericar, pudessem deixar em paz suas outras atividades. Também vi, com essa mesma finalidade de desviar as opiniões e conjeturas das pessoas e calar suas bocas, algumas mulheres esconderem suas reais afeições apenas daqueles que eram falsos; mas também vi alguns por cuja falsidade realmente se sujeitaram a ser pegos e que trocaram o verdadeiro e original afeto pelo fingido; e assim têm aprendido os que acham suas afeições bem colocadas que é tolice consentir nesse disfarce: a recepção pública e favorável está reservada apenas aos pretensos amantes, podendo-se concluir que se trata de um sujeito de escasso discurso e menor inteligência se no final não se colocar no seu lugar e você no dele; isso é precisamente recortar o couro e fabricar o sapato para outro calçar.

Uma pequena coisa nos transtorna e nos desvia porque uma pequena coisa nos segura. Nós não consideramos os assuntos muito completa e isoladamente; são as pequenas e superficiais circunstâncias ou imagens que nos tocam e as inúteis cascas externas que despem os próprios assuntos:

“Folliculos ut nunc teretes aestate cicadae

Linquunt”

“No verão encontramos cascas deixadas para trás pelos gafanhotos” [Lucrécio].

Até mesmo o próprio Plutarco lamenta a filha pelo pequeno arremedo enganador da sua infância. A recordação de uma despedida, da graça particular de uma atitude, de uma última recomendação, nos aflige. A visão da toga de César perturbou toda a cidade Roma, o que foi mais do que a morte dele havia feito. Até mesmo o som de nomes que alcançam nossos ouvidos, como “meu pobre professor”, “meu amigo fiel”, “ai, meu querido pai” ou “minha doce filhinha”, nos afligem. Quando essas repetições me incomodam, examinando-as um pouco mais de perto constato que nada mais são além de queixas e expressões gramaticais; sou apenas atingido pelas palavras e tons, como as exclamações dos pastores muito freqüentemente operam mais na audição do que nas razões deles e como os olhos lastimáveis de um animal morto para o nosso serviço, sem que entretanto minha ponderação penetre na verdadeira e sólida essência do meu objeto:

“His se stimulis dolor ipse lacessit”

“Com tais estímulos a aflição provoca a si mesma” [Lucrécio]

São esses os fundamentos de nosso luto.

A resistência da minha pedra a todos os remédios, especialmente as da minha bexiga, às vezes me lançam em prolongadas eliminações de urina por três ou quatro dias seguidos e tanto me aproximam da morte que teria sido loucura esperar evitá-las e seria antes preferível tê-lo desejado, considerando as misérias que suportou nesses ataques cruéis. Oh, aquele bom imperador que fez os criminosos serem amarrados até morrerem de vontade de urinar, era certamente um grande mestre na ciência do carrasco! Achando-me nesta situação, considere através de quantas causas leves e objetos da imaginação nutriram em mim o

desgosto pela vida; do peso de que átomos e dificuldades desalojadas é constituída a minha alma; diante de quantos pensamentos frívolos e ociosos cedemos terreno em tão grande empreendimento; um cachorro, um cavalo, um livro, um copo e uma estante foram contemplados em minha perda; para os outros suas esperanças ambiciosas, seu dinheiro e seu conhecimento, na minha opinião não são considerações menos tolas que as minhas. Eu vejo a morte negligentemente quando a reverencio como fim universal da vida. Eu a afronto no geral, mas nos particulares ela me domina: as lágrimas de um criado, a disposição das minhas roupas, o toque de uma mão amistosa, uma consolação trivial, me abrandam e desencorajam. Assim fazem as reclamações nas tragédias agitarem nossas almas com aflição; os pesares de Dido e Ariadne emocionam até mesmo aqueles que não acreditam em Virgílio e Catulo. Isso é sintoma de uma natureza obstinada e empedernida para não nos sensibilizarmos com nenhuma emoção, como nos é relatado de um milagre de Pólemon; entretanto ele nada mais fez além de alterar o semblante pela mordida de um cachorro raivoso que rasgou a barriga da sua perna; e nenhuma sabedoria vem de tão longe para conceber tão vívida e total razão de tristeza, através do juízo que não sofre nenhum aumento por sua presença, quando os olhos e as orelhas têm a sua parte; partes essas que não serão movidas senão por acidentes frívolos.

É razão para que até mesmo as próprias artes devam tirar proveito de nossa fraqueza e estupidez naturais? Um orador, fazendo retórica na farsa da sua alegação, é movido pelo som da própria voz e das emoções fingidas, impondo a si mesmo a paixão que simula; ele imprimirá em si mesmo uma verdadeira e real aflição, por meio do papel que representa, para transmiti-la a juízes ainda menos interessados do que ele: fazem como aquelas carpideiras contratadas em funerais para colaborar na cerimônia da tristeza vendendo suas lágrimas e lamentando a peso e medida; pois embora atuem de uma forma tomada de empréstimo, não obstante, acostumando e ajustando suas feições à ocasião, é muito certo que amiúde ficarão realmente afetadas por uma verdadeira tristeza. Fui um, entre vários outros amigos de *Monsieur* de Grammont, que carregaram seu corpo para Spissons no assédio de La Fere, onde ele fora morto; observei todos os lugares por onde passamos cheios de pessoas que encontrávamos em lamentações e lágrimas pela mera pompa solene da nossa escolta, pois lá o nome do defunto não era tão conhecido. Quintiliano informa ter visto comediantes tão profundamente empenhados no papel de luto que ainda se lamentavam no quarto reservado, os quais, tendo assumido incitar a paixão em outros, aderiram à simulação no grau em que se achavam infectados por ela, não só através lágrimas, mas, além disso, com a palidez e o comportamento de homens realmente subjugados pela aflição.

Numa região próxima às nossas montanhas as mulheres tocam *Padre Martin*, pois aumenta o pesar pelos maridos falecidos por meio da recordação das qualidades boas e agradáveis que eles possuíam; elas também fazem ao mesmo tempo um registro e publicam as imperfeições deles, como se pudessem entrar em algum acordo e desviam a compaixão para o desdém. É ainda com muito mais graça do que nós: quando perdemos algum conhecido, nos esforçamos em fazer-lhes elogios novos e falsos e para fazer algo totalmente diferente ao perdermos a visão de como eles nos pareciam quando os víamos; como se o pesar fosse uma coisa instrutiva ou se as lágrimas, lavando nosso espírito, pudessem esclarecê-lo. De minha parte, daqui em diante renuncio a todos os testemunhos favoráveis que os homens dariam de mim, não porque serei digno deles, mas porque estarei morto.

A quem perguntar a um homem: “Que interesse tem neste assédio?” ele dirá: “O interesse do exemplo e da habitual obediência ao meu príncipe: finjo não obter lucro com isso; e também pela glória, sei como uma pequena participação pode afetar um homem privado como eu: não tenho aqui paixão nem disputa”. E você ainda o verá no dia seguinte liquidando outro homem, irritado e vermelho de fúria, variando da batalha para o assalto; foram o brilho de tanto aço, o fogo e o barulho dos canhões e tambores que infundiram essa nova rigidez e exaltação nas veias dele. Uma causa frívola, você dirá. Mas como uma causa? Ali ninguém precisa perturbar a mente; a mera extravagância sem corpo e sem objeto a regerá e agitará. Deixe-me pensar em construir castelos na Espanha; minha imaginação sugere conveniências e prazeres com que minha alma é realmente estimulada e agradada. Com que frequência atormentamos nossa mente com ódio ou nos entristecemos por tais sombras, ocupando-nos de paixões fantásticas que prejudicam o corpo e alma? Que caretas surpresas, fugazes e confusas instalam esse delírio em nossas faces! que surtidas e agitações nossos membros e vozes nos inspiram! Não parece que este homem em particular tem falsas visões entre a multidão de outros com quem ele precisa se haver, ou ele é possuído por algum demônio interior que o persegue? Questiona a si mesmo onde está o objeto dessa mutação? há qualquer coisa na natureza além de nós que sustente a inanidade, sobre a qual tem poder? Cambises, tendo sonhado que seu irmão seria um dia rei da Pérsia, assassinou-o: um irmão amado e alguém em quem ele sempre havia confiado. Aristodemo, rei dos Messenianos, suicidou-se por uma fantasia de mau presságio, algo relacionado aos uivos dos seus cachorros; e o rei Midas fez que o fez influenciado por algum sonho insensato que tivera. Este é prêmio da vida ao seu justo valor: abandoná-la por um sonho. E ainda ouve a alma triunfar sobre as misérias e fraquezas do corpo e que ele é exposto a todos os ataques e alterações; verdadeiramente, tem tanta razão de dizer!

Capítulo V

Sobre alguns versos de Virgílio

Tanto os pensamentos vantajosos são mais plenos e sólidos quanto são também mais incômodos e pesados: o vício, a morte, a pobreza, a doenças, são assuntos graves e dolorosos. Um homem deveria ter sua alma instruída nos meios de se sustentar e afirmar com os males e nas regras de bem viver e acreditar: freqüentemente isso é despertado e exercitado neste nobre estudo; mas numa alma ordinária deve ser através de intervalos e com moderação; caso contrário ela crescerá embriagada se continuamente voltada a tal intento. Eu achei necessário, quando jovem, pôr na mente e solicitar de mim mesmo manter-me em meu dever; a alegria e a saúde não fazem, como se diz, tão bom acordo com essas reflexões solenes e momentosas: no momento estou em outra condição: as limitações da idade mais se impuseram em minha mente, instiga-me a prudência e

predicam por mim. Do ânimo excessivo decaí na severidade, que é muito mais problemática; e por isso de vez em quando tenho me submetido propositadamente a incorrer em certa desordem, ocupando minha mente com pensamentos jovens e temerários, por meio dos quais obtenho alguma distração. Ultimamente tenho sido muito reservado, muito opressivo e muito maduro; leio diariamente a mim mesmo obras sobre a frieza e a temperança. Meu corpo evita e teme a desordem; esta é agora a mudança do meu corpo para guiar minha mente à reforma; em troca ela governa mais rude e imperiosamente que o outro; não me deixa uma hora sozinho, dormindo ou se desperto: está sempre me exortando a morte, a paciência e o arrependimento. Agora defendo-me da temperança como outrora do prazer; ela tira muito de mim, até mesmo por estupidez. Serei doravante o mestre de mim mesmo, para todas as intenções e propósitos; a sabedoria tem seus excessos e não tem menos necessidade de moderação que a loucura. Então, para que eu não venha a definhar, secar e sobrecarregar-me com excessiva prudência, nas tréguas e intervalos que minhas fraquezas permitem:

“Mens intenta suis ne seit usque malis”

“Que minha mente pode não ser eternamente voltada para os meus males” [Ovídio].

Eu desvio suavemente e afasto meus olhos do tempestuoso e nublado céu diante de mim, o qual, graças a Deus, considero sem medo, mas não sem meditação e estudo e me divirto recordando meus melhores anos:

***“Animus quo perdidit, optat,
Atque in praeterita se totus imagine versat”***

“A mente deseja ter o que perdeu e se lança totalmente nas recordações do passado” [Petronio].

Deixemos a infância olhar para a frente e a velhice para trás; não era esse o significado do Janus de dupla face? Deixemos que os anos me arrastem junto quando eles se forem, mas será para trás; contanto que meus olhos possam discernir que a estação agradável expirou, de vez em quando hei de voltá-los para aquele caminho; embora isso escape do sangue das minhas veias, não devo, porém, desarraigar essa imagem da minha memória:

***“Hoc est
Vivere bis, vita posse priore frui”***

“É viver duas vezes ser novamente capaz de desfrutar a vida progressiva” [Marcial].

Platão ordena que os homens idosos não devem estar presentes nos exercícios, danças e competições esportivas dos jovens; que eles podem divertir-se com outras atividades: a beleza corporal não está mais com eles; e traz à lembrança a graça e a atração que florescem com a idade; e enseja que essas recreações deveriam honrar e premiar aqueles homens jovens que têm as mais divertidas companhias. Tive antigamente o hábito de assinalar os dias escuros e nublados como extraordinários; estes são agora meus dias ordinários; os extraordinários são os claros e luminosos; estou pronto para saltar de alegria, como a um benefício desacostumado, quando nada me acontece. Deixe que eu me faça cécega: não posso forçar um sorriso amarelo deste meu corpo miserável; só estou satisfeito em sonho ou por presunção, através do artifício de desviar a melancolia da velhice; mas, em boa fé, ela requer outro remédio além do sonho. Uma débil competição da arte contra a natureza. Esta é a grande loucura de prolongar e antecipar os incômodos humanos, como fazem todas as pessoas; estimei antes ser menos velho enquanto envelhecia do que era realmente assim. Tenho agarrado até mesmo as menores ocasiões de prazer que sou capaz de encontrar. Conheço muito bem, por ouvir dizer, diversos tipos de prazeres prudentes, muito eficientes e gloriosos de aproveitar; mas a opinião não tem poder suficiente para tornar-me desejoso deles. Não cobiço tanto tê-los magnânimos, esplêndidos e pomposos quanto se fossem doces, fáceis e ao meu alcance:

***“A natura discedimus; populo nos damus,
Nullius rei bono auctori”***

“Nós partimos da natureza e nos entregamos a pessoas que nada entendem” [Sêneca].

Minha Filosofia está na atividade, na prática natural e presente, muito pouco na fantasia: que prazer eu teria em jogar avelãs ou almejar um cargo elevado!

“Non ponebat enim rumores ante salutem”

“Ele não sacrificou sua saúde sequer aos rumores” [Ênio, apud Cícero].

O prazer é uma qualidade de muito pouca ambição; pensa-se rico o bastante por si mesmo sem qualquer acréscimo de reputação; e está mais satisfeito onde a maioria se retira. Um homem jovem deveria ser chicoteado se tem a pretensão de um gosto por vinhos e molhos; nada há naquela idade de menor valor ou conhecimento: agora eu começo a aprender; estou muito envergonhado, mas o que deveria fazer? Fico ainda mais envergonhado e vexado nas ocasiões que não me destacaram. Isso para nós é caducar e gracejar fora do tempo e para os homens jovens erguerem sua reputação e escrúpulos convenientes; eles vão para o mundo e para a opinião do mundo; nós estamos nos retirando dele:

***“Sibi arma, sibi equos, sibi hastas, sibi clavam, sibi pilam,
Sibi natationes, et cursus habeant: nobis senibus, ex lusionibus
Multis, talos relinquunt et tesseras;”***

**“Deixe-os reservar para si mesmos armas, cavalos, lanças, piques, clavas, natação e corridas;
e de todos os esportes deixem para nós, homens velhos, as cartas e os dados” [Cícero]**

; as próprias leis nos mandam para casa. Não posso fazer menos em favor desta condição miserável na qual minha idade me lançou se não abastecê-la sobretudo com brinquedos, como fazem com as crianças; e, em verdade, tais quais nós ficamos. A sabedoria e a loucura terão bastante que fazer para me apoiar e aliviar por meio de exercícios alternativos nesta velhice calamitosa:

“Misce stultitiam consilii brevem”

“Embaraçado em deliberações num breve intervalo da loucura” [Horácio].

Evito adequadamente as mais leves picadas; e aquelas que antigamente não teriam sequer me enrugado a pele agora a trespassam: hoje meus hábitos corporais estão naturalmente inclinados à enfermidade:

“In fragili corpore odiosa omnis offensio est;”

“Num corpo debilitado de todo choque é obnócio” [Cícero]

“Mensque pati durum sustinet aegra nihil”

“E a mente fraca não pode suportar nenhum esforço intenso” [Ovídio].

Fui algumas vezes muito delicadamente suscetível quanto às ofensas: sou agora muito mais afável e inteiramente franqueado.

“Et minimae vires frangere quassa valent”

“E pouca força é suficiente para quebrar o que antes foi rachado” [Ovídio].

Meu bom senso me impede de esperar e murmurar contra as inconveniências que a natureza me ordena suportar, mas não afasta delas os meus sentidos: eu, que não tenho outra coisa em vista senão viver e ser feliz, correria até o fim do mundo para buscar outro ano bom, de agradável e alegre tranqüilidade. Uma serenidade melancólica e sombria pode ser o bastante para mim, mas isso me entorpece e estupefaz; não sou contentado com isso. Se há qualquer pessoa, qualquer associação de boas companhias no interior ou na cidade, na França ou em outro lugar, residente ou em movimento, que possa apreciar o meu humor e de cujo temperamento eu possa gostar, basta que apitem e correrei a eles, e nos proveremos de composições em carne e osso.

Observando que é privilégio da mente resgatar a velhice, aconselho-me com todo o poder de que disponho; enquanto isso me deixe continuar verde e florescer, se puder, como o visco sobre uma árvore morta. Mas temo que isso seja traiçoeiro; ele contraiu uma fraternidade tão íntima com o corpo que me deixa a cada passo para acompanhá-lo em sua necessidade. Em vão persuado e trato isoladamente com isso; tento inutilmente me desacostumar dessa concordância, sem nenhum resultado; para tanto menciono Sêneca e Catulo, as mulheres e as mascaradas reais; se o seu acompanhante tiver a pedra, parece ter isso também; até mesmo as faculdades que são peculiar e corretamente suas próprias não podem então executar suas funções, mas afiguram-se manifestamente embotados e adormecidos; não haverá nenhum vigor em suas produções se ao mesmo tempo também não houver uma proporção equivalente no corpo.

Nossos mestres são culpados de, procurando as causas das emoções extraordinárias da alma, além de atribuir a ela êxtase divino, amor, ferocidade marcial, poesia, vinho, não haverem atribuído também uma porção para a saúde: uma saúde ardorosa, plena, vigorosa e indolente, como antigamente no verdor e segurança da juventude, aos trancos e barrancos, sobretudo me abasteceram daquele ânimo e alegria fogosos dardejando nos lampejos de memória que são vívidos e luminosos além da nossa luz natural e de todos os entusiasmos os mais joviais, se não os mais extravagantes.

Então, não é maravilha alguma se um estado contrário estupefaz e oblitera o meu espírito e produz um resultado oposto:

“Ad nullum consurgit opus, cum corpore languet;”

“Quando a mente estiver doente, o corpo não é bom para nada”

(ou) “Ela não se ergue para nenhum esforço; adoce com o corpo” [Pseudo Galo]

e ainda haveria me obrigado a dar a isso, como quer entender, muito menos aquiescência a essa estupidez que é a condição habitual dos homens com a minha idade. Deixe-nos pelo menos, enquanto ainda temos folga, tentar afugentar as inconveniências e dificuldades de nosso intercâmbio:

“Dum licet, obducta solvatur fronte senectus;”

“Enquanto podemos, deixe-nos banir a velhice da fisionomia” [Heródoto]

“Tetrica sunt amcenanda jocularibus”

“As coisas azedas serão adoçadas por aquelas que são agradáveis” [Sidônio].

Eu aprecio uma discricção alegre e civilizada e fujo de todo mau humor e severidade de maneiras, todas repelentes, conduta de que sou suspeito:

“Tristemque vultus tetrici arrogantiam;”

“A tristeza arrogante de uma face intratável” [autor incerto]

“Et habet tristis quoque turba cinaedos”

“E a multidão sombria tem também seus sibaritas”

(ou) “Um semblante austero às vezes esconde uma mente debochada” [Idem].

Concordo deveras com a opinião de Platão ao dizer que os humores complacentes ou severos são grandes indicadores da boa ou má disposição mental. Sócrates tinha um semblante permanente, mas sereno e sorridente, não acrementemente austero como o do velho Crasso que ninguém jamais viu sorrir. A virtude é uma qualidade jovial e agradável.

Sei muito bem que poucos disputarão com a liberdade dos meus escritos, os quais nada mais têm a disputar senão a licença dos seus próprios pensamentos: eu me conformo bastante bem por suas inclinações, mas ofendo seus olhos. Este é um bom humor para extrair os escritos de Platão, arrancando os pretensos intercursos dele com Fédon, Dion, Stela e Arqueanassa:

“Non pudeat dicere, quod non pudet sentire”

“Não nos deixe ter vergonha de falar o que não nos envergonhamos de pensar”.

Detesto os espíritos refratários e obscuros que deslizam sobre todos os prazeres da vida, agarrando-se e se nutrindo dos infortúnios; como moscas que não podem aderir a um corpo liso e polido mas se fixam e repousam em lugares ásperos e escarpados, como as ventosas que só atraem e absorvem o sangue ruim.

Quanto ao resto, predispos-me a dizer tudo aquilo que me atrevo a fazer; até mesmo os pensamentos que não serão publicados me desagradam; minhas piores atitudes e qualidades não me parecem tão perversas quanto acho nocivo e abjeto ostentar não possuí-las. Toda pessoa é cautelosa e discreta na confissão, mas os homens deveriam ser assim na ação; a audácia

de fazer o mal é de alguma forma compensada e contida pela coragem de confessá-lo. Quem se sujeita a contar tudo de si deveria obrigar-se a nada fazer daquilo que é forçado a esconder. Espero que minha excessiva licença possa libertar os homens dessas tímidas e afetadas virtudes ressaltadas das nossas imperfeições e que às expensas da minha imoderação eu possa reduzi-los à razão. Um homem deve observar e pesquisar seus vícios para corrigi-los; geralmente aqueles que os escondem de outros, escondem deles mesmos; e não pense que é suficiente aproximar-se: se puderem percebê-lo eles os retiram e disfarçam em suas próprias consciências:

“Quare vitia sua nemo confitetur?

Quia etiam nunc in illia est;

Somnium narrare vigilantis est”

“Por que nenhum homem confessa seus vícios? porque ainda está neles;

isso é como um homem desperto contar seu sonho” [Sêneca].

As doenças do corpo explicam-se pelo seu crescimento; nós descobrimos que a gota é designada por uma reuma ou tensão; as doenças da alma, sendo maiores, conservam-se mais obscuras; os mais enfermos são os menos sensíveis; então é por isso que são freqüentemente levados por um dia inteiro, por uma mão inflexível para a tarefa, abertos e rasgados na concavidade do coração. Como fazem o bem assim como fazem o mal, a mera confissão é às vezes satisfatória. Há alguma deformidade que nos seja tão imprópria, a qual podemos nos escusar de confessá-la a nós mesmos? É uma dor tão grande para encobrir, para que me esquive de confidenciar outros segredos, destituído da coragem para negar o meu conhecimento. Posso manter-me em silêncio, mas não posso sem as maiores dificuldades e violências a mim imagináveis negar que são muito secretas; um homem deve existir tão somente pela natureza, não por obrigação. É de pouca valia, a serviço de um príncipe, ser reservado, se um homem não é mentiroso demais para ser útil. Alguém perguntou a Tales de Mileto se devia negar solenemente haver cometido adultério; se a pergunta me fosse feita, teria respondido que ele não deve fazer isso, porque eu vejo a mentira como uma falta pior que a outra. Tales respondeu bem diversamente, aconselhando-o a jurar para proteger a falta maior pela menor; [aqui a memória de Montaigne não o serve bem, pois à pergunta colocada a Tales, a resposta foi: “Mas o perjúrio não é pior que o adultério?”]; não obstante, esse conselho não era tanto uma eleição quanto a multiplicação do vício. Sobre o que deixamos de dizer a propósito, lidamos liberalmente com um homem de consciência quando lhe propomos algum obstáculo em contrapeso ao vício; mas quando o aprisionamos entre dois vícios, ele é submetido a uma escolha penosa como a de Orígenes: tornar-se um idólatra ou sofrer abuso carnal de um grande escravo Etíope trazido a ele. Orígenes submeteu-se à primeira condição e injustamente, segundo as pessoas dizem. Essas mulheres de nosso tempo não ficam ainda muito longe, de acordo com o seu erro, protestando que antes tiveram sobrecarregadas as suas consciências com dez homens do que com uma multidão.

Se é indiscrição assim publicar os erros de alguém, contudo não há grande perigo em passá-los como exemplo e costume; pois disse Aristão que os homens sinuosos mais temem aquilo que os deixa expostos. Nós temos de arregaçar esses trapos ridículos que escondem nossas maneiras: eles lançam suas consciências em agitação e mantém um semblante engomado: até mesmo os traidores e assassinos aderem às regras cerimoniais e lá acomodam seus deveres. De forma que nem a injustiça possa queixar-se de incivilidade, nem malícia indiscreta. É lamentável que apenas um homem mau seja tolo para aproveitar; aquela decência externa deveria amenizar o vício dele: esse reboco grosseiro pertence tão somente a uma parede sólida e útil que merece ser preservada e branqueada.

Em favor dos Huguenotes, que condenam nossa confissão privada e auricular, eu me confesso em público, pura e religiosamente: Santo Agostinho, Orígenes e Hipócrates divulgaram os desacertos das suas opiniões; eu, além disso, das minhas maneiras. Sou ganancioso de tornar-me conhecido, não me preocupo o quanto, contanto que seja verdadeiramente; ou, dizendo melhor, de nada tenho ansiedade, mas odeio mortalmente ser interpretado equivocadamente por aqueles que mal sabem meu nome. Quem faz todas as coisas por honra e glória pode estimar naquilo que adquire por exibir-se ao mundo em uma máscara e por esconder sua verdadeira identidade das pessoas? Elogie um corcunda pela estatura dele: ele tem razão de tomar isso como uma afronta; se você é um covarde e os homens o recomendam por seu valor, é de você que eles falam? Eles o tomam por outro. Eu haveria de gostar, bem como me glorificar, pelos elogios e louvores que me fazem se eles fossem mestres da companhia, quando na verdade estão entre os últimos da comitiva. Arquelau, rei da Macedônia, caminhava ao longo da rua quando alguém jogou água em sua cabeça; algum acompanhante disse que ele devia prover uma punição: “Sim”, ele disse, “mas seja quem for, ele não lançou a água em mim, mas naquele por quem me tomou”. Contaram a Sócrates que as pessoas falavam mal dele; ele disse: “Não, em mim não há nada do que eles dizem”.

De minha parte, se alguém me recomendasse como bom piloto, como sendo muito modesto ou muito puro, não haveria de dever-lhe nenhum agradecimento; e assim a quem me chamasse de traidor, ladrão ou bêbado, ficaria muito pouco inquietado. Aqueles que não se conhecem verdadeiramente podem se alimentar com falsas aprovações; não eu, que conheço a mim mesmo e me examino até meus próprios intestinos e sei muito bem o que me é devido. Estou satisfeito por ser menos recomendado, porquanto seja mais bem conhecido. Posso ter a reputação de homem sábio em tal espécie de sabedoria que tomo por insensatez. Fico vexado de que meus Ensaios sirvam às senhoras apenas como um artigo comum de mobília e uma peça de salão; este capítulo me deixará longe do banheiro. Adoro traficar com eles um tanto particularmente; a conversação pública é sem favor e sem sabor. Nas despedidas, amiúde não inflamamos nossa afeição pelas coisas que deixamos ao partir; eu saio em minha última licença dos prazeres deste mundo: são estes nossos últimos abraços.

Mas vamos voltar ao meu tema: o que há no ato da geração, tão natural, tão necessário e tão há justo, feito pelos homens, para ser uma coisa a não se mencionar sem se ruborizar e ser excluído de todo discurso sério e moderado? Nós corajosamente pronunciamos a matança, o roubo, a traição, coisas que ousamos fazer entre os dentes. É isso dizer: o que economizamos com menos palavras, podemos pagar tanto mais em pensamento? Pois é certo que as expressões menos usadas, na maior parte

raramente escritas e mais bem guardadas, são as melhores e em sua maioria amplamente conhecidas: nenhuma época, nenhum costume as ignora, não mais que a palavra 'pão' imprime em cada um sem ser expressada, sem voz e sem figura; e 'sexo', que a maioria pratica mas é constrangida a dizer o mínimo dele. Este é um ato em que fixamos a franquia do silêncio, cuja apropriação é até mesmo um crime para se denunciar e julgar; não nos atrevemos a censurá-lo senão por meio de circunlóquios e imagens. É para um criminoso uma grande vantagem ser tão execrável que a justiça acha iníquo vê-lo e tocá-lo: livre e seguro pelo beneplácito da severidade da sua condenação. Não se está aqui na mesma situação dos livros que vendem melhor e tornam-se notórios sendo suprimidos? De minha parte, fico com as palavras de Aristóteles onde ele diz que "a timidez é um ornamento para a juventude, mas uma reprobração para a velhice". Estes versos foram predicados na escola antiga, uma escola a que muito mais me devoto que à moderna, pois tanto suas virtudes parecem maiores quanto os vícios menores:

***"Ceux qui par trop fuyant Venus estrivent,
Faillent autant que ceulx qui trop la suyvent"***

"Eles eram tanto mais sendo indulgentes com Vênus quanto são muito freqüentes nos ritos dela" [segundo uma tradução de Plutarco por Amyot, o filósofo deve conversar com os príncipes]

***"Tu, dea, rerum naturam sola gubernas,
Nec sine to quicquam dias in luminis oras
Exoritur, neque fit laetum, nec amabile quidquam"***

"Deusa, tu sozinha ainda governas a natureza; sem ti coisa alguma vem à luz; nada é agradável, nada é jovial" [Lucrécio].

Não sei quem poderia colocar Palas e as Musas em discrepância com Vênus e deixá-los indiferentes em relação ao Amor; mas não vejo nenhuma deidade tão bem recebida ou que esteja mais endividada uma com a outra. Quem privar as Musas dos devaneios românticos, roubará o melhor entretenimento de que elas dispõem e da mais nobre substância do trabalho delas; e quem fizer o Amor perder a participação e a assistência da poesia o despojará de suas melhores armas: pois isso implica acusar o deus da familiaridade e da boa vontade e as deusas protetoras da humanidade e da justiça do vício da ingratidão. Não fiquei por tanto tempo afastado do préstimo e da dignidade desse deus que minha memória ainda não esteja aperfeiçoada em sua força e valor:

"Agnosco veteris vestigia flammae;"

"Eu reconheço os vestígios da minha antiga chama" [Virgílio].

Ainda buscando alguns resquícios de calor e emoção depois da febre:

"Nec mihi deficiat calor hic, hiemantibus annis!"

"Nem deixou faltar o calor da juventude ao entrar em meus anos inverniais".

Murcho e abatido como estou, ainda sinto algumas sobras do ardor passado:

***"Qual l'alto Egeo, per the Aquilone o Noto
Cessi, the tutto prima il volse et scosse,
Non 's accheta ei pero; ma'l suono e'l moto
Ritien del l'onde anco agitate e grosse:"***

"Como o mar Egeu, quando a borrasca novamente se acalma,
O Aquilão rolou em suas ondas desordenadas com explosões de trovões,
Ainda retendo das tempestades passadas algum espetáculo,
E aqui e ali sua intumescência expele vagalhões" [Fairfax]

; mas, pelo que disse entendo, a força e o poder desse deus são mais vívidas e animadas na descrição da poesia do que em sua própria essência:

"Et versus digitos habet:"

"O verso tem dedos" [alterado de Juvenal]

; ele tem não sei que tipo de ar, mais amoroso que o próprio amor. Vênus nunca não é tão bonita, nua, viva e ofegante quanto ela está aqui em Virgílio:

***"Dixerat; et niveis hinc atque hinc Diva lacertis
Cunctantem amplexu molli fovet. Ille repente
Accepit solitam flammam; notusque medullas
Intravit calor, et labefacta per ossa cucurrit
Non secus atque olim tonitru, cum rupta corusco
Ignea rima micans percurrit lumine nimbos.
..... Ea verba loquutus,
Optatos dedit amplexus; placidumque petivit
Conjugis infusus gremio per membra soporem"***

"A deusa falou e lançando em sua volta os braços nevados em ternos abraços, hesitando o acaricia. Repentinamente ele recuperou seu ardor habitual, o famoso calor perfurou sua medula e correu, vibrando, em seus ossos abalados: da mesma forma quando às vezes, com trovão, um relâmpago de fogo radiante brilha estendendo-se através dos céus. Tendo pronunciado tais palavras ele deu-lhe o abraço desejado e no seio do seu cônjuge buscou o plácido sono" [Virgílio].

Considerando tudo isso acho defeito em que ele a tenha representado um pouco apaixonada demais para uma Vênus casada; nessa variedade discreta de união o apetite normalmente não é tão temerário, senão mais solene e embotado. O amor

tem aversão que as pessoas venham a festejar qualquer uma além de si mesmas e vai operar apenas vagamente nas familiaridades derivadas de qualquer outro título, como é o matrimônio: aliança, dote, dessa forma dominados pela razão, com muito mais do que graça e beleza. Os homens não se casam para si mesmos; deixe-os dizer o que desejam: eles antes se casam por sua posteridade e família; o costume e o interesse do matrimônio concernem à nossa raça muito mais do que a nós; e é então que eu gosto de continuar a competição numa terceira mão em lugar do próprio homem e através de outro homem que goste tanto de si quanto do seu partido; e o quanto mais tudo isso é oposto às convenções do amor? E é também uma forma de incesto empregar nesta venerável e sagrada aliança o calor e extravagância da licença amorosa, como penso já ter citado em outro lugar. Um homem, diz Aristóteles, deve chegar à esposa com prudência e temperança, para que não lidando muito lascivamente com ela, o prazer extremo faça-a exceder os limites da razão. O que ele diz em relação à consciência, dizem os médicos da saúde: “que um prazer excessivamente lascivo, voluptuoso e freqüente aquece demais a semente e impede a concepção”; isto é dito em outro lugar, que para um relacionamento lânguido — como ele naturalmente é — abastecer-se com o devido e frutífero calor, deve o homem praticá-lo apenas raramente e a intervalos apreciáveis:

“Quo rapiat sitiens Venerem, interiusque recondat”

“Mas o deixou sedento arrebatando as alegrias do amor e encerrando-as em seu peito” [Virgílio].

Eu não vejo casamento algum onde a compatibilidade conjugal falha diante daqueles que contraímos por conta da beleza e dos desejos amorosos; deveria haver fundamento mais sólido e constante e eles deviam proceder com maior circunspeção; esse ardor furioso nada vale.

Quem imagina honrar seu matrimônio juntando a ele o amor, me parece aquele que para favorecer a virtude sustenta que a nobreza nada mais é senão virtude. São essas realmente coisas que têm alguma relação de uma para outra, mas há muitas diferenças; não deveríamos assim misturar seus nomes e títulos; confundí-los é uma injustiça para ambos. A nobreza é uma qualidade valente e com boas razões introduzida; mas visto tratar-se de uma qualidade dependente de outros e podendo ocorrer numa pessoa viciosa, que dela nada tem, é estimada infinitamente abaixo da virtude [“Se nobreza é virtude, ela perde sua qualidade em todas as coisas que não são virtuosas: e se não é virtude alguma, esta é uma questão menor” La Bruyère]; esta é uma virtude, se for, artificial e aparente, dependendo do tempo e da fortuna: variada na forma, de acordo com o país; vivente e mortal; sem nascimento, como o rio Nilo; genealógica e comum; de sucessão e similitude; arrastada pelas conseqüências e muito fraca. O conhecimento, a força, a bondade, a beleza, as riquezas e todas as outras qualidades entram em comunicação e comércio, mas elas são consumadas em si mesmas e inúteis para servir a outros. Foi proposto a um de nossos reis escolher entre dois candidatos para o mesmo comando, um dos quais era um cavaleiro, o outro não; ele ordenou que, sem respeito pela categoria, selecionassem quem apresentava maior mérito; mas onde o valor dos competidores fosse absolutamente igual, deveriam respeitar o nascimento: isto certamente era colocar cada um no seu nível. Um jovem desconhecido veio a Antígono para adaptar-se ao comando do pai, um homem valoroso morto recentemente: “Amigo”, ele disse”, em promoções tais como essa, não tenho tanta consideração pela nobreza dos meus soldados quanto pela coragem deles”. E, realmente, ele não fazia como em Esparta onde os oficiais dos reis, trompetistas, violinistas, cozinheiros, eram sempre sucedidos pelos filhos em seus postos, por mais ignorantes que fossem e preferidos diante dos mais experientes do mercado. Em Calicute fazem dos fidalgos uma espécie de pessoas sobre-humanas: o matrimônio é interdito a todos que exercem funções bélicas: eles podem ter concubinas para satisfazê-los e as mulheres têm muitos amantes, sem ter ciúmes uns dos outros; mas constitui crime capital e irremissível juntar-se com uma pessoa de condição inferior à deles; eles se acham poluídos apenas por tocar em alguém quando estão caminhando; e supondo sua nobreza admiravelmente atingida e ferida com isso, matam quem se aproxima um pouco mais deles: tanto que os ignóbeis são obrigados a gritar enquanto caminham (como fazem os gondoleiros de Veneza) nas esquinas das ruas, temendo uma colisão; e os nobres ordenam que pisem à parte no pedaço conveniente: com isso significando que evitam como morte certa o que reputam perpétua infâmia. Nenhuma condição de vida, nenhum favor do príncipe, nenhum ofício, virtude ou riqueza, podem jamais prevalecer para fazer um plebeu tornar-se nobre: para contribuir a tal costume, são interditos os casamentos entre as diferentes castas; a filha de alguém da guilda dos cordoeiros é proibida de se casar com um carpinteiro; e os pais são obrigados a treinar os filhos precisamente em sua própria predestinação e não colocá-los em qualquer outro comércio; por tais meios são mantidas e continuadas as distinções e suas fortunas.

Um bom matrimônio, se houver algum assim, rejeita a companhia e as condições do amor e tenta representar aquelas da amizade. Essa é uma vida de doce convívio, plena de constância, confiança e um infinito número de serviços úteis e sólidos e mútuas obrigações; ao qual qualquer mulher dotada da correta inclinação:

“Optato quam junxit lumine taeda”

“A quem a tocha do matrimônio uniu com a desejada luz” [Catulo]

seria contrária a servir o marido na qualidade de amante. Se ela está hospedada no afeto dele como esposa, será mais honradamente e com firmeza estabelecida. Quando ele dá a entender estar apaixonado por outra e faz de tudo para satisfazer seu desejo, deixa qualquer um indagar sobre qual delas deveria antes recair a desgraça, a esposa ou a amante, qual desses infortúnios mais o afligem e para qual delas deseja maior grandeza; as respostas a essas perguntas estão fora de questão em um casamento sadio.

E tão poucos são vistos felizes; é um símbolo do seu preço e valor. Se bem constituída e justamente conduzida, essa é a melhor de todas as sociedades humanas; não podemos viver sem ela e nada mais fazemos do que ainda mais depreciá-la. Acontece como nas gaiolas: os pássaros de fora desesperados para entrar e os de dentro desesperados para sair. Sócrates, a quem perguntaram se era mais adequado tomar esposa ou não, respondeu: “Permita que o homem siga o curso desejado; ele se arrependerá”. Isso é restrito pela declaração comum:

“Homo homini aut deus aut lupus,”

“O homem para o homem é um deus ou um lobo” [Erasmio]

mesmo que possa ser adequadamente aplicado; deve haver uma concorrência de muitas qualidades na construção. Hoje em dia isso é considerado o mais conveniente para as almas simples e plebéias, onde o deleite, a curiosidade e a ociosidade não perturbam tanto; mas humores extravagantes como o meu, que detestam todas as formas de obrigação e restrição, não são tão apropriados:

“Et mihi dulce magis resolutio vivere collo”

“E para mim é doce viver com o pescoço livre” [Pseudo Galo].

Por minha livre vontade eu não teria esposado a própria Sabedoria, se ela não me desejasse. Mas é muito a propósito fugir dela; os usos e costumes comuns da vida fazem que seja assim. Na maioria das vezes as minhas atitudes são guiadas pelo exemplo, não por escolha e ainda não fui até ela por meu próprio movimento voluntário; fui conduzido e atraído em ocasiões extrínsecas; pois as coisas não são apenas incômodas em si mesmas, mas sendo também feias, viciosas, a ser evitadas, podem contudo tornar-se aceitáveis em vista de alguma condição ou acidente; tão instável e fútil é toda resolução humana! E fui então persuadido, quando pior preparado e menos tratável como estou no momento, a experimentá-la como ela é: e como o grande libertino por quem fui tomado, tenho na verdade observado o mais estritamente as leis do matrimônio, o que prometi ou esperei. É inútil esperar uma vez que o homem assumiu seus grilhões: ele deve administrar sua liberdade com prudência; mas tendo uma vez se submetido à obrigação, precisa limitar-se às leis do dever comum, pelo menos, para tanto fazendo o que pode. Quem se engaja nesse contrato com o propósito de conduzir-se com ódio e desprezo, faz uma coisa injusta e inconveniente; e as boas regras que tenho ouvido passar de mão em mão entre as mulheres, como um oráculo sagrado: “Sirva teu marido como a teu mestre, mas guarda-te contra ele como de um traidor”. O que implica dizer: comportar-se com reverência hipócrita, hostil e desconfiada (um grito de guerra e desafio), é igualmente difícil e injurioso. Sou muito moderado para tais intentos grosseiros: para dizer a verdade, não sou chegado àquela perfeição de habilidade e refinamento de inteligência para confundir razão com injustiça e rir de toda regra e ordem que não agradam meu paladar; porque odeio a superstição, não corro agora no extremo contrário da irreligião. [Se um homem odeia a superstição ele não pode amar a religião: DW].

Se o homem nem sempre cumpre o seu dever, deve pelo menos amá-lo e reconhecê-lo; esta é deslealdade de se casar sem esposar.

Vamos prosseguir.

Nosso poeta representa um matrimônio feliz como um bom acordo em que, não obstante, não há muita lealdade. Ele quer dizer que não é impossível a uma mulher dar rédeas à sua própria paixão e entregar-se às importunidades do amor e ainda reservar um pouco de dever para o casamento, que ele pode estar danificado mas não totalmente quebrado? Um homem servil pode enganar o mestre a quem, não obstante, não odeia. Beleza, oportunidade e destino (pois nisso o destino também tem participação):

“Fatum est in partibus illis

Quas sinus abscondit; nam, si tibi sidera cessent,

Nil faciet longi mensura incognita nervi;”

“Há uma fatalidade sobre as qualidades ocultas: deixe a natureza dotá-lo liberalmente; isso é inútil se sua boa estrela falhar no momento crítico” [Juvenal]

; tendo ligado-a a um estranho; entretanto não tão completamente, talvez, senão que ela pode ter algumas sobras de bondade para com o marido. São dois desígnios tendo vários caminhos levando a eles sem se confundirem uns com os outros; uma mulher pode submeter-se a um homem sem se casar de maneira alguma, não somente em vista da situação da fortuna dele, mas também por sua própria pessoa. Poucos homens que fizeram esposas das amantes disso não se arrependeram. E até mesmo no outro mundo Júpiter leva uma vida infeliz com a sua, de quem primeiro havia desfrutado como amante! Isso é, como diz o provérbio, cobrir uma cesta de imundície e então colocá-la na cabeça de alguém. Tive em meu tempo oportunidade de ver, numa boa família, o amor ser vergonhosa e desonestamente curado através do matrimônio: as considerações são extensamente diferentes. Nós amamos imediatamente, sem qualquer vínculo, duas coisas absolutamente contrárias entre si.

Sócrates tinha hábito de dizer como agradava à cidade de Atenas as mulheres fazerem com que os homens as cortejassem romanticamente; todos adoravam ir dar uma volta por lá e passar o seu tempo; mas ninguém gostava tanto de aderir a isso, quer dizer, ali habitar e fazer sua residência constante. Fico vexado de ver os maridos odiarem suas esposas somente porque eles mesmos agem errado; em todas as circunstâncias não devemos, quer me parecer, amá-las menos por causa de nossas próprias faltas; no mínimo elas devem, por conta do arrependimento e da compaixão, ser mais queridas para nós.

São finalidades diferentes, eles dizem, e ainda de alguma forma compatíveis; o matrimônio tem utilidade, justiça, honra e constância para ser compartilhado; um prazer trivial, mas ainda universal: o amor fundamenta-se completamente no prazer, e, realmente, é nisso mais completo, vívido e afiado; um prazer inflamado pela dificuldade; deve haver nele excitação e pungência: isso já não é amor, se não tem dardos e fogo. No matrimônio a generosidade das senhoras é muito profusa e entorpece o escopo do afeto e do desejo: para evitar tal inconveniência, observe que sofrimentos Licurgo e Platão prescrevem em suas leis.

As mulheres de nada são não culpadas quando rejeitam as regras de vida que foram introduzidas no mundo, visto como os homens as estabelecem sem a ajuda delas. Há naturalmente contenção e brigas entre elas e nós; e a amizade mais sólida que temos com elas ainda é misturada com tumulto e tempestade. Na opinião de nosso autor, nisso lidamos com elas inconsideradamente: depois de descobrirmos que elas são incomparavelmente mais capazes e ardentes do que nós na prática do amor, o velho sacerdote testemunhou muito de perto que tinha sido uma coisa enquanto homem e outra diferente quando mulher:

“Venus huic erat utraque nota:”

“Ambos os aspectos do amor foram a ele revelados” [Tirésias, segundo Ovídio]

; e, além disso, soubemos de suas próprias bocas a prova do que, em várias épocas, foi feito por um Imperador [Proclus, 410 – 485 d.C.] e uma Imperatriz de Roma, ambos famosos pela habilidade naqueles afazeres! porque ele em uma só noite deflorou dez virgens Sarmatianas que eram suas cativas: mas ela teve vinte e cinco ‘turnos’ em uma noite, mudando de homem conforme seu gosto e necessidade;

***“Adhuc ardens rigidae tentigine vulvae
Et lassata viris, nondum satiata, recessit:”***

“Ainda ardente ela se retirou; cansada, mas não satisfeita” [Juvenal]

e que na disputa que ocorreu na Cataluña, em que uma esposa reclama da excessiva atenção do marido, não tanto, suponho, porque ela fosse incomodada com isso (porque não acredito em nenhum milagre alheio à religião) como sob tal pretexto reduzir e restringir esse que é o ato fundamental do matrimônio e a autoridade dos maridos sobre as esposas e para mostrar que a insolência e a malignidade deles vai além da alcova nupcial, desdenhando até mesmo as graças e doçuras de Vênus; o marido, um homem verdadeiramente bruto e antinatural, replicou que mesmo nos dias de jejum ele não podia subsistir sem pelo menos dez intercursos: em conseqüência do que foi lavrada aquela célebre sentença da Rainha de Aragão através da qual, depois de madura deliberação do seu conselho, essa excelente rainha, para dar uma regra e um exemplo a todas as eras vindouras da moderação requerida num matrimônio justo, estabeleceu em seis vezes por dia o legítimo e necessário limite; capitulando e deixando grande parte das suas necessidades e desejos sexuais ela pôde (assim ela disse) estabelecer uma regra fácil e, por conseguinte, permanente e imutável. Depois disto os doutores gritam: o que devem ser o apetite e a concupiscência feminina, quando sua razão, sua reforma e virtude são tributadas em tal medida, considerando os diversos juízos de nossos apetites? Pois Sólon, mestre da escola da lei, taxa-nos em apenas três por mês, as vezes em que os homens não podem falhar a respeito da freqüência conjugal: depois de ter, eu digo, acreditado e predicado tudo isso, vamos prosseguir e apreciar a continência pelas suas particularidades específicas, até as últimas e extremas penalidades.

Não há nenhuma paixão tão difícil de combater quanto essa, à qual apenas teríamos de resistir, não simplesmente como a um vício ordinário, mas como a uma execrável abominação, ainda pior que a irreligião e o parricídio; enquanto, ao mesmo tempo, vamos a ela sem ofensa ou censura. Até mesmo aqueles entre nós que tentaram a experiência confessaram ser suficientemente difícil, ou praticamente impossível, encontrar por meio de remédios substância para subjugar, debilitar e esfriar o corpo. Caso contrário nós imediatamente os teríamos sadios, robustamente roliços, bem alimentados e castos; quer dizer, frios e aquecidos; pois o casamento que lhes dissemos para impedir de arder, para eles não é senão pequeno refresco, como nós dispomos o assunto. Se pegarem alguém que ainda está fervente numa idade vigorosa, ele estará orgulhoso para fazer-se conhecido em outro lugar;

***“Sit tandem pudor; aut eamus in jus;
Multis mentula millibus redempta,
Non est haec tua, Basse; vendidisti;”***

“Tenhamos um pouco de vergonha, ou devemos ir à lei: seu vigor, comprado por sua esposa com muitos milhares, não será seu por muito mais tempo: tu o vendeste” [Marcial].

O filósofo Póleon foi justamente levado pela esposa diante do juiz por semear em um campo estéril a semente que era devida a um campo frutífero: se, por outro lado, pegam uma companheira debilitada, ficam em condição pior do que casar-se com criadas ou viúvas. Nós nos achamos bem providos pois, como eles têm um homem para quem mentir, como os Romanos concluíram que Clódia Laeta, uma virgem vestal, fora violada porque Calígula havia se aproximado dela, entretanto ficou claro que ele mais não fez senão aproximar-se: mas nós, pelo contrário, pelo incremento da necessidade, visto que o toque e a companhia de qualquer homem desperta todos os desejos delas, que na solidão seriam mais reservadas. E afinal, é provável que eles poderiam tornar sua castidade mais meritória através desta circunstância e consideração: Boleslas e a esposa Kinge, reis da Polônia, o juraram por mútuo consentimento, estando juntos na cama no mesmo dia de seu casamento e mantiveram o voto apesar de todas as conveniências matrimoniais.

Nós as treinamos desde a infância para o comércio do amor; toda a sua graça, raciocínio, conhecimento, linguagem e instrução tendem àquele caminho: suas governantas nada imprimem nelas senão a idéia do amor, nada mais lhes representando continuamente, e além disso gerando-lhes aversão. Minha filha, a única que eu tenho, está agora numa fase em que se permite o casamento das jovens adiantadas; ela é de uma compleição lenta, magra e delicada e foi adequadamente exposta pela mãe depois de um particular afastamento de costumes, de forma que apenas agora começa a se desabituair da sua simplicidade infantil. Ela estava lendo diante de mim num livro em Francês onde aconteceu constar a palavra ‘fouteau’, o nome de uma árvore muito bem conhecida [a árvore é a faia; a palavra Francesa tem o som de um nome obsceno]; a mulher, a cuja orientação ela está confiada, interrompeu-a bruscamente e de forma um tanto áspera, fazendo-a saltar por cima daquele trecho perigoso. Eu a deixei só, para não atrapalhar suas regras, porque nunca me interessei por aquele gênero de controle; a polidez feminina tem um misterioso procedimento; nós devemos deixar isso com elas; mas, se não estou enganado, o comércio de vinte laços não poderia, num período de seis meses, imprimir tanto na memória dela o significado, a aplicação e todas as conseqüências do som destas sílabas perversas, quanto fez essa boa velha através de reprimenda e interdição.

***“Motus doceri gaudet Ionicos
Matura virgo, et frangitur artibus;
Jam nunc et incestos amores
De tenero, meditatur ungui”***

“A criada estava pronta para delícias do matrimônio, aprender danças Jônicas e imitar esses movimentos lascivos. Não, desde a infância ela medita em amores criminosos” [Horácio].

Vamos dar-lhes um pouco de rédea, deixá-las entrar com mais liberdade no discurso; nesta ciência são somos senão crianças para elas. Ouça-as descrevendo nossas perseguições e palestras; elas sabem muito bem que nosso entendimento não lhes traz nada que já não conheciam antes e digeriam sem nossa ajuda. [Esta oração refere-se a uma conversa entre algumas jovens das vizinhanças do Ensaísta; ele só relata que escutou e que era muito chocante para repetir. Deve ter sido toleravelmente ruim].

É talvez por isso, como diz Platão, que foram devassos os jovens companheiros de antigamente? Aconteceu-me um dia estar num lugar onde podia ouvir algumas conversas delas sem suspeita; sinto muito não poder repeti-las. Senhoras, eu disse, nós temos necessidade de estudar as frases de Amadis, os contos de Boccaccio e de Aretin, para poder discursar com eles: nós realmente empregamos nosso tempo muito a propósito. Não há palavra, exemplo ou passo em que não estejam mais aperfeiçoadas do que em nossos livros; esta é uma disciplina que espirra com o sangue delas,

“Et mentem ipsa Venus dedit,”

“A própria Vênus fez delas o que elas são” [Virgílio]

; esses bons instrutores, natureza, juventude e saúde, as estão continuamente inspirando; elas não precisam aprender, elas mesmas criam:

**“Nec tantum niveo gavisata est ulla columbo,
Compar, vel si quid dicitur improbius,
Oscula mordenti semper decerpere rostro,
Quantum praecipue multivola est mulier”**

“Nenhuma pomba branca de leite, ou se há uma coisa mais lasciva, traz tanta delícia em beijar quanto a mulher, desejoso todo homem de vê-la” [Catulo].

De forma que se a violência natural do seu desejo não fosse um pouco contido por medo e reverência, o que foi sabiamente inventado para elas nos deixaria a todos envergonhados. Todos os movimentos do mundo resolvem e tendem para essa conjunção; é uma questão amplamente difundida: isto é um núcleo para o qual todas as coisas são dirigidas. Nós ainda vemos os éditos da velha e sábia Roma trazidos para servir o amor e os preceitos de Sócrates para a instrução dos cortesãos:

**“Noncon libelli Stoici inter sericos
Jacere pulvillos amant:”**

“Há escritos dos Estóicos que encontramos repousando em almofadas sedosas” [Horácio].

Zenão, entre suas leis, também regulou os movimentos a ser observados para remover a virgindade. O que era o livro do filósofo Strato ‘Sobre a Conjunção Carnal’? e do que trata Teofrasto nas obras intituladas ‘O Amante’ e ‘Sobre o Amor’? De que fala Aristipo no seu ‘Sobre Antigos Deleites’? O que fazem em Platão tão longas e vívidas descrições dos amores pretensiosos do seu tempo? e o livro chamado ‘O Amante’, de Demétrius Falereu? e ‘Clínias’, ou o ‘O Amante Arrebatado’, de Heráclides; e os de Antístenes, ‘Como Obter Filhos’, ou ‘Sobre Casamentos’ e outro, ‘Sobre o Mestre ou o Amante’? E o de Aristão: ‘Sobre os Exercícios Amorosos’ e os de Cleantes: ‘Sobre o Amor’ e ‘A Arte de Amar’? E os diálogos amorosos de Esfareu? e a fábula de Júpiter e Juno, de Crisipo, impudente além de toda tolerância? E suas cinquenta epístolas tão lascivas? Deixarei de lado apenas as obras dos filósofos da seita de Epicuro, patronos da voluptuosidade. Cinquenta deidades foram, em tempos passados, designadas para esse ofício; e houve nações onde, para suavizar a luxúria daqueles que vinham à devoção, mantinham homens e mulheres nos seus templos para os adoradores com eles dormirem; e era um rito cerimonial fazê-lo antes que fossem às orações:

**“Nimirum propter continentiam incontinentia necessaria est;
Incendium ignibus extinguitur”**

“A incontidência é certamente necessária por causa da continência; uma conflagração é extinta pelo fogo”.

Na maior parte do mundo aquele membro do nosso corpo foi divinizado; na mesma província, alguns esfolavam a pele para dedicar e consagrar um pedaço; outros ofereciam e consagravam seu esperma. Em outro, os jovens cortavam publicamente por entre a pele e a carne daquela parte em vários lugares e enfiavam nas aberturas pedaços de madeira tão longos e grossos quanto podiam admitir, e desses pedaços de madeira depois faziam uma fogueira como oferenda aos seus deuses; e não eram reputados vigorosos nem castos se parecessem atemorizados pela intensidade daquela dor cruel. Em outro lugar o magistrado mais sagrado era reverenciado e reconhecido por aquele membro e em várias cerimônias a efígie daquilo era conduzida em pompa pela honra de diversas divindades. Em seus bacanais cada mulher Egípcia levava uma tora de madeira finamente esculpida sobre o pescoço, tão grande e pesada quanto pudesse carregar; além da qual, a estátua representando o seu deus, cujo tamanho ultrapassava todo o resto do seu corpo [Heródoto diz “quase tão grande quanto o próprio corpo”]. As mulheres casadas, ao se aproximarem do lugar de culto, faziam com seus xales uma figura daquilo na testa, glorificando-se no prazer que têm disso; e vindo a ser viúvas, lançam aquilo para trás e cobrem com suas mantilhas. As mais modestas matronas de Roma pensavam fazer grande honra oferecendo flores e guirlandas ao deus Príapo; e faziam as virgens, no momento da sua adoção, sentarem nas partes vergonhosas dele. Não sei se tenho em meu tempo visto algum aspecto de semelhante devoção. Qual foi o significado daquela ridícula peça de *chaussuye* [bacalhau] de nossos antepassados e isso ainda é usado por nosso Suíços? Com que propósito fazemos exibição de nossos instrumentos figurando por baixo de nossos calções e freqüentemente, o que é pior, acima do seu tamanho natural, por falsidade e impostura? Acredito parcialmente que esse tipo de vestuário foi inventado em épocas melhores e mais conscienciosas, quando o mundo não poderia ser iludido e que cada pessoa deveria dar conta das suas proporções: contudo as nações simples as utilizam e próximas do tamanho real. Nestes dias o alfaiate se ocupa das suas medidas, como agora é o sapateiro quem faz o pé de um homem. Aquele homem de bem que, em minha juventude,

castrou tantas estátuas nobres e antigas na sua grande cidade para que não corrompessem a visão das senhoras, de acordo com o conselho deste outro ancião de mérito:

“Flagitii principium est, nudare inter gives corpora,”

“É o começo da iniquidade expor tais personagens entre os cidadãos” [Ênio, *apud* Cícero]
deveria lembrar-se que, como nos mistérios de Bona Dea, todas as aparências masculinas seriam excluídas (e ele nada fez), se não castrasse os cavalos e asnos, em resumo, toda a natureza:

***“Omne adeo genus in terris, hominumque, ferarumque,
Et genus aequoreum, pecudes, pictaeque volucres,
In furias ignemque ruunt”***

“De forma que todas as coisas vivas, homens e animais, selvagens ou domésticos,
peixes e aves vistosas, precipitam-se em fúria nessa chama do amor” [Virgílio].

Os deuses, diz Platão, nos deram um membro desobediente e incontrolável que, à maneira de um animal furioso, pela violência do seu apetite tenta sujeitar todas as coisas; e assim deram às mulheres algo como uma fera gananciosa e voraz que se não for alimentada na época certa fica selvagem, impaciente pela demora e infundindo a raiva nos seus corpos, interrompe as passagens e impede a respiração, causando mil enfermidades: até depois de ter absorvido o fruto da sede comum, tem copiosamente orvalhada a superfície da sua matriz. Meu legislador [o Papa a quem, como Montaigne descreveu, deu na cabeça castrar as estátuas] também deveria ter considerado que talvez seja mais casto e de mais frutífera utilidade deixá-los conhecer os fatos a tempo do que permitir-lhes adivinhar de acordo com a liberdade e o calor de sua própria fantasia; em vez dos elementos reais eles substituem, através do desejo e da esperança, outros que são três vezes mais extravagantes; e certo amigo meu perdeu-se mostrando o seu num lugar e num momento em que não estava presente a oportunidade para colocá-lo em seu uso mais sério. Que dano não causam esses quadros de dimensão prodigiosa que os meninos fazem nas escadarias e galerias das casas reais? eles oferecem às senhoras um cruel desrespeito por nossos aprestos naturais. E o que sabemos nós de Platão senão que depois de outras repúblicas bem instituídas, ordenou que homens e mulheres, velhos e jovens, se expusessem nus à recíproca visão, nos seus exercícios de ginástica, em vista daquela mesma ponderação? As mulheres da Índia, que observam seus homens no estado natural, pelo menos esfriaram o sentido da visão. E deixe as mulheres do reino de Pegu dizerem o que elas querem, as quais abaixo da cintura não têm nada a cobrir além de um naco de tecido com uma fenda na frente, tão restritas em que a decência e a modéstia que de qualquer forma com isso simulem, a cada passo serão vistas por todos, o que é uma invenção para atrair os homens e desviar dos meninos, pelos quais aquela nação é geralmente inclinada; contudo, talvez com isso elas mais percam do que adquirem e alguém pode aventurar-se a dizer que um apetite completo é mais aguçado do que um já parcialmente saciado pelos olhos. Lívia costumava dizer que para uma mulher virtuosa um homem nu não passava de uma estátua. As mulheres dos Lacedemonianos, mais virgens quando casadas do que são nossas filhas, viam todos os dias os jovens da sua cidade totalmente nus em seus exercícios, pouco se acautelando de cobrir suas coxas ao caminhar, acreditando-se (como diz Platão) suficientemente cobertos pela virtude para necessitar de qualquer outro manto. Mas esses de quem fala Santo Agostinho atribuíram à nudez um maravilhoso poder de tentação que sem dúvida há de fazer as mulheres no dia do julgamento ressuscitarem novamente em seu próprio sexo e não preferivelmente no nosso, temendo outra vez tentar-nos naquela condição sagrada. Em resumo, nós as seduzimos e encarniçamos por todas as espécies de caminho: incessantemente as aquecemos e incitamos a imaginação delas, e então sentimos falta. Vamos admitir a verdade: há escassos entre nós que não fiquem mais apreensivos pela vergonha resultante dos vícios da esposa do que dos nossos próprios e isso não é mais solícito (uma caridade maravilhosa) da consciência da sua esposa virtuosa do que da sua própria; aquele que não cometeu roubos e sacrilégios o bastante e cuja esposa era uma assassina e uma herege, ela não deveria ser mais casta que seu marido: uma injusta avaliação de vícios. Nós e elas somos capazes de mil perversões mais prejudiciais e antinaturais que a luxúria: mas pesamos os vícios não de acordo com a natureza, mas conforme nossos interesses; por tais meios eles assumem tantas formas desiguais.

A severidade de nossos decretos torna a dedicação das mulheres a esse vício mais violenta e viciosa do que requer sua própria condição, engajando-as em conseqüências piores que suas causas: elas prontamente se oferecerão para ir aos tribunais de justiça buscar vantagens e às guerras para adquirir reputação, em lugar de permanecer entre delícias e facilidades, precisando tão penosamente manter-se em guarda. Elas não percebem muito bem que não há comerciante ou soldado que não abandone seu negócio para correr atrás deste esporte, ou zelador ou sapateiro, fatigados e exaustos como estejam com o trabalho e a ansiedade?

***“Num tu, qux tenuit dives Achaemenes,
Aut pinguis Phrygiae Mygdonias opes,
Permutare velis crine Licymnim?
Plenas aut Arabum domos,
Dum fragrantia detorquet ad oscula
Cervicem, aut facili sxvitia negat,
Quae poscente magis gaudeat eripi,
Interdum rapere occupet?”***

“Tu não trocarias todas aquelas riquezas que os Armênios têm, ou as riquezas dos Migdonianos da fértil Frígia, por uma pequena madeixa dos cabelos de Licínia? ou os tesouros dos Árabes, quando ela vira a cabeça para dar-te fragrantos beijos, ou com raiva facilmente suavizada os nega e que sem dúvida ela antes vai tomar de ti pela força e por vezes arrebatá-lo!” [Horácio].

Não sei se as façanhas de César e Alexandre realmente ultrapassam a resolução de uma jovem bonita, criada à nossa maneira, sob a luz e o comércio do mundo, assaltada por tantos exemplos opostos e ainda se mantendo ileso no meio de mil

solicitações poderosas e ininterruptas. Não há comportamento mais difícil e efetivo do que nada fazer: eu asseguro que é mais fácil alguém carregar um traje blindado [armadura] todos os dias da sua vida do que um hímen; e o voto de virgindade é entre todos os outros o mais nobre, assim como o mais difícil de manter:

“Diaboli virtus in lumbis est,”

, diz São Jerônimo. Nós indubitavelmente consignamos às mulheres o mais difícil e vigoroso de todos os esforços humanos e também nos conformamos em resignar-lhes a glória. Isso deveria encorajar aquelas que mais fossem obstinadas; é uma coisa ousada para que nos desafiem e rejeitem a pontapé o que a vã preeminência de valor e virtude simulamos ter sobre elas; descobrirão que nada mais fazemos senão observá-las, que elas não serão apenas muito mais respeitadas por isso, mas também muito mais amadas. Um homem garboso não desiste da sua perseguição por ser recusado, contanto que seja uma recusa por castidade e não de escolha; nós podemos jurar, podemos ameaçar e podemos reclamar muito a propósito; nisso nada fazemos além de mentir, porque nós tanto melhor as amamos: não há nenhum atrativo como a modéstia, se não for acre e descortês. É estupidez e maldade obstinar-se contra o ódio e o desdém; mas contra uma resolução constante e virtuosa, mesclada com benevolência, este é o exercício de uma alma nobre e generosa. Elas podem reconhecer nosso serviço até um certo grau e civilmente dar-nos a entender que não nos desprezam; pois a lei que ordena nos abominar porque as adoramos e nos odiar porque as amamos, é certamente muito cruel, se a dificuldade for tal objeção. Por quê elas não deveriam dar ouvidos a nossas ofertas e solicitações, enquanto são mantidas dentro dos limites da modéstia? por quê deveríamos imaginá-las tendo outras idéias e serem piores do que parecem? Uma rainha de nossos tempos disse, com muito espírito, que “recusar essas cortesias é um testemunho de fraqueza das mulheres e uma auto-acusação de simplicidade, e que uma senhora não pode ostentar sua castidade quando nunca foi posta à prova”.

Os limites da honra não são podados tão rente; eles podem dar a si mesmos alguma rédea e relaxar um pouco sem mostrar-se defectíveis: na fronteira jaz algum espaço livre, neutro e indiferente. Quem a procurou e bateu na sua fortaleza é um sujeito estranho se não estiver satisfeito com sua fortuna: o valor da conquista é estimado pela dificuldade. Você saberia dizer que impressão seus méritos e préstimos alcançaram no coração dela? Julgue disso pelo comportamento dela. Tal pessoa pode conceder mais, mas não tanto. A obrigação de um benefício é completamente restrita à boa vontade daqueles que o conferem: as outras circunstâncias coincidentes são tolas, insípidas e casuais; custa mais caro a ela conceder aquele pouco do que ao seu companheiro conceder tudo. Se em qualquer coisa a raridade atribui apreciação, deve ser especialmente nisto: não considere o quão pouco disso é dado, mas quão poucos tem isso para dar; o valor do dinheiro muda de acordo com a cunhagem e o sinete do lugar. Seja qual for o despeito e a indiscrição que alguns possam manifestar para expressar seu excessivo descontentamento, a verdade e virtude em tempo haverão de recuperar toda a primazia. Soube de alguns cuja reputação tem por longo tempo sofrido sob difamação, a qual foi depois restabelecida pela geral aprovação do mundo através da mera persistência deles, sem cuidado ou artifício; cada um se arrepende e se dá repouso pelo que acreditou e disse; e de meninas um pouco suspeitas posteriormente avançaram até o primeiro grau entre as senhoras honradas. Alguém contou a Platão que todo mundo falava mal dele. Ele disse: “deixe que falem; eu viverei para vê-los mudarem de idéia”. Além do temor de Deus e do valor de glória tão rara, que deveria fazê-los olhar para si mesmos, a corrupção da época em que vivemos os compele a isso; e se estivesse entre eles, não há nada que eu não preferiria fazer do que confiar minha reputação a tão perigosas mãos. No meu tempo o prazer de contar (um prazer pouco inferior ao de fazer) não era permitido senão para aqueles que tinham algum amigo fidedigno e único; mas agora os discursos ordinários e as triviais conversas de mesa nada mais são além da ostentação de favores recebidos e da secreta liberalidade de senhoras. Sinceramente, é muito abjeto, uma grande perversidade de espírito, se submeterem os homens a tal ingratidão e indiscrição; por leviandade as pessoas assim se devotarem a perseguir, pilhar e furtar esses ternos e encantadores favores.

A nossa imoderada e ilegítima exasperação contra este vício salta da mais vã e turbulenta enfermidade que aflige as mentes humanas, que é o ciúme:

“Quis vetat appposito lumen de lumine sumi?”

Dent licet assidue, nil tamen inde perit;”

“Quem diz que uma lâmpada não deveria ser iluminada por outra luz?

Deixe-os dar o máximo e ainda muito ficará para perder” [Ovídio]

; ele e a inveja, sua irmã, me parecem ser os mais tolos de todo o rebanho. Quanto à última, pouco posso dizer sobre ela; é uma paixão que, embora se diga ser tão enérgica e poderosa, nunca teve a ver comigo. Quanto ao outro, conheço-o através da visão e isso é tudo. As bestas sentem isso; tendo o pastor Crátis se apaixonado por uma cabra, veio o bode enciumado, quando ele estava adormecido, marrou a cabeça da fêmea e a esmagou. Nós elevamos essa febre ao maior excesso através dos exemplos de algumas nações bárbaras; as mais bem disciplinadas foram tocadas por ela e por esta razão, mas não arrebatadas:

“Ense maritali nemo confossus adulter

Purpureo Stygias sanguine tinxit aquas”

“Nunca fez um marido adúltero morrer manchando com sangue purpúreo as águas do Estige”.

Lúculo, César, Pompeu, Antônio, Catão e outros homens valentes foram corneados — e sabiam disso — sem fazer qualqueravoroço a respeito; havia naqueles dias um janota, Lépido, que morreu de aflição porque a esposa o havia tratado assim.

“Ah! tum te miserum malique fati,

Quem attractis pedibus, patente porta,

Percurrent raphanique mugilesque:”

“Homem miserável! quando, flagrado no ato, serás arrastado através da porta pelos calcanhares e sofrerás o castigo pelo teu adultério” [Catulo]

e o deus de nosso poeta, quando surpreendeu um dos companheiros com sua esposa, satisfez-se apenas em envergonhá-los,

***“Atque aliquis de dis non tristibus optat
Sic fieri turpis:”***

“E um dos deuses joviais desejaria que ele gostasse de ser assim desgraçado” [Ovídio]
; e não obstante tenha raiva dos mornos abraços que ela lhe deu, por causa disso reclamando que ela havia aumentado o ciúme da sua afeição:

***“Quid causas petis ex alto? fiducia cessit
Quo tibi, diva, mei?”***

“Procura por causas de cima? Por quê, deusa, sua confiança em mim acabou?” [Virgílio]
; não, ela pede armas para um bastardo seu,

“Aena rogo genitrix nato”

“Eu, uma mãe, peço armadura para um filho” [Idem]

; que é livremente concedida; e Vulcano fala honrosamente de Aeneas,

“Arma acri facienda viro,”

“As armas são construídas para um herói valoroso” [Idem]

; com, na verdade, a mais humana benevolência. E estou propenso a deixar esse excesso de bondade para os deuses:

“Nec divis homines componier aequum est”

“Nem é adequado aos homens comparar-se aos deuses” [Catulo].

Sobre a confusão de filhos, além do que os legisladores mais sérios ordenam e afetam em suas repúblicas, isso não toca às mulheres, onde está essa paixão, não sei como, muito melhor assentada:

***“Saepe etiam Juno, maxima coelicolam,
Conjugis in culpa flagravit quotidiana”***

“Frequentemente estava Juno, a maior entre as moradoras do céu, enfurecida pelas infidelidades diárias do marido” [Idem].

Quando o ciúme agarra essas pobres almas, débeis e incapazes de resistência, é lamentável constatar como as atormenta e tiraniza; insinua-se nelas a título de amizade, mas depois que as possuem uma vez, as mesmas causas que nelas serviram de fundamento para a boa vontade prestam-se de base a um ódio mortal. Esta é, de todas as enfermidades da mente, aquela para a qual mais coisas servem de alimento e menos como remédio: a virtude, a saúde, o mérito e a reputação do marido instigam sua fúria e má vontade:

“Nullae sunt inimicitiae, nisi amoris, acerbae”

“Nenhum inimigo é amargo, salvo aquele do amor”

(ou) “Nenhum ódio é implacável exceto o ódio do amor” [Propércio].

Essa febre deforma e corrompe ainda mais tudo o que elas têm de bom e bonito; e há nenhuma ação de uma mulher ciumenta, por mais que seja casta e boa dona de casa, que não tenha o sabor de raiva e disputa; esta é uma furiosa agitação que nelas repercute num extremo absolutamente contrário à sua causa. Isso estava bem de acordo com um dos Otávios de Roma. Tendo dormido com Pôntia Postúmia ele aumentou o amor com a fruição e com toda a importunidade solicitou-a em casamento; incapaz de persuadi-la, esse afeto excessivo precipitou-o na direção do ódio mais cruel e mortal: ele a assassinou. De certa forma os sintomas ordinários desta outra doença amorosa são ódio intestino, conspirações privadas e cabalas:

“Notumque furens quid faemina possit,”

“Sabe-se o que uma mulher zangada é capaz de fazer” [Virgílio]

; e uma raiva que tanto mais aflige a si mesma quanto é compelida a se desculpar, como um pretexto de boa vontade.

Agora, o dever da castidade é de uma vasta extensão; é pela vontade que haveremos de contê-la? Isso é uma coisa muito ativa e maleável; algo muito ágil para permanecer. Como? se sonhos às vezes os prendem tão longe que eles não podem negá-los: não está neles nem, talvez, na própria castidade, vendo que isso é uma fêmea, defender-se da luxúria e do desejo. Se vamos confiar apenas na vontade deles, em que situação estaremos então? Imagine que aglomerado haveria entre os homens em conseqüência do privilégio de correr em velocidade máxima, sem língua nem olhos, nos braços de cada mulher que os aceitassem. As mulheres dos Citas removeram os olhos de todos os seus escravos e prisioneiros de guerra para que deles pudessem obter prazer e eles nunca a sabedoria. Oh, a furiosa vantagem da oportunidade! Se alguém me perguntasse qual seria a primeira coisa a considerar em matéria de amor, responderia que era como levar um tempo próprio; e assim o segundo; e assim o terceiro: esse é um atributo que tudo pode fazer. Às vezes desejei sorte, mas também às vezes tenho querido para mim mesmo em relação à experiência. Deus o ajuda, quem contudo dá somenos importância a isso! Nesta nossa época se requer maior temeridade, a qual nossos jovens escusam sob o nome de ardor; mas se as mulheres examinassem isso mais estritamente, constatariam que antes procede do desprezo. Sempre tive um temor supersticioso de afrontar e invariavelmente tinha um grande respeito por aquela que eu amava: além disso, quem nesse tráfico deduz a reverência, ao mesmo tempo deforma o seu brilho. Sigo nesta questão sendo um homem um pouco infantil, tímido e submisso. Se não isto, tenho em outras coisas um completo acanhamento e o ar um pouco tolo ao qual Plutarco se refere; e o curso da minha vida foi por diversos meios prejudicado e marcado com isto; uma qualidade muito ruim revestindo minha forma universal: realmente, o que é em nós além de sedição e discrepância? Fico tão desconcertado de negar quanto por ser rejeitado; e tanto me aborrece incomodar a outros que, nas oportunidades quando o dever me compele a tentar a boa vontade de qualquer um sobre uma coisa que é duvidosa e será onerosa para ele, faço isso muito indolentemente e muito contra a minha propensão: mas se é em meu próprio interesse (por mais que Homero realmente afirme que numa pessoa indigente a modéstia é uma virtude tola), geralmente submeto isso a uma terceira pessoa para ela se ruborizar por mim e repilo aqueles que me empregam com o mesmo impedimento;

de forma que por vezes me sucedeu ter a idéia de negar, quando não tive capacidade para fazê-lo.

Esta é a loucura, então, de tentar refrear nas mulheres um desejo que nelas é tão poderoso e natural. E quando as ouço se vangloriarem de possuir uma vontade assim tão branda e modesta, rio delas: elas já se retiraram há muito tempo. Se um velho é um trotador desdentado, ou um jovem seco uma coisa consumível, entretanto não é de se acreditar completamente, pelo menos eles dizem isso com mais similitude de verdade. Mas aqueles que ainda se movem e respiram, falando naquela medida ridícula em seu próprio prejuízo, em razão de que as desculpas imprudentes são uma espécie de auto-acusação; como um cavalheiro, vizinho meu, suspeito de ser insuficiente:

***“Languidior tenera cui pendens sicula beta,
Numquam se mediam sustulit ad tunicam,”***

[versos de Catulo; o sentido está no contexto]

quem, três ou quatro dias depois de se casar, para justificar-se continuou a jurar atrevidamente que havia montado vinte encenações na noite anterior: um juramento de que se utilizou depois para condenar sua ignorância naquela função e divorciar-se da esposa. Além do mais nada significa, pois não há continência nem virtude onde não existe um desejo oposto. É verdade, eles podem dizer, mas nós não nos renderemos; os próprios santos falam daquela maneira. Refiro-me a esses que ostentam em boa seriedade a sua frieza e insensibilidade e que esperam ser acreditados com um semblante grave; pois quando isso é mencionado com um olhar afetado, quando seus olhos concedem a mentira às suas línguas e quando eles falam no jargão da sua profissão, que é sempre fonte de irritação, isso é uma boa distração. Sou um grande servo da liberdade e da simplicidade, senão não há remédio algum; se não completamente simples ou infantis, são essas senhoras simplórias e impróprias para esse comércio e agora chocam pelo descaramento. Seus disfarces e figurações servem apenas para tapar os tolos; lá a mentira tem seu assento de honra; esse é um caminho secundário que conduz à verdade através de uma porta dos fundos. Se não pudermos restringir a sua imaginação, o que faríamos com eles. Resultados? Há o suficiente deles que evitam toda comunicação estrangeira, através da qual a castidade pode vir a ser corrompida:

“Illud saepe facit, quod sine teste facit;”

“Ele freqüentemente faz o que faz sem uma testemunha” [Marcial]

e esses que menos tememos são, possivelmente, os mais temíveis; seus pecados menos barulhentos são os piores:

“Offendor maecha simpliciore minus”

“Fico menos ofendido com a prostituta mais declarada” [Idem].

Há maneiras pelas quais elas podem perder sua virgindade sem prostituição e o que é mais, sem o seu conhecimento:

“Obsterix, virginis cujusdam integritatem manu velut

Explorans, sive malevolentia, sive incitia, sive casu, dum

Inspicit, perdidit”

“Por malevolência, inabilidade ou acidente, a parteira, buscando com a mão testar a virgindade de alguma moça, por vezes a destruiu” [Santo Agostinho].

Num caso, buscando pela virgindade dela, a perdeu; em outro, brincando com ela, a destruiu. Não podendo circunscrever precisamente as ações, nós as interdítamos; elas têm que adivinhar o que queremos dizer sob expressões genéricas e duvidosas; a própria idéia que excogitamos para a castidade delas é ridícula: pois, entre os melhores padrões de que disponho está Fatua, esposa de Fauno: quem jamais, depois do seu casamento, se permitiu ser vista por qualquer outro homem; e a esposa de Hierão que nunca percebeu como tresandava o hálito do marido, imaginando que era um fato comum a todos os homens. Elas devem permanecer invisíveis e insensíveis para nos satisfazer.

Deixe-nos agora confessar que o nó desse juízo de dever reside principalmente na vontade; houve maridos que se submeteram ao adultério, não apenas sem censurar ou levar como ofensa de suas esposas, mas como uma singular obrigação para elas e grande recomendação da sua virtude. Tal mulher foi quem estimou sua honra acima da própria vida e ainda prostituiu-se à furiosa luxúria de um inimigo mortal, visando salvar a vida do marido e que, assim procedendo, fez por ele o que não teria feito por si mesma! Este não é o lugar em devemos multiplicar tais exemplos; eles são muito ricos e elevados para que sejam fixados com tão pobre destaque como posso dar-lhes aqui; vamos reservar um lugar mais nobre para eles; mas como exemplos de brilho ordinário, não vemos diariamente entre nós mulheres que se entregam em benefício exclusivo dos maridos e por sua expressa ordem e mediação? e, entre os antigos, Fáulio, o Argiano, que ofereceu a sua ao rei Filipe sem qualquer ambição; como Galba revelou civilidade quando, tendo entretido Mecenas no jantar e observando que ele e sua esposa começaram a lançar olhares significativos e fazer sinais um ao outro, deixou-se afundar em sua almofada como alguém em sono profundo, para dar vazão aos desejos deles: o que ele admitiu com elegância, pois tendo logo após um criado impudente agarrado um prato sobre a mesa, ele exclamou francamente: “o quê, seu velhaco? você não vê que eu durmo apenas por Mecenas?” Podem haver aqueles cujos modos sejam bastante lascivos, mas podem ser melhor corrigidos que outros, os quais se conduzem exteriormente da maneira mais regular. Observamos alguns que reclamam ter jurado castidade antes de saberem o que haviam feito; eu realmente também soube de outros que se queixavam por terem sido levados à devassidão antes que passassem os anos de discricção. O vício dos pais ou o impulso da natureza, que é um conselheiro ríspido, pode ser a causa.

Nas Índias Orientais, onde a castidade é de reputação singular, contudo ainda costumam permitir que uma mulher casada se prostitua a qualquer um que se apresente com um elefante, e com exaltação, por ter sido avaliada em tão alto conceito. O filósofo Fedão, um homem de nascimento, depois da tomada de sua Elis natal fez ofício de prostituir a beleza da sua juventude, enquanto durou, para qualquer um que desejasse, pelo dinheiro através do qual ganhar sua vida: e de Sólon, que foi o primeiro da Grécia, diz-se que através das leis concedeu liberdade às mulheres, à custa da castidade delas, para proverem as necessidades da vida; um costume que segundo Heródoto fora reconhecido em muitos governos antes do seu tempo. Além disso, que fruto

há nessa dolorosa solicitude? Pois que justiça de qualquer maneira pode existir nessa paixão, nós ainda temos de considerar se devemos ou não admitir: alguém cogita restringi-los, com toda a sua indústria?

***“Pone seram; cohibe: sed quis custodiet ipsos
Custodes? cauta est, et ab illis incipit uxor”***

**“Coloque uma fechadura; mantenha-a sob guarda; mas quem vigiará o
vigia? ela conhece a sua disposição e começa com ele” [Juvenal].**

Que comodidade não servirá ao propósito delas, numa época tão esclarecida?

A curiosidade é viciosa em qualquer situação, mas aqui é ainda mais pernicioso. É loucura examinar uma doença para a qual não há remédio que não inflame e torne pior; da qual a vergonha cresce ainda maior e mais pública pelo ciúme e da qual a vingança mais fere nossos filhos do que nos cura. Você definha e morre na busca de prova tão obscura. Quão miseravelmente eles têm em meu tempo chegado àquele conhecimento sobre o qual fizeram tão infeliz descoberta? Se o informante não aplica um remédio e ao mesmo tempo traz alívio, essa é uma informação injuriosa e aquele merece mais uma punhalada que o descanso. Nós não rimos menos daquele que se esforça para preveni-lo do que desses que já são cornos e não sabem. O caráter de corno é indelével: quem foi uma vez leva isso à sepultura; o castigo o apregoa ainda mais que a falta. É muito a propósito tirar nossos infortúnios privados da dúvida e da obscuridade, por isso os expomos em trágicos cadafalsos; e sendo conhecidos apenas os infortúnios que nos feriram; porque nós dizemos ter uma boa esposa ou um matrimônio feliz, não porque sejam realmente assim, mas porque ninguém diz o contrário. Os homens deveriam ser muito discretos quanto a esquivar-se desse conhecimento atormentador e improdutivo: os Romanos tinham por hábito, ao voltar de qualquer expedição, mandar antes avisar as esposas em casa da sua chegada, para que não as pegassem de surpresa; e foi com este intuito que certa nação introduziu o costume do sacerdote, no dia do casamento, abrir o caminho para a noiva, livrando o marido da dúvida e da curiosidade de examinar no primeiro ataque se ela vinha virgem à sua cama ou já esteve antes no comércio.

Mas o mundo deseja falar. Sei de cem homens honrados que foram corneados, honesta e não inconvenientemente; um homem merecedor é deplorado, mas não depreciado por isso. Ordene de forma que sua virtude possa conquistar seu infortúnio; os homens de bem podem amaldiçoar a situação e aquele que o prejudica pode tremer mas nem pensar a respeito. Além disso, quem escapa de ser falado pela mesma razão, do menor até o maior?

***“Tot qui legionibus imperitavit
Et melior quam to multis fuit, improbe, rebus”***

**“Muitos que comandaram legiões, muitos homens de
longe melhores que você, seu cafajeste” [Lucrécio].**

Vejas quantos homens honestos são por isso reprochados em tua presença; acredites que não és mais poupado em outro lugar. Mas as próprias mulheres também estarão rindo; e do que elas são tão capazes de rir nesta nossa era virtuosa como de um matrimônio pacífico e bem conduzido? Cada uma entre vocês fez alguém de corno; e a natureza corre muito em paralelos, em compensação, e vira e volta. A freqüência desse acidente desde então deve ser longa para tornar isso mais fácil; agora isto passou a ser costume.

Miserável paixão! que além de tudo isso, também é incomunicável,

“Fors etiam nostris invidit questibus aures;”

“Também a fortuna recusa-se a ouvir nossas queixas” [Catulo]

; para que o amigo ouse confiar suas aflições, se não rirá dele, não fará uso da ocasião para obter participação na mina? As dores do casamento, bem como suas doçuras, são conservadas em segredo pelo sensato; e entre suas outras condições incômodas há também ter um companheiro tagarela, como eu sou, que costuma tornar-se indecente e prejudicial comunicando a todo mundo aquilo que um homem sabe e tudo o que ele sente. Dar às mulheres o mesmo conselho contra o ciúme seria muito tempo perdido; elas são mesmo seres tão compostos de suspeita, vaidade e curiosidade que não há expectativa de curá-las por qualquer meio legítimo. Elas amiúde se recuperam dessa fraqueza através de uma espécie de saúde a ser muito mais temida que a própria doença; pois como ali há encantos que não podem assumir o mal senão lançando-o alhures, elas sempre o transferem aos maridos, também de boa vontade, quando deles se livram. E ainda não sei, para falar a verdade, se um homem pode delas sofrer algo pior que o seu ciúme; esta é a mais perigosa de todas as suas condições, como a é cabeça para todos os seus membros. Dizia Pitaco [apud Plutarco] que cada um tinha os seus problemas e que dele era o raciocínio ciumento da esposa; mas pelo qual ele deveria achar-se perfeitamente feliz. Seguramente uma poderosa inconveniência, com a qual poderia envenenar a vida inteira tão justo, sábio e valoroso homem; o que nós outros, pequenos companheiros, devemos imitar? O senado de Marselha estava certo em atender o pedido de alguém que pediu licença para se suicidar porque assim poderia se libertar do alarido queixoso da esposa; pois essa é uma injúria que nunca pode ser afastada senão removendo a peça toda; e isso não tem remédio algum além da fuga ou da paciência, conquanto ambos muito difíceis. Parece ter sido um sujeito compreensivo aquele que disse: “era um casamento feliz entre uma esposa cega e um marido surdo”.

Vamos também avaliar se a grande e violenta severidade da obrigação a que nos sujeitamos não produz dois efeitos contrários ao nosso desígnio, se não torna o perseguidor mais ansioso pelo ataque e as mulheres mais fáceis de se submeter. Quanto ao primeiro, elevando o valor do lugar elevamos o valor e o desejo da conquista. Não poderia ser a própria Vênus quem assim astuciosamente aumentou o preço da sua mercadoria, instituindo leis para as suas alcoviteiras; sabendo o quão insípida seria uma delícia que não fosse salientada pela fantasia e custosa para alcançar? Em resumo, esta é a mesma carne de todos os suínos, variando por meio dos molhos, como disse o anfitrião de Flaminio. Cupido é um deus malicioso que faz do seu divertimento competir com a devoção e a justiça: esta é a glória que o seu poder acasala todos os poderes e que todas as outras regras dão lugar à sua:

“Materiam culpae prosequiturque suae”

“E procura um assunto (motivo) para os seus crimes” [Ovídio].

Quanto ao segundo ponto; não haveríamos de ser menos corneados se fôssemos menos temidos? conforme o humor da mulheres a quem a interdição estimula e que são mais afoitas, sendo proibido:

“Ubi velis, nolunt; ubi nolis, volunt ultro;

Concessa pudet ire via”

“Onde tu desejas, elas não vão; onde não queres, concordam espontaneamente; elas ficam envergonhadas de trilhar o caminho permitido” [Terêncio].

Que melhor interpretação podemos fazer do comportamento de Messalina? Ela, no princípio, fez do marido um corno em segredo, como é o uso comum; mas, provocando o negócio dela com muita facilidade, por causa da estupidez do marido, ela logo desprezou aquele caminho e então passou a fazer amor abertamente, possuir seus amantes, favorecê-los e entretê-los à vista de todos: ela o faria saber e veria como foi usado. Esse animal, não acordando com tudo isso e tornando os prazeres dela entorpecidos e monótonos com sua muito estúpida facilitação, pelo que parecia autorizá-los e legalizá-los; o que ela faz? Sendo a esposa de um imperador vivo e saudável, e em Roma, o teatro do mundo, em face do sol e numa cerimônia solene, diante de Sílio — que muito tempo antes a havia desfrutado — ela se casou publicamente num dia em que o marido teve de sair da cidade. Não parece como se ela fosse tornar-se casta pela negligência do marido? ou ela buscou outro marido que pudesse aguçar seu apetite com o ciúme dele e que assistindo deveria incitá-la? Mas a primeira dificuldade com que ela se deparou foi também a última: a besta repentinamente despertada da modorra, essa variedade lerda de homem é freqüentemente a mais perigosa: eu descobri por experiência que essa suprema tolerância, quando vem a dissolver-se, produz a vingança mais severa; por assumir um súbito fogo, raiva e fúria, todos combinados em um, descarregam sua extrema força no primeiro acesso,

“Irarumque omnes effundit habenas:”

“Ele libertou toda a sua fúria” [Virgílio]

; ele mandou executá-la e com ela um grande número daqueles com quem ela tinha entendimento e até mesmo um que não pôde evitá-la, a quem ela havia forçado à sua cama com açoites.

O que Virgílio diz de Vênus e Vulcano, Lucrécio tinha expressado melhor de um prazer roubado entre ela e Marte:

“Belli fera moenera Mavors

Armipotens regit, ingremium qui saepe tuum se

Rejicit, aeterno devinctus vulnere amoris

.....

Pascit amore avidos inhians in te, Dea, visus,

Eque tuo pendet resupini spiritus ore

Hunc tu, Diva, tuo recubantem corpore sancto

Circumfusa super, suavis ex ore loquelas

Funde”

“Marte, o deus da guerra, que controla as cruéis tarefas da batalha, amiúde reclina em teu seio e sofregamente bebe o amor de ambos os teus olhos, subjugado pela eterna ferida do amor: e a respiração dele, quando repousa beijando teus lábios; dobrando tua cabeça em cima dele assim como ele descansa em tua sagrada pessoa, vertendo doces e persuasivas palavras” [Lucrécio].

Quando eu considero esses *rejicit, fiascit, inhians, ynolli, fovet, medullas, labefacta, pendet, percurrit* e aquela nobre *circumfusa*, a mãe da excelsa inspiração, desdenho essas pequenas discussões e insinuações verbais que desde então foram produzidas. Essas pessoas de mérito não careceram de sutileza alguma para disfarçar o seu significado; sua linguagem é inequívoca, plena de natural e contínuo vigor; eles são todos epigramas; não somente o rabo, mas cabeça, corpo e pés. Não há nada forçado, nada lânguido; tudo mantém o mesmo passo:

“Contextus totes virilis est;

Non sunt circa flosculos occupati”

“Todo o contexto é varonil; eles não se ocupam com algumas flores de retórica” [Sêneca].

Essa não é uma eloquência branda e exclusivamente sem ofensa; é nervosa e sólida, que não tanto agrada quanto preenche e enleva as maiores mentes. Quando vejo essas valentes formas de expressão, tão vivas, tão profundas, não digo que são bem expressas, mas bem pensadas. Esta é a vivacidade da imaginação que expande e eleva as palavras:

“Pectus est quod disertum Tacit”

“O coração faz o homem eloquente” [Quintiliano].

Nosso povo chama de linguagem, discernimento e boas palavras, concepções completas. Este quadro não é tanto sustentado pela destreza manual quanto por mais vividamente manter o objeto impresso na alma. Galo fala simplesmente porque ele simplesmente concebe: Horácio não se contenta com uma expressão superficial; isso iria trai-lo; ele vê as coisas mais longe e com maior clareza; sua mente se divide revisando minuciosamente o depósito de palavras e figuras por meio das quais expressar-se e ele deve tê-las mais que ordinário, porque sua concepção é assim. Plutarco diz que vê a língua Latina através das coisas: o mesmo se dá aqui: o sentido ilumina e produz as palavras, não mais palavras de vento, mas de carne e osso; elas significam mais do que expressam. Além disso, aqueles que não estão bem qualificados em uma linguagem apresentam alguma imagem dela; pois na Itália eu disse tudo que tinha na mente num discurso comum, mas em conversa mais séria não usaria confiar em mim mesmo com um idioma que não pudesse arejar e desviar do seu passo habitual; eu precisaria ser

capaz de introduzir algo de mim mesmo.

A manipulação e a expressão vocal das inteligências refinadas são os fatores que destacam o idioma; não tanto por inová-lo quanto colocá-lo a serviço de temas mais vigorosos e diversificados, puxando, dobrando e adaptando-o a eles. Eles não criam palavras mas as enriquecem, dando-lhes densidade e significado pelo uso que a elas atribuem, ensinando-lhes movimentos invulgares, mas sobretudo engenhosa e discretamente. E quão pouco desse talento é concedido em tudo que manifestam os muitos escrevinhadores Franceses desta época: eles são corajosos e orgulhosos o bastante para não seguir a estrada comum, mas o desejo de inventar e a discrição os arruina; nada se vê em seus escritos além da desditosa afetação de um estilo novo e estranho, com insensíveis e absurdos rebuços que, em vez de elevar, deprimem o tema: contanto que possam se iludir com palavras novas, não se preocupam com o que elas significam; e para trazer uma nova palavra pela cabeça e ombros eles abandonam as antigas, muito freqüentemente mais musculosas e significativas que as outras.

Há bobagens o bastante em nosso idioma, mas é errado ignorá-las: pois nada se poderia fazer de nossas expressões relativas a caça e guerra, o que seja uma terra produtiva, sem pedir emprestado; e as formas de falar, assim como as ervas, melhoram e crescem mais fortes sendo transplantadas. Acho-a suficientemente abundante, mas não suficientemente flexível e vigorosa; ela geralmente cede sob um conceito poderoso; se quiser conservar a dignidade do seu estilo você freqüentemente perceberá que ela esmorece e define: é quando o Latim intercede para seu alívio, como a outros faz o Grego. Em algumas dessas palavras que há pouco escolhi não podemos tão facilmente discernir a energia, em razão de que seu uso freqüente tem de alguma forma aviltado a sua beleza, tornando-as comuns; como em nossa linguagem ordinária há muitas frases e metáforas excelentes a ser encontradas, cuja beleza está murcha pela idade e as cores sujas devido à manipulação corriqueira; mas nada minimiza a satisfação de um homem compreensivo, nem o faz derrogar a glória desses autores antigos que, é bem provável, primeiro trouxeram aquele brilho a tais palavras.

As ciências tratam das coisas com muito refinamento, por um meio artificial, muito diferente do caminho comum e natural. Minhas páginas promovem o amor e o compreendem; mas leia Léo Hebreu e Ficino onde eles falam de amor, seus pensamentos e ações: ele não o compreendem. Não encontro em Aristóteles a maior parte dos meus movimentos usuais; lá eles estão encobertos e disfarçados com outros trajes para uso das escolas. Como eles andam depressa! eu era do comércio e vou antes naturalizar o artificial do que eles artificializam a natureza. Vamos deixar deixar Bembo e Equícola sozinhos.

Quando escrevo, posso muito bem dispensar a companhia e a recordação dos livros para que eles não venham a interromper o meu progresso; e também, na verdade, os melhores autores são muito humildes e me desencorajam: tenho muito da mente do pintor que, tendo representado pobremente a maioria dos galos, incumbiu todos os meninos de não deixarem nenhum galo natural entrar em sua loja; e teve certa necessidade de atribuir-se um pouco de brilho, como na história do músico Antigenides o qual, quando lhe pediam para cantar ou tocar, tomava o prévio cuidado de que o auditório fosse, antes ou depois dele, saciado por alguns outros músicos medíocres. Mas dificilmente posso passar sem Plutarco: ele é tão universal e tão completo em todas as ocasiões; por mais extravagante que seja o assunto que você tem em mãos ele ainda estará ao seu alcance e lhe oferecerá um liberal e inexaurível leque de riquezas e embelezamentos. Vexa-me vê-lo assim exposto para ser espoliado por aqueles que estão familiarizados com ele: dificilmente consigo lançar um olho sobre ele senão para furtrar uma coxa ou uma asa.

E também para esse meu propósito é conveniente que eu escreva em casa, numa região selvagem onde não tenho ninguém para me assistir ou aliviar; onde vejo homens que entendem apenas o Latim do seu *Paternoster* e de Francês um pouco menos. Eu poderia tê-lo feito melhor em outro lugar, entretanto o trabalho teria sido menos meu e seu principal objetivo e perfeição é exatamente ser meu. Prontamente corrijo um erro acidental, de que estou cheio, pois discorro negligentemente; mas as minhas ordinárias e constantes imperfeições, é uma forma de traição pôr para fora. Quando outro me fala ou eu digo a mim mesmo: "Tu és muito parco de imagens; esta é uma palavra principal rude da Gascônia; isso é uma frase perigosa (eu não rejeito nenhuma das que são usadas nos logradouros públicos da França; aquelas que confrontariam os costumes com a gramática são insignificâncias); este é um discurso ignorante; aquele é um discurso paradoxal; isso vai muito longe; te fazes por vezes demasiado alegre; os homens pensarão que dissesstes uma coisa bem séria quando só proferes gracejos". " Sim, eu sei, mas eu corrijo as faltas de inadvertência, não aquelas do costume. Não falo à mesma razão por toda a parte? Não me patenteio à vida? Fiz o bastante do que havia me proposto; todo mundo me conhece em meu livro e meu livro em mim".

Veza por outra apresento uma qualidade simiesca, imitativa; quando escrevia versos (e nunca os fiz senão em Latim), eles evidentemente revelavam o último poeta que eu havia lido e alguns de meus primeiros Ensaios têm um sabor um tanto exótico: em Paris emprego um tipo de linguagem diferente daquela de Montaigne. Seja o que for que eu olhe fixamente, com facilidade deixa um pouco da sua impressão em mim; tudo o que contemplo eu usurpo, seja um semblante tolo, um olhar desagradável ou um modo ridículo de falar; e os vícios acima de tudo, porque eles me agarram, aderem a mim e não partem sem estremecimento. Praguejo mais por imitação do que por compleição: uma imitação assassina, assim como a dos macacos terríveis em força e estatura que Alexandre encontrou em certa região da Índia, os quais teve muita dificuldade para subjugar de qualquer outro jeito; mas eles alexandriaram os meios pela sua tendência de imitar tudo que viam os outros fazerem: pois os caçadores foram ensinados a calçar sapatos à vista deles e amarrá-los rapidamente com muitos nós, abrigar suas cabeças com bonés constituídos de laços corrediços e fingir esfregar cola nos olhos; assim fizeram aquelas pobres bestas empregarem sua imitação para a própria ruína quando colaram os próprios olhos, se amarraram e se enforcaram. A outra faculdade de arremedar e engenhosamente copiar as palavras e gestos de outros, com o propósito de divertir as pessoas e elevar a sua admiração, para mim nada mais é que uma coisa estúpida. Quando presto meu próprio juramento, basta isso, por Deus! de todos os juramentos o mais direto. Dizem que Sócrates jurava pelo cachorro; Zenão costumava empregar em seu juramento a mesma interjeição ora em uso entre os Italianos: *Cappari!* Pitágoras jurava pela água e pelo ar. Sou tão capaz, sem pensar nisto, de receber essas impressões superficiais, que se tiver Majestade ou Alteza três dias seguidos em minha boca, oito dias depois elas sairão no lugar

de Excelência e Senhor; e o que hoje digo como pilhéria e zombaria, amanhã direi o mesmo com seriedade. Portanto, ao escrever, é de má vontade que empreendo os argumentos mais batidos, a fim de que não tenha de administrá-los com maior dispêndio. Para mim todo assunto é igualmente fértil: uma mosca servirá ao propósito e é melhor se o que tenho em mãos não foi levado a cabo pela recomendação de um desejo caprichoso. Posso começar com o que mais me agrada, pois todos os temas são vinculados uns aos outros.

Mas minha alma me desgosta, produzindo ordinariamente suas mais profundas e etéreas vaidades e as que mais me satisfazem quando eu menos espero ou reflito nelas e que de repente desaparecem, não tendo naquele momento nada em que aplicá-las; a cavalo, à mesa, na cama: mas antes a cavalo, onde sou mais dado a raciocinar. Meu discurso é um tanto sutilmente ciumento de silêncio e atenção: se estou falando o melhor, quem me aparta me pára totalmente. Em viagem, usualmente a necessidade do caminho fixará uma parada para discursar; além disso, na maior parte vezes viajo sem companhia adequada para os discursos regulares por meios dos quais tenho todo o lazer para entreter-me. Resulta como nos meus sonhos: ainda dormindo eu os recomendo à minha memória (porque sou hábil em sonhar que estou sonhando), mas, na manhã seguinte, posso reproduzir para mim mesmo que aparência eles tinham, se alegres, tristes ou estranhos, mas o que eram, quanto ao resto, quanto mais me empenho para recuperá-los, mais profundamente os mergulho no oblívio. Assim, dos pensamentos que penetram acidentalmente em minha cabeça, não tenho mais que uma inútil imagem remanescente em minha memória; apenas o bastante para me deixar atormentado em sua vã indagação.

Muito bem; então, colocando os livros de lado e falando mais simples e materialmente, afinal de contas acho que o Amor nada mais é senão a sede de desfrutar o objeto desejado, Vênus ou qualquer outra coisa que dê prazer a alguém descarregar sua embarcação, assim como deleita à natureza desembaraçar-se de outros elementos que por imoderação ou indiscrição tornam-se viciosos. De acordo com Sócrates, amor é o apetite de procriar intermediado pela beleza. Quando considero o prurido ridículo desse prazer, o absurdo, a insensatez, os movimentos selvagens com que se inspiraram Zenão e Cratipo, a raiva indiscreta, as feições inflamadas de fúria e crueldade nos mais doces efeitos de amor e então aquele aspecto grave, tão sério, severo, extático, numa atividade tão temerária; que nosso deleite e nossos excrementos são promiscuamente arrastados juntos; e que supremo prazer é trazido com isso, como na dor, enlanguescendo e acusando; acredito que é verdade, como diz Platão, que os deuses criaram o homem para seu divertimento:

*“Quaenam ista jocandi
Saevitia!”*

“Com uma crueldade esportiva” (ou) “Que de uma descortesia está zombando!” [Claudiano]

; e que era no escárnio que natureza havia disposto a maioria das ações perturbadoras e as mais comuns, igualando-nos a todos, os tolos e os homens sábios, as bestas e nós, em um só nível. Até o homem mais prudente e contemplativo, quando o imagino nessa posição, vejo-o como um camarada impudente a fingir ser prudente e contemplativo; são os pés de pavão que enfraquecem o orgulho dele:

*“Ridentem dicere verum
Quid vetat?”*

“O que nos impede de falar a verdade com um sorriso?” [Horácio].

Esses que banem as idéias sérias dos seus divertimentos fazem, disse alguém, como quem ousa não adorar a estátua de um santo se não estiver coberta por um véu. Realmente, nós comemos e bebemos como fazem os animais; mas essas não são atividades que possam obstruir as funções da alma, no que conservamos nossa vantagem sobre elas; esta outra ação sujeita todos os demais pensamentos e por sua autoridade imperiosa faz um asno de toda a divindade e Filosofia de Platão; e ainda não há queixa alguma disso. Em tudo o mais o homem pode manter algum decoro, todas as outras operações se submetem às regras da decência; isto não pode tanto quanto a imaginação parecer outra coisa diferente senão viciosa ou ridícula: descubra, se puder, onde nisso há qualquer procedimento sério e discreto. Alexandre disse que reconheceu seu caráter mortal principalmente por esse ato e ao dormir; o sono sufoca e suprime as faculdades da alma; a intimidade com as mulheres igualmente as dissipa e esvazia: sem dúvida esta é uma marca, não apenas de nossa corrupção original, mas também de nossa vaidade e deformidade.

Por um lado a natureza a isso nos compele, tendo vinculado a mais nobre, útil e agradável de todas as suas funções a tal desejo: e, por outro lado, deixa-nos acusar e evitar isso em nós mesmos, como insolência e indecência, para nos ruborizar e recomendar a abstinência. Não somos brutos para chamar de brutal aquele trabalho pelo qual engendramos? Pessoas de tantas religiões discrepantes concordam em várias normas de decoro, como os sacrifícios, lâmpadas, incenso ardente, jejuns e oferendas; e entre outros, na condenação desse ato: todas as opiniões tendem àquele caminho, além do difundido costume da circuncisão, que pode ser considerada como punição. Temos, talvez, argumentos para acusar a nós mesmos por sermos culpados de produção tão tola quanto o homem e chamar o ato e as partes que são empregadas no ato, de vergonhosos (os meus, verdadeiramente, são agora vergonhosos e lamentáveis). Os Essênios, de quem Plínio nos fala, mantiveram seu país por várias eras sem qualquer nutriz ou ama-seca pela chegada de estrangeiros que, seguindo esse censurável capricho, vinham continuamente a eles: uma nação inteira que é resoluta antes de arriscar a exterminação total do que ocupar-se dos abraços femininos e antes a perder a sucessão masculina do que gerar uma. É dito que Zenão nunca esteve com uma mulher senão uma vez em sua vida e então eliminou a civilidade, pois ele poderia não parecer tão teimosamente desdenhar o sexo. Todos evitamos ver alguém que nasce e todos corremos para vê-lo morrer; destruir um campo espaçoso é procurado em face do sol, mas, para fazê-lo, rastejamos num canto, na escuridão e na privação, conforme podemos: é o dever do homem retirar-se timidamente da luz para criar; mas é glorioso e fonte de muitas virtudes saber destruir o que edificamos: para um é injúria, para outro benefício; pois Aristóteles diz, numa certa elocução do seu país, que fazer uma bondade a alguém é matá-lo. Os Atenienses, para juntar as desgraças dessas duas ações, tendo de purgar a Ilha de Delos e justificar-se com Apolo, imediatamente

interditaram todos os nascimentos e enterros nos arredores:

“Nostrī nosmet paenitet”

“Estamos envergonhados de nós mesmos” [Terêncio].

Há algumas nações onde as pessoas não serão vistas comendo. Conheço uma senhora (e da melhor qualidade) da mesma opinião: que a mastigação desfigura a face e leva embora boa parte das graças e beleza das mulheres; é então de má vontade que aparecem com apetite numa mesa pública; também conheço um homem que não consegue suportar ver outro a comer, nem ele ser visto comendo, e que é mais tímido de companhia ao pôr para dentro do que ao pôr para fora. No império Turco há um grande número de homens que, para sobrepujar outros, nunca se deixam ver enquanto fazem suas refeições; que nunca mantêm nenhuma relação por mais de uma semana; que cortam e mutilam suas faces e membros; que nunca falam com qualquer um: pessoas fanáticas que pensam honrar sua natureza através da sua desnaturalização; que se estimam acima do seu desprezo por si mesmos e pretendem tornar-se melhores sendo piores. Que monstruoso animal é esse que é um horror para si mesmo, cujas delícias são dolorosas, que voluntariamente desposa o infortúnio? Há pessoas que escondem suas vidas:

“Exilioque domos et dulcia limina mutant,”

“E se mudam, exilando-se de suas casas e agradáveis domicílios” [Virgílio]

e os retiram da visão de outros homens; que evitam a saúde e a alegria como qualidades perigosas e prejudiciais. Não apenas muitas seitas, mas muitos povos amaldiçoam seu nascimento e abençoam sua morte; e há um lugar onde o sol é abominado e a escuridão adorada. Somos engenhosos somente se fazemos mau uso de nós mesmos: esta é a verdadeira mina que nossos intelectos devem atacar; e o intelecto, quando desviado, é uma perigosa ferramenta!

“O miseri! quorum gaudia crimem habent!”

“Ó miseráveis homens, cujos prazeres são criminosos!” [Pseudo Galo].

Ai, pobre homem! tens suficientes inconveniências, que são inevitáveis, sem aumentá-las através de tua própria criação; és por natureza miserável o bastante, sem ser assim por artifício; tens deformidades reais e essenciais o suficiente, sem forjar aquelas que são imaginárias. Pensas estar muito à vontade a menos que parte de ti esteja intranqüila? achas que não estás desempenhando todas as funções necessárias que a natureza te ordenou e que em ti ela é ociosa, se tu mesmo não te obrigas a novos e diferentes ofícios? Tu não hesitas em infringir as leis universais e indubitadas, mas te apegas a tuas próprias regras especiais e fantásticas, por mais singulares, incertas e contraditórias que elas sejam, portanto nelas empregando todo o teu empenho: as leis do teu distrito te preocupam e te obrigam: aquelas de Deus e do mundo não te dizem respeito. Informa-te um pouco sobre os exemplos desta natureza: tua vida está cheia deles.

Enquanto os versos desses dois poetas tratam tão discreta e reservadamente da devassidão, parece-me que muito mais abertamente a revelam. As mulheres cobrem seus pescoços com redes, os padres cobrem diversas coisas sagradas e os pintores sombreiam seus quadros para dar-lhes maior destaque: e diz-se que o sol o vento agrirem mais violentamente através da reflexão do que numa linha direta. O Egípcio respondeu sabiamente a quem perguntou o que ele tinha debaixo do capote: “está oculto sob o meu capote”, ele disse, “porque tu não deves saber o que é”. Mas há certas outras coisas que as pessoas só escondem para mostrá-las. Ouça aquele que fala mais claramente,

“Et nudum pressi corpus ad usque meum:”

“E pressionou o corpo nu dela ao meu”

(ou) “Meu corpo acomodei à parte nua dela” [Ovídio]

; parece que ele me emascula. Deixemos Marcial voltar-se sobre Vênus tão alto quanto ele pode, mas ele não pode exibir tanto a nudez dela: quem diz aquilo tudo será excessivo e nos repugnará. Aquele que tem medo de se expressar nos utiliza para adivinhar o que mais quer significar; neste tipo de modéstia há deslealdade, especialmente quando meio expostos, como fazem estes, tão desimpedido caminho para a imaginação. A ação e a descrição devem ter sabor de furto.

Agrada-me o amor mais respeitoso, mais tímido, mais modesto e secreto dos Espanhóis e Italianos. Não sei qual dos antigos desejou ter a garganta comprida como um guindaste para que pudesse saborear por mais tempo o que engolia; teria sido melhor desejar que esse prazer fosse rápido e precipitado, especialmente em naturezas tais como a minha em que falha por não ser imediato. Suspender seu vôo e retardá-lo com preâmbulos: todas as coisas um relance, um arco, uma palavra, um sinal, entre eles colocado para favorecer e recompensar. Não seria uma excelente peça de frugalidade quem pudesse jantar na fumaça do assado? Essa é uma paixão mesclada com muito pouca essência sólida, muito mais vaidade e delírio febril; nós deveríamos servi-la e pagá-la adequadamente. Vamos ensinar as senhoras a estabelecer um melhor valor e estimação sobre si mesmas, para nos divertir e enganar: nós confiamos a última carga ao primeiro assalto; a impetuosidade Francesa ainda se mostrará por si mesma; prolongando o seu favoritismo e expondo-os em pequenas parcelas, até mesmo a miserável velhice encontrará alguma participação na recompensa, de acordo com seu mérito e valor. Quem não tem nenhum prazer senão na fruição, que nada ganha a menos que vença as apostas, que não alcança nenhum prazer na perseguição além da vítima, não deve apresentar-se em nossa escola: quanto mais passos e degraus houver, tanto mais elevado e honroso é o assento superior: devíamos nos deliciar em ser conduzidos como em magníficos palácios, através de diversos pórticos e passagens, galerias longas e agradáveis. e muitas sinuosas. Esta disposição das coisas se voltaria para nossa vantagem; devemos permanecer mais distantes e por mais muito tempo longe do amor; sem esperança e sem desejo não proveremos o valor de um alfinete. Nossa conquista e inteira posse é o que elas devem infinitamente temer: quando se rendem completamente à clemência da nossa fidelidade e constância, correm um imenso perigo; são virtudes muito raras e difíceis de encontrar; as mulheres não são mais nossas do que nós somos delas:

***“Postquam cupidae mentis satiata libido est,
Verba nihil metuere, nihil perjuriam curant;”***

“Uma vez que nossos desejos forem satisfeitos, pouco cuidaremos dos juramentos e promessas” [Catulo].

Trasonides, um jovem Grego, estava tão deslumbrado pela sua paixão que, tendo conquistado a aquiescência da amante, recusou-se a desfrutá-la, pois não podia através da fruição extinguir e amortecer o ardor inquieto do qual estava tão orgulhoso e que assim o alimentava. A benquerença é um bom molho para a carne: mas observe, particularmente em nossa nação, o quanto a forma de saudação tem, por seu desembaraço, dado beijos que Sócrates diz serem tão poderosos e perigosos para roubar os corações, sem nenhum apreço. É um costume desagradável e injurioso para as mulheres, que as têm obrigado a emprestar seus lábios a todo sujeito que dispõe de três criados aos calcanhares, por mais feio que ele possa ser:

**“Cujus livida naribus caninis
Dependet glacies, rigetque barba...
Centum occurrere malo culilingis:”**

[Marcial]

; e nós mesmos pouco lucrámos com isso; pois como o mundo é distribuído, para três mulheres bonitas temos de beijar cinqüenta feiosas; e para estômagos delicados como os da minha idade, um beijo ruim sobrepaga excessivamente um bom.

Na Itália eles cortejam apaixonadamente até mesmo as mulheres populares que se vendem por dinheiro e justificam assim fazer dizendo “que há graus de fruição e que através de tal serviço eles obteriam o que para eles é muito completo; as mulheres nada mais vendem que seus corpos; sua vontade é muito livre e muito delas mesmas é posto a venda”. De forma que estes dizem ser por sua determinação que empreendem e eles têm razão. Esse é realmente o desejo que nós temos de servir e ganhar através do galanteio. Detesto imaginar o meu, um corpo sem afeição: e esta loucura é, me parece, a do primo germano cujo filho vai necessariamente conspurcar a linda estátua de Vênus feita por Praxíteles; ou daquele Egípcio furioso ao violar a carcaça morta de uma mulher que ele estava embalsamando: o que foi na ocasião feito das lei então em vigor no Egito, de que se deveriam manter os cadáveres das jovens bonitas, aquelas de boa qualidade, por três dias antes de os entregarem a esses cujo ofício era cuidar do sepultamento. Perianthro fez ainda mais admiravelmente, estendendo seu afeto conjugal (o mais regular e legítimo) para o prazer de sua esposa Melissa depois que ela estivesse morta. Não parece de um humor extremamente lunático, vendo que de nenhuma outra forma poderia desfrutar da bem-amada, Endimião deitar-se por vários meses e favorecê-la com a fruição de um menino que não se movia senão em seu sono? Digo igualmente que amamos um corpo sem alma ou sentimento quando amamos um corpo sem o seu consentimento e desejo. Nem todos os prazeres são similares; há alguns que são agitados e lânguidos: mil outras causas podem nos afastar da boa vontade das mulheres; esse não é um testemunho suficiente de afeição: ali a deslealdade pode espreitar, como também em outros lugares: elas por vezes procedem incorretamente:

**“Tanquam thura merumque parent
Absentem marmoreamve putes:”**

“Como se estivessem preparando olíbano e vinho... você poderia pensar que ela está ausente ou é de mármore” [Marcial].

Sei de alguns que antes se emprestam do que aos seus coches e que só abrem caminho para si mesmos. Você deve examinar se sua companhia os agrada de qualquer outra forma, ou, como alguns cavaleiros prozeiam, apenas para isso; em que grau de favor e estima você está em relação a elas:

**“Tibi si datur uni,
Quem lapide illa diem candidiore notat”**

“Portanto isso é o bastante, se aquele único dia que é designado para nós ela marca com a pedra mais branca” [Catulo].

Os que se comem o seu pão com o molho da mais agradável imaginação.

“Te tenet, absentes alios suspirat amores”

“Ela o tem em seus braços; os pensamentos dela estão com outros amantes ausentes” [Tibulo].

O quê? não vimos nestes nossos dias quem fez uso desse ato com a finalidade da mais horrenda vingança, por meio dele pretendendo matar e envenenar, como realmente fez, com uma senhora de mérito? Suponho que a Itália não achará estranho se, neste tema, não busco exemplos em outros lugares; pois em tal aspecto aquela nação pode ser chamada de regente do mundo. Eles geralmente têm mulheres mais vistosas e menos feias do que nós; mas as belezas raras e excelentes nós temos tantas quanto eles. Penso o mesmo dos seus intelectos: os do tipo comum, eles têm evidentemente muito mais e lá a brutalidade é imensuravelmente mais rara; mas nos caracteres individuais da mais alta estirpe, nada ficamos devendo a eles. Se fosse prosseguir na comparação eu poderia dizer, no tocante a bravura, que pelo contrário eles são em comum e naturais conosco; mas às vezes os vemos possuídos em tal medida que ultrapassa os maiores exemplos que podemos produzir: os casamentos naquele país são defeituosos nisso; seu costume geralmente impõe às mulheres lei tão rude e servil que o mais distante relacionamento com um estranho é uma ofensa tão capital quanto o mais íntimo; de forma que todas as aproximações que são feitas tornam-se necessariamente significativas e percebendo que tudo vem a propósito, eles não têm nenhuma escolha difícil a fazer; e quando pulam a cerca, podemos seguramente presumir que estão em chamas:

**“Luxuria ipsis vinculis, sicut fera bestia,
Irritata, deinde emissa”**

“A luxúria, como uma besta indomada, sendo mais excitada quando confinada, rompe as cadeias com maior selvageria” [Tito Lívio].

Eles devem dar um pouco mais de rédea:

***“Vidi ego nuper equum, contra sua frena tenacem,
Ore reluctanti fulminis ire modo”***

“Outro dia vi um cavalo investindo como um raio, lutando contra o seu freio” [Ovídio]

; o desejo de companhia é suavizado dando-se um pouco de liberdade. Estamos quase na mesma situação quando elas são extremadas em constranger e nós em permitir. É um bom costume que temos na França nossos filhos serem recebidos nas melhores famílias e lá entretidos e criados por pajens, como numa escola da nobreza; é visto como descortesia e afronta recusar isso a um cavalheiro. Tomei conhecimento (pois tantas famílias quanto formas discrepantes) que as senhoras mais rígidas com suas criadas não tiveram melhor sorte do que aquelas que lhes permitiram maior liberdade. Nestas coisas devia haver moderação; deve-se deixar muito da conduta à sua própria discricção; pois, quando todos vierem a tudo, nenhuma disciplina pode restringi-los completamente. Mas é sobretudo verdadeiro que aquela que escapa a bandeiras despregadas de uma escola de liberdade traz consigo mais de si para depositar confiança do que se viesse intacta de uma escola rígida e severa.

Nossos pais vestiam sua filhas contemplando a timidez e o medo (sendo equivalentes sua coragem e desejos); nós as nossas em confiança e garantia; nada entendemos do assunto; temos de deixar isto às mulheres Sarmatianas que podem não deitar com um homem até que primeiro ele tenha com as próprias mãos matado outro em batalha. Para mim, que não fui por nenhum outro título levado a essas coisas senão pelos ouvidos, isso é suficiente se de acordo com o privilégio da minha idade, elas me preservam por um dos seus conselhos. Então as recomendo, e a nós homens também, à abstinência; mas se os tempos em que vivemos não a tolere, pelo menos à modéstia e à discricção. Pois, como na história de Aristipo que falando a alguns rapazes vexados por vê-lo entrar em uma casa escandalosa, disse: “o vício está em sair, não entrar”, deixe aquela que não tem cuidado algum de sua consciência ter ainda alguma consideração pela reputação; embora ela esteja corrompida internamente, deixe-a conduzir-se com integridade pelo menos por fora.

Eu recomendo uma graduação e detença em conceder seus favores: Platão afirma que em todas as formas de amor são proibidas aos acusados a facilidade e a prontidão. Este é um sinal de ânsia que eles deveriam disfarçar com toda a arte de que dispõem, tão impetuosa e completamente e apenas assim entregar-se. Por se conduzirem de maneira ordenada e uniforme e concedendo seus últimos favores, elas excitam muito mais os nossos desejos e escondem os seus próprios. Deixe-as ainda fugir da nossa presença, mesmo aquelas que têm mais intelecto para ser ultrapassado: fugindo elas melhor nos conquistam, como fizeram as Citas. Para dizer a verdade, de acordo com a lei que a natureza nelas impôs, não é correto que tenham inclinações ou desejos; o quinhão delas é sofrer, obedecer e consentir; é por isso que a natureza dotou-as de uma capacidade perpétua, que em nós é apenas ocasional e incerta; elas estão sempre preparadas para o encontro: elas sempre podem estar prontas quando nós estivermos

“Pati natee”

“Nascido para sofrer” [Sêneca].

E levando-se em conta ela haver ordenado que nossos apetites seriam manifestados por uma proeminente demonstração, teriam os seus escondidos e voltados para dentro, guarnecidos de elementos impróprios para a ostentação e simplesmente defensivos. Procedimentos tais como esses que seguem devem ser deixados à licença Amazônica: marchando Alexandre com seu exército através da Hircânia, veio fazer-lhe uma visita Talestris, Rainha das Amazonas, com trezentas éguas bem armadas e montadas, tendo deixado o restante de um exército muito grande que a seguia atrás das montanhas das vizinhanças; foi quando ela lhe falou pública e francamente que a fama do valor e das vitórias dele a tinham trazido para vê-lo e lhe oferecer suas forças para ajudá-lo na persecução dos seus empreendimentos; e que achando-o tão bonito, jovem e vigoroso, ela — que também era perfeita em todas essas qualidades — sugeriu que eles poderiam deitar juntos, com a finalidade que da mulher mais valorosa do mundo e do mais valente homem então vivente, poderia emergir um grande e maravilhoso herdeiro para os tempos vindouros. Alexandre respondeu agradecendo por todo o resto; mas para brindar o lazer com a realização dessa última demanda, deteve-a naquele lugar por treze dias, que foram gastos em festejos reais e jovialidade, pela boa recepção de tão corajosa princesa.

Nós somos quase inevitavelmente juízes injustos das atitudes delas, assim como elas são das nossas. Eu tanto confesso a verdade quando ela está contra mim como também quando está ao meu lado. É de uma abominável intemperança empurrar-nos tão freqüentemente às mudanças e isso não as deixará limitarem a sua afeição por seja lá quem for; como é evidente naquela deusa a quem se atribuem tantas mudanças e tantos amantes. Mas além disso é verdade que tal condição contraria a natureza do amor, que não é violento; em oposição à natureza da violência, que é constante. E quem deseja saber, grita e conserva-se em tumulto para descobrir as causas desta sua fragilidade, como antinatural e a não ser acreditada, como acontece de não discernirem com que freqüência eles são culpados das mesmas coisas, de qualquer modo sem surpresa ou espanto? Poderia, talvez, ser mais estranho ver a paixão estabelecida; esta não é simplesmente uma paixão física. Se não há propósito na avareza e na ambição, sem dúvida não há mais no desejo; ele ainda vive depois da saciedade e é impossível do mesmo modo preceituar constante satisfação ou finalidade; ela sempre vai além da sua posse. E por isso entendemos que talvez a inconstância seja de alguma forma mais perdoável nelas do que em nós: elas podem alegar, assim como nós, inclinação para a variedade e a novidade comum a nós ambos; e em segundo lugar, sem nós, que elas comprem um gato num saco: Joana, rainha de Nápoles, fez seu primeiro marido [Andrews] ser enforcado nas barras da sua janela com um cabresto de ouro e seda tecido por suas próprias mãos, porque no desempenho matrimonial ela não achou que a participação ou a habilidade dele correspondiam à expectativa que ela havia concebido da estatura, beleza, juventude e atividade pelas quais fora atraída e enganada por ele. Elas podem alegar que se requer mais sofrimento em fazer do que em submeter-se; e assim sempre estão pelo menos parcialmente providas para a necessidade, considerando que do nosso lado pode resultar o oposto. Foi por isso que Platão sabiamente

estabeleceu uma lei onde, para determinar a aptidão das pessoas, os juízes deveriam ver os jovens pretendentes totalmente desnudados antes do casamento e as mulheres privadas apenas dos cintos. Quando elas vêm nos tentar, talvez não o façam por nos julgar merecedores da sua escolha:

*“Experta latus, madidoque simillima loro
Inguina, nec lassa stare coacta manu,
Deserit imbelles thalamos”*

“Depois de empregar todo o esforço para despertá-lo à ação, ela deixa a cama estéril” [Marcial].

Não é o bastante que o homem tenha boa vontade; legalmente a fraqueza e a insuficiência depauperam um casamento,

*“Et quaerendum aliunde foret nervosius illud,
Quod posset zonam solvere virgineam:”*

“E busca um mais vigoroso amante para desfazer sua zona virgem” [Catulo]

; e por quê não? e de acordo com o próprio padrão dela, um conhecimento amoroso, mais licencioso e ativo,

“Si blando nequeat superesse labori”

“Se a força dele é inadequada para a agradável tarefa” [Virgílio].

Mas não constitui grande impudência oferecer nossas imperfeições e imbecilidades onde desejamos agradar, deixando uma boa opinião e estima de nós mesmos? Pelo pouco que agora sou capaz de fazer:

*“Ad unum
Mollis opus”*

“Adequado somente para uma vez” [Horácio].

Eu não incomodaria uma mulher a quem devo reverenciar e temer:

*“Fuge suspicari,
Cujus undenum trepidavit aetas
Claudere lustrum”*

“Não teme alguém cujo décimo primeiro quinquênio está encerrado” [Horácio].

A natureza deveria satisfazer-se tendo tornado esta idade miserável, sem também fazê-la ridícula. Detesto ver isso, por uma pobre bagatela de vigor desprezível ocorrendo três vezes por semana, ter de suportar e ajustar-se com tanta ânsia quanto se pudesse executar feitos poderosos; uma verdadeira chama de linho; e rir para ver se assim isso ferve e borbulha, e então num momento esfria e se extingue. Este apetite só deve caber à viçosa flor da juventude: não confie em secundar aquele ardor infatigável, pleno, constante e magnânimo que você cogita de si mesmo, pois isso seguramente o deixará num bom apuro; antes transfira isso para um garoto jovem, tímido e ignorante que ainda treme ao bordão e enrubesce:

*“Indum sanguineo veluti violaverit ostro
Si quis ebur, vel mista rubent ubi lilia multa
Alba rosa”*

“Como o marfim da Índia riscado de vermelho, ou lírios brancos mesclados com o damasco rosa” [Virgílio].

Quem pode ficar até a manhã seguinte sem morrer de vergonha vendo o desdém nos olhos francos daquela que tão bem conhece sua desajeitada impertinência,

“Et taciti fecere tamen convicia vultus,”

“Embora não diga nada, os olhares dela traem a sua raiva” [Ovídio]

; nunca teve a satisfação e a glória de tê-los esbordado até que estivessem cansados, com o desempenho vigoroso de uma noite heróica. Quando observo alguma ficar vexada comigo, não tenho agora acusado a leviandade dela, mas fico em dúvida se não tinha motivos bastantes para queixar-me da natureza; é certo que ela me usou de forma realmente incivil e indelicada:

*“Si non longa satis, si non bene mentula crassa
Nimirum sapiunt, videntque parvam
Matronae quoque mentulam illibenter:”*

[O primeiro desses versos é o início de um epigrama do *Veterum Poetayurra Catalecta* e os dois outros são de um epigrama na mesma coleção (Anúncio *Ad Matrones*). Eles descrevem a intraduzível exortação de Montaigne contra a natureza, indicada na passagem anterior]

e me feito uma enorme injúria. Cada membro do meu corpo, tanto uns quanto outros, são igualmente meus próprios e nenhum outro me faz mais corretamente homem que esse.

Devo minha imagem inteira ao público, sem exceção. O critério da minha instrução consiste em liberdade, em verdade, em essência: desdenhando introduzir essas pequenas, fingidas, comuns e provincianas regras no catálogo dos seus reais deveres; todas naturais, gerais e constantes, das quais a civilidade e a cerimônia realmente são filhas, contudo ilegítimas. Estaremos seguros de possuir os vícios da aparência quando tivermos os da essência: quando acabarmos com estes, correremos a todo pano nos outros, se acharmos que assim deve ser; pois aí reside o perigo de imaginarmos novos ofícios, para escusar a nossa negligência aos naturais e confundi-los: e manifestá-lo não é ser visto nos lugares onde as faltas são crimes, os crimes são apenas faltas; nas nações onde as leis da decência são mais raras e remissas, as primitivas leis da razão comum são melhor observadas: a inumerável multidão de tantas obrigações sufocando e dissipando a nossa precaução. Nossa dedicação pessoal no esclarecimento das coisas triviais nos desviam daquelas que são necessárias e justas. Oh, como esses homens superficiais tomam um caminho fácil e plausível em comparação com o nosso! São sombras dos recursos com que paliamos e pagamos uns aos outros; mas nós

não pagamos, senão inflamos o cálculo para aquele grande juiz que aperta nossos trapos e farrapos sobre nossas partes vergonhosas e nos alimenta para não nos ver por toda parte, nem mesmo as nossas mais íntimas e secretas obscenidades: seria uma útil decência de nossa pura modéstia poder poupar-nos dessa revelação. Em resumo, quem pudesse recuperar o homem de tão escrupulosa superstição verbal não prestaria ao mundo nenhum grande desserviço. Nossa vida encontra-se dividida entre a prudência e a loucura: quem quiser escrever que é reverente e canônica, deixará metade dela para trás. Eu não me escuso comigo mesmo; e se o fizesse, seria antes por minhas culpas do que por qualquer outra falta; desculpo-me por certos humores, supondo-os maiores em número do que aqueles que estão a meu lado. Em atenção a isso, gostaria de adiantar (porque desejo agradar a cada um, embora seja difícil fazê-lo):

***“Esse unum hominem accommodatum ad tantam morum
Ac sermonum et voluntatum varietatem,”***

“Para um homem acomodar-se a tal variedade de costumes, discursos e desejos” [Cícero]

, que eles devem não condenar-me porque represento autoridades recebidas e aprovadas por tantas eras, para divulgá-las: e não há razão nenhuma para que, pelo desejo de versejar, eles haveriam de recusar-me a liberdade concedida até mesmo aos clérigos de nosso tempo e nação, e entre esses os mais notáveis, dos quais aqui estão dois dos seus revigorantes versos:

“Rimula, dispeream, ni monogramma tua est”.

“Un vit d’amy la contente et bien traicte:”

[St. Gelais, (Euvres Poetiques)]

, além de muitos outros. Eu amo a modéstia e não foi sem discernimento que escolhi este modo escandaloso de falar: foi a natureza quem o escolheu para mim. Não o recomendo, não mais que outras formas contrárias ao uso comum: mas os desculpo e pelas circunstâncias gerais e particulares, suavizo a sua acusação.

Mas vamos prosseguir. De onde também pode emanar aquela usurpação da autoridade soberana que você arroga sobre as mulheres, favorecendo-o à sua própria custa,

“Si furtiva dedit mira munuscula nocte,”

“Se, na noite furtiva, ela faz estranhos presentes” [Catulo]

, de forma que você agora assume o interesse, a frieza e a autoridade de um marido? Isso é um contrato livre porque você nada faz senão mantê-lo, como você teria feito? não há prescrição alguma sobre coisas voluntárias. Isso é contrário ao arranjo, mas além disso é verdade que em meu tempo administrei essa barganha até onde a sua natureza permitia, conscienciosamente e com muita aparência de justiça, como em qualquer outro contrato; nunca simulei outra afeição além da que realmente tive e realmente familiarizei-o com seu nascimento, vigor e declinação, suas adaptações e intermissões: nem sempre um homem espera à mesma taxa. Tenho poupado tanto as minhas promessas que por vezes penso ter feito mais do que prometi. Elas me acharam fidedigno até mesmo para servir à sua inconstância, uma confessa e às vezes multiplicada inconstância. Jamais rompi com elas, enquanto de qualquer modo tive algo, e por mais ocasiões que elas tenham me oferecido, nunca dividi com elas seja ódio ou desprezo; pois tais particularidades, embora nunca obtidas em condições tão escandalosas, ainda obrigam a alguma boa vontade: às vezes tenho, nos seus truques e evasivas, revelado um pouco de raiva e impaciência indiscreta; porque sou naturalmente sujeito a emoções precipitadas, as quais, conquanto leves e rápidas, freqüentemente espoliam o meu comércio. A qualquer hora elas consultam o meu julgamento, mas nunca persisti em dar-lhes conselhos severos e paternais, ou embaraçá-las até o âmago. Se lhes deixei qualquer razão para se queixarem de mim, isso será em virtude de encontrarem em mim, em comparação com o uso corrente, antes um amor totalmente consciencioso do que qualquer outra coisa. Mantive minhas as palavras sobre coisas que poderiam facilmente ter sido dispensadas; elas às vezes se renderam com reputação às cláusulas que estavam preferivelmente dispostas a ver quebradas pelo conquistador: mais de uma vez tive prazer de envidar os maiores esforços no interesse da sua honra; e onde a razão me importunou, armou-as contra mim; de forma que elas se ajustaram mais decorosamente e com maior firmeza às minhas regras quando recorreram francamente a elas do que se fossem instituídas por elas mesmas. Já tenho, até onde pude, assumido totalmente o risco de nossas partilhas para isentá-las; e depois tenho sempre planejado nossos encontros da maneira mais difícil e incomum, bem como menos suspeita; e além disso, na minha opinião, mais acessível. Elas são especialmente francas onde se julgam com mais firmeza confinadas; as coisas menos temidas são menos interdidas e observadas; alguém pode corajosamente ousar o que ninguém considera um desafio, que por sua dificuldade torna-se mais fácil. Nunca homem algum aproximou-se mais impertinentemente produtivo; este modo de amar está mais de acordo com a disciplina, mas como é ridículo para o nosso povo e como é ineficaz — quem sabe melhor que eu? — dele ainda não me arrependerei; aqui não tenho mais nada a perder:

“Me tabula sacer

Votiva paries, indicat uvida

Suspendisse potenti

Vestimenta maris deo:”

**“A parede santa, por minha mesa votiva, mostra que eu tenho pendurado
minhas roupas molhadas em honra ao poderoso deus do mar” [Horácio]**

; agora é o momento de falar. Mas como eu poderia, talvez, dizer a outro, “Tu falas à toa, meu amigo; o amor do teu tempo tem um pequeno comércio com a fé e a integridade”;

“Haec si tu postules

Ratione certa facere, nihilo plus agas,

Quam si des operam, ut cum ratione insanias:”

“Se procurar fazer essas coisas corretamente através da razão, você não fará mais do que se fosse buscá-las estando furioso em seus sentidos” [Terêncio]

; pelo contrário, também, se devesse começar novamente, certamente haveria de ser pelo mesmo método e com o mesmo progresso, por mais infrutífero que me pudessem ser; loucura e insuficiência são recomendáveis em uma atitude não aconselhável: quanto mais distante conservo o humor delas nisto, tanto mais me aproximo do meu próprio. Quanto ao restante, neste tráfico, não me sujeitei a ser totalmente arrastado; nisso tive prazer mas não esqueci de mim mesmo. Retive o pouco bom senso e discrição que a natureza me deu inteiramente a serviço delas e do meu próprio: um pouco de emoção, mas nenhum desvario. Minha consciência também estava comprometida nisto, até mesmo à devassidão e à licenciosidade; mas quanto a ingratidão, deslealdade, malícia e crueldade, jamais. Eu não compraria por preço algum o deleite deste vício, mas contento-me com seu custo natural e apropriado:

“Nullum intra se vitium est”

“Nada é um vício em si mesmo” [Sêneca].

Odeio quase igualmente a estupidez e a preguiça indolente quanto faço um laborioso e árduo emprego; esta belisca, a outra me põe adormecido. Gosto das feridas e também dos cortes e contusões, assim como dos golpes secos. Encontrei neste comércio, quando era mais capacitado para ele, uma justa moderação entre esses extremos. O amor é uma agitação vivaz, alegre e ativa; não fui atormentado nem afligido por ele, mas aquecido e além disso, desconcertado; um homem deve saber parar; ele não fere ninguém senão os tolos. Um jovem perguntou ao filósofo Panétio: ele estava se tornando um homem sábio por estar apaixonado? “Deixe que o homem sábio cuide disso”, ele respondeu, “mas não permitas que tu e eu, que não somos assim, nos preocupemos em tratar de tão violentos incidentes, que nos escravizam a outros e nos tornam desprezíveis a nós mesmos”. Ele disse a verdade, que não devemos confiar uma coisa em si mesma tão precipitada a uma alma incapaz de resistir às suas agressões e praticamente contraditar a afirmação de Agesilau, que a prudência e o amor não podem viver juntos. É uma ocupação fútil, isso é verdade; é imprópria, vergonhosa e ilegítima; contudo, prosseguindo dessa maneira, vejo como é saudável e apropriada para estimular uma alma sonolenta e despertar um corpo pesado; e, como um médico experiente, prescreveria isso para um homem da minha forma e condição, tão prontamente quanto qualquer outra receita, visando despertá-lo e mantê-lo vigoroso até bem avançada idade e adiar a aproximação da velhice. Ainda não estamos senão nos subúrbios, em que o pulso ainda bate:

**“Dum nova canities, dum prima et recta senectus,
Dum superest lachesi quod torqueat, et pedibus me
Porto meis, nullo dextram subeunte bacillo,”**

“Enquanto o cabelo branco é recente, enquanto a velhice ainda é assumida diretamente, enquanto ainda resta algo para Lachesis engendrar, enquanto eu caminhar com minhas próprias pernas e não precisar de ninguém para me apoiar” [Juvenal]

; nós temos necessidade de ser solicitados e estimulados por algum incentivo que tal como esse nos belisque. Observe que sobretudo a mocidade, o vigor e a alegria inspiravam o bom Anacreonte; e que Sócrates era então mais velho do que eu quando falava de um objeto romântico: “Apoiando”, ele disse, “meu ombro no ombro dela e minha cabeça na sua enquanto estávamos juntos lendo um livro, sinceramente senti uma súbita picada em meu ombro como a ferroada de um inseto, e ainda depois de cinco dias podia sentir uma ininterrupta coceira rastejando em meu coração”. De forma que somente o toque acidental de um ombro aquece e altera uma alma resfriada e debilitada pela idade, e o mais austero representante de todo o gênero humano. E por que não? Sócrates era um homem e não seria nem pareceria ser qualquer outra coisa. A Filosofia não compete com os prazeres naturais, conquanto sejam moderados; e somente prega a moderação, não a total abstinência; o seu poder de resistência é empregado contra os que são adúlteros e esquisitos. Diz a Filosofia que os apetites do corpo não devem ser ampliados pela mente e engenhosamente nos adverte a não incitar a fome através da saturação; não empanturrar a barriga em vez de somente preenche-la; evitar todos os prazeres que possam nos trazer carência; e todas as carnes e bebidas que trazem sede e fome: como, no tocante ao amor, ela nos prescreve tomar tal objeto simplesmente para satisfazer a necessidade do corpo e não mexer com a alma, que deve apenas acompanhar e ajudar o corpo sem misturar as funções. Mas não tenho argumento para assegurar que esses preceitos, na minha opinião, não são realmente um pouco estritos, interessando apenas ao corpo em sua melhor condição; e que num corpo alquebrado pela idade, como num estômago fraco, é escusável aquecê-lo e apoiá-lo através da arte e pela mediação da fantasia restabelecer o apetite e a alegria perdidos de si mesmo.

Não podemos dizer que durante esta prisão terrestre não haja nada em nós que seja puramente física ou espiritual, e que injuriosamente nos separe de um homem vivo; pareceria mais razoável que para usufruir o prazer devêssemos nos conduzir pelo menos tão favoravelmente quanto o fazemos pela dor! Por meio da penitência o sofrimento (por exemplo) era impetuoso à perfeição nas almas dos santos: naturalmente o corpo tinha lá um pretexto pelo direito de união e ainda poderia ter uma pequena participação na causa; e ainda não se contentavam em tão somente acompanhar e ajudar a alma angustiada: eles se afligiam com tormentos dolorosos e peculiares com a finalidade de que através da emulação de um no outro a alma e o corpo pudessem mergulhar o homem na miséria tanto mais salutar quanto mais severa. De certa forma não é injusto, nos prazeres corporais, subjugar e reprimir a alma dizendo que ela deve ser juntamente arrastada, como alguns deveres forçados e necessárias obrigações servis? Antes compete a ela chocar e nutrir, apresentar-se e atrair a autoridade de reinar que a ela pertence; como também é parte dela, na minha opinião, nos prazeres que lhe são apropriados, inspirar e infundir no corpo todo o sentimento de que são capazes e de estudar como torná-los mais amáveis e úteis. Pois é uma boa razão, como eles dizem, para que o corpo não procure satisfazer os seus apetites em detrimento da mente; mas por que não é também razão para que a mente não persiga os seus em prejuízo do corpo?

Não tenho nenhuma outra paixão a manter-me respirando. O que a avareza, a ambição, as disputas e as demandas fazem a outros que, como eu, não têm nenhuma vocação particular, o amor vai fazer com muito mais comodidade; ele me restabeleceria a vigilância, a sobriedade e a graça, bem como o cuidado da minha pessoa; reafirmaria a confiança do meu semblante, de forma que as caretas da velhice, essa expressão deformada e sinistra, não viria desgraçá-lo; ele novamente me poria em sádios e sábios estudos através dos quais eu poderia tornar-me mais amado e estimado, desanuviando a minha mente do seu próprio desespero e do seu hábito, redintegrando-a a si mesma; ele me desviaria de mil pensamentos turbulentos, de mil humores melancólicos a que a ociosidade e a má condição de nossa saúde nos levam, sobretudo nesta idade; ele novamente aqueceria, pelo menos em sonhos, o sangue que a natureza está abandonando; ele levantaria o queixo, os nervos (em pequena extensão), o vigor e a alegria de viver daquele pobre homem que está sendo completamente induzido à sua ruína. Mas entendo muito bem que é uma mercadoria difícil de recuperar: por meio da fraqueza e da longa experiência nosso paladar torna-se mais delicado e agradável; quanto menos trazemos, mais nos questionamos; é mais duvidoso escolher quando menos merecemos ser aceitos: e conhecendo-nos pelo que somos, nos tornamos menos confiantes e mais desconfiados; nada pode nos garantir sermos amados, levando-se em conta a nossa condição e a dos outros. É alheio à minha compostura ver-me em companhia dessas jovens criaturas temerárias:

***“Cujus in indomito constantior inguine nervus,
Quam nova collibus arbor inhaeret”***

“Em cujas rédeas desenfreadas o vigor é mais inerente que na jovem árvore das colinas” [Horácio].

Com que objetivo haveríamos de insinuar nossa miséria entre seus temperamentos alegres e vivazes?

“Possint ut juvenes visere fervidi.

***Multo non sine risu,
Dilapsam in cineres facem”***

**“Como sem rir a ardente juventude não pode ver uma
tocha flamejante consumir-se em cinzas” [Horácio].**

Eles têm a força e a razão do seu lado; vamos dar-lhes passagem; não temos nada que fazer ali: essas flores de crescente beleza não se submetem ao controle de mãos entorpecidas nem negociam através de meios meramente materiais, pois, como o velho filósofo respondeu a quem escarneceu porque ele não podia conquistar o favor de uma jovem garota para fazer amor: “Amigo, o gancho não irá aderir em queijo tão macio”. Esse é um comércio que requer correspondência e relação: os outros prazeres que recebemos podem ser reconhecidos como recompensas de outra natureza, mas não serão pagos senão com o mesmo tipo de moeda. Nesse esporte, com sinceridade, o prazer que eu dou à minha imaginação coça mais do que eles a mim; assim sendo, ele não têm si nada da generosidade que possa receber prazer onde não confere nenhum e a quem uma alma perversa necessariamente há de dever tudo, podendo contentar-se em manter relações com pessoas para quem isso é uma ininterrupta obrigação; não há nenhuma beleza, graça ou privacidade tão primorosa que um cavalheiro haveria de desejar a esse preço. Se eles só nos podem ser amáveis por piedade, prefiro antes morrer do que viver de caridade. Eu estaria no direito de perguntar, no estilo em que na Itália os ouvi implorando: “*Fate ben per voi*” [“Faça o bem para si mesmo”], ou da maneira que Ciro exortou seus soldados: “Quem ama a si mesmo deixe de seguir-me”. Alguém poderá dizer: “Case-se com mulher de tua própria condição, cuja fortuna mais facilmente suprirá o teu desejo”. Ó combinação ridícula e insípida!

“Nolo

Barbam vellere mortuo leoni”

“Eu não arrancaria a barba de um leão morto” [Marcial].

Xenófanes faz uma objeção e uma acusação contra Menão: que ele nunca fez amor com qualquer mulher senão as velhas. De minha parte, tenho mais prazer vendo a doce e justa amálgama de duas belezas jovens, ou apenas meditando nisso em minha fantasia, do que eu mesmo atuando segundo uma lamentável e imperfeita conjunção.

Deixo aquele fantástico apetite para o Imperador Galba, que era só por carne velha curtida: e para este pobre infeliz:

“O ego Di faciant talem to cernere possim,

***Caraque mutatis oscula ferre comis,
Amplectique meis corpus non pingue lacertis!”***

**“Os deuses arranjam para que eu pudesse ver-te e te trazer preciosos beijos, trocar
abraços e cingir teu corpo mirrado em meus braços” [Ovídio escreve à esposa].**

Entre as principais deformidades eu considero as belezas forçadas e artificiais: Hemon, um jovem garoto de Quios, imaginando por meio de refinadas vestes adquirir a beleza que a natureza lhe havia negado, foi ao filósofo Arcesilau e lhe perguntou se era possível um homem sábio ficar apaixonado. “Sim”, respondeu ele, “conquanto não seja uma beleza disfarçada e adulterada como a tua” [Diógenes Laércio].

Para a mim uma feiúra de confessada antiguidade é menos velha e menos feia do que outra que é polida e emplastrada. Poderei discorrer sobre isso sem o perigo de ter minha garganta cortada? O amor, na minha opinião, não está em sua estação apropriada e natural senão numa idade próxima da infância,

“Quem si puellarum insereres choro,

***Mille sagaces falleret hospites,
Discrimen obscurum, solutis
Crinibus ambiguoque vultu:”***

**“Quem, se colocasses na companhia de meninas, exigiria mil peritos para
distingui-lo, com sua expressão indefinida e semblante ambíguo” [Horácio]**

; não é beleza nenhuma; considerando que Homero leva isso tão longe quanto o germinar da barba e o próprio Platão observou como raro: a razão porque tão agradavelmente o sofista Bion chamava os primeiros pêlos a aparecerem na adolescência de *'Aristogitons'* e *'Harmodiuses'* [segundo Plutarco] é suficientemente conhecida. Acho a virilidade de alguma forma sempre um tanto obsoleta, entretanto não tanto quanto na velhice;

*“Importunus enim transvolat aridas
Quercus”*

“Pois é incivildade ignorar os carvalhos secos” [Horácio]

; e Margarida, Rainha de Navarra, como mulher, estendeu muito longe a vantagem das mulheres, ordenando que era hora, aos trinta anos de idade, de converter o título de formosa no de comportada. Quanto menos autoridade dermos ao amor sobre nossas vidas, tanto melhor para nós. Vamos apenas observar o comportamento dele; esse é um menino imberbe. De nada sabe; na sua escola procede contrariamente a toda ordem; o estudo, o exercício e o costume são seus caminhos para a insuficiência onde os noviços regem:

“Amor ordinem nescit”

“O amor ignora regras” (ou) “O amor não sabe nenhuma regra” [São Jerônimo].

Indubitavelmente a conduta dele é muito mais graciosa quando mesclada com inadvertência e agitação; os malogros e insucessos dão-lhe posição e graça; conquanto seja ávido e ansioso, não tem grande importância se é prudente ou não: apenas observe como ele vai cambaleante, tropeçando e brincando: você o colocou num pelourinho quando o guiou através da arte e da sabedoria; e ele se conteve em sua divina liberdade quando se pôs nessa situação cabeluda e calosa.

Freqüentemente ouço as mulheres delimitarem essa inteligência como completamente espiritual, desdenhando colocar o interesse no exame do restante dos sentidos; lá tudo serve; mas posso dizer que muitas vezes nos observei a desculpar a fraqueza do entendimento em favor da beleza externa delas, contudo nunca em favor da mente, por mais que madura e plena; qualquer deles ofereceria uma mão a um corpo que nunca esteve tão decadente. Por quê algumas delas não metem em suas cabeças fazer aquela nobre barganha Socrática entre corpo e alma, comprando uma inteligência filosófica e espiritual e a geração ao preço das suas coxas, o preço mais alto que podem obter por elas? Em suas leis Platão ordena que não se pode recusar durante toda a expedição àquele que executou qualquer indício de proeza vantajosa na guerra, não obstante sua idade ou feiúra, um beijo ou qualquer outro favor amoroso de mulher nenhuma. O que ele julga ser tão justo na recomendação do valor militar, por quê não pode ser o mesmo na recomendação de qualquer outra qualidade positiva? e por quê mulher nenhuma assume a fantasia de influenciar suas companheiras sobre a glória desse amor puro? Eu posso dizer bem casto;

*“Nam si quando ad praelia ventum est,
Ut quondam in stipulis magnus sine viribus ignis,
Incassum furit:”*

“Pois quando eles por vezes se engajam na batalha do amor, seu ardor estéril não ilumina mais do que a chama de uma palha” [Virgílio]

; os vícios que são abafados pelo pensamento não são os piores.

Para concluir este insigne comentário que escapou de mim como uma torrente confusa, um caudal por vezes impetuoso e prejudicial,

*“Ut missum sponsi furtivo munere malum
Procurrit casto virginis a gremio,
Quod miserae oblatae molli sub veste locatua,
Dum adventu matris prosilit, excutitur,
Atque illud prono praeceps agitur decursu
Huic manat tristi conscius ore rubor”*

“Como quando uma maçã, sendo enviada secretamente por alguém à sua amante, cai do seio da casta virgem onde fora totalmente esquecida; quando, espantando sua mãe à entrada, estremece e rola pelo chão diante dos olhos dela, com um consciencioso rubor cobrindo sua face” [Catulo].

Digo que machos e fêmeas são expelidos da mesma matriz e que, salvo pela educação e pelo costume, a diferença não é grande. Platão indiferentemente convida uns e outros para associar-se em todos os estudos, exercícios e vocações, tanto militares quanto civis, em sua Comunidade; e o filósofo Antístenes rejeitou toda distinção entre a virtude delas e a nossa. É muito mais fácil de acusar um sexo do que escusar o outro; isso está de acordo com a declaração:

“Le fourgon se moque de la paele”
“A panela caçoa da chaleira”.

Capítulo VI

Sobre as carruagens

É muito fácil verificar, quando os grandes autores escrevem sobre as causas, que não apenas fazem uso daquelas que julgam ser verdadeiras, mas também de outras desmereadoras de tal crédito, levando-se em conta que eles têm um pouco de beleza e inventividade: eles falam bastante verdadeira e proveitosamente, se não com engenhosidade. Não podendo nos assegurar da causa suprema, então aglomeram uma grande multidão para ver se não pode acidentalmente estar entre elas:

*“Namque unam dicere causam
Non satis est, verum plures, unde una tamen sit”*

O sentido é o da passagem precedente [Lucrécio].

Você me pergunta: de onde vem o costume de abençoar aqueles que espirram? Nós rompemos o ar de três modos diferentes; aquele que investe debaixo é muito nojento; o que irrompe da boca carrega consigo alguma censura de glotonaria; o terceiro é o espirro, ao qual, porque procede da cabeça e não é ofensivo, damos essa recepção civilizada: não zombe desta distinção; dizem que é de Aristóteles.

Penso ter visto em Plutarco (de todos os autores que conheço, foi ele quem melhor mesclou a natureza com a arte e o bom senso com o conhecimento) a apresentação de um motivo para isso, subindo do estômago daqueles que estão no mar, ocasionado pelo medo; tendo primeiro descoberto alguma razão através da qual ele prova que o medo pode induzir tal efeito. Eu, que sou realmente sujeito a isso, bem sei que esta causa não me diz respeito; e a conheço, não pelo argumento, mas através da necessária experiência. Sem insistir no que me foi dito, que a mesma coisa com freqüência ocorre nos animais, especialmente aos porcos, que estão alheios a toda percepção de perigo; e o que um conhecido me contou, que estando mesmo sujeito a isso, tinha disposição para vomitar três ou quatro vezes seguidas e ficava muito amedrontado sob uma tempestade violenta, como sucedeu àquele ancião:

“Pejus vexabar, quam ut periculum mihi succurreret;”

“Eu estava muito doente para para pensar no perigo”

(ou, pelo contrário:) “Estava muito amedrontado para também adoecer” [Sêneca].

Nunca tive medo da água, nem realmente de qualquer outro perigo (e os que já tive diante dos meus olhos teriam bastado, se a morte é um deles), para ser embarçado e perder meu bom senso. O medo às vezes emana da excessiva carência de juízo, bem como da carência de valentia. Todos os perigos em que estive, enfrentei-os sem piscar, com a visão aberta, sadia e integral; e, realmente, um homem deve ter coragem para temer. Ele antigamente servia-me melhor do que outra forma de ajuda, assim ordenando e regulando a minha retirada, a qual era, se não sem receio, não obstante sem pavor nem espanto; estava realmente agitado, mas não pasmo ou estupefato. As grandes almas ainda vão muito mais longe e nos apresentam fugas, não apenas firmes e temperadas, mas além disso altivas. Deixe-me transcrever um relato em que Alcibíades fala de Sócrates, seu companheiro de armas: “Eu o encontrei”, ele diz, “depois da derrota de nosso exército; ele e Lachez, último entre aqueles que fugiram e me acreditou em lazer e segurança, porque eu estava montado em um bom cavalo e ele a pé, assim como havia lutado. Fiquei sabendo, em primeiro lugar, quanto juízo e resolução ele demonstrou, em comparação de Lachez, e então a bravura da sua marcha, em nada diferente do seu caminhar ordinário; sua visão firme e regular, considerando e julgando o que se passava em redor, olhando uns e então outros, amigos e inimigos; depois a maneira como os encorajou, significando aos outros que ele venderia caro a sua vida para qualquer um que tentasse tomá-la dele, e assim eles se retiraram; pois as pessoas não têm disposição para atacar tal espécie de homem, mas procuram quem vêm que estão com medo”. O testemunho desse grande capitão nos ensina o que diariamente experimentamos: que nada nos lança em tanto perigos quanto a ânsia imprudente de livrar-se deles:

“Quo timoris minus est, eo minus ferme periculi est”

“Quando houver menos temor haverá menor possibilidade de perigo” [Tito Lívio].

Nosso povo é culpado de dizer que tal pessoa tem medo da morte, quando expressam o que pensam e antecipam: a previsão é igualmente conveniente no que nos interessa, seja bom ou mau. Avaliar e julgar do perigo é, de alguma forma, o inverso de ser surpreendido. Não me acho forte o bastante para sustentar a força e a impetuosidade dessa paixão do medo, nem de qualquer outra paixão veemente, seja qual for: se fui uma vez conquistado e abatido por ela, jamais deveria levantar-me muito confiante de novo. O que fizesse a minha alma uma vez perder o seu passo, nunca a deixaria aprumar-se novamente: ela se retesta e investiga muito rápida e profundamente, por isso nunca deixando curar e cicatrizar a ferida recebida. É bom para mim que ainda nenhuma doença a tenha transtornado: a cada carga feita sobre mim, preservo minha extrema oposição e defesa; por cujos meios o primeiro que haveria de derrotar-me iria sempre me revigorar. Não tenho nenhuma peleja a disputar: ainda que lateral, a inundação quebra os meus diques, fico exposto e irremediavelmente me afogo. Epicuro diz que um homem sábio não pode nunca tornar-se um tolo; eu tenho uma opinião contrária a esta sentença: se alguém foi muito tolo uma vez, nunca será muito sábio depois. Deus me concede o frio de acordo com o meu pano e as paixões proporcionais aos meios de que disponho para resistir-lhes: a natureza, que me expôs de um lado, do outro me cobriu; tendo me desarmado da força, armou-me de insensibilidade e apreensão que são regulares, ou, se você preferir, entorpecidas.

Agora não posso suportar longamente (e quando era jovem podia muito menos) qualquer carruagem, liteira ou barco; detesto todas as outras formas de transporte exceto o cavalo, na cidade e no interior. Mas não posso tolerar coisa pior que uma carruagem e pela mesma razão: uma brusca agitação na água, de onde o medo é produzido, é melhor do que os movimentos de uma calmaria. Aos pequenos puxões dos remos, roubando o barco debaixo de nós, eu acho, não sei como, que minha cabeça e meu estômago se desordenam; não posso nem mesmo agüentar sentar-me numa cadeira de balanço. Quando a vela ou a corrente nos carregam, ou quando somos rebocados, a agitação equivalente em nada me perturba; é o movimento interrompido que me injuria, e mais que tudo quando é muito lento: não posso expressá-lo de outra maneira. Para curar esse mal os médicos me ordenaram cingir e apertar a parte inferior da barriga com um guardanapo; porém, não o tentei, acostumado como estou a lutar contra meus próprios defeitos e superá-los por mim mesmo.

Pudesse minha memória servir-me, não haveria de pensar no tempo desperdiçado em aqui fixar a infinita diversidade de fatos com que a história nos presenteia do emprego das carruagens a serviço da guerra: muitíssimas, de acordo com as nações e de acordo com a época; na minha opinião, de grande necessidade e efeito; de forma que é um espanto delas termos perdido todo o conhecimento. Gostaria apenas de dizer que muito recentemente, nos tempos de nossos pais, os Húngaros delas fizeram uso muito vantajoso contra os Turcos; tendo em cada uma delas um mosqueteiro e vários arcabuzes empilhados,

prontos e carregados, tudo coberto por um escudo como numa galeota. Formavam uma frente de batalha com três mil dessas carruagens e depois que os canhões haviam disparado, faziam todos atirarem no inimigo, que tinha de engolir aquela salva antes de poderem provar o resto, que não era pouco avançado; terminado aquilo, essas carruagens carregavam sobre os esquadrões inimigos para rompê-los e abrir caminho para o resto das tropas; além do uso que podiam fazer para flanquear os soldados num lugar de perigo ao marchar pelo campo, ou cobrir uma guarnição e fortalecê-la apressadamente. No meu tempo, um cavaleiro numa de nossas fronteiras, volumoso de corpo e não encontrando cavalo capaz de carregar o seu peso, tendo uma disputa, rodou através do país em uma carruagem desse tipo e viu grande conveniência nisso. Mas vamos deixar de lado essas carruagens de guerra.

Como se a efeminação delas não tivesse sido suficientemente reconhecida por melhores provas, nossos últimos reis a princípio viajavam em carruagens puxadas por quatro bois. Marco Antônio foi o primeiro em Roma a ser transportado numa carruagem puxada por leões, levando com ele uma moça atraente a cantar.

Desde então Heliogábalos fez mais, chamando a si mesmo de Cibele, a mãe dos deuses; e foi também puxado por tigres, assumindo a personalidade do deus Baco; ele eventualmente arreava dois veados à carruagem, outras vezes quatro cachorros e em outras, quatro moças nuas, sendo por elas puxado em grande pompa, também totalmente nu. O Imperador Firmus fez sua carruagem ser puxada por avestruzes de prodigioso tamanho, de forma que parecia antes voar do que correr.

A bizarrice dessas invenções põe uma outra fantasia em minha cabeça: que esse é um tipo pusilânime de monarcas e uma evidência de que não compreendiam suficientemente o que eles eram, quando planejavam fazer-se honrados e parecer grandes através de excessivas despesas: seria realmente escusável num país estrangeiro, mas entre seus próprios súditos onde estão em comando soberano e podem fazer o que lhes agrada, isto derroga da sua dignidade o mais supremo grau de honra ao qual podiam almejar: da mesma maneira me parece supérfluo um cavaleiro privado vestir-se finamente em casa; sua casa, seus criados e sua cozinha respondem suficientemente por ele. O conselho dado por Isócrates ao seu rei parece fundamentado na razão: que ele deveria ser esplêndido em pratos e mobília, visto tratar-se de uma despesa de continuidade que passa aos seus sucessores; e deveria evitar todas as magnificências que seriam em pouco tempo esquecidas. Eu gostava de ficar elegante quando era um camarada mais jovem, pela carência de outros ornamentos, e me assentava bem; há alguns em quem as ricas vestes lamentam: temos estranhas histórias da frugalidade de nossos reis sobre suas próprias personalidades e seus presentes, reis que eram grandes em reputação, valor e fortuna. Demóstenes opõe-se veementemente à lei da sua cidade que conferia dinheiro público para a pompa dos seus jogos públicos e festivais: ele desejava que a grandeza deles fosse bem vista pelo número de navios equipados e o provimento de bons exércitos; e há boa razão para condenar Teofrasto que, em seu *Livro das Riquezas* estabelece uma opinião contrária sustentando que aquele gênero de despesa é o verdadeiro fruto da abundância. Elas são deleites, diz Aristóteles, que favorecem exclusivamente o tipo mais ordinário de pessoas e desaparece da memória assim que o povo esteja farto deles, através dos quais nenhum homem sério e judicioso pode ter alguma estima. Esse dinheiro, na minha opinião, seria mais régia, lucrativa, justa e solidamente empregado em abrigos, portos, muros e fortificações; em edifícios suntuosos, igrejas, hospitais, escolas, na reforma de ruas e rodovias: pelo que o Papa Gregório XIII deixará uma memória louvável para tempos futuros; e nossa Rainha Catarina irá através da posteridade manifestar sua natural liberalidade e munificência, empregando seus meios para preencher sua afeição. A fortuna me destacou, não obstante suspendendo a nobre estrutura do Pont-Neuf de nossa grande cidade e me privando da esperança de vê-la terminada antes de morrer.

Além disso parece-me que os vassallos são espectadores desses triunfos, cujas próprias riquezas estão expostas diante deles e que são entretidos à sua própria custa: porque as pessoas são hábeis para presumir dos reis, como fazemos de nossos servos, que eles não de cuidar e preocupar-se de nos prover de todas as coisas necessárias em abundância, mas sem tocá-las; e então o Imperador Galba, estando satisfeito com um músico que tocou para ele durante a ceia, pediu sua caixa de dinheiro e deu-lhe um punhado de moedas dela retiradas dizendo estas palavras: “Isto não é dinheiro público, mas de minha propriedade”. Disso ainda resulta que as pessoas, na sua maior parte, têm a razão do seu lado; que os príncipes alimentam os olhos delas com aquilo de que necessitam para encher suas barrigas.

A própria liberalidade não está em seu verdadeiro esplendor quando em mão soberana: nisso os homens privados têm maior prerrogativa; pois, levando isso com exatidão, estritamente um rei não tem nada dele próprio; ele se deve a outros: a autoridade não é outorgada em favor do magistrado, mas do povo; um superior nunca é constituído para seu próprio lucro, mas para beneficiar o inferior; o médico para a pessoa doente, não para si mesmo: toda a magistratura, assim como toda a arte, tem sua finalidade fora de si mesma; portanto os tutores dos jovens príncipes fazem do seu mister neles imprimir essa virtude da liberalidade e pregam a eles nada negar e em nada tão bem refletir quanto em gastar o que eles dão (uma doutrina que soube gozar de grande crédito em meus tempos), tendo mais particular consideração pelo lucro próprio do que pelo dos seus mestres, ou compreendendo mal a quem eles falam. É coisa de nonada inculcar a liberalidade naquele que tanto quanto ele irá praticá-la às custas de outros; e a estimativa que não é proporcional à medida do presente, mas à medida dos meios daquele que o concede, não penetra nada em mãos tão poderosas; eles se acham pródigos antes que possam ter a reputação de liberais. E não é senão uma pequena recomendação, comparada com outras virtudes soberanas: e a única, como disse o tirano Dionísio, que serve bem à própria tirania. Eu deveria antes ensinar-lhes o verso do antigo trabalhador [“quem deseja uma boa colheita deve plantar a semente com sua própria mão e não despejá-la do saco”: Plutarco]; ele deve dispersá-las amplamente, não deixando que se amontoem num único lugar: e vendo ele dar, ou, melhor dizendo, pagar e retribuir a tantas pessoas conforme elas merecem, deveria torná-lo um árbitro leal e discreto. Se a liberalidade de um príncipe não tem medida ou discrição, seria preferível que ele fosse cobiçoso.

A virtude real na maioria das vezes parece consistir em justiça; e porque todos os aspectos da justiça melhor denotam um rei que acompanha a liberalidade, eles reservam sua execução particularmente para si, considerando que remetem todas as demais

formas de autoridade à administração de outros. Uma imoderada generosidade é um meio muito ineficiente de pretender adquirir boa vontade; ela mais choca do que fascina a pessoas:

***“Quo in plures usus sis, minus in multos uti possis...
Quid autem est stultius, quam, quod libenter facias,
Curare ut id diutius facere non possis;”***

“Quanto mais você o entrega para muitos, tanto menor será a capacidade de fazê-lo a muitos outros. E que loucura maior pode haver do que dispor de forma que o que você faria de boa vontade, não poderá fazer por muito mais tempo?” [Cícero]

; e se é conferida sem o devido respeito ao mérito, remove a compostura de quem a recebe e é acolhida com desagrado. Tiranos foram sacrificados ao ódio do povo pelas mãos daqueles mesmos homens que injustamente promoveram; essa espécie de homens, como os palhaços, alcoviteiros, rabequistas e malandros tais, pensando assegurar-se indevidamente da posse dos benefícios recebidos, se manifestam odiar e desdenhar quem os mantêm, são por si mesmos associados ao juízo e à opinião comum.

Os motivos de um príncipe muito liberal em presentear crescem excessivamente no questionamento e regulação das suas demandas, não através da razão, mas pelo exemplo. Sinceramente, com muita frequência temos razão para nos ruborizar pela nossa própria impudência: somos sobrepagos, de acordo com a justiça, quando a recompensa equivale ao nosso préstimo; pois não devemos nenhuma obrigação natural aos nossos príncipes? Se ele suportam nossos encargos, fazem muito; é o bastante que para tanto contribuam: o excedente, chamado benefício, não pode ser extorquido: pois o próprio nome *‘Liberalidade’* soa como *‘Liberdade’*.

Em nossos costumes isso nunca é realizado; jamais avaliamos o que recebemos; somos apenas pela liberalidade futura; portanto, quanto mais um príncipe se esgota dando, mais ele empobrece em amigos. Como ele poderia satisfazer desejos imoderados, que aumentam à medida que são cumpridos? Aquele cuja idéia é tomar nunca pensa no que levou; a cobiça não tem nada tão apropriada e corretamente sua quanto a ingratidão.

O exemplo de Ciro não será aqui extraviado: servir os reis daqueles tempos com uma pedra de toque para saber se seus presentes eram bem ou mal concedidos, observar o quanto aquele imperador melhor os atribuiu do que eles fazem, por quais meios são reduzidos a pedir de empréstimo objetos desconhecidos, antes prejudicando do que conferindo seus benefícios e assim recebendo ajuda na qual não há nada de gratuito além do nome. Crespo reprovou-lhe a generosidade e calculou a quanto o tesouro dele chegaria se ele tivesse sido um pouco mão-fechada. Ele teve a idéia de justificar sua liberalidade, então enviou despachos a todas as partes para os nobres dos seus domínios, aos quais havia particularmente promovido, pedindo a cada um deles para provê-lo de tanto dinheiro quanto pudessem, em virtude de uma situação urgente, enviando-lhe os particulares do que cada um poderia adiantar. Quando todas as respostas foram trazidas, cada um dos seus amigos, não pensando ser o bastante apenas lhe oferecer tanto como haviam recebido da sua generosidade, acrescentaram ao valor muito mais deles mesmos, parecendo que a soma da coisa chegou a um total maior do que a conta de Crespo. Ao que Ciro comentou: “Não sou menos apaixonado pelas riquezas que outros príncipes, antes um parceiro melhor; você vê como nessa pequena aventura obtive o inestimável tesouro de tantos amigos e quão mais tesoureiros fiéis eles são para mim do que homens mercenários, sem obrigação, sem afeto; e meu dinheiro ficou melhor com eles do que em meus cofres, trazendo-me o ódio, a inveja e o desprezo dos outros príncipes”.

Os imperadores desculpavam a superfluidade dos seus jogos e espetáculos públicos em razão de que, de alguma forma, sua autoridade (pelo menos na aparência externa) dependia da vontade do povo de Roma, o qual, desde tempos imemorráveis, havia se habituado aos entretenimentos e fora afagado com tais espetáculos e excessos. Mas eles eram cidadãos privados que haviam alimentado esse costume para satisfazer seus concidadãos e companheiros (e, principalmente, sem gastar de seus próprios bolsos) em tal profusão e magnificência que tiveram outro gosto totalmente diverso quando os mestres vieram a imitá-los:

***“Pecuniarum translatio a justis dominis ad alienos
Non debet liberalis videri”***

“Transferir o dinheiro dos verdadeiros donos para estranhos não deve receber o título de liberalidade” [Cícero].

Filipe, vendo que por meio de presentes seu filho andava ganhando a afeição dos Macedônios, repreendeu-o numa carta desta maneira: “O quê! tens a idéia de que os teus súditos te olharão como guardião do dinheiro deles e não como seu rei? Desejarás mexer com eles para conquistar o seu afeto? Faças isso, então, através dos benefícios da tua virtude e não por meio de tuas arcas”. Ainda era, sem dúvida, uma coisa ótima trazer e plantar dentro do anfiteatro um grande número de vastas árvores, com todos os seus ramos em pleno verdor, representando uma grande floresta sombria, dispostas em excelente ordem; e, no primeiro dia, nela lançar mil avestruzes e mil veados, mil javalis e mil cervos, para que fossem mortos e descartados pelas pessoas; no dia seguinte, trazer cem grandes leões, cem leopardos e trezentos ursos para serem mortos na sua presença; e durante o terceiro dia, fazer trezentos pares de gladiadores lutarem até o último, como fez o Imperador Probus. Também era muito agradável ver esses vastos anfiteatros, todos revestidos de mármore, curiosamente adornados de figuras e estátuas, brilhando interiormente com raros enriquecimentos:

“Balthus en! gemmis, en illita porticus auro:”

“Um cinto coruscante de jóias e um pórtico revestido de ouro” [Calpúrnio]

; todos os lados desse vasto espaço preenchido e cercado, do chão ao topo, com três ou quatro filas de assentos numerados, todos também de mármore e cobertos por almofadas:

***“Exeat, inquit,
Si pudor est, et de pulvino surgat equestri,
Cujus res legi non sufficit;”***

“Deixe-o sair, ele disse, se tem qualquer senso de vergonha, e levantar-se da almofada eqüestre, cuja propriedade não satisfaz os requisitos da lei” (dos Equites se exigia que possuíssem uma fortuna de 400 sestércios e eles sentavam-se nas primeiras quatorze filas atrás da orquestra) [Juvenal]

, onde cem mil homens podiam sentar-se à vontade: e na parte de baixo, onde os jogos eram disputados, através do engenho primeiro faziam que as aberturas fossem divididas em anfractuosidades representando cavernas que vomitavam as bestas destinadas ao espetáculo; e então, em segundo lugar, eram alagados por um mar profundo, cheio de monstros marinhos e coalhado de navios de guerra, para representar uma batalha naval; e, em terceiro lugar, faziam que este novamente secasse para o combate dos gladiadores; e, numa quarta cena, faziam-nos perambular sobre grãos cinabrinos e estorraque em vez de areia, servindo ali um banquete solene para todos, apesar do infinito número de pessoas: o último ato de um único dia:

***“Quoties nos descendentis arenae
Vidimus in partes, ruptaque voragine terrae
Emersisse feras, et eisdem saepe latebris
Aurea cum croceo creverunt arbuta libro!
Nec solum nobis silvestria cernere monstra
Contigit; aequoreos ego cum certantibus ursis
Spectavi vitulos, et equorum nomine dignum,
Sen deforme pecus, quod in illo nascitur amni...”***

“Com que freqüência vimos o palco do teatro descer separado em partes, de uma brecha na terra emergirem animais selvagens; então trazerem à luz um bosque de árvores douradas que estendiam ramos guarnecidos de flores coloridas. Nem foi somente o prodígio dos silvanos que presenciamos: eu vi a luta de hipopótamos com ursos e uma espécie de gado deformado que poderíamos chamar de cavalo marinho” [Calpúrnio].

Às vezes faziam avançar uma alta colina, coberta de arbustos frutíferos e outras árvores copadas, enviando do topo regatos de água, como da boca de uma fonte; noutras, um via-se um grande navio chegando, o qual, depois abrindo e dividindo-se, expelia quatro ou cinco centenas de animais para a luta, novamente se fechava e desaparecia sem ajuda. Outras vezes do piso desse lugar faziam brotar bicas dardejantes de água perfumada fluindo para cima e tão alto que borrifava toda aquela formidável multidão. Para defender-se das injúrias do tempo, cobriam aquele espaçoso local com cortinas purpúreas trabalhadas a agulha com seda de uma ou outra cor, as quais puxavam no momento que desejassem:

***“Quamvis non modico caleant spectacula sole,
Vela reducuntur, cum venit Hermogenes”***

“Quando o sol haveria de chamoscar os espectadores as cortinas são estendidas, enquanto Hermógenes aparece” [Marcial].

Também eram dispostas redes diante das pessoas para protegê-las da violência das bestas, as quais eram entrelaçadas com fios de ouro:

***“Auro quoque tortis refulgent
Retia”***

“As redes são tecidas de ouro refulgente” [Calpúrnio].

Se há qualquer coisa desculpável em excessos tais como esses é onde a novidade e a invenção criam mais portentos que despesas; até mesmo nessas futilidades constatamos como aqueles tempos eram férteis de um tipo de inteligência que muito diferem da nossa. Ocorre com esse tipo de fertilidade como a todos os outros produtos da natureza: não que ali ela tenha empregado sua extrema potência; nós não avançamos; corremos bastante para cima e para baixo e giramos deste ou daquele modo; retrocedemos pelo caminho de onde viemos. Temo que nosso conhecimento seja fraco em todos os sentidos; não vemos muito adiante nem muito para trás; nossa compreensão pouco abarca; não vivemos senão por um curto período; ele é curto tanto em extensão de tempo quanto importância:

***“Vixere fortes ante Agamemnona
Mufti, sed omnes illacrymabiles
Urgentur, ignotique longs
Nocte”***

“Muitos homens valentes viveram antes de Agamenão, mas todos são oprimidos pela longa noite, desconhecidos e não lamentados” [Horácio]

***“Et supra bellum Thebanum et funera Trojae
Non alias alii quoque res cecinere poetae?”***

“Por que antes das guerras dos Tebanos e da destruição de Tróia, outros poetas não cantaram outros eventos?” [Lucrécio].

E a narrativa de Sólon do que havia aprendido entre os sacerdotes Egípcios, no tocante à longa existência do seu Estado e à sua maneira de captar e preservar as histórias estrangeiras, não é, me parece, um testemunho a ser recusado nesta ponderação:

***“Si interminatam in omnes partes magnitudinem regionum
Videremus et temporum, in quam se injiciens animus et
Intendens, ita late longeque peregrinatur, ut nullam oram
Ultimi videat, in qua possit insistere: in haec immensitate...
Infinita vis innumerabilium appareret folorum”***

“Podemos ver em todos os pormenores a ilimitada magnitude de regiões e de épocas sobre as quais, se a mente se aplica, poderia vagar tão longe e largamente que haveria de restringir seu olho; nenhum limite será visto naquela infinita imensidão, nós devemos descobrir uma força infinita de inumeráveis átomos”.

Embora tudo aquilo dos tempos passados que chega ao nosso conhecimento através de relatos devesse ser verdadeiro e reconhecido por algumas pessoas, seriam menos do que nada em comparação ao que nos é desconhecido. E dessa mesma imagem do mundo, que desliza gradativamente enquanto ainda a vivemos, tão miserável e limitado é o conhecimento dos mais curiosos; não apenas de eventos específicos, que amiúde a fortuna supre de exemplos e de grande interesse, mas da situação de grandes governos e nações, cem vezes mais nos escapam do que logram entrar em nosso conhecimento. Nós fazemos um fulgurante alarde da invenção da artilharia e da imprensa que outros homens, no outro extremo do mundo (na China) já tinham mil anos atrás. Levando em conta a maior parcela do mundo que não podemos ver, deveríamos perceber e bem poderíamos acreditar numa perpétua multiplicação e vicissitude de formas. Não há nada único e raro relativo à natureza, senão em relação ao nosso conhecimento, um miserável fundamento sobre o qual estabelecer nossas regras e nos apresentar uma imagem muito falsa das coisas. Como hoje em dia vaidosamente concluímos da declinação e decrepitude do mundo, pelos argumentos que extraímos de nossa própria debilidade e decadência:

“Jamque adeo est affecta aetas effoet aque tellus;”

“Nossa era é medíocre e a terra menos fértil” [Lucrécio]

; assim fez quem futilmente decidiu sobre seu nascimento e juventude, pelo vigor observado nas inteligências do seu tempo, abundando em novidades e na invenção de artes diversas:

***“Verum, ut opinor, habet novitatem summa, recensque
Natura est mundi, neque pridem exordia coepit
Quare etiam quaedam nunc artes expoliuntur,
Nunc etiam aulescunt; nunc addita navigiis sunt
Multa”***

“Mas, como sou de opinião, nem todo mundo é de origem recente, nem teve seu começo em tempos remotos; pelo que um pouco das artes estão sendo ainda refinadas e algumas aumentando; no momento muitas adições estão sendo feitas à navegação” [Lucrécio].

Recentemente nosso mundo descobriu outro (e quem nos garantirá que esse é o último dos irmãos, como os Demônios, as Sibilas e nós mesmos até agora temos ignorado?), tão grande, populoso e prolífico como este sobre o qual vivemos e ainda tão bisonho e infantil que presentemente o estamos ensinando o que é um abecedário: não faz mais de cinqüenta anos que ele sabe das letras, pesos, medidas, vestuário, milho ou videiras; estava até então completamente nu no colo da mãe e vivia apenas do que ela lhe dava. Se concluímos corretamente do nosso fim e este poeta da juventude daquela sua era, esse outro mundo somente virá à luz quando o nosso dela sair; o universo ficará paralisado; um dos membros se tornará inútil, o outro passará a vigorar. Tenho muito medo de que precipitamos grandemente a sua declinação e o arruinamos por nosso contágio; e que lhe vendemos nossas opiniões e nossas artes a um preço muito alto. Era um mundo juvenil e nós ainda não o chicoteamos e sujeitamos à nossa disciplina pela supremacia do nosso valor e força natural, nem o conquistamos através de nossa justiça e bondade, nem o subjugamos com nossa magnanimidade. A maioria das suas respostas e as negociações que com eles tivemos dão testemunho de que não estavam nada atrás de nós em pertinência e na clareza da compreensão natural. A surpreendente magnificência das cidades de Cuzco e do México e, entre muitas outras coisas, o jardim do rei, onde todas as árvores, frutas e plantas, conforme a ordem e estatura que ocupam num jardim, foram excelentemente modeladas em ouro; e como, no gabinete dele, todos os animais eram criados em seus territórios e em seus mares; e a beleza da sua manufatura em jóias, penas, algodão e pinturas, deu ampla comprovação de que eram pouco inferiores a nós em indústria. Mas no que tange a devoção, observância das leis, bondade, liberalidade, lealdade e procedimento correto, não têm os nossos hábitos tanto quanto não temos os deles; porque se perderam, venderam e atraíam por essa vantagem sobre nós.

Quanto a bravura e coragem, estabilidade, persistência contra a dor, a fome e a morte, eu não temeria confrontar os exemplos encontrados entre eles aos mais notórios dos tempos mais antigos que podemos achar nos registros deste nosso lado do mundo. Decididos sobre aqueles que os subjugaram, empregaram truques e artifícios para enganá-los; a justa surpresa dessas nações ao ver tão súbita e inesperada chegada de homens barbudos diferindo em idioma, religião, formas e semblantes, de tão remota parte do mundo e onde nunca tinham ouvido falar que houvesse qualquer habitação, montados em grandes monstros desconhecidos, contra aqueles que não só nunca tinham visto um cavalo, mas nunca tinham visto qualquer outra besta treinada para transportar um homem ou qualquer outra carga; enconchados dentro uma pele dura e brilhante, com uma arma cortante e reluzente em suas mãos, contra eles que, pela maravilha de um espelho ou uma faca brilhante trocariam grandes tesouros de ouro e pérola; e que não tinham nenhum conhecimento ou sequer cogitavam conseguir penetrar o nosso aço: ao que se pode acrescentar o raio e o trovão dos nossos canhões e arcabuzes, suficientes para assustar o próprio César, se surpresos, com tão pouca experiência, contra pessoas nuas, exceto onde a invenção do algodão resumia-se ao uso de um pequeno acolchoado; sem outras armas além de arcos, pedras, aduelas e escudos de madeira; as pessoas surpreendidas, sob

pretexto de amizade e boa fé, pela curiosidade de ver coisas estranhas e desconhecidas; tirando, eu digo, essa disparidade dos conquistadores, você afasta toda ocasião de tantas vitórias. Quando vejo com que invencível ardor possivelmente tantos milhares de homens, mulheres e crianças tão amiúde se apresentaram e nos inevitáveis perigos em que se lançaram para defesa dos seus deuses e liberdades; aquela generosa obstinação em submeter-se a todos os extremos e dificuldades, à própria morte, em lugar de render-se ao domínio daqueles por quem haviam sido vergonhosamente abusados; e alguns deles escolhendo jejuar e morrer de fome, sendo aprisionados, em lugar de aceitar o alimento das mãos de inimigos vitoriosos e tão abjetos: posso avaliar que quem os atacasse em idênticas condições de armamento, experiência e número, teria enfrentado um jogo difícil e talvez mais duro de disputar do que em qualquer outra guerra que já tivemos.

Por que não fizeram tão nobre conquista submetendo-os como Alexandre, ou os Gregos e Romanos antigos; tão grande revolução e a mutação de tantos impérios e nações, caindo em mãos que haveriam de nivelar suavemente, aplinar e desarraigatudo de rude e selvagem entre eles; isso seria apreciado e iria propagar as boas sementes que lá a natureza havia produzido; misturando não apenas a cultura da terra e a ornamentação das cidades, as artes dessa parte do mundo, no que era necessário, mas também as virtudes Gregas e Romanas, com aquelas originárias do país? Que indenização seria para eles, que benefício geral para o mundo inteiro, se nossos primeiros exemplos e comportamentos nessas regiões tivessem cativado essas pessoas à admiração e imitação da virtude e gerado entre eles e nós uma sociedade fraternal e inteligência? Como deve ter sido fácil obter vantagem sobre almas tão inocentes e tão ansiosas de aprender, na maior parte das vezes abandonando inclinações antes naturalmente tão boas? Muito pelo contrário, pois o que fizemos foi tirar proveito da ignorância e da inexperiência deles, induzindo-os com a maior facilidade à deslealdade, luxo, avareza e a todas as formas de desumanidade e crueldade, pelo padrão e exemplo de nossos costumes. Quem alguma vez elevou o valor da mercadoria a preço tão alto? Quantas cidades arrasadas até o chão, quantas nações exterminadas, quantos milhões de pessoas passadas a fio de espada e a parte mais rica e mais bonita do mundo virada de cabeça para baixo, para o tráfico de pérolas e pimenta? Vitórias mecânicas! Nunca pôde a ambição ou a animosidade pública engajar os homens uns contra os outros em tão miseráveis hostilidades, em tão desprezíveis calamidades.

Certos Espanhóis, costeando o mar em busca das suas minas, aportaram num país fértil, agradável e muito bem povoado, fazendo aos habitantes suas costumeiras profissões: “que eram homens pacíficos, que vinham de um país muito remoto, enviados no interesse do rei de Castela, o maior príncipe do mundo habitável, a quem o Papa, o vice-gerente de Deus na Terra, havia concedido o principado de toda a Índia; que se eles se tornassem tributários daquele Rei, haveriam de ser tratados com muita suavidade e cortesia”; ao mesmo tempo deles requerendo alimentos para sua provisão e também ouro, do qual fariam pretensos remédios [Hernán Cortés declarou a um emissário do imperador asteca Montezuma que “seus compatriotas sofriam de uma doença do coração que somente o ouro poderia curar”, N.T.]; deixando, além disso, a convicção num único Deus e a verdade da nossa religião — que os aconselharam a abraçar, para tanto adicionando também algumas ameaças. Ao que receberam esta resposta: “Que quanto ao fato de serem pacíficos, não pareciam ser assim, ainda que fossem. Quanto ao rei deles, desde que ficava satisfeito de implorar, devia ser pobre e necessitado; e aquele que lhes havia feito esse presente devia ser um homem que amava a dissensão, para dar a outro o que não era absolutamente dele e provocar disputa contra os possuidores antigos. Quanto às virtualidades, eles as forneceriam; que de ouro tinham pouca coisa; e sendo uma coisa que tinham em muito baixa estima, de nenhuma utilidade para atender às necessidades da vida (considerando que seu único cuidado era passá-la feliz e agradavelmente): mas o que pudessem encontrar, salvo o que era empregado nas cerimônias dos seus deuses, podiam livremente levar. Sobre um único Deus, a proposição muito os agradara; mas não mudariam sua religião, porque viveram nela por tanto tempo felizes que não tinham desejo de seguir o conselho de ninguém mais além dos seus amigos e daqueles que conheciam: quanto às ameaças, era um sinal de falta de juízo ameaçar pessoas cuja natureza e poder lhes eram desconhecidos; que então eles deviam apressar-se em deixar sua costa, porque não tinham o hábito de ouvir com boa disposição as declarações e incivildades de homens estranhos e armados; caso contrário haveriam de fazer por eles o que haviam feito para aqueles outros”, mostrando-lhes as cabeças de vários homens executados circundando os muros da sua cidade. Um auspicioso exemplo do balbuciar dessas crianças. Mas assim foi que os Espanhóis, neste ou nos diversos outros lugares onde não encontraram a mercadoria procurada, não fizeram qualquer pausa ou tentativa, não importando as outras conveniências que poderiam ser obtidas; veja os meus **CANIBAIS** [Capítulo XXX do Livro I].

Dos dois mais pujantes monarcas daquele mundo (e possivelmente deste), soberano de tantos reis e o último que eles espoliaram, o do Peru foi capturado em batalha e atrelado a tão exagerado resgate que excede toda crença; sendo fielmente liquidado e tendo ele, por sua conversação, dado sinais de manifestar um espírito honesto, liberal e constante, de uma clara e resoluta compreensão, os conquistadores tiveram a idéia, depois de haverem extorquido 1.325.500 pesos de ouro, além de prata e outras coisas não totalizando nada menos (de forma que seus cavalos estavam carregados de ouro), de ainda ver, ao preço de seja qual for a infidelidade e a injustiça, o restante dos tesouros que esse rei poderia ter e também apossar-se deles. Com esse propósito uma falsa acusação foi proferida contra ele e trazida uma testemunha perjura para atestar que ele andava a planejar uma insurreição em suas províncias, almejando obter a própria liberdade; ao que, pela virtuosa sentença desses mesmos homens que lograram através dessa deslealdade conspirar para sua ruína, foi condenado a ser publicamente enforcado e o estrangularam, depois de lhes ter comprado o direito de não ser queimado vivo pelo batismo dado imediatamente antes da execução; uma horrenda e desconhecida brutalidade que, não obstante, ele suportou sem uma palavra ou olhar, com um comportamento verdadeiramente sério e majestoso. Depois do que, para acalmar e satisfazer o povo, despertado e surpreso por uma coisa tão bizarra, simularam grande tristeza pela morte dele e lhe outorgaram os mais suntuosos funerais.

O outro rei do México [Guatimosin], tendo defendido sua cidade assediada por muito tempo e nesse assédio manifestado o máximo que o sofrimento e a perseverança podem fazer — se porventura a tanto chegou um príncipe e um povo — e tendo desgrazadamente caído vivo nas mãos dos inimigos, a despeito de ser tratado como um rei, não exibiu no cativo qualquer

coisa desmerecedora daquele título. Os inimigos dele, depois da sua vitória, não encontrando tanto ouro quanto esperavam e quando já tinham procurado e roubado com sua mais extrema diligência, desandaram a obter novas descobertas através dos tormentos mais cruéis que puderam infligir sobre os prisioneiros que haviam tomado: mas não tendo ganho nada com isso, sendo a coragem deles maior do que seus tormentos, afinal chegaram a tal grau de fúria e, contrariamente às suas próprias crenças e às leis das nações, condenaram o próprio rei e um dos principais nobres da sua corte ao patíbulo, na presença de um outro. Este senhor, achando-se dominado pela dor, sendo rodeado por carvão em brasa, piedosamente voltou os olhos agonizantes para o seu mestre, como a lhe pedir perdão por não mais poder suportar; ao que o rei, lançando-lhe um olhar feroz e severo, como a reprovar sua covardia e pusilanimidade, com uma voz grave e constante disse-lhe apenas isto: “E o quê tu pensas que eu suporto? estou no banho? estou mais à vontade que tu?” O outro imediatamente cedeu ao tormento e morreu. O rei, já meio assado, foi tomado por isso; não tanto por piedade (pois qual compaixão alguma vez tocou almas tão bárbaras que, pela duvidosa informação sobre algum vaso de ouro, deixou-se vitimar, fazendo não apenas um homem, mas um rei, tão grande em fortuna e terras, ser grelhado diante dos seus olhos), mas porque a sua persistência fez a crueldade deles mais ainda vergonhosa. Eles depois o enforcaram por ter nobremente tentado livrar-se através de suas próprias mãos de tão longo cativeiro e sujeição, não obstante ele morreu com a bravura que fica tão magnânima num príncipe.

Noutra ocasião eles queimaram de uma só vez, na mesma fogueira, quatrocentos e sessenta homens vivos, quatrocentas pessoas comuns, sessenta dos principais senhores de uma província e simples prisioneiros de guerra. Temos estas narrativas porque eles não só as possuem, mas as ostentam e publicam. Poderia constituir um testemunho da sua justiça ou do seu zelo religioso? Sem dúvida tais costumes são muito diversos e contrários a tão sagrada finalidade. Se tivessem proposto a si mesmos estender nossa fé, teriam considerado que isso não implica ampliar a posse de territórios, mas a conquista de homens; e teriam mais que se satisfeito com as matanças ocasionadas pelas necessidades da guerra, sem indiferentemente misturar um massacre, como nos animais selvagens, tão universal quanto o fogo e a espada poderiam torná-la; tendo apenas intencionalmente poupado tantos porque pretendiam torná-los miseráveis escravos para o trabalho servil em suas minas; de forma que muitos dos capitães foram mortos no lugar da conquista, por ordem dos reis de Castela, justamente ofendidos com o horror do seu comportamento e quase todos eles odiados e desprezados. Meritoriamente Deus permitiu que no transporte todas essas grandes pilhagens fossem tragadas pelo mar, ou nas guerras civis eles possivelmente se devorassem uns aos outros; e a maioria dos homens se fez enterrar numa terra estrangeira, sem colher qualquer fruto da sua vitória.

A renda desses países, conquanto nas mãos de tão prudente e parcimonioso príncipe [Filipe III], escassamente corresponde à expectativa atribuída por seus antecessores e àquela original abundância de riquezas que foram encontradas nas primeiras visitas a essas nações recentemente descobertas (pois embora fosse um grande empreendimento buscar por elas, contudo observamos que isso não é nada em comparação ao que se poderia esperar), é que lá o uso da moeda era totalmente desconhecido e, por conseguinte, o ouro deles foi encontrado todo amontado, não tendo nenhum outro uso senão para ornamento e exibição, como uma mobília guardada de pai a filho por muitos reis pujantes que já estavam escoando suas minas para fazer essa vasta diversidade de recipientes e estátuas para decoração dos seus palácios e templos; considerando que nosso ouro está sempre em movimento e tráfico; nós o cortamos em mil pequenos pedaços e lançamos de mil formas, o espalhamos e dispersamos de mil maneiras. Mas suponho que nossos reis deviam assim acumular todo o ouro vindo de várias épocas e deixá-lo repousar ocioso por algum tempo.

Esses reinos do México estavam de alguma forma mais civilizados e avançados nas artes do que as outras nações em relação a eles. Então eles julgavam, como nós fazemos, que o mundo estava próximo do seu ciclo e olhavam a desolação que trouxeram entre eles como sinal inequívoco disso. Eles acreditavam que a existência do mundo era dividida em cinco eras e na vida de cinco sóis sucessivos, quatro dos quais já haviam encerrado o seu tempo; que este que lhes dava luz era o quinto. O primeiro pereceu, com todas as outras criaturas, numa inundação universal de água; o segundo caiu sobre nós através dos céus, sufocando toda coisa viva numa era que eles atribuíam aos gigantes e mostravam aos Espanhóis ossos que, de acordo com a proporção, a estatura de homens chegou a vinte pés; o terceiro pelo fogo que queimou e consumiu tudo; o quarto por uma comoção do ar e do vento chegando com tal violência que abateu até mesmo muitas montanhas, no qual os homens não morreram, mas foram transformados em babuínos. Que impressões não haverá de admitir a debilidade da convicção humana? Depois da morte desse quarto sol o mundo permaneceu vinte e cinco anos em perpétua escuridão, no décimo quinto dos quais foram criados um homem e uma mulher, que restabeleceram a raça humana; num certo dia, dez anos depois, o sol apareceu recentemente criado e a contagem dos anos deles começou naquele dia: no terceiro dia depois de sua criação os antigos deuses morreram e os novos têm desde então nascido diariamente. De que modo eles pensam que este último sol perecerá, meu autor não sabe; mas o cálculo deles para essa quarta mudança concorda com a grande conjunção de estrelas de oitocentos anos atrás que, como supõem os astrólogos, produziu grandes alterações e novidades no mundo.

Quanto a pompa e magnificência, em cujo interesse ocupei-me deste discurso, nem Grécia, Roma ou Egito, seja por utilidade, dificuldade ou circunstância, podem se comparar a quaisquer dos seus trabalhos na rodovia vista no Peru, construída pelos reis do país entre as cidades de Quito e Cuzco (trezentas léguas), sempre em linha reta e com vinte e cinco passos de largura, pavimentada e contando em ambos os lados com muros altos e bonitos; e perto destes e desde o princípio ao longo do lado interno, dois cursos d'água perenes, limitados por plantas exuberantes que eles chamam '*moly*'. Nesse trabalho, onde encontraram as pedras e as montanhas, eles as cortaram e até mesmo preencheram as covas e vales com rochas calcárias e pedras para nivelá-las. Ao término de cada dia de jornada estão graciosos palácios, abastecidos com provisões, vestuários e armas, tanto para os viajantes quanto para os exércitos que passam por aquele caminho. Na avaliação dessa obra levei em conta a dificuldade, que naquele lugar é especialmente considerável; na construção eles não empregaram nenhuma pedra com menos de dez pés quadrados e para carregá-las não tiveram nenhuma outra conveniência senão arrastá-las pela força dos braços; também não

conheciam a arte dos andaimes, nem qualquer outra forma de levantar o seu trabalho além de acumular terra contra o edifício conforme ele subia mais, levando-a embora novamente quando terminavam.

Vamos retornar às nossas carruagens. Em vez destas e de todos os outros tipos de carruagens, eles se faziam carregar nos ombros de homens. Aquele último rei do Peru, no dia do seu aprisionamento, foi assim carregado entre dois, em aduelas de ouro, e sentou-se numa cadeira de ouro no meio do seu exército. Como muitos destes carregadores eram mortos para fazê-lo cair (porque eles queriam capturá-lo vivo), muitos outros — e eles competiam por isso — assumiam o lugar daqueles que eram mortos, de forma que nunca poderiam derrubá-lo, por mais dessas pessoas que matassem, até que um cavaleiro, agarrando-se nele, trouxe-o para o chão.

Capítulo VII

As inconveniências da grandeza

Desde que não podemos atingi-la, vamos vingar nossos egos insultando-a; e ainda não é absolutamente contra nada insultar além de proclamar os seus defeitos, porque elas estão em todas as coisas encontradas, por mais bonitas ou desejáveis que possam ser. A grandeza tem, em geral, esta vantagem manifesta: de poder abaixar-se quando lhe agrada e tem à mão a escolha de uma ou de outra condição; pois um homem não cai de todas as alturas; há várias das quais pode descer sem cair. Realmente, me aparece que nós a avaliamos por um preço muito elevado e também sobrevalorizamos a resolução daqueles a quem vimos ou ouvimos menosprezá-la, ou destituir-se de seu próprio acordo: sua essência não é evidentemente tão cômoda que um homem não possa, exceto por um milagre, recusá-la. Acho uma coisa muito difícil sofrer infortúnios, mas contentar-se com uma fortuna de medida moderada e evitar a grandeza, penso que é matéria muito fácil. Isto é, me parece, uma virtude para qual eu — que não sou nenhum conjurador — não pode sem qualquer grande esforço alcançar. O que, então, será esperado desses que ainda colocariam em deferência a glória que assiste a tal recusa, lá onde pode espreitar ambição até mesmo pior do que o próprio desejo e a fruição da grandeza? Visto que a ambição nunca se conduz melhor, de acordo consigo mesma, do que quando procede de caminhos obscuros e pouco freqüentados.

Eu estímulo minha coragem e paciência, mas tanto quanto posso as oriento para o desejo. Tenho tanta ânsia de um como de outro e me permito os meus desejos como muita liberdade e indiscrição; mas ainda nunca me aconteceu desejar o império ou a realeza, ou a eminência dessas fortunas elevadas e dominantes: não almejo aquele caminho; contento muito bem a mim mesmo. Quando penso em crescer mais é de forma bastante moderada e compelido por um avanço tímido, como é próprio da minha resolução, em prudência, saúde, beleza e até mesmo nas riquezas; mas essa reputação suprema, essa poderosa autoridade, oprimem a minha imaginação; e, totalmente oposto àquele outro [Júlio César], devo, talvez, antes escolher ser o segundo ou terceiro em Perigord do que o primeiro em Paris pelo menos, sem preocupação, e preferivelmente o terceiro em Paris do que o primeiro. Eu não disputaria nem com um porteiro, um miserável desconhecido, nem faria as multidões se abrirem em adoração à minha passagem. Sou treinado numa condição moderada, tanto por minha escolha quanto pela fortuna; e tenho feito parecer, na conduta de toda a minha vida e nos meus empreendimentos, que pelo contrário tenho evitado bastante escalar um grau acima da fortuna em que Deus me colocou por meu nascimento; toda constituição natural é igualmente fácil e justa. Minha alma é tão covarde que não meço a boa fortuna pela altura, mas pela facilidade.

Mas se o meu coração não é grande o bastante, ele está suficientemente aberto para fazer retificações, a pedido de qualquer pessoa, deixado livremente franqueado por sua fraqueza. Se porventura alguém me propusesse comparar, por um lado a vida de L. Tório Balbo — um homem valente, bonito, instruído, sadio, compreensivo e proficiente em todas as variedades de conveniências e prazeres, conduzindo uma vida tranqüila e completamente independente, sua mente bem preparada contra a morte, a superstição, a dor e as outras incumbências da necessidade humana, afinal morrendo em batalha, com a espada na mão, em defesa do seu país —; e no outro lado a vida de M. Régulo, tão alto e notável como é conhecido por todos o seu fim admirável; o primeiro sem nome e sem dignidades, o outro exemplar e glorioso à maravilha. Eu sem dúvida haveria de dizer como fez Cícero, se pudesse falar tão bem quanto ele [Cícero dá a preferência a Régulo e o proclama o homem mais feliz]. Mas se fosse compará-los comigo, deveria então dizer que o primeiro é muito mais de acordo com a minha capacidade e do desejo que conformo à minha capacidade, assim como o segundo vai muito além disso; que se não pudesse aproximar-me do último senão com reverência, o outro poderia prontamente alcançar por meio da prática.

Voltemos à nossa grandeza temporal, da qual temos divagado. Tenho aversão a todo o domínio, seja ativo ou passivo. Otanes, um dos sete que tinham direito para pretender o reino da Pérsia, de boa vontade fez como eu teria feito, ou seja, deixou aos seus competidores o direito de promovê-lo, quer através de eleição, quer através de sorteio, contanto que ele e os seus pudessem viver no império livres de toda autoridade e sujeição, excluídas as leis antigas, podendo desfrutar de toda liberdade que não fosse prejudicial aos demais, sendo tão impaciente de comandar quanto de ser comandado.

O emprego mais doloroso e árduo do mundo, na minha opinião, é desempenhar meritoriamente o ofício de um rei. Escuso mais os seus enganos do que os homens geralmente fazem, em atenção ao peso intolerável da sua função, que me assombra. É muito difícil manter proporção em tão imensurável poder; contudo sucede, mesmo para aqueles que não são da melhor natureza, um singular estímulo à virtude estar sentado num lugar onde você não pode fazer o menor bem que não será posto em registro e onde o menor benefício redundará a tantos homens, onde seu talento administrativo, como o dos pastores, é principalmente devotar-se ao povo, um juiz não muito exato, fácil de enganar e facilmente contentado. De poucas coisas podemos formar um juízo sincero em razão de que há escassas em que não temos, de alguma forma, um interesse particular. Superioridade e inferioridade, domínio e sujeição são vinculados a uma inveja natural e competitiva, devendo de necessidade proteger-se perpetuamente uns dos outros. Não acredito em nenhum deles roçando os direitos do outro partido; então deixemos a razão —

que é inflexível e sem paixão — determinar quando podemos nós mesmos nos aproveitar disso. Há menos de um mês reli dois autores Escoceses contententes sobre este assunto, um dos quais sustentava que o povo colocasse o rei numa condição muito pior; o que escreve pela monarquia o coloca alguns graus acima de Deus em poder e soberania.

Assim sendo, a incomodidade da grandeza de que aqui decidi me ocupar e que em algumas ocasiões recentes tem vindo à minha lembrança, é esta: não há, talvez, qualquer coisa mais agradável no comércio de muitos do que as tentativas que fazemos uns contra os outros, salvo por emulação de honra e valor, seja nos exercícios do corpo ou da mente, em que a soberana grandeza não pode ter nenhuma participação verdadeira. E, com seriedade, muitas vezes pensei que por força de respeitar-se, naquele particular os homens costumam ver os príncipes desdenhosos e injuriosamente; uma coisa era infinitamente ofensiva em minha infância, pois aqueles que deviam me adestrar me reprimiam para fazer melhor que eles, porque me achavam desmerecedor do seu esforço extremo; é o que vemos acontecer-lhes diariamente, cada um se achando indigno de contender com eles. Se descobrimos que eles têm o menor desejo de obter o melhor de nós, não há ninguém que não fará disso o seu negócio e antes trairá sua própria glória do que ofenderá a deles; e nisso empregará não apenas a força necessária para poupar a honra deles. Que participação tem eles então no compromisso onde todas as pessoas estão ao seu lado? Parece-me ter visto esses paladinos de tempos antigos que se apresentavam nas justas e batalhas com braços e corpos enfeitados. Brissão, correndo contra Alexandre, intencionalmente perdeu o fôlego e cometeu uma falta em sua carreira; Alexandre repreendeu-o por isso, mas devia tê-lo chicoteado. Nesta consideração, disse Carnéades que “os filhos dos príncipes não aprendem nada direito senão guiar cavalos; em razão de que, em todos os outros exercícios, dobram todas as pessoas e concessões para eles mesmos; mas um cavalo, que não é um cortesão nem um adulator, lança o filho de um rei sem a menor cerimônia, como lançaria o de um faxineiro”.

Homero ficaria satisfeito de consentir que Vênus, uma deusa tão doce e delicada como era ela, fosse ferida na guerra de Tróia, assim imputando bravura e coragem às suas qualidades, que possivelmente não podem estar entre aquelas isentas de perigo. Os deuses são feitos para serem bravos, temerários, esquivos, ciumentos, aflitos, transportados com paixões, tudo para honrá-los com as virtudes que, entre nós, são construídas sobre essas imperfeições. Quem não participa dos perigos e dificuldades não pode reivindicar nenhum interesse na honra e no prazer que são conseqüências das ações arriscadas. É lamentável um homem precisar ser tão capaz que todas as coisas tenham de vir ao seu encontro; nisso a fortuna o leva para muito longe da sociedade, a lugares onde você fica em grande solidão. Esse desembaraço e a mesquinha facilidade de fazer todas as coisas se curvarem debaixo de você são inimigos de todas as formas de prazer: isso é deslizar, não caminhar; é dormir e não viver. Conceba o homem dotado de onipotência: você o subjuga; ele tem de implorar a perturbação e a oposição como se fossem esmolas: sua existência e sua bondade são indigentes. O mal para o homem reside em tornar-se bom, e vice-versa. Nada é sempre doloroso para ser evitado, nem sempre prazeroso para ser procurado.

Suas boas qualidades estão mortas e perdidas; porque elas só podem ser percebidas por comparação e nós as removemos: eles têm escasso conhecimento do verdadeiro elogio, tendo seus ouvidos ensurdecidos com tão ininterrupta e uniforme aprovação. Têm eles que fazer com o mais estúpido de todos os seus assuntos? dele não têm quaisquer meios para tirar vantagem; mas se ele diz: “Isto é porque ele é o meu rei”, então pensa ter dito o bastante para expressar que está submisso e dominado. Esta qualidade sufoca e consome as outras qualidades, verdadeiras e essenciais: na realeza elas estão submersas e nada lhes deixa para recomendar a si mesmos senão com ações que interessam diretamente e atendem às funções do seu posto; é tanto mais ser um rei que isso persiste apenas neles. O resplendor externo a circundá-los os escondem e amortalam de nós; ali nossa visão é repelida e dissipada, estando saturada e bloqueada por aquela luz preponderante. O senado concedeu o prêmio de eloqüência a Tibério; ele o recusou estimando que, conquanto fosse justo, não poderia derivar vantagem alguma de um julgamento tão parcial e vindo de quem tinha tão pouca liberdade para julgar.

Como nós lhes atribuímos todas as vantagens da honra, assim aliviámos e autorizamos todos os seus vícios e defeitos, não somente através da aprovação, mas também pela imitação. Cada um dos seguidores de Alexandre levava sua cabeça de lado, como ele fazia; e os bajuladores de Dionísio corriam uns contra os outros na sua presença, tropeçando e transtornando tudo que estava a seus pés, para mostrar que eram peticegos como ele. A própria hérnia também serviu para recomendar um homem ao favoritismo; eu tenho visto a surdez fingida; e porque o mestre passou a odiar sua esposa, Plutarco viu os cortesãos dele repudiarem as suas, a quem amavam; e o que é ainda mais, a falta de asseio e todas as formas de dissolução estiveram também em moda; bem como a infidelidade, a blasfêmia, a crueldade, a heresia, a superstição, a irreligião, a efeminação e ainda pior, se pior pode haver; e por um exemplo contudo mais perigoso que o de Mitridates aos lisonjeadores: sendo mestre deles e almejando a distinção de um bom médico, foram a ele para receber incisões e cauterizações em seus membros; pois esses outros deixaram que a alma, uma parte mais delicada e nobre, fosse cauterizada.

Para terminar por onde comecei: disputando o filósofo Favorino com o Imperador Adriano sobre a interpretação de alguma palavra, Favorino logo lhe entregou a vitória; aos amigos que o censuraram ele disse: “Vocês simplesmente falam; não seriam mais sábios do que eu, que comando trinta legiões?” Quando Augusto escreveu alguns versos contra Asínio Pólio, este comentou: “eu nada digo, pois não é prudente escrever contestando alguém que tem poder para proscrever”. E eles tinham razão. Pois Dionísio, porque não podia igualar Filoxeno na poesia e Platão no discurso, condenou o primeiro às minas e enviou o outro para ser vendido como escravo na ilha de Ægina.

Capítulo VIII

A arte da conferência

É hábito da nossa justiça condenar alguns para advertir outros. Condená-los por ter cometido erros seria insensatez, como disse Platão, pois o que está feito nunca poderá ser desfeito; mas a finalidade era de que não mais pudessem ofender e que

outros evitassem o exemplo da ofensa deles: nós não corrigimos o homem; nós o penduramos e corrigimos outros através dele. Ocasionalmente faço a mesma coisa; meus erros às vezes são naturais, incorrigíveis e irremediáveis: mas o bem que os homens virtuosos fazem ao público, fazendo-se imitar, eu talvez possa lograr fazendo-o evitar minhas maneiras:

“Nonne vides, Albi ut male vivat filius? utque

Barrus inops? magnum documentum, ne patriam rein

Perdere quis velit;”

“Tu não vês como vive mal o filho de Albus? e como Barrus está indigente? uma grande advertência para qualquer um inclinado a dissipar seu patrimônio” [Horácio]

; publicando e acusando minhas próprias imperfeições, alguém aprenderá a ter medo delas. As partes que mais estimo em mim mesmo angariam mais honra do que depreciação por recomendar-me, que é a razão de tão freqüentemente falhar e de tanto insistir naquele esforço. Mas, quando tudo está resumido, um homem nunca fala de si mesmo sem perda; as auto-acusações de um homem sempre são acreditadas; os auto-elogios, nunca: talvez seja alguma coisa da minha própria constituição que melhor me instrui pela contrariedade do que pela similitude e antes me eximindo do imitando. O velho Catão acatava este tipo de disciplina quando disse: “que o sábio pode aprender mais dos tolos do que os tolos do sábio”; e Pausânias conta-nos de um antigo tocador na harpa desejoso de fazer seus estudantes ouvirem outro que tocava muito mal e que vivia contra ele, pois assim poderiam aprender a odiar suas discórdias e falsas medidas. O horror da crueldade possivelmente me inclina mais para a clemência do que qualquer exemplo de clemência poderia fazer. Um bom cavaleiro não repara nos meus fundilhos, como um advogado desajeitado ou um Veneziano, sobre o cavalo; e um modo desajeitado de falar mais emenda o meu que o corrige. O olhar simples e ridículo de outro sempre me adverte e aconselha, o que me espicaça, desperta e incita muito melhor do que as cócegas. O tempo é agora apropriado para nos reformarmos regressivamente; mais divergindo do que concordando; mais diferindo do que consentindo. Lucrando pouco através dos bons exemplos, faço uso dos maus, que são encontrados em toda parte: eu me empenho em fazer-me mais agradável quando vejo os outros na ofensiva; mais constante quando vejo os outros inconstantes; mais afável quando vejo os outros ásperos; tão melhor quando vejo que os outros estão mal: mas eu me proponho medidas impraticáveis.

O mais fecundo e natural exercício da mente é a conversação, na minha opinião; acho o seu uso mais doce do que qualquer outra atividade da vida; e é por isso que, se fosse compelido a escolher agora, penso que antes consentiria em perder minha visão do que minha fala e audição. Os Atenenses e também os Romanos mantiveram este exercício em grande conceito nas suas academias; os Italianos ainda nestes dias retêm alguns traços desse hábito, para grande vantagem deles, como fica manifesto pela comparação de nossa compreensão com a sua. O estudo dos livros é um movimento débil e lânguido que não aquece, considerando que a conversação imediatamente ensina e exercita. Se eu conversar com um disputante áspero e de mente enérgica, ele aperta os flancos e me espicaça a torto e a direito; suas idéias estimulam as minhas; o ciúme, a glória e a contenção, me excitam e elevam até alguma coisa acima de mim; e, em discurso, a aquiescência é qualidade absolutamente tediosa. Mas, como nossa mente se fortalece pela comunicação regular com entendimentos vigorosos, não será expressada quanto se perde e degenera pelo comércio ininterrupto e a familiaridade que nós temos com espíritos fracos e mesquinhos; não há contágio algum que se esparrame como tal; sei o suficiente, por experiência própria, o quanto vale essa medida. Adoro discursar e disputar, mas é apenas com poucos homens e para mim mesmo; pois fazer disso espetáculo e entretenimento para muitas pessoas e tornar a inteligência e as palavras de um homem uma parada competitiva é, na minha opinião, muito impróprio para um homem honrado.

A loucura é uma má qualidade; mas não poder suportá-la, irritar-se e vexar-se, como eu faço, é outro tipo de doença pouco menos perturbadora que a própria insensatez; e é a coisa de que desejo agora acusar-me. Entro em conferências e disputas com grande liberdade e facilidade, haja vista que a convicção encontra em mim uma terra muito inadequada onde penetrar e criar qualquer raiz profunda; nenhuma proposição me assombra, nenhuma crença me ofende, conquanto nunca tão contrárias às minhas próprias; há nenhuma fantasia tão frívola e extravagante que não me pareça satisfatória para a produção da inteligência humana. Nós, que privamos nosso juízo do direito à determinação, olhamos indiferentemente as diversas opiniões se a elas não inclinamos nosso julgamento, embora facilmente lhes prestemos nossa atenção: onde uma balança está totalmente vazia, deixei outra oscilando debaixo dos sonhos de uma velha esposa; e me acho desculpável se preferir o número estranho; quinta-feira em lugar de sexta-feira; se eu terei antes a décima segunda ou décima quarta mesa do que a décima terceira; se numa viagem vejo uma lebre me ultrapassando ou cruzando o meu caminho, se dou antes meu pé esquerdo que o direito ao meu criado, quando ele vem ajudar-me a vestir as meias. Todos os devaneios dessa natureza são como créditos ao nosso redor, merecedores pelo menos de uma audição: de minha parte, eles comigo importam apenas pela inaniidade, mas nisso importam. Além disso, em sua natureza as opiniões vulgares e casuais não são mais do que nada; e aquele que não se submeter a proceder tão longe cairá, talvez, no vício da obstinação para evitar o da superstição.

As contradições de julgamentos, então, não ofendem nem alteram; elas somente me despertam e exercitam. Nós fugimos da correção, considerando que deveríamos nos oferecer e apresentar a ela, especialmente quando aparece na forma de conferência e não de autoridade. A toda oposição não avaliamos se há ou não desonra, mas, certo ou errado, como nos desimpedir: em vez de estender os braços, empurramos para fora de nossas garras. Eu poderia me deixar ser rudemente controlado por meus amigos, tanto quanto dizer a mim mesmo que sou um tolo e afirmar que não os conheço. Aprecio as expressões robustas entre homens suaves e ouvi-los falar o que pensam; devemos fortalecer e enrijecer nossa audição contra essa ternura da cerimoniosa pronúncia das palavras. Eu amo a familiaridade imperiosa e varonil na conversação: uma amizade que se delicia na perspicácia e no vigor da sua comunicação, como o amor mordendo e arranhando: ele não é vigoroso e generoso o bastante se não for irascível, se for civilizado e artificial, se anda escrupulosamente e receia melindrar:

“Neque enim disputari sine reprehensione potest”

“Ninguém pode disputar sem se desmentir”

(ou) “Nenhuma pessoa pode disputar sem repreensão” [Cícero].

Quando alguém me contradiz, ele eleva a minha atenção, não a minha raiva: eu avanço para que ele me controverta, me instruindo; a busca da verdade deveria ser a causa comum tanto de um quanto de outro. O que responderá o homem zangado? A paixão já confundiu o julgamento dele; a agitação usurpou o lugar da razão. Não se engane de que a decisão de nossas disputas deveria passar por aposta; poderia haver um indicador material das nossas perdas, a fim de melhor podermos nos lembrar delas; e meu oponente haveria de dizer-me: “Sua ignorância e obstinação no ano passado, em diversas oportunidades, custou cem coroas”. Eu saúdo e acaricio a verdade seja lá em que ambiente a encontre; alegremente me rendo e abro meus braços conquistados assim que consigo descobri-la; e, contanto também que não seja nada imperioso, tenho prazer em ser reprovado e me acomodo aos meus acusadores, muito mais freqüentemente em virtude de civilidade do que de aperfeiçoamento, amando gratificar e nutrir a liberdade de admoestar pela minha facilidade de me submeter a isso, e sempre à minha própria custa.

Não obstante, é difícil trazer a isso os homens do meu tempo: eles não têm a audácia de corrigir porque não têm coragem de se submeter à correção; e sempre falam com dissimulação um na presença do outro: tenho tanto prazer sendo julgado ou reconhecido que me é quase indiferente em qual das duas situações estou; minha imaginação com tanta freqüência se desmente e se condena que para mim é tudo uma coisa só se outros fazem isso, especialmente levando em conta que não dou à repreensão nenhuma autoridade maior do que eu mesmo escolho; senão eu rompo com ele, que se eleva tão alto, como conheço alguém que se arrepende do seu conselho, se não acreditado, tomando como afronta se não for imediatamente seguido. Que Sócrates sempre tenha recebido sorrindo as contradições oferecidas aos seus argumentos, um homem pode dizer surgido da força da sua razão; e que, ficando a vantagem do seu lado, ele as aceitava como um assunto de nova vitória. Mas nós observamos, pelo contrário, que nada na argumentação torna nosso sentimento tão melindroso quanto a convicção de preeminência e o desdém do adversário; e que, com razão, isso é o bastante para o mais fraco levar em boa parte as oposições que o corrigem e estabelecem o seu direito. Com sinceridade, escolho antes a companhia daqueles que me arrepiam do que daqueles que me temem; este é um prazer sombrio e pernicioso que tem a ver com as pessoas que nos admiram e aprovam tudo o que dizemos. Antístenes jamais ordenou que seus filhos o aceitassem amavelmente ou como um favor, quando qualquer homem o recomendaria. Eu me sinto muito mais orgulhoso da vitória que obtenho sobre mim mesmo quando, mesmo no ardor da disputa, me submeto à força da racionalidade do meu adversário, do que fico satisfeito com a vitória obtida sobre ele por sua própria debilidade. Em resumo, recebo e admito de todas as maneiras os ataques diretos, por mais fracos que sejam, mas fico muito impaciente com aqueles que são feitos sem método. Não me preocupo de qual é o assunto, para mim as opiniões são todas únicas e sou quase indiferente a levar a melhor ou a pior. Posso discutir pacificamente um dia inteiro se o argumento for continuado e metódico; não necessito de tanta força e sutileza quanto de ordem — refiro-me à ordem que observamos diariamente nas altercações de pastores e mexericos de meninos — mas nunca entre nós: se eles começam a sua exposição, isso é alheio à incivilidade e então é conosco; mas seu tumulto e impaciência nunca os deixa estender o seu tema; o argumento deles ainda prossegue em seu curso; se são interrompidos e não se sustentam uns aos outros, pelo menos eles se entendem. Qualquer um responde muito bem por mim se responder o que eu digo: quando a disputa for irregular e desordenada, deixo a própria coisa e insisto na forma com raiva e indiscrição; entrando num caminho obstinado, malicioso e imperioso de contestação, do qual depois me envergonho. É impossível tratar razoavelmente com um tolo: meu julgamento não apenas é corrompido debaixo da mão de tão impetuoso mestre, mas também minha consciência.

Nossas disputas deveriam ser interditas e castigadas assim como outros crimes verbais: que vício eles não elevam e acumulam, sendo sempre governados e comandados pela paixão? Nós disputamos primeiro com suas razões e então com os homens. Na disputa só aprendemos que podemos contradizer; e assim, cada um contradizendo e sendo contradito, resulta que o fruto da contestação é perder e aniquilar a verdade. É por isso que na sua República Platão proíbe esse exercício aos tolos e pessoas malcriadas. Para que fim anda você a indagar dele, que não sabe nada a propósito? Um homem não faz nenhum dano ao assunto quando o deixa em busca de formas para poder tratá-lo; não quero dizer de um modo escolástico e artificial, mas por um meio natural, com uma compreensão sadia. No fim o que será? Uma pessoa voa para o leste, outra para o oeste; elas perdem a direção, dispersando-se na multidão de incidentes depois de uma hora de tempestade; não sabem o que procuram: uma é baixa, outra é alta, a terceira é larga. Alguém pega uma palavra e um símile; outro não é nada mais sensato do que é dito em oposição a ele, só pensando em prosseguir na sua própria medida, não de lhe responder: outro, achando-se muito fraco para fazer bem o que lhe resta, teme tudo, recusa tudo desde o começo, confunde o assunto; ou, na própria altura da disputa, permanece restrito e calado, com uma ignorância mal-humorada afetando um desprezo orgulhoso ou com tola modéstia evitando o debate adicional: conquanto este homem golpeie, ele não se preocupa o quanto põe a descoberto; os outros contam suas palavras e pesam seus argumentos; outros apenas gritam, usando a vantagem dos seus pulmões. Eis aqui um que eruditamente conclui contra si mesmo; outro que o ensurdece com prefácios e digressões insensatas; um outro desce às afrontas categóricas e depois busca uma disputa à moda Alemã, para desimpedir-se de uma inteligência que o pressiona com muita dificuldade; e um último homem que nada vê na racionalidade da coisa, mas desenha em torno de você uma linha de circunvalação de cláusulas dialéticas e dos preceitos da arte dele.

Assim sendo, quem não ficaria desconfiado da ciência e duvidoso de poder dela colher qualquer fruto sólido para o interesse da vida, considerando a utilidade que nós lhe atribuímos?

“Nihil sanantibus litteris”

“Cartas que não curam nada” [Sêneca].

Quem poderá compreendê-lo com essa lógica? Onde estão todas as suas justas promessas?

“Nec ad melius vivendum, nec ad commodius disserendum”

“Ele não faz um homem viver melhor nem falar melhor” [Cícero].

Há mais barulho ou confusão na repreensão das esposas verborrágicas do que nas disputas públicas dos homens desta profissão? Penso que meu filho deveria aprender a falar antes no ambiente doméstico do que nas escolas de loquacidade. Pegue o mestre das artes e confira: por que ele não nos faz sensatos dessa excelência artificial? e por que ele não cativa as mulheres e os ignorantes, como somos nós, com admiração pela firmeza das suas razões e a beleza da sua disposição? por que não nos abala e persuade ao que deseja? por que faz um homem que tem tanta primazia, em substância e tratamento, misturar insulto, indiscrição e fúria em suas disputas? Dispa-o de sua toga, do seu capuz e do seu Latim, não o deixe martelar nossos ouvidos com Aristóteles, puro e simples: você o levará a um de nós, ou pior. Eles ainda nos atormentam com essa complicação e balbúrdia de palavras; com eles sucede, me parece, como aos ilusionistas: sua destreza se impõe aos nossos sentidos, mas não opera em nossa convicção senão por essa prestidigitação; eles nada executam que não seja muito ordinário e mesquinho, pois sendo mais instruídos, não são de modo algum menos parvos.

Eu amo e reverencio o conhecimento tanto quanto aqueles que o têm em seu verdadeiro uso como a maior e mais nobre aquisição do homem; mas, desses de quem falo (e o número deles é infinito), que nele edificam sua suficiência fundamental e valor, que invocam do seu intelecto para a sua memória:

“Sub aliena umbra latentes,”

“Abrigados debaixo da sombra de outros” [Sêneca]

, e que nada podem fazer senão através de livro; abomino isso, se assim ousa dizer, como algo ainda pior que estupidez. Em minha região e no meu tempo, o conhecimento aperfeiçoa bastante as fortunas, mas não a mente; se encontrar-se com aqueles que são sombrios e opressivos, os sobrecarrega demais e os sufoca, deixando-lhes uma massa crua e indigesta; se graciosos e refinados, os purifica, esclarece e sutiliza, até mesmo à inanição. Isso é uma coisa de qualidade praticamente indiferente; uma adesão muito útil para uma alma de boa família, mas danoso e pernicioso a outras; ou antes uma coisa de uso muito precioso, que não se submeterá a ser comprada por um preço; nas mãos de alguns isso é um cetro, nas de outros o brinquedo de um bufão.

Mas vamos prosseguir. Que maior vitória você espera além de fazer seu inimigo ver e reconhecer que não pode enfrentá-lo? Quando você alcança o melhor do seu argumento é a verdade quem ganha; quando você adquire a vantagem sobre a forma e o método, então é você quem vence. Sou de opinião que, em Platão e Xenófanes, Sócrates disputa mais em favor dos disputantes do que em favor da disputa; e mais para instruir Eutidemo e Protágoras no reconhecimento da sua impertinência do que na impertinência da arte deles. Ele pega o primeiro objeto como alguém que tem uma finalidade mais lucrativa do que explicar o que é aquilo, para esclarecer os espíritos que ele assume instruir e exercitar. Caçar a verdade é nosso negócio apropriado, mas seremos indesculpáveis se continuarmos numa perseguição impertinente e doentia; falhar em agarrá-la é outra coisa, porque nascemos para inquirir atrás da verdade: possuí-la pertence a um poder maior. Não é, como disse Demócrito, escondê-la no fundo do abismo, mas antes elevá-la a uma altura infinita no conhecimento divino. O mundo não é senão uma escola de inquisição: ele não se excederá, mas progredirá melhor. Bem pode bancar o bobo quem diz a verdade quanto aquele que diz falsidades, porque estamos abordando a maneira, não o assunto da palestra. É de meu temperamento avaliar tanto a forma quanto a substância e mais advogar a causa, como Alcibíades ordenou: e diariamente passo o meu tempo lendo os autores sem qualquer ponderação pela erudição deles; cuido das maneiras, não do assunto que eles abordam. Então, certamente busco na conversação de qualquer inteligência eminente, não o que ela pode me ensinar, mas o que dela posso conhecer e, em conhecendo-a, se julgá-la digna de imitação, posso imitá-la. Todo homem pode falar a verdade, mas falar metódica, prudente e completamente é um talento que poucos homens têm. A falsidade que procede da ignorância não me ofende; vejo-a como uma ridícula presunção. Rompi vários tratados que teriam sido vantajosos para mim por causa das contestações impertinentes daqueles com quem tratei. Não sou movido uma vez por ano às faltas desses sobre os quais tenho autoridade, mas por conta da absurda obstinação das suas alegações, negações, desculpas, das quais diariamente ficamos sabendo; eles nem entendem o que é dito, nem por que, respondendo de acordo; isso é o suficiente para levar um homem à loucura. Nunca sinto qualquer lesão em minha cabeça senão quando ela se choca contra outra; e mais facilmente relevo os vícios dos meus servos do que sua audácia, importunidade e insensatez; deixo-os fazerem menos, contanto que compreendam o que fazem: você vive na esperança de instigar a sua afeição pelo trabalho, mas deles não há nada a se obter ou ser esperado.

Mas o que seria se eu tomasse as coisas opostas ao que elas são? Talvez o faça; e é então que acuso minha própria impaciência e asseguro, em primeiro lugar, que neles é igualmente vicioso o que está certo e o que está errado; pois é sempre de uma acidez tirânica não suportar uma disposição contrária à própria iniciativa: e, além disso, na verdade não pode haver maior, mais constante nem mais irregular loucura do que ficar comovido e zangado pelas loucuras do mundo, pois isso principalmente nos faz disputar conosco mesmos; e o velho filósofo jamais careceu de oportunidade para suas lágrimas enquanto deliberava consigo mesmo. Miso, um dos sete sábios, de um humor Timoniano e Democrítico, sendo questionado: “do que ria, estando sozinho?” Ele respondeu: “Eu me divirto sozinho”. Quantas coisas ridículas, em minha própria opinião, diariamente digo e respondo conforme vem à minha cabeça? e ainda quantas mais, de acordo com a opinião dos outros? Se mordo meus próprios lábios, outros devem fazê-lo? Em resumo, devemos deixar a vida transcorrer e o rio passar debaixo da ponte sem o nosso cuidado, ou, pelo menos, sem a nossa interferência. Em verdade, por que conhecemos um homem com uma corcunda ou qualquer outra deformidade sem ficar comovidos e não podemos suportar o encontro de uma mente deformada sem ficar zangados? essa acrimônia viciosa cabe mais ao juiz do que ao crime. Tenhamos sempre esta declaração de Platão em nossas bocas: “Eu não penso coisas insalubres porque não estou sadio em mim mesmo? Não estou em falta? Minhas observações

podem não se refletir em mim?” Uma ponderação sábia e divina, chicoteando o mais comum e universal erro do gênero humano. Não apenas as censuras que lançamos nas faces uns dos outros, mas também nossas razões, nossos argumentos e controvérsias repercutem em nós e nos ferimos com nossas próprias armas, de que a antiguidade nos legou muitos exemplos graves. Era dito engenhosa e familiarmente por aquele que inventou esta sentença:

“*Stercus cuique suum bene olet*”

“A todo homem cheira bem seus próprios excrementos” [Erasmus].

Não vemos nada atrás de nós; escarnecemos de nós cem vezes por dia quando zombamos de nosso vizinho; e detestamos nos outros os defeitos que são mais manifestos em nós, os quais inadvertidamente admiramos com espanto e impudência. Ainda ontem ouvi um homem de entendimento e boa estirpe, tão agradável quanto justamente ridicularizando a loucura de outro, que nada mais fez além de atormentar todo mundo com o catálogo de sua genealogia e alianças, mais da metade delas falsas (porque eles são muito hábeis para entrar em tais discursos absurdos cujas qualidades são muito duvidosas e ainda menos seguras); não obstante, olhando para si mesmo, teria constatado não ser menos imoderadamente enfadonho em exaltar a genealogia da sua esposa. Ó presunção inoportuna, com a qual a esposa se vê armada pelas mãos do próprio marido. Se ele compreendesse Latim, deveríamos dizer-lhe:

“*Age, si hic non insanit satis sua sponte, instiga*”

“Venha! se ele não estiver bastante furioso consigo mesmo, urge incitá-lo” [Terêncio].

Não afirmo que homem algum deveria acusar outro daquilo de que não está isento, pois então ninguém jamais acusaria senão livre do mesmo tipo de nódoa; quero dizer que nosso julgamento, enquanto cai sobre outro que então é questionado, não deveria ao mesmo tempo poupar a nós mesmos, mas nos condenar com uma autoridade interior e severa. Este é um ofício de caridade: quem não pode recuperar-se de um vício deve, não obstante, esforçar-se para removê-lo de outro, em quem, talvez, pode não ter raízes tão profundas e malignas; nem reprovar-me por minha falta se ele é culpado da mesma. Que importa? A reprovação é, entretanto, verdadeira e de uso muito conveniente. Tivéssemos um bom nariz, nossas próprias fezes federiam pior para nós, visto que são nossas: e Sócrates é de opinião que, seja quem for, se achar a si mesmo, seu filho ou um estranho culpado de qualquer violência e injustiça, deveria começar por ele mesmo, em primeiro lugar apresentando-se à sentença da justiça e implorar, para purgar-se, a assistência da mão do verdugo; em segundo lugar ele deveria processar o filho; e por último, ao estranho. Se este preceito parecer muito severo, pelo menos ele deve primeiro se apresentar para a punição de sua própria consciência.

Os sentidos são nossos primeiros e apropriados juízes, que não percebem as coisas senão através de acidentes externos; e isso não é maravilha alguma, se por toda parte nas ocupações da nossa sociedade há tão perpétua e universal mistura de cerimônias e aparências superficiais; tanto que é nisso que consiste o melhor e mais eficaz papel de nossa política. É ainda o homem com quem temos de lidar, cuja condição é maravilhosamente física. Deixemos aqueles que, nestes anos recentes, nos ergueram tão contemplativos e imateriais exercícios de religião; não espanta se alguns pensam que isso havia desvanecido e escorrido pelos seus dedos, não tendo entre nós mais apoio que uma marca, título e instrumento de divisão e facção, do que por si mesmo. Como em conferência a gravidade, a roupagem e a fortuna daquele que fala muitas vezes dão crédito a argumentos vazios e palavras ociosas, não se presumirá senão que um homem assim escoltado e temido não tem em si mais que a suficiência ordinária; e quem deu ao rei deu tantos ofícios, comissões e despesas, tão orgulhoso e arrogante, não tem maior consideração de si mesmo do que outro que o saúda a tão grande distância e não tem emprego nenhum. Não apenas as palavras mas também os trejeitos dessas pessoas são considerados e adicionados à conta; cada um faz disso seu negócio para lhe dar alguma interpretação criteriosa e refinada. Se eles se inclinam à conferência comum e você lhes oferece qualquer coisa além de aprovação e reverência, eles então o derrubam com a autoridade da sua experiência: eles ouviram, eles viram, eles fizeram assim e assado: você é esmagado com exemplos. Eu de boa vontade devia lhes dizer que o fruto da experiência de um cirurgião não é a história da prática dele, a lembrança de haver curado quatro pessoas da peste e três da gota, a menos que disso ele saiba como extrair algo com que formar seu juízo e nos fazer conscientes de com isso ter ficado mais hábil em sua arte. Como num concerto instrumental não ouvimos um alaúde, uma espineta ou uma flauta sozinhos, mas uma perfeita harmonia, o resultado de todo o conjunto. Se as viagens e os ofícios os aperfeiçoam, é produto da sua compreensão fazer que isso apareça. Não é o bastante reconhecer experiências; eles as devem pesar, escolher e destilar, extraindo as razões e conclusões que levam junto com eles. Nunca houve tantos historiadores: estudá-los é realmente útil e conveniente, porque em todos os lugares eles nos aprestam com excelentes e louváveis instruções do repositório da sua memória o que, sem dúvida, é de grande interesse em auxílio à vida; mas não é isso o que buscamos para o agora: nós examinamos se esses relatores e coletores de coisas são recomendáveis por si mesmos.

Odeio todas as formas de tirania, em palavras e atitudes. Estou muito pronto para me opor a essas vãs circunstâncias que iludem nosso julgamento através dos sentidos; e mantendo meus olhos próximos dessa extraordinária grandeza, melhor percebo que eles são homens, assim como outros:

“*Rarus enim ferme sensus communis in illa Fortuna*”

“Pois nessas fortunas elevadas, geralmente é raro o bom senso” [Juvenal].

Possivelmente nós os estimamos e observamos menores do que eles são, em razão de que eles mais se comprometem e mais se expõem; eles não correspondem à investida que empreenderam. Deve existir mais energia e vigor no portador do que no fardo; quem não o levanta tanto quanto pode deixa para você conjecturar se ainda tem alguma força; além disso ele não foi tentado ao extremo do que pode fazer; aquele que afunda debaixo da sua carga revela o melhor de si e a fraqueza dos seus ombros. Esta é a razão de vermos tantas almas simplórias entre as instruídas e mais do que essas do tipo melhor: eles teriam sido bons fazendeiros, bons comerciantes e bons artesãos: seu vigor natural fora cortado naquela proporção. O conhecimento é uma

coisa de grande peso; eles desfalecem debaixo disso: sua compreensão não tem vigor nem destreza o bastante para repartir e distribuir, empregar ou fazer uso dessa rica e poderosa substância; não têm nenhuma virtude preponderante além de uma natureza forte; e tais naturezas são muito raras e as mais débeis, diz Sócrates, por corromper a dignidade da Filosofia através da manipulação, fazendo-a parecer inútil e viciosa quando hospedada numa mente mal trabalhada. Eles se arruinam e fazem tolos de si mesmos:

***“Humani qualis simulator simius oris,
Quern puer arridens pretioso stamine serum
Velavit, nudasque nates ac terga reliquit,
Ludibrium mensis”***

“Semelhante a um macaco, simulador da face humana, um menino travesso enfeita-se em ricas sedas, mas deixa as partes baixas descobertas para ser alvo do riso durante as refeições” [Claudiano].

Nem é suficiente para aqueles que nos governam e comandam, tendo o mundo todo em suas mãos, adotar uma compreensão comum e poder fazer o mesmo que nós fazemos; eles estão muito abaixo de nós, se não estão infinitamente acima de nós: como eles mais prometem, tanto mais terão de executar.

Neles até mesmo o silêncio não é apenas um semblante de respeito e gravidade, mas muito freqüentemente também de boa vantagem: pois Megabizo, indo visitar Apeles no seu ateliê, ficou de pé por longo tempo sem dizer palavra e afinal começou a falar das suas pinturas, pelo que recebeu esta rude reprovação: “Enquanto tu estavas silencioso, destes a impressão de ser grande coisa, por causa de teus laços e ricos hábitos; mas agora que ouvimos tuas palavras, não há menino mais humilde em minha oficina que não te despreze”. Esses ornamentos principescos, sumamente pomposos, não lhe permitiam ser descortês com uma ignorância comum e discorrer impertinente sobre pintura; ele deveria ter conservado esse presumível conhecimento externo através do silêncio. A quantos camaradas tolos do meu tempo uma conduta mal-humorada e silenciosa tem granjeado o crédito de prudência e capacidade!

As dignidades e ofícios são de necessidade conferidos mais pela fortuna do que na conta do mérito; e nós freqüentemente culpamos e condenamos os reis quando estes se colocam mal: pelo contrário, é espantoso que eles tenham tanta sorte onde há tão escassa habilidade:

“Principis est virtus maxima nosse suos;”

“A principal virtude de um príncipe é conhecer seu povo” [Marcial]

, pois a natureza não lhes deu uma visão capaz de se estender a tantas pessoas, para discernir quem supera as demais, nem penetrar em nosso âmago, onde jaz o conhecimento de nossos melhores desejos e valor: eles têm de nos escolher por conjectura e tateando no escuro; pois a família, a riqueza, a instrução e a voz das pessoas são todos argumentos muito fracos. Quem lograsse descobrir um meio pelo qual pudessem julgar com justiça e escolher os homens através de razão, iria, neste particular, estabelecer uma perfeita forma de governo.

“Sim, mas ele trouxe àqueles grandes acontecimentos um trânsito muito bom”. Isto é realmente dizer alguma coisa, mas não o bastante; pois esta sentença é justamente recebida: “Que não devemos julgar as deliberações através dos eventos”. Os Cartagineses castigavam as más deliberações dos seus capitães, que entretanto eram retificados por uma experiência bem sucedida; e o povo de Roma amiúde denegava o triunfo para vitórias muito grandes e vantajosas porque a conduta do seu general não era responsável por sua boa fortuna. Nas ações do mundo ordinariamente observamos que a fortuna, para nos exibir o seu poder sobre todas as coisas e que se orgulha enfraquecendo a nossa presunção, contanto que não possa fazer sábios dos tolos, tornou-os afortunados pela emulação da virtude; e na maioria das vezes os benefícios dessas operações ficam enredados naquilo que é puramente próprio dela; de onde é que os mais simples entre nós dão origem a grandes negócios, públicos e privados; e, como o Persa Seiramnes respondeu àqueles desejosos de saber porque seus negócios tiveram tão parco sucesso, considerando como eram sábias as suas deliberações: “que ele era mestre exclusivo dos seus desígnios, mas aquele sucesso específico estava completamente sob o poder da Fortuna”; estes podem responder o mesmo, mas por uma razão contrária. A maioria dos negócios mundanos é executado por eles.

“Fata viam inveniunt;”

“Os fatos encontram o caminho” [Virgílio]

; freqüentemente o evento justifica uma conduta muito tola; nossa interposição é pouco mais do que seria percorrer uma rota e mais geralmente uma ponderação de costume e exemplo do que de razão. Estando outrora surpreso pela grandeza de alguns incidentes, procurei familiarizar-me com seus motivos e fui endereçado àqueles que os haviam executado, não encontrando neles nada além de deliberações muito ordinárias; e as mais comuns e habituais realmente são, talvez, as mais seguras e convenientes para a prática, se não para exibição. Por quê, se as razões mais claras são melhor assentadas? e as piores, mais baixas e repisadas, mais bem adaptadas aos negócios? Para manter a autoridade dos conselhos régios é preciso que pessoas profanas deles não participem, ou vejam neles mais adiante do que a mais remota barreira; quem deseja preservar sua reputação deve reverenciar a confiança e assumi-la completamente. Minha consulta desbasta um pouco o assunto e o avalia ligeiramente pela primeira face que ele apresenta: pela ênfase e importância do negócio, me habituei a recorrer aos céus;

“Permitte divis caetera”

“Deixe o resto aos deuses” [Horácio].

A boa e a má fortuna são, na minha opinião, dois poderes soberanos; é loucura imaginar que a prudência humana pode fazer o papel da fortuna; e vã é a tentativa de quem presume compreender as causas e conseqüências, manipulando para

administrar o progresso do seu desígnio; e especialmente fútil nas deliberações sobre a guerra. Nunca houve maior circunspeção e prudência militar do que às vezes é visto entre nós: pode ser que os homens tenham medo de se perder sem propósito, reservando-se para o fim do jogo? Além disso afirmo que na maioria das ocasiões nossa própria sabedoria e parecer são confinados à direção das probabilidades; minha vontade e minha razão são eventualmente movidas por um alento, às vezes por outro; e muitos desses movimentos se governam sem mim: minha razão tem impulsões e agitações incertas, casuais:

***“Vertuntur species animorum, et pectora motus
Nunc alios, alios, dum nubila ventus agebat,
Concipiunt”***

**“O aspecto das suas mentes muda; e eles concebem ora tais idéias,
ora quais, assim como o vento agita as nuvens” [Virgílio].**

Deixe um homem apenas observar que é de maior autoridade sobre as cidades e que melhor executa seu próprio negócio; chegaremos à conclusão que os homens geralmente têm menos obrigações: mulheres, crianças e loucos tiveram a fortuna de governar grandes reinos igualmente bem como os príncipes mais sábios; Tucídides diz que ordinariamente o estúpido faz mais do que esses de melhor entendimento; nós atribuímos os resultados da boa fortuna à sua prudência:

***“Ut quisque fortuna utitur,
Ita praeccellet; atque exinde sapere illum omnes dicimus;”***

**“Ele cria o seu espaço sabendo empregar a fortuna e logo depois
todos o chamamos de sábio” [Plauto]**

; portanto eu digo sem reservas que os eventos são testemunhos muito pobres de nosso valor e talento.

Eu estava neste ponto em que um homem de nada mais precisa senão ver-se promovido à dignidade, conquanto sabemos que apenas três dias antes fosse alguém homem de escassa consideração; contudo, uma imagem de grandeza acima da suficiência insensivelmente penetra de maneira furtiva em nossa opinião e então nos persuadimos que, sendo aumentado em reputação e treinamento, ele também é acrescido de mérito; nós julgamos dele, não de acordo com seu valor, mas como fazemos através de opostos, de acordo com a prerrogativa do seu posto. Se sucede de forma que ele caia e seja novamente imiscuído na multidão comum, cada pessoa indaga com assombro a causa de se haver elevado a tais alturas. Dizem: “Ele não tinha conhecimento de onde estava? Os príncipes se satisfazem com tão pouco? Realmente, estávamos em boas mãos”. Isso é algo que vi freqüentemente em meu tempo. Ainda mais, pois até mesmo os disfarces de grandeza representados em nossas comédias de alguma forma nos comovem e nos iludem. O que adoro nos reis é a multidão dos seus adoradores; toda reverência e submissão é devida a eles, a não ser a do entendimento: minha razão não é obrigada a se curvar e dobrar; meus joelhos são. Sendo Melântio questionado sobre o que pensava da tragédia de Dionísio, respondeu: “eu não pude ver; ela foi obscurecida pela linguagem”; assim a maioria daqueles que julgam dos discursos dos grandes homens deveria dizer: “eu não entendi as palavras dele; elas foram obnubiladas pela gravidade, grandeza e majestade”. Um dia Antístenes tentou persuadir os Atenienses a ordenar que os seus asnos fossem empregados no cultivo da terra, bem como os cavalos; responderam-lhe que aquele animal não era destinado a tal serviço: “É tudo uma coisa só”, ele ripostou, “vocês devem apenas mandar: os homens mais ignorantes e incapazes que empregam nos comandos de suas guerras imoderadas tornam-se bastante merecedores porque vocês os empregam”; pois vem muito próximo o costume de muitas pessoas que canonizam o rei escolhido de fora do seu próprio grupo e que não se contenta apenas com a honra, mas deve ser adorado. Os do México, depois que as cerimônias de coroação do seu rei terminam, não mais ousam olhá-lo na face, como se o tivessem divinizado por meio da sua realza. Entre os juramentos que eles fazem de manter a sua religião, suas leis e liberdades, ser valorosos, justos e moderados; além disso juram fazer o sol percorrer o seu curso com a velocidade costumeira, escoar as nuvens nas estações apropriadas, manter os rios correndo em seu leite e fazer a terra disseminar todas as coisas necessárias para o seu povo.

Discordo dessa moda comum e sou mais hábil para suspeitar da capacidade quando a vejo acompanhada por aquela grandeza de fortuna e do aplauso público; devemos considerar que vantagem é falar quando um homem agrada, escolher o assunto dele, interrompê-lo ou mudá-lo, com uma autoridade magistral; para proteger-se da oposição de outros com um aceno ou um sorriso, ou silenciar na presença de uma assembléia que treme com respeito e reverência. Um homem de prodigiosa fortuna que vem dar o seu parecer sobre alguma disputa desprezível, que estava tolamente colocada à sua mesa, começou com estas palavras: “Não pode ser nenhuma outra coisa senão um mentiroso ou um bobo quem irá dizer o contrário de fulano de tal”. Procure este ponto filosófico com um punhal em sua mão.

Fiz outra observação da qual tiro grande proveito: é que nas conferências e disputas, toda palavra que parece ser boa não é imediatamente aceita. A maior parte das pessoas é rica em suficiência pedida de empréstimo: um homem pode dizer uma coisa boa, dar uma boa resposta ou citar uma boa sentença, sem nada ver da força de uma ou de outra. Que um homem pode não compreender tudo o que pede emprestado, pode-se talvez verificar em mim mesmo. O homem não deve sempre apresentar-se submisso, por mais que a verdade ou a beleza possam parecer estar presentes no argumento oposto; ele deve resolutamente reconhecê-lo ou retirar-se, sob o pretexto de não entender, experimentando acima de todo interesse, como ele é hospedado no autor. Pode acontecer de nos embarçarmos, ajudando a fortalecer o próprio ponto. Na premência e ardor do combate às vezes tenho dado respostas que foram além da minha perspectiva ou esperança; só as dei em número, mas elas foram recebidas em peso. Quando contendo com um homem vigoroso, agrado-me em antecipar as suas conclusões, aliviando-o da dificuldade de se explicar, esforçando-me para evitar a sua imaginação, ainda em formação e defeituosa; a ordem e a pertinência da sua compreensão me advertem e ameaçam à distância; com os outros lido bem diversamente: nada mais tenho de entender ou pressupor senão através deles. Se determinam palavras genéricas: “isto é bom, não é nada” e sucede que estejam no direito, verifico se não é a fortuna que injeta isso de fora para eles: deixo-os numa estreita circunscrição e limite o

juízo deles; por quê, ou como, é assim. Esses juízos universais, que não vejo tão comumente, nada significam; esses são homens que saúdam todas as pessoas numa multidão; aqueles que as conhecem realmente as saúdam individualmente e pelo nome. Mas essa é uma experiência perigosa, da qual tenho mais que diariamente visto resultar aqueles débeis entendimentos, pretendendo parecer engenhosos, tomando conhecimento, assim como leram num livro, do que é melhor e mais a ser apreciado, assim estabelecendo sua admiração em alguma coisa muito mal escolhida em lugar de nos fazer discernir a excelência do autor; eles nos fazem ver muito bem sua própria ignorância. É segura a exclamação “Isto é ótimo”, depois de ter ouvido uma página inteira de Virgílio; porque o tipo esperto se salva; mas empreender segui-lo linha por linha e, com um julgamento experto e treinado, observar onde um bom autor se supera, pesando suas palavras, frases, invenções e as várias excelências, uma após outra, conservando-se neutro:

***“Videndum est, non modo quid quisque loquatur, sed etiam
Quid quisque sentiat, atque etiam qua de causa quisque sentiat”***

**“Não é para o homem examinar apenas o que toda pessoa diz, mas também
o que toda pessoa pensa e porque razão pensa cada uma” [Cícero].**

Todos os dias ouço pessoas insensatas dizerem coisas que não são tolices: elas dizem uma coisa boa; vamos examinar até onde compreendem aquilo, de onde tiraram e o que querem dizer com isso. Nós as ajudamos a fazer uso dessa boa expressão, dessa boa sentença que não é absolutamente sua; elas têm somente de mantê-la; elas a arremessaram a esmo; nós a colocamos a seu crédito e estima. Você as ajuda. Qual o propósito? elas não se acham obrigadas a você por isso e se tornam ainda mais absurdas. Não as ajude; deixe-as sós; elas administrarão a questão como pessoas que têm medo de queimar seus dedos; elas não se atrevem a mudar seu fundamento nem esclarecer-se, nem violar isso; a sacudida disso nunca é tão pequena, deslizando entre seus dedos; elas deixam isso, conquanto jamais sendo tão fortes ou justas são boas armas, mas apenas parcialmente: Quantas vezes presenciei tais experiências? Agora, se você vem explicar qualquer coisa, para confirmá-las, elas então se apegam a isso e o privam da vantagem da sua interpretação; “era o que eu estava a ponto de dizer; era quase exatamente a minha idéia; se não me expressasse dessa forma, seria por pobreza de linguagem”. Mero vento! A própria malícia deve ser empregada para corrigir essa ignorância arrogante. O dogma de Hegesias, “que não devemos odiar nem acusar, mas instruir”, está correto em outra parte; mas aqui está essa injustiça e desumanidade para aliviar e estabelecer um direito que não era de nenhuma necessidade para ele, que é o pior e mais forte. Gosto de deixar que penetrem mais e mais no lodo; e tão profundamente, que, se for possível, afinal possam discernir o seu erro.

A loucura e o absurdo não poderão ser curados pela advertência nua; e o que Ciro respondeu a quem o importunou para arengar seu exército no momento da batalha, “que os homens não ficam valentes e belicosos subitamente, por uma boa oração, não mais que alguém se torna bom músico ouvindo uma boa canção”, pode apropriadamente ser dito de advertência tal como essa. Estes são aprendizados que serão servidos previamente, através de uma longa e continuada educação. Nós devemos esse cuidado e essa assiduidade de correção e instrução ao nosso próprio povo; mas ir pregar ao primeiro passante e tornar-se tutor da ignorância e da loucura do primeiro que encontramos, é uma coisa que abomino. Raramente faço isso, mesmo na conversação privada; prefiro deixar de lado a coisa toda do que proceder a essa iniciação e instrução escolástica; meu temperamento não é próprio para falar ou escrever a novatos; mas para as coisas que são ditas em discurso comum, entre outras coisas, nunca me oponho através de palavras ou sinais, por mais falsos ou absurdos que possam ser.

Quanto ao resto, nada me vexa tanto na loucura quanto ela ficar mais satisfeita consigo mesma do que qualquer justificativa pode razoavelmente estar. É uma infelicidade que a prudência nos proíba de nos satisfazer e confiar em nós mesmos, sempre nos dispensando tímidos e descontentes; considerando que a obstinação e a temeridade abastecem aqueles que são possuídos de alegria e segurança. É para os mais ignorantes olharem para outros homens por cima do ombro, sempre voltando do combate cheios de triunfo e contentamento. E além disso, na maior parte, essa arrogância no falar e alegria de semblante lhes dá o melhor na opinião da audiência, que usualmente é fraca e incapaz de bem julgar e discernir a real vantagem. A opinião obstinada e o ardor do argumento são as mais seguras provas de insensatez; há qualquer coisa tão segura, resolvida, desdenhosa, pensativa, séria e grave quanto o asno?

Não podemos incluir sob o título de conferência e comunicação as réplicas bruscas e afiadas que a hilaridade e a familiaridade introduzem entre amigos, agradável e satiricamente zombando e caçoando uns dos outros? Este é um exercício ao qual minha alegria natural me torna adequado o bastante e que, se não é tão tenso e sério como outros mencionados até agora, é, como pensou Licurgo, não menos inteligente e engenhoso, nem de menor utilidade. De minha parte, nisso mais contribuo com liberdade do que inteligência e tenho mais de sorte do que de invenção; mas sou perfeito em me submeter porque suporto uma vingança que não é apenas acrimoniosa, mas indiscreta demais para ser útil, sem ser movida a coisa alguma; e a quem me ataca, se eu não tiver uma resposta viva imediatamente pronta, não estudo buscar posição com uma competição tediosa e impertinente, bordejando a teimosia, mas deixando isso passar e baixando alegremente minhas orelhas, adio a vingança para outro e mais oportuno momento: não há comerciante que sempre ganhe. A maioria dos homens muda de semblante e voz onde sua inteligência falha e por uma raiva intempestiva, em vez de se vingar, imediatamente acusa sua própria loucura e impaciência. Nessa jovialidade, por vezes beliscamos os filamentos secretos das nossas imperfeições, os quais, numa ocasião e momento mais sério, não podemos tocar sem ofensa e tão proveitosamente dar a outros uma sugestão dos nossos defeitos. Há outras *jeux de main* [piadas práticas], rudes e indiscretas à maneira Francesa, que odeio mortalmente: minha pele é muito delicada e sensível. Vi há tempos dois príncipes de sangue enterrados por esse mesmo motivo. É deselegante lutar por um gracejo. Quanto ao resto, quando tenho a idéia de julgar alguém eu lhe pergunto o quão ele é satisfeito consigo mesmo; a que grau sua fala ou seu trabalho o agrada. Não desejo nenhuma dessas boas desculpas, “eu só faço isso por diversão:

‘Ablatum mediis opus est incudibus istud’

'Aquele trabalho foi tirado da bigorna meio acabado' [Ovídio]

Não faz uma hora que aconteceu: desde então nunca mais olhei para isso”.

Bem, então eu digo, ponha isso de lado e me dê algo perfeito, pelo qual você seria medido. E então, você pensa que é a melhor coisa do seu trabalho? É esta a sua essência? Isso é enfeite ou substância, invenção, julgamento ou aprendizagem? Porque acho que os homens ficam, geralmente, muito distantes da marca ao julgar dos seus próprios trabalhos a partir dos de outros; não apenas por causa da bondade para com eles mesmos, mas pela ânsia da capacidade de conhecê-los e distingui-los: o trabalho, por sua própria força e fortuna, pode secundar o trabalhador e às vezes sobrepujá-lo, muito além da sua invenção e entendimento. De minha parte, julgo o valor dos trabalhos de outros homens mais obscuramente do que os meus próprios; e coloco os Ensaios, ora altos, ora baixos, com grande dúvida e inconstância. Há vários livros que são úteis em virtude do tema e pelos quais o autor não recebe nenhum elogio; e livros bons, assim como bons trabalhos, que envergonham o trabalhador. Posso descrever a maneira de nossos banquetes e a moda de nossas roupas, e descrevê-los imperfeitamente; posso publicar os éditos do meu tempo e as cartas dos príncipes que passam de mão em mão; posso fazer o resumo de um bom livro (e todo resumo de um bom livro é um resumo leviano), cujo original virá a perder-se; e assim por diante: a posteridade derivará uma singular utilidade de tais ensaios, mas que reverência receberei a menos que por muito boa fortuna? A maior parte dos livros famosos está nessa situação.

Quando vários anos atrás li Filipe de Comines, sem dúvida um autor muito bom, não detectei nenhuma declaração vulgar, “Que um homem deve cuidar de não fazer ao seu mestre tão excelente serviço que ele afinal não saberá como recompensá-lo”; mas deveria recomendar a invenção, não ele, porque encontrando isso em Tácito, desde então nada desejo:

***“Beneficia ea usque lxta sunt, dum videntur exsolvi posse;
Ubi multum antevenere, pro gratis odium redditur;”***

“Os benefícios são tão distantes de aceitar quanto se afiguram capazes de retribuição; onde eles muito excedem aquele ponto, é devolvido o ódio no lugar do agradecimento” [Tácito]

; e Sêneca diz vigorosamente:

***“Nam qui putat esse turpe non reddere,
Non vult esse cui reddat;”***

“Pois quem pensa ser uma vergonha não retribuir, não deseja ter vivo o homem a quem deve retornar” [Sêneca]

; e Cícero diz, com menos integridade:

***“Qui se non putat satisfacere,
Amicus esse nullo modo potest”***

“Quem se julga atrás em obrigação, não pode de maneira alguma ser um amigo” [Cícero].

O assunto, de acordo com o que seja, pode fazer um homem ser visto como instruído e de boa memória; mas para nele julgar as partes que são mais próprias e mais merecedoras, o vigor e a beleza da sua alma, deve-se primeiro saber o que é próprio dele e o que não é; e no que não é o próprio dele, a quanto lhe somos obrigados pela escolha, disposição, ornamentação e linguagem com que nos agraciou. O que pensar se ele tomou o assunto emprestado e deteriorou sua forma, como freqüentemente resulta? Nós, que somos pouco lidos em livro, ficamos nesse dilema quando nos deparamos com uma excessiva fantasia em algum novo poeta, ou algum argumento forte num pregador; não obstante, não ousamos recomendá-lo até nos informarmos, através de algum homem instruído, primeiro se a idéia é do escritor ou ele emprestou de outro; até nisso eu sempre me mantenho em guarda.

Ultimamente tenho lido toda a história de Tácito, sem interrompê-la com qualquer outra coisa (o que apenas raramente acontece comigo, pois desde os vinte anos tenho me mantido a qualquer hora junto de um livro), fazendo isso a exemplo de um cavaleiro para quem a França é tida em grande estima, bem como para seu próprio valor particular, na conta de uma forma constante de capacidade e virtude que ultrapassam alguns dos seus muito grandes irmãos. Não conheço nenhum autor de uma narrativa pública que misture tantas considerações de maneiras e inclinações particulares: sou de uma opinião bastante contrária à dele, assegurando que, especialmente tendo de acompanhar as vidas dos imperadores do seu tempo, tão diversos e extremos em todos os tipos de formas, tantas ações notáveis como a notável crueldade produzida nos seus assuntos, ele teve um tema mais enérgico e atraente para tratar do que se tivesse de descrever as batalhas e comoções universais; de forma que freqüentemente o acho estéril, discorrendo sobre essas mortes valentes como se temesse aborrecer-nos com sua multidão e detalhamento. Esta forma de história é por muito a mais útil; a maioria das comoções públicas depende da conduta da fortuna, mesmo quando secretas. Isso é antes um juízo do que a narração de uma história; há nele mais preceitos que histórias: não é um livro para ler, é um livro para estudar e aprender; ele está cheio de opiniões sentenciosas, certas ou erradas; é um bergário de discursos éticos e prudentes, para uso e ornamento daqueles que ocupam qualquer lugar no governo do mundo. Ele sempre discute com argumentos fortes e sólidos, de um modo incisivo e perspicaz, de acordo com o estilo afetado daquela época que era tão devotado a uma forma inflada onde a perspicácia e a sutileza careciam das coisas providas por essas palavras elevadas e expansivas. Esse não é um estilo muito distinto do de Sêneca: vejo Tácito mais vigoroso e Sêneca mais afiado. A caneta dele parece mais apropriada para uma condição perturbada e doentia, como a nossa no momento é; você diria que ele freqüentemente nos pinta e belisca.

Aqueles que duvidam da sua boa fé acusam-se suficientemente a si mesmos de serem seus inimigos por alguma outra razão. Suas opiniões são sadias e se apóiam no lado correto nos negócios Romanos. E ainda estou zangado com ele por julgar mais severamente Pompeu — consistente com a opinião dos homens de mérito que viveram na mesma época e tiveram

intercâmbio com ele — e tê-lo reputado no mesmo nível de Mário e Sila, salvo que ele era mais conciso. Outros escritores não o absolveram do seu intento no controle dos incidentes de ambição e vingança; até mesmo seus amigos tinham medo de que a vitória o transportasse além dos limites da razão, mas não a tão imensurável grau; nada em sua vida ameaçava tanta crueldade expressa em tirania. Nem deveríamos levantar suspeita contra a evidência; então, neste particular não creio em Plutarco. Que as narrações foram genuínas e diretas talvez se possa argüir desta mesma coisa que eles nem sempre aplicam às conclusões dos seus juízos, que seguem de acordo com o preconceito que ele trazia, muito freqüentemente além do assunto que nos é apresentado, sobretudo porque não permitiu que fossem minimamente alterados. Ele não precisa de nenhuma desculpa por ter aprovado a religião do seu tempo, conforme ordenavam as leis em vigor, tendo ignorado a verdadeira; isso foi o infortúnio dele, não um defeito.

Considerei principalmente o julgamento dele e não estou completamente satisfeito com ele todo; como estas palavras da carta que Tibério, velho e doente, enviou ao senado: “O que escrever a vocês, senhores, ou como deveria escrever a vocês, ou o que não deveria escrever a vocês neste momento? Os deuses e deusas possam dar-me um castigo pior do que diariamente me atormenta, se eu souber!” Não vejo porque Tibério haveria de assim aplicar-se um remorso positivamente afiado que atormentava a sua consciência; pelo menos, quando estive na mesma situação, não percebi nenhuma coisa do gênero.

Isso também me pareceu um pouco mesquinho em quem, vindo dizer que havia conduzido um ofício honroso em Roma, desculpa-se por não dizer isso sem ostentação; isso parece, eu afirmo, desprezível para alma tal a como a dele; pois não falar claramente da personalidade de um homem implica em alguma carência de ousadia; um homem de sólido e elevado discernimento, que julga cabal e seguramente, em todas as ocasiões empregando seu próprio exemplo, assim como os de outros; e livremente dá evidência tanto de si mesmo quanto da terceira pessoa. Devemos transpor essas regras comuns da civilidade em favor da verdade e da liberdade. Não me atrevo a falar apenas de mim, mas a falar só por mim: quando escrevo sobre qualquer outra coisa, perco meu caminho e divago em meu tema. Não sou tão indiscretamente enamorado por mim mesmo, tão completamente confuso e confinado que não possa me distinguir e avaliar separadamente, como faço com um vizinho ou uma árvore: é igualmente um defeito não discernir o quão distante se estende o valor de um homem e dizer mais do que ele descobre em si mesmo. Devemos mais amor a Deus do que a nós mesmos e O conhecemos menos; e ainda falamos dEle tanto quanto desejamos.

Se as obras de Tácito apontam qualquer coisa verdadeira sobre as suas qualidades, ele era um grande personagem, íntegro e corajoso, não um supersticioso mas alguém de uma virtude filosófica e generosa. Pode-se imaginá-lo corajoso em suas relações; como onde ele nos fala de um soldado que carregava um fardo de madeira, estando suas mãos tão congeladas e grudadas à carga que lá permaneceram fechadas e ele morreu, sendo cortado os seus braços. Em coisas dessa natureza eu sempre me curvo à autoridade de tão formidável testemunha.

Ele também fala que Vespasiano, pelo beneplácito do deus Serápis, curou uma mulher cega de Alexandria unguindo os olhos dela com sua saliva e outros milagres que não sei, ele diz pelo exemplo e dever de todos os seus bons historiadores. Eles registram todos os eventos de importância; e entre os incidentes públicos estão as opiniões e os boatos populares. É obrigação deles relatar as crenças comuns, não regulamentá-las: aquela parte interessa aos eclesiásticos e filósofos, orientadores de consciências; e foi então que este seu companheiro — e um grande homem como ele mesmo — disse com muita sabedoria:

***“Equidem plura transcribo, quam credo: nam nec affirmare
Sustineo, de quibus dubito, nec subducere quae accepi;”***

“Verdadeiramente registrei mais coisas do que acredito, porque não posso afirmar de coisas das quais duvido, nem suprimir o que ouvi” [Quinto Cúrcio]

e este outro:

***“Haec neque affirmare neque refellere operae pretium est;
Famae rerum standum est”***

**“Não tem valor algum afirmar ou refutar essas coisas;
temos de nos levantar e informar” [Tito Lívio]**

E escrevendo numa época em que a convicção dos prodígios começou a declinar, não obstante ele diz que não deixará de inseri-los nos seus Anais e dar uma relação das coisas recebidas por tantos homens merecedores e com tão grande reverência da antiguidade; isto foi muito bem dito. Deixemos que nos entreguem a história, mais como a receberam do que pela sua crença nela. Eu, que sou senhor absoluto dos temas dos quais me ocupo e responsável por nenhum, contudo nem sempre me faço acreditar; amiúde me aventuro a atacar minha própria inteligência (no que muito suspeito de mim mesmo), e certas discussões verbais às quais sacudo minhas orelhas; mas deixei-as prosseguirem ao acaso. Percebo que outros adquirem reputação através de tais coisas: isso não é para que eu julgue sozinho. Eu me apresento de pé e deitado, na frente e por trás, à esquerda e à direita, em todas as minhas posições naturais. As inteligências, embora equivalentes em vigor, nem sempre são iguais em gosto e aplicação.

Isso é o que a minha memória me apresenta de peculiar, com bastante incerteza; no geral todos os juízos são deficientes e imperfeitos.

Capítulo IX

Sobre a vaidade

Não há, talvez, nenhuma vaidade manifestamente maior do que escrever tão vaidosamente sobre isto. O que a divindade tão divinamente nos expressou deveria ser cuidadosa e continuamente meditado pelos homens de entendimento. Quem não

vê que eu peguei uma estrada na qual, incessantemente e sem labuta, prosseguirei enquanto houver tinta e papel no mundo? Eu posso dar conta da minha vida por minhas ações; a fortuna colocou-as muito baixo: tenho de fazer isso através das minhas fantasias. Conheci um cavaleiro que só comunicava sua vida pelo funcionamento da sua barriga: você podia ver em sua propriedade a exibição de uma fila de bacias de sete ou oito dias que estavam paradas; era o estudo dele, o discurso dele; todas as outras conversas fediam em suas narinas. Aqui, mas não tão nauseantes, estão os excrementos de uma mente velha, às vezes espessa, às vezes rala, mas sempre indigesta. E quando terei concluído a representação da ininterrupta agitação e mutação dos meus pensamentos, como eles entram em minha cabeça, vendo que Diomedes escreveu seis mil livros abordando exclusivamente o tema da gramática?

O que, então, haveria a tagarelice de produzir, desde que o primeiro palrador começou a falar, saturando o mundo com essa horrível carga de volumes? Tantas palavras e apenas palavras. Pitágoras, por que tu não acalmas essa tempestade? Eles acusaram um dos Galba de velho vivendo à toa; ele respondeu, “que toda pessoa deveria dar conta das suas ações, mas não da sua casa”. Ele estava enganado, pois a justiça também toma conhecimento daqueles que respigam atrás do ceifeiro.

Mas deveria haver alguma restrição legal contra os escrevinhadores tolos e impertinentes, assim como contra os vagabundos e pessoas ociosas; a qual, se existisse, eu e cem outros seríamos banidos do alcance de nosso povo. Não digo isto como gracejo: rabiscar parece ser o sintoma de uma idade desordenada e licenciosa. Quando escrevemos tanto conforme nossas dificuldades? quando os Romanos tanto mais, a ponto de arruiná-los? Além disso, o refinamento da inteligência não torna as pessoas mais sábias em um governo: tratar disso é ocupação inútil, a que toda gente se aplica negligentemente pelo dever da sua vocação e por isso é facilmente debochado. A corrupção da velhice é realizada pela contribuição particular de cada homem individual; alguns contribuem com deslealdade, outros com injustiça, irreligião, tirania, avareza, crueldade, de acordo com seu poder; os tipos mais fracos entram com a loucura, vaidade e ociosidade; eu sou um destes. Parece como se fosse a estação para coisas fúteis, quando o prejudicial nos oprime; numa fase em que adoecer é comum, fazer apenas o que nada significa é uma forma de elogio. Isso me conforta, que serei um dos últimos a ser chamado para discutir; e se os maiores ofensores ainda estão sendo levados a ponderar, terei lazer para retificar: pois me parece irracional punir as pequenas inconveniências enquanto estamos infestados pelas maiores. Como disse o médico Filotimo a alguém que lhe apresentou o dedo para tratar e ele percebeu, pela aparência e pela respiração, ter uma úlcera nos pulmões: “Amigo, agora não é hora para brincar com suas unhas” [Plutarco].

Alguns anos atrás vi uma pessoa, cujo nome e memória tenho em muito grande estima, na própria altura de nossas grandes desordens, quando não havia lei nem justiça, nem magistrado que cumprisse sua obrigação, não mais do que há agora, publicar não sei que lamentáveis reformas sobre tecidos, arte culinária e chicanas legais. Esses são recursos diversionistas para alimentar algumas pessoas que estão mal empregadas, mostrando que elas não estão totalmente esquecidas. Esses outros fazem o mesmo, insistindo em proibir modos particulares de falar, danças e jogos para pessoas totalmente abandonadas a todo espécie de vícios execráveis. Não é momento de lavar e polir o ego de uma pessoa quando ela está atacada por uma febre violenta; os Espartanos só se deixavam pentear e encrespar quando estavam a ponto de se precipitar em algum extremo perigo em suas vidas.

De minha parte, tenho um costume pior: se meu chinelo estiver torto, deixo também minha camisa e meu capote, pois desprezo me arrumar pela metade.

Quando estou numa condição ruim eu me agarro ao prejuízo; me abandono por desespero; me deixo ir para o precipício, e, como dizem eles, “lanço o cabo depois do machado”; sou obstinado em piorar e não me julgo mais merecedor dos meus próprios cuidados; estou bem ou mal, inteiramente. É um benefício para mim que a desolação deste reino resulte na desolação da minha velhice: sofro melhor se minha doença for multiplicada do que se minha saúde for transtornada (que, estando doente, eu piore, do que, estando bem, venha a adoecer). As palavras que pronuncio no infortúnio são palavras de raiva: minha coragem amontoa suas cerdas, em vez de baixá-las; e, ao contrário de outros, fico mais devoto na boa que na má fortuna, conforme o preceito de Xenófanos, se não de acordo com a razão dele; e estou mais propenso a volver meus olhos para o céu agradecendo do que suplicando. Sou mais solícito de melhorar minha saúde quando estou bem do que ao restabelecê-la quando estou doente; para mim a prosperidade proporciona a mesma disciplina e instrução que as adversidades e açoites fazem a outros. Como se a boa fortuna fosse uma coisa incompatível com a boa consciência, os homens nunca evoluem bem senão na má fortuna. Para mim a boa fortuna é uma singular espora à modéstia e à moderação: a solicitação me vence, a ameaça me refreia; o benefício me dobra, o medo me enrijece.

Entre as condições humanas esta é bastante comum: ser melhor contentado com coisas estranhas do que pelas nossas próprias, amar as inovações e mudanças:

***“Ipsa dies ideo nos grato perluit haustu,
Quod permutatis hora recurrit equis:”***

“A própria luz do dia nos ilumina mais agradavelmente porque trocamos seus cavalos a todas as horas” [dito a uma ampulheta de água, adiciona Cotton].

Eu tenho a minha quota. Esses que seguem o outro extremo, de se satisfazerem e contentarem o bastante consigo mesmos, de valorizar o que eles têm acima de todo o resto e de concluir que nenhuma beleza pode ser maior do que a que eles vêem, se não forem mais sábios do que nós, serão realmente mais contentes; não invejo a sabedoria deles, mas sua boa fortuna.

Em mim esse humor ganancioso por coisas novas e desconhecidas ajuda a nutrir o desejo de viagens; mas outras circunstâncias mais importantes contribuem para isso; estou muito disposto a deixar a administração da minha casa. Há, eu confesso, uma espécie de conveniência em comandar, conquanto seja mais em um celeiro do que em ser obedecido por outras pessoas; mas esse é um prazer muito uniforme e lânguido e, além disso, é necessariamente mesclado com mil pensamentos inquietantes: um quanto à pobreza e à opressão dos seus inquilinos: outro, pelas disputas entre vizinhos: outro, as transgressões que eles fazem e o afligem;

*“Aut verberatae grandine vineae,
Fundusque mendax, arbore nunc aquas
Culpante, nunc torrentia agros
Sidera, nunc hyemes iniquas”*

“Ora as videiras são duramente atingidas pelo granizo na fazenda ilusória; agora as árvores são danificadas pelas chuvas, ou os anos de carência, agora o calor do verão queima as pétalas, agora os invernos destrutivos” [Horácio]

; e em seis meses Deus escassamente envia uma estação em que seu bailio possa fazer seus negócios como deve; mas se atender as videiras, arruína os prados:

*“Aut nimiis torret fervoribus aetherius sol,
Aut subiti perimunt imbres, gelidoeque pruinae,
Flabraque ventorum violento turbine vexant;”*

“Ou o sol ardente queima seus campos, ou as súbitas chuvas ou congelações destroem suas colheitas, ou um vento violento leva tudo embora diante dele” [Lucrécio]

, ao que se pode acrescentar o sapato novo e limpo do homem de idade, que fere seus pés, e que um estranho não entende o quanto você vale e em quanto contribuiu para manter aquele espetáculo de ordem que é visto em sua família e pelo qual talvez tenha pagado muito caro.

Eu cheguei tarde ao governo de uma casa: aqueles que a natureza enviou ao mundo antes de mim aliviaram-me longamente daquela dificuldade; de forma que eu já havia tomado outra inclinação mais adequada ao meu temperamento. Ainda, pelo tanto que eu vi, essa é uma ocupação mais enfadonha que difícil; quem é capaz de qualquer outra coisa, fará isso com facilidade. Tivesse a idéia de ser rico, o caminho me pareceria muito longo; servir a meus reis seria um tráfico mais lucrativo que qualquer outro. Desde que nada mais pretendo senão ter a reputação de nada possuir ou nada dissipar, de conformidade com o restante da minha vida, impróprio seja para fazer o bem ou o mal a qualquer momento, desejando apenas prosseguir, mas não posso fazê-lo, graças a Deus, sem algum grande esforço. No pior, eternamente se previne a pobreza minimizando as despesas; é disso que faço minha grande preocupação e não hesito em fazê-lo antes que seja compelido. Quanto ao resto, tenho ajustado suficientemente meus pensamentos para viver com menos do que tenho e viver prazenteiramente:

*“Non aestimatione census, verum victu atque cultu,
Terminantur pecuniae modus”*

“Não é pelo valor das posses, mas por nossa lavoura e nossa subsistência diária que nossas riquezas são verdadeiramente calculadas” [Cícero].

Minha real necessidade não ocupa tão completamente tudo o que possuo que a fortuna não tenha onde firmar seus dentes sem morder rapidamente. Minha presença, descuidada e ignorante como é, me faz grandes préstimos em meus negócios domésticos; eu me emprego neles, mas é irritante achar que tenho isso em minha casa, que enquanto queimo minha vela por uma extremidade, a outra não é poupada.

As viagens não me fazem nenhum mal senão pelas despesas, que são grandes e maiores do que eu bem posso suportar; sempre tendo vontade de levar não somente o necessário, mas uma equipagem vistosa, tenho de fazê-las tanto mais curtas e escassas; eu gasto nisso apenas a espuma do que reservei para tal uso, demorando e adiando meu movimento até que esteja pronto. Não desejo que o prazer de viajar ao estrangeiro prejudique o prazer de ficar retirado em casa; pelo contrário, pretendo que eles alimentem e favoreçam um ao outro. Nisto a fortuna me ajudou, desde que minha principal atividade nesta vida era viver à vontade e antes à toa do que ocupado, ela me privou da necessidade de aumentar minha riqueza para prover a multidão dos meus herdeiros. Se para um não houver o bastante do que tão copiosamente tive, o risco dele será este: a sua imprudência não há de merecer que eu devesse desejar-lhe nada mais. E cada um, de acordo com o exemplo de Fócion, provê suficientemente para seus filhos quando lega mais do que lhe foi deixado. Eu não devo de forma alguma agir à maneira de Crates. Ele deixou seu dinheiro nas mãos de um banqueiro com a condição de que somente deveria dá-lo aos seus filhos se eles fossem tolos; se sábios, ele então deveria distribuí-lo às pessoas mais tolas; como se os parvos, sendo menos capazes de viver sem riquezas, fossem mais capazes dos empregá-las.

Em todo caso, o prejuízo ocasionado pela minha ausência parece não merecer, tanto quanto sou capaz de suportar, que eu deva renunciar às ocasiões de me desviar por aquela assistência problemática.

Há sempre alguma coisa que vai extraviar-se. Os negócios, um enquanto de uma casa, então de outra, o rasgam em pedaços; você questiona tudo muito de perto; aqui sua perspicácia o fere, assim como em outras coisas. Eu fujo das ocasiões de me vexar e evito o conhecimento das coisas que serão perdidas; e ainda assim não consigo organizar isso, senão que a toda hora colido contra uma coisa ou outra que me desagradam; e os truques que a maioria esconde de mim são aqueles que mais prontamente venho a conhecer; há alguns que, para não criar uma situação pior, um homem deveria ajudar-se a ocultar. Vãs vexações; fúteis às vezes, mas sempre vexações. Os menores e mais leves impedimentos são os mais penetrantes: como as letras pequenas mais fatigam os olhos, assim os pequenos negócios mais nos perturbam. A aniquilação de uma pequena aflição ofende mais que outra, ainda que seja muito grande. Os espinhos domésticos são numerosos e desprezíveis, portanto picam mais profundamente e sem advertência, facilmente pegando-nos de surpresa quando menos os suspeitamos [Homero nos mostra muito claramente o quanto a surpresa traz vantagem, representando Ulisses a lamentar a morte do seu cachorro e não lamentando as lágrimas de sua mãe; o primeiro acidente, trivial como era, extraiu o melhor dele, chegando de forma bastante inesperada; ele suportou o segundo, embora mais poderoso, porque estava preparado para ele. Estas são ocasiões frívolas que humilham nossas vidas].

Eu não sou um filósofo; os males me oprimem conforme seu peso e pesam tanto de acordo com sua forma quanto sua

constituição, freqüentemente muito mais. Se nisso eu tiver mais perspicácia que o vulgo, tenho também mais paciência; em suma, eles pesam em mim, se não me ferem. A vida é uma coisa delicada e facilmente molestada. Desde que minha velhice me tornou mais pensativo e sombrio:

“Nemo enim resistit sibi, cum caeperit impelli,”

“Pois nenhum homem persiste quando começa a ser arrastado para a frente” [Sêneca]

, pois à mais trivial causa imaginável, irrito-me àquele humor que depois se nutre e exaspera do seu próprio movimento; atraindo e amontoando a matéria da qual se alimentar:

“Stillicidi casus lapidem cavat:”

“Caindo continuamente as gotas esburacam uma pedra” [Lucrecio]

; esse escoamento ininterrupto me consome e me ulcera. As inconveniências ordinárias nunca são leves; elas são contínuas e inseparáveis, especialmente quando se originam dos membros de uma família, ininterruptos e inseparáveis. Quando considero meus negócios a uma distância e no geral, descubro porque talvez minha memória não seja nada melhor, pois até agora eles foram aprimorados além da minha razão ou expectativa; minha renda parece maior que é; sua prosperidade me denuncia: mas quando inquiri mais estreitamente o negócio e observo como todas as coisas vão:

“Tum vero in curas animum diducimus omnes;”

“Nós realmente conduzimos a mente a todos os tipos de cuidados” [Virgílio].

Tenho mil coisas a desejar e temer. Entregá-las totalmente é muito fácil de fazer: mas administrá-las sem aborrecimento é muito difícil. É uma coisa miserável estar em um lugar onde vê todos ocupados e preocupados com você; e imagino que mais alegremente desfrutaria os prazeres da casa de outro homem e com maior e mais puro contentamento do que os da minha própria. Diógenes respondeu de acordo com o meu humor a quem lhe perguntou que tipo de vinho ele mais gostava: “O de outro”, ele disse [Diógenes Laércio].

Meu pai ficou deliciado ao construir em Montaigne, onde ele nasceu; e em todo o governo dos negócios domésticos eu adoro seguir seu exemplo e suas regras; nelas engajarei aqueles que não de suceder-me, tanto quanto eles me permitam, para fazer o mesmo. Faço o melhor que posso por ele; fico orgulhoso de que a vontade dele ainda seja executada e esteja agindo por meu intermédio. Deus proibiria que em minhas mãos eu haveria alguma vez de submeter qualquer imagem da vida, que eu fosse capaz de retribuir a um pai tão bom, e nisso falhar. E onde quer que tenha erguido a mão para fortalecer algumas velhas fundações de paredes ou consertar alguns edifícios em ruínas, com sinceridade, fiz isso mais por respeito ao projeto dele do que para minha própria satisfação; e estou irado comigo mesmo porque não prossegui terminando o que ele deixou em sua casa, tanto mais porque é muito provável que eu seja o último proprietário da minha raça, e o último a colaborar nisso. Pois, quanto à minha própria diligência particular, nem o prazer de construir (o qual dizem ser fascinante), nem a caça, nem os jardins, nem os outros prazeres de uma vida retirada podem me divertir muito. E isso é porque estou bravo comigo mesmo, como fico com todas as outras opiniões que me são incômodas; não me preocuparia tanto em ser muito vigoroso ou instruído quanto obteria as facilidades e conveniências da vida: elas são verdadeiras e bastante sadias, se são úteis e agradáveis. Assim como me ouço declarar minha ignorância em agricultura, sussurro em minha orelha que é por desdém que negligencio conhecer seus instrumentos, suas estações, sua organização, como eles desbastam minhas videiras, como eles as enxertam; saber os nomes e as formas das ervas e frutos, a preparação da carne da qual eu vivo, os nomes e preços das matérias-primas que emprego, porque, dizem eles, eu fixei meu coração num conhecimento um pouco mais elevado; eles me matam falando assim. Não é nenhum desdém; é antes por loucura e estupidez do que pela glória; eu sou preferivelmente um bom cavaleiro do que um bom lógico:

“Quin to aliquid saltem potius, quorum indiget usus,

Viminibus mollique paras detexere junco”

“Não faça antes algo do que é necessário; faça cestos de junco e de salgueiro” [Virgílio].

Nós ocupamos nossos pensamentos sobre as causas e condutas gerais e universais, que prosseguirão muito bem sem o nosso cuidado; e deixamos nossos próprios negócios ao acaso, e Michael muito mais nos preocupa do que o homem. Agora eu estou realmente na maior parte em casa; mas seria melhor contentado do que em qualquer outro lugar:

“Sit meae sedes utinam senectae,

Sit modus lasso maris, et viarum,

Militiaeque”

“Deixe a minha velhice ter um assento fixo; que haja um limite para as fadigas do mar, das viagens, da guerra” [Horácio].

Não sei se provoquei isso ou não. Eu poderia desejar que, em vez de algum outro membro de sua sucessão, meu pai tivesse resignado a mim o afeto apaixonado que em sua velhice dedicou aos negócios domésticos; ele estava feliz em poder acomodar seus desejos à sua fortuna e satisfazer-se com o que possuía; a Filosofia política pode muito a propósito condenar a maldade e esterilidade do meu ofício, se eu puder vir a apreciá-lo alguma vez, como ele fez. Sou de opinião que as mais honrosas convocações são para servir o público e ser útil para muitos,

“Fructus enim ingenii et virtutis, omnisque praestantiae,

Tum maximus capitur, quum in proximum quemque confertur:”

“Pois os maiores prazeres da maldade, da virtude e de toda a excelência são experimentados quando conferidos aos mais próximos” [Cícero]

; por mim, eu renego isto; parcialmente pela consciência (pois onde vejo o peso que jaz sobre tais ocupações, percebo também os escassos meios de que disponho para provê-lo; e Platão, o próprio mestre de todo político governamental, não obstante tomou cuidado para abster-se disso), em parte por covardia. Eu me contento em desfrutar o mundo sem alvoroço;

viver uma vida desculpável e que não venha a se tornar um fardo para mim mesmo ou para qualquer outro.

Nunca qualquer homem mais completa e debilmente submeteu-se ao controle de uma terceira pessoa do que eu deveria fazer, não tendo qualquer outro em quem confiar. Neste momento um dos meus desejos seria ter um genro que soubesse generosamente como apreciar minha velhice e acalentar o meu sono; em cujas mãos eu pudesse depositar, em completa soberania, a gerência e o uso de todos os meus bens, de que ele poderia dispor como eu faço, contanto que de sua parte ele fosse verdadeiramente reconhecido e amigo. Mas nós moramos num mundo onde a lealdade dos próprios filhos é uma incógnita.

Quem tem o encargo de minha bolsa nas viagens, a tem puramente e sem controle; ele poderia me enganar completamente, se viesse a estimar; e, se ele não for um demônio, eu o obrigo a tratar fielmente comigo por tão completa confiança:

“Multi fallere do cuerunt, dum timent falli; et aliis jus Peccandi suspicando fecerunt”

“Muitos ensinam outros a enganar, enquanto temem ser enganados e, suspeitando deles, dão-lhes um título desfavorável” [Sêneca].

A segurança mais comum que tomo das pessoas ao meu redor é a ignorância; nunca presumo que alguém seja vicioso até que primeiro o encontre assim; e deposito a maior confiança nos mais jovens, pois acho que são menos estragados pelos maus exemplos. Prefiro antes contar ao fim de dois meses as quatrocentas coroas que gastei do que ter os meus ouvidos martelados todas as noites com três, cinco, sete: e fui, dessa maneira, tão pouco roubado como outros. Na verdade, estou pouco disposto a ver isso; eu, de alguma forma, de propósito, abrigo um tipo de conhecimento perplexo, incerto do meu dinheiro: até certo ponto, fico contente de duvidar. As pessoas devem deixar um pequeno espaço para a infidelidade ou indiscrição de um servo; se no geral você permitir bastante, para fazer o seu negócio, deixe o excedente da liberalidade da fortuna correr um pouco mais livremente à mercê dela; essa é a porção do respigador. Afinal de contas, não avalio a fidelidade dessas pessoas tanto quanto menosprezo a sua injúria. Que coisa ridícula e vergonhosa é um homem investigar o seu dinheiro, encantar-se em manuseá-lo e falar dele inúmeras vezes! É através disso que a avareza faz sua aproximação.

Nos dezoito anos em que estive de posse da minha propriedade, nas próprias mãos, nunca pude prevalecer em reler minhas ações ou examinar meus principais negócios, que devem necessariamente submeter-se ao meu conhecimento e inspeção. Isto não é um desdém filosófico pelas coisas mundanas e transitórias; meu gosto não é purificado àquele nível e eu os avalio a um elevado preço, pelo menos, o quanto eles valem; mas isto é, em verdade, uma preguiça indesculpável, infantil e negligente. O que eu faria antes de ler um contrato? ou, como um escravo do meu próprio negócio, pescar nesses escritos empoados? ou, o que é pior, o que tantos outros homens fazem hoje em dia para obter dinheiro? Eu nada mais invejo além do cuidado e nada tanto me aborrece quanto o esforço para ficar descuidado e à vontade. Eu estava bem adaptado, acredito, para dispor disso sem obrigação e servidão, vivendo antes da fortuna de outro homem que da minha própria: e realmente não sei, quando examino isso mais de perto, se, de acordo com meu humor, o que devo sofrer com meus negócios e criados, não tem sido algo mais miserável, problemático e atormentador do que seria servir um homem melhor nascido do que eu, que me governaria com uma rédea suave e um pouco para meu próprio caso:

“Servitus obedientia est fracti animi et abjecti, arbitrio carentis suo”

“Servidão é a obediência de uma mente subjugada e miserável, desejando sua própria e livre vontade” [Cícero].

Crates fez pior, lançando-se da liberdade à pobreza só para se libertar das inconveniências e cuidados da sua casa. Isso é o que eu não faria; eu odeio igualmente a pobreza e o sofrimento; mas haveria de me contentar em mudar meu modo de vida para viver outra que fosse mais humilde e menos onerosa.

Quando ausente de casa me dispo de todos esses pensamentos e ficaria menos interessado na ruína de uma torre, do que estou, quando presente à queda de um azulejo. À distância minha mente facilmente se tranqüiliza, mas sofre tanto quanto a do pior camponês quando estou em casa; se os controles das minhas rédeas se desacertam, ou uma correia que se agita contra a minha perna, me mantêm de mau humor o dia inteiro. Eu elevo bastante bem a minha coragem contra as inconveniências: se não posso, ergo meus olhos:

“Sensus, o superi, sensus”

“Os sentidos, ó deuses, os sentidos”].

Em casa sou responsável por tudo que se perde. Poucos anfitriões (refiro-me a esses de condição média como eu), se tantos houver, estão mais contentes e podem confiar tanto nos outros, senão que a maior parte do fardo repousará em seus próprios ombros. Toma muito da minha disposição entreter as visitas, de forma que tenho, talvez, detido algumas antes pela expectativa de um bom jantar do que por meu próprio comportamento; e perco muito do prazer que deveria colher em minha própria casa pela visita e reunião dos meus amigos. A conduta mais ridícula de um cavalheiro, em sua própria casa, é vê-lo atarefado sobre os negócios da propriedade, sussurrando a um criado e olhando zangado para outro: ele deve deslizar insensivelmente e patentear um fluxo costumeiro; acho deselegante falar muito com nossos convidados sobre os seus divertimentos, seja para vangloriar-se ou desculpar-se. Eu amo a ordem e a limpeza

“Et cantharus et lanx Ostendunt mihi me”

“Os pratos e os copos mostram meu próprio reflexo” [Horácio]

ainda mais que a abundância; e ter em casa uma exata avaliação da necessidade, pouco para exhibir externamente. Se um criado aparece em mangas de camisa na casa de outro homem, ou tropeça e lança um prato diante dele quando o está carregando, você apenas sorri e não faz nenhum gracejo; você ainda dorme e o patrão da casa já está conciliando uma tabela de alimentos com seu mordomo para o entretenimento da manhã. Eu falo conforme eu mesmo faço; não obstante

aprecio totalmente o bom gerenciamento em geral e uma administração doméstica silenciosa, próspera e agradável, continuada regularmente, que é para poucas índoles; e não desejo imputar meus próprios erros e inconveniências à coisa em si; nem deixar mentir Platão, que vê nisso a ocupação mais agradável para cada um realizar seus negócios particulares sem ofensa para outros.

Quando viajo não tenho nada com que me preocupar senão eu mesmo e o desembolso do meu dinheiro, do qual disponho através de um único preceito; muitas coisas são necessárias para rastelar tudo, e nada entendo disso; entendo um pouco de gastar e de como dar alguma exibição às minhas despesas, que é realmente seu principal uso; mas confio muito ambiciosamente em quem se apresenta de modo desigual e disforme, e, além disso, é imoderado em ambos os aspectos; se faz uma demonstração, se atende a necessidade, eu indiscretamente deixo correr; bem como amarro imprudentemente os cordões da meus bolsa se não me salienta e não me agrada. Seja o que for, arte ou natureza, nos imprimem uma condição de vida pela referência a outros e nos traz muito mais prejuízo que benefício; nós nos privamos das nossas próprias utilidades para acomodar aparências à opinião comum: não nos preocupamos tanto com o que na realidade somos quanto ao que à observação do público inspiramos. Até mesmo as propriedades da mente e a própria sabedoria, nos parecem inúteis se são desfrutadas somente por nós mesmos e não se mostra à visão e aprovação de outros. Há um tipo de homem cujo ouro corre em imperceptíveis fluxos subterrâneos; outros expõem tudo em pratos e baixelas; de forma que para um vale um níquel e para os outros o inverso: a estimação do mundo concede utilidade e valor, conforme a exibição. Toda solicitude fastidiosa em relação a riquezas cheira a avareza: nem sequer quem disso pode dispor, com liberalidade muito sistemática e artificial, não é merecedor de uma direção penosa ou solicitude: quem desejar ordenar sua despesa para isso apenas irá fazê-lo muito aflito e restrito. Para eles gastar ou poupar são coisas indiferentes; não recebem nenhum caráter de bondade ou maldade, mas de acordo com a aplicação da vontade.

Outra coisa que me põe à prova nessas viagens é a inaptidão para os costumes presentes em nosso estado. Eu facilmente poderia consolar-me dessa deturpação em atenção ao interesse público:

“Pejoraque saecula ferri

Temporibus, quorum sceleri non invenit ipsa

Nomen, et a nullo posuit natura metallo;”

***“E, pior que as idades de ferro, nas quais os crimes não tinham
comparação com quaisquer dos metais da Natureza” [Juvenal]***

; mas não para mim mesmo. Sou, em particular, muito oprimido por eles: pois em minhas vizinhanças estamos ultimamente numa longa licença de nossas guerras civis, envelhecendo em tão revoltosa forma de estado,

“Quippe ubi fas versum atque nefas,”

“Onde o certo e o errado trocam de lugar” [Virgílio]

, que, sinceramente, é uma maravilha como pode subsistir:

“Armati terram exercent, semperque recentes

Convectare juvat praedas; et vivere rapto”

***“Os homens lavram, portam armas; sempre se deliciando
com novos roubos e vivendo através da rapina” [Virgílio]***

Em resumo, vejo pelo nosso exemplo que a sociedade dos homens é mantida e conservada unida, seja a que preço for; e não importa a condição em que são colocados, eles ainda se aproximam e ficam juntos, todos se movendo e em grupos como corpos mal unidos que, arrastados juntos sem ordem, encontram meios para se unir e ajustar, freqüentemente melhor do que se pudessem ser dispostos pela arte. O rei Filipe juntou uma população dos piores e mais incorrigíveis marotos que poderia escolher e reuniu-os numa cidade ele mandara construir para aquele propósito, que ostentava o nome deles: creio que eles, mesmo com seus vícios, puderam instituir um governo conveniente e uma sociedade justa. Vejo não uma ação, ou três, ou cem, mas os próprios costumes, em comum e recebidos de outros, tão ferozes, especialmente em desumanidade e deslealdade, que é para mim o pior de todos os vícios e não tenho coração de neles pensar sem me horrorizar; e quase tanto os admiro quanto os detesto: o exercício dessas vilanias leva consigo um grande sinal de vigor e força de alma, a partir do erro e da desordem. A necessidade reconcilia e reúne os homens; esse vínculo acidental depois se transforma em lei: pois foi assim, tão selvagem quanto qualquer opinião humana pode conceber, que não obstante, mantiveram os seus corpos muito saudáveis e alongaram a vida como nem Platão ou Aristóteles poderiam excogitar. E certamente todas essas descrições de sistemas políticos, disfarçadas pela arte, são vistas como ridículas e inadequadas para serem postas em prática.

Esses grandes e tediosos debates sobre a melhor forma da sociedade e as regras mais confortáveis para nos vincular, são debates apropriados somente para exercitar nossas inteligências; como nas artes, há vários objetos que têm em si a capacidade de agitar e controverter, embora sem nenhuma vida. Tal idéia de governo poderia ser de algum valor em um mundo novo; mas nós habitamos um mundo já constituído e conformado a certos costumes; nós não o engendramos, como fizeram Pirro ou Cadmo. Por isso entenda-se que, seja qual for o privilégio que possamos ter para repará-lo e reformá-lo novamente, dificilmente seremos capazes de estorcê-lo da propensão dos seus hábitos, mas quebraremos tudo. Sólon, perguntado se havia estabelecido as melhores leis possíveis para os Atenenses, respondeu: “Sim, entre as que eles poderiam ter recebido”. Também Varro desculpa-se da mesma forma: “que se fosse começar a escrever sobre religião, diria em que ele acreditava; mas observando que isto já fora recebido, preferia antes escrever conforme o costume do que de acordo com a natureza”.

Não de acordo com a opinião, mas a verdade e a realidade, o melhor e mais excelente governo para toda nação é aquele sob o do qual ela é mantida: sua forma e conveniência essencial dependem dos costumes. Nós somos hábeis em nos desgostar com as condições presentes; mas eu, não obstante, sustento que desejar o comando de alguns (uma oligarquia) em uma república, ou outro tipo de governo onde a monarquia já está estabelecida, é vício e loucura:

***“Ayme l’estat, tel que to le veois estre
S’il est royal ayme la royauté;
S’il est de peu, ou biers communaute,
Ayme l’aussi; car Dieu t’y a fait naistre”***

“Ame o governo, tal como você o vê. Se é um reino, ame a realeza; se for uma república de qualquer tipo, ainda assim ame-o; pois o próprio Deus te criou nele”.

Assim escreveu o bom Monsieur de Pibrac, a quem perdemos recentemente, um homem de tão excelsa inteligência, opiniões sadias e tão suaves maneiras. Esta perda, que quase ao mesmo tempo tivemos de Monsieur de Foix, é de tão grande importância para a coroa que não sei se há na França outro par digno de prover os lugares desses dois Gascões em sinceridade e sabedoria no aconselhamento de nossos reis. Eram ambos grandes homens, bem diferentes e certamente, de acordo com a idade, nobres e raros, cada um à sua maneira: mas que destino os colocou nestes tempos, assim homens tão distantes e desproporcionados à nossa corrupção e tumultos intestinos?

Nada pressiona tão duramente um estado quanto a inovação: as mudanças dão forma somente à injustiça e à tirania. Quando qualquer peça é solta, pode ser apropriado deixá-la assim; deve-se cuidar para que a alteração e a corrupção inerente a todas as coisas não nos arrastem também para longe das nossas origens e princípios: mas levar a cabo estabelecer uma vez mais tão grande massa e mudar os alicerces de tão vasto edifício é para aqueles que agem de forma honesta, obliterando; que corrigem os defeitos particulares através de uma confusão universal, curando as doenças com a morte:

“Non tam commutandarum quam evertendarum rerum cupidi”

“Não tão cobiçoso de mudar as coisas quanto de subvertê-las” [Cícero].

O mundo é incapaz de ser curado e tão impaciente de quaisquer coisas que as pressiona, imaginando de nada mais desobrigar-se seja a que preço for. Constatamos através de mil exemplos que ordinariamente se cura às suas próprias custas. O desembaraço do mal presente não é cura alguma se não houver uma correção geral das condições. O cirurgião visa não apenas cortar a carne morta; isso é tão somente um caminho em direção à cura; ele tem o maior cuidado de preencher totalmente a ferida com a melhor e mais natural carne, restabelecendo o membro enfermo ao seu devido estado. Quem se propõe apenas a remover aquilo que o ofende, fica frustrado: porque não necessariamente o bem sucede ao mal; outro mal ainda pior pode sobrevir, como aconteceu aos assassinos de César, levando a república a tais excessos que tiveram razão para se arrepender de interferir no assunto. Desde então o mesmo aconteceu a vários outros, mesmo em nossa própria época: os Franceses meus contemporâneos, conhecem isto bastante bem. Todas as grandes mutações agitam e tumultuam um estado.

Quem pareceria desejoso de uma cura e bem iria considerá-la antes que ela começasse, estaria muito disposto a impedir suas mãos de intrometer-se nisso. Pacúvio Calávio corrigiu o vício desse procedimento através de um exemplo notável. Seus concidadãos estavam amotinados contra os magistrados; sendo ele um homem de grande autoridade na cidade de Cápuia, um dia encontrou meios para calar os Senadores no palácio: conclamando as pessoas junto à praça do mercado, falou-lhes que era chegado o dia em que, totalmente livres, eles poderiam vingar-se dos tiranos por quem haviam sido tão oprimidos por muito tempo, os quais ele agora tinha à sua mercê, todos desarmados e abandonados. Ele então os aconselhou a convocá-los, um por um, através de sorteio, fazendo que fossem individualmente condenados e executados imediatamente; com essa prescrição eles deviam, ao mesmo tempo, deputar algum homem probo para o lugar de cada um que condenavam, a fim de que não houvesse nenhuma vacância no Senado. Imediatamente após ouvirem o nome de um senador, eis que um sonoro grito de universal antipatia foi elevado contra ele. “Eu vejo”, diz Pacúvio, “que nós devemos retirá-lo; ele é um mau camarada; vamos selecionar outro melhor”. Imediatamente houve um profundo silêncio, cada um desejoso de ser escolhido. Mas um, mais impudente que os demais, tendo designado o seu homem, ergueu ainda maior consenso de vozes contra ele, com imperfeições lhe foram apostas e muitas outras razões justas para que ele não se mantivesse. Esses humores contraditórios cresceram ardorosamente, tornando-se piores com o segundo senador e o terceiro, havendo tanta discordância na eleição dos novos quanto aquiescência em descartar os antigos. No fim, crescendo o cansaço por esse fútil alvoroço, por diversos meios eles começaram a abandonar furtivamente a assembléia, cada um levando consigo esta resolução: que os mais antigos e conhecidos males seriam sempre melhores e mais suportáveis do que qualquer um desses novos e inexperientes.

Vendo o quão miseravelmente somos agitados (pois o que não fizemos!)

***“Eheu! cicatricum, et sceleris pudet,
Fratrumque: quid nos dura refugimus
Aetas? quid intactum nefasti
Liquimus? Unde manus inventus
Metu Deorum continuit? quibus
Pepercit aris”***

“Ai! nossos crimes e fratricídios são uma vergonha para nós! De que crime esta época ruim se encolhe? Que perversidade deixamos inacabada? Que jovem é refreado do mal pelo temor dos deuses? Que altar é poupado?” [Horácio]

Não posso agora concluir,

***“Ipsa si velit Salus,
Servare prorsus non potest hanc familiam;”***

**“Se a própria a deusa Salus deseja salvar esta família,
ela não pode absolutamente fazê-lo” [Terêncio]**

; nós não estamos, quiçá, em nosso último suspiro. A conservação dos estados é uma coisa que, com toda a probabilidade,

ultrapassa a nossa compreensão; um governo civil é, como diz Platão, uma coisa pujante e poderosa, difícil de ser dissolvida; ele freqüentemente perdura contra as doenças mortais e intestinas, contra o prejuízo das leis injustas, contra a tirania, a corrupção e a ignorância dos magistrados, a licenciosidade e a sedição das pessoas. Em todas as nossas fortunas nós nos comparamos aos que estão acima de nós e ainda olhamos para aqueles que estão melhor, mas deixamos de nos medir com os que estão abaixo de nós: não há condição por mais miserável em que um homem não possa achar mil exemplos que lhe trarão consolo. Este é o vício em que com maior má vontade observamos o que está acima do que de boa vontade o que está abaixo; e Sólon costumava dizer que “a quem acumulasse um monte de todas as maldades, ninguém iria preferir escolher deixar o mal que ele tem do que chegar com todos os outros homens a uma divisão igual daquele monte e pegar a sua parte”. Realmente, nosso governo está muito doente, mas houve outros que estiveram ainda mais doentes e não morreram. Os deuses jogam conosco e nos manipulam de todas as maneiras:

“Enimvero Dii nos homines quasi pilas habent”.

As estrelas fatalmente destinaram o estado de Roma para exemplo do que poderiam fazer desta natureza: nele estão incluídas todas as formas e aventuras que dizem respeito a um estado: tudo o que de ordem ou desordem, de boa ou má fortuna se pode fazer. Quem, então, pode desesperar de sua condição vendo os choques e comoções pelos quais Roma foi arrastada e sacudida e ainda resistiu a tudo? Se a extensão do domínio é a saúde de um estado (o que não penso de modo algum e Sócrates me agrada quando instrui Nicocles a não invejar os príncipes que têm grandes domínios, mas aqueles que sabem preservar o que possuem), o de Roma nunca esteve tão saudável como quando estava muito doente. O pior das suas condições era a mais afortunada; dificilmente pode-se discernir qualquer imagem de governo sob os primeiros imperadores; é a mais horrível e tumultuosa barafunda que se pode imaginar; ela todavia suportou e prosseguiu, preservando não uma monarquia limitada por seu próprio confinamento, mas tantas nações diferentes, tão remotas, tão desafeiçoadas, tão confusamente comandadas e tão injustamente conquistadas:

***“Nec gentibus ullis
Commodat in populum, terra pelagique potentem,
Invidiam fortuna suam”***

***“A fortuna jamais concedeu a qualquer nação satisfazer o seu
ódio contra o povo, os mestres dos mares e da terra” [Lucano].***

Nem tudo o que cambaleia cai. A estrutura de tão grande corpo agarra com mais de uma unha; ela se assegura até mesmo por sua antiguidade, como os velhos edifícios cujas fundações são usadas através dos tempos, sem reboco ou argamassa, e que contudo sobrevivem e se sustentam por seu próprio peso:

***“Nec jam validis radicibus haerens,
Pondere tuta suo est”.***

Além disso, não é trabalhar corretamente, indo examinar apenas os flanco e o fosso, julgar da segurança de um lugar; devemos observar por quais caminhos a aproximação pode ser feita e em que condições fica o assaltante: poucos navios afundam por seu próprio peso, sem um pouco de violência exterior. Vamos agora lançar nossos olhos em todas as direções; tudo cambaleia sobre nós; em todos os grandes estados, na Cristandade e noutro lugares, nos são conhecidos, se você apenas observar, lá perceberá a evidente ameaça de alteração e ruína:

***“Et sua sunt illis incommoda; parque per omnes
Tempestas”***

“Todos eles compartilham do prejuízo; a tempestade se enfurece em todos os lugares” [Virgílio].

Os astrólogos podem muito bem, como fazem, nos advertir das grandes revoluções e das iminentes mudanças: suas profecias são presentes e palpáveis; eles não precisam chegar ao céu para predizê-las. Não há somente consolo em ser retirado dessa combinação global de perversidades e ameaças, mas, além disso, alguma esperança da continuidade do nosso estado, visto como, naturalmente, nada cai onde tudo cai: a doença universal é a saúde particular; a conformidade é antagônica à dissolução. De minha parte, não me desespero e fantasio descobrir meios para nos salvar:

***“Deus haec fortasse benigna
Reducet in sedem vice”***

“Por uma casualidade favorável a deidade vai nos restaurar à nossa posição primitiva” [Horácio].

Quem senão sabe Deus o que irá acontecer, como nos corpos humanos que purgam e se restabelecem a uma condição melhor através de longas e dolorosas moléstias, que nos trazem um saúde mais completa e perfeita do que arrebataram de nós? O que mais pesa em mim é o reconhecimento dos sintomas da nossa doença; vejo como muito natural o que o Céu nos envia, correta e apropriadamente, a partir daquilo a que nosso desconcerto e nossa humana imprudência contribuem. As próprias estrelas parecem afirmar que já prosseguimos o bastante e além do termo ordinário. Isso também me aflige, que o prejuízo mais de perto nos ameaça; não é uma total alteração da massa sólida, mas sua dissipação e divulgação, que são os mais extremos de nossos medos.

Além disso eu receio, nestas minhas fantasias, que a deslealdade da minha memória não me faça inadvertidamente escrever a mesma coisa duas vezes. Detesto me examinar e nunca reviso, senão de muito má vontade, o que uma vez escapou da minha pena. Não estou aqui estabelecendo nada de novo. Estes são pensamentos comuns e tendo-os concebido talvez cem vezes, tenho medo de já havê-los fixado em outro lugar. A repetição é perturbadora em todos os lugares, conquanto esteja até em Homero; mas isso é ruinoso nas coisas que têm apenas uma exposição superficial e transitória. Não gosto de insistir muito, mesmo nas coisas mais proveitosas, como em Sêneca; e o costume da sua escola estóica me desagradava por repetir, em cada assunto, a todo comprimento e largura os princípios e pressuposições que no geral servem sempre para novamente reafirmar

razões comuns e universais.

Minha memória piora cruelmente a cada dia que passa:

***“Pocula Lethaeos ut si ducentia somnos,
Arente fauce traxerim;”***

“Como se minha garganta seca tivesse bebido taças do sedutor oblívio de Letao” [Horácio].

Eu devo ficar satisfeito pelo tempo por vir (pois até agora, graças a Deus, nada aconteceu de muito errado), considerando que outros buscam tempo e oportunidade para pensar no que têm a dizer, para evitar toda preparação, com medo de se amarrar a alguma obrigação à qual tenho de insistir. Ser amarrado e vinculado a uma coisa me desconcertam totalmente, bem como depender de um instrumento tão fraco quanto a minha memória. Eu nunca interpretei esta história a seguir como se estivesse melindrado por um ressentimento pessoal e natural: no dia do seu afastamento do exército, de acordo com o costume, Lincestes, acusado de conspirar contra Alexandre, foi ouvido sobre o tinha a lhe dizer, pois havia aprendido uma fala estudada da qual, hesitando e gaguejando, pronunciou algumas palavras. Ficando ainda mais e mais perplexo enquanto lutava com a memória, tentando lembrar o que devia dizer, os soldados que estavam mais próximos armaram-se de picos, investiram contra ele e o mataram, vendo-o como um condenado; sua confusão e silêncio serviram de confissão; pois tendo tanto lazer para preparar-se na prisão, concluíram que não era a memória dele que falhava, mas sua consciência quem lhe amarrava a língua e paralisou sua boca. E, na verdade, foi bem dito; o lugar, a assembléia e a expectativa assustam um homem, mesmo quando ele tem a pretensão de falar bem; o que pode fazer um homem quando essa é uma arenga da qual depende a sua vida?

De minha parte, mesmo sendo vinculado ao que devo dizer, sou bastante capaz de libertar-me disso. Quando confio completamente e recorro à minha memória, ponho nela tanta tensão que ela afunda debaixo de mim: fica consternada com o fardo. Tanta confiança eu deposito nela quanto retiro de meu próprio poder, mesmo achando difícil manter meu próprio semblante; e às vezes foi necessário muito disso para esconder a escravidão em que eu estava comprometido; considerando que ao falar meu intento é manifestar uma perfeita tranqüilidade de pronúncia e feições, os movimentos casuais e impremeditados, que acontece de se apresentarem em certas ocasiões, escolhem antes nada dizer a propósito do que mostrar que eu vim preparado para falar bem, uma coisa especialmente imprópria num homem da minha profissão e muito comprometido sobre o que não pode reter. A preparação gera uma expectativa muito maior do que poderá satisfazer. Frequentemente um homem tira de si mesmo o dobro da passada mais longa que teria feito com sua toga:

***“Nihil est his, qui placere volunt, turn adversarium,
Quam expectatio”***

“Nada é tão adverso àqueles que fazem do seu negócio agradar quanto a expectativa” [Cícero].

Está registrado que o orador Cúrio, tendo proposto dividir sua palestra em três ou quatro partes (três ou quatro argumentos ou razões), acontecia-lhe amiúde esquecer alguma delas, ou adicionar uma ou duas mais. O tempo todo evito sucumbir a esta inconveniência, tendo sempre odiado essas promessas e prescrições, não somente por desconfiar da minha memória, mas também porque este método é muito ao gosto do artista:

“Simpliciora militares decent”

“A simplicidade nos torna guerreiros” [Quintiliano].

É o bastante que eu tenha prometido a mim mesmo jamais ser novamente induzido a palestrar num lugar de respeito, pois como falar quando um homem interpreta a sua fala; além disso é muito absurdo, uma desvantagem poderosa para aqueles que poderiam atribuir-lhe beleza naturalmente, pela ação; e confiar na clemência da minha presente astúcia, eu muito menos faria; isso é opressivo e perplexo, nunca me proveria nas necessidades súbitas e importantes.

Permita, leitor, que este Ensaio também siga o seu curso e neste terceiro eu possa terminar o restante do meu quadro: Eu acrescento, mas não corrijo. Primeiro, porque concebo que tendo um homem uma vez se separado da sua labuta pelo mundo, não tem nenhum direito adicional a ele; deixemo-lo fazer o melhor que puder em algum novo empreendimento, mas não adulterar o que já vendeu. De tais negociantes nada deve ser comprado até depois que estiverem mortos. Vamos deixá-los considerar bem o que fazem diante deles, produzindo à luz que os apressa? Meu livro é sempre o mesmo, salvo que em toda nova edição (que não obstante o comprador pode levar bastante vazia) eu tomo a liberdade de adicionar (pois isto é apenas uma taxa de peças mal articuladas) algum emblema extra; é somente sobrepeso que não desfigura a forma primitiva dos Ensaio, mas, através de uma sutileza um pouco astuciosa, atribui uma espécie de valor particular a cada um daqueles que o seguem. Portanto, como facilmente correrá alguma transposição de cronologia, minhas histórias tomam lugar conforme sua oportunidade e nem sempre de acordo com sua época.

Em segundo lugar, no que concerne a mim mesmo, receio me perder através da mudança: minha compreensão nem sempre vai para a frente, vai para trás também. Eu não torno muito menos suspeitas as minhas fantasias por ser a segunda ou a terceira do que por ser a primeira, se presente ou passado; nós frequentemente nos corrigimos tão tolamente quanto fazemos aos outros. Eu envelheci uns bons anos desde minhas primeiras publicações, que foram no ano de 1580; mas duvido muito se evolui uma polegada em sabedoria. Agora e até logo mais, sou duas pessoas diferentes; mas se melhor, não posso determinar. Se há uma coisa boa na velhice, se somente nos aperfeiçoamos viajando; mas isto é um impulso bêbado, cambaleante, vacilante, irresoluto: assim como os caniços que o vento casualmente agita para lá e para cá a seu bel-prazer. Em sua juventude Antíoco escreveu fortemente em favor da Academia; em sua velhice escreveu bastante contra ela; qual destes dois em qualquer caso eu deveria seguir, sendo ambos Antíoco? Depois de haver estabelecido a incerteza, andar a instituir a certeza das opiniões humanas, isto não era estabelecer nem dúvida nem incerteza e augurar que, se tivesse ainda outra vida para viver, ele estaria sempre em condição de alterar seu juízo, não tanto para melhor como para qualquer outra coisa?

O favor do público concedeu-me um pouco mais de confiança do que eu esperava; mas o que mais temo é que não devia

saturar o mundo com os meus escritos; entre os dois, prefiro antes provocar o meu leitor a fatigá-lo, como fez um homem instruído do meu tempo. O elogio é sempre agradável, venha de quem for ou por conta de quem vá; contudo um homem deve compreender as razões porque é recomendado para saber como manter sempre o mesmo conceito: as próprias imperfeições podem obter elogio. A estimação comum e vulgar raramente se satisfaz em bater; e estou muito enganado se, entre os escritos do meu tempo, os piores não estão entre aqueles que em sua maioria alcançaram o aplauso popular. De minha parte, devolvo meu agradecimento a esses homens afáveis que em boa parte se contentaram em tomar meus débeis esforços; as falhas de habilidade não são em parte alguma tão aparentes quanto num assunto que por si mesmo não tem nenhuma recomendação. Não me culpe, leitor, por um deslize originado pela fantasia ou inadvertência de outros; cada mão, cada artesão, contribui com seus próprios materiais; eu não me interesso pela ortografia (e só me preocupei com isso depois de velho) nem pela pontuação, sendo muito imperito tanto em um quanto em outro. Onde eles quebram completamente o sentido, estou muito pouco interessado, porque pelo menos me desoneram; mas onde são substituídos por uma falsidade, como fazem tão freqüentemente, eles me distorcem a concepção e me arruínam. Quando, não obstante, a sentença não for suficientemente forte para a minha proporção, uma pessoa civilizada deveria rejeitá-la como espúria e nada minha. Quem souber o quão preguiçoso eu sou e quão indulgente é meu próprio temperamento, facilmente acreditará que antes tenho escrito muitos Ensaio mais do que me submetido a revisar novamente esses com tão infantis correções.

Eu disse em outro lugar que estando plantado no próprio centro dessa nova religião, não sou apenas privado de qualquer grande familiaridade com homens de outras espécies de costumes além dos meus próprios, bem como de outras opiniões pelas quais eles se mantêm unidos, como por um liame que substitui todas as outras obrigações; contudo, não vivo sem perigo entre homens para os quais todas as coisas são igualmente legais e cuja maior parte não pode ofender as leis mais do que já fizeram; é daí que procede o grau extremo de licença. Resumido todos os particulares, não vejo em minha região um homem que paga tão caro pela defesa de nossas leis, tanto em perdas quanto em danos (assim dizem os advogados) como eu; e alguns há que blasonam e se envaidecem do seu zelo e constância, e que, se as coisas forem pesadas com justiça, fazem muito menos do que eu. Minha casa, como uma que esteve sempre aberta e franqueada a todos e civil a todos (porque eu nunca poderia me persuadir a fazer dela uma guarnição de guerra: isso é uma coisa que prefiro ver o mais longe possível), foi suficientemente merecedora da bondade popular, de forma que seria um assunto penoso insultar-me justamente sobre a minha própria estrumeira; vejo como algo maravilhoso e exemplar que ela ainda continue virgem de sangue e saques durante tão longo período de tempestade, com tantas revoluções e tumultos nas vizinhanças. Para dizer a verdade, teria sido bem possível a um homem da minha compleição ter apertado as mãos de seja lá quem for, de maneira constante e continuada; mas as invasões e incursões contrárias, as alternâncias e vicissitudes da fortuna que giram à minha volta, têm até agora mais exasperado do que acalmado e abrandado a disposição da província, e inúmeras vezes me envolvido em dificuldades e perigos invencíveis.

Eu escapo, isto é verdade, mas fico preocupado que seja mais por casualidade e algo da minha própria prudência do que por justiça; e não estou satisfeito por estar fora da proteção das leis e debaixo de qualquer outra proteção além das suas. Como a questão se coloca, eu vivo mais da metade do tempo pelo favor de outros, o que constitui uma obrigação adversa. Não gosto de dever minha segurança à generosidade ou afeição dos grandes personagens que condescendem em minha legalidade e minha liberdade, aos modos prestativos dos meus antecessores ou aos meus próprios: para isso teria de ser outra espécie de homem? Se meu comportamento e a franqueza da minha conversação ou relacionamento obrigam meus vizinhos, eles é que deveriam eximir-se da obrigação, só me permitindo viver, e ainda poderiam dizer: “Nós lhe permitimos total liberdade para ler os serviços divinos em sua própria capela privada, quando praticamente todo o circuito de igrejas está interdito, e o deixamos desfrutar dos seus bens e de sua vida, como alguém que protege nossas esposas e nosso gado em tempos de necessidade”. Pois minha casa tem muitas linhagens compartilhadas na reputação do Ateniese [Licurgo], que era depositário geral e guardião das bolsas dos seus concidadãos. Sou claramente de opinião que um homem deve viver através do direito e através da autoridade, não por recompensa ou favor. Quantos homens galantes escolheram antes perder suas vidas do que devê-la a alguém? Odeio sujeitar-me a qualquer tipo de obrigação, mas acima de tudo, ao que me amarra pelo dever de honra. Não imagino nada tão caro como o que me foi dado, porque nesse caso a minha vontade jaz penhorada a título de gratidão; e com a maior boa vontade concordo que os serviços devem ser vendidos; sinto que para o último nada mais dou além de dinheiro, mas para o outro dou a mim mesmo.

O nó que me liga através das leis da cortesia me vincula mais do que um constrangimento civil; fico muito mais à vontade quando sou limitado por um escrívão do que por mim mesmo. Não é motivo para que a minha consciência fique muito mais empenhada quando os homens simplesmente confiam nela? Em um laço, minha fé nada deve, porque nada lhe foi emprestado; deixe-os confiar-se à segurança que depositaram sem mim. Tive antes muitas quebras de muros de prisão e das próprias leis do que da minha palavra pessoal. Sou escrupuloso, mesmo à superstição, em manter minhas promessas; por conseguinte, em todas as oportunidades tenho o cuidado de fazê-las incertas e condicionais. A essas de nenhum grande momento, adiciono o ciúme da minha própria regra para fazer-lhes peso; isto me arruína e oprime com seu próprio interesse. Até mesmo nas ações completamente minhas e livres, se disser uma coisa uma única vez, me vejo ligado e entregando isso ao conhecimento do outro: positivamente me ordenei o seu cumprimento. Parece-me que eu prometo, embora não o diga: então não sou capaz de dizer muito daquela maneira. A sentença que profiro a mim é mais severa do que a de um juiz, o qual somente considera a obrigação comum; mas a minha consciência vê isso com um olho mais severo e penetrante. Eu me retardo nos deveres aos quais seria compelido se não o fizesse:

“Hoc ipsum ita iustum est, quod recte fit, si est voluntarium”

“Isto é pouco distante do que é justamente terminado, se for voluntário” [Cícero].

Se a ação não tiver algum esplendor de liberdade, ela não tem encanto nem honra:

“Quod vos jus cogit, vix voluntate impetrent:”

“O que as leis nos compelem a fazer, fazemos com escassa vontade” [Terêncio]

; onde a necessidade me arrasta, gosto de deixar minha vontade tomar seu próprio curso:

***“Quia quicquid imperio cogitur, exigenti magis,
Quam praestanti, acceptum refertur”***

“Pois tudo que é compelido pela força é mais imputado a quem extorque do que a quem cumpre” [Valério Máximo].

Sei de alguns que seguem esta regra, até mesmo na injustiça; quem desejar antes restabelecer, antes emprestará do que pagará, fazendo menos bem a quem são mais obrigados. Não vou tão longe com isso, mas não estou tão distante.

Gosto tanto de me desimpedir e desobrigar que por vezes olho como vantagem para mim as ingratidões, afrontas e indignidades que recebi daqueles a quem por natureza ou acidente fui de algum modo obrigado pela amizade; tomando essa ocasião do seu maltrato com habilidade e descarregando um tanto da minha dívida. Conquanto ainda continue lhes pagando todos os ofícios externos de motivação pública, todavia, acho de grande economia fazê-lo na conta da justiça que estabeleci em razão da afeição e um pouco aliviado pela atenção e solicitude da minha própria vontade:

***“Est prudentis sustinere, ut currum,
Sic impetum benevolentia;”***

“É dever do homem sábio manter uma mão restringindo o ímpeto da amizade, assim como o seu cavalo” [Cícero]

; isso está em mim, também urgindo e apertando onde eu me agarro; pelo menos um homem que ama não deve ser arrastado a nada. E nessa contenção minha amizade me serve como uma espécie de consolação nas imperfeições daqueles com quem me preocupo. Fico muito pesaroso que eles não estejam como eu poderia desejar, entretanto também sou um pouco poupado da minha dedicação e compromisso para com eles. Eu aprovo um homem que seja menos apaixonado pelo filho por ter uma cabeça escaldada, ou por ser torto; e não apenas quando ele é mal educado, mas também se é de disposição infeliz e imperfeito em seus membros (a própria divindade abateu muito do seu valor e estima naturais), contanto que ele carregue essa frieza de afeto com moderação e minuciosa justiça: a proximidade, comigo, não diminui os defeitos, antes os agrava.

Afinal de contas, de acordo com o que entendo a ciência de benefício e do reconhecimento é uma ciência sutil e de grande utilidade; não conheço nenhuma pessoa mais livre e menos endividada que eu estou neste momento. O que eu devo são simplesmente estranhas obrigações e benefícios; acima de qualquer outra coisa, nenhum homem está mais absolutamente desimpedido:

***“Nec sunt mihi nota potentum
Munera”***

“Os presentes dos grandes homens são desconhecidos para mim” [Virgílio].

Os príncipes me fazem grande mercê se nada levarem de mim; e bem o bastante se não me causarem nenhum prejuízo; isso é tudo o que deles demando. Sou obrigado a Deus por Se agradar em Sua generosidade que eu devesse receber imediatamente tudo quanto tenho; a Ele reservo especialmente toda a minha obrigação. Como seriamente imploro por Sua sagrada compaixão, não posso nunca dever graças essenciais a qualquer outro. Ó liberdade feliz em que vivi por tanto tempo; que ela possa acompanhar-me até o fim. Eu me esforço para não ter expressado a necessidade de qualquer outro:

“In me omnis spec est mihi”

“Toda a minha esperança está em mim mesmo” [Terêncio].

Isto é o que cada um pode fazer em si mesmo, mas mais facilmente aqueles a quem Deus colocou numa condição isenta das naturais e urgentes necessidades. É uma coisa perigosa e lamentável depender de outros; nós mesmos, que estamos sempre na mais justa e segura dependência, não temos suficiente garantia.

Não tenho nada de meu senão eu mesmo; a própria posse ainda é, em parte, imperfeita e pedida de empréstimo. Eu me fortaleço em coragem (que é o assistente mais forte) e também em fortuna, tendo dessa maneira recursos para me satisfazer, embora tudo o mais devesse abandonar-me. Hípias de Élis não somente se abasteceram do conhecimento mas lograram, através da carência, alegremente afastar-se de todas as outras companhias para desfrutar as Musas: não apenas com o conhecimento da Filosofia ensinando suas almas a contentar-se consigo mesmas e subsistir corajosamente sem as conveniências externas, quando o destino teria assim disposto; eles além disso foram tão cuidadosos que aprenderam a cozinhar, barbear-se, fazer suas próprias roupas, seus próprios sapatos, prover todas as exigências e se desapegar da ajuda dos outros. Um homem mais alegre e livremente desfruta as conveniências pedidas de empréstimo quando não é um prazer forçado e constrangido pela necessidade; e quando ele dispõe, por sua própria vontade e fortuna, dos meios para viver sem elas. Eu me conheço muito bem, mas me é difícil imaginar tão pura liberalidade de qualquer um para comigo, qualquer hospitalidade tão honesta e liberal que não me pareceria desonrosa, tirânica e estragada pela censura, se a necessidade a isso me houvesse reduzido. Assim como dar é uma qualidade ambiciosa e ditatorial, aceitar é uma qualidade de submissão; veja o insulto e a recusa irascível que fez Bajazet dos presentes enviados por Tamerlão; e aqueles que foram oferecidos por parte do Imperador Solimão ao Imperador de Calicute tanto o enfureceram que ele não só os rejeitou asperamente, dizendo que nem ele nem quaisquer dos seus antecessores tiveram alguma vez o ensejo de levar, que sua função era dar; mas, além disso, mandou que os embaixadores enviados com os presentes fossem jogados num calabouço. Quando Tétis elogia Júpiter, diz Aristóteles, ou quando os Lacedemônios lisonjeavam os Atenienses, não tinham em mente o bem deles, que foram sempre odiosos, mas os benefícios deles recebidos. Como tão freqüentemente vejo cada um empregar em seus negócios e constranger-se em tantas obrigações, nunca o faria, mas aprecio

como faço com a doçura de uma pura liberdade e eles fazem com pesar; os homens devem o fardo da obrigação: isso talvez seja, por vezes, completamente quitado, mas nunca será dissolvido. Esta é uma escravidão miserável para um homem que ama estar completamente livre sob todos os aspectos. Tal como me conhecem, tanto acima quanto abaixo da minha posição, eles podem dizer se alguma vez conheceram um homem menos suplicante, importunador, solicitante e premente do que eu. Se sou assim e num grau além de todo exemplo moderno, não é nenhuma grande maravilha, tantos elementos de minhas maneiras contribuindo para isso: um pouco de orgulho natural, a impaciência de ser rejeitado, a moderação dos meus anseios e desígnios, minha incapacidade para os negócios e as minhas qualidades mais amadas: ociosidade e liberdade; por todos estes juntos concebi um ódio mortal de ser compelido por quaisquer outros, ou por qualquer um senão de mim mesmo. Para fazê-lo eu não deixo nenhum pedra sem virar, em lugar de empregar a generosidade de outro em qualquer ocasião superficial ou importante, ou seja que necessidade for. Meus amigos estranhamente me aborrecem quando pedem que eu questione uma terceira pessoa; penso que me custa pouco menos desembaraçar quem está endividado comigo, fazendo uso dele, do que comprometer aquele que nada me deve. Afastadas estas condições e contanto que de mim nada exijam de grande dificuldade ou cuidado (porque eu declarei guerra total contra todos os cuidados), estou bastante pronto para servir a cada um da melhor maneira que puder. Estive muito disposto a buscar ocasião para fazer uma boa ação às pessoas e prendê-las a mim; e parece-me que não há ocupação mais agradável para as nossas possibilidades. Mas ainda tenho mais evitado buscar ocasiões de receber do que de dar; além disso, de acordo com Aristóteles, é mais fácil. Minha fortuna permitiu-me sobretudo fazer o bem a outros, dispor de alguns recursos e colocá-los em boas mãos. Se tivesse nascido um grande personagem eu haveria de ser ambicioso der me fazer amado, se não temido ou admirado: poderia mais claramente expressá-lo? Eu estaria mais empenhado em agradar do que em conquistar outros. Muito sabiamente e pela boca de um grande capitão (e ainda maior filósofo), Ciro prefere a sua generosidade e benefícios muito antes do seu valor e conquistas bélicas; e o velho Cipião, onde quer que se elevasse em estima, atribuía um valor mais alto à sua amabilidade e humanidade do que à sua coragem e vitórias, tendo sempre esta gloriosa declaração na boca: “Que havia dado aos inimigos tanta ocasião para amá-lo quanto aos seus amigos”. Direi então que se um homem tem necessariamente de dever algo, precisaria ser por um título mais legítimo do que aqueles dos quais estou falando, aos quais as exigências desta lamentável guerra me compelem; e não uma dívida tão grande quanto a total preservação, tanto da minha vida quanto da fortuna: ela me subjuga completamente.

Tenho por mil vezes ido dormir em minha própria casa com uma apreensão de que seria traído e assassinado naquela mesma noite; combinando com a fortuna, que poderia sem terror e com rapidez despachar-me; e, depois do meu *Paternoster*, exclamei:

“Impius haec tam culta novalia miles habebit!”

“Terão os soldados ímpios estas terras novamente aradas?” [Virgílio].

Que remédio? este é o meu lugar de nascimento e da maioria dos meus antepassados; eles aqui estabeleceram seu afeto e renome. Nós nos habituamos a todos os costumes; e de tão miserável condição são os nossos que é uma grande generosidade da natureza nos entorpecer os sentidos para a tolerância de muitos males. Pior do que outras batalhas, uma guerra civil faz de nós sentinelas em nossas próprias casas.

***“Quam miserum, porta vitam muroque tueri,
Vixque suae tutum viribus esse domus!”***

“É lamentável alguém proteger sua vida através de portas e muros, escassamente seguro em sua própria casa” [Ovídio].

É de um doloroso extremo um homem ser empurrado até mesmo na tranquilidade doméstica de sua própria casa. A região onde vivo é sempre a primeira a pegar em armas e a última a depô-las, onde nunca há uma paz absoluta:

***“Tunc quoque, cum pax est, trepidant formidine belli...
Quoties Romam fortuna lacessit;
Hac iter est bellis.... Melius, fortuna, dedisses
Orbe sub Eco sedem, gelidaque sub Arcto,
Errantesque domos”***

“Até mesmo quando existir paz, aqui ainda haverá apreço pela guerra quando a fortuna perturbar a paz; é sempre o caminho pelo qual a guerra passa” [Ovídio]

“Nós poderíamos ter vivido mais felizes no remoto Leste ou no frio Norte, ou entre as tribos nômades” [Lucano].

Eu às vezes extraio os meios para me fortalecer contra essas ponderações de indiferença e indolência que, em alguma forma, nos tiram a resolução. Frequentemente me ocorre imaginar e esperar perigos mortais com uma espécie de deleite: sou estupidamente arrastado para a morte, sem considerar ou tendo dela uma visão, como num abismo obscuro e desmedido que me engole de súbito e num momento me envolve em sono profundo, sem qualquer sensação de dor. E em conseqüência desses curtos e violentos desfalecimentos, pressagio me administrarem mais consolação do que o efeito do temor. Dizem que a vida não é melhor sendo longa, assim como morte é melhor não sendo prolongada. Não me esquivo tanto da morte quanto me apresento a ela confiantemente. Eu me embrulho e amortallo na tempestade que me encobre e me arrasta com a fúria de um ataque súbito e insensível. Além do mais, se devesse nisso resultar, como dizem alguns jardineiros, as rosas e violetas cresceriam mais odoríferas próximas de alhos e cebolas, em razão de que os últimos sugam e absorvem todo o mau odor da terra; assim, se essas naturezas depravadas também devessem atrair toda a malignidade do meu ar ambiente, tornando-o tanto melhor e mais puro pela sua proximidade, eu não haveria de perder tudo. Isso não pode ser: mas pode haver algo naquela bondade que é mais bonita e atraente quando rara; e aquela contrariedade e diversidade com sucesso se fortalecem e consolidam de si mesmas, inflamando-os pelo ciúme da oposição e através da glória. Os ladrões e assaltantes, por seu especial beneplácito, não têm nenhum despeito particular de mim; não mais do que tenho por eles: eu deveria ter minhas mãos muito cheias. Como as consciências

se abrigam debaixo de vários tipos de máscaras como a crueldade, a infidelidade e a rapina; e tanto pior e mais falsamente quando mais seguras e ocultas sob o pretexto das leis. Odeio menos uma injúria abertamente confessada do que outra que seja insidiosa; um inimigo em armas a um inimigo de beca. Nossa febre acometeu um corpo que não é muito pior para isso; antes havia algum fogo e agora irrompeu em chamas; o barulho é maior, não o mal. A quem me pergunta o motivo das minhas viagens, ordinariamente respondo “que eu sei muito bem do que estou fugindo, mas não o que procuro”. Se eles me dizem que pode haver pouca integridade entre os estrangeiros e que os costumes deles não são nada melhores que os nossos, primeiro respondo que é difícil acreditar;

“Tam multa: scelerum facies!”

“O crime se reveste de muitas formas” [Virgílio]

; em segundo lugar, que é sempre um ganho mudar de uma condição desfavorável para outra que é incerta; e que os males de outros não nos devem afligir tanto quanto os nossos próprios.

Não omitirei aqui nunca me haver rebelado contra a França ou que não simpatizo perfeitamente com Paris; esta cidade esteve em meu coração desde a infância e disso resultou, como das mais excelentes coisas, que quanto mais cidades bonitas tenho visto, tanto mais suas belezas vencem ainda na minha afeição. Amo aquela cidade por ela mesma e ainda mais por ser nativo dela, do que por toda a pompa de embelezamentos estrangeiros e conquistados. Eu a amo ternamente, até mesmo suas marcas e verrugas. Sou Francês apenas por esta grande cidade, grande na população, grande na felicidade da sua situação, mas, acima de tudo, grande e incomparável na variedade e diversidade de comodidades: a glória da França e um dos mais nobres ornamentos do mundo. Possa o Senhor dirigir nossas divisões para longe dela. Inteira e unida, penso que ela é suficiente para defender-se de todas as outras violências. Tenho dela a precaução que, de todos os tipos de pessoas, serão as piores que a colocarão em discórdia; não tenho nenhum medo por ela, mas dela, e, certamente, tenho tanto receio por ela quanto por qualquer outra parte do reino. Enquanto ela ainda continuar, nunca desejarei retirar-me a uma distância de onde não possa voltar rapidamente, o suficiente para compensar-me da separação por qualquer outro afastamento.

Não porque Sócrates disse, mas na verdade porque é do meu próprio temperamento e talvez não sem algum excesso, vejo todos os homens como meus compatriotas e abraço tanto um Polonês quanto um Francês, preferindo o vínculo comum e universal a todas as amarras nacionais. Não sou tão encantado pela doçura do ar nativo: tendo conhecido completamente um novo, o meu me parece tão bom quanto o de outras terras, comum e fortuito com os *Quatro Vizinhos*: as amizades que são puramente de nosso próprio conhecimento ordinário nos levam a essas às quais o intercâmbio de ambiente ou de sangue nos obrigam. A natureza nos colocou no mundo livres e desvinculados; nós nos aprisionamos a certos dilemas, como os reis da Pérsia que se obrigavam a não beber nenhuma outra água senão a do rio Choaspes, tola e reivindicando o seu direito sobre todos os outros cursos d'água, e, até onde interessava, secando todos os outros rios do mundo. O que Sócrates fez no final, vendo uma ordem de banimento como pior do que a sentença de morte contra ele, devo pensar que nunca serei assim tão decrépito ou estritamente habituado ao meu próprio país para ser daquela opinião. Essas vidas celestiais têm muitas imagens que eu abraço mais por estima do que concordância; e também têm algumas tão elevadas e extraordinárias que não posso abraçar mesmo por estima, visto não conseguir concebê-las. Aquela fantasia era singular num homem que via o mundo inteiro como sua cidade; é verdade que ele desdenhava viajar e quase nunca tirou os pés do território da Ática. O que dizem da sua queixa pelo dinheiro que amigos ofereceram para salvar sua vida, que ele se recusou a sair da prisão pela intermediação de outros para não desobedecer as leis num momento no qual elas eram tão corruptas de outra maneira? Estes exemplos são de primeira ordem para mim; da segunda, há outros que eu poderia descobrir na mesma personagem: muitos desses exemplos raros ultrapassam a força do meu enredo, mas alguns deles, além disso, ultrapassam a força do meu julgamento.

Além dessas razões, a viagem é na minha opinião um exercício muito vantajoso; ali a alma é continuamente empregada na observação de coisas novas e desconhecidas; não sei, como disse amiudadas vezes, de melhor escola para modelar a vida do que expô-la incessantemente a essa diversidade de tantas outras formas vivas, concepções e práticas, fazendo-a apreciar uma perpétua variedade de disposições da natureza humana. O corpo não fica ocioso nem exausto; aquela agitação moderada é colocada na respiração. Posso manter-me no cavalo, atormentado como sou pela pedra, sem apear ou me cansar, por oito ou dez horas seguidas:

“Vires ultra sorternque senectae”

“Além da força e da sorte da velhice” [Virgílio].

Nenhuma estação é minha inimiga exceto o calor abrasador de um sol ardente; pois mesmo os guarda-chuvas usados na Itália desde o tempo dos antigos Romanos, mais sobrecarregam o braço de um homem do que aliviam sua cabeça. Ficaria satisfeito de saber como os Persas, há tanto tempo e na infância do luxo, fabricavam ventiladores onde queriam e plantavam sombras, como Xenófanos relata que faziam. Gosto da chuva e de chapinhar na lama, como também fazem os patos. A mudança de ares e ambientes nunca me afeta; todo céu é semelhante; fico preocupado apenas com as alterações provocadas em mim, mas em viagem elas não são tão freqüentes. Tenho dificuldade de partir, mas uma vez na estrada, também ofereço o melhor de mim. Sofro muitas dores tanto nos pequenos como nos grandes ataques e sou solícito de equipar-me para uma viagem curta, seja para visitar um vizinho ou para uma viagem mais longa. Aprendi depois a viajar à moda Espanhola, cumprindo etapas de muitas milhas; sob calor excessivo viajo sempre à noite, parando ao nascer do sol. O outro método, de alojar-se pelo caminho e se apressar para engolir o jantar, é muito inconveniente, especialmente nos dias curtos. Meus cavalos fazem o melhor; jamais um cavalo se cansou debaixo de mim sem conseguir completar o primeiro dia de viagem. Dou-lhes de beber em todo riacho que encontro, tendo apenas o cuidado para que antes de chegar à minha hospedaria eles tenham tempo suficiente para digerir a água em suas barrigas. Minha aversão em levantar-me pela manhã dá aos meus criados tempo livre para jantar à vontade antes de partirem; de minha parte, nunca como muito tarde; meu apetite vem a mim na hora das

refeições; nunca tenho fome senão à mesa.

Alguns dos meus amigos me acusam por continuar nesse humor de viajante, estando velho e casado. Mas eles não estão sabendo: este é o melhor momento para um homem deixar sua casa, quando a colocou em condições de prosseguir sem ele e a dispôs numa ordem concordante com a sua administração anterior. É muito maior imprudência abandoná-la a uma governanta menos fiel e que será menos solícita do cuidado dos seus negócios.

O mais útil e honrado conhecimento de que uma mãe de família deve ocupar-se é a ciência da boa administração doméstica. Vejo algumas que são realmente cobiçosas, mas muito poucas que são boas gerentes. É a suprema qualidade de uma mulher, que um homem deveria buscar antes de qualquer outra, como o único dote que tem o poder de arruinar ou de preservar nossas casas. Deixe os homens dizerem o que quiserem; eu aprendi e de acordo com a experiência requeiro nas mulheres casadas a virtude econômica acima de todas as outras virtudes; tenho-a na minha esposa, como uma preocupação dela mesma, deixando-lhe em minha ausência o governo absoluto dos meus negócios. Eu vejo (e fico vexado de ver) em várias famílias conhecidas, *Monsieur* chegar em casa por volta do meio-dia todo esgotado e contrariado sobre os seus negócios, enquanto *Madame* está ainda em seus aposentos, arrumando o cabelo e se enfeitando: isso é para rainhas fazerem e problemático também, pois é ridículo e injusto que se deva sustentar a preguiça das nossas esposas com nosso suor e labuta. Nenhum homem, até onde pude encontrar, terá um gozo mais desanuviado, livre e tranqüilo da sua propriedade do que eu. Se o marido trazer o assunto, a própria natureza fará que a esposa encontre a disposição.

Quanto aos deveres da amizade conjugal, que alguns julgam prejudicados por essas ausências, sou totalmente de outra opinião. Pelo contrário, é o entendimento que mais facilmente esfria por uma companhia muito freqüente e assídua. Toda mulher parece singularmente encantada e nós todos por experiência constatamos que estar permanentemente juntos não é tão agradável quanto apartar-se durante algum tempo e então novamente encontrar-se. Essas interrupções me encham de novo afeto por minha família e torna minha casa mais prazenteira para mim. A mudança aquece o meu apetite tanto a um quanto ao outro. Sei que os braços da amizade são longos o bastante para alcançar o fim do mundo, especialmente aqui, onde há uma ininterrupta comunicação de ofícios que despertam a obrigação e a recordação. Dizem os Estóicos que há tão grande conexão e relacionamento entre os sábios que um jantando na França nutre seu companheiro no Egito; e qualquer um que ofereça apenas o seu dedo, seja em que parte do mundo for, todos os sábios na terra habitável se sentem assistidos por ele. A fruição e a posse cabem principalmente à imaginação; mais fervorosa e constantemente abraçamos o que buscamos do que o que se encontra em nossas mãos. Verifique suas distrações cotidianas; você verá que habitualmente está mais alheio ao amigo quando ele está junto de você; a presença dele relaxa a sua atenção e lhe dá liberdade para ausentar-se a todo momento e em cada oportunidade. Quando parti de Roma, conservei o governo da minha casa e as conveniências que lá deixei; vi meus muros subirem, minhas árvores brotarem e minha renda aumentar ou diminuir mais ou menos como quando também estou presente:

“Ante oculos errat domus, errat forma locorum”

“Minha casa e os contornos dos lugares flutuam diante dos meus olhos” [Ovídio].

Se não desfrutarmos nada mais além do que tocamos, poderemos dizer adeus ao dinheiro em nossos cofres e para nossos filhos quando eles vierem procurá-lo. Nós desejamos tê-los mais próximos de nós: é distante o jardim ou uma jornada a meio dia de casa? O que são dez léguas: longe ou perto? Se é próximo, o que são onze, doze ou treze, e assim sucessivamente? Honestamente, se há uma mulher que pode dizer ao marido em que passo termina o próximo e em que passo começa o distante, eu o aconselharia a parar no intervalo;

“Excludat jurgia finis...”

Utor permissio; caudaeque pilos ut equinae

PauLatim vello, et demo unum, demo etiam unum

Dum cadat elusus ratione ruentis acervi.”

“Deixe o final excluído de todas as disputas... Eu uso o que é permitido; arranco um por um os pêlos do rabo do cavalo; assim levando a melhor sobre o meu oponente” [Horácio]

; e deixou que audaciosamente chamassem a Filosofia em sua ajuda; em cujos dentes podem ser lançados, vendo que não conseguem discernir um do outro no fim da junção, entre o grande e o pequeno, o longo e o curto, o iluminado e o obscuro, o próximo e o remoto; vendo que isso não revela nem o começo nem o término ele deve por necessidade julgar muito duvidosamente o meio:

“Rerum natura nullam nobis dedit cognitionem finium”

“A natureza tem o verde para que não tenhamos o conhecimento da finalidade das coisas” [Cícero].

Não são ainda esposas e amigos para o morto que não está no fim disso, senão no outro mundo? Não abraçamos somente os ausentes, mas também aqueles que foram e aqueles que não foram até agora. Não prometemos matrimônio para sermos continuamente torcidos e ligados, como alguns pequenos animais que observamos, ou como os povos enfeitados de Karenty, [Karantia, uma cidade na ilha de Rugen] amarrados juntos como cachorros; e uma esposa não deve ficar tão sofregamente enamorada dos princípios do marido, pois ela não pode suportar vê-lo pelas costas, se houver ocasião. Mas não pode esta afirmação daquele excelente pintor dos humores femininos ser aqui introduzida para mostrar a razão das queixas delas?

“Uxor, si cesses, aut to amare cogitat,

Aut tete amari, aut potare, aut animo obsequi;

Et tibi bene esse solí, cum sibi sit male;”

“Se você vadiar sua esposa pensará que você ama ou é amado; ou que você está bebendo ou seguindo a sua tendência; o que é bom para você, pois quando está doente para ela, todo o prazer é seu e seus são todos os cuidados)” [Terêncio]

; ou pode não ser que sua própria oposição e contradição as entretinha e alimente, que elas se acomodem suficientemente, conquanto incomodem você? Na verdadeira amizade, em que sou perfeito, mais me dou ao meu amigo do que me esforço para atraí-lo a mim. Não sou apenas melhor contentado por fazer-lhe o obséquio do que se ele me conferisse um benefício, mas, além disso, prefiro antes que ele venha a fazer algo de bom, mais me obrigando quando faz assim; e se a ausência é mais agradável ou conveniente para ele, é também mais aceitável para mim do que a presença dele; nem é corretamente ausência quando podemos escrever um ao outro: por vezes fiz bom uso da nossa separação; nós melhor nos completamos e posteriormente estendemos a fruição da vida estando separados. Ele [La Boëtie] viveu, desfrutou, olhava por mim e eu por ele, tão completamente como se tivéssemos estado lá; uma parte de nós permanecia inativa e estávamos muito misturados um no outro quando ficávamos juntos; a distância de um lugar torna mais rica a conjunção das nossas vontades. Esse insaciável desejo da presença física implica em certa fraqueza no gozo das almas.

No que concerne à velhice, o que se alega contra mim é bastante oposto; é próprio da juventude sujeitar-se à opinião comum e restringir-se ao favor de outros; ela tem a possibilidade de agradar às pessoas e a si mesma enquanto temos muita dificuldade até para agradar somente a nós mesmos. Como falham as conveniências naturais, vamos nos prover daquelas que são artificiais. Essa é a injustiça de escusar a mocidade por buscar os seus prazeres e proibir os homens idosos de fazê-lo. Eu, quando jovem, prudentemente ocultava as minhas paixões temerárias; como agora estou velho, persigo a melancolia por deboche. E assim as leis platônicas proíbem os homens de viajar até os quarenta ou cinquenta anos de idade, de forma que a viagem pudesse ser de maior utilidade e instrução numa idade tão madura. Eu haveria de subscrever antes o segundo artigo das mesmas leis que as proíbem depois dos sessenta.

“Mas nessa idade você nunca voltará de uma viagem tão longa”. Que atenção devo dar a isso? Eu não as empreendo para voltar, nem para concluir que o meu intento é apenas manter-me em movimento, ainda que o movimento me agrade; caminho somente por causa do passeio. Quem se precipita atrás de um benefício ou de uma lebre, não corre na verdade; corre apenas aquele que o faz com fundamento e para exercitar-se. Meu desígnio é inteiramente divisível; ele não é motivado por qualquer grande esperança: cada dia conclui minha expectativa e a viagem da minha vida é levada da mesma maneira. E ainda vi lugares muito notáveis bastante fora do caminho, onde eu poderia desejar ter ficado. E por que não, se Crisipo, Cleanthes, Diógenes, Zenão, Antipater, tantos sábios daquela seita, prontamente abandonaram seu país, sem motivo de queixa e apenas pelo prazer de outros ares? Com sinceridade, o que mais me desagrada em todas as minhas viagens é que não consigo me resolver e estabelecer o meu domicílio onde mais gostaria, mas tenho sempre me proposto a voltar e me acomodar ao humor comum.

Se temesse morrer em qualquer outro lugar diferente de onde nasci; se pensasse que haveria de morrer mais incomodamente distante da minha própria família, dificilmente sairia da França; não deveria, sem medo, sair da minha paróquia; sinto que a morte sempre me belisca pela garganta ou pelo traseiro. Mas sou de constituição bem diferente; para mim, em todos os lugares isso é similar. Ainda, podendo fazer minha escolha, penso que antes haveria de preferir morrer a cavalo do que na cama; fora da minha própria casa e longe dos meus próprios familiares. Há mais confrangimento do que consolação em alguém despedir-se dos amigos; estou disposto a omitir aquela civilidade, pois essa, de todas as obrigações da amizade, é a única realmente desagradável; e pude, com todo o meu coração, dispensar aquele grande e eterno adeus. Se há alguma conveniência em tantas reservas, cem inconveniências são trazidas por elas. Vi muitos agonizarem miseravelmente cercados por todo o seu séquito: essa é uma multidão que os sufoca. É contrário ao dever, um testemunho de escassa bondade e pouca atenção, permitir-lhe morrer em repouso; um perturba os seus olhos, outro os seus ouvidos, outro a sua língua; você não sente que algum membro se preocupa com ele. Seu coração está ferido de compaixão por ouvir o luto dos amigos e talvez com raiva por ouvir as falsas condolências dos pretendentes. Quem, quando está bem, foi alguma vez delicado e sensível, será ainda muito mais quando doente. Em tal necessidade requer-se uma mão suave, acomodada aos sentimentos dele, para arranhá-lo somente no lugar onde coça; caso contrário, não o arranhe. Se carecemos de uma mulher sábia [*sage femme*, parteira em Francês] para nos trazer ao mundo, temos muito maior necessidade de um homem ainda mais sábio para nos ajudar a sair dele. Assim como este, um amigo de quem se despedir, um homem deveria comprar tal ocasião a qualquer preço. Ainda não cheguei àquele lance de vigor desdenhoso que se fortalece em si mesmo, que nada pode ajudar ou perturbar; sou de uma constituição mais baixa; esforço-me para me esconder e fugir dessa passagem, não por medo, mas por arte. Não pretendo nesse ato de morrer colocar à prova e exibir minha constância. Por quem deveria fazer isto? tudo o que de correto e interessante eu tenha em reputação terá então cessado. Contento-me com uma morte envolvida dentro de si mesma, tranqüila, solitária e toda minha apenas, satisfatória à minha vida retirada e pessoal; totalmente ao contrário da superstição Romana onde um homem era visto como infeliz se morresse sem falar e não tivesse à mão seus parentes mais próximos para fechar-lhe os olhos. Tenho o suficiente para confortar-me sem precisar consolar outros; pensamentos o bastante em minha cabeça para não precisar que as circunstâncias me apossem com um novo; e me importa antes ocupar-me sem pedir nada emprestado. Esses incidentes são alheios à sociedade; é o ato de uma única pessoa. Vamos viver e nos alegrar entre nossos amigos; vamos partir, nos lamentar e morrer entre estranhos; um homem pode achar que, por seu dinheiro, quem trocará seu travesseiro e esfregará seus pés não o aborrecerá mais do que devia; que lhe apresentará um semblante indiferente e se submeterá a governar-se e reclamar de acordo com seu próprio método.

Através da razão eu diariamente me desabituei desse capricho infantil e desumano de desejar que nossos sofrimentos venham a provocar a compaixão e a lamentação de nossos amigos: nós esticamos nossos próprios desconfortos além da sua justa extensão quando extraímos lágrimas de outros; e na persistência que recomendamos a cada um suportar em sua fortuna adversa, acusamos e repreendemos nossos amigos quando o mal é nosso mesmo; não ficamos satisfeitos de que eles estejam apenas sensibilizados por nossa condição, a menos que além disso ainda fiquem aflitos. Um homem deve difundir alegria e, até onde puder, sufocar a aflição. Quem se lamenta sem razão é um homem a não ser lamentado quando tiver uma causa real: estar

sempre a reclamar é um modo de nunca ser lamentado; fazendo-se sempre tomar como lamentável, ele nunca será comiserado por ninguém. Quem se faz de morto enquanto está vivo se sujeita a ser considerado vivo quando estiver morrendo. Vi alguns que permaneceram doentes quando lhes disseram que estavam bem, que seu pulso era bom; continham seu sorriso porque ele traía uma recuperação e ficavam irritados com a saúde porque assim não seriam lamentados; e o que é ainda mais grave: não eram mulheres. Eu descrevo as minhas enfermidades como elas realmente são, no máximo, evitando todas as expressões de mau prognóstico e exclamações acomodativas. Se não jovial, pelo menos um semblante temperado na prontidão é apropriado na presença de um sábio homem doente: ele não luta com a saúde, pois, vendo-se em condição adversa, agrada-se em contemplar a saúde e a integridade nos outros e pelo menos poder desfrutar de sua companhia: quem não o faz, por sentir-se comovido, abandona todos os pensamentos estimulantes, nem evita o discurso trivial. Eu estudaria a doença enquanto estou bem; quando ela me agarrar, tornará sua impressão bastante real, sem a ajuda da minha imaginação. Nós nos preparamos antecipadamente para as viagens que empreendemos e nos resolvemos sobre elas; deixamos os compromissos no momento em tomamos o cavalo por companhia e em seu benefício as adiamos.

Acho que essa inesperada vantagem na publicação dos meus métodos de alguma forma me serve de regra. Tenho, às vezes, certo ensejo de não revelar a história da minha vida: esta declaração pública me obrigaria a manter o meu estilo para mim mesmo e não dar repouso à imagem que tracei das minhas qualidades, usualmente menos deformadas e contraditórias do que se consistissem na malignidade e fraqueza dos juízos desta idade. A uniformidade e a simplicidade dos meus modos produzem uma configuração de fácil interpretação; mas porque a moda é um pouco nova e não está em uso, dá muito grandes oportunidades para a calúnia. Ainda assim, a quem pudesse razoavelmente me assaltar, penso que tão suficientemente o assistiria em seu propósito com minhas imperfeições conhecidas e declaradas, pois aquele modo satisfaria sua natureza perversa sem lutar com o vento. Se eu mesmo, para antecipar a acusação e a descoberta, confessasse antes para frustrar a sua malícia, como ele a concebe, isso não é senão razão para que ele faça uso do seu direito de amplificação e estique os meus vícios até onde puder; o ataque tem seus direitos além da justiça; e deixando-o dispor das raízes desses erros que eu franqueei para ele lançar sobre as árvores: deixe que façam uso deles, não apenas desses que realmente me afetam, mas também dos outros que só me ameaçam; vícios prejudiciais, tanto em qualidade quanto em número; deixe-o espancar-me daquela maneira. Eu de boa vontade devia seguir o exemplo do filósofo Bion: estando Antígono a ponto de reprová-lo pela torpeza do seu nascimento, ele imediatamente o interrompeu com esta afirmação: “Eu sou filho de um escravo, um açougueiro marcado a ferro, e de uma prostituta que meu pai desposou na sua pior condição; ambos foram chicoteados pelas ofensas que haviam perpetrado. Quando ainda criança um orador me comprou, achando-me um menino bonito e esperançoso, me criou e quando morreu deixou-me todas as suas riquezas, que eu trouxe para esta cidade de Atenas e aqui resolvi dedicar-me ao estudo da Filosofia. Nunca deixe que os historiadores o aborreçam indagando a meu respeito: eu mesmo lhes falarei sobre isto”. Uma confissão livre e generosa debilita a censura e desarma a difamação. E assim é que, uma coisa pela outra, freqüentemente imagino que os homens tanto me recomendam quanto me subestimam além da razão; como, também me parece, desde a minha infância, em categoria e grau de honra, deram-me uma posição antes acima do que abaixo do meu direito. Eu haveria de me achar mais à vontade num lugar onde essas distinções não fossem acatadas ou regulamentadas. Entre os homens, quando uma altercação sobre a precedência de andar ou sentar excede três respostas, isso é reputado incivil. Eu nunca me conformo em conceder ou repudiar essa regra, evitando a dificuldade de tal cerimônia; e nunca homem algum teve a idéia de adiantar-se a mim, exceto se eu lhe permiti fazê-lo.

Além dessa vantagem de escrever a meu respeito, também tenho esperado por outra primazia resultante de que, antes de eu morrer, meu humor agradasse ou sobressaltasse algum homem honesto; ele então haveria de desejar e buscaria familiarizar-se comigo. Eu lhe dei muito que fazer; apesar de tudo ele poderia ter, em muitos anos, adquirido uma íntima familiaridade, ele viu em três dias neste memorial, e mais segura e exatamente. Uma idéia agradável: muitas coisas que em particular não confessaria a ninguém, entrego ao público e remeto aos meus melhores amigos através da loja de um livreiro, para ali se informarem no que concerne aos meus pensamentos mais secretos;

“Excutienda damus praecordia”

“Oferecemos nossos corações para serem examinados” [Pérsio].

Feito eu, que por meio de boa orientação sei onde buscar alguém adequado à minha conversação, certamente deveria trilhar um longo caminho para descobri-lo: pois a doçura da companhia satisfatória e agradável não pode, na minha opinião, ser comprada muito caro. Oh, que coisa é uma verdadeira amizade! como é verdadeira aquela velha declaração, que a posse de um amigo é mais agradável e necessária que os elementos da água e do fogo!

Voltando ao meu tema: não há, então, nenhum grande prejuízo em morrer longe de casa e reservadamente; nós mesmos nos imaginamos obrigados a nos aposentar de atividades naturais menos impróprias e menos terríveis do que essa. Mas, além disso, como estamos reduzidos a prolongar uma vida extenuante, não devemos, talvez, desejar aborrecer uma grande família com suas ininterruptas misérias; há, em certa província da Índia, o conceito de que é correto bater na cabeça de um homem quando ele fica reduzido a tal necessidade; em outras das suas províncias, todos o abandonam para que ele se vire o melhor que puder. Pois quem não irá, afinal, tornar-se tedioso e insuportável? a música dos pífaros ordinários não alcança aquela distância. Você ensina seus melhores amigos a serem forçosamente cruéis; endurece a mulher e os filhos pelo costume prolongado de não dar atenção nem lamentar seus sofrimentos. Os gemidos das pedras são tão habituais para a minha família que ninguém toma nota deles. Entretanto, deveríamos extrair um pouco de prazer da sua conversação (o que nem sempre acontece devido à disparidade de condições que facilmente geram desprezo ou inveja em qualquer um); não é demais abusar deste meio de vida? Quanto mais os vejo se constrangerem pela inclinação de serem úteis a mim, mais deveria ressentir-me do seu sofrimento. Temos liberdade para nos apoiar, não para depositar todo o nosso peso sobre os outros, sustentando-nos através da ruína deles;

como alguém que mandou cortar as gargantas dos filhos pequenos para empregar o seu sangue na cura da sua doença, ou aquele outro, que foi continuamente abastecido de meninas jovens e carinhosas para conservar seus membros velhos aquecidos à noite, misturando a doçura do hálito delas com o seu, azedo e fétido. Eu devia prontamente aconselhar Veneza a retirar-se dessa vida em declínio. A decrepitude é uma qualidade solitária. Sou sociável até mesmo em excesso, contudo acho que seria razoável afastar as minhas atuais dificuldades da visão do mundo, conservando-as para mim. Deixe que me encolha e me prepare em minha própria concha, como uma tartaruga, e aprenda a ver os homens sem me pendurar neles. Não devo arriscá-los em tão escorregadia passagem: este é o momento de virar minhas costas às companhias.

“Mas, nessas viagens, você será levado doente a algum lugar miserável onde nada se pode conseguir para aliviá-lo”. Eu sempre levo comigo a maior parte das coisas necessárias; além disso, não podemos nos esquivar da fortuna, uma vez que ela resolve nos atacar. Quando estou doente, não preciso de nada extraordinário. Não serei compelido a fazer o meu bolo alimentar se a natureza não consegue fazê-lo. No começo, quando as minhas febres e vômitos me derrubavam, elas ainda continuavam inteiras [as pedras], mas pequenas, desordenando-me a saúde: reconciliei-me com o Deus Todo-poderoso através dos últimos Cristãos, cujos ofícios acho que me tornaram menos oprimido e mais confortável; assim estou, me parece, um tanto melhor da minha doença. E ainda tenho menos necessidade de tabelião ou conselheiro do que de um médico. O que não resolvi dos meus negócios quando estava com saúde, ninguém deve esperar que hei de fazer quando estiver doente. O que desejo fazer para obsequiar a morte já está determinado; não me atrevo a adiá-la sequer um dia; e se nada for feito, é praticamente como dizer que aquela dúvida impediu a minha escolha (e às vezes é uma boa opção nada escolher), ou que eu estava positivamente resolvido a não fazer nada.

Escrevo o meu livro para poucos homens e por poucos anos. Se fosse uma questão de duração, deveria tê-lo colocado numa linguagem mais vigorosa. De acordo com a ininterrupta variação a que nos sujeitamos até estes dias, quem pode esperar que sua presente forma esteja em uso daqui a cinqüenta anos? Ela desliza a cada dia entre nossos dedos e desde que nasci foi alterada em mais da metade. Dizemos que agora está perfeita; e cada época diz o mesmo da sua. Eu dificilmente acreditaria nisso, tantas são suas mudanças e variações. É para o benefício e utilidade das obras escritas nisso se estabelecerem, e sua reputação seguirá de acordo com a fortuna da nossa condição. Por essa razão não tenho nenhum receio de inserir aqui muitos artigos pessoais que esgotarão seu uso entre os homens agora vivos, que concernem ao conhecimento particular de alguns e que mais adiante neles se verão a si mesmos, tanto quanto todo leitor comum. Afinal de contas, não desejo que os homens digam de mim o que freqüentemente ouço dizerem dos homens mortos: “Ele julgou, ele viveu assim e assado; ele devia ter feito isso ou aquilo; se falasse quando estava morrendo, teria dito assim ou assado e dado esta coisa ou aquela; eu o conheci melhor que qualquer outro”. Agora, até onde permite a decência, aqui desnudei minhas inclinações e afetos; mas faço de mais boa vontade e livremente através da palavra oral a qualquer um que queira ser informado. É assim que nestas memórias, se alguém observar, verá que contei ou planejei contar tudo; o que não posso expressar aponto com o dedo:

***“Verum animo satis haec vestigia parva sagaci
Sunt, per quae possis cognoscere caetera tute”***

**“Por estes passos uma mente sagaz acha muito facilmente todos os outros assuntos
(é suficiente para permitir que uma pessoa aprenda bem o resto)” [Lucrécio].**

Não deixo nada a ser desejado ou adivinhado concernente a mim. Se as pessoas precisarem falar de mim, gostaria que fosse com justiça e verdade; eu voltaria do outro mundo novamente, com todo o meu coração, para apontar a qualquer um a mentira que haveria de mostrar-me diferente do que fui, conquanto ele tenha feito essa honra para mim. Percebo que as pessoas representam, mesmo os homens vivos, totalmente diversos do que eles realmente são; e não tivesse defendido resolutamente um amigo que perdi [Boëtie], eles o teriam rasgado em mil pedaços diferentes.

Para concluir a relação dos meus pobres humores, confesso que em viagem raramente chego à minha hospedaria sem refletir que ali poderia adoecer e agonizar para minha facilidade. Desejo ficar abrigado em alguma parte privada da casa, distante de todo o barulho, mau cheiro e fumaça. Esforço-me para lisonjear a morte através dessas circunstâncias frívolas; ou, melhor dizendo, desembaraçar-me de todas as outras incumbências para que não tenha nada que fazer, nem ser perturbado por qualquer coisa, senão pelo desejo de dormir pesado sem qualquer outra carga. Eu teria a minha morte compartilhando as facilidades e conveniências da minha vida; esta é uma parte significativa dela, de grande importância, e espero que o futuro não vá contradizer o passado. A morte tem algumas formas mais fáceis que outras e recebe qualidades diversas, de acordo com o capricho de cada um. As mortes naturais, oriundas de fraqueza e estupor, suponho que são as mais favoráveis; entre as violentas, posso suportar pior a idéia de um precipício do que o desabar de uma casa que me esmagaria num instante, o ferimento com uma espada do que um tiro de arcabuz; antes haveria de escolher envenenar-me com Sócrates do que apunhalar-me com Catão. E, embora tudo isso seja uma coisa só, minha imaginação faz uma diferença tão grande como entre a morte e a vida, entre lançar-se num forno ardente e mergulhar na torrente de um rio: tão fúteis são nossos receios que mais nos importamos com os meios do que com os efeitos. Não passa de um momento, é bem verdade, mas sobretudo um momento de tal peso que de boa vontade daria uns bons dias da minha vida para ignorá-lo do meu próprio jeito. Desde que a imaginação de todas as pessoas torna isso mais terrível e desde que cada um tenha escolhido alguma entre as várias formas de morrer, vamos tentar encontrar uma que seja absolutamente livre de ofensa um pouco mais adiante. Ninguém poderia torná-la até mesmo voluptuosa, como fizeram Antônio e Cleópatra? Pus de lado os valentes e exemplares esforços produzidos pela Filosofia e pela religião; mas, entre homens de pequena expressão foram encontrados alguns, como Petrônio e Tigelino em Roma, condenados a se despacharem, os quais tiveram a morte acalentada pelo sono com a delicadeza da sua preparação; eles a fizeram deslizar às escondidas no apogeu das suas costumeiras diversões, entre as garotas e os bons camaradas; sem uma palavra de consolo, nenhuma alusão a cumprir uma vontade, nenhuma afetação ambiciosa de constância, nenhuma conversa sobre suas futuras

condições; entre esportes, festividades, perspicácia e jovialidade, discursos comuns e indiferentes, música e versos de amor. Não nos seria possível imitar essa resolução de uma forma mais decente? Desde então há mortes que são boas para os tolos, mortes boas para os costumes; vamos achar uma que se ajuste àqueles que estão entre ambos. Minha imaginação sugere uma que é fácil, e, desde que temos de morrer, mais desejável. Até certo ponto os tiranos de Roma pensavam no que faziam quando davam a um criminoso a possibilidade de escolher a forma da sua morte. Mas não foi Teofrasto, tão delicado, modesto e sábio filósofo, compelido pela razão quando ousou pronunciar estes versos, traduzidos por Cícero:

“Vitam regit fortuna, non sapientia?”

“A fortuna, não a sabedoria, governa a vida humana” [Cícero].

A fortuna assiste a facilidade das barganhas da minha vida, depois de tê-la colocado em tal condição que para o futuro ela não pode ser nem de vantagem nem de obstáculo para aqueles que se preocupam comigo; esta é uma condição que eu teria aceitado em qualquer época da minha vida; mas nesta ocasião de embalar minha bagagem estou particularmente satisfeito de que, morrendo, não lhes trarei benefício nem prejuízo. Ela assim ordenou, por uma compensação astuciosa, a quem possa pretender qualquer vantagem considerável por minha morte, ao mesmo tempo vá sustentar uma inconveniência material. A morte é por vezes mais dolorosa para nós do que para os outros, interessa-nos pelo interesse deles tanto quanto em nosso próprio, às vezes até mais.

Nesta conveniência de hospedagem que almejo, não misturo nada de pompa e amplidão, que antes odeio; mas certa ordem manifesta que amiúde encontramos nos lugares onde há menos de arte, que a Natureza adornou com um pouco daquela graça que lhe é própria:

“Non ampliter, sea munditer convivium”

“Para comer não largamente, mas asseadamente” [Nepos]

“Plus salis quam sumptus”

“Antes o bastante do que caro” (ou: “Mais inteligência que despesa)” [Nônio].

Mais ainda, isso é para aqueles cujas atividades os compelem a viajar no inverno profundo através da região de Grisons, para se depararem com grandes inconveniências no caminho. Eu, que na maior parte das vezes viajo para meu próprio prazer, não disponho tão mal os meus negócios. Se a estrada à direita está enlameada eu viro para a da esquerda; se me encontrar indisposto para passear, fico onde estou; e, assim fazendo, sinceramente não vejo nada que seja tão agradável e cômodo quanto minha própria casa. É verdade que sempre acho as futilidades supérfluas e observo certa espécie de dificuldade até mesmo na própria abundância. Se deixei qualquer coisa atrás de mim sem ser vista, volto para vê-la; estou ainda a caminho; não traço nenhuma linha direta, seja reta ou curva. Resulta freqüentemente que não acho, nos lugares aonde vou e me foram reportados, que os juízos de outros conferem com o meu; na maioria das vezes seus relatórios são falsos, mas nunca reclamo do desperdício do meu trabalho: pelo menos certifiquei-me de que não me contaram a verdade.

Tenho uma constituição física tão desembaraçada e um paladar tão indiferente quanto qualquer homem ativo: a diversidade de costumes das várias nações só me afeta pelo prazer da variedade: todo uso tem sua razão. Sejam os pratos e tigelas de estanho, louça ou madeira; seja minha carne cozida ou assada; quer me sirvam manteiga ou azeite, nozes ou azeitonas, quente ou frio, dá tudo no mesmo para mim; e tão indiferente que, envelhecendo, acuso esta generosa faculdade e desejaria que a escolha e a delicadeza corrigissem a indiscrição do meu apetite e às vezes acalmassem o meu estômago. Quando estive no exterior, fora da França, e por cortesia as pessoas me perguntavam se eu era servido à maneira Francesa, eu ria da pergunta e sempre freqüentava as mesas mais cheias de estrangeiros. Fico envergonhado de ver nossos compatriotas embriagados por esse tolo humor de disputa com as aparências opostas às suas próprias; eles parecem estar fora do seu elemento quando deixam suas próprias aldeias: onde quer que vão, mantêm suas próprias maneiras e abominam as dos estranhos. Encontram um compatriota na Hungria? Ó, ocasião feliz! Daqui em diante eles são inseparáveis; apegam-se juntos e todo o seu discurso é para condenar os modos bárbaros que notam à sua volta. Bárbaros porque não são Franceses? E aqueles que fizeram melhor proveito de suas viagens observaram que a maior parte fala contra. A maioria deles parte sem nenhuma outra finalidade senão voltar novamente; eles prosseguem em sua viagem com vasta gravidade e circunspeção, com uma prudência silenciosa e incomunicável, preservando-se do contágio de uma atmosfera desconhecida. O que estou dizendo deles me traz à lembrança algo que ocasionalmente percebi em alguns dos nossos jovens cortesãos: eles não se misturam com quaisquer homens exceto os da sua própria categoria e olham para nós como homens de outro mundo, com desdém ou piedade. Ponha-os em qualquer discurso afora as intrigas da corte e eles ficam totalmente perdidos; são para nós as mesmas corujas e noviços que nós somos para eles. Com razão diz-se que um homem polido é um homem complexo. Eu, pelo contrário, viajo muito saturado de nossas próprias modas; não procuro os Gascões na Sicília: deixei bastantes deles em casa; busco antes pelos Gregos e Persas; é com eles e com os homens de estudo que me empenho em conhecer; é lá que eu me dou e ocupo a mim mesmo. E o que é ainda mais, imagino que não encontrei senão escassas vezes costumes não tão adequados quanto os nossos próprios; confesso não ter viajado para muito longe; raramente perdi de vista os cata-ventos da minha própria casa.

Quanto ao resto, a maioria dos viajantes acidentais cai na estrada gerando mais dificuldades do que prazer; renuncio a eles até onde a civilidade permite, especialmente agora que a idade parece de algum modo me privilegiar e isolar das formas comuns. Você padece por outros ou outros padecem por você; ambas inconveniências de bastante importância, mas a última me parece maior. Esta é uma rara fortuna, mas de inestimável consolo: ter um homem digno, de juízo sadio e costumes de conformidade aos seus próprios, é um deleite tolerar tal companhia. Nisso tive um infinito prejuízo em minhas viagens. Mas tais companheiros deveriam ser escolhidos e conquistados em sua primeira colocação. Para mim não pode haver prazer algum sem comunicação: tanto quanto ter um pensamento vivaz penetrando em minha mente e me afligir por tê-lo produzido sozinho e não poder transmiti-lo a ninguém:

***“Si cum hac exceptione detur sapientia, ut illam inclusam
Teneam, nec enuntiem, rejiciam”***

“Se a sabedoria for conferida com esta reserva, que devo conservá-la para mim e não comunicá-la a outros, então não desejo nada disso” [Sêneca].

Este outro alcançou uma nota mais alta:

***“Si contigerit ea vita sapienti, ut ommum rerum affluentibus
Copiis, quamvis omnia, quae cognitione digna sunt, summo
Otio secum ipse consideret et contempletur, tamen, si solitudo
Tanta sit, ut hominem videre non possit, excedat a vita”***

“Se tal condição de vida deveria ocorrer a um homem sábio, que na maior profusão de todas as conveniências ele pode, no máximo lazer imperturbado, considerar e contemplar todo o valor das coisas sabidas; contudo, se a sua solidão é tal que ele não deve ver outro homem, deixe-o partir da vida” [Cícero].

Arquitas me alegra quando diz “que seria desagradável, mesmo no próprio céu, vagar entre esses grandes e divinos corpos celestes sem uma companhia”. Mas ainda é muito melhor ficar sozinho do que estar com um companheiro estovado e importuno. Aristipo adorava morar como estranho em todos os lugares:

***“Me si fata meis paterentur ducere vitam
Auspiciis,”***

“Se os fados me deixassem viver do meu próprio jeito” [Virgílio].

Eu haveria de escolher passar a maior parte da minha vida a cavalo:

***“Visere gestiens,
Qua pane debacchentur ignes,
Qua nebula, pluviique rores”***

“Visito as regiões onde o sol arde, onde estão as grossas nuvens de chuva e as geadas” [Horácio].

“Você não tem diversões mais simples em casa? O que deseja ali? Sua casa não está situada num clima doce e sadio, suficientemente abastecida e é mais que suficientemente grande? A majestade real não foi mais de uma vez lá entretida com todo o seu séquito? Não há mais abaixo de sua família em boas facilidades do que acima dela em eminência? Há qualquer pensamento momentâneo, extraordinário ou indigerível que o aflige?”

“Qua to nunc coquat, et vexet sub pectore fixa”

“Isso pode agora preocupá-lo e vexá-lo, estabelecido em seu peito” [Cícero].

“Onde você pensa viver sem perturbação?”

“Nunquam simpliciter fortuna indulget”

“A fortuna nunca é simplesmente complacente (não mesclada)” [Quinto Cúrcio].

Você vê, então, e é só você que se perturba; você seguirá a si mesmo em todos os lugares e em todos os lugares vai reclamar; pois não há nenhuma satisfação abaixo daqui, a não ser para o bruto ou para as almas divinas. Ele quem, em tão justa ocasião, não tem satisfação alguma, onde pensará encontrá-la? Quantos milhares de homens terminam seus anseios em condições tais como as suas? Faça uma correção em si mesmo, pois isso está completamente em seu poder! Levando em conta que você não tem nenhum outro direito senão resignar-se à Fortuna:

“Nulla placida quies est, nisi quam ratio composuit”

“Não há tranquilidade nenhuma além da que a razão conferiu” [Sêneca].

Percebo a razão deste conselho e vejo-a perfeitamente bem; mas ele poderia ter feito antes e mais convenientemente, numa palavra, licitando-me a ser sábio; aquela resolução está além da sabedoria; este é seu preciso trabalho e resultado. Assim o médico continua predicando que um pobre paciente extenuado “seja feliz”; mas ele o aconselharia um pouco mais discretamente incitando-o a “ficar bem”. De minha parte, sou apenas um homem do tipo comum. Este é um preceito saudável, correto e fácil de se entender: “satisfaça-se com o que você tem”, quer dizer, com razão: e seguir este conselho não está menos em mim do que no poder dos homens sábios do mundo. Esta é uma declaração comum, mas de terrível extensão: o que não abrange? Todas as coisas caem sob discricção e qualificação. Sei muito bem que, para levar isto à letra, este prazer de viajar é um testemunho de intranquilidade e irresolução, e, em resumo, são essas as nossas duas qualidades de governo e predomínio. Sim, confesso que nada vejo, não tanto como em um sonho, em um desejo, sobre o qual eu poderia estabelecer o meu repouso: somente a variedade e a posse da diversidade podem me satisfazer; quero dizer, se alguma coisa pode. Em viagem, agrada-me poder ficar onde gosto, sem inconveniências, tendo um lugar onde consigo comodamente divertir-me. Aprecio uma vida retirada porque é por minha própria escolha que gosto disso, não por qualquer dissensão ou repugnância pela vida pública que, talvez, seja muito de acordo com a minha compleição. Sirvo mais alegremente ao meu príncipe porque é através da livre eleição do meu próprio julgamento e razão, sem qualquer obrigação particular; e que não estou reduzido e constrangido a fazer dessa maneira por ser rejeitado ou incompatibilizado pelo outro partido; e assim com todo o resto. Odeio os bocados que a necessidade me arranca; qualquer comodidade da qual tivesse que depender haveria de ter-me pela garganta;

“Alter remus aquas, alter mihi radat arenas;”

“Deixe-me ter um remo na água e o outro varrendo a costa” [Propércio]

; uma corda nunca me segurará rápido o bastante. Você dirá que há de vaidade neste modo de viver. Mas onde não há? Todos esses preceitos refinados são futilidades; toda sabedoria é vã:

“Dominus novit cogitationes sapientum, quoniam vanae sunt”

“O Senhor conhece as cogitações dos sábios, que são fúteis” [Coríntios III].

Essas primorosas sutilezas são adequadas apenas para os sermões; são discursos que a todos nos impelirão colocados sobre selas para o outro mundo. A vida é um movimento físico e material, uma atividade imperfeita e irregular em sua própria essência; faço minha a obrigação de servi-la de acordo consigo mesma:

“Quisque suos patimur manes”

“Cada um de nós está sujeito ao nosso próprio demônio particular” [Virgílio]

***“Sic est faciendum, ut contra naturam universam nihil
Contendamus; ea tamen conservata propriam sequamur”***

“Devemos ordená-lo para que de maneira alguma possa contender contra a natureza universal; ainda mais, sendo aquela regra observada, deve seguir a nossa própria” [Cícero].

Qual a finalidade são estes elevados tópicos de Filosofia, nos quais nenhum ser humano pode confiar? e essas regras que excedem nosso uso e nossa força?

Vejo freqüentemente que temos colocadas diante de nós teorias da vida em que nem o proponente nem aqueles que o ouvem depositam alguma esperança, e o que é mais, nem têm qualquer inclinação para seguir. Da mesma folha de papel sobre a qual o juiz acabou de escrever a sentença contra um adúltero, ele furta um pedaço no qual escreverá uma carta de amor à esposa do seu companheiro. Aquela a quem você agora mesmo abraçou ilicitamente irá de imediato, até mesmo ao alcance dos seus ouvidos, mais ruidosamente invectivar contra a mesma falta em seu companheiro do que faria uma Portia [a casta filha de Catão]; e há homens que condenarão outros à morte por crimes que eles não reputam sequer como faltas. Em minha juventude tive a oportunidade de ver um homem de boa estirpe apresentar ao povo versos que, por um lado, se superavam em sagacidade e debocheira; por outro lado e ao mesmo tempo, propunham a reforma teológica mais polêmica e madura com que o mundo já fora tratado desde muitos anos. E assim os homens procedem; deixamos as leis e os preceitos seguirem o seu caminho; nós mesmos tomamos outro curso, não apenas para menoscabar os costumes, mas muitas vezes por juízo e opinião contrária. Vamos apenas ouvir uma leitura filosófica: a engenhosidade, a eloqüência e a pertinência imediatamente golpeiam sua mente e o comovem; não há nada além de toques ou picadas em sua consciência; não é para isto que eles nos chamam a atenção. Isso não é verdade? Disse Aristão que nem um banho nem uma conferência nada lograriam a menos que polissem e esclarecessem os homens. Mas só depois que removemos a medula, depois de engolirmos um bom vinho de uma taça requintada, é que examinamos os desenhos e o artesanato. Em todos os tribunais da antiga Filosofia será constatado que um mesmo professor publica regras de temperança e, concomitantemente, lições de amor e devassidão; Xenófanes, no próprio seio de Clínia, escrevia contra a virtude dos Aristípicos. Não é que exista neles qualquer milagrosa conversão que os faz assim oscilantes; é como Sólon representa, às vezes sua própria pessoa, às vezes um legislador; um enquanto fala para a multidão, outro para si mesmo; tomando as regras livres e naturais em seu próprio interesse, sentindo-se seguro de uma saúde firme e completa:

“Curentur dubii medicis majoribus aegri”

“As moléstias desesperadas requerem os melhores médicos” [Juvenal].

Antístenes permite que um sábio ame e faça tudo que julga conveniente, sem levar em conta as leis, visto que é mais bem aconselhado do que eles e tem maior conhecimento da virtude. Seu discípulo Diógenes disse que “para as perturbações os homens eram opostos à razão: para a fortuna, coragem: para as leis, a natureza”. Para estômagos sensíveis e constrangidos devem ser prescritas receitas artificiais: estômagos bons e fortes servem-se simplesmente das prescrições do seu próprio apetite natural; desta maneira procedem nossos médicos, que comem melões e bebem vinho resfriado e ainda limitam seus pacientes a xaropes e caldos. “Eu não sei”, disse Lais para o cortesão, “o que eles podem falar sobre livros, sabedoria e Filosofia; mas estes homens batem tão freqüentemente na minha porta como na de qualquer outro”. Na mesma proporção que nossa licença nos leva além do que é legal e permitido, os homens amiúde têm esticado os preceitos e regras de nossa vida além da razão universal:

***“Nemo satis credit tantum delinquere, quantum
Permittas”***

“Ninguém acha que ele ficou doente na completa extensão das suas possibilidades” [Juvenal].

Seria desejável que houvesse melhor proporção entre o comando e a obediência; a meta parece injusta para que alguém possa atingir. Não há homem nenhum que seja tão bom, que enquadre às leis todos os seus pensamentos e atitudes, que não tenha defeitos o bastante para merecer o enforcamento dez vezes em sua vida; e ele bem pode ser um, assim como é grande injustiça e prejuízo castigar e arruinar:

***“Ole, quid ad te
De cute quid faciat ille vel ille sua?”***

“Olus, o que significa para ti o que ele ou ela fazem com suas peles?” [Marcial]

; e tal pode acontecer, que não tendo ofendido de modo algum as leis, contudo não mereceria o caráter de homem virtuoso e a quem a Filosofia condenaria a ser justamente chicoteado; tão desigual e perplexa é essa relação. Estamos tão longe de ser homens bons, de acordo com as leis de Deus, que não podemos ser assim de acordo com nossa própria sabedoria humana, todavia nunca chegando aos deveres que nos foram prescritos; e poderíamos chegar lá, ainda que prescrevêssemos a nós mesmos outros mais, além dos quais nunca aspiraríamos e pretenderíamos; tão grande inimiga da consistência é a nossa condição humana. O homem necessariamente se obriga a estar em falta: ele não é discreto o bastante para idear o seu próprio dever pela medida de outro senão dele mesmo. Para quem ele prescreve o que não espera que ninguém deva executar? ele é injusto não fazendo o que lhe é impossível fazer? As leis não nos condenam por

sermos capazes, elas nos condenam porque não somos capazes.

No pior quadro esta liberdade disforme de nos apresentar dois caminhos diversos, as atitudes de uma forma e o arraçoamento de outra, pode ser permitida àqueles que somente falam de coisas; mas não será permissível àqueles que falam de si mesmos, como eu faço: tenho de fazer minha caneta marchar como faço com meus pés. A vida comum deveria ser relacionada às outras vidas: a virtude de Catão era vigorosa além da razão para a época em que ele viveu; e para um homem que fez do seu negócio governar outros, um homem dedicado ao serviço público, ela poderia ser chamada de justa, se não injusta, pelo menos frívola e fora de estação. Até mesmo minhas próprias maneiras, as quais não diferem mais de uma polegada daquelas correntes entre nós, não obstante me tornam um tanto áspero e insociável para a minha época. Não sei se é sem razão que me desgosto com a sociedade que freqüente; mas sei muito bem que estaria sem razão se me queixasse da sua aversão para comigo, vendo que sou assim com eles. A virtude que é atribuída aos negócios do mundo é uma virtude de muitas oscilações, cantos e cotovelos, para se unir e adaptar à fragilidade humana, mesclada e artificial, não direta, clara, constante, nem puramente inocente. Os anais destes dias censuram um de nossos reis muito simplesmente por sujeitar-se à conscienciosa persuasão do seu confessor: os negócios de estado têm preceitos mais arrojados;

*“Exeat aula,
Qui vult esse pius”*

“Deixe que o piedoso se retire da corte” [Lucano].

Antigamente tentei empregar opiniões e regras de viver a serviço dos negócios públicos, tão ásperas, inovadoras, grosseiras ou impolutas quanto, ou nasceram comigo, ou as trouxe de longe com minha educação e das quais tenho me servido, se não tão comodamente, pelo menos com firmeza, em minhas próprias preocupações particulares: uma virtude escolástica e noviça; mas eu as achei ineptas e perigosas. Quem freqüenta multidões deve ir agora de um modo e então de outro, mantendo os cotovelos apertados, recuando ou avançando e deixando o caminho em linha reta, de acordo com o que ele encontra; e não deve viver tanto de acordo com seu próprio método e sim o de outros; não de acordo com o que ele se propõe, mas de acordo com o que lhe é proposto, de acordo com a época, de acordo com os homens, de acordo com as ocasiões. Segundo diz Platão, quem escapa do mundo das manipulações com os calções limpos, foge por milagre: e diz além disso que, ao apontar um dos seus filósofos para encabeçar um governo, ele não quer dizer um corrupto como o de Atenas e muito menos um tal como esses nossos, que a própria sabedoria deveria buscar. Uma boa erva, transplantada num solo contrário à sua própria natureza, muito mais cedo se conforma à terra do que adapta a terra a ela. Achei que se tivesse de me dedicar completamente a tais ocupações, exigiria muitas mudanças e novas modelagens em mim antes que pudesse ser por qualquer meio ajustado para isso: conquanto pudesse assim prevalecer distante de mim (e porque não poderia com tempo e diligência operar tal feito), eu não o faria. A curta experiência que tive do emprego público foi muito decepcionante para mim; ocasionalmente sinto a tentação da ambição ascendendo em minha alma, mas obstinadamente me oponho a ela:

“At tu, Catulle, obstinatus obdura”

“Mas tu, Catulo, seja teimosamente resoluto” [Catulo].

Tão raramente sou chamado a isso quanto raramente me ofereço de graça; a liberdade e a preguiça, as qualidades mais predominantes em mim, são qualidades diametralmente opostas às daquele comércio. Não conseguimos distinguir bem as faculdades dos homens; elas têm divisões e limites difíceis e delicados de escolher; da conduta discreta de uma vida privada concluir uma capacidade para a administração dos negócios públicos é concluir precipitadamente; um homem bem pode governar-se e não ser capaz de governar outros, assim como compor Ensaio que não podem operar resultados: há homens capazes de organizar bem um assédio e são maus generais em batalha; quem pode falar bem em particular e mal ao arengar um príncipe ou um grupo de pessoas; mais ainda, isto é preferivelmente um testemunho do que pode fazer do que ele não pode fazer a outros, talvez antes que o caso contrário. Acho que as almas elevadas não são muito mais apropriadas para as coisas más do que almas más são para as coisas elevadas. Poderíamos imaginar que Sócrates devia ter administrado o ensejo de rir dos Atenienses, às expensas da sua própria reputação, não tendo jamais conseguido reunir os votos da sua tribo para entregá-los ao conselho? Realmente, a veneração que eu tenho pelas perfeições desse grande homem merece que sua fortuna deveria fornecer, como escusa das minhas principais imperfeições, exemplo tão magnífico. Nossa suficiência está cortada em pequenas porções; a minha não tem nenhuma latitude e também é muito desprezível em número. Disse Saturnino para aqueles que lhe haviam conferido o comando supremo: “Camaradas, você perderam um bom capitão para fazer dele um mau general”.

Quem ostenta, em tempos tão conturbados quanto estes, empregar uma verdadeira e sincera virtude a serviço do mundo, ou não sabe o que são as opiniões que acompanham a corrupção dos costumes (e, na verdade, ouvi-os descrevendo-os, ouvindo a maioria deles se glorificar do seu comportamento e abandonar suas regras; em vez de pintar a virtude eles pintam o puro vício e a injustiça, e assim a representam falsamente na educação dos príncipes); ou, se ele conhece isso, ostenta injustamente e deixa-o dizer o que deseja, faz mil coisas das quais sua própria consciência deve necessariamente acusá-lo. Eu deveria de boa vontade tomar a palavra de Sêneca sobre a experiência que ele fez em ocasião similar, contanto que ele tratasse sinceramente comigo. O mais honroso sinal de bondade, em tal necessidade, é confessar as faltas livremente, as próprias e as dos outros; com o poder da virtude acomodando a tendência da pessoa para o mal, relutantemente irá seguir essa propensão; esperar o melhor, desejar o melhor. Percebo que nessas divisões em que na França estamos envolvidos, cada pessoa labuta para defender sua causa; até mesmo o melhor deles com dissimulação e disfarce: quem escrevesse claramente sobre a verdadeira situação da disputa o faria de forma temerária e injusta. O mais justo partido é, na melhor das hipóteses, apenas o membro de um corpo deteriorado e carcomido; mas de tal corpo, o membro que é menos afetado chama a si mesmo de sadio, e com boa razão, visto que nossas qualidades não têm título algum senão por comparação; a inocência civil é medida de acordo com o tempo e o lugar. Imagine isso em Xenófanes, relatado como um distinto elogio a Agesilau: este, sendo solicitado por um príncipe vizinho (com

quem anteriormente estivera em guerra) permitir-lhe atravessar o seu país, ele concedeu o pedido, dando-lhe passagem livre através do Peloponeso; e não somente não o prendeu ou envenenou, estando ele à sua mercê, mas polidamente o recebeu de acordo com a obrigação da sua promessa, sem lhe fazer a menor injúria ou ofensa. Idéias como as suas não eram objeto de nenhuma observação especial; em outros lugares e em outras épocas, a franqueza e a unanimidade de tais atitudes seriam vistas com espanto; nossos capuchinhos teriam rido disso, tampouco a inocência Espartana assemelha-se à da França. Nós não estamos privados de homens virtuosos, mas isso está de acordo com as nossas noções de virtude. Quem tem seus costumes estabelecidos com regularidade quanto ao padrão da época em que vive, deixe-o distorcer ou abrandar suas regras, ou, no que preferiria aconselhá-lo, deixe que se retire e não mais se intrometa conosco em nada. O que ele há de obter com isso?

***“Egregium sanctumque virum si cerno, bimembri
Hoc monstrum puero, et miranti jam sub aratro
Piscibus inventis, et foetae comparo mulae”***

**“Se vejo um homem bom e exemplar, comparo-o a um garoto de duas
cabeças, um peixe voando pelos ares ou uma mula fértil” [Juvenal].**

Alguém pode lastimar tempos melhores, mas não pode fugir do presente; podemos desejar ter outros magistrados, entretanto devemos obedecer esses que temos; e talvez seja mais louvável obedecer o ruim do que o bom. Enquanto a imagem das leis ancestrais recebidas por esta monarquia brilharem em qualquer canto do reino, eu lá estarei. Se desafortunadamente acontecer de contrariarem e contradizerem umas às outras, produzindo dois elementos de escolha difícil e duvidosa, de boa vontade hei de optar por retirar-me e escapar à tempestade; enquanto isso a natureza ou os perigos da guerra podem me prestar alguma ajuda. Eu deveria ter-me declarado francamente entre César e Pompeu; mas, como entre os três ladrões que vieram depois [Otávio, Marco Antônio e Lépido, o segundo triunvirato] um homem deve necessariamente esconder-se ou seguir junto com a corrente do tempo, penso que podemos nos comportar distintamente quando a razão já não nos guia:

“Quo diversus abis?”

“Para onde corres enquanto divagas?” [Virgílio].

Esta mescla é pouco do meu tema; saio do meu caminho, mas antes com licença do que por omissão; minhas fantasias seguem-se umas às outras, mas às vezes olham umas para as outras de uma grande distância, como num relance oblíquo. Li um diálogo de Platão [*Fedro*], da mesma variegada e fantástica composição, o princípio sobre o amor e todo o resto até o fim sobre retórica; eles não receiam essas variações e tem uma graça maravilhosa em deixar-se levar ao sabor do vento, ou pelo menos parecer como se assim fossem. Os títulos dos meus capítulos nem sempre compreendem todo o assunto; eles freqüentemente indicam apenas alguma marca, como estes outros, Andria, Eunuco; ou estes, Sila, Cícero, Torquato. Estimo um progresso poético, através de pulos e saltos; como diz Platão, esta é uma arte iluminada, ágil, demoníaca. Há peças em Plutarco onde ele se esquece do seu tema; onde a proposição do seu argumento só é encontrada pela incidência, inflada e meio abafada num assunto estranho. Observe os passos dele no *Daemon* de Sócrates. Ó, Senhor! como é lindo esse ataque de travessura, essas variações e divagações, ainda mais quando parecem muito fortuitas e descuidadas. É o leitor indiligente quem perde o meu objeto, não eu; num ou noutro canto sempre se achará alguma palavra que é a propósito, conquanto se encontre apenas no final. Eu devaneio indiscreta e tumultuosamente; meu estilo e minha inteligência vagam à mesma razão. Ele deve enganar um pouco quem não seria julgado completamente tolo, dizem ambos os preceitos e, ainda mais, os exemplos de nossos mestres. Mil poetas fatigam e enfraquecem de uma forma prosaica; mas a melhor prosa antiga (e eu aqui as espalho em verso indiferentemente, para cima e para baixo) reluz completamente com o brilho, o vigor e a coragem da poesia — e não sem um pouco do ar da sua fúria. Certamente a prosa deveria ter preeminência no falar. Diz Platão que o poeta, sentado no tripé de musas, com fúria põe para fora tudo o que entra em sua boca, como o cano de uma fonte, sem avaliar ou pesar aquilo; coisas escapam dele sob vários pretextos, de substância contrária e com uma torrente irregular. O próprio Platão é inteiramente poético; e a antiga teologia, como dizem os eruditos, é toda poesia; e a primeira Filosofia é a linguagem original dos deuses. Desejaria que o meu tema se distinguisse mostrando suficientemente onde muda, onde conclui, onde começa e onde reúne, sem entrelaçá-lo com palavras de ligação introduzidas para alívio dos ouvidos débeis ou negligentes e sem explanação. Quem pode ler isso senão de uma forma sonolenta ou superficial?

“Nihil est tam utile, quod intransitu prosit”

“Nada é tão útil como aquilo que é descuidadamente assim” [Sêneca].

Se tomar os livros em mãos fosse apreendê-los; olhar para eles, considerá-los; e atropelá-los ligeiramente, agarrá-los, então eu seria culpado por entender-me tão ignorante como digo que sou. Vendo que não posso prender a atenção do meu leitor pela densidade do que escrevo, ‘*manco male*’, se devo arriscar fazê-lo através das minhas complexidades. “Não, mas depois ele se arrependerá de já tê-lo desconcertado sobre isso”. Isto é bem verdade, mas ele ainda estará desconcertado. Além disso, há certos humores nos quais a compreensão produz desdém; que pensarão melhor de mim por não entenderem o que digo e concluirão da profundidade do meu sentido através da sua obscuridade; o qual, para falar num tom adequado, odeio mortalmente e se pudesse evitaria. Em algum lugar das suas obras Aristóteles ostenta que afetava isso: uma afetação viciosa. As freqüentes quebras em capítulos de que fiz método no princípio do meu livro, tendo desde então parecido antes dissolver a atenção do que elevá-la e desdenhando resolver-se com tão pouco, eu, por aquela ponderação, tornei-os mais longos, tal como requeria a proposição e o lazer determinava. Em tal ocupação, a quem não daria uma hora você não dá nada; e nada faz por ele senão enquanto se ocupa de qualquer outra coisa. Ao que se pode adicionar que eu tenho, talvez, alguma obrigação particular de falar somente pela metade, expressando-me confusa e discordantemente. Então fico zangado em razão desses deleites perturbadores e dos seus projetos extravagantes, que preocupam as vidas e as opiniões das pessoas, tão bons e sutis conquanto sejam todos verdadeiros, penso que são comprados a preço muito alto e inconveniente. Pelo contrário, faço meu o dever de trazer a própria

vaidade sobre a reputação e também a loucura, se me produz qualquer prazer; e me abandono às minhas próprias inclinações naturais, sem tomá-las com mão muito rígida.

Vi em outros lugares casas em ruínas, estátuas de deuses e de homens: estes são homens tranquilos. Isso tudo é verdade; e ainda assim, apesar de tudo, não posso tão freqüentemente visitar a tumba de tão grande e pujante cidade [Roma], que não admiro nem reverencio. O cuidado dos mortos nos é recomendado; ora, desde a minha infância fui criado com esses mortos; tive conhecimento dos negócios de Roma muito antes que tivesse quaisquer desses da minha própria casa; soube do Capitólio e do seu projeto antes de saber a respeito do Louvre; e do Tibre antes de conhecer o Sena. As qualidades e fortunas de Lúculo, Metelo e Cipião sempre passaram mais em minha cabeça do que as de qualquer um do meu próprio país; eles todos estão mortos; assim é que meu pai está absolutamente morto como eles e afastado para tão longe da minha vida em dezoito anos quanto eles em dezesseis séculos: a cuja memória, não obstante a amizade e a sociedade, não deixo de abraçar e utilizar com uma união viva e perfeita. Além disso, por minha própria inclinação, pago maior tributo aos mortos; eles já não podem se ajudar e então, parece-me, mais requerem a minha assistência: é lá que a gratidão surge em seu completo brilho. O benefício não é tão generosamente concedido onde há retrogressão e reflexão. Arcesilau, indo visitar Ctesíbio que estava doente e achando-o numa condição muito empobrecida, com muita elegância introduziu um pouco de dinheiro debaixo do travesseiro dele e, ocultando-lhe o fato, além disso absolveu-o do reconhecimento devido a tal benefício. Como os mercedores da minha amizade e gratidão nunca perderam nada por serem assim, tenho-os melhor e mais cuidadosamente pago quando ignoram o que eu fiz; falo mais afetuosamente dos meus amigos quando eles não podem saber disso. Tive cem disputas em defesa de Pompeu e pela causa de Bruto; esse entendimento ainda continua entre nós; não temos nada em que nos apegar sobre as coisas presentes senão através da fantasia. Achando-me inútil nesta idade, coloco-me atrás daquele outro e é assim que me enamoro dele: o livre, justo e florescente estado daquela Roma antiga (porque não amo nem seu nascimento nem sua velhice) que me atrai e apaixona; então não posso tão freqüentemente visitar os locais das suas ruas e casas, essas ruínas profundas até mesmo para os Antípodas, nos quais não estou interessado. É por natureza ou por erro de fantasia que a visão dos lugares que sabemos terem sido freqüentados e habitados por pessoas cujas memórias são recomendadas pela história, de alguma forma nos comove mais do que ouvir uma recitação dos seus atos ou ler suas obras escritas?

***“Tanta vis admonitionis inest in locisEt id quidem in
Hac urbe infinitum; quacumque enim ingredimur, in aliquam
Historiam vestigium ponimus”***

**“Tão grande poder de reminiscência reside em tais lugares; e que
verdade há nesta infinita cidade onde, seja qual for o caminho que
tomamos, encontramos os rastros de alguma história” [Cícero].**

Agrada-me considerar suas faces, porte e vestuários: pronuncio esses grandes nomes entre os dentes e faço-os tocar em minhas orelhas:

“Ego illos veneror, et tantis nominibus semper assurgo”

“Eu os reverencio e sempre elevo tão grandes nomes” [Sêneca].

Das coisas que são de alguma forma grandes e louváveis, admiro até mesmo as partes mais comuns: desejaria vê-los em suas relações familiares, passeando e jantando. Seria ingratição menosprezar as relíquias e imagens de tantos homens dignos e valorosos como pude ver, vivos e mortos, os quais, pelo seu exemplo, nos dão tantas boas instruções; saibamos nós como segui-los.

E, além disso, esta mesma Roma que agora vemos merece ser amada, por tanto tempo e por tantos títulos aliados à nossa coroa; a única cidade comum e universal; o soberano magistrado que lá governa é igualmente reconhecido em outros lugares; esta cidade é a metrópole de todas as nações Cristãs; lá o Espanhol e o Francês estão em casa: ser príncipe daquele estado é necessariamente ser de todos os lugares da Cristandade. Não há nenhum lugar na Terra que o céu haja abraçado com tal influência e constância de favor; suas próprias ruínas são formidáveis e gloriosas,

“Laudandis pretiosior ruinis”

“As mais preciosas das suas magníficas ruínas” [Sidônio]

; mesmo em sua tumba ela contudo retém os símbolos e imagens do império:

“Ut palam sit, uno in loco gaudentis opus esse naturx”

“Pode ser manifesto que há num lugar o trabalho da natureza rejubilante” [Plínio].

Alguns se acusariam e ficariam irados consigo mesmos ao se perceberem estimulados por tão frívolo prazer; nossos caprichos nunca são tão fúteis para agradecer-se e deixar de ser o que eles podem; se constantemente contentam um homem de compreensão comum, não posso ter coração para culpá-los.

Nisso sou muito grato à fortuna, pois até neste exato momento ela não me ofereceu nenhuma afronta além do que bem pude suportar. Não é costume dela deixar viverem tranquilos esses que não a importunam?

“Quanto quisque sibi plum negaverit,

A diis plum feret: nil cupientium

Nudus castra peto...

Multa petentibus

Desunt multa”

**“Quanto mais cada homem nega a si mesmo, mais os deuses lhe dão.
Pobre como sou, busco a companhia daqueles que nada perguntam;
aqueles que muito desejam serão mais deficientes” [Horácio].**

Se ela continuar com seu favoritismo, irá despedir-me muito bem satisfeito:

***“Nihil supra
Deos lacesso”***

“Não mais aborrecerei os deuses” [Horácio].

Mas precavenho-me de um choque: há milhares que perecem no refúgio. Facilmente me conforto pelo que deve aqui acontecer quando eu tiver partido; as coisas presentes me aborrecem bastante:

“Fortunae caetera mando”

“Eu deixo o resto para a Fortuna” [Ovídio].

Além disso, não tenho aquela forte obrigação que dizem amarrar os homens ao futuro, pela questão que sucede ao seu nome e honra; e talvez, menos deve desejá-los se eles são mesmo tão desejáveis. Sou apenas muito ligado ao mundo e a esta vida, a minha: estou satisfeito por estar no poder da fortuna através das circunstâncias adequar as necessidades da minha existência, sem por outro lado aumentar a sua jurisdição sobre mim; e nunca pensei que ficar sem filhos era um defeito que poderia tornar a vida menos completa ou menos feliz: uma vocação estéril tem também as suas conveniências. Os filhos estão no número de coisas que não são tanto a desejar, especialmente agora que seria muito difícil fazê-los bons:

***“Bona jam nec nasci licet, ita corrupta
Bunt semina;”***

“Nada de bom pode nascer, agora que a semente foi corrompida” [Tertuliano]

; e eles ainda serão justamente lamentados tanto por quem os perde quanto por quem os têm.

Aquele que deixou o encargo da minha casa predisse que eu provavelmente iria arruiná-la, considerando minha disposição tão pouco inclinada para cuidar dos negócios domésticos. Mas ele se enganou porque estou agora na mesma condição de quando entrei nela pela primeira vez, ou antes um tanto melhor; e ainda sem ocupação ou qualquer ensejo de lucro.

Quanto ao resto, se a fortuna nunca me fez qualquer injúria violenta ou extraordinária, também não me fez nenhum favor em particular; tudo o que derivei da sua generosidade lá estava cem anos antes do meu tempo: não tenho, de propriamente meu e particular, nenhum bem sólido e essencial pelo qual agradecer à sua liberalidade. Realmente ela me fez alguns favores ligeiros, favores honorários e titulares, sem substância; e esses que na verdade ela não concedeu, mas ofereceu, Deus sabe, são todos materiais e nada mais trazem além do que é real e certamente também volumoso, para pagamento corrente: os quais, se me atrevesse a tanto confessar, não haveria de achar a avareza muito menos desculpável do que a ambição; nem o sofrimento menos a evitar do que a vergonha; nem a saúde ser menos desejada que a erudição, ou as riquezas à nobreza.

Entre esses vãos favores, não há nenhum que tanto agrade o frívolo humor natural da minha província quanto uma autêntica bula de cidadão Romano, que me foi concedida quando lá estive pela última vez, gloriosa em selos e letras douradas e outorgada com toda liberalidade e cortesia. E porque isso é expresso num estilo misto, mais ou menos favorável, poderia ter ficado feliz por ter visto uma cópia antes de tê-lo ratificado.

Não sendo previamente cidadão de cidade alguma, estou satisfeito por ser investido num dos mais nobres que porventura já houve ou haverá. Se outros homens se avaliassem na medida que faço, como eu descobririam que são cheios de inanidade e garridice; pois libertar-me disto, não posso fazê-lo sem diminuir-me. Estamos todos precipitados nisso, tanto uns quanto outros; mas esses que não estão atentos terão de barganhar um pouco melhor; e ainda não sei se conseguirão ou não.

É um ponto de vista da prática geral observar mais aos outros que a nós mesmos, aliviando-nos muito daquele caminho, mas esse é um objetivo bastante desagradável: lá nada mais podemos ver além de miséria e vaidade; como não podemos descoroçoar com a visão de nossas próprias deformidades, a natureza sabiamente impele a ação de enxergar para fora. Nós seguimos adiante com a corrente, mas retroceder por nós mesmos é um movimento doloroso; assim o mar é movido e perturbado quando as ondas arremetem umas contra as outras. Observe, diz cada um, os movimentos dos céus, dos negócios públicos; observe a disputa de tal pessoa, tome conhecimento do pulso de tal pessoa, de tal outra a vontade e testamento; em resumo, elas sempre nos parecem altas ou baixas, de um lado ou de outro, diante ou atrás de você. Uma ordem paradoxal nos era antigamente dada por aquele deus de Delfos: “Olhe para ti mesmo; revela-te; mantenha-te próximo de ti; chamai de volta tua mente e vontade, que em outro lugar se consomem em ti; tu escorres, tu transbordas; deixa tua mão mais firme: os homens o traem, os homens o sangram, os homens o roubam de ti mesmo. Tu não vês que este mundo no qual vives mantém toda a tua visão voltada para dentro, teus olhos abertos para contemplar a ti mesmo? Isso é sempre de vaidade para ti, dentro e fora; mas quando menos estendido é menor a vaidade. Excluindo a ti, ser humano, disse o deus que todas as coisas estudam-se primeiro a si mesmas e vinculam a tua labuta aos teus desejos, conforme a necessidade. Nada há de tão vazio e necessitado como tu, que abraçastes o universo; tu és o investigador sem conhecimento, o magistrado sem jurisdição e, no fim das contas, o bufão de uma farsa”.

Capítulo X

O controle da vontade

Em comparação com o que geralmente afeta outros homens, poucas coisas me comovem, ou, melhor dizendo, me dominam: pela razão de que elas deveriam apenas motivar um homem, contanto que dele não se apossassem. Sou muito solícito, por disciplina e argumento, a aumentar esse privilégio de insensibilidade que em mim está naturalmente elevado a um excelente grau; conseqüentemente, esposo e sou persuadido por muito poucas coisas. Tenho uma visão bastante clara, mas fixo-a em escassos objetos; tenho uma percepção delicada e bastante melindrosa; mas uma apreensão e aplicação dura e negligente. Sou muito pouco disposto a me comprometer e, tanto quanto é possível, ocupo-me completamente comigo; mesmo aqueles assuntos em que antes deveria escolher restringir-me e conter a minha inclinação de mergulhar em cima de cabeça e orelhas,

são tópicos que me expõe à mercê de outros e sobre os quais a fortuna tem mais direito do que eu; de forma que até mesmo sobre a saúde (que eu tanto valorizo), é tudo mais do que necessário para não tão apaixonadamente ansiar e me acautelar do que encontrar doenças tão insuportáveis. Um homem deveria se moderar entre o ódio à dor e o amor pelo prazer: Platão estabeleceu um curso de vida intermediário entre os dois. Mas contra tais tendências que me arrastam completamente e me levam para longe de mim, fixando-me em outro lugar, contra essas, eu digo, oponho-me com meu extremo poder. É minha opinião que um homem deveria emprestar-se a outros e dar-se somente a si mesmo. Onde minha vontade seria fácil de se empregar e de ser influenciada, eu não deveria aderir; sou muito sensível, por natureza e por costume:

“Fugax rerum, securaque in otia natus”

“Evitando os negócios e nascido para assegurar facilidades” [Ovídio].

Disputas teimosas e acaloradas, em que afinal meu adversário levaria a melhor, bem como os temas que tornariam ignominiosos o meu ardor e obstinação, poderiam talvez me vexar no grau mais elevado. Se devesse ajustar-me na mesma medida que outros fazem, minha alma nunca teria forças para suportar a emoção e os alarmes desses que agarram tanto; ficaria imediatamente transtornada por essa agitação interior. Se fui eventualmente colocado na administração dos negócios de outros homens, neles comprometi minhas mãos, não meus pulmões e fígado; tomá-los sobre mim, não incorporá-los; assumir as dores, sim: ficar apaixonado por eles, de jeito nenhum; devo cuidar deles, mas não haverei de chocá-los. Sofro o suficiente para organizar e governar os atropelos domésticos daqueles que tenho em minhas próprias veias e intestinos sem introduzir a multidão dos negócios de outros homens; e sou preocupado o bastante quanto aos meus negócios próprios e naturais sem me intrometer nas preocupações de outros. Como saber o quanto eles se obrigam a si mesmos e quantos ofícios estão vinculados aos seus próprios, achando que a natureza os abandonou ao seu trabalho peculiar para impedi-los de ficar ociosos? “Em casa tens negócios o bastante: olhai por eles”.

Os homens se permitem contratar; suas faculdades não são para eles, mas para esses a quem se escravizaram; são os seus inquilinos que os ocupam, não eles mesmos. Esse temperamento vulgar não me agrada. Devemos ser parcimoniosos da liberdade das nossas almas e nunca deixá-las sair senão em ocasiões que são muito escassas, se julgamos corretamente. Observe apenas como as pessoas se habitua a ser solicitadas: em tudo elas agem indiferentemente, nas pequenas bem como nas grandes ocasiões; no que nada lhes concerne tanto quanto no que importa à maioria. Elas insensivelmente se empurram para onde quer que haja obrigação e trabalho a fazer; estão apáticas quando não em alvoroço tumultuoso:

“In negotiis sunt, negotii cause,”

“Estão no negócio pelo amor ao negócio” [Sêneca].

Não é tanto que elas desejem ir, mas não podem ficar imóveis: como uma pedra rolante que não pode parar até não mais conseguir avançar. A ocupação, num certo tipo de homem, é marca distintiva de entendimento e dignidade: suas almas buscam repouso na agitação, como fazem as crianças sendo balançadas num berço; elas tanto podem se pronunciar como úteis para seus amigos quanto são problemáticas para si mesmas. Ninguém reparte o seu dinheiro com outros, mas cada um distribui seu tempo e sua vida: não há nada em que sejamos tão pródigos quanto essas duas coisas, para as quais a frugalidade seria útil e recomendável. Sou de um temperamento bastante contrário; olho para mim mesmo e geralmente desejo sem grande ardor aquilo que anseio, e desejo pouco; emprego-me e me ocupo na mesma medida, raramente e moderadamente. Tudo o que empreendem, fazem com sua máxima vontade e veemência. Há tantos passos perigosos que, para maior segurança, devemos deslizar pelo mundo um tanto ligeira e superficialmente, não nos precipitando por cima dele. Em profundidade, o próprio prazer é doloroso:

***“Incedis per ignes,
Suppositos cineri doloso”***

“Você anda em chamas, oculto sob as cinzas enganosas” [Horácio].

O Parlamento de Bordéus elegeram-me como prefeito de sua cidade numa ocasião em que eu estava remoto da França [em Bagno Della Villa, perto de Lucca, setembro de 1581] e ainda mais distante de qualquer pensamento a respeito. Pedi que me escusassem, mas disseram-me através de amigos que assim fazendo cometeria um erro, e ainda maior porque o próprio rei, além disso, havia interposto o seu comando naquele incidente. Esse é um ofício que deveria ser visto como tanto mais distinto, não tendo nenhum outro salário nem vantagem além da honra nua da sua execução. Ele continuou por dois anos, mas pode ser estendido através de uma segunda eleição, o que muito raramente acontece; mas aconteceu a mim, o que antes nunca se repetiu senão duas vezes: alguns anos atrás com *Monsieur de Lansac* e recentemente com *Monsieur de Biron*, Marechal da França, em cujo posto sucedi; e deixei o meu a *Monsieur de Matignon*, também Marechal da França: orgulhoso de tão nobre fraternidade

“Uterque bonus pacis bellique minister”

“Qualquer dos dois bom ministro, na paz e na guerra” [Virgílio].

A Fortuna teria uma participação na minha promoção, por essa particular circunstância de que ela me pôs dentro dela mesma, não completamente sem fundamento; pois Alexandre desdenhou os embaixadores de Corinto que vieram lhe oferecer a cidadania do seu Estado; mas, quando prosseguiram, prostrados diante dele, afirmando que Baco e Hércules também constavam do registro, ele graciosamente lhes agradeceu.

À minha chegada apresentei-me a eles fiel e conscienciosamente, pois acharam em mim um homem sem memória, vigilância, experiência ou vigor; mas sobretudo sem ódio, ambição, avareza ou violência; eles poderiam se informar das minhas qualidades e saber o que podiam esperar dos meus serviços. E considerando que foram incitados a conferir-me este favor apenas pelo conhecimento que tinham do meu pai recentemente falecido e pela reverência que devotavam à sua memória, falei-lhes claramente que haveria de me sentir muito pesaroso de que qualquer coisa pudesse trazer tão grande

impressão sobre mim quanto à administração dos negócios e das inquietações da sua cidade, mas eles ainda asseguraram o governo para o qual haviam preferido a mim. Lembrei-me de, quando garoto, tê-lo visto cruelmente atormentado em sua velhice com esses negócios públicos, enquanto negligenciava o tranqüilo repouso de sua própria casa, ao qual a declinação da sua idade o havia reduzido vários anos antes, a administração dos seus próprios negócios e da sua saúde; e menosprezando a própria vida, que estava certamente em grande perigo de perder-se estando comprometido em longas e penosas viagens como representante dos interesses deles. Assim era ele; e tal predisposição procedia de uma natureza maravilhosamente benigna; nunca houve alma mais caridosa e popular. Sendo ainda essa a conduta que recomendo em outros, não aprecio fazer-me seguir, embora disso não me escuse.

Ele tinha aprendido que um homem deve se esquecer de si mesmo pelo vizinho, que o particular não era de maneira alguma estimado em comparação com o geral. A maioria das regras e preceitos do mundo correm deste modo; nos dirigimos para fora de nós mesmos em benefício da sociedade coletiva; eles pensaram realizar um grande feito em nos desviar e remover de nós mesmos, assumindo que não estávamos ali determinados senão por uma inclinação muito natural; e disseram tudo que puderam para aquele propósito: pois não é nenhuma novidade os sábios predicarem as coisas conforme servem a eles, não como elas são. A verdade tem conosco as suas obstruções, inconveniências e incompatibilidades; devemos amiúde nos iludir de que não nos podemos enganar, fechar nossos olhos e nosso entendimento para repará-los e os emendar:

***“Imperiti enim judicant, et qui frequenter
In hoc ipsum fallendi sunt, ne errent”***

“Pois o juiz ignorante, sendo muitas vezes enganado, menos deveria errar” [Quintiliano].

Quando nos ordenam amar três, quatro ou cinqüenta graus de coisas acima de nós mesmos, fazem como os arqueiros que, para atingir o branco, elevam sua pontaria um tanto mais alto que o alvo; para endireitar uma vara encurvada, nós a dobramos ao contrário.

Acredito que no Templo de Palas, como observamos em todas as outras religiões, havia mistérios aparentes para serem expostos às pessoas; e outros, mais secretos e elevados, que seriam mostrados apenas aos iniciados; provavelmente é neste verdadeiro ponto da amizade que cada um deve estar para encontrar-se; não uma falsa amizade que nos faz abraçar a glória, o conhecimento, as riquezas e assim por diante, com uma essencial e imoderada afeição, como membros de nosso próprio ser; não uma amizade indiscreta e afeminada como acontece com a hera, que deteriora e arruína as paredes que abraça; mas uma amizade sadia e regular, igualmente útil e agradável. Quem conhece os deveres dessa amizade e os põe em prática está verdadeiramente no gabinete das Musas, atingiu a altura da sabedoria humana e da nossa felicidade; tal pessoa, sabendo exatamente o que deve a si mesma, de sua parte irá encontrar o que deve aplicar para utilidade do mundo e de outros homens; e ao fazê-lo, contribui para a sociedade pública com os deveres e obrigações pertinentes a ela. Quem não cria algum tipo de vida para outros, não vive tanto para si mesmo:

“Qui sibi amicus est, scito hunc amicum omnibus esse”

“Aquele que é seu próprio amigo é amigo de todo o mundo” [Sêneca].

O principal encargo que nós temos é cada um ter sua própria conduta; é só para isso que estamos aqui. Seria um tolo quem pudesse se esquecer de viver uma vida santa e virtuosa e pensar que se absolveu do seu dever instruindo e treinando outros até ela; mesmo assim, quem abandona seu próprio modo de vida particular, sadio e agradável, para com isso servir a outros, na minha opinião toma um curso errado e antinatural. Não vou dizer que os homens deveriam recusar, nas ocupações que assumem, se for necessário a eles, sua atenção, dor, eloquência, suor e sangue:

***“Non ipse pro caris amicis
Aut patria, timidus perire:”***

“Ele não teme morrer pelos amigos amados ou pelo seu país” [Horácio]

; mas isso é só de empréstimo e acidental, estando sua mente sempre em repouso e com saúde; não sem atividade, mas sem vexação, sem paixão. Simplesmente agir custa tão pouco que ele age até mesmo dormindo; mas deve se determinar a fazê-lo com discrição; pois o corpo recebe os ofícios nele impostos apenas de acordo com o que eles são; a mente freqüentemente os estende e torna mais pesados às suas próprias expensas, dando-lhes a medida que mais a agrada. Os homens executam as coisas com diferentes espécies de esforço e variada contenção da vontade; alguns o fazem bastante bem sem os outros; muitas são as pessoas que se arriscam diariamente na guerra sem qualquer preocupação quanto ao modo de partir; e empurrar-se nos perigos de batalhas, a perda das quais não há de sustar o seu sono na noite seguinte? e tal homem pode ficar em casa, fora do perigo que não ousa encarar, que está mais apaixonadamente preocupado com o motivo dessa guerra, cuja alma está mais ansiosa quanto aos eventos que a do soldado, o qual nela aposta seu sangue e sua vida? Eu poderia ocupar-me de um emprego público sem deixar completamente os meus próprios interesses, dando-me a outros sem abandonar a mim mesmo. Essa acrimônia e violência de desejos mais retarda do que acelera a execução daquilo que empreendemos; enchemos de impaciência contra os eventos morosos ou contrários e de ardor e suspeita contra aqueles com quem temos de tratar. Nunca nos portamos bem naquelas coisas às quais não somos predispostos e conduzidos:

***“Male cuncta ministrat
Impetus”***

“O impulso controla todas as coisas perversas” [Estátio].

Quem nisso emprega apenas o seu bom senso e discurso procede mais agradavelmente: ele falsifica, ele dá vazão, ele retarda exatamente à sua conveniência, de acordo com a necessidade das ocasiões; ele falha em sua experiência sem dificuldade ou aflição, inteiro e pronto para um novo empreendimento; ele sempre marcha com as rédeas em suas mãos. Nele que é intoxicado por essa violenta e tirânica intenção, necessariamente descobrimos muita imprudência e injustiça; a impetuosidade

do seu desejo o arrasta; estes são movimentos precipitados, e, se a fortuna não colabora muito, de escasso fruto. A Filosofia orienta que, na vingança de injúrias recebidas, devíamos nos despir da cólera; não que o castigo deveria ser menor, mas, pelo contrário, que a vingança poderia ser melhor e mais pesadamente assentada, a qual, ela imagina, seria impedida por aquela impetuosidade. Pois a raiva não somente perturba, mas, por si mesma, também cansa os braços daqueles que castigam; isso amortece os ardores e desperdiça suas forças, como na precipitação, *“festinatio tarda est”*, viaja rapidamente sobre seus próprios calcanhares, os acorrenta e paralisa:

“Ipsa se velocitas implicat” [Sêneca].

Por exemplo, de acordo com o que geralmente vejo, a avaréza não tem nenhum impedimento maior do que esse; quanto mais dobrada e vigorosa for, menos acumula, e geralmente mais cedo enriquece quando disfarçada sob uma viseira de liberalidade.

Um cavalheiro excelente (e muito amigo meu) correu o risco de prejudicar suas faculdades por uma dedicação e afeto muito apaixonados pelos negócios de certo príncipe, patrão dele [provavelmente o rei de Navarra, posteriormente Henrique IV]; esse patrão assim o descreveu a mim: “que ele previa o peso dos acidentes tão bem quanto qualquer outro, mas esses para os quais não havia remédio, agora resolveu suportar; nos outros, tendo tomado todas as precauções necessárias que pela vivacidade da sua compreensão pôde no momento fazer, esperava calmamente o que viria a seguir”. E, na verdade, eu o vi manter adequadamente uma grande indiferença, liberdade de atitudes e serenidade de semblante em questões muito importantes e difíceis: acho-o muito maior e mais capacitado se a fortuna é adversa do que quando lhe é próspera; suas derrotas são para ele mais gloriosas que as vitórias, sua lamentação do que seu triunfo.

Considere que até mesmo nas ações frívolas e vãs, como jogar xadrez, tênis e assim por diante, esse ansioso e ardente empenho, com uma angústia impetuosa, imediatamente lança a mente e os membros em desordem e indiscrição: um homem se surpreende e se embarça; quem se conduz mais moderadamente, para ganho e para perda, tem sempre sua inteligência acima dele; quanto menos mal-humorado e apaixonado jogar, muito mais vantajosa e seguramente ele joga.

Quanto ao resto, nós obstruímos a pressão da mente e a seguramos, dando-lhe muitas coisas para agarrar; devíamos lhe oferecer apenas algumas coisas; as outras amarrar ou incorporar. Ela pode sentir e discernir todas as coisas, mas não deveria nutrir-se de nada além de si mesma; e devia ser instruída quanto ao que propriamente lhe concerne, o que é corretamente apropriado e dotado de substância. As leis da natureza nos ensinam que é justamente disso que precisamos. Depois dos sábios nos dizerem que de acordo com natureza ninguém é indigente e cada pessoa é assim conforme a opinião, eles distinguem muito sutilmente entre os desejos que dela procedem e aqueles oriundos das desordens da nossa própria fantasia: esses cuja finalidade podemos ver são dela; aqueles que voam diante de nós e para os quais não podemos ver nenhum propósito, são nossos próprios: a carência de bens é facilmente curada; a pobreza de alma é irreparável:

“Nam si, quod satis est homini, id satis esse potesset

Hoc sat erat: nunc, quum hoc non est, qui credimus porro

Divitias ullas animum mi explere potesse?”

“Pois se o que é copioso para o homem pudesse ser suficiente, seria o bastante; mas, desde que não é assim, como posso crer que qualquer riqueza há de contentar a minha mente” [Lucílio].

Vendo uma grande quantidade de riquezas, jóias e mobília levadas em pompa através da sua cidade, Sócrates disse: “Quantas coisas que não desejo!” [apud Cícero]. Metrodoro vivia com doze onças por dia; Epicuro, com menos ainda; no inverno Métracles dormia fora de casa entre as ovelhas; no verão, entre as abóbadas nos claustros das igrejas:

“Sufficit ad id natura, quod poscit”

“A natureza basta para o que ele requer” [Sêneca].

Cleantes vivia pelo trabalho de suas próprias mãos e ostentava que Cleantes, se precisasse, ainda poderia sustentar outro Cleantes.

Se o que exata e originalmente a natureza requer de nós para a conservação de nosso ser for muito pouco (como na verdade o que é e como pode ser mantida uma vida conveniente e barata não pode ser melhor expresso do que por esta ponderação: que é tão pequena que por sua pequenez escapa às garras e abalos da fortuna), vamos permitir um pouco mais a nós mesmos; vamos chamar cada um dos nossos hábitos e condições naturais; vamos taxar e tratar a nós mesmos por esta medida; vamos esticar nossas contas e pertences muito longe; pois tão longe, eu imagino, nós temos alguma desculpa. O costume é uma segunda natureza, e não menos poderosa. O que é desejado pelo meu hábito, estimo ser desejável para mim; e eu deveria ser quase tão bem contentado com aqueles que tornaram minha vida tão curta quanto pelo modo que tenho vivido por tanto tempo. Não estou mais em condição para qualquer grande mudança, nem me pôr num curso novo e desacostumado, nem mesmo para acréscimo. É passado o momento para me tornar diferente do que eu sou; e como haveria de reclamar que alguma grande casualidade favorável devesse acontecer-me agora, se não chegou para ser desfrutada a tempo:

“Quo mihi fortunas, si non conceditur uti?”

“O que é para mim a boa fortuna, se não for concedida para que eu possa desfrutá-la” [Horácio]

; assim eu deveria lamentar qualquer aquisição interior. Ela quase nunca seria melhor, senão tardia, para tornar um homem honesto e bem ajustado à vida, quando este não tem muito mais o que viver. Eu, que estou a ponto de realizar a minha despedida do mundo, facilmente resignaria a qualquer recém-chegado que desejasse toda a prudência que agora estou obtendo no comércio do mundo; depois da carne, mostarda. Não tenho nenhuma necessidade de bens dos quais não posso fazer nenhum uso; qual é a utilidade do conhecimento para quem perdeu sua cabeça? É uma injúria e descortesia da fortuna enternecer-nos com presentes que só nos irão inspirar um justo despeito por não dispormos deles na devida estação. Não me leve mais adiante; já não posso prosseguir. Das tantas partes que compõe uma suficiência, a paciência é a mais suficiente. Dê

a capacidade de uma excelente soprano à corista que tem os pulmões degenerados e a eloquência a um ermitão exilado nos desertos da Arábia. Nenhuma arte é necessária para ajudar a decadência; o fim encontra-se a si mesmo na conclusão de todos os incidentes. Meu mundo está terminando, minha constituição expirou; sou totalmente do passado e estou constrangido a autorizá-lo e conformar-me em ultrapassá-lo. Aqui irei declarar, pela via do exemplo, que a supressão de dez dias do último Papa [em 1582, Gregório XIII reformou o calendário, e, por conseguinte, na França passaram todos de uma só vez de 9 para 20 de dezembro] me surpreendeu tanto que não pude reconciliar-me bem com isso; pertencço aos anos que mantínhamos em outra espécie de cômputo. Tão antigo e prolongado costume desafia a minha concordância, de forma que fico coagido a ser um pouco herético naquele ponto, embora incapaz de qualquer inovação corretiva. Minha imaginação, apesar dos meus dentes, sempre me empurra dez dias para a frente ou para trás, sempre murmurando em minhas orelhas: “Esta regra concerne àqueles que estão começando a existir”. Se a própria saúde, doce como é, retorna para mim aos trancos e barrancos, é antes para me causar sentimento de perda do que de posse; não tenho em lugar nenhum deixado de conservá-la. O tempo se escoia; sem ele nada pode ser possuído. Oh, que escassa importância deveria atribuir a essas grandes dignidades eletivas, as quais vejo pelo mundo gozarem de tanta estima que nunca são conferidas senão aos homens que estão para deixá-lo; no que eles nem tanto consideram como bem o homem irá descarregar sua confiança, tão curta sua administração desejara ser: mesmo na entrada eles olham para a saída. Em resumo, estou prestes a exterminar este homem, não reconstruindo outro. Através do uso prolongado, em mim esta forma está transmudando em substância, e a fortuna em natureza.

Digo então que cada um de nós, débeis criaturas, somos escusáveis por pensar ser próprio de nós sermos incluídos debaixo dessa medida; mas, sobretudo, que além desses limites não há nada mais senão confusão; esta é a maior extensão que podemos conceder às nossas próprias reivindicações. Quanto mais ampliamos nossas necessidades e nossas posses, tanto mais nos expomos a nós mesmos aos ventos da fortuna e às adversidades. A carreira dos nossos desejos deveria ser circunscrita e contida num limite estreito e mais próxima à maioria das comodidades contíguas; além disso o seu curso não deve ser traçado numa linha reta, terminando alhures, mas sobre um círculo do qual dois pontos, através de uma curta rotação, encontram-se e terminam em nós mesmos. As ações que são continuadas sem esta ponderação aproximam-se de uma reflexão essencial, quero dizer como esses homens ambiciosos e avaros, e tantos mais que correm sem rebuços, cujas carreiras sempre os levam adiante de si mesmos; tais ações, eu afirmo, são errôneas e doentias. A maior parte dos nossos negócios é farsa:

“Mundus universus exercet histrioniam” [Petrônio].

Devemos interpretar corretamente o nosso papel, mas, além disso, como parte de um personagem emprestado; não devemos tornar uma essência real essa máscara de aparência externa; nem de uma pessoa estranha, nós mesmos; não conseguimos distinguir a pele da camisa: isso é o bastante para empoeirar o rosto sem sujar o peito. Vejo alguns que se transformam e transubstanciam em muitas formas e seres novos assim como empreendem novos empregos; que empertigam e pavoneiam até o coração e o fígado, carregando o seu estado junto com eles até mesmo à latrina: não posso distinguir as saudações feitas a eles daquelas prestadas à sua delegação, seu séquito ou suas mulas:

“Tantum se fortunx permittunt, etiam ut naturam dediscant”.

“Eles se dão tanto à fortuna que chegam até mesmo a desaprender a natureza” [Quinto Cúrcio].

Eles intumescem e inflam suas almas e seu modo natural de falar, de acordo com a altura do seu posto magistral. O Prefeito de Bordéus e Montaigne sempre foram dois, por meio de separação realmente manifesta. Porque alguém é advogado ou financista, não deve ignorar a desonestidade que há em tais vocações; um homem honesto não é responsável pelo vício ou absurdo do seu emprego e não deve naquela consideração rejeitar sua carreira: esse é o costume do seu país e através dele há de ganhar sua subsistência; o homem tem de passar pelo mundo e dele fazer o melhor, tal como ele é. Mas o julgamento de um imperador deveria estar acima do seu império para poder vê-lo e estimá-lo como um acidente estranho; e ele deveria saber desfrutar-se à parte disso e se comunicar como João e Pedro, como ele mesmo, em todos os eventos.

Não posso comprometer-me tão profunda e inteiramente; quando minha vontade me dá a qualquer coisa, não é com uma obrigação tão violenta que o meu bom senso seja infectado com isso. Nas presentes contendas deste reino, meu próprio interesse não me fez encobrir as louváveis qualidades de nossos adversários, nem o que há de censurável entre os homens do nosso partido. Outros adoram tudo do seu próprio lado; eu não o faço, tanto quanto escusar mais as coisas neles do que em mim: um bom trabalho nunca tem pior graça por ter sido feito contra mim. Excluído o nó da controvérsia, sempre me mantive em equanimidade e pura indiferença:

“Neque extra necessitates belli praecipuum odium gero;”

“Nem o ódio particular suporta além das necessidades da guerra”

, pelo que estou satisfeito comigo; e ainda mais porque geralmente observo outros falharem na direção contrária. Como sua raiva e ódio se estendem além da disputa em questão (e a maioria dos homens o fazem), demonstram que tais sentimentos emanaram de alguma outra circunstância e causa privada; como alguém que, sendo curado de uma úlcera, tem ainda uma febre renitente, fazendo parecer que a úlcera teve outro começo mais insidioso. A razão é que eles não estão preocupados com a causa comum porque ela está ferindo o interesse geral e do Estado: irritam-se apenas em virtude dos seus interesses particulares. Isso é por que eles são especialmente incentivados e num grau muito distante da justiça e da razão pública:

“Non tam omnia universi, quam ea,

Quae ad quemque pertinent,

Singuli carpebant”

“Cada pessoa não estava tão zangada contra as coisas em geral, como contra aquelas que lhes eram particularmente pertinentes” [Tito Lívio].

Eu teria a vantagem do nosso lado; mas, se não tiver, não correrei furioso. Sou entusiasticamente pelo partido correto, mas não quero me fazer conhecido como um inimigo especial para os outros e além da disputa geral. Desafio singularmente essa tendenciosa forma de convicção: “Ele é da Liga porque admira a graciosidade de *Monsieur* de Guise; ele está surpreso com a energia do rei de Navarra, então ele é um Huguenote; ele acha o que dizer das maneiras do rei, então ele é sedicioso em seu coração”. E não concedi ao próprio magistrado que ele tenha feito bem em condenar um livro porque havia colocado um herege [Teodoro de Beza] entre os melhores poetas da época. Não ousaremos dizer de um ladrão que ele tem uma perna bonita? Se uma mulher é prostituta, deve-se necessariamente concluir que ela tem mau cheiro? Nas idades mais sábias revocaram o orgulhoso título de Capitolino que tinham antes conferido a Marcos Mânlio como preservador da religião e da liberdade pública, abafando a memória da sua liberalidade, seus feitos de armas e as recompensas militares concedidas ao seu valor, porque ele posteriormente aspirou a soberania, em prejuízo das leis do seu país? Se nos tomarmos de ódio contra um advogado, ele não deixará de ser eloqüente no dia seguinte. Em outro lugar falei do zelo que induziu homens merecedores nos mesmos erros. De minha parte, posso dizer: “Tal pessoa faz algumas coisas perversas e outras coisas boas e virtuosas”. Assim, nos prognósticos ou eventos sinistros dos negócios eles teriam cada um no seu partido um cego ou um cabeça-dura, e que nossa persuasão e julgamento não devem servir para subverter a verdade, senão para o projeto dos nossos desejos. Haveria antes de inclinar-me para o outro extremo, tanto temo ser aliciado pelo meu desejo; ao qual se pode acrescentar que sou um pouco ternamente desconfiado das coisas que desejo.

Em meu tempo tenho visto maravilhas na indiscreta e prodigiosa facilidade das pessoas em submeter suas esperanças e convicções, sendo conduzidas e governadas no caminho que mais agradava e servia seus líderes, apesar de centenas de pessoas equivocarem-se com outros, a despeito de meros sonhos e quimeras. Nenhum me assombrou mais do que esses que foram confundidos e seduzidos pelas loucuras de Apolônio e Maomé. Seus sentidos e entendimentos foram absolutamente arrebatados por sua paixão; sua discricção não tem mais nenhuma outra escolha senão sorrir para eles e encorajar a sua causa. Tenho observado isso principalmente no início dos nossos distúrbios intestinos; aquele outro, desde que se adiantou pela imitação, ultrapassou-o; pelos quais fico satisfeito, por se tratar de uma qualidade inseparável dos enganos populares; depois que rola o primeiro, as opiniões se dirigem de um para o outro como as ondas com o vento: o homem não tem um membro no corpo se não está em seu poder abandoná-lo, se ele não age da forma comum. Mas, sem dúvida, eles prejudicaram apenas o lado justo quando tentaram assistir a isso com fraude; sempre estive contra aquela prática: isso é apropriado apenas para trabalhar em cabeças débeis; quanto às sadias, há modos mais seguros e mais honestos para manter sua coragem e escusar os acidentes adversos.

Os céus nunca viram animosidade maior do que entre César e Pompeu, nem verão jamais; e ainda me parece observar, nessas almas valentes, grande moderação de um para outro: era um ciúme da honra e do comando que não os transportava a um ódio furioso e indiscreto, e era destituído de malignidade e detração; nas façanhas mais ardorosas de um e de outro, descubro alguns traços de respeito e boa vontade: sou então de opinião que, se fosse possível, cada um deles teria feito o seu negócio sem com isso arruinar o outro. Tenho notícias muito diversas quanto ao caso em que estiveram envolvidos Mário e Sila.

Não nos devemos precipitar tão impetuosamente atrás de nossas afeições e interesses. Quando jovem, me opus ao progresso do amor que percebi avançar muito rapidamente em mim e tive o cuidado para que ele afinal não se tornasse tão agradável quanto a virtude, cativando-me e reduzindo-me completamente à sua mercê: faço o mesmo em todas as outras ocasiões onde minha vontade esteja progredindo com apetite muito ardoroso. Dobro-me para o lado oposto à inclinação; acho que isso é como mergulhar e ficar bêbado com seu próprio vinho; evito nutrir os prazeres tão longe que não seja capaz de recuperar-me sem infinitas perdas. As almas que, por sua própria estupidez, só conseguem discernir as coisas pela metade, têm a felicidade de ser menos inteligentes com as coisas prejudiciais: essa é uma lepra espiritual que tem alguma exibição de saúde, e tal saúde a Filosofia não menospreza completamente; mas ainda não temos razão alguma para chamar a isso de sabedoria, como freqüentemente fazemos. Foi dessa maneira que alguns antigos escarneceram de Diógenes, o qual, no coração do inverno e totalmente nu, foi abraçar uma estátua de neve para experimentar sua resistência: outro, vendo-o nessa posição, perguntou: “Estás agora com muito frio?” “Não”, respondeu Diógenes. “Por que, então”, insistiu o outro, “que coisa difícil e exemplar tu pensas fazer abraçando essa neve?” Para tomar uma verdadeira medida da persistência, deve-se necessariamente saber o que é o sofrimento.

Mas as almas que se encontram com os eventos adversos e as injúrias da fortuna em sua profundidade e acrimônia, que são pesadas e provadas de acordo com seu peso e amargura naturais, deixam de exibir sua habilidade ao evitar as causas e desviar os golpes. O que fez o rei Cotis? Ele pagou liberalmente pelo rico e elegante navio que lhe fora apresentado, mas, percebendo que era sumamente frágil, imediatamente o destruiu, prevenindo tão indolente motivo de aborrecimento para seus servos. De certa forma, eu de boa vontade evitei toda confusão em meus negócios e nunca desejei ter a minha propriedade contígua àquelas dos meus parentes, com os quais desejava uma amizade estrita; porquanto dali freqüentemente procedem motivos de descortesia e desavenças. Antigamente eu adorava os perigosos jogos de cartas e dados; mas faz muito tempo desde que os deixei de lado, isso apenas em virtude de que, por melhor que fosse o ar com que encarasse as minhas perdas, não conseguia abrandar o sentimento de vergonha interior. Um homem de honra, que ficaria sensivelmente irritado pela mentira ou com um insulto, que não aceita uma desculpa esfarrapada como satisfação, deve evitar as ocasiões de disputa. Evito a melancolia e os homens rabugentos assim como a peste; e nos temas dos quais não posso falar sem emoção e interesse, nunca me intrometo se não for compelido pelo dever:

“Melius non incipient, quam desinent”

“Fariam melhor em nunca ter começado do que precisar desistir” [Sêneca].

Então, a maneira mais segura é a pessoa preparar-se antecipadamente para tais ocasiões.

Sei muito bem que alguns homens sábios tomaram outro caminho e não tiveram receio de disputar e comprometer-se ao extremo sobre diversos objetos, confiantes de sua própria força, debaixo da qual se protegem de todos os insucessos fazendo sua paciência lutar e contender com o desastre:

***“Velut rupes, vastum quae prodit in aequor,
Obvia ventorum furiiis, expositaque ponto,
Vim cunctam atque minas perfert coelique marisque;
Ipsa immota manens”***

“Como a pedra que se projeta do vasto oceano, exposta aos ventos e ao mar furioso, desafiando a força e as ameaças do céu e do mar, ela mesma inabalável” [Virgílio].

Não nos aventuremos nesses exemplos: jamais os excederemos. Eles se estabeleceram resolutamente e sem agitação vendo a ruína dos seus países, que possuíam e comandavam à vontade: essa é uma tarefa muito maior e mais difícil para as nossas almas de homens do povo. Catão abandonou a vida mais nobre que já se computou; nós, espíritos vis, temos de fugir da tempestade até onde conseguimos; temos de nos prover de sentimento e não de paciência, evitando os golpes aos quais não podemos nos opor. Zenão, vendo Cremonides, um rapaz a quem ele amava, aproximar-se para sentar perto dele, levantou-se subitamente; exigindo Cleantes que desse uma razão para ter agido assim, ele disse: “ouvi dos médicos especialmente a ordem de repouso e a proibição das emoções para todos os tumores”. Não diz Sócrates: “não se entregue aos encantos da beleza; fique firme e faça o extremo oposto disso”. “Fuja”, ele diz; “evite a disputa e o conflito como um veneno poderoso que é arremessado e fere à distância”. E seu bom discípulo, fingindo ou recitando (mas, na minha opinião, antes recitando que fingindo) as raras perfeições do grande Ciro, deixou-o desconfiado de sua própria força para resistir aos encantos da beleza divina da ilustre Pantéia, sua cativa, confinando a visitante e preservando-a para outro, que não pôde gozar de tanta liberdade quanto ela mesma. E o Espírito Santo, de certa forma:

“Ne nos inducas in tentationem”

“Não nos induza em tentação” [São Mateus].

Nós não rezamos para que nossa razão não possa ser combatida e superada pela concupiscência, mas para que não seja tão tentada por ela; não devíamos ser trazidos a uma condição em que ficamos tão submetidos à proximidade, solicitação e tentação do pecado: e imploramos para que o Deus Todo-poderoso mantenha nossas consciências tranqüilas, completa e perfeitamente resgatadas de todo comércio com o mal.

Quem tem razão para sua paixão vingativa ou qualquer outro tipo de agitação problemática na mente freqüentemente diz a verdade das coisas como são agora, mas não como elas foram: falam conosco quando as causas dos seus erros já estiverem alimentadas e desenvolvidas; mas se você olhar para trás revocando essas causas ao seu começo, há de colocá-las numa barafunda. Ensejarão ter suas faltas menores, sendo de duração mais prolongada; e havendo um começo injusto, a seqüela pode ser justa? Quem desejar o bem do seu país, como eu faço, sem se irritar ou se deplorar, ficará aborrecido, mas não desfalecerá vendo isso ameaçar sua própria ruína ou um prosseguimento não menos destrutivo; pobre navio que as ondas, os ventos e o piloto lançam e guiam para tão contrários designios!

***“In tam diversa magister
Ventus et unda trahunt”***

Quem diante do favor dos príncipes não boceja como diante de uma coisa sem a qual não pode viver, não se importa muito quanto à frieza do seu semblante e sua recepção, nem pela inconstância da sua vontade. Quem não medita sobre os filhos ou sua honra com uma propensão servil, não deixa de viver comodamente o bastante depois de perdê-los. Quem faz o bem exclusivamente para sua própria satisfação não se perturbará muito ao ver os homens julgarem das suas ações contrariamente ao mérito delas. Um quarto de onça de paciência proverá suficientemente contra tais incômodos. Acho fácil esta receita, por redimir-me no princípio tão barato quanto puder; e isso significa que escapei de muitos problemas e impedimentos. Com muito pouca dificuldade detenho os primeiros ataques das minhas emoções e abandono o assunto que começa a se tornar perturbador antes que ele me transporte. Quem não os detiver no princípio, em curso jamais poderá fazê-lo; quem não puder manter-se de fora nunca conseguirá sair, uma vez estando dentro; e quem não lograr alcançar o princípio, jamais alcançará a finalidade alguma. Nem há de agüentar a queda quem não pode suportar o choque:

***“Etenim ipsae se impellunt, ubi semel a ratione discessum est;
Ipsaque sibi imbecillitas indulget, in altumque provehitur imprudens,
Nec reperit locum consistendi”***

“Porque eles se lançam apressadamente quando uma vez perdem sua razão; e tão longe a enfermidade se indulgencia do desejo de prudência que é produzido em águas profundas, nem encontra lugar para abrigá-la” [Cícero].

Em breve fico consciente das brisas fracas que começam a cantar e assobiar interiormente, precursoras da tempestade:

***“Ceum flamina prima
Cum deprensa fremunt sylvis et caeca volutant
Murmura, venturos nautis prodentia ventos”***

“Como as brisas, confinadas nos bosques, primeiro enviam murmúrios sombrios, anunciando aos marinheiros a aproximação do temporal” [Virgílio].

Com que freqüência fiz a mim mesmo a manifesta injustiça de evitar o perigo de me haver feito ainda pior através dos juízes, depois de uma era de vexações, práticas sujas e vis, mais inimigos para a minha natureza do que fogo ou suplícios?

*Convenit a litibus, quantum licet, et nescio an paulo plus
Etiam quam licet, abhorrentem esse: est enim non modo
Liberale, paululum nonnunquam de suo jure decedere, sed
Interdum etiam fructuosum”*

“Tanto quanto possa o homem deve abominar as demandas, e não sei se não algo mais; pois não é apenas liberal, mas às vezes também vantajoso, retroceder-se um pouco do direito” [Cícero].

Fôssemos sábios, deveríamos nos alegrar e ostentar, como um dia muito inocentemente ouvi fazer um jovem cavalheiro de uma boa família, cuja mãe havia perdido uma causa, como se o que ela tivera fosse uma febre, uma tosse ou algo muito problemático para manter. Até mesmo os favores que a fortuna poderia me haver concedido através de parentes ou conhecidos (com aqueles que têm autoridade soberana nesses negócios), tenho muito conscienciosa e mesmo cuidadosamente evitado empregar em prejuízo de outros, bem como adiantar minhas pretensões acima do seu verdadeiro direito. Em resumo, prevaleci tanto por meus esforços (e felizmente posso dizer isto) que sou até hoje inexperiente de todos os litígios legais; conquanto tenha recebido diversas ofertas e a título muito justo, as tenho ouvido atentamente e permanecido foras das disputas. Praticamente atravessei uma longa vida sem qualquer ofensa de momento, ativa ou passiva, e até mesmo sem ouvir uma palavra pior do que o meu próprio nome: um raro favor dos Céus.

Nossas maiores agitações têm origens e causas ridículas: que desgraça fez nosso último Duque de Borgonha correr para lá e para cá com uma carrada de pergaminhos! E não foi a gravação de um selo a primeira e principal causa da maior comoção que esta máquina do mundo já sofreu? [a guerra civil entre Mário e Sila], pois César e Pompeu foram apenas compensação e continuação dos outros dois: e tenho em meu tempo visto as cabeças mais sábias deste reino congregadas com grande cerimônia e às expensas do público, em redor de tratados e acordos dos quais a verdadeira decisão, enquanto isso, dependia absolutamente das senhoras do gabinete do conselho, das inclinações parciais de uma mulher.

Os poetas muito bem o compreenderam quando puseram toda a Grécia e a Ásia sob fogo e espada por causa de uma maçã. Veja porque tais homem aventuraram suas vidas e renomes à sorte dos seus floretes e punhais; deixe-o familiarizar-se com a ocasião da disputa; ele não pode fazer isso sem corar: a ocasião é tão ociosa e frívola.

Uma pequena coisa irá ocupá-lo disto; mas tendo uma vez embarcado, todas as cordas puxam; então grandes providências são requeridas, mais difíceis e mais importantes. Quão mais fácil é não entrar do que sair disso? Deveríamos agora proceder ao contrário do bambu, que em sua primeira irrupção produz um broto longo e reto mas depois, como se cansado e exaurido, amolda-se em juntas grossas e freqüentes nós, com tantas pausas que demonstram nada mais possuir de seu vigor e firmeza primitivos; melhor seria começar fria e suavemente, conservando o fôlego e os esforços vigorosos para a altura e tensão do negócio. Em seu princípio nós guiamos os acontecimentos e os mantemos em nosso próprio poder; mas depois, quando estiverem uma vez operando, são eles que nos guiam e governam; nós temos de segui-los.

Não pretendo insinuar que esta deliberação me desembaraça de todas as dificuldades e que amiúde não tive o bastante para fazer-me restringir e conter as minhas paixões; nem sempre elas são governadas de acordo com medidas ocasionais e freqüentemente tem suas entradas muito agudas e violentas. Mas com isso ainda podem ser colhidos bons frutos e vantagens; com exceção daqueles cujo sucesso não se satisfaz com qualquer benefício, se a reputação está ausente; pois, na verdade, tal efeito não é avaliado senão de cada um para si mesmo; você será mais bem satisfeito, mas não mais estimado, vendo-se corrigir diante daquilo que o leva para o rodopio da dança, ou que o assunto provocante estava visível. Ainda não é apenas nisto, mas também em todos os outros deveres da vida, o caminho daqueles que visam a honra são muito diferentes disso pela sua origem, que propõem a si mesmos a ordem e a razão. Vejo alguns que investem temerária e furiosamente nas liças e esfriam no transcurso. Como diz Plutarco, aqueles que por falsa vergonha são maleáveis e docilmente concedem tudo o que deles se deseja, depois mais facilmente quebram sua palavra e se retratam; assim, quem entra ligeiramente numa disputa é hábil para sair ligeiramente dela. Quando aquecido e engajado na disputa, a mesma dificuldade que me impede de entrar irá incitar-me a nela permanecer com grande teimosia e resolução. Essa é a tirania do costume; estando o homem uma vez comprometido, deve realizar aquilo ou morrer. “Empreenda com frieza”, disse Bias, “mas persiga com ardor”. Pelo desejo de prudência os homens sucumbem ao desejo de bravura, o que é ainda mais intolerável.

A maioria das acomodações nas disputas destes nossos dias são falsas e vergonhosas; buscamos apenas tripudiar enquanto traímos e renegamos nossas verdadeiras intenções: salvamos as aparências sobre os fatos. Sabemos muito bem como dissemos as coisas, em que sentido as dizemos, a companhia sabe disso e os amigos a quem desejamos tornar conscientes de nossa primazia também o compreendem bastante bem: é à custa de nossa franqueza e da reputação de nossa coragem que desconhecemos nossos pensamentos e buscamos refúgio em falsidades, mascarando o assunto. Quando mentimos, desculpamos as mentiras de outros. Você não estima que sua palavra ou atitude possam admitir outra interpretação; esta é sua própria, verdadeira e sincera interpretação, o real significado daquilo que você disse ou fez, que desde então você sustenta, por mais que lhe custe. Os homens falam de sua virtude e consciência, que não são coisas para serem ocultadas debaixo de uma máscara; deixemos esses expedientes e procedimentos lamentáveis para os ilusionistas da lei. As desculpas e reparações que diariamente vejo concedidas para remendar a indiscrição me parecem ainda mais escandalosas que a própria indiscrição. Seria melhor enfrentar o adversário uma segunda vez do que ofender a si mesmo dando tão afeminada satisfação. Você que o tem enfrentado em seu ardor e fúria, o lisonjearia e satisfaria em seu melhor e mais arrojado sentido; isso significa que se você se curva aos pés daquele a quem antes pretendia superar. Não vejo nada que num cavalheiro se possa dizer vicioso ao retratar-se por ter pronunciado algo infame quando o desdito é autoritariamente extraído dele, visto que a obstinação é mais escusável num homem honrado do que num pusilânime. Para mim as paixões são tão mais fáceis de evitar do que difíceis de moderar:

“Exscinduntur facilius ammo, quam temperantur”

“Elas serão mais facilmente erradicadas do que governadas”.

Quem não pode atingir a nobre impassibilidade Estóica, deixe-se afixar no seio desta minha popular indiferença; o que eles executam por meio da virtude, costumam fazer através do temperamento. As regiões medianas são protegidas dos temporais e tempestades; os dois extremos, de filósofos e camponeses, concordam em tranqüilidade e felicidade:

“Felix, qui potuit rerum cognoscere causas,

Atque metus omnes et inexorabile fatum

Subjecit pedibus, strepitumque Acherontis avari!

Fortunatus et ille, Deos qui novit agrestes,

Panaque, Sylvanumque senem, Nymphasque sorores!”

“Feliz é quem pode descobrir as origens das coisas, colocando sob seus pés todos os medos, o inexorável destino e o som voraz do Aqueronte: abençoado aquele que conhece os deuses do campo, Pã, o velho Silvano e as ninfas irmãs” [Virgílio].

Os nascimentos de todas as coisas são débeis e delicados; então deveríamos ter nossa intenção voltada para os princípios; pois se em sua infância o perigo não é percebido, quando crescido o remédio é escassamente encontrado. Tenho me deparado diariamente com um milhão de obstáculos, mais penosos de digerir no progresso da ambição, e tem sido difícil restringir a propensão natural que a eles me inclina:

“Jure perhorruí

Lath conspicuum tollere verticem”

“Com justiça sempre temi elevar minha cabeça muito alto” [Horácio].

Todas as ações públicas estão sujeitas a incertas e variadas interpretações, pois muitas cabeças delas ajuízam. Alguns dizem deste meu emprego cívico (e estou disposto a dizer uma palavra ou duas sobre isso, não que valha tanto, mas para dar conta das minhas reflexões sobre coisas tais) que nele me comortei como um homem que é muito indolente e de um temperamento desanimado; e eles têm algum pretexto para o que afirmam. Tenho me esforçado para manter minha mente e meus pensamentos em repouso;

“Cum semper natura, tum etiam aetate jam quietus;”

“Tendo sido sempre tranqüilo por natureza e também agora na velhice” [Cícero]

; e se eles às vezes chicoteiam por alguma impressão rude e sensata, será na verdade sem o meu conselho. Ainda deste meu peso natural os homens não devem concluir uma total inabilidade em mim (pois carência de cuidados e desejo de bom senso são duas coisas muito diversas) e muito menos qualquer descortesia ou ingratidão para aquela corporação que empregou os meios extremos que tiveram em seu poder para me obsequiar, antes e depois de me conhecerem; e eles me fizeram ainda muito mais elegendo-me novamente do que me conferindo aquela primeira honraria. Eu lhes desejo todo bem imaginável; e seguramente teria havido ocasião, pois nada haveria poupado para servi-los; fiz por eles o que teria feito para mim mesmo. Essas são pessoas bondosas, beligerantes e generosas, mas capazes de obediência e disciplina, das quais se pode fazer o melhor emprego, se bem orientadas. Dizem também que minha administração passou ao largo, sem deixar qualquer marca ou rastro. Bom! Além disso acusam minha interrupção num momento quando praticamente todos estavam condenados a fazer muito. Sou impaciente de estar fazendo aquilo a que a minha vontade me incita; mas isso é inimigo da perseverança. Deixo que façam uso de mim de acordo com meus próprios costumes, me empreguem em negócios onde vigor e liberdade são necessários, onde se requer uma conduta direta, rápida e, além disso, temerária; posso fazer alguma coisa, mas se tiver de ser prolongada, sutil, laboriosa, artificial e complexa, devem chamar alguém melhor. Nem todas as ocupações importantes são necessariamente difíceis: vim preparado para fazer um trabalho certamente mais grosseiro, pelo qual havia grande ensejo; pois está em meu poder fazer algo mais do que faço, ou que aprecio fazer. Até onde sei, não omiti qualquer coisa que o meu dever realmente exigisse. Facilmente me esqueci desses ofícios em que a ambição se mistura com o dever e disfarça com o seu título; estes são, em sua maior parte, aqueles que encham os olhos e os ouvidos, dando aos homens as maiores satisfações; não a coisa em si, mas sua aparência os contenta; se não ouvirem nenhum barulho, pensam que os homens estão dormindo. Meu temperamento não é nada amigo do tumulto; eu poderia apaziguar uma agitação sem comoção e castigar uma confusão sem desordem; se tiver necessidade de raiva e inflamação, peço emprestado e visto. Meus modos são tímidos, antes lânguidos do que aguçados. Não condeno um magistrado que dorme, contanto que as pessoas sob sua responsabilidade durmam tanto quanto ele: naquele caso as leis também dormem. De minha parte, recomendo uma vida livre, sossegada e silenciosa:

“Neque submissam et abjectam, neque se effertentem;”

“Sem sujeição ou abjeção, nem obstrução” [Cícero]

; minha fortuna será assim. Descendo de uma família que viveu sem brilho ou tumulto e, desde tempos remotos, particularmente ambiciosa de um caráter de probidade.

Hoje em dia nosso povo é criado mais entre o alvoroço e a ostentação do que pela boa natureza, moderação, equabilidade, constância e tais qualidades tranqüilas e obscuras, não mais imaginadas ou levadas em conta. Os corpos ásperos se fazem sentir; os lisos são imperceptivelmente manuseados: a doença é sensível, a saúde pouco ou nada; nem tanto os óleos nos friccionam, em comparação às dores pelas quais somos friccionados. É agir pela reputação particular e vantagem de alguém, não pelo bem público, preferir que seja feito em praça pública o que se pode fazer na câmara do conselho; fazer ao meio-dia o que poderia ter sido feito à noite; e ter ciúmes de fazer por si mesmo o que seu colega pode fazer tão bem quanto ele; era assim que alguns

cirurgiões da Grécia costumavam executar suas operações em palanques à vista das pessoas, obtendo mais prática e lucro. Eles pensam que as boas regras não podem ser compreendidas senão pelo som de um trompete. A ambição não é um vício das pessoas pequenas, nem daquelas de meios modestos como nós. Alguém disse a Alexandre: “seu pai legará um grande domínio para você, tranqüilo e pacífico”; aquela juventude era invejosa das vitórias do seu pai e da justiça do seu governo; ele não teria desfrutado o império do mundo com paz e sossego. Alcibíades, em Platão, preferia antes morrer jovem, bonito, rico, nobre e instruído e em tudo na sua completa excelência do que parar abruptamente carecendo de tais condições; essa doença talvez seja desculpável em alma tão forte e tão íntegra. Quando pequenas almas miseráveis e pigméias bajulam e enganam a si mesmas pensando espalhar sua fama por oferecerem o julgamento correto sobre algum incidente ou conservarem a disciplina na guarda de um portão da sua cidade, quanto mais pensam exaltar suas cabeças, mais exibem seus rabos. Esse pequeno sucesso não tem corpo nem vida; desaparece na primeira boca e não vai além de uma rua para outra. Falam disso por todos os meios para seu filho ou seu criado, como aquele velho companheiro que, não tendo ninguém mais para aplaudir seus louvores nem aprovar seu heroísmo, gabava-se à camareira, choramingando: “Ó Perrete, que homem valente e talentoso és para teu mestre!” Na pior das hipóteses, falam disso para você, como um conselheiro de meu conhecimento que, tendo vomitado uma profusão imensa de jargão legal com grande ardor e equivalente insensatez, saindo da câmara do conselho para urinar, foi ouvido muito complacentemente murmurar entre os dentes:

“Non nobis, domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam”

“Não até nós, ó Senhor, não para nós: mas até que o Teu nome seja glorificado” [Salmo CXIII].

Aquele que adquire isso de ninguém mais, deixe que se pague de sua própria bolsa.

A fama não é prostituída a preço tão vil: as raras e exemplares ações para as quais ela é devida não suportariam a companhia dessa prodigiosa multidão de atitudes cotidianas e insignificantes. O mármore pode exaltar o quanto quiser os seus títulos por ter consertado alguns palmos de parede ou limpado um esgoto público; mas não os homens de bom senso. O renome não persegue todas as boas ações se a novidade e a dificuldade não as acompanham; ainda mais: tanto como a mera estima, de acordo com os Estóicos, ele não é devido a cada ação procedente de virtude; nem deixarão de expor quem, intemperante, priva-se de uma velha encarquilhada de olhos turvos. Esses que conheceram as admiráveis qualidades de Cipião Africano, negam-lhe a fama que Panécio lhe atribuiu de se abster de presentes, como uma glória não tanto dele quanto de sua época. Por sorte nós temos prazeres satisfatórios; não vamos usurpar aqueles da grandeza: os nossos são mais naturais, porquanto mais sólidos e seguros quanto mais baixos forem. Se não pela consciência, pelo menos por causa da ambição, vamos rejeitar a pretensão; vamos desdenhar a sede de honra e renome, tão humildes e mendicantes nos fazendo implorar de todo tipo de gente:

“Quae est ista laus quae: possit e macello peti?”

“Que aplauso é esse que penetrou na praça do mercado (o mercado de carne)?” [Cícero]

; através de meios abjetos e por mais barato que seja o preço: é uma desonra ser assim reverenciado. Vamos aprender a não ser gananciosos do que somos mais capazes: da glória. Inflar-se com toda ação inocente ou de costume cabe apenas a esses para quem tais coisas são raras e extraordinárias: eles as avaliarão pelo que elas custam. Quanto mais um bom efeito faz um barulho, mais eu deduzo de sua bondade, assim como suspeito que foi mais executado pelo barulho do que por conta da bondade: exposto na barraca, isso está quase vendido. Essas ações têm muito mais graça e brilho aos deslizar das mãos de quem as pratica, negligentemente e sem ruído; se algum homem honesto depois as descobre e ergue das sombras para exibilas à luz por conta própria,

“Mihi quidem laudabiliora videntur omnia, quae sine Venditatione, et sine populo teste fiunt,”

“Todas as coisas me parecem mais verdadeiramente louváveis sendo executadas sem ostentação e sem o testemunho das pessoas” [Cícero]

; diz o homem mais pomposo que já viveu.

Tive apenas de conservar e dar continuidade a efeitos que são silenciosos e insensíveis: a inovação é de grande esplendor; mas isso é interdito nesta época, quando somos pressionados e não temos nada com que nos defender senão novidades. Frequentemente reprimir é tão generoso quanto fazer; mas isto é menos considerado, e o pequeno bem que tenho em mim é dessa natureza. Resumindo, as oportunidades nesse meu emprego foram vinculadas ao meu humor e por isso cordialmente lhes agradeço. Há alguém que estando enfermo pode ver o seu médico no trabalho? e não mereceria ser chicoteado o médico que desejasse a pestilência entre nós para que pudesse colocar em prática a sua arte?

Nunca fui daquele humor perverso e bastante comum para ensejar que os problemas e desordens desta cidade viessem a elevar e dignificar a minha administração; já cooperei cordialmente em tudo que pude para seu conforto e tranqüilidade.

Quem não me agradecer pela ordem, a doce e silenciosa calma que acompanhou a minha gestão, não poderá contudo privar-me da parte que me cabe a título de minha boa fortuna. Sou de tal constituição que de boa vontade lhes desejo sorte e sabedoria, e devo antes os meus sucessos puramente ao beneplácito do Senhor Todo-poderoso do que a qualquer operação pessoalmente minha. Eu havia divulgado suficientemente para o mundo a minha incapacidade para tais ocupações públicas; contudo tenho em mim algo pior que a própria incapacidade: é que não sou tão descontente com ela e não dou tratos à bola para curá-la, considerando o curso de vida que propus a mim mesmo.

Nem satisfiz a mim mesmo neste emprego; mas cheguei muito próximo das expectativas de meu próprio desempenho e em muito ultrapassei o que lhes prometi que haveria de fazer: porque sou hábil em prometer algo menos do que posso fazer e que espero fazer bem feito. Eu me assegurei de não ter deixado nenhuma ofensa ou ódio atrás de mim; se não deixei entre eles qualquer sentimento ou anseio por mim, pelo menos sei muito bem que jamais serei apontado para isso:

***“Mene huic confidere monstro!
Mene salis placidi vultum, fluctusque quietos
Ignorare?”***

“Eu deveria confiar nesse monstro? Deveria ignorar os perigos que transparecem nesse mar plácido, agora que as ondas aquietaram?” [Virgílio].

Capítulo XI

Sobre os aleijados

Agora, de dois ou três anos para cá, fizeram o ano dez dias mais curto na França [pela adoção do calendário Gregoriano]. Quantas mudanças deveríamos esperar que se seguissem a essa reforma! seria realmente mover céus e terras de uma só vez. Apesar de tudo, nada ainda se mexeu do seu lugar; meus vizinhos encontram suas estações de semear e colher, as oportunidades de realizar seus negócios, os dias perniciosos e propícios, empoam-se da mesma forma que desde tempos remotos lhes fora especificado; não houve mais nenhum erro detectado em nossos antigos costumes para os quais se encontrasse emenda na alteração; por toda a parte havia grande incerteza, tão elementar, obscura e obtusa é a nossa percepção. Isso que se diz desse regulamento poderia ter sido transportado com menor inconveniência pela subtração de alguns anos, de acordo com o exemplo de Augusto, o Bissexto, que tem um dia de alguma espécie de embaraço e transtorno, até que tenhamos satisfeito exatamente essa dívida, a qual não é exterminada por tal correção e nós ainda permanecemos alguns dias com saldo a pagar: e isto ainda significa que tal ordem poderia ser levada para o futuro, arranjando para que depois da revolução de tal ou qual número de anos, sempre se poderia descartar o dia extraordinário, de forma que daqui em diante não poderemos cometer um erro de mais de quatro e vinte horas em nossas computações. Não temos nenhuma outra contagem de tempo além dos anos; o mundo tem muitas eras feitas apenas empregando os anos; ainda assim é uma medida com a qual nestes dias não concordamos, uma de cujo caráter ainda duvidamos e que outras nações têm determinado diferentemente; e qual seria o verdadeiro uso disso. O que significa essa declaração de alguns, de que o antigo crescente celeste aumenta aproximando-se de nós e nos coloca na incerteza até mesmo quanto às horas e dias? e o que Plutarco diz dos meses, que no tempo dele a astrologia não havia determinado sobre o movimento da lua; que é uma boa situação mantermos os registros das coisas do passado.

Estava agora mesmo ruminando, como faço freqüentemente, que coisa livre e divagante é a razão humana. Ordinariamente vejo que os homens, nas coisas a eles propostas, de mais boa vontade estudam para descobrir razões do que averiguar a verdade: deslizam sobre as pressuposições, mas são curiosos em examinar as conseqüências; abandonam as coisas e voam às suas causas. Agradáveis palestradores! O conhecimento das causas só diz respeito a que tem a condução das coisas, não a nós, que meramente as sofremos e das quais realizamos perfeito e completo emprego, de acordo com a nossa necessidade, sem penetrar em sua essência e origem; o vinho não é em nada mais agradável para quem conhece suas primeiras faculdades. Pelo contrário, o corpo e a alma interrompem e debilitam o seu direito ao uso do mundo e de si mesmos, misturando com isso a opinião dos eruditos; os efeitos nos interessam, mas os meios não. Determinar e distribuir cabem à superioridade e ao comando, como eles se sujeitam a aceitar. Deixe-me censurar nossos costumes. Eles geralmente começam assim: “Como tal coisa é feita?” Considerando que deveriam dizer: “Tal coisa é feita?” Nossa imaginação pode criar cem outros mundos e descobrir os princípios e contextos; não precisa nem de matéria nem de fundamento: apenas deixe correr, edificando tão bem no ar quanto na terra, com inanidade e também com substância:

“Dare pondus idonea fumo”

“Capaz de dar peso à fumaça” [Pérsio].

Acho que em praticamente tudo deveríamos dizer: “não há tal coisa” e eu deveria empregar esta resposta, mas não ousou: eles gritam porque é um subterfúgio oriundo da ignorância e da fraqueza de entendimento; e fico satisfeito, na maioria das vezes, em prestidigitar para a companhia, tagarelando sobre temas frívolos e contos (dos quais não acredito numa palavra); além disso, na verdade é pouco rude e uma chatice irascível negar um fato declarado; e poucas pessoas hão de afirmar, especialmente nas coisas difíceis de acreditar, que eles as viram, ou pelo menos designarão testemunhos cuja autoridade tapará as nossas bocas contestadoras. Neste caminho conhecemos os meios e fundamentos de coisas que jamais existiram; e as querelas mundiais sobre mil questões, das quais o **Pro** e o **Con** são falsos.

***“Ita finitima sunt falsa veris, ut in praecipitem
Locum non debeat se sapiens committere”***

“Estão as coisas falsas tão próximas das verdadeiras que um homem sábio não deveria nelas confiar de modo precipitado” [Cícero].

A verdade e a mentiras são enfrentadas de forma semelhante; seu refúgio, sabor e procedência são os mesmos, nós as contemplamos com os mesmos olhos. Acho que não somente somos lentos em nos defender da decepção, senão que buscamos e nos oferecemos para ser enganados; adoramos nos emaranhar na vaidade, como uma coisa compatível com a nossa natureza.

Presenciei o nascimento de muitos milagres em meu tempo; os quais, embora fossem abortivos, não deixaram de pressagiar para o que teriam vindo e viveram suas vidas completamente. Somente encontrando o fim da vela pode um homem enrolá-la como deseja; e há uma distância maior entre o nada e a menor coisa do mundo do que entre esta e a maior. Assim sendo, o primeiro está embebido com esse início de novidade; quando plantar o seu conto verá, pelas oposições que se colocam, onde residem as dificuldades da persuasão; então calafetará aqueles pontos com alguma peça falsa; [desta passagem diz Voltaire: “quem desejasse aprender a duvidar devia ler todo este capítulo de Montaigne, o menos metódico de todos os filósofos, mas o mais sábio e mais cordial”]; além disso:

“Insita hominibus libido alendi de industria rumores,”

“Os homens têm um desejo natural de alimentar boatos” [Tito Lívio]

; temos naturalmente um escrúpulo de restabelecer o que foi nos emprestado, sem qualquer usura ou tentativa de nos apossar daquilo. Primeiro o erro particular faz o erro público e depois, em troca, o erro público faz o particular; e assim tudo isso vai constituindo um vasto tecido e empilhando-se de mão em mão, de forma que a mais remota testemunha conhece melhor o assunto do que esses que estavam próximos, e os últimos a saber são mais bem persuadidos que os primeiros.

É um progresso natural; pois quem acredita em alguma coisa, imagina ser um trabalho de caridade persuadir outros da mesma convicção; para fazer o melhor ele não terá nenhuma dificuldade em acrescentar tanto de sua própria invenção quanto julga necessário para que seu conto encontre a resistência ou a carência de conceito que ele observa em outros. Eu, que tenho grande inquietação quanto à mentira e não sou muito solícito de dar crédito e autoridade ao que digo, ainda encontro isso nos argumentos que tenho em mãos, estando aquecido com a oposição de outros ou pelo próprio calor da minha narração, cresço e enfundo o meu assunto por meio da voz, do movimento, do vigor e força das palavras e, além disso, pela extensão e amplificação, não sem algum prejuízo para a verdade nua; mas faço isso sobretudo condicionalmente, pois ao primeiro que me traga a questão sobre a verdade pura e simples, imediatamente renuncio à minha paixão e lhe entrego a matéria sem exagero, sem ênfase ou qualquer colorido de minha criação. Um modo de falar rápido e sério como o meu é hábil para alcançar a hipérbole. Não há nada a que os homens geralmente sejam mais inclinados do que dar lugar às suas próprias opiniões; onde os meios ordinários nos falham, adicionamos comando, energia, fogo e espada. É um infortúnio chegar a este ponto, em que o melhor teste da verdade é a quantidade de crentes numa multidão onde o número de tolos em muito excede o de sábios:

“Quasi vero quidquam sit tam valde, quam nil sapere, vulgare”

“Como se qualquer coisa fosse tão comum quanto a ignorância” [Cícero]

“Sanitatis patrociniū est, insanientium turba”

“A multidão de tolos é uma proteção para o sábio” [Santo Agostinho].

É muito difícil esclarecer o julgamento de um homem contra as convicções vulgares: a primeira persuasão, tomada do próprio objeto, se apossa dos simplórios e deles se difunde até os sábios, sob a autoridade do número e da antiguidade do testemunho. De minha parte, o que não devo acreditar de um, não haverei de acreditar de cento e um: e não avalio as opiniões por sua idade.

Não faz muito tempo desde que um de nossos príncipes, em quem a gota havia deteriorado uma excelente natureza e vivaz disposição, por um relato deixou-se convencer a se submeter às maravilhosas operações de certo sacerdote que, por meio de palavras e gestos, curava todos os tipos de doença; ele padeceu uma longa viagem para procurá-lo e então, pela mera força da sua imaginação, persuadiu-se durante algumas horas e pôs suas pernas dormentes, como para obter os préstimos que elas tinham por longo tempo esquecido. Se a fortuna tivesse amontoado cinco ou seis incidentes tais, teria sido o bastante para fazer disso um milagre da natureza. Posteriormente descobriram a extrema simplicidade e a escassa arte do autor dessas façanhas e ele foi julgado muito desprezível para ser castigado, como seria imaginada a maioria das coisas dessa natureza, se fossem bem examinadas:

“Miramur ex intervallo fallentia”

“Nós admiramos de longe as coisas que enganam” [Sêneca].

Assim muitas vezes sucede que nossa visão nos representa imagens estranhas a uma distância, as quais desaparecem ao nos aproximarmos:

“Nunquam ad liquidum fama perducitur”

“O relato nunca é totalmente substanciado” [Quinto Cúrcio].

É geralmente assombroso de quantos princípios ociosos e causas frívolas procedem tais impressões famosas. Isso é que contribui para obstruir a informação; pois enquanto ainda buscamos causas e finalidades sólidas e consistentes, dignas de tão grande nome, perdemos as verdadeiras; elas escapam da nossa visão por sua pequenez. E, na verdade, tal procura requer uma inquirição muito prudente, sutil e diligente, indiferente e não tendenciosa. Pois nesta mesma hora todos esses milagres e eventos bizarros se esconderam de mim: nunca vi no mundo maior monstro ou milagre do que eu mesmo: algumas pessoas envelhecem familiarizadas com todas as coisas estranhas por meio do tempo e do costume, mas quanto mais freqüente e melhor me conheço, tanto mais minha própria deformidade me surpreende e pior a compreendo.

O direito principal de produzir e aprimorar tais acidentes é reservado à fortuna. Passando antontem por uma aldeia a duas léguas da minha casa, encontrei o lugar excitado devido a um milagre que nos últimos tempos havia fracassado por ali, quando os primeiros moradores já se divertiam há vários meses; então as províncias circunvizinhas começaram a correr para lá em grandes comitivas de todos os tipos de pessoas. Por zombaria, um jovem camarada do lugar tinha uma noite simulado a voz de um espírito em sua própria casa, sem naquele momento qualquer outro propósito senão divertir-se; mas tendo alcançado um sucesso maior do que esperava, estendeu sua farsa com mais atores associando-se a menina tola e simplória da região e finalmente com outros três da mesma idade e entendimento, e da casa foram a público, predicando, ocultos sob o altar da igreja, não falando nunca senão à noite e proibindo que qualquer luz fosse trazida. Com palavras que tratavam da conversão do mundo e ameaças do dia do juízo (pois esses assuntos estão sob autoridade e reverência das quais a impostura com mais firmeza espreita), derivaram em visões e gesticulações tão ingênuas e ridículas que dificilmente alguém além das crianças pequenas seria tão obtuso para exhibir. Tendo a fortuna não pouco favorecido o desígnio, quem sabe a que altura afinal chegou esse poder de prestidigitação? No momento esses pobres diabos estão aprisionados e em breve irão pagar pela insensatez comum; e não sei se algum juiz também não os fará sofrer por isso. Vemos claramente aquilo que está descoberto; mas como há muitas coisas da mesma natureza que excedem o nosso conhecimento, sou de opinião que devíamos suspender nosso

juízo, tanto para rejeitar quanto para aceitar.

Grandes abusos são produzidos no mundo, ou, falando mais ousadamente, todos os abusos do mundo são produzidos porque nossa natureza nos ensina a ter medo de professar nossa ignorância e somos compelidos a aceitar todas as coisas que não podemos refutar: falamos de todas as coisas por preceitos e decisões. O estilo em Roma era que até mesmo tendo uma testemunha afirmado ter visto com seus próprios olhos e que um juiz determinasse com seu mais certo conhecimento, aquilo seria expresso nesta forma de falar: “a mim parece”. Eles me fazem odiar as coisas que são prováveis quando as impõem sobre mim como infalíveis. Amo estas palavras que abrandam e moderam a temeridade das nossas proposições: “talvez; de alguma forma; alguns; isso é mencionado, eu penso” e assim por diante; e se me fosse ordenado treinar crianças, haveria de instilar este modo de responder em suas bocas, inquirindo e não solucionando: “O que torna isso mau? Eu não entendo isto; pode ser: é verdade?”; de forma que deveriam antes ser retidos como alunos aos sessenta anos de idade do que sair doutores, como fazem, aos dez. Quem desejar curar-se da ignorância deve confessá-la.

Íris é filha de Taumas [“quer dizer, da Admiração; ela (Íris, o arco-íris) é bonita e por isso, porque ela tem uma face admirável, diz-se que seria a filha de Tamus” (Cícero)]; a admiração é o fundamento de toda a Filosofia, da inquirição o do progresso, o fim da ignorância. Mas há um tipo de ignorância, forte e generoso, que nada cede em reverência e coragem ao conhecimento; uma ignorância cuja concepção requer não menos conhecimento do que para conceber o próprio conhecimento. Em meus anos mais jovens, li um julgamento que Corras [célebre advogado Calvinista, nascido em Toulouse em 1513 e lá assassinado em 4 de outubro de 1572], um conselheiro de Toulouse, havia impresso, sobre um estranho incidente de dois homens que se apresentaram um para o outro. Lembro-me (e eu dificilmente recorro de qualquer outra coisa) que ele parece ter representado a sua impostura sobre aquele que achou culpado, tão maravilhosamente e em tanto excedendo o nosso conhecimento e o dele mesmo que o juiz, supondo dar uma sentença muito corajosa, condenou-o à força. Temos alguns modelos de decreto que dizem: “a corte nada compreende da matéria” mais livre e engenhosamente do que fizeram os Areopagitas, os quais, achando-se desconcertados com uma causa que não puderam deslindar, ordenaram que as partes comparecessem novamente depois de cem anos.

As bruxas da minha região arriscam suas vidas pelo relato de todo autor novo que busca dar corpo aos seus sonhos. Para acomodar os exemplos que as Sagradas Escrituras nos dão de coisas tais, os mais certos e irrefragáveis exemplos, e amarrá-los aos nossos eventos modernos, a percepção de que não vemos as causas nem os meios irá requerer outro tipo de inteligência diferente da nossa. Isso talvez pertença tão-somente àquele testemunho todo-poderoso nos contar. “É isto e aquilo, e não aquele outro”. Deus deveria ser acreditado; e certamente com muito boas razões; mas apesar de tudo nenhum entre nós fica surpreso com sua própria narração (e deve-se necessariamente ficar atônito se não for alheio ao seu conhecimento), se emprega isso sobre os negócios de outros homens ou contra ele mesmo.

Sou lento e pesado, apegando-me ao sólido e provável, evitando estas antigas censuras:

***“Majorem fidem homines adhibent iis,
Quae non intelligunt;
Cupidine humani ingenii libentius obscura creduntur”***

**“Os homens são muito hábeis para acreditar no que menos entendem:
e pela ganância do intelecto humano são facilmente acreditadas as
coisas mais obscuras” [a segunda sentença é de Tácito].**

Bem vejo que os homens se põem zangados e estou proibido de duvidar do sofrimento sobre as mais execráveis injúrias; uma nova forma de persuadir! Agradeço a Deus se não for com convicção esbofetado. Deixemos que se zanguem com esses que acusam suas opiniões de falsidades; eu só as acuso de relutância e audácia, e igualmente condeno as afirmações opostas, embora não tão imperiosamente quanto eles. Quem quiser estabelecer essa proposição através da autoridade e da ofensa descobrirá que a sua razão é muito fraca, visto que uma alteração verbal e escolástica as deixa tão aparentes quanto o seus contraditores;

“Videantur sane, non affirmentur modo;”

**“Elas podem realmente ter aparência; não deixe que se afirmem.
(Deixe que estabeleçam as probabilidades, não que as assegurem)” [Cícero]**

; mas na verdadeira consequência que tiram disso eles têm muita vantagem. É exigida uma luz clara e forte para subjugar um homem, e nossa vida é muito real e essencial para autorizar esses acidentes fantásticos e sobrenaturais.

Quanto às drogas e venenos, deixo-os fora da minha conta, como sendo as piores espécies de homicídio: e até mesmo aqui, pelo que se diz, os homens nem sempre são de confiar nas confissões individuais dessas pessoas; porque às vezes foram relatados casos de pessoas que se acusaram de haver assassinado outras que depois foram encontradas vivas e com boa saúde. Dessas outras acusações extravagantes eu seria capaz de dizer que o homem é suficiente, não importa a recomendação que ele possa ter, para acreditar nas coisas humanas; mas no que está além da sua concepção e de efeito sobrenatural ele deveria ser acreditado somente quando autorizado por uma sanção sobrenatural. O privilégio que o Deus Todo-poderoso se agrada em conceder a algumas das nossas testemunhas não deve ser comunicado ligeiramente e barateado. Tive minhas orelhas agredidas por mil histórias assim: “Três pessoas o viram tal dia a leste, no dia seguinte a oeste: a tal a hora, em tal lugar e com tal traje”; eu seguramente não deveria acreditar nisso. É mais natural e provável achar que dois homens haveriam de mentir do que aquele outro em doze horas teria tempo de voar com o vento de leste para oeste? É mais aceitável que nossa compreensão seja arrastada de seu lugar pela volubilidade das nossas mentes desordenadas do que acreditar que um de nós haveria de ser carregado por um espírito bizarro sobre um cabo de vassoura, carne e ossos como somos nós, para cima de uma chaminé? Não nos permitamos buscar ilusões externas e desconhecidas, nós que somos perpetuamente agitados por ilusões domésticas e nossas próprias. Parece-me que alguém é perdoável por descrever de um milagre, pelo menos em todos os eventos onde a sua

verificação como tal pode iludir, através de meios não milagrosos; e sou da opinião de Santo Agostinho que “é melhor sustentar antes a dúvida do que a segurança nas coisas difíceis de provar e perigosas de acreditar”.

Desde alguns anos tenho viajado pelos territórios de um príncipe soberano que, em meu benefício e para mitigar a minha incredulidade, fez-me a honra de me deixar ver, em sua própria presença e num lugar privado, dez ou doze prisioneiros dessa natureza; entre outros, uma mulher idosa, uma verdadeira bruxa em repugnância e deformidade, que fora por muito tempo afamada naquela profissão. Eu vi as provas e as confissões livres e não sei que marca insensível na miserável criatura: examinei-a e conversei com ela e com os demais bastante tempo, prestando a melhor e mais sadia atenção que pude — e não sou homem de submeter o meu julgamento ao encanto do preconceito. No final, e com toda a consciência, antes haveria de prescrever-lhes heléboro do que cicuta;

***“Captisque res magis mentibus,
Quam consceleratis similis visa;”***

“A coisa seria preferivelmente atribuída à loucura do que à malícia”. (“A coisa mais parecia assemelhar-se às mentes possuídas do que culpá-las”) [Tito Lívio]

; a justiça tem suas próprias correções para tais moléstias. Quanto às oposições e argumentos que homens mercedores me fizeram, freqüentemente aqui e em outros lugares, não me deparei com nenhum que fosse convincente e que não admitisse uma solução mais plausível que as conclusões deles. É realmente verdade que as provas e razões são fundamentadas nos fatos e na experiência; não me proponho a desatá-las, nem têm elas qualquer finalidade; amiúde as cortei, como fez Alexandre com o nó Górdio. Afinal de contas, é estabelecer um preço muito alto sobre as conjecturas de um homem fazer que ele seja assado vivo.

Somos informados através de vários exemplos como aquele de Prestântio, cujo pai, estando mais profundamente adormecido do que os homens normalmente ficam, imaginou-se uma égua que servia aos soldados como besta de carga; e o que ele imaginou ser, realmente se provou. Se os feiticeiros sonham tão materialmente; se os sonhos por vezes puderem nos incorporar com esses efeitos, ainda assim não posso crer que a nossa vontade deveria ser judicialmente responsabilizada; digo como alguém que não é nenhum juiz nem conselheiro particular, achando-se muito longe de merecer tal condição, mas um homem do tipo comum, nascido e declarado à obediência da razão pública, em suas palavras e atitudes. Quem houvesse de registrar minha conversa ociosa como sendo prejudicial à mais insignificante lei, opinião ou costume da sua paróquia, faria grande injustiça a si mesmo e a mim muito mais; pois no que digo não autorizo nenhuma outra certeza, senão que isso é o que tive então em meu pensamento, um pensamento tumultuoso e oscilante. Tudo o que digo é visando discursar, nada visando aconselhar:

“Nec me pudet, ut istos fateri nescire, quod nesciam;”

“Nem fico envergonhado, como eles, de confessar a minha ignorância daquilo que não sei” [Cícero].

Eu não falaria tão ousadamente se fosse minha obrigação ser acreditado; e assim o declarei para um grande homem que reclamou da mordacidade e do espírito contencioso das minhas exortações. Percebendo-o pronto e preparado sobre alguma coisa, proponho outra, com toda diligência e cuidado que puder, para esclarecer o seu julgamento, não para compeli-lo. Os seus corações estão nas mãos Deus e Ele os proverá dos meios de escolha. Nem sequer sou tão presunçoso para desejar que minhas opiniões venham a influenciá-lo em uma coisa de tão grande importância: minha fortuna não as treinou para que suas conclusões fossem tão potentes e elevadas. A bem da verdade, tenho não apenas caprichos muito grandes, mas também algumas opiniões tão vastas que, se tivesse um filho, porfiaria em fazê-lo desaprová-lo. Porquê, se as mais verdadeiras nem sempre são as mais cômodas para o homem, sendo de composição tão selvagem?

Se é a propósito ou não, isso não tem grande importância: é um provérbio comum na Itália que “não conhece Vênus em sua perfeita doçura quem nunca teve relações com um amante coxo”. A fortuna, ou algum incidente particular, há muito tempo colocou essa declaração na boca do povo; e o mesmo é dito tanto de homens quanto de mulheres; pois a rainha das Amazonas replicou ao Cita que a cortejava romanticamente: “nos homens mancos o desempenho é melhor”. Nessa república feminina, para se esquivar do predomínio dos machos elas ainda na infância alejavam seus braços, pernas e outros membros, o que lhes dava primazia sobre eles, e só os empregavam naquilo em que nós, nestas partes do mundo, fazemos uso delas. Eu deveria ser capaz de imaginar que o passo arrastado do amante manco acrescentasse algum novo prazer ao trabalho e alguma estimulação extraordinária àqueles que se dedicavam ao esporte; mas ultimamente tenho aprendido que a própria Filosofia antiga o determinou: diz que as pernas e coxas das mulheres mancadas, por causa da sua imperfeição não recebendo a devida nutrição, resulta que suas partes genitais ficam mais cheias, melhor providas e muito mais vigorosas; ou então que esse defeito impede o exercício, e os que são perturbados com isso menos dissipam suas forças e chegam mais inteiros aos prazeres de Vênus; que é também a razão para que os Gregos vituperassem as tecelãs como sendo mais calorosas que outras mulheres por causa do ofício sedentário a que se dedicavam, sem qualquer exercício corporal intenso. E o que não podemos argumentar sobre essa motivação? Destas também se poderia dizer que o sacudir enquanto sentadas no trabalho desperta e provoca o seu desejo, como fazem o balanço e o solavanco das carruagens com nossas mulheres.

Estes exemplos não servem para melhorar o que eu disse a princípio: que freqüentemente nossas razões antecipam os resultados e têm tão infinita extensão de jurisdição que julgam e se exercitam igualmente na própria inanição e na não-existência? Além da flexibilidade da nossa imaginação de forjar razões para toda sorte de sonhos, nossa fantasia tem idêntica facilidade para receber impressões de falsidade das mais frívolas aparências; pois através da exclusiva autoridade do ancestral e comum emprego desse provérbio, antigamente fingi ter mais prazer com uma mulher em razão de que ela não era perfeita, adequadamente considerando aquela deformidade entre as suas graças.

Torquato Tasso, na comparação que faz entre a França e a Itália, diz ter observado que as nossas pernas geralmente são mais curtas que as dos cavalheiros Italianos, atribuindo a causa disso à nossa contínua existência a cavalo; é a mesma causa da qual

Suetônio extrai uma conclusão bastante diversa porque ele diz, contrariamente, que Germânico havia tornado suas pernas maiores pela prática continuada do mesmo exercício.

Nada é tão maleável e errático quanto a nossa compreensão; é o sapato de Teramenes, ajustado para todos os pés. Ele é duplo e diverso, como os assuntos também são duplos e diversos. “Dê-me um dracma de prata”, disse a Antígono um filósofo Cínico. “Isso não é presente que sirva a um rei”, ele respondeu. “Então dê-me um talento”, disse o outro. “Isso não é presente que sirva a um Cínico”.

*“Seu plures calor ille vias et caeca relaxat
Spiramenta, novas veniat qua succus in herbas
Seu durat magis, et venas astringit hiantes;
Ne tenues pluviae, rapidive potentia colic
Acrior, aut Boreae penetrabile frigus adurat”*

“Se o calor abre mais passagens e poros pelos quais a seiva pode escoar das ervas recém-nascidas, ou se antes endurece e une as veias abertas para que a chuva fina e a aguda influência do sol violento ou do frio penetrante do Bóreas não possa feri-las” [Virgílio].

“Ogni medaglia ha il suo rovescio”

“Toda medalha tem seu reverso” [provérbio Italiano].

Por esta razão Clitômaco disse que o velho Carnéades havia excedido os trabalhos de Hércules, tendo erradicado o consentimento do homem, quer dizer, a opinião e a coragem de julgar. É tão vigorosa a fantasia excogitada por Carnéades, na minha opinião, anterior à impudência daqueles que fizeram profissão de conhecimento e sua imensurável presunção. Aesopo foi posto à venda com dois outros escravos; o comprador perguntou ao primeiro o que ele poderia fazer; este, para aumentar seu próprio valor, prometeu mundos e fundos, disse que podia fazer isto e não sei o que mais; o segundo disse tanto quanto o outro ou até mais: quando chegou a vez de Aesopo e também lhe foi perguntado o que podia fazer, ele disse: “Nada, pois estes dois levaram tudo antes de mim; eles sabem tudo”. Assim sucedeu na escola de Filosofia: o orgulho daqueles que atribuíram a capacidade de todas as coisas à mente humana criaram em outros, sem despeito ou emulação, esta opinião, que ela não é capaz de coisa alguma: os primeiros mantêm no mesmo extremo de ignorância o que os outros fazem do conhecimento; isto é um incontestável manifesto de que o homem é imoderado do princípio ao fim e nunca pode ser detido senão pela necessidade e pela carência de habilidade para prosseguir adiante.

Capítulo XII

Sobre a fisionomia

Quase todas as nossas opiniões são tomadas em autoridade e confiança; e isso não é impróprio; não podemos por nós mesmos escolher as piores numa idade tão debilitada. Aquela imagem de Sócrates discursando, que seus amigos nos transmitiram, nós aprovamos em nenhuma outra consideração além da reverência pela sanção do público: isso não está de acordo com nosso próprio conhecimento; eles não buscam o nosso modelo; se qualquer coisa desse tipo devesse agora emergir, poucos homens o valorizariam. Não discernimos nenhuma graça que não seja apontada, inflada e soprada pela arte; enquanto deslizam em sua própria pureza e simplicidade elas escapam facilmente de uma visão tão grosseira quanto a nossa; elas têm uma beleza oculta e delicada, como a exigir uma visão nítida e refinada para detectar sua luz secreta. A simplicidade não é, como a estimamos, prima germana da loucura e uma espécie de censura? Sócrates fez sua alma elevar-se num movimento comum e natural: um camponês disse isto; uma mulher disse aquilo; ele nunca tem qualquer pessoa em sua boca senão carroceiros, marceneiros, sapateiros e pedreiros; suas induções e similitudes são tiradas das ações mais comuns e conhecidas dos homens; toda pessoa o entende. Nunca haveríamos de reconhecer a nobreza e esplendor das suas admiráveis concepções sob formas tão humildes; nós, que supomos baixas e vulgares todas as coisas que não são elevadas, através de uma doutrina erudita, e não discernimos nenhuma riqueza além da pompa e do espetáculo. Este nosso mundo é formado apenas para ostentação: os homens somente são impelidos para cima com o vento e se alternam para lá e para cá como bolas de tênis. Ele não propôs a si mesmo nenhuma fantasia frívola e ociosa; seu desígnio era nos abastecer de preceitos e coisas que mais real e adequadamente serviriam ao ritual da vida:

*“Servare modum, finemque tenere,
Naturamque sequi”*

“Manter um justo meio-termo, observar um limite justo e seguir a Natureza” [Lucano].

Ele também era sempre um e o mesmo, e elevou-se, não aos poucos mas através do caráter, ao nível do vigor mais elevado; ou, melhor dizendo, não ascendeu, antes demoliu, reduzindo e sujeitando todas as asperezas e dificuldades à sua condição natural e original; pois em Catão é mais evidente que tal procedimento se estende muito além dos hábitos dos homens comuns: nas façanhas valentes de sua vida e na sua morte, sempre o encontramos montado num grande cavalo; considerando que outros rastejam no chão; com um passo suave e ordinário ele trata dos assuntos mais úteis e se agüenta, em sua morte e nas dificuldades mais rudes que poderiam se apresentar, do modo comum da vida humana.

Bem resultou que o homem mais merecedor a ser conhecido e apresentado como exemplo para o mundo seria aquele de quem temos o mais certo conhecimento; ele foi inquirido pelos homens mais perspicazes que já existiram; os testemunhos que temos dele são admiráveis em fidelidade e plenitude. É uma coisa significativa que ele fosse capaz de ordenar a pura imaginação de uma criança onde, sem alterar ou arrancar, produzia os mais belos efeitos de nossa alma: ele não apresenta o rico nem o

elevado; ele representa isso com perfeição e seguramente com uma saúde completa e vivaz. Antes desses rebentos comuns e naturais através dessas fantasias ordinárias e populares, sem ser comovido ou desconcertado, ele estabeleceu não apenas as mais regulares, mas as mais altas e vigorosas convicções, atitudes e maneiras que jamais existiram. Isto é o que ele trouxe novamente do céu onde ela (a sabedoria humana) perdeu o seu tempo, para restabelecê-la no homem em quem se alojam os mais justos e maiores negócios. Veja-o defender-se diante dos seus juízes; observe por quais razões desperta sua coragem aos perigos da guerra; com que argumentos fortalece a sua paciência contra a calúnia, a tirania, a morte e a perversidade da sua esposa: você não encontrará em tudo isso nada pedido de empréstimo às artes ou às ciências; ali os mais simplórios podem descobrir seus próprios recursos e forças; não é possível mais apartar-se ou rastejar mais baixo. Ele fez uma grande bondade à natureza humana mostrando o quanto ela pode fazer por si mesma.

Todos nós somos mais ricos do que pensamos; mas somos ensinados a pedir emprestado e implorar, mais propensos a fazer uso do alheio do que empregando aquilo que é nosso. Em nada o homem pode restringir-se às suas verdadeiras necessidades: de prazer, riqueza e poder, ele agarra o mais que consegue segurar; sua ganância é incapaz de moderação. Acho-o curioso de conhecer-se a si mesmo; ele mesmo mais se exclui do trabalho que pode realizar e mais do que precisa fazer, estendendo a utilidade do conhecimento para a plenitude da sua matéria:

***“Ut omnium rerum,
Sic litterarum quoque,
Intemperantia laboramus”***

“Nós levamos a intemperança ao estudo da literatura, bem como a tudo o mais” [Sêneca].

E Tácito teve razão em recomendar à mãe de Agrícola que contivesse no filho o seu apetite muito violento em aprender.

É uma vantagem que, se convenientemente considerado, os outros bens dos homens tenham tanto de vaidade e fraqueza, próprio e natural a si mesmo, e isso custa muito caro. Sua aquisição é mais perigosa do que todas as outras comidas ou bebidas; pois, além de outras coisas, o que compramos e levamos para casa em algum recipiente, lá temos completo lazer para examinar nossa aquisição e decidir quanto e quando daquilo comeremos ou beberemos: mas as ciências não podemos, logo de princípio, alojar em nenhum outro recipiente senão a alma; nós as engolimos ao comprá-las e de volta do mercado elas já estão infectadas ou retificadas: há algumas cujo peso sobrecarrega demais o estômago, em vez de nutrir; e, além disso, algumas que sob pretexto de curar nos envenenam. Fiquei satisfeito, nos lugares onde estive, por ver os homens consagrarem o voto de ignorância bem como os de castidade, pobreza e penitência: é também uma castração dos nossos apetites incontroláveis embotar essa cobiça que nos incita ao estudo dos livros e privar-nos a alma deste voluptuoso desvanecimento que nos incita com a convicção do conhecimento; é realizar plenamente o voto de pobreza acrescentar até mesmo a da mente. Nós precisamos de pouca doutrinação para atender as nossas facilidades; Sócrates nos ensina que isso está em nós, bem como o caminho para encontrar e a maneira de empregar: quase toda suficiência que excede a nossa natural é vã e supérflua: é demais se ela antes nos oprime e embaraça do que nos torna bons:

“Paucis opus est literis ad mentem bonam:”

“Pouca erudição é necessária para formar uma mente sã” [Sêneca]

; este é um excesso febril da mente; um instrumento tempestuoso e inquieto. Faça apenas um esforço e você encontrará em si mesmo argumentos naturais contra a morte, a verdade e o mais apropriado para servi-lo num momento de necessidade: isso é o que faz um camponês — e nações inteiras — morrer com tanta firmeza quanto um filósofo. Eu haveria de morrer menos alegremente antes de ter lido as *Tusculan Quæstiones* de Cícero? Não creio; e conquanto me sinta melhor, percebo que minha língua realmente foi enriquecida, mas minha coragem pouco ou nada elevado por elas; da mesma maneira que a natureza a princípio as moldou, elas apenas se defendem contra os conflitos de um modo natural e ordinário. Os livros menos me serviram de instrução quanto de exercício. Qual conhecimento, tentando nos armar com novas defesas contra as inconveniências naturais, mais imprimiu em nossas fantasias o seu peso e grandeza do que suas sutilezas para deles nos afiançar? São, realmente, sutilezas com que elas freqüentemente nos alarmam com pouco proveito para nós. Apenas observemos o quanto tais argumentos são frívolos e insignificantes e, se examinados de perto, incorpóreos; os mais íntimos e mais sábios autores se espalham em torno de um bom: nada mais são além de idiosincrasias verbais e falácias para nos divertir e ludibriar; mas visto como podem trazer alguma primazia, não mais irei peneirá-los; muitos daquele tipo estão aqui e ali espalhados por este livro, para cima e para baixo, seja por empréstimo ou através de imitação. Então, deve-se dar pouca atenção para não conclamar aquela força que não passa de uma destreza afetada de escrever, aquela consistência que apenas é aguçada ou aquele bem que é somente aprazível:

“Quæ magis gustata quam potata, delectant,”

“Que é mais delicioso na degustação do que estar bêbado” [Cícero]

; nem tudo o que agrada alimenta:

“Ubi non ingenii, sed animi negotium agitur”

“Onde a questão não é sobre a inteligência, mas sobre a alma” [Sêneca].

Veja que dificuldade Sêneca traz a si mesmo para se fortalecer contra a morte; vê-lo assim suar e arquejar para se enrijecer e encorajar, e por tanto tempo alvoroçar-se nesse poleiro, teria minorado sua reputação para comigo, não tivesse por fim se afirmado muito corajosamente. Suas tão ardentes e freqüentes agitações revelam que ele era em si mesmo impetuoso e apaixonado,

“Magnus animus remissius loquitur, et securius...”

Non est alius ingenio, alius ammo color;”

“Uma grande coragem fala com mais calma e mais firmeza. Não há uma compleição para a inteligência e outra para a mente” [Sêneca]

; ele tem de convencer à sua própria custa; e de alguma forma demonstra que era duramente pressionado pelo inimigo. O estilo de Plutarco, porquanto mais desdenhoso e de mais longa extensão é, na minha opinião, um tanto mais varonil e persuasivo: e sou capaz de acreditar que a alma dele era dotada de emoções mais seguras e mais regulares. Quanto mais agudo, espicaçador e incitante o primeiro, mais ele toca a nossa alma; o outro mais usualmente nos consolida, firma, estabelece e apóia, tocando mais a nossa compreensão. No julgamento arrebatador, este vence. Vi igualmente outras obras escritas, até mais reverenciadas que essas, que na representação do conflito mantido contra as tentações da carne, pintam-nas tão impetuosas, poderosas e invencíveis que nós, sendo do rebanho comum, ficamos tão admirados pela estranheza e força desconhecidas da sua tentação quanto ansiosos de resistir a ela.

Para qual finalidade assim nos armamos com essa couraça de ciência? Vamos olhar para baixo, para as pessoas pobres que vemos espalhadas pela face da terra, predispostas e aplicadas em seus negócios, que não sabem de Aristóteles nem de Catão, de exemplos ou de preceitos; destes a natureza diariamente extrai efeitos de constância e paciência, mais puros e varonis do que esses que tão inquisitivamente estudamos nas escolas: quantos ordinariamente observo numa pobreza desprezível? quantos mais desejam morrer, ou morrem sem alarme ou pesar? Aquele que agora está cavando em meu jardim, esta manhã enterrou o pai ou o filho. Os próprios nomes pelos quais chamam as doenças adoçam e abrandam a acrimônia delas: para eles a tísica não é mais que uma tosse, a disenteria apenas um relaxamento, a pleurisia somente uma pontada; e, como assim as nomeiam com suavidade, também as suportam pacientemente; elas são realmente muito grandes e dolorosas quando impedem o seu trabalho normal; eles nunca ficam em suas camas senão ao morrer:

***“Simplex illa et aperta virtus in obscuram et solertem
Scientiam versa est”***

“Aquele virtude simples e evidente é convertida numa ciência obscura e sutil” [Sêneca].

Eu estava escrevendo sobre uma época na qual uma grande carga das nossas dificuldades intestinas durante vários meses deitou sobre mim com todo o seu peso; tive o inimigo a um lado da minha porta e os piratas, inimigos piores, do outro,

“Non armis, sed vitiiis, certatur;”

“A luta não é com braços, mas com vícios” [Sêneca]

e suportei todas as formas de injúria militar de uma só vez:

***“Hostis adest dextra laevaue a parte timendus
Vicinoque malo terret utrumque latus”***

**“À direita e à esquerda um formidável inimigo a ser temido,
ameaçando-me de ambos os lados com perigo iminente” [Ovídio].**

Ó, guerra monstruosa! Outras guerras são conduzidas contra estrangeiros, esta contra nós mesmos, nos destruindo com nosso próprio veneno. É de uma natureza tão maligna e ruínosa que se aniquila com o resto; com sua própria raiva se mutila e se rasga em pedaços. Nós mais freqüentemente as vemos dissolverem-se por si mesmas do que pela escassez de qualquer coisa necessária ou por intermédio do inimigo. Toda disciplina foge disso; ela vem compor a sedição e se enche disso; castigaria a desobediência e é seu exemplo; e para a defesa das leis emprega rebeldes contra elas próprias. Em que situação nos encontramos! Nossa medicina nos deixa doentes!

“Nostre mal s’empoisonne

Du secours qu’on luy donne”.

“Exuperat magis, aegrescitque medendo”

“Nossa doença é envenenada com seus próprios remédios” [Virgílio]

***“Omnia fanda, nefanda, malo permista furore,
Justificam nobis mentem avertere deorum”***

**“Certos e errados, todos são arrastados juntos nessa fúria
perversa, privados da proteção dos deuses” [Catulo].**

No princípio dessa moléstia popular ainda se pode distinguir o sadio do doente; mas quando ela prossegue, como fez a nossa, então o corpo inteiro é infetado, da cabeça aos pés; nenhuma parte fica livre da corrupção, pois não há ambiente que os homens deixem de conspirar sofregamente e isso logo se difunde e penetra tão profundamente como se fosse autorizado. Nossos exércitos apenas subsistem e se mantêm coesos pelo cimento dos estrangeiros; pois só de Franceses nenhum exército permanente e regular é agora constituído. Que vergonha! não há mais nenhuma disciplina senão a que observamos entre soldados mercenários. Quanto a nós mesmos, nossa conduta é a discricão, não a do comandante, mas cada um a sua própria. Com ela o general tem um jogo mais difícil de jogar do que sem ela; ele é quem deve seguir, cortejar seus soldados, encaminhá-los; somente estes têm de obedecer: tudo mais é dissolução e licenciosidade. Agrada-me constatar o quanto de pusilanidade e covardia há na ambição; por quantos meios servis e abjetos se alcança um objetivo; mas desagrada-me ver que as boas e generosas naturezas, aquelas capazes de justiça, são diariamente corrompidas na administração e no comando dessa confusão. A prolongada tolerância gera hábito; o hábito, o consentimento e a imitação. Nós já tínhamos almas mal formadas o bastante, sem deteriorar aquelas que ainda eram boas e generosas; de forma que, se esperarmos, escassamente há de permanecer qualquer uma a quem confiar a saúde deste nosso Estado, caso eventualmente a fortuna o restabeleça:

***“Hunc saltem everso juvenem succurrere seculo,
Ne prohibete”***

**“Não proíba, pelo menos, que este jovem conserte sua
era devastada” [Virgílio] (Montaigne provavelmente se
refere a Henrique, rei de Navarra, depois Henrique IV).**

O que restou do antigo preceito, “que os soldados devem temer mais o seu chefe do que o inimigo?” [Valérius Máximo]; e aquele maravilhoso exemplo em que, sendo um pomar circunvalado dentro dos limites de um acampamento do exército Romano, quando no dia seguinte foi visto o seu deslocamento nas mesmas condições, nem sequer uma maçã fora retirada, embora maduras e deliciosas, mas tudo deixado ao proprietário? Eu poderia desejar que nossos jovens, em vez do tempo desperdiçado em viagens pouco frutíferas e ocupações menos honrosas, concedessem a metade daquele tempo sendo testemunhas oculares de façanhas navais sob algum bom capitão de Rodes e a outra metade observando a disciplina dos exércitos Turcos; porque eles têm muitos diferenciais e vantagens sobre os nossos; uma destas é que nossos soldados ficam mais libertinos nas expedições, os seus mais temperados e circunspectos; pois os roubos e insolências perpetrados sobre as pessoas comuns, pelos quais apenas são punidos a cacetadas em época de paz, são importantes durante a guerra; pois cinqüenta golpes com uma vara é a taxa determinada para o soldado Turco que toma um ovo sem pagar por ele; e por qualquer outra coisa, por mais trivial que seja e se não necessária à alimentação, são agora empalados ou decapitados sem clemência. Na história de Selim, o conquistador mais cruel que já houve, fico assombrado de ver, na ocasião em que subjogou o Egito, estando os lindos jardins à volta de Damasco completamente franqueados numa terra conquistada e tendo o seu exército acampado no mesmo lugar, fossem aqueles deixados intactos pelas mãos dos soldados, porque eles não tinham recebido ordem de pilhagem.

Mas há num governo qualquer doença que custa tanto para a medicina quanto uma droga mortal? [isto é, como a guerra civil]. Não, disse Favônio, nem mesmo a usurpação tirânica de uma Comunidade. Platão, igualmente, não consente que um homem viole a paz do seu país para curá-lo e por nenhum meio aprova uma reforma que perturbaria e arriscaria tudo, sendo comprada ao preço do sangue e da ruína dos cidadãos, determinando que em tal caso é dever de um bom patriota abandoná-lo e somente rezar a Deus por Sua extraordinária assistência: e ele parece zangar-se com seu grande amigo Dion, por ter um pouco depois procedido de maneira diversa. Neste aspecto eu já era um Platônico antes de alguma vez saber que houvera no mundo um homem tal como Platão. E se essa pessoa deve ser absolutamente repelida por nossa sociedade (quem pela sinceridade da sua consciência mereceu do favor divino penetrar tão longe na iluminação Cristã, através da escuridão universal em que no seu tempo o mundo estava envolvido), não penso que nos tornamos sujeitos a ser instruídos por um pagão, cuja maior impiedade é não esperar de Deus qualquer alívio simplesmente próprio dEle e sem a nossa cooperação. Frequentemente duvido se entre tantos homens intrometidos em tais negócios não será encontrado um sequer de tão fraco entendimento para realmente se persuadir que foi para a reforma pela pior das deformações; e avançando para a salvação através das causas mais expressas que temos da mais segura danação; que subvertendo o governo, a magistratura e as leis, nos quais fora colocada a proteção de Deus, desmembrando sua boa mãe e oferecendo esses membros para serem mutilados pelos antigos inimigos dela, enchendo os corações fraternais de ódio parricida, conclamando os demônios e fúrias em sua ajuda, ele pode auxiliar a doçura mais sagrada e a justiça da lei divina. Ambição, avareza, crueldade e vingança não têm suficiente impetuosidade natural própria de si mesmas; vamos seduzi-los com os gloriosos títulos de justiça e devoção. Não há pior estado de coisas a se imaginar do que aquele onde a maldade vem a ser legitimada e usurpa, com a conviência dos magistrados, a capa da virtude:

***“Nihil in speciem fallacius, quam prava religio, ubi deorum
Numen prxtenditur sceleribus”***

**“Nada tem uma face mais enganosa que a falsa religião, onde
a divindade dos deuses é obscurecida pelos crimes” [Tito Lívio].**

A mais extrema forma de injustiça, de acordo com Platão, é onde o injusto é reputado como justo.
Então as pessoas comuns sofrem muito mais e não apenas os danos presentes:

***“Undique totis
Usque adeo turbatur agris,”***

“Tais grandes desordens surpreendem nossos campos por todo lado” [Virgílio]

; mas também no futuro; sofrem os vivos e sofrerão os ainda por nascer; eles se despojam — e consequentemente eu — até mesmo da esperança, levando tudo o que haviam armazenado para se manter vivos por muitos anos:

***“Quae nequeunt secum ferre aut abducere, perdunt;
Et cremat insontes turba scelestas casas...
Muris nulla fides, squalent populatibus agri”***

**“O que não podem conquistar eles estragam; e a turba perversa queima as casas inofensivas; os
muros não podem proteger seus donos e os campos estão esquelidos pela devastação” [Ovídio].**

Além desse choque, sofri outros: supor-tei as inconveniências trazidas pela moderação no desenrolar de tal doença; fui roubado por todos os lados; para os Gibelinos eu era um Guelfo e para os Guelfos um Gibelino; um dos meus poetas expressa isso muito bem, mas não sei onde ele está.

A situação da minha casa e minha amizade com os vizinhos apresentaram-me com uma face; minha vida e minhas atividades com outra. Não foram feitas acusações formais contra mim porque não tinham nenhum fundamento para fazê-lo; jamais escondo minha cabeça das leis e quem me houvesse questionado teria feito maior prejuízo a si mesmo do que a mim; apenas suspeitas mudas foram sussurradas, as quais sempre careceram de consistência em mistura tão confusa, nada além de cabeças invejosas ou desocupadas. Geralmente contribuo para as presunções injuriosas que a fortuna divulga contra mim no estrangeiro, devido a um hábito que sempre tive de evitar me justificar, desculpar ou explicar, concebendo que seja comprometer minha consciência advogar em meu benefício:

“Perspicuitas enim argumentatione elevatur;”

“Pois a perspicuidade é minimizada pela controvérsia”

“(A argumentação tolda a clareza de uma causa)” [Cícero]

; e, como se cada pessoa me visse tão claramente quanto eu me vejo, em vez de rejeitar uma acusação eu me empenharia em encontrá-la e preferivelmente daria alguma espécie de pretexto por uma confissão tão irônica e escarnejadora, se não me sentasse absolutamente calado, como de uma coisa desmerecedora da minha resposta. Mas como encaram o meu tipo de comportamento como muito orgulhoso e confiante, é com pouca amabilidade por mim que interpretam a fraqueza de uma causa indefensável; isto é, os grandes povos, para quem queira sujeitar-se a grandes faltas, severos para toda justiça que conhecem e à qual não se sentem submissos, humildes e suplicantes; freqüentemente bati minha cabeça contra esse pilar. Então, foi assim que isso me sucedeu; um homem ambicioso haveria de enforçar-se e outro cobiçoso teria feito o mesmo. Não tenho o costume de me preocupar em obter vantagem;

***“Si mihi, quod nunc est, etiam minus; et mihi vivam
Quod superest aevi, si quid superesse volent dii:”***

**“Se posso ter o que agora possuo, ou até mesmo menos, e conseguir viver para mim mesmo
o que me resta de vida, se os deuses me concederem alguns anos adicionais” [Horácio]**

; mas as perdas que me acontecem pela injúria de outros, seja por roubo ou violência, chegam quase tão perto do meu coração quanto do homem mais avarento. As ofensas me aborrecem incomparavelmente mais que as perdas. Mil variados tipos de injúria caíram sobre o meu pescoço, uma após outra; eu poderia mais alegremente suportá-las todas de uma só vez.

Já estava ponderando a quem, entre os meus amigos, poderia confiar uma necessitada e desacreditada velhice; e tendo girado meus olhos num círculo completo, vi-me desamparado. Para alguém suportar um baque, e de tão grande altura, ele deveria estar nos braços de um sólida, vigorosa e afortunada amizade: estas são muito raras, se alguma houver. Afinal, percebi que era mais seguro depender de mim mesmo em tal necessidade; e se devesse assim resultar, que haveria de estar em condições mais indiferentes no beneplácito da fortuna, devendo tanto mais urgentemente recomendar-me, apegar-me e olhar ainda mais de perto para mim mesmo. Em todas as ocasiões os homens se voltam para a assistência estrangeira, poupando a sua própria, que só é certa e suficiente àquele que sabe como se armar imediatamente. Cada um corre alhures, e para o futuro, visto como ninguém o alcança. Eu estava satisfeito porque aquelas inconveniências eram proveitosas; visto como, em primeiro lugar, os maus estudantes serão admoestados com a vara quando a razão não o fizer, assim como um pedaço de madeira curvo é repuxado e reduzido à retidão pelo fogo. Tenho há muito tempo me exortado a aderir mais de perto aos meus próprios interesses e apartar-me dos negócios alheios; contudo, ainda estou desviando meus olhos. Um cumprimento, uma palavra favorável, o olhar amistoso de um grande personagem me seduz; Deus sabe como nestes dias são escassos e o que eles significam. Além disso, sem enrugando minha testa, ouço atentamente as persuasões que me oferecem para arrastar-me à esfera de competição de valores e idéias, e nobremente as rejeito, como se estivesse em parte disposto a ser sobrepujado. Para um espírito tão indócil são necessários alguns golpes; esse recipiente que assim racha e quebra, estando pronto a deixar cair um ou outro pedaço, deve ter os seus aros reforçados por uns bons golpes de um malho. Em segundo lugar, esse acidente serviu de exercício preparando-me para o pior; se eu, pelo benefício da fortuna e pela condição das minhas maneiras, esperava estar entre os últimos, sobreviria necessariamente ser um dos primeiros que essa tempestade assaltaria: em breve aprendi a restringir minha vida e ajustá-la à nova situação. A verdadeira liberdade é ser o homem capaz de fazer o que deseja consigo mesmo:

“Potentissimus est, qui se habet in potestate”

“Ele é mais poderoso que seu próprio mestre” [Sêneca].

Num tempo ordinário e tranqüilo o homem se prepara para acidentes comuns e moderados; mas na confusão em que estivemos durante estes últimos trinta anos, cada Francês, individualmente ou no geral, viram-se constantemente a ponto de total ruína e subversão de sua fortuna; portanto mais devia ter sua coragem abastecida com as mais enérgicas e vigorosas providências. Agradecemos à fortuna que não nos fez viver numa época langorosa, afeminada e ociosa; alguns que nunca poderiam ter sido assim através de outros meios ficarão famosos pelos seus infortúnios. Como escassamente pude ler as histórias das confusões de outros estados sem deplorar que não as presenciasse, para melhor avaliá-las, assim a minha curiosidade de certo modo me deixa satisfeito por testemunhar com meus próprios olhos esse notável espetáculo de nossa decadência pública, suas formas e sintomas; e desde que não o posso impedir, fico contente por ser destinado a estar presente e assim me instruir. É assim que desejamos avidamente observar – embora apenas nas sombras das fábulas teatrais – a pompa das trágicas representações da fortuna humana; não é sem compaixão que ouvimos, senão que nos deleitamos em despertar o nosso desgosto pela raridade desses eventos lastimáveis. Nada estimula o que não belisca. E os bons historiadores saltam por cima, como a água estagnada e o mar inerte: tranqüilas narrativas, para voltar às sedições e guerras, às quais eles sabem que nós os convidamos.

Eu pergunto se posso decentemente confessar, com pequeno sacrifício de repouso e tranqüilidade, que passei mais da metade da minha vida entre as ruínas do meu país. Empristo a minha paciência um pouco barato demais, em acidentes que não me assaltam privadamente; e não dou tanta atenção ao que eles levam de mim quanto ao que permanece em segurança, dentro e fora. Há consolos em evadir-se: um enquanto isso, outro porque, conquanto os males também sejam dirigidos contra nós mesmos, afinal, no momento só ferem outros perto de nós; assim também, nos assuntos de interesse público, quanto mais universalmente meu afeto esteja espalhado, mais fraco ele será: ao qual se pode adicionar, o que é meia verdade:

***“Tantum ex publicis malis sentimus,
Quantum ad privatas res pertinet;”***

**“Somos tão pouco sensíveis dos males públicos quanto
eles a respeito dos nossos negócios privados” [Tito Lívio]**

; e a saúde da qual decaímos estava tão enferma que alivia o pesar que deveríamos sentir por ela. Era saúde, mas apenas em comparação com a doença que a sucedeu: nós não caímos de qualquer grande altura; a corrupção e o banditismo que estão nas dignidades e nos cargos públicos me parecem menos suportáveis: somos menos injuriosamente roubados numa floresta

do que num lugar de segurança. Era uma conjuntura universal de membros particulares, cada um corrompido pela emulação dos outros e a maioria deles com úlceras antigas, que não receberam nem requereram qualquer tratamento. Essa convulsão, portanto, realmente mais me animou do que me pressionou, com a ajuda da minha consciência, que estava não somente em paz consigo mesma mas elevada, e não pude achar qualquer razão para censurar-me. Também, como Deus nunca envia os males aos homens, senão bens absolutamente puros, naquele momento minha saúde continuou mais do que normalmente boa; e, como nada posso fazer sem ela, há poucas coisas que não posso fazer com ela. Predispos-me a empregar os recursos para despertar todas as minhas faculdades e colocar a minha mão diante da ferida além dessa, mas talvez tenha ido longe demais; e experimentei, em minha paciência, que algumas vezes me coloquei contra a fortuna, e que haveria de ser um grande choque o que poderia me jogar fora da sela. Não digo isto para provocá-la a dar-me um encargo mais oneroso: sou seu humilde criado e me submeto ao que a ela aprovar; estimo que esteja satisfeita, em nome de Deus. Sou sensível às agressões dela? Sim, eu sou. Mas, assim como sofrem aqueles que ocasionalmente são possuídos e oprimidos pela tristeza, não obstante, em intervalos provam um pouco prazer e às vezes ficam surpresos com um sorriso, assim tenho tanto poder sobre mim quanto podem proporcionar a minha situação ordinariamente calma e livre de pensamentos perturbadores; contudo eu, além disso, vou aos trancos e barrancos sendo surpreendido pelas ferroadas daquelas idéias desagradáveis que me assaltam, ainda que esteja me equipando para afugentá-las ou pelo menos lutar com elas.

Mas vejo outro agravamento do mal que me aconteceu na rabeira do restante: tanto minhas portas quanto o interior foram assaltados com impetuosa ferocidade, mais violenta em comparação a todas as outras; pois assim como os corpos sadios estão sujeitos às mais dolorosas moléstias, visto que não são coagidos senão por elas, assim meu ambiente é muito saudável, onde na lembrança do homem não houve contágio (porém dele se aproxima), o qual sempre teve fundamento, chegando a ser corrompido e produzindo estranhos efeitos:

***“Mista senum et juvenum densentur funera; nullum
Saeva caput Proserpina fugit;”***

“Velhos e jovens morrem em monturos promíscuos. A cruel Prosérpina nada reprime” [Horácio].

Tive de me submeter a essa condição desagradável, da visão de minha casa, que era assustadora para mim; tudo o que eu tinha estava sem resguardo e deixado à mercê de qualquer um que desejasse levá-lo. Eu, que sou tão hospitaleiro, estava numa angústia muito grande pelo afastamento da minha família; uma família perturbada, amedrontada por seus amigos e por si mesma, cheia de horror em todo lugar onde tentou se estabelecer, tendo de mudar seu domicílio tão logo o dedo de alguém começasse a doer; então chega-se à conclusão que todas as doenças são a peste e as pessoas não ficam para constatar se é assim ou não. E o prejuízo não está, de acordo com as regras da arte, restrito a cada perigo que se aproxima de um homem; ele deve padecer uma quarentena, apreensivo com o mal, sua imaginação o tempo todo atormentando o seu prazer, transformando até mesmo sua própria saúde em uma febre. Isso tudo teria me afetado muito menos se além disso eu não fosse compelido a me sensibilizar pelo sofrimento de outros e miseravelmente servir durante seis meses como guia para essa caravana; porque levo meus próprios antídotos dentro de mim, que são a resolução e a paciência. A apreensão — que é particularmente temida nesta doença — não me incomoda muito; e, se estivesse sozinho, seria levado, teria sido uma partida menos triste e mais remota; essa é uma espécie de morte que não penso ser a pior; geralmente ela é breve, estúpida, indolor e confortada pela condição pública; sem cerimônia, sem lamentação, sem uma multidão. Contudo, para as pessoas acima de nós, nem sua centésima parte pode ser poupada:

***“Videas desertaque regna
Pastorum, et longe saltus lateque vacantes”***

“Você veria os apriscos abandonados e em toda a volta os pastos vazios” [Virgílio].

Neste lugar minha maior renda é manual: o que cem homens araram para mim, permaneceu por muito tempo alqueivado.

Entretanto, que exemplo de resolução não vimos na simplicidade de todas essas pessoas? No geral, cada uma renunciou a todos os cuidados da existência; as uvas, principal riqueza do país, permaneciam intactas nas videiras; cada homem indiferentemente preparou-se e esperou a morte, nesta noite ou amanhã, com voz e semblante distantes do medo, como se tivessem chegado a termo com essa necessidade, achando que se tratava de uma sentença universal e inevitável. É sempre assim; mas quão escassamente conseguem defender a resolução de morrer? A distância e a diferença de poucas horas, a exclusiva deliberação da companhia, deixam preocupados muitos de nós. Observe essas pessoas; em razão de que no mesmo mês morrem crianças, pessoas jovens e velhas, elas não mais se surpreendem, já não lamentam. Vi algumas que tinham receio de ficar para trás, como numa terrível solidão; e geralmente não observei nenhuma outra solicitude entre elas senão pelo sepultamento; ficavam aborrecidas vendo os corpos mortos espalhados pelos campos, à discrição das bestas selvagens que agora lá se agrupavam. Como são discrepantes os caprichos dos homens; os Neorites, uma nação subjugada por Alexandre, lançavam os corpos dos seus mortos na parte mais profunda e menos freqüentada dos seus bosques, com o propósito de que lá fossem comidos: a única sepultura entre eles reputada feliz. Alguns, que ainda estavam com saúde, cavavam as próprias sepulturas; outros eram nelas inumados ainda vivos; e um trabalhador das minas, agonizante, com suas mãos e pés puxou a terra para si. Não seria isto para se aconchegar e resolver-se dormir com maior facilidade? Uma bravura de alguma forma similar à dos soldados Romanos que, depois da batalha de Canas, foram encontrados com as cabeças enfiadas em buracos na terra, que eles mesmos haviam cavado com as próprias mãos, e puxado a terra sobre seus ouvidos, asfixiando-se. Em resumo, uma província inteira fora, pela prática geral, imediatamente trazida a um curso nada inferior em intrepidez às mais estudadas e premeditadas resoluções.

A maioria das instruções da ciência para nisto nos encorajar têm em si mais de espetáculo do que de força, mais de ornamento do que efeito. Nós abandonamos a Natureza e queremos que ela nos oriente no que fazer; que nos ensine o quão feliz e seguramente podemos nos conduzir; e enquanto isso, dos passos das suas instruções e daquele pouco que, pelo benefício da

ignorância, resta da sua imagem imprimida nas vidas dessa turba rústica de homens grosseiros, a ciência a cada dia é constrangida a pedir emprestados padrões de constância, tranquilidade e inocência para os seus discípulos. É bonito ver que essas pessoas, cheias de tantos conhecimentos refinados, têm de imitar essa simplicidade tola — e isso nas ações primárias da virtude; e que nossa sabedoria deve aprender até mesmo das bestas a maioria das instruções mais proveitosas e a maior parte das coisas que necessariamente concernem à nossa vida: como desejamos viver e morrer, administrar nossas propriedades, amar e educar nossos filhos, preservar a justiça; um singular testemunho da debilidade humana; e que esta razão nós controlamos à nossa vontade, encontrando sempre um pouco de diversidade e novidade, não deixando em nós nenhum aparente traço da natureza. Os homens fizeram com a natureza como os perfumadores com os óleos; eles a têm sofisticado com tantas argumentações e discursos afetados que ela se torna variável e específica para cada um, perdendo sua própria face, constante e universal; de forma que devemos buscar o testemunho dos animais, não sujeitos a favoritismo, corrupção ou diversidade de opinião. É realmente verdade que nem mesmo estes seguem sempre exatamente o caminho da natureza, mas o que desviam é tão pouco que você usualmente pode ver as pegadas; como cavalos que são levados dão muitos saltos e pinotes, mas sempre no limite da extensão do cabresto e ainda seguindo quem os conduz; e como o jovem falcão agarra os objetos em seu vôo, mas ainda restrito ao comprimento da sua corda:

“Exsilia, tormentis, bells, morbos, naufragia meditare...

Ut nullo sis malo tiro”

“Para meditar em banimentos, torturas, guerras, doenças e naufrágios é que tu não podes ser um novato em qualquer desastre” [Sêneca].

Que benefício ensinará essa curiosidade, antecipando-se a todas as inconveniências da natureza humana para com tantas dificuldades nos preparar contra coisas que, talvez, nunca nos ocorrerão?

“Parem passis tristitiam facit, pati posse;”

“Ela aborrece os homens tanto quanto eles poderiam talvez sofrer, como se realmente sofressem” [Idem]

; não apenas a rajada, mas o sopro do vento nos golpeia: ou como as pessoas exaltadas, pois é certamente um frenesi imediatamente avançar e chicotear-se, porque pode resultar que a fortuna algum dia o faça sofrer assim; é como vestir o seu traje peludo no solstício de verão, porque você sentirá falta dele no Natal! Atirem-se, eles dizem, na experiência de todos os males, os males mais extremos que podem possivelmente suceder e deles se assegurem. Por outro lado, o caminho mais fácil e mais natural seria banir até mesmo os seus pensamentos; eles não virão rápido o bastante; sua verdadeira essência não continuará conosco por muito tempo; nossa mente tem de alongá-los e distendê-los; devemos antes incorporá-los em nós e então entretê-los, caso contrário eles não irão pressionar suficientemente nenhum dos nossos sentidos. “Quando eles chegarem nós os acharemos bastante pesados”, diz um de nossos mestres, não das seitas delicadas, mas das mais severas; “enquanto isso, favoreça a ti mesmo; creia no que mais te agrada; que a boa vontade te faça antecipar tua má fortuna, perder o presente por temer o futuro: e fazer-te agora miserável, porque tu és para um tempo futuro?” Estas são as palavras dele. Realmente, a ciência nos faz um bom ofício instruindo-nos exatamente sobre as dimensões dos males,

“Curis acuens mortalia corda!”

“Sondando com atenção os corações mortais” [Virgílio].

A piedade que participa da sua grandeza deveria escapar de nossos sentidos e conhecimento.

É certo que na maior parte das vezes a preparação para a morte é administrada com mais tormento do que a própria coisa em si. É uma antiga verdade, e pronunciada por um autor muito judicioso:

“Minus afficit sensus fatigatio, quam cogitatio”

“O sofrimento aflige menos os sentidos do que a apreensão de sofrer” [Quintiliano].

A sensação de morte presente às vezes por si mesma nos anima com uma pronta resolução, mas não para nos esquivar de uma coisa que é totalmente inevitável: nos tempos antigos foram vistos muitos gladiadores que, depois de haverem lutado tímida e impropriamente, receberam a morte com valentia, oferecendo suas gargantas às espadas dos adversários e convidando-os a despachá-los. A visão da morte futura requer uma coragem que é lenta e conseqüentemente difícil de se adquirir. Se você não souber morrer, jamais se aborreça; a natureza irá, na ocasião, instruí-lo completa e suficientemente: ela fará aquilo exatamente por você; não precisa se preocupar:

“Incertam frustra, mortales, funeris horam,

Quaeritis et qua sit mors aditura via...

Poena minor certam subito perferre ruinam;

Quod timeas, gravius sustinuisse diu”

“Ó mortais, vocês em vão buscam saber a hora incerta da morte e o meio de descobri-la” [Propércio]. “É menos doloroso sofrer uma súbita destruição; difícil é suportar aquilo que por muito tempo o atemoriza” [autor incerto].

Nós perturbamos a vida pela preocupação com a morte e a morte pelo cuidado da vida: uma nos atormenta, a outra nos amedronta. Não é contra a morte que nos preparamos, ela é uma coisa muito momentânea; um quarto de hora de sofrimento, sem conseqüência e sem dano, não merece preceitos especiais: para dizer a verdade, nós nos preparamos contra as preparações da morte. A Filosofia determina que devemos sempre ter a morte diante dos nossos olhos, para observá-la e considerá-la antes do momento, e então nos dá regras e disposições para assegurar que essa previsão e pensamento não nos fazem nenhum mal; assim fazem os médicos que nos lançam em doenças com a finalidade de poderem ter sobre o que empregar suas drogas e sua arte. Se não sabemos viver, é uma injustiça nos ensinar a morrer, fazendo o fim divergir de todo o resto; se soubermos viver com

firmeza e tranqüilidade, também saberemos tão bem como morrer. Eles podem jactar-se o quanto lhes agrade:

“Tota philosophorum vita commentatio mortis est;”

“A vida inteira dos filósofos é de meditação sobre a morte” [Cícero]

; mas imagino que, embora esteja no fim, ela não é o propósito da vida; este é seu término, sua extremidade, contudo não é o seu objetivo; ela deve ter em si mesma o seu propósito e desígnio; sua verdadeira matéria é ordenar, governar e se submeter. Entre os diversos outros ofícios cujo título geral e principal compreende o *Saber viver*, há esse artigo de *Saber morrer*; e, não levando em conta o peso que nossos temores lhe atribuem, também um dos mais triviais.

Julgando pela utilidade e pela verdade nua, as lições de simplicidade não são muito inferiores àquelas que a sabedoria nos ensina: não, muito pelo contrário. Os homens diferem em força e sentimentos; para o seu próprio bem nós temos de conduzi-los de acordo com suas capacidades e pelos meios apropriados:

“Quo me comque rapit tempestas, deferor hospes”

“Onde quer que a estação me leve (para onde a tempestade me conduza), lá serei carregado como um convidado” [Horácio].

Nunca vi qualquer camponês entre meus vizinhos cogitar com que semblante e segurança deveria ignorar sua última hora; a natureza os ensina a não pensar na morte até que ela esteja se aproximando; e então ele faz isso com uma graça melhor do que Aristóteles, a quem morte pressiona com um duplo peso: o seu próprio e o de tão prolongada premeditação; César tinha a opinião de que a morte menos premeditada era a mais fácil e a mais feliz:

“Plus dolet quam necesse est, qui ante dolet, quam necesse est”

“Aflige-se mais do que o necessário quem se aflige antes que seja necessário” [Sêneca].

A perspicácia dessa idéia salta da nossa curiosidade: é assim que sempre nos impedimos, desejando nos antecipar e regular as prescrições naturais. É somente para os doutores jantarem pior por isso, quando na melhor saúde, e carranquear à imagem de morte; o tipo comum não carece de nenhum remédio ou consolo mas apenas do choque, e quando o golpe vem; e não o considera mais justo do que os outros que eles suportam. Não é então, como dizemos, que a impassibilidade e desejo de apreensão do vulgo lhes dá paciência quanto aos males presentes e aquele profundo descuido pelos futuros acidentes sinistros? Que suas almas, sendo mais grosseiras e entorpecidas, são menos permeáveis e não tão facilmente comovidas? Se assim é, em nome de Deus, daqui em diante nada mais nos ensinem além da ignorância; este é o extremo fruto que as ciências nos prometem, ao qual essa indiferença tão suavemente conduz seus discípulos.

Nós não temos nenhuma carência de bons mestres, intérpretes da natural simplicidade. Sócrates foi um deles; pois, como me lembro, ele diz algo com esse propósito aos juízes que decidiram sobre sua vida e morte [o que segue é tirado da *Apologia de Sócrates*, de Platão].

“Tenho medo, meus mestres, que se lhes pedir para não me condenarem à morte, confirmarei a exortação dos meus acusadores, os quais suponho que sejam mais espertos que outros, tendo o mais secreto conhecimento de coisas que estão acima e abaixo de nós. Não freqüentei a morte conhecida, nem soube jamais de alguma pessoa que tenha experimentado as suas qualidades, com quem me informar. Como a temem, pressupõem conhecê-la; eu, de minha parte, não sei nem o que ela é, nem o que fazem no outro mundo. A morte é, talvez, uma coisa indiferente; talvez, uma coisa a ser desejada. Isso não obstante será de se acreditar: que é uma transmigração de um lugar para outro, uma melhoria da condição da pessoa daqui partir e viver com tantas grandes pessoas que morreram, e se isentar de ter qualquer relação adicional com juízes injustos e corruptos; se é uma aniquilação do nosso ser, ainda é um aperfeiçoamento da situação da pessoa penetrar numa longa e pacífica noite; nada de mais doce encontramos na vida do que um repouso tranqüilo num sono profundo e sem sonhos. As coisas que reconheço serem más, como injuriar um vizinho ou desobedecer alguém superior, seja Deus ou homem, evito cuidadosamente; caso não saiba se são boas ou más, não posso temê-las. Se estou para morrer e deixá-los vivos, somente os deuses sabem se é melhor para vocês ou para mim. Portanto, no que me concerne, vocês podem fazer o que julgarem adequado. Mas, conforme o meu método de aconselhar apenas as coisas justas e proveitosas, digo que vocês agiriam com mais retidão em suas consciências concedendo-me a liberdade, a menos que possam ver a minha causa além do que eu consigo; e, julgando por minhas ações passadas, públicas e privadas, de acordo com as minhas intenções e em conformidade com a vantagem que tantos dos nossos cidadãos, jovens e velhos, diariamente extraíam da minha conversação, bem como o fruto que todos colhem de mim, vocês não podem mais apropriadamente recompensar o meu mérito senão ordenando que, em vista da minha pobreza, eu seja mantido no Pritaneu, à custa do público, uma coisa que freqüentemente tenho visto — e com menos razão — ser concedida a outros. Não me imputem obstinação ou desdém porque não tento, de acordo com o costume, suplicar e procurar movê-los à comiseração. Eu tenho amigos e família; não fui, como diz Homero, gerado de madeira ou de pedra, não mais que outros, que bem poderiam se apresentar diante de vocês com lágrimas e lamentações; e eu tenho três crianças desoladas com as quais promover a compaixão; mas seria humilhar-me à nossa cidade, na idade em que estou, e da reputação de sabedoria que agora é investida contra mim, se me exibisse de forma tão abjeta. O que os homens diriam dos outros Atenienses? Sempre adverti aqueles que freqüentavam as minhas conferências para não resgatarem suas vidas por meio de uma ação imprópria; e nas guerras do meu país, em Anfípolis, Potidéia, Délia e outras expedições de que participei, tenho efetivamente manifestado o quão distante estava de afiançar a minha segurança através de um ato vergonhoso. Eu haveria, além disso, de comprometer as suas atribuições se os convidasse a coisas impróprias; pois não são as minhas orações que devem persuadi-los, mas apenas as mais puras e sólidas razões de justiça. Cada um de vocês jurou aos deuses manter-se íntegro, portanto pareceria suspeito para mim, ou recriminador para vocês, se eu não acreditasse que assim fossem; seria testemunhar contra mim se não os reputasse como devo, desconfiando da sua conduta e não meramente consignando os meus interesses às suas mãos. Tenho absoluta confiança neles e me mantenho seguro de que desejarão fazer o que for mais conveniente, tanto para vocês quanto para mim:

os bons homens, estejam vivos ou mortos, não têm motivo algum para temer os deuses”.

Não é tal apelo de uma inocência infantil, inimaginável, verdadeira, franca, justa e incomparável imponência? e em que necessidade foi empregado! Realmente, teve muito boas razões para preferir isso diante do que o grande orador Lísias havia escrito contra ele: na verdade, admiravelmente expresso no estilo judiciário, embora indigno de tão nobre criminoso. Uma voz suplicante fora ouvida da boca de Sócrates, cuja elevada virtude havia sido golpeada na plenitude de sua glória; e deve sua rica e poderosa natureza confiar sua defesa ao artifício, e, em sua demonstração mais importante, renunciar à verdade e à simplicidade, aos ornamentos da sua retórica, para embelezar e enfeitar com os requintes de floreios e os adornos de uma fala premeditada? Ele agiu com muita sabedoria e se fez estimado por não perverter o caráter de uma vida incorrupta e uma imagem tão sagrada da disposição humana, esticando sua decrepitude outro ano e traindo a memória imortal daquele fim glorioso. Ele não consagrou sua vida a si mesmo, mas para exemplo do mundo; não teria sido uma perda para o público se ele a tivesse concluído depois, de uma forma obscura e ociosa? Seguramente, aquela descuidada e indiferente ponderação sobre a sua morte merecia que a posteridade a considerasse tanto mais, como realmente aconteceu; e não há nada tão absoluto na justiça que a fortuna ordenou para a sua recomendação; pois os Atenienses abominavam todos os que haviam sido causadores da morte dele, e em tal medida que as evitavam como pessoas excomungadas, vendo como poluídas aquelas que por eles eram tocadas; ninguém se lavava com eles nos banhos públicos, ninguém os saudava ou se encontrava privadamente com eles: de forma que, afinal, incapazes de suportar esse ódio público por mais tempo, enforcaram-se.

Se alguém achar que, entre tantos outros exemplos que para meu presente propósito podia selecionar das declarações de Sócrates, fiz má escolha deste, e julgar esse discurso abaixo das suas concepções elevadas, devo lhes dizer que selecionei corretamente; porque sou de outra opinião e mantenho ser este um discurso, em grau e simplicidade, muito abaixo e atrás das concepções comuns. Ele representa, com coragem não dissimulada e segurança infantil, a primeira e genuína impressão e a ignorância da natureza; pois é de se acreditar que naturalmente temos medo da dor, mas não da morte, em razão de si mesma; esta é uma parte de nosso ser e em nada menos essencial que a própria vida.

Com que finalidade a natureza haveria de procriar o ódio e o horror em nós, visto que ela é de tão grande utilidade para manter a sucessão e a vicissitude dos seus trabalhos? e o quê, nesta república universal, mais conduz ao nascimento e ao crescimento do que à perda ou à ruína?

“Sic rerum summa novatur”.

“Mille animas una necata dedit”

“A extinção de uma vida é a passagem para mil outras vidas”.

A natureza imprimiu nos animais o cuidado de si mesmos e da sua conservação; eles prosseguem até onde as piores pancadas ou dores podem intimidá-los; podemos capturá-los e agredi-los — são acidentados sujeitos aos seus sentidos e experiência; mas que devêssemos matá-los, isso eles não podem temer, nem têm a faculdade para imaginar e concluir coisa tal como a morte; diz-se, realmente, que nós não os vemos senão alegremente submeter-se, os cavalos que em sua maior parte relincham e os cisnes que cantam quando morrem, mas, além disso, buscam a necessidade, da qual os elefantes forneceram muitos exemplos.

Além disso, o método de argüição, do qual Sócrates aqui faz uso, não é tão admirável em simplicidade quanto em veemência? A bem da verdade, é muito mais fácil falar como Aristóteles e viver como César do que falar e viver como Sócrates fazia; ali reside o mais extremo grau de perfeição e dificuldade, que a arte não pode alcançar. Agora as nossas faculdades não são assim tão treinadas; não nos testamos, não nos conhecemos; nos deixamos envolver como esses outros e permanecemos na ociosidade; como alguém pode dizer de mim, aqui só tenho arranjado um buquê de flores estrangeiras, não tendo nada fornecido de meu próprio senão a linha para amarrá-las.

Certamente tenho concedido muito à opinião pública para que esses ornamentos de empréstimo me acompanhem; mas não quero insinuar que eles hão de me cobrir e ocultar; isso é totalmente contrário ao meu desígnio, pois nada mais desejo exibir além do que é meu próprio e de minha própria natureza; e seguindo meu conselho pessoal, tenho corrido todos os riscos discursando inteiramente só, e a cada dia mais me oprimo, além do meu propósito e do método primitivo, por conta da preguiça e do humor da velhice. Se isto for inconveniente para mim, como acredito que seja, não é importante: pode ser de utilidade para outros. Há quem cite Platão e Homero sem jamais ter visto qualquer um dos dois; eu também retirei coisas de lugares bastante distantes de suas fontes. Sem dores e sem erudição, tendo mil volumes acima de mim no lugar onde escrevo, posso agora pedir emprestado, se me agradar, uma dúzia de tais fragmentos colecionados, pessoas com quem não me importo muito, através das quais enfeitar este tratado de Fisionomia; de nada mais preciso além da epístola preliminar de um Alemão para me encher de citações. E é assim que penetramos no questionamento de uma história estimulante para iludir o mundo dos tolos. Estes acumulam pilhas de lugares-comuns, muitos deles possivelmente fornecidos pelos seus estudos, que são de escasso uso senão para assuntos triviais e servem para nos entreter, não nos dirigir: o ridículo fruto da erudição, que tão agradavelmente Sócrates debate contra Eutidemo. Vi livros feitos de coisas que nunca foram estudadas ou compreendidas: o autor confia a alguns amigos instruídos o exame daquilo e a outros a matéria a compilar, contentando-se, por sua parte, em ter elaborado o projeto e pela indústria de haver amarrado esse feixe de provisões desconhecidas; a tinta e o papel, pelo menos, são dele. Isso é comprar ou pedir emprestado um livro, não fazer um; não é demonstrar aos homens que ele pode fazer um livro, mas fazê-los duvidar que ele seja capaz de escrever um. Um presidente, onde eu estava, gabava-se de haver acumulado duzentas trivialidades bizarras em um dos seus julgamentos; contando o caso, ele se privava da glória que tinha angariado com isso: na minha opinião, uma presunção covarde e absurda para tal assunto e tal pessoa. Eu faço o contrário e, entre tantas coisas emprestadas, fico satisfeito se posso furta uma, enquanto a disfarço e altero para alguma ocupação nova; ao perigo de ser dito que isso é carência de entendimento do seu uso natural, dou-lhe algum toque particular de minha própria mão, com a finalidade de que não pareça tão absolutamente estrangeiro. Aqueles assentaram seus roubos em exibição e neles se valorizam,

e assim têm mais crédito com as leis do que eu: nós, naturalistas, penso que temos uma grande e incomparável preferência na distinção entre a invenção e a alegação.

Se eu tivesse falado por erudição, teria falado antes; haveria escrito num momento mais próximo dos meus estudos, quando tinha mais inteligência e melhor memória, e deveria ter confiado isto mais cedo ao vigor daquela idade, ensejando do escrever constituir um negócio. E esse gracioso benefício [o encontro dele com *Mademoiselle de Gournay*], que a fortuna recentemente me proporcionou por conta deste trabalho, teria ocorrido naquela época da minha vida, não agora, quando é igualmente desejável possuir e logo ser perdido! Dois conhecidos meus, grandes homens nesta habilidade, têm, na minha opinião, perdido metade, recusando-se a publicar aos quarenta anos de idade o que poderiam esperar até os sessenta. A maturidade tem os seus defeitos, bem como os verdes anos, e alguns ainda piores; para este tipo de atividade a velhice é tão imprópria quanto qualquer outra idade. Quem confia sua decrepitude à imprensa banca o bobo se pensa dela extorquir qualquer coisa que não saiba a devaneio, disparate e desvario; com o envelhecimento a mente se torna constipada e obtusa. Assumo a minha ignorância com pompa e circunstância, declaro magra e pobrementemente a minha aprendizagem; que é antes acidental e acessória do que principal e expressa; e escrevo especificamente nada mais que nada, nem sobre qualquer ciência senão daquela insciência. Escolhi um período quando minha vida, da qual estou dando conta, jaz completamente diante de mim; o que resta tem mais a ver com a morte; e quanto à minha própria morte, se nela devesse encontrar motivo de tagarelice, como outros fazem, de boa vontade faria um relato da minha partida.

Sócrates foi um perfeito exemplar de todas as grandes qualidades e fico vexado de que ele tivesse a face e corpo tão deformados como se diz, e tão inadequados à graça da sua alma, sendo ele tão amoroso admirador da beleza: a natureza fez-lhe uma injustiça. Não há nada mais provável que a conformidade e a relação do corpo para a alma:

“Ipsi animi magni refert, quali in corpore locati sint: multo

Enim a corpore existunt, quæ acuant mentem: multa qua obtundant;”

“É de grande conseqüência que as mentes e os corpos sejam dispostos, pois muitas coisas saltando do corpo podem aguçar a mente e muitas podem cegá-la” [Cícero]

; isso alude à feiúra antinatural e deformidade de membros; mas nós também chamamos de feiúra uma impropriedade que à primeira vista se hospeda principalmente na face: pela compleição, uma mancha, um semblante rude, amiúde por algumas razões completamente inexplicáveis, em membros não obstante perfeitos e de boa simetria. A deformidade que revestiu a alma muito bonita de La Boétie era deste predicamento: aquela feiúra superficial, que não obstante é sempre mais imperiosa e de menor prejuízo ao estado da mente, e de pouca certeza na opinião dos homens. Aquela outra, que nunca é corretamente chamada deformidade, sendo mais significativa, golpeia mais profundamente. Nem todo sapato é de couro liso e lustroso, mas todo sapato bem feito exhibe a forma do pé no interior. Como Sócrates disse, a sua traia igual feiúra de alma, a qual não fora corrigida pela educação; mas dizendo assim, asseguro que ele estava gracejando, como era seu costume; nunca uma alma tão excelente foi criada.

Não posso freqüentemente o bastante repetir quão grande estima tenho pela beleza, que qualidade potente e vantajosa; ele (La Boétie) chamava a isso de “uma breve tirania” e Platão “o privilégio da natureza”. Nada temos que a exceda em reputação; ela tem o primeiro lugar no comércio de homens; apresenta-se na frente; seduz e predispõe nossos julgamentos com grande autoridade e maravilhosa impressão. Frinéia teria perdido a sua causa nas mãos de um excelente defensor se, abrindo seu manto, não tivesse corrompido os juízes pelo brilho da sua beleza. E acho que Ciro, Alexandre e César, os três mestres do mundo, nunca negligenciaram a beleza nos seus maiores negócios; mas nenhum deles fez mais que o primeiro Cipião. A mesma palavra Grega significa *belo* e *bom*; e a Palavra Santa freqüentemente diz *bem* quando quer dizer *bonito*: eu de boa vontade deveria conservar a prioridade das coisas boas, de acordo com a canção onde Platão intitula uma coisa ociosa, tirada de algum poeta antigo: “saúde, beleza, riquezas”. Aristóteles diz que o direito de comando compete ao mais bonito; e que, quando houver uma pessoa cuja beleza se aproxima das imagens dos deuses, igual reverência é a ela devida. Perguntaram-lhe porque quase todos nós e por muito mais tempo freqüentamos a companhia das pessoas bonitas: “tal pergunta”, ele respondeu, “só deve ser feita pelo cego”. A maioria dos filósofos, e o maior deles, pagaram por sua instrução e adquiriram sabedoria através das boas graças e mediação da sua beleza. Não somente nos homens que me servem, mas também nos animais, considero que isso toca a ambos com largueza de bondade.

E ainda imagino que essas feições, modelos de face e características pelos quais os homens adivinham nossa compleição interna e nossa sorte futura, são coisas que não devem ser muito direta e simplesmente deixadas sob o título de beleza ou deformidade, não mais que todo bom odor e aspecto sereno promete saúde, nem toda bruma e infecção fétida implica num período de pestilência. Como a acusação de que as mulheres contradizem a sua beleza pelos seus costumes nem sempre é correta; pois em uma face na qual não há nada de melhor, pode ainda residir certo ar de probidade e confiança; pelo contrário, li que entre dois olhos bonitos, espreita uma natureza perigosa e maligna. Há fisionomias favoráveis, de forma que em uma multidão de inimigos vitoriosos num instante você escolherá, entre homens que nunca viu antes, um em lugar de outro a quem se render e a quem confiar sua vida; e ainda assim, não exatamente por conta da beleza.

O olhar de uma pessoa é apenas uma débil garantia; mas ainda também é algo muito considerável; se eu tivesse de castigá-los, açoitaria mais severamente o perverso que se desmente e trai as promessas que natureza implantou em suas testas; com maior rigor haveria de punir a malícia sob uma aparência moderada e suave. Parece como se existissem algumas faces afortunadas e algumas faces desventuradas; e creio que há um pouco de arte na distinção entre as faces afáveis e as meramente simplórias, as severas e as rudes, as maliciosas e as pensativas, as desdenhosas e as melancólicas, e outras qualidades fronteiriças tais. Há belezas que não são apenas arrogantes, mas exacerbadas; outras que não apenas suaves, mas mais do que isso, insípidas; delas prognosticar eventos futuros é uma questão que deixarei em aberto.

Como já disse em outro lugar sobre o que pessoalmente me concerne, simples e implicitamente abracei esta regra antiga: “Que não podemos falhar em seguir a Natureza”, um soberano preceito para nos conformarmos a ela. Não logrei, como fez Sócrates, corrigir minha composição natural pela força da razão, e não tenho de maneira alguma inquietação em minha inclinação pela arte; eu me deixei seguir assim como vim: não contendo; minhas duas partes principais convivem, por seu próprio acordo, em paz e boa inteligência, mas o leite da minha nutriz, graças a Deus, era toleravelmente bom e saudável. De passagem diria observar com maior estima do que é merecedora – e em uso somente entre nós mesmos –, certa imagem de probidade escolástica, escrava de preceitos e acorrentada ao medo e à esperança? Eu teria isso como algo que as leis e religiões não poderiam tornar mais perfeito e autorizado; que sobretudo encontra meios para suportar-se sem ajuda, nascido e arraigado em nós através da semente da razão universal, imprimida pela natureza em cada homem. Aquela razão que fortalece Sócrates da sua tendência viciosa o faz obediente aos deuses e aos homens de autoridade da sua cidade: corajoso na morte, não porque sua alma é imortal, mas porque *ele* é mortal. Esta é uma doutrina ruínosa para todo governo, e muito mais prejudicial do que engenhosa e sutil, persuadindo as pessoas de que uma convicção religiosa sozinha é suficiente, dispensando a conduta, para satisfazer a justiça divina. O uso nos demonstra uma vasta distinção entre devoção e consciência.

Eu tenho um aspecto favorável, tanto em forma quanto em interpretação:

“*Quid dixi, habere me? imo habui, Chreme*”

“O que eu disse? o que eu tenho? não, Cremes, eu tive” [Terêncio]

“*Heu! tantum attriti corporis ossa vides;*”

“Ai! de um corpo emaciado tu vêes apenas os ossos”

; e isso proporciona uma exibição bastante contrária à de Sócrates. Pelo mero crédito da minha presença e aspecto, aconteceu-me amiadadas vezes encontrar pessoas que, não tendo maneira alguma de conhecer-me, depositaram uma confiança muito grande em mim, seja nos seus próprios negócios ou nos meus; por isso tenho obtido favores raros e singulares nas intervenções estrangeiras. Mas os dois exemplos seguintes são, talvez, particularmente dignos de narração. Certo personagem planejou vir à minha casa e aqui surpreender-me; seu esquema era chegar aos meus portões sozinho e importunar para ser introduzido. Eu o conhecia de nome e tinha justa razão para depositar confiança nele, como sendo meu vizinho e de alguma forma relacionado comigo. Mandei que os portões lhe fossem abertos, como faço a qualquer um. Lá o encontrei com toda aparência de alarme, seu cavalo arquejando e muito cansado. Ele me entreteve com esta história: “Que, cerca de meia légua atrás, havia encontrado certo inimigo seu, a quem eu também conhecia e tinha ouvido falar sobre a disputa deles; que esse inimigo o havia perseguido muito vivamente e que, sendo surpreendido em desordem e estando o seu partido muito debilitado, ele correria aos meus portões em busca de refúgio; que estava em grande dificuldade pois concluiu que seus perseguidores (assim ele disse) queriam matá-lo ou aprisioná-lo”. Inocentemente, fiz o máximo para o confortar, assegurar e refrescar. Logo depois chegaram quatro ou cinco soldados dele apresentando o mesmo semblante amedrontado, e também entraram; e depois deles mais e ainda mais, muito bem montados e armados, até somarem de vinte e cinco a trinta, todos pretendendo ter o inimigo em seus calcanhares. Esse mistério começou a despertar um pouco as minhas suspeitas; na época em que vivíamos eu não ignorava o quanto a minha casa poderia ser invejada, e tive diversos exemplos de outros meus conhecidos a quem infortúnios dessa natureza haviam ocorrido. Mas imaginando que não nada havia senão desejo de sobrevivência e tendo começado a fazer uma cortesia, a menos que realizasse isso não poderia desimpedir-me deles sem estragar tudo, então conduzi-me do modo mais simples e natural, como faço sempre, e convidei-os todos a entrar. Na verdade sou naturalmente muito pouco dado a suspeitar e desconfiar; de boa vontade me inclino à escusa e a uma interpretação mais suave; encaro os homens de acordo com a disposição comum e não acredito mais nessas inclinações perversas e antinaturais (a menos que seja convencido por manifestas evidências) do que acredito em monstros e milagres; sou, além disso, um homem que de boa fé se submete à fortuna e apressadamente lanço-me nos braços dela; e até agora tenho encontrado mais razões para me aplaudir do que me acusar por assim fazer, tendo quase sempre agido discretamente e sendo ela [a fortuna] mais amistosa aos meus negócios do que eu mesmo sou. Há algumas atitudes em minha vida cuja condução dificilmente pode ser chamada de justa, ou, se lhes agrada, prudente; destas, suponho que um terço foram minhas próprias, e sem dúvida os outros dois terços foram absolutamente dela. Parece-me que cometemos um engano quando em nossos negócios não confiamos nos Céus o bastante, pretendendo mais da nossa própria conduta do que nos compete; e é então que tão freqüentemente falham os nossos desígnios. O Céu tem ciúmes da extensão que atribuímos ao direito da prudência humana sobre si mesma e poda tudo tão mais curto quanto mais o ampliamos. Os últimos visitantes permaneceram a cavalo em meu pátio enquanto o seu líder, que estava comigo na sala de visitas, não quis que seu cavalo fosse levado para o estábulo, dizendo que deveria retirar-se imediatamente, tão logo tivesse notícias dos seus homens. Ele se viu senhor do seu empreendimento e agora nada restava senão a sua execução. Desde então ele tem dito diversas vezes (porque não se envergonhava de contar a sua história para si mesmo) que o meu semblante e a minha franqueza haviam arrebatado a deslealdade das suas mãos. Ele montou novamente no cavalo; seus seguidores, que estavam com os olhos fixos nele para ver quando ele faria o sinal, ficaram muito espantados achando que ele ia partir deixando sua presa para trás.

Noutra ocasião, confiando em alguma trégua há pouco divulgada pelo exército, empreendi uma jornada através de uma região muito instável. Havia acabado de montar, mas fui descoberto, e dois ou três destacamentos a cavalo foram enviados de várias direções para me agarrar; um deles me alcançou no terceiro dia e fui atacado por quinze ou vinte cavalheiros com elmos, seguidos a alguma distância por uma companhia de soldados a pé. Fui capturado, levado para a parte mais densa de uma floresta das vizinhanças, desmontado, roubado, meus calções furtados, minha caixa de dinheiro levada, meus cavalos e equipagem divididos entre os novos proprietários. Tivemos nesse matagal uma competição muito longa quanto ao meu resgate, que eles fixaram num valor muito alto, evidenciando que não me conheciam. Além disso eles estavam em grande debate sobre a minha

vida; e, na verdade, havia muitas circunstâncias que claramente demonstravam o perigo que eu corria:

“Tunc animis opus, Aenea, tunc pectore firmo”

“Então, *Enéias*, há necessidade de coragem, de um coração firme” [Virgílio].

Eu ainda insisti na trégua, também desejando que eles se contentassem em ganhar o que já haviam tomado de mim, o que não era de desprezar, sem qualquer outra promessa de resgate. Depois de duas ou três horas que estávamos nesse lugar e de me montarem num cavalo em que não era provável pudesse deles fugir, confiaram-me à guarda de quinze ou vinte arcabuzeiros e dispersaram os meus servos entre outros, ordenando que nos conduzissem como prisioneiros por diversos caminhos, e ainda dispararam uns dois ou três tiros de mosquete no lugar,

“Jam prece Pollucis, jam Castoris, implorata,”

“Por uma prece ora dirigida a Pólux, ora a Castor” [Catulo]

; percebi uma súbita e inesperada alteração; vi o chefe voltar-se para mim com a linguagem mais gentil, procurando as minhas propriedades espalhadas entre os cavaleiros e fazendo tanto quanto podia para que fossem recuperadas e devolvidas a mim, até mesmo a minha caixa de dinheiro; mas o melhor presente que recebi foi a minha liberdade, porque o restante não me interessava muito naquele momento. A verdadeira causa de tão súbita mudança e dessa reavaliação, sem qualquer impulso aparente, e de tão milagroso arrependimento, numa época tal, quanto a uma iniciativa planejada, deliberada e tornada justa pelo hábito (pois, ao primeiro embate, confessei-lhes claramente a qual partido eu pertencia e para onde ia), contudo ainda não pude compreender perfeitamente. O mais destacado entre eles, que removeu o elmo e me disse o seu nome, repetidamente me falou, inúmeras vezes, que eu devia a minha libertação ao meu semblante e à liberdade e coragem da minha expressão, que me fizeram desmerecer tal desventura, e que eu deveria me assegurar da sua repetição. É possível que a divina bondade queira fazer uso desse instrumento frívolo para a minha preservação; ele, além disso, defendeu-me nos dias seguintes de outras e piores emboscadas, das quais estes meus assaltantes haviam me advertido. O último desses dois cavalheiros ainda está vivo para contar a história; o primeiro foi morto não faz muito tempo.

Se minha face não respondesse por mim, se os homens não lessem em meus olhos e na minha voz a inocência de intenção, eu não teria vivido tanto tempo sem querelas e sem proferir ofensas, vendo indiscrição em tudo que entra na minha cabeça e assim julgando as coisas estouvadamente. Este caminho pode, com razão, parecer incivil e mal adaptado ao nosso modo de conversação; mas nunca encontrei alguém que o julgasse ultrajante ou malicioso, ou que seria ofensivo à minha liberdade, se ele o obtivesse de minha própria boca; as palavras repetidas têm outra espécie de idoneidade e sentido. Eu não odeio pessoa alguma; e sou tão vagaroso para ofender que não posso fazê-lo, até mesmo por conta da própria razão; e quando a ocasião me exigiu a condenação de criminosos, escolhi antes falhar no respeito à justiça do que fazer aquilo:

“Ut magis peccari nolim, quam satis animi

Ad vindicanda peccata habeam”

“De forma que preferivelmente os homens não haveriam de cometer faltas do que eu teria coragem suficiente para condená-los” [Tito Lívio].

Aristóteles, assim é dito, foi reprochado por ter sido muito misericordioso com um homem malvado. Ele replicou: “realmente fui misericordioso com ele, mas não com a maldade dele”. Os julgamentos ordinários se exasperam para punir pelo horror do delito: mas esfriam o meu; o horror do primeiro assassinato me faz temer um segundo; e a deformidade da primeira crueldade me faz detestar toda imitação dela. O que pode ser aplicado a mim, que sou apenas um *Squire of Clubs*, como foi dito de Carilo, rei de Esparta: “ele não pode ser bom, vendo que não é mau nem sequer para o malvado”. Ou porque Plutarco entrega isso de ambos os modos, como ele faz com mil outras coisas, variada e contraditoriamente: “ele deve necessariamente ser bom, visto que é assim até mesmo para o mau”. Tenho aversão de empregar-me mesmo nas ações legais quando com elas me desgosto; assim, para dizer a verdade, nas coisas ilegais não faço caso de consciência o bastante empregar-me, quando são de boa vontade.

Capítulo XIII

Sobre a experiência

Não há nenhum desejo mais natural que o de conhecimento. Nós tentamos todos os caminhos que podem nos conduzir a ele; onde carece a razão, empregamos a experiência,

“Per varios usus artem experientia fecit,

Exemplo monstrante viam,”

“Por várias tentativas e experiências criou a arte, o exemplo mostrando o caminho” [Manílio]

, que é um meio muito mais frágil e barato; mas sendo a verdade uma coisa tão grande, não devemos desdenhar qualquer atalho que nos leve a ela. A razão tem tantas formas que não sabemos a qual nos apegar; a experiência não tem menos; a conseqüência que haveríamos de tirar da comparação dos eventos é insegura, porque eles são sempre distintos. Não há qualidade tão universal nesta imagem das coisas quanto a diversidade e a variedade. Os Gregos, os Latinos e nós, como um exemplo mais expresso de similitude, aproveitamos os ovos; e ainda houve homens, particularmente um de Delfos, que podia distinguir tão bem as marcas específicas entre os ovos que jamais confundia uns com os outros, e tendo muitas galinhas, poderia apontar qual delas havia posto cada um.

A dessemelhança intromete-se em nossos trabalhos; nenhuma arte pode alcançar a perfeita similitude: nem Perrozet nem qualquer outro poderiam polir e branquear tão cuidadosamente o verso das suas cartas que alguns jogadores não as distinguissem apenas vendo-as embaralhadas por outro. A semelhança não é uma coisa tão característica quanto a diferença. A natureza

obrigou-se a nada acrescentar que não fosse distinto.

Ainda não estou muito satisfeito com a opinião desses que pensavam restringir a autoridade dos juizes por meio da multidão de leis, dividindo-as para eles em diversos lotes; eles não estavam cientes que há tanta liberdade e latitude na interpretação das leis quanto na composição delas; e foram tolos se pensaram em diminuir e conter as nossas disputas recordando-nos as palavras expressas da Bíblia: visto como nossa mente não encontra campo menos espaçoso onde controverter o sentido de outra senão entregando a sua própria; e como se houvesse menos animosidade e mordacidade no comentário do que na invenção. Vemos o quanto eles estavam enganados porque temos na França mais leis do que todo o resto do mundo reuniu e mais do que seria necessário para governar todos os mundos de Epicuro:

“Ut olim flagitiis, sic nunc legibus, laboramus”

“Assim como fomos antigamente sobrecarregados pelos crimes, somos agora pelas leis” [Tácito] ; e ainda deixamos muito às opiniões e decisões dos nossos juizes que nunca tiveram tanta liberdade ou gozaram de tão completa licença. O que lucraram nossos legisladores selecionando cem mil casos particulares e aplicando a eles cem mil leis? Esse número não é de maneira alguma proporcional à infinita diversidade das demandas humanas; a multiplicação das nossas invenções nunca alcançará a variedade dos exemplos; acrescente a estes cem vezes mais e ainda não sucederá, nos eventos por vir, ser encontrado um sequer, nesse vasto número de milhões de casos então escolhidos e registrados, que sendo confrontados com quaisquer outros, emparelhe exatamente com ele e não permaneça alguma circunstância ou diversidade a exigir um julgamento diverso. Há exígua relação entre as nossas ações — que estão em perpétua mutação — e as leis fixas e imutáveis; as mais a se desejar são aquelas mais raras, mais simples e genéricas; e sou até mesmo de opinião que não dispomos de nada melhor do que tê-las em tão prodigioso número quanto temos entre nós.

A natureza sempre nos dá o melhor e com mais felicidade do que fazemos a nós mesmos; veja o quadro da Idade de Ouro dos Poetas e o estado em que observamos viverem as nações ser ter nenhum outro. Algumas há nas quais, como único juiz para resolver suas causas, é tomado o primeiro passante que viaja através das suas montanhas; e outras nas quais, em seu dia de mercado, escolhem alguém entre eles no próprio lugar, para decidir suas controvérsias. Que perigo haveria onde os mais sábios entre nós deveriam assim nos determinar, de acordo com as ocorrências e à vista, sem compromisso de exemplo ou resultado? Para cada pé, seu próprio sapato. O rei Ferdinando, enviando colonos para a Índia, sabiamente providenciou para que não levassem junto com eles quaisquer estudantes de jurisprudência, temendo que não se adaptassem aos fundamentos daquele novo mundo, sendo em sua própria natureza uma ciência geradora de altercação e divisão; sentenciando como Platão: “que os advogados e os médicos são as más instituições de um país”.

De onde sucede que nossa linguagem vulgar, tão fácil para todos os outros usos, torna-se obscura e ininteligível em testamentos e contratos? e que quem se expressa tão claramente em seja lá o que for, ao falar ou escrever, não consegue encontrar meios de se declarar sem cair em dúvida e contradição? se não é que os príncipes daquela arte, aplicando-se com uma estranha atenção para selecionar palavras portentosas e excogitar frases artificiais, assim pesando cada sílaba e peneirando tão completamente todo tipo de conexão peculiar, ficam agora confusos e emaranhados na infinidade de figuras e diminutas divisões, não mais podendo incidir em qualquer regra ou prescrição, nem certamente inteligência alguma:

“Confusum est, quidquid usque in pulverem sectum est”.

“Tudo o que é batido no pó fica indistinguível (confuso)” [Sêneca].

Como você vê as crianças tentando juntar uma massa de mercúrio num certo número de partes, quanto mais elas apertam e labutam em seu esforço para reduzi-la à sua própria vontade, mais irritam a liberdade desse metal generoso; ele se esquivava ao empenho das crianças e espirra em tantos corpos separados que frustra toda contagem; é assim isto aqui, pois subdividindo essas sutilezas ensinamos os homens a incrementar suas dúvidas; eles nos puseram no caminho de estender e diversificar as dificuldades, alongando-as e dispersando-as. Semeando e vendendo as questões a varejo, fazem o mundo frutificar e aumentar em incertezas e disputas, assim como a terra é tornada fértil sendo pulverizada e escavada em profundidade.

“Difficultatem facit doctrina”

“O aprendizado (da Doutrina) gera dificuldades” [Quintiliano].

Duvidamos de Ulpiano e agora estamos ainda mais perplexos com Baldus e Bartolo. Devíamos apagar o rastro dessa inumerável diversidade de opiniões; não adornar a nós mesmos com elas e encher a posteridade de idéias extravagantes. Não sei o que dizer quanto a isso, mas experiência deixa manifesto que tantas interpretações fragmentam e dissipam a verdade. Aristóteles escreveu para ser compreendido; se não pudesse fazê-lo, muito menos faria outro que não fosse tão bom quanto ele; além disso, ele expressou seus próprios pensamentos. Nós abrimos a matéria e a derramamos, despejando-a: de um assunto fazemos mil, multiplicando e subdividindo, caindo novamente na infinidade dos átomos de Epicuro. Nunca aconteceu de dois homens fazerem o mesmo julgamento da mesma coisa; e é impossível encontrar duas opiniões exatamente iguais, não apenas entre vários homens, mas no mesmo homem, em momentos diferentes. Frequentemente tenho visto motivo de dúvida em coisas sobre as quais o comentário desdenhou tomar conhecimento; sou muito hábil para tropeçar mesmo na minha região, como alguns cavalos conhecidos meus que fazem a maior parte das viagens pelo caminho mais plano.

Quem não dirá que os falsos brilhos aumentam as dúvidas e a ignorância, desde que não há nenhum livro a ser encontrado, humano ou divino, do qual o próprio mundo se ocupe, cujas dificuldades sejam esclarecidas pela interpretação. O centésimo comentarista passa diretamente para o próximo, ainda mais confuso e perplexo do que o encontrou. Quando foi que alguma vez concordamos entre nós mesmos: “Este livro tem o bastante; agora nada mais há para ser dito sobre isto?” Tal situação é muito aparente com a jurisprudência; nós damos a autoridade da lei a infinitos doutores, decretos infinitos e com interpretações diversas; contudo achamos qualquer propósito na necessidade de interpretar? há, apesar de tudo, qualquer progresso ou avanço em direção à paz ou permanecemos na mesma necessidade de quaisquer defensores e juizes menores do que quando

essa grande massa de leis estava ainda em sua primeira infância? Pelo contrário, nós obscurecemos e enterramos a inteligência; já não podemos descobri-la senão à mercê de tantas cercas e barreiras. O homem não conhece a doença natural da mente; nada mais faz além de esmiuçar e inquirir, girando eternamente, iludindo e embaraçando a si mesmo tal como o bicho-da-seda, e então se sufocando em seu trabalho; *“Mus in pice”* [o rato num barril de piche]. Ele pensa que distingue a uma grande distância, eu não sei que vislumbre luminoso e imaginária verdade: mas ainda corre para aquilo, tantas dificuldades, obstáculos e novas inquirições o atrapalham que ele se perde e fica atordoado com o movimento: não muito diferente dos cães de Aesopo que, observando como um corpo morto flutua no mar e não sendo capazes de se aproximarem dele, põem-se a trabalhar bebendo a água para deixar a passagem seca e assim afogam-se a si mesmos. Foi o que disse Crates dos escritos de Heráclito, que batem bastante de leve, “que eles requeriam um leitor que pudesse nadar bem”, de forma que o peso e a profundidade da sua aprendizagem não viessem a subjugar-los e afogar-los. Isso nada mais é senão aquela fraqueza particular que nos faz contentes com o que outros ou nós mesmos descobrimos nesta perseguição do conhecimento: aquele de melhor compreensão não descansará satisfeito com tal conteúdo; sempre haverá lugar onde outro prosseguir, não, até mesmo para nós mesmos; e outra estrada; não há término algum para as nossas inquirições; nosso derradeiro fim está no outro mundo. Este é um sinal de que a mente cresce míope quando está satisfeita, ou que ela está exaurida. Nenhuma mente generosa pode estacionar em si mesma; ela deseja que seu poder vá ainda mais adiante; ela investe além dos seus efeitos; se não avança e pressiona para a frente, retira-se e ataca em outra direção, não é senão algo semivivo; suas perseguições não têm método ou limites; seu alimento é a admiração, a perquirição, a ambigüidade que Apolo suficientemente patenteou, sempre falando conosco num sentido duplo, obscuro e enviesado: não nos satisfazendo, mas distraíndo e confundindo. Este é um movimento irregular e perpétuo, sem padrão e sem objetivo; suas invenções aquecem, perseguem e interproduzem umas às outras: Estienne de la Boétie; assim traduzido por Cotton:

***“Assim flui a corrente numa onda que nós vemos
Depois outra rola incessantemente,
E como elas se aplainam, cada uma sucessivamente
Perseguem uma à outra, cada uma fugindo.
É assim, empurrando eternamente; e isto
Dessa forma prosseguindo continuamente:
A água permanece um refugio de água,
Ainda o mesmo riacho, mas a água ainda é diferente”.***

Há maior dificuldade em elucidar as interpretações do que em interpretar as coisas, e mais livros a respeito de livros do que sobre qualquer outro assunto; nada fazemos além de comentários uns sobre os outros. Comentários fervilham em todo lugar; de autores há grande escassez. Não é o principal e mais reputado conhecimento de nossas últimas eras abarcar a erudição? Não é a finalidade comum e derradeira de todos os estudos? Nossas opiniões são enxertadas umas nas outras; a primeira serve de suporte para a segunda, a segunda para a terceira e assim sucessivamente; assim, passo a passo nós trepamos na escada; de onde freqüentemente sucede que aquele colocado mais alto tem mais honra que merecimento, porque se elevou apenas uma polegada nos ombros do último, mas ainda assim o fez.

Quão amiúde, e, talvez, quão tolamente, estendi meu livro para fazê-lo falar de si mesmo; tolamente, se por nenhuma outra razão senão esta, a qual deveria fazer-me lembrar do que digo de outros que fazem o mesmo: os freqüentes relances amorosos lançados sobre o seu trabalho testemunham que seus corações latejam de amor-próprio e até mesmo a desdenhosa severidade a que recorrem açoitando-os são apenas mimos e carinhos de um amor maternal; como Aristóteles, cujo apreço e subestimação freqüentemente brotavam do mesmo ar de arrogância. Minha própria desculpa é que nisto devo ter mais liberdade que outros, visto como escrevo especificamente sobre mim e sobre meus escritos, assim como executo minhas demais ações; que meu tema se vire por si mesmo; mas não sei se outros aceitarão esta escusa.

Observei na Alemanha que Lutero deixou muitas divisões e disputas em relação às dúvidas das suas opiniões, e mais, que ele elevou a si mesmo sobre a Bíblia Sagrada. Nossa competição é verbal: eu pergunto o que são a natureza, o prazer, o círculo e a substituição? a questão é sobre as palavras e é adequadamente respondida. Uma pedra é um corpo; mas se adiante um homem vem a instigar: “E o que é um corpo?” “É substância”; “E o que é substância?”, e assim por diante, ele levaria o interlocutor ao fim do seu Calepin [Calepin (Ambrogio da Calepio), famoso lexicógrafo do século XV; seu *Dicionário Poliglota* ficou tão famoso que Calepin tornou-se título comum para um léxico].

Nós trocamos uma palavra por outra e freqüentemente por uma de menor entendimento. Sei melhor o que é homem do que sei o que é Animal, Mortal ou Racional. Para satisfazer uma dúvida eles me dão três: esta é a cabeça da Hidra. Sócrates perguntou a Menão em que consistia a virtude. “Há”, replicou Menão, “a virtude de um homem e a de uma mulher, a de um magistrado e a de uma pessoa privada, a de um homem velho e a de uma criança”. “Excelente”, exclamou Sócrates, “estávamos indagando sobre uma virtude e trouxestes um enxame inteiro para nós”. Nós fazemos uma pergunta e eles nos devolvem uma colméia inteira. Nenhum evento (e nenhuma face) assemelha-se perfeitamente a outro, assim como não diferem completamente: uma engenhosa mistura da natureza. Se nossas faces não fossem semelhantes, não seríamos capazes de distinguir o homem do animal; se não fossem dessemelhantes, não poderíamos distinguir um homem de outro; todas as coisas se prendem por alguma similitude; todo exemplo é hesitante e a relação extraída da experiência é sempre imperfeita e defeituosa. As comparações são sempre orientadas a um ou outro propósito: é assim que as leis nos servem e são amoldadas por cada um à nossa conveniência, por alguns desvirtuadas, distorcidas e forçadamente interpretadas.

Como as leis morais — que concernem aos deveres privados de cada um para consigo mesmo — são mais difíceis de se adaptar, como podemos observar, não é maravilha alguma se esses que governam tantos particulares vão muito além. Considere

apenas a forma dessa justiça que nos governa: é um verdadeiro testemunho da fraqueza humana, tão plena de erros e contradições. O que encontramos para favorecer a severidade na justiça, achamos tanto mais em ambas que não sei se a média é usualmente detectada nos mesmos membros doentios e injustos do próprio corpo e da essência da justiça. Há pouco alguns camponeses em grande pressa me trouxeram a notícia de que haviam deixado agora mesmo em minha floresta um homem com cem ferimentos pelo corpo, que ele ainda respirava e implorou água por piedade, bem como ajuda para levá-lo a algum lugar de socorro; disseram-me que não ousaram aproximar-se dele, mas correram afastando-se para que os oficiais de justiça não os surpreendessem ali; e, como acontece àqueles encontrados próximos a uma pessoa assassinada, fossem convocados a esclarecer esse acidente, para sua absoluta ruína, não tendo dinheiro nem amigos para defender sua inocência. O que eu poderia ter dito a tais pessoas? É certo que essa missão humanitária haveria de deixá-los em dificuldades.

Quantas pessoas inocentes não sabemos terem sido castigadas, e não por descuido do juiz; e quanto disso não chegou ao nosso conhecimento? Isto aconteceu na minha época: certos homens foram condenados à morte por um assassinato cometido; sua sentença, se não pronunciada, foi pelo menos determinada e levada a cabo. Os juízes, no próprio tribunal, dificilmente são informados pelos oficiais das cortes inferiores quando eles têm sob custódia alguns homens que tenham diretamente confessado um assassinato e feito uma investigação inquestionável de todos os detalhes dos fatos. Seria ainda de grave deliberação se deviam ou não suspender a execução da sentença passada aos primeiros acusados: eles consideraram judicialmente a novidade do exemplo e a conseqüência de reverter os julgamentos; que a sentença foi passada e os juízes privados de arrependimento; e como resultado, esses pobres diabos foram sacrificados pelas formalidades judiciais. Filipe, ou algum outro, desta maneira depois se preveniu contra equivalente inconveniência. Ele havia condenado um homem a uma grande indenização para outro através de um julgamento incondicional. Sendo a verdade algum tempo depois revelada, achou que havia proferido uma sentença injusta. De um lado estava a razão da causa; do outro lado, a razão dos procedimentos judiciais: de alguma forma ele satisfaz a ambas, deixando a sentença naquele estado e reembolsando com seus próprios recursos a parte condenada. Mas ele teve que ver com um incidente reparável; meus homens seriam irreparavelmente enforcados. Quantas condenações vi mais criminosas que os próprios crimes?

Tudo me faz lembrar das opiniões antigas, “Que é de necessidade um homem fazer errado no varejo o que fará corretamente no atacado; e a injustiça nas pequenas coisas viriam a tornar-se justiça nas grandes: que a justiça humana é constituída pelo modelo físico de acordo com o qual tudo aquilo que é útil é também justo e honesto; é o que asseguram os Estóicos, que a própria Natureza procede ao contrário da justiça na maioria dos seus trabalhos: o que é aceito pelo Cirenaicos, que não há nada justo por si mesmo, mas através dos costumes e leis fazem-se justas; e o que os Teodorianos mantêm: que o roubo, o sacrilégio e todos os tipos de sujeira são justos em um sábio, se ele os reconhece como proveitosos”. Não há remédio: estou no mesmo caso em que se encontrava Alcibíades, o qual jamais desejei: se posso ajudá-lo, ponha-me nas mãos de um homem que possa decidir sobre a minha cabeça, onde minha vida e honra mais devem depender da habilidade e da diligência do meu advogado do que da minha própria inocência. Eu me aventuraria com tal justiça tanto quanto levaria em consideração minhas boas ações, assim como as más; onde eu teria tanto a esperar quanto a temer: a indenização não é pagamento suficiente para um homem que faz melhor não se deixando extraviar. Nossa justiça nos apresenta apenas uma mão, que é a mão esquerda, também; deixe-o ser aquilo que puder, ele certamente irá cair e perder-se.

Na China (em cujo reino o governo e as artes — sem comércio ou entendimento conosco — ultrapassa nossos exemplos em várias características excelentes e da qual a história me ensina o quão maior e mais variado é o mundo em que os antigos ou nós podemos penetrar), os oficiais deputedos pelo príncipe para visitar suas propriedades das províncias tanto castigam aqueles que se comportam mal nos seus encargos quanto recompensam liberalmente aqueles que se conduzem melhor que o tipo comum e além da necessidade da sua obrigação; estes se apresentam, não apenas pela aprovação, mas para obter; não simplesmente para que sejam pagos, mas para que lhes seja feito um presente.

Contudo nenhum juiz, com a graça de Deus, falou alguma vez comigo sobre a qualidade de um julgamento, seja a qual respeito for, se da minha própria parte ou de um terceiro, se criminal ou civil; nem prisão alguma jamais me recebeu, nem mesmo a passeio. Mesmo estando de fora, desagrada-me imaginar uma prisão; sou tão enamorado pela liberdade que se me fosse interdito o acesso a algum canto da Índia, haveria de viver um pouco menos à vontade; e se ainda consigo encontrar terra ou ar livres em outro lugar, nunca espreitarei em qualquer local onde tenha de esconder-me. Meu Deus! como haveria de suportar mal as condições em que vejo tantas pessoas, cravadas num canto do reino, privadas do direito de entrar nas principais cidades e cortes, da liberdade das estradas públicas, por terem disputado com as nossas leis. Se esses debaixo dos quais vivo houvessem de sacudir um dedo para mim em tom de ameaça, eu iria imediatamente à procura de outros, deixando-os para que fossem onde quisessem. Toda a minha escassa prudência nas guerras civis em que agora estamos comprometidos foi empregada em que não pudessem impedir a minha liberdade de ir e vir.

Agora as leis mantêm o seu crédito, não por serem justas, mas porque são leis; é este o fundamento místico da sua autoridade; não têm nenhum outro e este responde bem ao seu propósito. Frequentemente eles são feitos de tolos e ainda amiúde por homens que, além do ódio pela igualdade, falham em equidade, mas sempre por homens, frívolos e irresolutos autores. Não há nada tão grosseiro nem tão ordinariamente defeituoso quanto as leis. Quem as obedece por serem justas, não as obedece com a devida justiça. Nossas leis Francesas, por suas irregularidades e deformidades, de alguma forma prestam ajuda à desordem e à corrupção que todos manifestam em sua dispensação e execução: o comando é tão perplexo e inconstante que de algum jeito escusa algo semelhante à desobediência e torna-se vicioso na interpretação, administração e a observação disso. Que frutos podemos de qualquer maneira extrair da experiência, pois será de pouca vantagem para nossa instituição o que extraímos dos exemplos estrangeiros, se obtemos tão pouco lucro do que temos de nosso próprio, do que nos é mais familiar e, sem dúvida, suficiente para nos instruir naquilo de que temos necessidade. Mais do que a qualquer outro assunto eu estudo a mim mesmo;

esta é a minha metafísica, minha medicina:

***“Quis deus hanc mundi temperet arte domum:
Qua venit exoriens, qua deficit: unde coactis
Cornibus in plenum menstrua luna redit
Unde salo superant venti, quid flamine captet
Eurus, et in nubes unde perennis aqua;
Sit ventura dies mundi quae subruat arces ...”***

“Que deus pode governar com habilidade este domicílio do mundo? de onde ascende a lua todos os meses, e onde ela declina? como os seus chifres são contraídos e reabrem? de onde os ventos prevalecem sobre o principal? o que corteja o vento do leste com suas rajadas? de onde são as nuvens perpetuamente abastecidas de água? está chegando um dia que pode arruinar o mundo?” [Propércio]

“Quaerite, quos agitat mundi labor”

“Pergunte quem cuida das atribulações do mundo” [Lucano].

Nesta universalidade eu mesmo sofro por ser ignorante e negligentemente conduzido pelas leis gerais do mundo: deveria saber bem o bastante quando sinto isso; meu conhecimento não pode fazê-lo alterar o seu curso; isso não há de mudar por mim; é loucura esperar por isso e insensatez ainda maior interessar as pessoas a respeito, observando que é necessariamente público, similar e comum. A bondade e a competência do administrador deveriam nos desobrigar absolutamente de todos os cuidados do governo: as inquirições filosóficas e as contemplações para nada mais servem senão aumentar nossa curiosidade. Com grande razão os filósofos nos mandam de volta às regras da natureza; mas eles não têm nada que fazer com tão sublime conhecimento; eles a falsificam e no-la apresentam de faces pintadas, com muito soberba e adulterada compleição, de onde brotam tantos quadros diferentes de um tema tão uniforme. Assim como nos dotou de pés para caminhar, ela nos concedeu prudência para guiar-nos pela vida: uma prudência não tão engenhosa, robusta e pomposa quanto a de nossa invenção, mas ainda assim uma que é fácil, tranqüila e saudável, sendo muito melhor executada que as outras promessas naqueles dotados da sorte de saber empregá-la regular e sinceramente, quer dizer, de acordo com a natureza. A maneira mais simples de consignar o caráter de uma pessoa à natureza é fazê-lo com sabedoria. Oh, que suave, fácil e saudável são a ignorância e a falta de curiosidade, sobre as quais repousar uma cabeça bem ajustada!

Eu me entendo bastante melhor em mim mesmo do que em Cícero. Em minha experiência pessoal encontraria o suficiente para me fazer sábio, se fosse apenas um bom estudante: quem desejasse convocar à memória seus excessos de raiva passados (e para isso a que grau de febre seria transportado?) veria a deformidade dessa paixão melhor do que em Aristóteles e conceberia o mais justo ódio contra ela; quem se lembrar das perversidades que sofreu, aquelas que o ameaçaram e as ocasiões iluminadas que o removeram de um estado para outro, desejará através disso preparar-se para as futuras mudanças e o conhecimento da sua condição. A vida de César não tem nenhum exemplo maior para nós do que o nosso próprio: embora inferior e subordinada, esta é ainda uma vida sujeita a todos os acidentes humanos. Vamos somente escutá-la; nós nos aplicamos a tudo de que temos maior necessidade; quem conclamar a memória muitas vezes estando enganado quanto ao próprio julgamento, não será um grande tolo se não suspeitar logo disso? Quando me acho convencido, pelas razões de outro, de uma falsa opinião, não apreendo tanto o que ele me disse como novo e a particular ignorância como se não se tratasse de uma grande aquisição; em geral eu compreendo minha própria debilidade e a deslealdade do meu entendimento, de onde posso extrair a reforma de toda a massa. Com todos os meus outros erros faço o mesmo e encontro nesta regra grande utilidade para a vida; não considero as espécies e os indivíduos como pedras em que tropecei; aprendo a suspeitar inteiramente dos meus passos e sou cuidadoso em colocá-los corretamente. Descobrir que um homem disse ou fez uma coisa tola não é nada: o homem tem de aprender que ele nada mais é senão um tolo, uma instrução muito mais ampla e importante. Os passos em falso tão freqüentemente dados pela minha memória, mesmo quando estava muito segura e confiante de si mesma, não foram desprezados em vão; ela vaidosamente jura e me assegura que eu tremo as minhas orelhas; a primeira oposição que é feita ao seu testemunho me põe na expectativa e ouso não confiar nela em qualquer coisa de momento, nem autorizá-la quanto às preocupações de outra pessoa: não faço isso pelo desejo de memória, e outros mais usualmente fazem pelo desejo de boa fé; devo sempre, em matéria de fato, antes optar em assumir a verdade de outra boca do que da minha própria. Se cada um questionasse os efeitos e as circunstâncias das paixões que o agitam, como fiz com aquelas às quais estou mais sujeito, poderia vê-las se aproximando e seria capaz de quebrar um pouco a sua carreira e impetuosidade; elas nem sempre nos agarram de súbito; sua ameaça é paulatina:

***“Fluctus uti primo coepit cum albescere vento,
Paulatim sese tollit mare, et altius undas
Erigit, inde imo consurgit ad aethera fundo”***

“Como ao primeiro vento o mar começa a espumar e levantar, essas vagas ficam mais altas e aumenta o volume das ondas até que o oceano se eleva de suas profundezas ao céu” [Virgílio].

O julgamento me contém num assento magistral; pelo menos ele cuida esforçando-se completamente para fazê-lo assim: deixa os meus apetites seguirem seu próprio curso, ódio e amizade; mais ainda, até mesmo no que eu tolero em mim mesmo, sem mudança ou corrupção; se não puder reformar as outras partes de acordo com seu próprio modelo, pelo menos não se sujeita a ser corrompido por elas, mas joga o seu jogo isoladamente.

O conselho para cada um “conhecer a si mesmo” deveria ser de importante efeito, desde que aquele deus de luz e sabedoria o fez inscrever na fachada do seu templo [em Delfos], como se compreendesse tudo o que ele tinha a nos aconselhar. Platão

também diz que a prudência não é nenhuma outra coisa além do cumprimento dessa ordem; e Sócrates o verifica minuciosamente em Xenófanes. As dificuldades e obscuridades não são discernidas em qualquer ciência exceto por aqueles que nelas penetraram; pois é exigido certo grau de inteligência para se poder saber o que um homem não sabe; temos de empurrar uma porta para saber se ela está ou não trancada: de onde brotam estas sutilezas Platônicas que “Nem mesmo quem sabe deve investigar, visto como ele sabe; nem os que não sabem, visto como para questionar eles devem saber o sobre o que indagam”. Assim, é ‘do conhecimento do ego de um homem’ que cada um dos outros homens é visto tão resolvido e satisfeito consigo mesmo, que todo homem se julga suficientemente inteligente, significando que nenhuma pessoa sabe coisa alguma sobre o assunto; como Sócrates dá a entender a Eutidemo. Eu, que nada mais professo, encontro nisso tão infinita profundidade e variedade que todo fruto colhido de minha aprendizagem serve apenas para me tornar consciente do quanto tenho a aprender. À minha tão freqüentemente confessada fraqueza devo esta propensão para a modéstia, em obediência à convicção que me foi prescrita, pois uma constante frieza e moderação de opiniões, e um ódio daquela arrogância problemática e disputadora, acreditando e confiando completamente em si mesma, é a inimiga capital da disciplina e da verdade. Apenas ouça os tiranos; a primeira garridice que eles proferem possivelmente será no estilo em que os homens estabelecem as leis e as religiões:

***“Nihil est turpius, quam cognitioni et perceptioni
Assertionem approbationemque praecurrere”***

**“Nada é pior do que a afirmação e a decisão devendo
preceder o conhecimento e a percepção” [Cícero].**

Aristarco disse que na Antigüidade havia sete escassos sábios a serem encontrados pelo mundo e na sua época praticamente o mesmo número de tolos: não temos mais razão do que ele para falar assim desta nossa época? A afirmação e a obstinação são sinais expressos do desejo de inteligência. Esse camarada pode ter batido o seu nariz contra o chão cem vezes por um dia, contudo ele ainda terá o seu *Ergo* tão resoluto e robusto quanto antes. Você poderia dizer que ele teria tido alguma nova alma e vigor de compreensão nele infundidos desde que isso lhe aconteceu, como aquele antigo filho da terra que adotou renovada coragem e vigor antes da sua queda:

***“Cui cum tetigere parentem,
Jam defecta vigent renovata robore membra:”***

**“Cujos membros quebrados, quando tocavam a sua mãe
terra, imediatamente novas forças adquiriam” [Lucano]**

; não pensa esse janota incorrigível que assume uma nova compreensão empreendendo uma nova disputa? Por minha experiência própria acuso a ignorância humana que é, na minha opinião, a parte mais convencida da escola do mundo. Como não irão concluir isso por si mesmos através de um exemplo tão fútil quanto o meu, ou os deles próprios, deixe-os acreditá-lo de Sócrates, o mestre dos mestres; pois o filósofo Antístenes disse aos seus discípulos, “deixe-nos ir e escutar Sócrates; lá eu desejo ser um pupilo com vocês”; e, mantendo esta doutrina da seita Estóica, “aquela virtude era suficiente para fazer uma vida completamente feliz, não tendo necessidade alguma de qualquer outra coisa, seja o que for”; exceto a força de Sócrates, ele acrescentou.

A prolongada atenção que emprego em considerar-me também ajusta a irritação para julgar os outros com bastante tolerância; e onde há poucas coisas a mencionar, falo melhor e com melhor escusa. Freqüentemente me sucede com muito mais correção observar e distinguir as qualidades dos meus amigos que eles mesmos fazem: surpreendi alguns com a pertinência da minha descrição e logrei preveni-los. Tendo desde a infância sido acostumado a contemplar minha própria vida naquelas de outros, adquirindo uma estudada compleição nesse particular; e quando estou uma vez entretido nisto, poucas coisas deixo escapar sobre mim que sirvam àquele propósito, sejam feições, humores ou discursos. Eu avalio tudo, tanto o que devo evitar quanto o que devo perseguir. Também em meus amigos eu descubro, pelas suas realizações, as inclinações dentro deles; não organizando essa infinita variedade de atitudes tão diversas e desconectadas em certas espécies e capítulos, e distribuindo minhas parcelas e divisões distintamente sob classes e cabeças conhecidas;

***“Sed neque quam multae species,
Nec nomina quae sint,
Est numerus”***

“Mas não podemos enumerar quantas variedades há e quais são os seus nomes” [Virgílio].

O sábio fala e libera suas fantasias mais especificamente, e peça por peça; eu, que nada mais vejo nas coisas além do que o uso me informa, geralmente apresento as minhas sem regra e experimentalmente: pronuncio a minha opinião por meio de expressões desarticuladas, como uma coisa que não pode ser dita de imediato e na íntegra; relação e conformidade não serão encontradas em almas tão baixas e vulgares quanto as nossas. A sabedoria é um edifício sólido e inteiriço no qual cada parte mantém o seu lugar e ostenta a sua marca:

“Sola sapientia in se tota conversa est”

“A sabedoria só está completamente dentro de si mesma” [Cícero].

Deixo isso para os artistas e não sei se alguém entre eles poderá provocá-lo numa coisa tão perplexa, fortuita e diminuta, ordenando em corpos distintos essa infinita diversidade de faces, resolvendo a nossa inconstância e estabelecendo uma ordem. Não somente acho difícil reparar nossas ações de um para outro, mas além disso acho problemático cada um projetar corretamente e por si só qualquer qualidade básica, tão ambíguas e variadas elas são sob diferentes enfoques. O que se observou de raro em Perseus, rei da Macedônia, “que a mente dele, não se fixando em nenhuma condição, divagava sobre todas as formas de viver e se apresentava de maneiras tão selvagens e irregulares que jamais foi sabido, por ele ou qualquer outro, que espécie de homem ele era”, quase parece ajustar-se a todo o mundo; e, especialmente, tenho visto outros fazerem, aos quais penso que

esta conclusão poderia mais corretamente ser aplicada; nenhuma acomodação moderada, sempre correndo apressadamente de um extremo a outro, em ocasiões imprevisíveis; nenhuma linha de conduta sem entraves e maravilhosas contrariedades: nenhuma qualidade simples e não mesclada; de forma que na melhor estimativa os homens podem um dia desejar predispor-se e estudar para se tornar conhecidos, sendo não tão bem informados. O homem carece de orelhas saudáveis para ouvir-se francamente criticar; e como há poucos que podem suportar ouvir sem se aborrecer, aqueles que se aventuram nesse empreendimento nos manifestam um singular efeito de amizade; pois isso é realmente amar de modo sincero, correndo o risco de ferir-se e nos ofender, para o nosso próprio bem. Acho severo julgar um homem cujas más qualidades suplantam as boas; e Platão requer três coisas naquele que pretende examinar a alma de outro: conhecimento, benevolência e coragem.

Perguntaram-me algumas vezes, enquanto eu estava numa idade adequada, a que eu pensava dedicar-me, se havia projetado alguma coisa onde empregar-me:

***“Dum melior vires sanguis dabat, aemula necdum
Temporibus geminis canebat sparsa senectus:”***

**“Enquanto o melhor sangue me dava vigor e antes que a velhice
invejosa embranquecesse minhas desbastadas têmeoras” [Virgílio]**

; “a nada”, eu disse; e de boa vontade me escuso de conhecer qualquer coisa que me faça escravo de outros. Mas eu havia contado a verdade ao meu mestre, [Henrique VI, provavelmente] e regulado as maneiras dele, se assim lhe agradasse, mas não inteiramente, através de lições escolásticas, que não compreendo e nas quais não vejo nenhuma verdadeira fonte de reforma para aqueles que o fazem; mas observando por lazer, em todas as oportunidades, e avaliando-as [as maneiras] simples e naturalmente como uma testemunha ocular, distintamente e uma por uma; dando a entender em que situação ele estava na opinião comum, em oposição aos seus bajuladores. Não há entre nós ninguém que não seria pior do que os reis, neste caso continuamente corrompido como eles são em meio àquela espécie de canalha. Como se Alexandre, grande rei e filósofo, não pudesse defender-se deles!

Eu haveria de possuir fidelidade, discernimento e liberdade o bastante para aquele propósito. Seria uma ocupação sem nome, caso contrário perderia sua graça e seu efeito; e este é um aspecto que não se ajusta indiferentemente a todos os homens; pois a própria verdade não tem o privilégio de ser pronunciada a toda hora e sem discriminação; seu uso, nobre como é, tem seus limites e circunspecções. Como vai o mundo, freqüentemente resulta que um homem deixa isso passar despercebido pelos ouvidos de um príncipe, não somente sem propósito, mas além disso injuriosa e injustamente; e nenhum homem me fará acreditar que um protesto virtuoso não pode ser viciosamente aplicado, que o interesse material não é usualmente voltado para dar vazão a essa aparência.

Com tal objetivo, eu seria um homem que se satisfaz com sua própria fortuna:

“Quod sit, esse velit, nihilque malit,”

“Quem está contente com o que é e doravante nada mais deseja” [Marcial]

, e de posição moderada; visto como, por um lado, ele não temeria cutucar o coração do seu mestre, pois ter medo disso significa perder sua preferência: e por outro lado, não sendo de qualidade elevada, teria mais fácil comunicação com todos os tipos de gente. Eu teria esse ofício limitado a uma única pessoa; pois habilitar o privilégio da liberdade para ele e o da privacidade para muitos criaria uma inconveniente irreverência; e daquele, acima de todas as coisas, requer-se a fidelidade do silêncio.

Um rei não será acreditado quando se vangloriar da sua constância representando o choque do inimigo à sua glória, se para sua vantagem e aperfeiçoamento ele não puder assegurar a liberdade do conselho de um amigo, que não tem outro poder senão beliscar a orelha dele, o restante do seu efeito estando ainda em suas próprias mãos. Não há homem, seja de que condição for, que esteja tanto quanto eles em tão grande necessidade de conselho e advertência livres e verdadeiros: eles mantêm uma vida pública e devem satisfazer a opinião de muitos espectadores, os quais, deles escondendo tudo o que poderia desviá-los do seu próprio caminho, insensivelmente se acham envolvidos no ódio e detestação do seu povo, freqüentemente em ocasiões que poderiam ser evitadas e até mesmo sem qualquer prejuízo dos seus lazes, se fossem aconselhados e orientados no devido momento. No geral os seus favoritos têm mais consideração por si mesmos do que pelo seu mestre; e realmente respondem com eles, visto como, a bem da verdade, a maioria das obrigações da efetiva amizade, quando aplicadas ao soberano, estão sob um risco impudente e perigoso, de forma que aqui há grande carência não apenas de muito grande afeição e liberdade, mas também de coragem.

Em resumo, toda essa miscelânea que aqui rabisco nada mais é senão um registro dos Ensaios da minha própria vida e que, para integridade interna, é exemplar o bastante para instruir contra o caráter; mas quanto à saúde corporal, nenhum homem pode fornecer experiência mais proveitosa do que eu, que nisto me apresento puro e modo algum corrompido ou modificado por meio de arte ou opinião. No tema da medicina a experiência está corretamente em seu próprio monturo, onde o argumento ocupa todo o espaço: Tibério disse que quem tivesse vivido vinte anos devia ser responsabilizado por todas as coisas que lhe fossem saudáveis ou prejudiciais e saber conduzir-se sem a medicina [tudo aquilo que Suetônio nos diz em sua “Vida de Tibério” é que esse imperador, depois de completar trinta anos, controlou sua saúde sem a ajuda de médicos; e o que Plutarco nos conta, no seu ensaio “Regras e Preceitos de Saúde”, é que Tibério afirmava ser tolo o homem que, tendo atingido sessenta anos, oferecesse o pulso a um médico]; e ele poderia ter aprendido isso de Sócrates, que aconselhava os discípulos a serem solícitos da sua saúde como uma disciplina fundamental, acrescentando que era difícil um homem de bom senso, tendo cuidado com seus exercícios e dieta, não souber melhor do que qualquer médico o que era bom ou ruim para ele. E a própria medicina sempre professa obter experiência através do teste das suas intervenções: então Platão estava certo ao dizer que, para alguém ser um médico perfeito, primeiro seria necessário que ele contraísse todas as doenças que finge curar e por todos os acidentes

e circunstâncias sobre os quais deve julgar. É por essa razão que eles deveriam adquirir varíola, se desejam saber como curá-la; de minha parte, haveria de colocar-me em tais mãos; os outros apenas nos orientam, como aquele que pinta oceanos, rochas e portos sentado à mesa e ali desenvolve um modelo de navegação de barcos com toda a segurança; mas ponha-o para trabalhar e ele não saberá em que ponto começar. As descrições que fazem de nossas moléstias são como um pregoeiro falando de um cavalo ou cachorro perdido: tal cor, tal altura, orelhas assim, mas não esclarece, apesar de tudo. Se algum dia a medicina lograr conceder-me um pouco de útil e visível alívio, então verdadeiramente exclamarei com toda seriedade:

“Tandem effaci do manus scientiae”

“Mostre-me a ciência eficaz e eu a levarei pela mão” [Horácio].

As artes que asseguram manter nossos corpos e almas saudáveis prometem uma coisa excelente; mas, sobretudo, não há nenhuma que possa manter minimamente essa promessa. E, em nossos dias, aqueles que entre nós fazem profissão dessas artes, menos manifestam os efeitos do que qualquer outro tipo de homem; no máximo pode-se dizer que eles vendem drogas medicinais; mas que sejam médicos, um homem não pode afirmar. [A edição de 1588 adiciona: “Julgando por eles mesmos e aqueles que são por eles governados”].

Eu vivi o suficiente para poder dar conta do hábito que me levou tão longe; pois alguém teve a idéia de testar-me como seu degustador e eu fiz a experiência. Aqui estão alguns dos artigos, como a minha memória com eles me provê; não tenho costume algum que não varie conforme as circunstâncias, mas registro apenas esses com os quais melhor me familiarizei e aqueles que até agora tiveram maior posse de mim.

Meu modo de viver é sempre o mesmo, na doença e com saúde: a mesma cama, os mesmos horários, a mesma carne e até a mesma bebida, me servem em ambas as condições de forma similar; nada mais acrescento ou retiro deles senão a moderação, de acordo com minhas forças e apetite. Minha saúde consiste em manter sem perturbação os meus hábitos estabelecidos. Vejo que por um lado a doença me põe fora deles, e, se eu for regido pelos médicos, eles me atribuirão outros [hábitos]; de forma que por fortuna e por arte fico fora do meu caminho. Não acredito em nada mais certo do que isso: que não posso ser molestado pelo uso de coisas para as quais fui por longo tempo acostumado. É o hábito que dá forma à vida de um homem, conforme lhe agrada; ela toda está nisso: esta é a poção de Circe que modifica a nossa natureza como melhor lhe parece. Quantas nações a apenas três passos de nós acham o temor do orvalho da noite, que é tão manifestamente prejudicial para nós, uma ridícula fantasia; e nossos próprios barqueiros e camponeses riem disto. Você deixa um Alemão doente se o coloca num colchão, assim como um Italiano se o coloca num alcochoado de penas, ou um Francês, se privado das cortinas ou do lume. Um estômago Espanhol não agüenta comer como nós conseguimos, nem o nosso beber como um Suíço. Um Alemão me divertiu muito em Augsburg, achando falta dos nossos fornos, pelas mesmas razões que nós geralmente empregamos para depreciar os fogões deles: pois, para dizer a verdade, o calor sufocante e então o cheiro daquela matéria aquecida da qual o fogo é constituído ofendem muito quem a eles não esteja acostumado; a mim, não; e, realmente, sendo o calor sempre uniforme, constante e universal, sem chama, sem fumaça e sem o vento que desce de nossas chaminés, eles podem de muitos modos sustentar uma comparação com os nossos. Por quê não imitamos a arquitetura Romana? porque eles dizem que antigamente não se fazia fogo nas casas, mas do lado de fora, de onde o calor era conduzido a todo o edifício através de canos embutidos nas paredes, os quais eram entrelaçados sobre os quartos que seriam aquecidos: vi essa estrutura claramente descrita em algum lugar de Sêneca. Aquele Alemão ouviu-me recomendar as conveniências e belezas de sua cidade, que realmente merece, começando a compadecer-me por ter de deixá-la; e a primeira inconveniência que ele me alegou era a opressão que em outro lugar as chaminés trariam sobre mim. Ele tinha ouvido alguns reclamarem e fixou aquilo em nós, estando por costume privados dos meios de perceber isso em casa. Todo calor que vem do fogo me debilita e entorpece. Evenus disse que fogo era o melhor condimento da vida: prefiro outro meio qualquer para aquecer-me.

Nós temos receio de beber nossos vinhos quando provêm do fundo do barril; em Portugal esses sedimentos são reputados deliciosos e bebidos pelos príncipes. Em resumo, cada nação tem muitos usos e costumes que não são apenas desconhecidos por outras nações, mas selvagens e espantosos na visão delas. O que deveríamos fazer com essas pessoas que não admitem uma evidência que não esteja impressa, não acreditando nos homens se eles não estão em um livro, nem na verdade se ela não estiver numa época competente? nós dignificamos a nossa garridice quando os submetemos à imprensa, pois é algo de muito mais peso dizer: “eu li tal coisa” do que se você apenas diz: “eu ouvi tal coisa”. Mas eu, que não me fio mais na boca de um homem do que na caneta dele, sei que os homens escrevem tão indiscretamente quanto falam e observam esta época como algo já passado, citando tão brevemente um amigo quanto Aulus Gellius ou Macrobius; e o que eu testemunhei, tal como eles escreveram. E, como é afirmado que a virtude não é maior sendo por muito mais tempo exercitada, assim me asseguro da verdade que por ser mais antiga não é em nada mais sábia. Digo com freqüência que a mera insensatez nos faz correr atrás dos exemplos estrangeiros e escolásticos; sua fertilidade é agora a mesma em que estava no tempo de Homero e Platão. Mas não é que buscamos maior honra nas citações do que a verdade do assunto em nossas mãos? Como se fosse mais a propósito pedir de empréstimo nossas provas das lojas de Vascosan ou Plantin do que vê-las em nossa própria aldeia; ou então, realmente, que não temos inteligência para selecionar e tornar útil o que vemos antes de julgar claramente o bastante disso para tomá-lo como exemplo: pois se dizemos que desejamos autoridade para dar fé ao nosso testemunho, estamos falando a propósito; visto como, na minha opinião, das coisas mais ordinárias, comuns e conhecidas, podemos descobrir sua luz, poderiam ser formados os maiores milagres da natureza e os mais surpreendentes exemplos, especialmente na questão das ações humanas.

Agora, neste tema, pondo de lado os exemplos anexados dos livros e o que diz Aristóteles de Andron (o Argiano), que ele viajava através das tórridas areias da Líbia sem nada beber: um cavalheiro que tem se comportado muito bem em várias ocupações disse-me, no lugar onde eu estava, que ele havia montado de Madri a Lisboa, no calor do verão, sem dispor de bebida alguma. Ele está muito saudável e vigoroso para sua idade e não tem nada de extraordinário em seu jeito de viver, senão

isto: às vezes passa dois ou três meses, mais ainda, até um ano inteiro, sem nada beber, como ele me contou. Por vezes fica sedento, mas deixa isso passar e assegura que tem um apetite que facilmente desvanece por si mesmo; e ele bebe mais por capricho do que por necessidade ou prazer.

Eis aqui outro exemplo: não faz muito tempo encontrei um dos mais eruditos homens da França, entre aqueles de fortuna não inconsiderável, estudando no canto de um corredor que haviam isolado com tapeçaria, e em torno dele a canalha da sua criadagem cheia de liberdades. Ele me falou (e Sêneca diz praticamente o mesmo dele) que tirou vantagem daquela algazarra; que, atordoado com esse barulho, tanto mais se havia recolhido e retirado nele mesmo em contemplação e que essa tempestade de vozes arrebanhava seus pensamentos para dentro de si mesmo. Sendo um estudante em Pádua ele havia feito os seus estudos enquanto se estabelecia entre o chocalho das carruagens e o tumulto da praça; ele não apenas se afeiçoou ao desprezo mas até mesmo a fazer uso do barulho, no interesse dos seus estudos. Alcibíades estava surpreso e perguntou a Sócrates como ele podia suportar a perpétua repreensão da sua esposa; este respondeu: “por que estou acostumado como ao barulho ordinário dessas roldanas que trazem a nossa água”. Eu sou bastante diferente; tenho uma cabeça delicada e facilmente transtornável; quando ela estiver curvada sobre qualquer coisa, o menor zumbindo de uma mosca a aniquila.

Tendo Sêneca em sua juventude aderido calorosamente ao exemplo de Sextius, de não comer nada que tivesse morrido, por um ano inteiro dispensou tal alimentação, e, como ele disse, com prazer descontinuou esse hábito, pois não poderia ser suspeito de assumir esta regra de alguma nova religião pela qual fora prescrita: ele de certa forma adotou, dos preceitos de Atalus, o costume de não repousar em qualquer tipo de cama de talhe abaixo da sua importância, e até mesmo na velhice empregou esse costume, não se submetendo a qualquer pressão. O que o hábito do seu tempo considerava aspereza, o nosso nos faz ver como efeminação.

Mas observe a diferença entre o modo de viver dos meus serviçais e o meu próprio; os Citas e os Hindus não têm nada de mais remoto, tanto quanto à minha capacidade quanto à minha constituição.

Como ato de caridade, peguei alguns meninos para servir-me; esses logo em seguida abandonaram minha cozinha e estábulos, somente podendo retornar ao seu curso de vida anterior; tempos depois deparei com um deles recolhendo mexilhões do esgoto para o seu jantar, a quem não pude através de solicitações nem de ameaças corrigir da doçura que encontrou na indigência. Os mendigos têm suas delícias e magnificências, assim como os ricos, e, como se diz, suas dignidades e políticas. São tais os efeitos do costume; ele pode nos moldar, não somente na forma que lhe agrada (dizem os sábios que devíamos nos aplicar para o melhor, o que logo ele fará facilmente para nós), mas também para mudar e variar, o que é a instrução mais nobre e mais útil de tudo o que ele nos ensina. O melhor das minhas condições físicas é que sou flexível e não muito obstinado: tenho mais inclinações próprias e ordinárias e mais agradáveis do que outros; mas sou delas desviado com muito pouca dificuldade, e facilmente passo despercebido num movimento contrário. Um rapaz jovem devia transpor suas próprias regras, despertar o seu vigor e impedi-lo de crescer lânguido e enferrujado; não há curso de vida tão débil e aturdido quanto o que é conduzido através de regras e disciplina;

*“Ad primum lapidem vectari quum placet, hora
Sumitur ex libro; si prurit frictus ocelli
Angulus, inspecta genesi, collyria quaerit;”*

“Quando ele se agrada por ter alcançado o primeiro marco milário, a hora é escolhida do almanaque; se ele apenas fricciona o canto do olho, seu horóscopo é examinado, ele busca o auxílio dos unguentos” [Juvenal]

; ele freqüentemente será lançado até mesmo em excessos, se desejar seguir o meu conselho; caso contrário o menor deboche o destruirá, tornando-o uma companhia desagradável e problemática. A pior qualidade num homem bem educado é a excessiva meticulosidade e a compulsão a um determinado comportamento em particular; e é particular, se não complacente e flexível. É um tipo de reproche não ser capaz (ou não ousar) de fazer como fazemos praticamente todos nós; deixe que esses fiquem em casa. É impróprio em todo homem, mas num soldado é vicioso e intolerável: os quais, como disse Filopêmen, deveriam se acostumar a toda variedade e desigualdade na vida.

Embora eu fosse criado, tanto quanto foi possível, com liberdade e independência, assim é que envelhecendo e tendo por indiferença me adaptado a certas formalidades (agora a minha idade ultrapassou a da instrução e daqui em diante nada mais tenho a fazer senão manter-me tão bem quanto posso), o costume sempre tem, antes que me desse conta, imprimido o seu caráter em mim quanto a certas coisas, que julgo uma espécie de excesso deixar de fora; e, sem uma força sobre mim, não consigo dormir de dia, nem comer entre as refeições, nem tomar o desjejum, nem recolher-me sem um grande intervalo entre comer e dormir [trata-se de refluxo gastroesofágico], a partir de três horas depois da ceia; nem engendrar senão logo antes de dormir, nem permanecer de pé; nem tolerar meu próprio suor; nem extinguir minha sede com água pura ou vinho puro; nem manter a cabeça descoberta por muito tempo, nem cortar o cabelo depois do jantar; e fico tão intranquilo sem luvas quanto sem camisa, ou sem me banhar quando saio da mesa ou da minha cama; e não posso descansar sem um pálido e cortinas, como se fossem coisas essenciais. Eu poderia jantar sem uma toalha de mesa, mas sem um guardanapo limpo, à moda Alemã, muito incomodamente; infrinjo mais as regras do que os Alemães ou Italianos e não faço senão escasso uso da colher ou do garfo. Reclamo que não mantiveram a moda, começando pelo exemplo dos reis, de trocar os nossos guardanapos a cada serviço, assim que eles fazem o nosso prato. Fomos informados daquele laborioso soldado Mário que, envelhecendo, agradou-se pela bebida e jamais bebeu senão de um copo de sua propriedade; de certo modo submeti-me à fantasia de determinada forma de copos e não de boa vontade bebo nos demais, não mais que de uma mão vulgar e estranha: todo metal me ofende em comparação a um objeto claro e transparente: deixo que também meus olhos apreciem, de acordo com a sua capacidade. Devo ao costume diversos outros refinamentos tais. A natureza também tem, por outro lado, me prestado alguma ajuda: como em

não poder suportar mais de duas refeições completas num só dia sem sobrecarregar demais o meu estômago, nem abster-me totalmente de uma dessas refeições sem me encher de vento, secando-me a boca e entorpecendo o meu apetite; tenho encontrado grande inconveniência no ar noturno; pois ultimamente, nessas marchas que freqüentemente acontecem durante a noite toda, depois de cinco ou seis horas o meu estômago começa a ficar enjoado, com uma dor violenta em minha cabeça, de forma que sempre vomito antes do dia raiar. Quando os outros seguem para o desjejum eu vou dormir; e quando levanto da cama, estou tão vivo e alegre quanto antes. Sempre me disseram que o orvalho nunca sobe senão no início da noite; mas desde alguns anos passados tenho prolongado e familiar relacionamento com um senhor possuído pela opinião de que o orvalho noturno é mais agudo e perigoso por volta da hora em que o sol declina, uma ou duas horas antes que a escuridão se estabeleça: ele o evita cuidadosamente e menospreza o orvalho da noite, e quase me impressionou, não tanto o raciocínio quanto as experiências dele. Como pode a mera dúvida e inquirição golpear a nossa imaginação para nos modificar? Quão absoluta e subitamente dá vazão a essas propensões, arrastando-as à total destruição. Fico pesaroso por diversos cavalheiros que, pela loucura dos seus médicos, tiveram sua mocidade e saúde completamente encerradas: seria melhor suportar uma tosse do que, pelo desuso, perder para sempre o comércio da vida comum em coisas de tão grande utilidade. Maligna ciência, a nos interditar as horas mais agradáveis do dia! Vamos manter nossas posses até o fim; na maioria das vezes os homens se enrijecem permanecendo obstinados e assim corrigem a sua constituição, como fez César ao cair doente, por meio do desprezo. O homem deve aderir às melhores regras, mas não escravizar-se a elas, disso excluindo, se tal suceder, onde a obrigação e a servidão são lucrativas.

Os reis e os filósofos vão à latrina, assim como as *madames*; as vidas públicas são ligadas à cerimônia; eu, que sou obscuro e privado, desfruto de toda dispensação natural; soldado e Gascão também são qualidades um tanto sujeitas a indiscrição; portanto, deste ato de aliviar a natureza, direi que certamente seria desejável prescrevê-lo para as horas noturnas, compelindo a predisposição de cada um através do costume, como eu fiz; mas não subjugar a vontade das pessoas, como fiz em meus anos de declínio, numa particular conveniência de lugar e assento para aquele propósito, tornando problemático sentar-se por muito tempo; e ainda, nas ocupações mais torpes, não é em alguma medida desculpável requerer mais cuidado e asseio?

“Natur homo mundum et elegans animal est”

“Por natureza o homem é uma criatura limpa e delicada” [Sêneca].

De todas as ações da natureza, nessa sou mais impaciente de ser interrompido. Vi muitos soldados incomodados com o desgoverno das suas barrigas; considerando que eu e a minha nunca falhamos em nossa exata partilha, para a qual basta saltar da cama, salvo se algum negócio indispensável ou doença não nos molesta.

Então penso, como já disse anteriormente, que os homens doentes não podem em lugar algum melhor se colocar e com maior segurança do que assentando-se naquele curso de vida no qual foram criados e adestrados; a mudança, seja lá qual for, perturba e desconcerta a pessoa. Você acredita que as castanhas podem fazer mal a um Perigordino ou um Luquesino, ou leite e queijo ao povo das montanhas? Nós preceituamos um método de vida não apenas inovador, mas contrário; uma mudança que alguém saudável não consegue suportar. Prescreva água para um bretão de setenta; confine um marinheiro a um fogão; proíba um criado Basco de caminhar: você os privará de movimento e, no fim, do ar e da luz:

“An vivere tanti est?”

Cogimur a suetis animum suspendere rebus,

Atque, ut vivamus, vivere desinimus...

Hos superesse reor, quibus et spirabilis aer

Et lux, qua regimur, redditur ipsa gravis”

“Vale tanto a vida? Somos compelidos a resguardar a mente das coisas às quais estamos habituados; e, enquanto podemos viver, deixamos de viver...

Pode-se imaginar que ainda vivem esses para quem o ar respirável e a própria luz, pelos quais somos influenciados, tornam-se opressivos?” [Pseudo Galo].

Se não fizerem nenhum outro bem, pelo menos fazem este: de preparar em tempo os pacientes para a morte, gradativamente arruinando e podando a utilidade da vida.

Estando saudável ou doente, sempre de boa vontade me submeti obedecendo os apetites que me pressionavam. Dou larga rédea aos meus desejos e tendências; não aprecio curar uma doença com outra; odeio os remédios que são mais desagradáveis que a própria doença. Estar sujeito a cólicas e proibido de comer ostras são dois males em vez de um; de um lado nos atormenta a doença e do outro o remédio. Como estamos sempre em perigo de nos equivocarmos, vamos antes correr o risco de um engano depois que tivermos obtido prazer. O mundo procede de modo totalmente diferente e não acha lucrativo nada que não seja doloroso; a facilidade é altamente suspeita. Meu apetite, em várias coisas, tem por seu próprio acordo bastante alegremente se acomodado à condição do meu estômago. O sabor e a pungência dos molhos foram agradáveis para mim enquanto jovem; desde então meu estômago os repugna, e meu paladar incontinentemente o seguiu. O vinho é prejudicial para pessoas doentes e é a primeira coisa que a minha boca acha desagradável, e com uma invencível antipatia. Tudo o que tomo contra as minhas preferências me causa dano; e nada do que como com apetite e deleite me faz mal. Nunca recebi ofensa por qualquer ação que fosse muito agradável para mim; e convenientemente interpretei todas as conclusões médicas em grande medida para dar caminho ao meu prazer; e fui, enquanto jovem,

“Quem circumcursans huc atque huc saepe Cupido

Fulgebat crocink splendidus in tunica”

“Quando Cupido, flutuando aqui e ali à minha volta, resplandecia em seu rico manto purpúreo” [Catulo]

, dando licenciosa e imoderadamente rédeas ao desejo que era predominante em mim, como qualquer outro, seja qual for:

“Et militavi non sine gloria;”

“E não ingloriosamente representei o soldado” [Horácio]

, mais continuando e resistindo do que investindo:

“Sex me vix memini sustinuisse vices”

“Escassamente posso lembrar-me de seis turnos em uma noite” [Ovídio].

É certamente um infortúnio e um milagre de imediato confessar que numa época delicada estive em primeiro lugar sob a sujeição do amor: na verdade, foi por mera casualidade, pois antes haviam transcorrido longos anos de escolha ou conhecimento; não me lembro de mim num passado tão distante; e minha fortuna bem se podia juntar à de Quartilha, que não pôde se lembrar de quando era uma empregada:

“Inde tragus, celeresque pili, mirandaque matri

Barba meae”

“Por isso o odor das axilas, os cabelos precoces e a barba que surpreenderam minha mãe” [Marcial].

Os médicos modificam suas regras de acordo com os desejos violentos que acometem as pessoas doentes, ordinariamente com grande sucesso; esse intenso desejo não pode ser suposto tão estranho e vicioso, mas tal natureza deve ter sua mão nele. E então é uma coisa fácil satisfazer a fantasia? Em minha opinião, esse aspecto comporta tudo ou, pelo menos, mais que todo o resto. Os mais dolorosos e ordinários males são esses com que a imaginação nos sobrecarrega; esta declaração Espanhola me agrada sob vários aspectos:

“Defenda me Dios de me”

“O Senhor me proteja de mim mesmo”.

Fico entristecido quando estou doente, pois não tenho desejo algum que poderia me dar o prazer de satisfazer; todas as regras da medicina não poderiam praticamente desviar-me disso. Faço o mesmo quando estou saudável; muito pouco mais posso divisar a ser esperado ou ensejado. A compaixão de um homem deveria ser tão fraca e lânguida como se não desejasse mesmo deixá-lo.

A arte da medicina não é tão determinada para que estejamos desautorizados em tudo o que fazemos; ela muda conforme os climas e as luas, de acordo com Fernel e com Scaliger [os médicos de Henrique II]. Se o seu médico pensa que para você não é bom dormir, beber vinho ou comer estas e aquelas carnes, nunca se aborreça: encontrarei outro que não seja dessa opinião; a diversidade de argumentos e opiniões médicas abraça todas as formas e configurações. Vi uma pessoa miseravelmente doente, arquejando e queimando de sede, que poderia ser curada, e depois foi por outro médico motejada pelas dores e aquele conselho condenado como prejudicial para ela: não se havia atormentado com um bom propósito? Recentemente morreu das pedras um homem dessa profissão, o qual tinha empregado extrema abstinência para combater a doença: pelo contrário, disseram seus colegas médicos, aquela restrição havia ressecado e assado os cálculos nos seus rins.

Tenho observado que, seja ferido ou enfermo, o fato de falar me fere e transtorna tanto quanto qualquer irregularidade que me possa acometer. Minha voz causa dor e cansaço, sendo alta e forçada; de forma que nas ocasiões em que murmurei para alguns grandes personagens sobre negócios importantes, freqüentemente desejaram que moderasse a minha voz.

Esta história vale uma diversão. Alguém de certa escola Grega falava alto como eu faço e o mestre de cerimônias ordenou-lhe que falasse com suavidade: “diga-me, então, como devo falar”, replicou o outro, “no tom em que falaria para dentro”. Então o outro respondeu: “que ele deveria levar o tom das suas orelhas a quem ele falasse”. Seria bem dito, se fosse compreendido: “fale de acordo com os incidentes que você está abordando com o seu ouvinte”, pois isto significa, “é suficiente que ele consiga escutá-lo, ou possa se orientar”; eu não acho isso razoável. O tom e o movimento da minha voz carregam em si muito da expressão e do significado daquilo que eu quero dizer e é isto que me governa: fazer-me compreendido; há uma voz para instruir, uma voz para lisonjear e outra para admoestar. Não desejo que minha voz o alcance, mas, talvez, que o atinja e perfure. Quando repreendo o meu criado com uma linguagem amarga e mordaz, seria muito censurável ele dizer “por favor, mestre, fale baixo; ouço-o muito bem”:

“Est quaedam vox ad auditum accommodata,

Non magnitudine, sed proprietate”

“Há certo tom de voz adequado à audição, não por sua intensidade, mas por seu decoro” [Quintiliano].

O discurso é metade de quem fala e metade de quem ouve; este último deveria preparar-se para recebê-lo, de acordo com a sua tendência; é como no jogo de tênis, aquele que recebe a bola levanta e prepara, conforme ele a vê mover-se, e então rebate de acordo com o próprio golpe.

Além disso a experiência me ensinou que nos arruinamos pela impaciência. Os males têm vida e limites, assim como as doenças e a recuperação têm os seus.

A constituição das moléstias é estabelecida pelo padrão de constituição dos animais; eles têm sua fortuna e seus dias limitados pelo nascimento; aquele que tenta imperiosamente podá-los no meio do seu curso através da força os alonga e multiplica, e os inflama em vez de satisfazê-los. Sou da opinião de Crantor, que não temos surda e teimosamente de nos opor aos males, nem a eles sucumbir carecendo de coragem; mas devemos dar-lhes caminho naturalmente, de acordo com a sua condição e a nossa própria. Deveríamos conceder passagem livre às doenças; acho que elas permanecem menos comigo se as deixo à vontade; e tenho vencido algumas — reputadas as mais tenazes e obstinadas — pela sua própria decadência, sem ajuda, sem arte e contrariando as suas regras. Vamos dar alguma licença para que a Natureza tome seu próprio rumo; ela compreende melhor do que nós os seus próprios negócios. Mas tal pessoa morreu disto; e assim deve ser: se não for daquela doença, de outra qualquer. E quantos não escaparam pela morte, tendo três médicos aos seus calcanhares? O exemplo é um espelho vago e universal, e de

várias reflexões. Se for um remédio delicioso, tome-o: é sempre um presente muito bom. Eu nunca me deixo levar pelo nome nem pela cor, se é apazível e grato ao paladar: a satisfação é uma das principais fontes de lucro. Padeci resfriados, defluxos gotosos, relaxamentos, palpitações do coração, enxaquecas e outros acidentes, envelhecendo e definhando num tempo natural de morte. Eu os tenho perdido quando estava quase adaptado para mantê-los: eles prevalecem antes por cortesia do que pelo mau humor. Devemos pacientemente nos submeter às leis da nossa condição; nós nascemos para envelhecer, nos tornar fracos e ficar doentes, a despeito de toda a medicina. Esta é a primeira lição que os mexicanos ensinam aos filhos; assim que nascem os pais os saúdam: “tu estás entrando no mundo, filho meu, para suportar: tolerar, sofrer e nada dizer”. É injusto lamentar que o acontecido a alguém pode suceder a cada um:

“Indignare, si quid in te inique proprio constitutum est”

“Então ficas zangado quando alguma coisa injusta é decretada apenas contra ti” [Sêneca].

Veja um homem idoso implorando a Deus que o mantenha com saúde e completo vigor; quer dizer, que Ele restabeleça a sua juventude:

“Stulte, quid haec frustra votis puerilibus optas?”

“Tolo! por quê formulas vaidosamente tais desejos pueris?” [Ovídio]

; não é loucura? a condição dele não é capaz daquilo. A gota, a pedra e a indigestão são sintomas de longos anos; como o calor, as chuvas e os ventos o são das viagens prolongadas. Platão não acredita que Esculápio por meio do regime se incomodou em prevenir o prolongamento da vida num corpo fraco e arruinado, inútil ao seu país e à sua profissão, ou em gerar filhos robustos e saudáveis; e não julga esse cuidado adequado à justiça divina e à prudência, que dirigem todas as coisas a uma utilidade. Meu bom amigo, seu negócio acabou; ninguém pode restabelecê-lo; eles conseguem, no máximo, apenas consertá-lo e sustentá-lo um pouco mais e empregando meios que prolongam a sua miséria por uma ou duas horas:

“Non secus instantem cupiens fulcire ruinam,

Diversis contra nititur obicibus;

Donec certa dies, omni compage soluta,

Ipsum cum rebus subruat auxilium”

“Como alguém que, desejando permanecer numa ruína iminente, levanta diversas escoras contra isso, até que em pouco tempo a casa, os suportes e tudo, cedendo, desabam todos juntos” [Pseudo Galo].

Temos de aprender a nos submeter àquilo de que não podemos escapar; nossa vida, como a harmonia do mundo, é composta de elementos contrários e de tons diversos, doces e ásperos, graves e agudos, alegres e solenes: o que seria capaz fazer um músico que só consegue produzir alguns desses? ele deve saber fazer uso deles todos, misturando-os; e assim deveríamos combinar os bens e os males, que são consubstanciais com a nossa vida; nossa existência não pode subsistir sem essa mistura, uma parte não lhe é menos necessária que a outra. Tentar combater a necessidade natural é representar a loucura de Ctesifon, que se pôs a chutar sua mula [Plutarco em “Como conter a raiva”].

Eu pouco consulto sobre as alterações que sinto: pois esses doutores levam grande vantagem; quando o tiverem à sua mercê, encham-lhe os ouvidos com os seus prognósticos; antigamente me surpreendendo a debilidade e a doença, de forma injuriosa me controlaram com seus dogmas e sua magistral garridice enquanto me ameaçavam, um com terríveis dores, outro com a aproximação da morte. Por esse meio fui realmente movido e sacudido, mas não subjugado nem empurrado do meu lugar; todavia meu julgamento não foi alterado ou confundido, conquanto estivesse pelo menos transtornado: é sempre essa agitação e combate.

Agora uso a minha imaginação tão suavemente quanto consigo, e se pudesse a desembaraçaria de toda dificuldade e competição; o homem deve ajudá-la, lisonjeá-la e enganá-la, se for capaz; minha mente está ajustada para aquela ocupação; em nada necessita de aparência alguma: se pudesse persuadi-la com prédicas, teria êxito em aliviar-me. Quer um exemplo? Diga-me: “que é para o meu bem ter a pedra; que nesta idade minha estrutura naturalmente tem de sofrer alguma decadência, e agora é o momento em que deveria começar a desarticular e confessar uma transgressão; esta é uma necessidade comum e nisso não há nada de novo ou milagroso; eu pago o que é devido à velhice e não posso esperar barganha melhor; que a sociedade deveria me confortar, estando atacado pela enfermidade mais comum da minha idade; vejo em todos os lugares homens atormentados com a mesma doença e que são glorificados pelo companheirismo, visto como homens da melhor qualidade são freqüentemente afligidos por ela: esta é uma doença nobre e digna; entre os que são acometidos por ela, poucos sofrem o menor grau de dor; que estes são expostos ao transtorno de uma dieta rígida e à diária ingestão de poções enjoativas, considerando que devo exclusivamente à boa fortuna o meu estado melhor”; pois alguns caldos ordinários de *eringo* ou chá de quebra-pedras que tenho tomado duas vezes ou três vezes para obsequiar as senhoras (estas, dotadas da maior bondade e sendo aguda a minha dor, necessitavam apresentar-me a sua parte), parecia-me igualmente fácil tomar quanto infrutífera a operação, visto como outros têm de pagar mil votos a Esculápio e muitas coroas aos seus médicos para evacuar um pequeno pedregulho, o que usualmente faço com a ajuda exclusiva da natureza: sequer o decoro do meu semblante fica transtornado quando tenho companhia; e posso segurar a minha água [urina] por dez horas, tanto quanto qualquer homem saudável. “O receio dessa doença”, diz a minha mente, “antigamente te amedrontava, quando era desconhecida por ti; os gritos e gemidos desesperados dos outros que têm isso o tornam ainda pior com a sua impaciência, gerando horror em ti. Essa é uma enfermidade que castiga os órgãos dos quais mais te melindras. Tu és um camarada consciencioso”;

“Quae venit indigne poena, dolenda venit:”

“Estamos autorizados a reclamar de um castigo que não merecemos” [Ovídio]

; “considere esse castigo: ele é muito fácil em comparação com outros e infligido com uma ternura paternal: mas observe

como ele vem tarde; somente incomoda e se apodera e de uma parte da tua vida que é, de uma forma ou de outra, estéril e perdida; tendo, por assim dizer, através dessa disposição dado chance para aproveitares os prazeres da tua mocidade. O medo e a compaixão que as pessoas sentem por essa doença te servem como objeto de glória; uma qualidade pela qual teu julgamento foi purificado e que por meio da tua razão trouxe algum alívio, não obstante teus amigos consigam discernir algum colorido em tua aparência. É um prazer ouvir dizerem de ti: que força de mente, que paciência! Tu és visto suar de dor, ficar pálido e vermelho, tremer, vomitar sangue, sofrer estranhas contrações e convulsões, às vezes deixar grandes lágrimas rolarem dos teus olhos, verter copiosa urina escura e horrível ou tê-la suprimida por alguma pedra afiada e angulosa que arranha e dilacera cruelmente o canal da bexiga, e tempo o todo ainda divertes teus hóspedes com o semblante usual; vadiando aos trancos e barrancos com tuas pessoas; fazendo a alguém um discurso contínuo, de vez em quando se desculpando pela tua dor e representando-a menor do que ela é. Trazes à lembrança os homens de tempos passados que tão sofregamente buscaram a doença para manter sua virtude na respiração e no exercício? O caso que a natureza determinou te impele para essa escola gloriosa na qual tu jamais entrarias por tua livre e espontânea vontade. Se tu me dizes que essa é uma doença perigosa e mortal, quais outras não são assim? pois é uma trapaça médica esperar qualquer um deles dizer que não avanças diretamente para a morte: o que lhes importa se partes acidentalmente ou se deslizas com facilidade e atravessas despercebido o caminho que nos conduz a ela? Mas tu não morres porque estás enfermo; morrerás porque estás vivo: a morte te elimina sem a ajuda da doença: e doença adiou morte em alguns, os quais viveram mais muito tempo em razão de sempre se imaginarem morrendo; pode-se acrescentar que tanto nos ferimentos quanto nas doenças, alguns são curativos e salutares. Geralmente a pedra não é menos duradoura que tu; sabemos de homens nos quais persistiram da infância até a mais extrema velhice; e se eles não tivessem rompido a associação, teria permanecido com eles ainda mais tempo; tu a elimina com mais freqüência do que ela te mata. Conquanto devesse apresentar a imagem da chegada da morte, não seria um bom ofício para um homem de tal idade colocar-lhe na mente a idéia do seu fim? E o que é pior, tu não tens muito mais tempo para qualquer coisa que deverias fazer pelo ensejo de ser curado. Seja como for, logo a necessidade comum te convocará. Apenas considere o quão destra e suavemente ela tira de ti a preocupação com a existência e te desapega do mundo; não te forçando com uma sujeição tirânica, como tantas outras enfermidades que podes observar afligindo os homens idosos, sobretudo submetendo-os a ininterrupto tormento e retendo-os na perpétua debilidade de intermináveis sofrimentos, mas através de advertências e instruções a intervalos, entremeando longas pausas de repouso, como se fosse para te dar oportunidade de meditar e refletir sobre a tua lição, para tua própria facilidade e lazer. Para te dar os meios de julgar corretamente e assumir a resolução de um homem de coragem, apresenta o teu estado na real condição, tanto o bem quanto o mal; enquanto isso desfrutas uma vida muito alegre e outra insuportável, num único e mesmo dia. Se não abraças a morte, pelo menos apertas a mão dela uma vez por mês; de onde tens mais motivo para esperar que ela deseje um dia surpreender-te sem ameaça; e que sendo assim freqüentemente conduzido pela margem do rio, mas ainda pensando contigo mesmo nos termos costumeiros, tu e tua confiança serão de um momento para o outro inesperadamente soprados. Um homem não pode com razão reclamar das doenças que sensatamente dividem o seu tempo com saúde”.

Fui favorecido pela fortuna por tão freqüentemente me haver assaltado com o mesmo tipo de arma: ela me talha e amolda através do uso, me enrijece e acostuma, de forma que dentro em pouco poderei saber a quanto devo renunciar. Pois carecendo de memória natural, faço uma no papel; e quando ocorre qualquer sintoma novo em minha doença, tomo nota dele, de onde resulta que depois de ter passado por quase todos os tipos de exemplo, se qualquer coisa impressionante me ameaça, virando essas pequenas notas avulsas, como as folhas Sibilinas, nunca falho em localizar pretexto de consolação e algum prognóstico favorável em minha experiência passada. O costume também me faz esperar algo melhor durante o tempo por vir; pois tendo esta situação sido conduzida por tanto tempo de forma constante, é de se crer que natureza não há de alterar o seu curso e que nenhum outro acidente pior acontecerá além do que eu já sinto. Além do mais, a condição dessa doença não é pronta e subitamente inadequada à minha compleição: quando ela ataca suavemente eu tenho medo, pois então isso representa um grande período; mas naturalmente ela vem em bruscos e vigorosos acessos, prendendo-me em suas garras por um ou dois dias. Durante algum tempo os meus rins permaneceram sem qualquer alteração; e quase agora tenho passado por outro, desde que eles mudaram o seu estado; os males têm seus próprios períodos, bem como os benefícios: talvez a enfermidade tenda a alguma finalidade. A idade enfraquece o calor do meu estômago e, estando imperfeita sua capacidade de digestão, ele envia essa matéria crua aos rins; por que, numa determinada revolução, o calor dos meus rins pode também estar enfraquecido de forma que eles não mais conseguem petrificar o muco e encontrar outro meio natural de purgação. Os anos evidentemente me ajudaram a escoar certas reumas; e porquê esses excrementos não fornecem matéria para um pedregulho? Mas não haverá qualquer coisa encantadora na comparação dessas mudanças repentinas, quando pela eliminação de uma pedra, de uma dor excessiva recupero, como através de um raio, a bonita luz da saúde, tão livre e plena, como acontece em nossas cólicas mais súbitas e agudas? Há na dor sofrida qualquer coisa que pode se contrapor ao deleite de tão subitânea regeneração? Oh, quanto mais a saúde se me afigura agradável depois de uma doença tão próxima e contígua que posso distingui-las uma na presença da outra, em sua maior exibição; quando elas aparecem em emulação, como se encabeçassem uma disputa uma contra a outra! Como os Estóicos afirmam que os vícios são proveitosamente introduzidos para valorizar e provocar a virtude, com melhor razão e menor temor de suposição podemos dizer que natureza nos deu a dor para honrar e servir ao prazer e à indolência. Quando Sócrates, depois que suas correntes foram removidas, sentiu prazer em coçar o lugar onde o peso delas havia injuriado suas pernas e ficou feliz em considerar a estreita aliança entre a dor e o prazer; como eles estão unidos por uma necessária conexão, de forma que alternativamente se seguem e geram mutuamente um ao outro; e clamou para o bom Aesopo que ele devia a partir desta consideração ter apropriado material para uma excelente fábula.

O pior que eu vejo em outras doenças é que elas não são tão dolorosas em seu efeito quanto no seu resultado: um homem

fica o ano inteiro se recuperando e o tempo todo cheio de fraqueza e temor. É tão mais perigoso e há tantos passos para alcançar a segurança que não há finalidade alguma em você se desembaraçar do xale ou então do chapéu, antes que eles lhe permitam caminhar descoberto e tomar ar, beber vinho, deitar com sua esposa, comer melões; provavelmente você recairá em algum novo desarranjo. A pedra tem o privilégio de se transportar completamente, considerando que outras moléstias sempre deixam para trás alguma impressão e alteração, tornando o corpo sujeito a uma doença nova, uma emprestando a mão à outra. É desculpável que ela se contente em nos possuir, sem estender-se mais distante e introduzir seus acompanhantes; mas cortesês e amáveis são aquelas cuja passagem traz algo de proveitoso para nós. Levando-se em conta que estive preocupado com a pedra, sinto-me livre de todos os outros acidentes, muito mais, quer me parecer, do que estava antes, e desde então nunca tive a menor febre; sustento que os freqüentes e excessivos vômitos aos quais estou sujeito me purgam: por outro lado, meu desgosto quanto a isto são os bizarros jejuns que sou compelido a manter para digerir meus humores de natureza mórbida junto com essas pedras, expelindo tudo que está em mim como supérfluo e prejudicial. Nunca deixe de me dizer que a medicina é uma aquisição muito cara: qual a utilidade de tantas cargas nauseabundas, cáusticos, incisões, suores, evacuações, dietas e tantos outros métodos de cura que mais usualmente, em virtude de não podermos suportar a sua violência e importunidade, nos levam às nossas sepulturas? De forma que enquanto tiver a pedra, vejo-a como um remédio; quando me desembaraçar dela, como uma absoluta libertação.

Outro benefício específico da minha doença é que ela quase sempre joga o seu jogo por si mesma e me deixa jogar o meu, mas apenas se eu tiver coragem para fazê-lo; pois, em sua maior fúria, suportei-a por dez horas montado a cavalo. Agüentar é o bastante; você não precisa praticar nenhum tipo de regime, correr, jantar, fazer isto e aquilo, o que você puder; sua intemperança lhe fará mais bem do que mal; diga outro tanto de alguém que tem varíola, gota ou hérnia! As outras doenças têm imposições mais universais; elas torturam as nossas atividades de outra maneira, perturbando toda a nossa rotina em sua atenção e comprometendo todas as condições de nossa vida: isto apenas nos belisca a pele; vamos deixar a compreensão e a vontade totalmente à nossa própria disposição assim como a língua, as mãos e os pés; isso antes o despertará do que o deixará entorpecido. A alma é golpeada com o ardor de uma febre, subjugada por um ataque epilético e desalojada por uma enxaqueca aguda; em resumo, surpreendida por todas as doenças que ferem a massa inteira e as partes mais nobres; isto [a pedra] nunca se intromete com a alma; se alguma coisa for com ela extraviada, será sua própria ausência; ela traiçoa, desfaz e abandona a si mesma. Ninguém senão os tolos se deixam persuadir que esse corpo sólido e volumoso, que é assado em nossos rins, será dissolvido por meio de beberagens; portanto, quando for mexido uma vez, não há nada a ser feito além de lhe dar passagem; e, quanto à matéria, ela mesma deseja fazê-lo.

Além disso pude observar outra conveniência particular: trata-se de uma doença que nos deixa pouco a adivinhar, dispensando-nos da dificuldade na qual outras doenças nos lançam, pela incerteza das suas causas, condições e evolução; uma complicação que é infinitamente dolorosa: não temos necessidade alguma de consultas e interpretações doutorais; os sentidos nos informam suficientemente bem o que é e onde está.

Através de argumentos similares, fracos e fortes, como Cícero com a doença da sua velhice, tento acalantar o meu sono e distrair a imaginação limpando suas feridas. Se pela manhã me achar pior, proverei novas estratagemas. É verdade: tendo chegado há pouco àquela passagem, a menor agitação força o sangue puro para fora dos meus rins: como é isso? Não obstante, eu me movimento como antes, passeio atrás dos meus cães com um ardor juvenil e insolente; e asseguro que tenho muito boa satisfação num acidente de tal importância, quando nada mais me custa além do peso vago e da intranquilidade naquela parte; esta é alguma grande pedra que esbanja e consome a substância dos meus rins e a minha vida, a qual pouco a pouco evacuo, não sem algum prazer natural, como um excremento doravante supérfluo e incômodo. Agora, se eu sentir qualquer coisa se mexendo, não imagine que me aborreço em consultar meu pulso ou verificar a urina, assim me impondo alguma prevenção irritante; devo sentir logo e suficientemente a dor, sem fazê-la maior e mais prolongada pela doença do temor. Aquele que teme deve sofrer, pois já padece com o que receia. Pode-se acrescentar que as dúvidas e a ignorância daqueles que assumem a responsabilidade de expor os desígnios da natureza e suas progressões internas (e os muitos falsos prognósticos da sua arte) deveriam nos dar a entender que os caminhos dela são inescrutáveis e totalmente desconhecidos; há nisso grande incerteza, variedade e obscuridade, com os quais ela nos afiança ou ameaça. Exceto pela velhice — que é um sinal indubitável da aproximação da morte — em todos os outros acidentes observo poucos sinais de futuro, sobre os quais podemos fundamentar nossa adivinhação. Avalio de mim mesmo somente pela sensação atual, não arrazoando: qual a finalidade, desde que me resolvi a nada mais conduzir além de expectativa e paciência? Você sabe como sobrevivi a isso? observe aqueles que fazem de outra maneira, confiando em tantas persuasões e deliberações discrepantes: com que freqüência são oprimidos pela imaginação, sem qualquer dor física. Tenho muitas vezes me divertido estando bem, em segurança e absolutamente livre destes ataques perigosos, em comunicar aos médicos quando começo a detectá-los em mim; eu sofri o decreto das suas terríveis conclusões, estando o tempo todo completamente à minha vontade, tanto mais obrigado ao favor de Deus e melhor satisfeito com a vacuidade dessa arte.

A atividade e a vigilância de nossas vidas nada mais é senão movimento, e nada deve ser tão recomendado à juventude. Eu me movo a duras penas e em tudo sou lento, seja levantando, indo para a cama ou comendo: sete horas da manhã é cedo para mim; e onde eu decido, nunca o jantar é servido antes das onze, nem a ceia até depois das seis. Antigamente atribuí a causa das febres e de outras doenças que me acometeram à indolência que o sono prolongado havia trazido sobre mim, e sempre me arrependia de ir dormir novamente pela manhã. Platão fica mais zangado com o excesso de sono do que o excesso de bebida. Eu gosto de dormir numa superfície rígida e sozinho, mesmo sem minha esposa, como fazem os reis; e bem coberto com bonitos lençóis. Eles nunca aquecem a minha cama, mas desde que envelheci tenho a necessidade de tecidos onde repousar os pés e a barriga. Acharam falho que o grande Cipião fosse também um grande dorminhoco; não, na minha opinião os homens

estavam descontentes por qualquer outra razão e nada mais puderam encontrar nele de defeituoso. Se no meu modo de viver sou de alguma forma fastidioso é antes pelos meus hábitos de dormir do que por qualquer outra coisa; mas geralmente me recolho e me acomodo tão bem quanto qualquer outro à necessidade. O sono sempre tomou uma grande parte de minha vida e ainda continuo, na idade em que agora estou, a dormir oito ou nove horas de um só fôlego. Com proveito ponho de parte a predisposição à indolência, e é evidentemente melhor sendo assim. Acho a mudança realmente um pouco difícil, mas em três dias isso termina; sei de raros que vivem com menos sono quando a necessidade urge, e quem mais constantemente se exercita, ou cujas longas viagens sejam menos problemáticas. Meu corpo é capaz de uma agitação vigorosa, mas não súbita ou violenta. Ultimamente tenho fugido dos exercícios intensos que me fazem suar: meus membros ficam exauridos antes que cheguem a esquentar. Posso permanecer de pé um dia inteiro e nunca me canso de andar, mas desde a juventude prefiro sempre viajar montado e em estradas pavimentadas; a pé, enredo os pés na sujeira, e nas ruas os camaradas pequenos como eu estão sujeitos a levar cotoveladas e ser empurrados pela carência de destaque; sempre apreciei repousar, seja sentado ou deitado, com os calcanhares tão ou mais altos que o assento.

Não há ocupação tão agradável quanto a militar, uma profissão nobre em sua execução (pois o valor é a mais robusta, orgulhosa e generosa de todas as virtudes) e nobre em seu propósito: não há utilidade mais universal ou mais justa que a proteção da paz e da grandeza do país de alguém. É um deleite a companhia de tantos de homens nobres, jovens e ativos; a visão ordinária de tantos espetáculos trágicos; a liberdade da conversação sem artifício; um modo de viver que o satisfaz, viril e avesso a cerimônias; a variedade de mil ações diversas; a harmonia encorajadora da música marcial que arrebatava e inflama suas almas e ouvidos; a dignidade dessa ocupação, mais ainda, até mesmo seus sofrimentos e dificuldades, que em sua *República* Platão assegura tão brandos fazendo as mulheres e crianças deles compartilharem, encantam você. Voluntariamente você se expõe em façanhas e perigos particulares, de acordo como julga do seu brilho e importância; e, voluntário, acha sua própria vida justificadamente empregada:

“Pulchrumque mori succurrit in armis”

“É agradável morrer de espada na mão”; (“Ele se lembra que é honroso morrer armado”) [Virgílio].

Temer os perigos comuns que preocupam tão grande multidão de homens; não ousar fazer o que fazem tantas espécies de almas, o que povos inteiros ousam, é para um coração pobre e baixo além de toda medida: a companhia encoraja até mesmo as crianças. Se outros o excedem em conhecimento, em graça, em força ou fortuna, você tem recursos alternativos à sua disposição; mas para dar lugar a eles com estabilidade da mente você não pode culpar ninguém além de você mesmo. A morte é mais abjeta, lânguida e importuna na cama do que numa luta: as febres e catarros são dolorosos e mortais quanto um tiro de mosquete. Quem se fortaleceu destemidamente para suportar os acidentes da vida comum não precisa aumentar sua coragem para ser um soldado:

“Vivere, mi Lucili, militare est”

“Viver, meu Lucílio, é ser um soldado (fazer guerra)” [Sêneca].

Não recordo se tive sempre essa comichão, mas coçar é ainda uma das mais doces satisfações da natureza, e ao alcance da mão; mas o arrependimento segue muito próximo. Faço na maior parte das vezes com minhas orelhas, as quais estão a intervalos mais adequados para coçar.

Cheguei ao mundo com todos os meus sentidos íntegros, mesmo à perfeição. Meu estômago é confortavelmente bom, assim como minha cabeça e meu fôlego; e, na maioria das vezes, suportam o auge das febres. Ultrapassei a idade na qual em algumas nações, não sem razão, prescrevem um termo de vida tão justo que os homens não suportariam excedê-lo; e tenho ainda algumas intermissões, embora inconstantes e de curta duração, mas tão regulares e seguras como se pouco inferiores à saúde e afabilidade da minha juventude. Não falo do vigor e da vivacidade; estas não são razões porque eles deveriam seguir-me além dos seus limites:

***“Non hoc amplius est liminis, aut aquae
Coelestis, patiens latus”***

“Não sou mais capaz de ficar de pé esperando à porta sob a chuva” [Horácio].

Agora a face e os olhos revelam a minha condição; todas as minhas alterações começam ali e parecem um pouco pior do que realmente são; amiúde meus amigos sentem pena de mim antes que eu perceba a causa. Meu espelho não me assusta; pois mesmo em minha mocidade mais de uma vez me aconteceu apresentar uma compleição escorbútica pressagiando doença, sem qualquer grande conseqüência, de forma que os médicos, não encontrando nenhuma causa interna para responsabilizar por aquela alteração externa, atribuíam aquilo à mente e a alguma paixão secreta que me atormentava; mas eles foram enganados. Se o meu corpo se governasse de acordo com minha regra tão bem quanto fazia a minha mente, nós haveríamos de nos deslocar um pouco mais à vontade. Então minha mente era não apenas livre de problemas, mas, além disso, plena de alegrias e satisfação, como geralmente ocorre, em parte por sua aparência, em parte por seu desígnio:

“Nec vitiant artus aegrae contagia mentis”

“As restrições do corpo nem sempre afetam a minha mente” [Ovídio].

Sou de opinião que essa temperatura da minha alma é freqüentemente elevada do meu corpo em seus lapsos; quase sempre isso é deprimente; se não vivaz e alegre, pelo menos a outra é tranqüila e está em repouso. Por quatro ou cinco meses tive uma febre quartã que me fez parecer miseravelmente doente; minha mente sempre esteve, se não calma, contudo alegre. Se estou sem dor, a fraqueza e o langor não me afligem muito; presencio muitos desfalecimentos corporais que geram um horror inominável em mim, do quais todavia tenho menos receio do que das mil paixões e agitações mentais que observo à minha volta. Tomei a resolução de não mais deixar minha mente divagar; é o bastante se posso rastejar adiante; nem me queixar mais da decadência natural que sinto em mim:

“Quis tumidum guttur miratur in Alpibus?”

“Quem fica surpreso vendo um papo intumescido nos Alpes?” [Juvenal]

, e lastimo que minha duração não será tão prolongada e completa quanto a de um carvalho.

Não tenho razão alguma para reclamar da minha imaginação; tive em minha vida poucos pensamentos que foram interrompidos pelo sono, exceto aqueles desejos que despertaram sem me afligir. Raramente sonho, e então são quimeras e coisas fantásticas, geralmente produzidas a partir de pensamentos agradáveis, antes ridículos do que tristes; e acredito que na verdade os sonhos são intérpretes fiéis de nossas inclinações; mas aqui exige-se arte para classificá-los e compreendê-los:

***“Res, quae in vita usurpant homines, cogitant, curant, vident,
Quaeque agunt vigilantes, agitantque, ea si cui in somno accidunt,
Minus mirandum est”***

“É menos maravilhoso o que o homem pratica, pensa, cuida, vê e faz estando acordado (também devia correr em sua cabeça e perturbá-lo quando ele está adormecido), e que afetam os seus sentimentos se ocorrem a qualquer um em sonho” [Átio, citado em Cícero].

Além disso, diz Platão que é encargo da prudência dos sonhos extrair esclarecimentos do presságio de coisas futuras: nada sei a tal respeito, mas disso há maravilhosos exemplos relatados por Sócrates, Xenófanes e Aristóteles, homens de impecável autoridade. Dizem os historiadores que os Atlantes nunca sonham; que também jamais comem algo de origem animal, ao que acrescento, visto como é possivelmente a razão para nunca sonharem, porque Pitágoras ordenou uma determinada preparação dietética para produzir os sonhos apropriados. Os meus são muito suaves, sem qualquer agitação de corpo ou expressão vocal. Em meu tempo, soube de muitos que foram espantosamente perturbados por eles. O filósofo Téon andava em seus sonhos, assim como o criado de Péricles, sobre os azulejos no topo da casa.

Quase nunca escolho meu prato à mesa, mas pego o mais próximo à mão e de má vontade o troco por outro. A confusão de alimentos e o ruído de pratos me desagradam como qualquer outra confusão: facilmente me satisfaço com poucos pratos e sou inimigo da opinião de Favorino, de que num banquete eles deveriam arrebatar o alimento de que você gosta e colocar algo de outro tipo na sua frente; e que ceia lamentável seria essa: se você não satisfaz seus convidados com as ancas de muitas aves, somente a chicória merece ser toda comida. Normalmente aprecio as carnes salgadas, contudo prefiro o pão que tenha nenhum sal; meu padeiro nunca manda outro para cima da minha mesa, diversamente do costume do país. Em minha infância tiveram de corrigir-me antes por rejeitar as guloseimas que geralmente as crianças mais adoram, tais como açúcar, bombons e marzipã. Meu tutor combatia essa aversão pelas coisas deliciosas como uma espécie de delicadeza excessiva; e realmente isso nada mais é senão um paladar caprichoso em qualquer coisa a que se aplique. Quem cura uma criança da obstinada preferência por toucinho defumado, pão de centeio ou alho, também a cura do seu paladar mal acostumado. Alguns afetam temperança e simplicidade optando por carne de vaca e presunto entre as perdizes; tudo isso é muito refinado; esse é o acepipe dos delicados; este é o paladar de uma fortuna afeminada que repugna as coisas ordinárias e costumeiras:

“Per qux luxuria divitiarum taedio ludit”

“Por meio do qual o luxo da riqueza causa tédio” [Sêneca].

A essência desse vício é não demonstrar alegria com aquilo que outro desfruta e ser curioso com o que um homem come:

“Si modica coenare times olus omne patella”

“Se você não pode se contentar com ervas num prato pequeno para a ceia” [Horácio].

Há realmente uma diferença, que é melhor dirigir o apetite de alguém para as coisas que são mais fáceis de obter; mas isso é sempre um vício para compelir o seu caráter. Anteriormente mencionei um parente demasiado obsequioso que, estando em nossas galeras, tinha desaprendido de usar o leito e despir-se quando ia dormir.

Se tivesse algum filho, de boa vontade haveria de lhe ensinar a minha boa sorte. O bom pai que Deus me deu (que de mim nada tem senão o reconhecimento da sua bondade, mas era realmente muito amável) enviou-me do berço para ser exposto numa aldeia pobre e lá me deixou o tempo todo enquanto eu mamava e ainda mais, levando-me à pior e mais comum forma de viver:

“Magna pars libertatis est bene moratus venter”

“Um estômago bem governado é uma parte importante da liberdade” [Sêneca].

Nunca tome sobre si mesmo (e muito menos deixe à sua esposa) os cuidados da sua alimentação; desista da formação da fortuna sob as leis naturais e populares; deixando que se acostumem a treinar a frugalidade e o sofrimento, eles podem antes decair pelo rigor do que se desenvolver. Contudo, aquele capricho visava antes outro objetivo: tornar-me familiarizado com as pessoas e a condição dos homens que na maior parte das vezes precisam da nossa assistência; levando-se em conta que eu devia antes considerá-los estendendo os braços para mim, aqueles me viraram suas costas; e foi por isso que ele resolveu levar-me à fonte das pessoas de pior sorte, para me obrigar e vincular-me a elas.

Nem o seu projeto fracassou completamente; pois seja a contemplação da maior nobreza em tal condescendência ou pela compaixão natural que tem muito grande poder sobre mim, sinto uma inclinação pelo pior tipo de gente. A facção que eu haveria de condenar em nossas guerras, e deveria mais especificamente condenar, é a próspera e florescente; isso me reconciliaria um pouco com eles, quando devo vê-los miseráveis e subjugados. Assim como de boa vontade admiro o refinado humor de Cheilonis, filha e esposa dos reis de Esparta. Ainda seu marido Cleombrotus, na comoção da sua cidade, teve a primazia sobre o pai dela (Leônidas); ela, como boa filha, aprisionou-se junto do pai em toda a miséria do exílio, em oposição ao conquistador. Mas tão logo foram alteradas as condições da guerra ela mudou sua vontade com a mudança da fortuna e corajosamente voltou para o lado do marido, a quem acompanhou o tempo todo até onde a ruína o levou: não admitindo, como me parece,

nenhuma outra escolha senão aderir ao lado que dela tinha maior necessidade e onde melhor pudesse manifestar sua compaixão. Sou por natureza mais hábil para seguir o exemplo de Flamínio, que preferiu outorgar sua assistência àqueles que tinham maior carência do que para os outros que tinham o poder para fazer o melhor; nisso agindo como Pirro, que teve o capricho de se submeter a um grande para exercer domínio sobre os pobres.

Permanecer à mesa por longos períodos me aborrece e me faz mal; pois desde criança fui acostumado a comer durante todo o tempo em que estou sentado. Quando isso ocorre em minha própria casa, conquanto as refeições sejam mais rápidas, eu normalmente me sento um pouco depois dos outros, à maneira de Augusto, mas não o imito também levantando antes dos demais; pelo contrário, gosto muito de ainda ficar à mesa muito tempo depois, ouvindo-os falar, embora não seja um dos palestrantes: porque me canso e me sinto mal falando de barriga cheia, e acho até muito mais sadio e agradável argumentar e esticar a minha voz antes do jantar.

Os Gregos e Romanos antigos tinham mais razão do que nós em pôr-se de parte para comer — o que consistia uma atividade importante de suas vidas — durante muitas horas e a maior parte da noite, se não fossem frustrados por outro negócio extraordinário; comendo e bebendo mais ponderadamente do que nós, que executamos todas as nossas ações a grande velocidade; e estendendo esse prazer natural num ritual melhor e mais à vontade, entremeado de conversação útil.

Aqueles preocupados com os meus cuidados podem muito facilmente me impedir de comer qualquer coisa que suponham prejudicial; pois em tais assuntos nunca desejo nem deixo escapar alguma coisa se não a vejo; por outro lado, caindo uma vez sob as minhas vistas, em vão tentarão persuadir-me a desistir; de forma que, se me proponho a jejuar, devo ser mantido distante das ceias e só me devem dar o tanto que for requerido para a prescrita refeição ligeira; estando à mesa, esqueço as minhas resoluções. Quando mando meu cozinheiro alterar a maneira de enfeitar algum prato, todos da minha família sabem o significado: meu estômago está desarranjado e não tocarei naquilo.

Gosto de ter todas as carnes que desejo consumir muito pouco cozidas ou assadas, e as prefiro muito altas e até mesmo, em muitos casos, relativamente passadas. Geralmente nada me ofende senão a dureza (de quaisquer outras qualidades sou tão paciente e indiferente quanto qualquer homem conhecido meu); de modo que, ao contrário da disposição comum, mesmo no peixe freqüentemente me acontece achá-los muito frescos e muito firmes; não pela falta de dentes, que já tive muito bons, mesmo à excelência, os quais não é de agora que a idade começa a ameaçar; sempre tive o hábito de esfregá-los com um guardanapo todas as manhãs, bem como antes e depois das refeições. Deus favorece aqueles a quem Ele faz morrer gradativamente; este é o único benefício da velhice; a morte derradeira será tão menos dolorosa; matará apenas metade ou o quarto de um homem. Recentemente me caiu um dente sem esforço e sem dor; era o termo natural da sua duração; aquela parte do meu ser e várias outras já estão mortas, outras semimortas, entre aquelas que foram mais ativas e na linha de frente durante os meus anos vigorosos; é assim que me dissolvo e escapo furtivamente de mim mesmo. Que insensatez seria, em minha compreensão, temer a altura dessa queda, já tão avançada, como se estivesse no próprio apogeu! Espero que não aconteça. Na verdade, recebo um importante consolo na meditação sobre a minha morte, que será justa e natural, e que daqui em diante não posso exigir ou esperar do Destino outra coisa mais senão um benefício ilegal. Os homens nos fazem acreditar que antigamente tínhamos vidas mais longas, bem como maior estatura. Mas eles se enganam; e Sólon, que era desses tempos mais remotos, limita a duração da vida a setenta anos. Eu, tendo tanto e tão universalmente professado que “o pior é melhor” dos tempos passados, que deduzi as medidas mais moderadas para ser o mais perfeito, pretenderei uma velhice prodigiosa e desmedida? Tudo que acontece contrariando o curso da natureza pode tornar-se problemático; mas o que segue de acordo com ela deve sempre ser agradável:

***“Omnia, quae secundum naturam fiunt,
Sunt habenda in bonis”***

“Serão consideradas boas todas as coisas feitas de conformidade com a natureza” [Cícero].

E assim, diz Platão, a morte ocasionada por ferimentos e doenças é violenta; mas aquela a que somos conduzidos pela velhice é entre todas as outras a mais fácil e de alguma forma deliciosa:

“Vitam adolescentibus vis aufert, senibus maturitas”

“Os homens jovens são levados embora pela violência, os homens velhos pela maturidade” [Cícero].

A morte se mistura e se confunde ao longo da vida; a decadência antecipa a sua hora e empurra com os próprios ombros o curso do nosso avanço. Tenho retratos meus tirados aos vinte e cinco e aos trinta e cinco anos de idade. Comparo-os com outro tirado há pouco: quantas vezes eles se distanciam no tempo; quanto mais minha imagem atual é distinta da anterior, tanto mais estou morrendo? É abusar muito da natureza fazê-la trotar para tão longe que ela seja forçada a nos deixar, abandonando nossa escolta, nossos olhos, dentes, pernas e todo o resto à mercê de um semblante estranho e selvagem, resignando-nos às mãos da arte, estando cansada de nos acompanhar por si mesma.

Não sou excessivamente afeiçoado por saladas ou frutas, exceto os melões. Meu pai odiava todos os tipos de molho; eu adoro todos. Comer muito me faz mal; mas, quanto ao caráter do que eu como, não tenho ainda certeza de saber se qualquer tipo de alimento é incompatível comigo; nem tenho observado se a lua cheia ou minguante, o outono ou a primavera, têm qualquer influência sobre mim. Temos em nós mesmos movimentos que são inconstantes e desconhecidos; por exemplo, primeiro eu achava os rabanetes gratos ao meu estômago, desde então enjoei deles, e agora são novamente agradáveis. Em várias outras coisas, acho que meu estômago e apetite variam da mesma forma; mudei sucessivamente do vinho branco para o clarete e do clarete para o vinho branco.

Sou grande apreciador do pescado e conseqüentemente faço banquetes dos meus jejuns e jejuns dos meus banquetes; e acredito no dizer de algumas pessoas, que ele é de digestão mais fácil que a carne. Como tenho escrúpulo de comer carne e peixe em dias alternados, assim faço meu paladar habituar-se à mistura de peixe e carne; a diferença entre eles me parece

muito remota.

Desde a juventude tenho por vezes persistido no estilo das refeições; ou em aguçar o apetite contra a manhã seguinte (pois, como Epicuro jejuou e fez refeições frugais habituando o seu prazer para variar sem abundância, eu, pelo contrário, faço isso para preparar o meu prazer e fazer melhor e mais alegre uso da abundância); ou então jejei para preservar o meu vigor a serviço de alguma atividade física ou mental: pois tanto um quanto outro são em mim cruelmente entorpecidos pela repleção; e, acima de todas as coisas, abomino aquela tola união de uma deusa tão sadia e jovial com aquele pequeno deus arrotante, inflado pelos fumos do seu licor [Montaigne desaprovou a ligação de Baco e Vênus], ou tratar do meu estômago indisposto, ou o desejo de companhia com boa disposição; porque eu digo, como fez o mesmo Epicuro, que não é tanto alguém considerar o que ele come, mas com quem o faz; e recomendo Chilo, que não se comprometeu a comparecer ao banquete de Periandro até ser primeiro informado de quem eram os outros convidados; para mim nenhum prato é tão aceitável, nenhum molho tão apetitoso, quanto o que é extraído da camaradagem. Penso ser mais saudável comer devagar e menos, e comer mais vezes, mas ter o apetite e a fome satisfeitos; não teria prazer algum sendo num só dia alimentado com três ou quatro lamentáveis e restritos repastos, à moda medicinal: quem me assegurará que, se tiver um bom apetite pela manhã, terei o mesmo na hora da ceia? Mas especialmente nossos antigos companheiros primeiro nos legaram o tempo oportuno de comer, abandonando as esperanças e prognósticos dos fabricantes de almanaques. O extremo fruto da minha saúde é o prazer; vamos nos assegurar do que é presente e sabido. Evito o invariável nessas leis do jejum; quem tiver uma forma de servir, deixe-o evitar a continuidade disso; aqui nós enrijecemos; pois nossa força é entorpecida e deixada apática; tendo depois de seis meses o estômago totalmente habituado a isso, tudo que alcançou foram a perda da sua liberdade de fazer outra coisa senão para seu próprio prejuízo.

Nunca mantenho minhas pernas e coxas mais aquecidas no inverno que no verão; um simples par de meias de seda é tudo. Para aliviar meus resfriados, sujeitei-me a manter a cabeça mais aquecida, e a barriga por causa das cólicas: em poucos dias as minhas doenças estavam por demais acostumadas e desdenhavam as minhas providências vulgares: logo obtemos de um lenço um barrete acima dele, de um simples boné um chapéu acolchoado; os enfeites duplos não deviam servir apenas de ornamento: deve-se adicionar a pele de uma lebre ou de um abutre e um xale debaixo do chapéu: siga esta gradação e terá um modo muito bom de trabalhar. Nada farei desse gênero e de boa vontade deixaria de lado o que comecei. Se você se deparar com qualquer nova inconveniência, tudo isso será trabalho perdido; você está acostumado com isso; procure alguma outra coisa. Assim se destroem aqueles que se submetem, sendo importunados por essas regras forçadas e supersticiosas; eles têm de acrescentar algo mais e a seguir mais alguma coisa; isso não tem fim.

No que concerne aos nossos negócios e prazeres é muito mais cômodo como faziam os antigos, perdendo o jantar e adiando maiores satisfações até o momento de retiro e descanso, sem parar um dia; e assim eu costumava fazer noutros tempos. Quanto à saúde, desde então pela experiência tenho achado, pelo contrário, que é mais conveniente jantar e que a digestão é melhor enquanto desperto. Não costumo ter muita sede, esteja saudável ou enfermo; minha boca realmente é capaz de ficar seca, mas sem sede; e geralmente nunca bebo pela sede que é desenvolvida ao comer, mas longe das refeições; bebo bastante bem para um homem da minha posição: no verão e com uma refeição apetitosa, não apenas excedo os limites de Augusto, que bebia três vezes o necessário; mas para não infringir a regra de Demócrito, a qual proibia o homem de parar no quarto como um número desafortunado, eu continuo num quinto copo, cerca de 750 mililitros [no total]; os copos pequenos são os meus favoritos e eu gosto de beber de um só gole, o que outras pessoas evitam como uma coisa imprópria. Às vezes misturo o vinho com metade, outras vezes com a terça parte de água; e quando estou em casa, devido a um antigo costume que o médico do meu pai prescreveu para ele e para si mesmo, duas ou três horas antes de ser trazida mando que misturem na despensa a quantidade designada para mim. Diz-se que Cranabs, rei da Ática, foi o inventor desse costume de diluir o vinho; se é útil ou não, tenho ouvido disputarem. Suponho ser mais decente e saudável para as crianças não beberem nenhum vinho até depois dos dezesseis ou dezoito anos de idade. O método mais habitual e comum de viver é o mais apropriado; toda particularidade, na minha opinião, deve ser evitada; e tenho tanto ódio por um Alemão que mistura água em seu vinho quanto por um Francês que bebe o seu puro. Nestas coisas quem rege é o uso tradicional.

Receio a névoa e fujo da fumaça como de uma pestilência: os primeiros reparos que fiz em minha própria casa foram nas chaminés e as oficinas, os mais comuns e insuportáveis defeitos de todas as construções antigas; e entre as dificuldades da guerra coloco a poeira asfixiante, que eles nos fizeram percorrer a cavalo um dia inteiro. Tenho a respiração livre e fácil; na maior parte das vezes os meus resfriados saram sem tosse ou ofensa para os pulmões.

Para mim o calor do verão é mais inimigo que o frio do inverno; pois, além do incômodo do calor em si — menos remediável que o frio — e além da força dos raios do sol que golpeiam minha cabeça, toda luz brilhante ofende os meus olhos, de forma que agora não posso sentar-me para jantar diante de uma lareira flamejante.

Para atenuar a brancura do papel, nos tempos quando tinha mais vontade de ler, eu colocava uma placa de vidro sobre o livro e sentia os olhos muito aliviados com isso. Estou agora com a idade de cinquenta e quatro anos e ignoro o uso de óculos; e posso ver até onde quero, ou qualquer outro. É verdade que à noite, se me ponho a ler, começo a encontrar certa perturbação e fraqueza na minha visão — esse é um exercício que sempre achei problemático, especialmente à noite. Eis um passo para trás e o primeiro bem manifesto; devo recuar outro: do segundo para o terceiro e então para o quarto, tão suavemente que estarei totalmente cego antes de sentir a idade e a decadência da minha visão: tão artificialmente as Irmãs Fatais se desembaraçam das nossas vidas. E assim fico em dúvida se minha audição começa a embotar; e você verá se terei perdido parte dela quando ainda criticar as falhas nas vozes daqueles que falam comigo. O homem deve pressionar sua alma a uma posição elevada para fazê-lo sentir como ele declina.

Meu andar é rápido e firme; e não sei por qual dos dois, se minha mente ou meu corpo, tenho mais que fazer para manter na mesma condição. É muito amigo meu aquele pastor que consegue prender a minha atenção durante um sermão inteiro: nos

locais de cerimônia, onde o semblante de cada pessoa parece engomado, tenho visto as mulheres conservarem seus olhos igualmente tão fixos que eu nunca poderia dispor da mesma forma sem que uma parte ou outra de mim se abalasse; de modo que enquanto estava sentado, nunca estava acomodado; e quando gesticulo, estou sempre com uma varinha em minha mão, seja andando a pé ou a cavalo. Como disse a criada do filósofo Crisipo ao mestre, ele não estava bêbado apenas em suas pernas, pois era costume dele estar sempre chutando à sua volta, seja onde for que se sentasse; e ela disse isto quando o vinho, que deixara embriagados todos os seus companheiros, não promoveu nenhuma alteração nele; pode-se dizer de mim que desde a infância tenho a loucura ou mercúrio em meus pés, tanta agitação e incerteza há neles, onde quer que sejam colocados.

É indecente, além de lesivo para a saúde de alguém e até mesmo para o prazer da refeição, alimentar-se sofregamente como eu faço; em minha pressa, com freqüência mordo a língua e às vezes os dedos. Diógenes, encontrando um menino que comia dessa maneira, deu bofetada na orelha do tutor dele! Em Roma havia homens que ensinavam as pessoas a mastigar, bem como a caminhar, com uma refinada graça. Com isso perco o tempo livre para falar, o que traz grande prazer à mesa, contanto que o discurso seja adequado, agradável e curto.

Há ciúme e inveja entre os nossos prazeres; eles se entrecruzam e impedem um ao outro. Alcibíades, um homem que sabia muito bem como produzir uma boa animação, banuiu até a música da mesa, a qual poderia perturbar o entretenimento da palestra, pela razão, como Platão nos diz, “que é costume das pessoas vulgares chamar violinistas e cantores para os banquetes, pois carecem do bom discurso e da conversa agradável com que os homens de entendimento sabem entreter uns aos outros”. Varro requer tudo isto na hospitalidade: “pessoas de presença graciosa e conversação agradável, que não sejam caladas nem tagarelas; limpeza e delicadeza, tanto na alimentação quanto no local; e um clima satisfatório”. A arte de jantar bem não é coisa de nonada, o prazer não é um divertimento superficial; nem os maiores capitães nem os maiores filósofos desdenhavam o uso ou a ciência de comer bem. Minha imaginação resgatou três repastos à custódia da minha memória, que a fortuna tornou soberanamente doces para mim, em ocasiões diversas na minha época florescente; meu presente estado me exclui; para cada um, de acordo com o bom temperamento de corpo e mente em que então me encontrava, fornecem na própria participação deles uma graça e um sabor particulares. Eu, que apenas rastejo sobre a terra, abomino aquela sabedoria desumana que nos faz desprezar e odiar toda cultura física; vejo nisto uma injustiça igual aos adversos prazeres naturais que são excessivamente apaixonados por si mesmos. Xerxes era um cabeça-dura que, envolvido com todos os deleites humanos, ofereceu uma recompensa a quem pudesse descobrir outros; mas nem assim ele cortou qualquer um dos muitos outros prazeres com os quais a natureza o equipou. O homem não deveria buscá-los nem evitá-los, mas apenas recebê-los. Eu os recebo, devo confessar, um tanto calorosa e cordialmente demais, e com facilidade me sujeito a seguir minhas propensões naturais. Nós não temos necessidade alguma de exagerar a sua inanidade; eles mesmos nos tornarão suficientemente sensíveis disso, graças à nossa mente doentia e desmancha-razeres, que nos extingue o paladar com eles e consigo mesma; ela trata a ambos e a tudo o mais que recebe, conquanto um melhor e outro pior, de acordo com sua essência errante, insaciável e versátil:

“Sincerum est nisi vas, quodcumque infundis, acescit”

“A menos que o recipiente esteja limpo, ele azedará tudo o que você colocar nele” [Horácio].

Eu, ostentando tão curiosa e particularmente abraçar as conveniências da vida, quase sempre encontro muito pouco além de vento quando as avalio mais de perto. Mas o quê? Somos todos vento do começo ao fim; e além disso o próprio vento, mais discreto do que nós, adora zunir e tocar de canto a canto, contentando-se com seu próprio mister e sem desejar estabilidade e solidez — qualidades que lhe são impróprias.

Os puros prazeres, assim como os puros desgostos da imaginação, dizem alguns que são os maiores, como foi expressado pela balança de Critolais. Isso não é maravilha alguma; ela os faz pela sua própria preferência e os recorta do pano inteiro; disso diariamente vejo exemplos notáveis e, possivelmente, a ser desejados. Mas eu, que sou de uma condição mesclada e opressiva, não posso tão depressa ceder a esse simples objeto, mas negligentemente me submeterei a ser levado com os presentes prazeres das leis humanas em geral, intelectualmente sensível e sensivelmente intelectual. Os filósofos Cirenaicos terão isso como dores físicas; os prazeres tão corporais são mais poderosos, ambos em dobro e tão mais justos. Há alguns, como diz Aristóteles, alheios a um tipo selvagem de aversão pela sua estupidez; sei de outros os quais, na falta de ambição, fazem o mesmo. Além disso, por quê eles não repudiam a respiração? por quê eles não vivem por si mesmos? por quê não recusam a luz, porque é gratuita e seu custo não vale o esforço? Deixe que Marte, Palas ou Mercúrio os exponha à sua luz para poderem ver, em vez de Vênus, Ceres e Baco. Esses humores orgulhosos podem simular algum conteúdo, mas quem não imaginará fazê-lo? Quanto à sabedoria, não tem nenhum toque disso. Eles não buscarão a quadratura do círculo, mesmo quando em suas próprias esposas? Odeio que tenhamos de ordenar para ter nossas mentes nas nuvens enquanto nossos corpos estão sobre a mesa; eu não teria a mente pregada lá, nem espojada aqui; vou tomar lugar ali e sentado, mas não deitado. Aristipo não mantinha nada além do corpo, como se não tivéssemos alma alguma; Zenão compreendia apenas a alma, como se fôssemos desprovidos de corpo: ambos estavam errados. Pitágoras, eles dizem, seguia uma Filosofia que era toda contemplação; Sócrates, uma que era toda conduta e ação; Platão encontrou um meio-termo entre os dois; mas eles só dizem isso por falar. A verdadeira temperança é encontrada em Sócrates; e Platão é muito mais Socrático do que Pitagórico, e ele se torna melhor. Quando tiver de dançar, eu danço; quando tiver de dormir, durmo. Mais ainda, quando entro sozinho num pomar aprazível, se os meus pensamentos são em uma parte do tempo tomados por ocorrências externas, em outra parte do tempo os chamo de volta novamente ao meu passo, para o pomar, para a doçura daquela solidão e para mim.

Qual mãe a natureza tem observado isso, pois as ações que ela dispôs para atender às nossas necessidades deveriam também ser-nos aprazíveis; e a tanto ela nos convida, não só através da razão mas também pelo apetite, e aqui está a injustiça de infringir as leis dela. Quando vejo César da mesma forma que Alexandre, no meio dos seus maiores empreendimentos desfrutando tão completamente os prazeres humanos e corporais, não digo que ele relaxou a sua mente: digo que ele a

fortaleceu, pelo vigor da coragem que sujeita essas ocupações violentas e pensamentos laboriosos ao uso ordinário da vida: sábio quem acreditou que o último era o seu usual e o primeiro, sua extraordinária vocação. Somos grandes tolos. “Ele passou a vida na ociosidade”, nós dizemos: “eu nada fiz hoje”. O quê? você não viveu? essa não é apenas fundamental, mas a mais ilustre de suas ocupações. “Tendo sido posto à frente de grandes negócios, eu deveria tê-los feito ver do que seria capaz”. “Você sabe como meditar e administrar a sua vida? você executou o maior trabalho de todos”. De modo a crescer e se desenvolver a natureza precisa somente de sorte; ela se manifesta igualmente em todos os estágios, seja ou não velada por uma cortina. Sabendo regular sua conduta você executa uma transação mais melhor do que aquele que escreve livros. Se souber repousar você faz mais do que os conquistadores de cidades e impérios.

A gloriosa obra-prima do homem é viver por um propósito; todas as outras coisas: reinar, acumular tesouros, edificar, são apenas pequenos apêndices e acessórios. Tenho prazer vendo o general de um exército no sopé de uma brecha que ele agora está assaltando, abandonar-se totalmente e ficar sem jantar para conversar e divertir-se com seus amigos. E Bruto, quando César e terras conspiravam contra ele e contra a liberdade de Roma, roubava algumas horas das suas rondas noturnas para ler e esquadrihar Políbio com toda a segurança. Isso é para poucas almas, enterradas sob o peso dos negócios, deles não sabendo claramente como se desimpedir, não saber como colocá-los de lado e novamente retomá-los:

“O fortes, pejoraque passi

Mecum saepe viri! nunc vino pellite curas

Cras ingens iterabimus aequor”

“Ó espíritos valentes, que comigo freqüentemente se sujeitaram à tristeza, bebendo cautelosamente; amanhã embarcaremos uma vez mais no vasto oceano” [Horácio].

Seja gracejando ou com sinceridade que o vinho teológico da Sorbonne, em seus banquetes, transforma-se num provérbio, acho razoável que eles devam jantar tanto mais cômoda e agradavelmente quanto hajam empregado a manhã em exercitar suas escolas séria e proveitosamente. A consciência de ter passado bem as outras horas é o mais justo e saboroso tempero à mesa do jantar. Os sábios viveram dessa maneira; e aquela inimitável emulação de virtude que nos surpreende tanto num quanto noutro Catão, que temperamento o seu, tão severo que chega a ser inoportuno, gentilmente se submetendo e se rendendo às leis da condição humana, de Vênus e de Baco; de acordo com os preceitos da sua seita, que para o perfeito sábio exige perícia e inteligência no uso dos prazeres naturais, bem como em todos os outros deveres da vida:

“Cui cor sapiat, ei et sapiat palatus”

O relaxamento e o desembaraço, quer me pareça, reverenciam maravilhosamente e tornam melhor uma alma forte e generosa. Epaminondas não pensou que participar — e com entusiasmo — das canções, jogos desportivos e danças com os jovens de sua cidade, fossem coisas de alguma forma derogativas da dignidade das suas gloriosas vitórias e da perfeita pureza dos costumes que nele residiam. E entre tantas ações admiráveis do avô de Cipião, uma pessoa merecedora de ser reputada de divina extração, nada há de atribuir maior graça do que ser visto negligente e ingenuamente juntando e selecionando insignificantes conchas de mariscos e jogando malha [segundo descreve o *“Dicionário de Trevoux”*, esse é um jogo em que duas pessoas competem para ver qual delas apanhará um objeto primeiro], distraíndo-se e alegrando a si mesmo ao representar e descrever em comédias as piores e mais populares atitudes dos homens. E sua cabeça saturada daquele espantoso empreendimento de Aníbal na África, visitando as escolas da Sicília e assistindo leituras filosóficas, até certo ponto para guarnecer a inveja cega dos seus inimigos em Roma. Nem há em Sócrates qualquer coisa mais notável do que, velho como estava, encontrar oportunidade para aprender a dançar e tocar instrumentos musicais, pensando no tempo bem empregado. Este mesmo homem foi visto em êxtase, conservando-se de pé um dia inteiro e mais uma noite, diante de todo o exército Grego, perplexo e absorto em alguma reflexão profunda. Ele foi o primeiro, entre tantos homens valorosos do exército, a correr em socorro de Alcibíades, oprimido pelo inimigo, protegendo-o com o próprio corpo e livrando-o da multidão pela irrestrita força dos seus braços. Foi ele quem, na batalha de Delian, ergueu e salvou Xenófanes quando este caiu do seu cavalo; e quem, de todas as pessoas de Atenas, enfurecido como ficou presenciando tão vergonhoso espetáculo, primeiro se apresentou para salvar Teramenes a quem os trinta tiranos faziam conduzir à execução pelos seus satélites, e não desistiu do seu corajoso intento senão pelo protesto do próprio Teramenes, embora entre todos fosse seguido somente por mais dois. Ele foi visto quando, cortejado por uma beleza pela qual estava apaixonado, manter uma necessária e severa abstinência. Sempre era visto seguir para as guerras e caminhar sobre o gelo com pés despidos; usar o mesmo traje, fosse verão ou inverno; ultrapassar todos os seus companheiros na paciência em suportar o sofrimento e, num banquete, nada mais comer além do equivalente ao seu próprio jantar normal. Ele foi visto, por vinte e sete anos seguidos, suportar a fome, a pobreza e a indocilidade dos filhos e as unhas da esposa, sempre com o mesmo semblante. E no fim, calúnia, tirania, prisão, correntes e veneno. Mas esse homem foi obrigado a beber o copo cheio até a borda por qualquer regra de civilidade? ele também era, de todo o exército, o homem que tinha a primazia de beber sem se embriagar. E nunca se recusou a jogar com alarde, nem brincar de cavalo-de-pau com as crianças, e se tornou bem seu; pois todas as ações, diz a Filosofia, igualmente se tornam e igualmente honram um homem sábio. Nós temos recursos o bastante para fazer isso e não devemos jamais nos cansar de representar a imagem desse grande homem em todos os padrões e formas de perfeição. Há muito poucos exemplos de vida plena e pura; e estamos errados em nosso ensino diário, propondo a nós mesmos aqueles que são fracos e imperfeitos, escassamente adequados para qualquer finalidade, e antes retrocedemos; corruptores em lugar de revisores de costumes. As pessoas enganam-se a si mesmas; na verdade o homem vai muito mais facilmente pelos fins, onde as extremidades servem de limite, parada e guia, do que pelo caminho intermediário, largo e aberto; e mais de acordo com a arte do que de acordo com a natureza: mas sobretudo muito menos louvável e generosamente.

A grandeza de alma não consiste tanto em ascender e empurrar adiante quanto em saber como se governar e circunscrever; ela toma tudo pelo melhor, que é o bastante, e se revela na moderada preferência das coisas eminentes. Não há nada tão

agradável e legítimo quanto lidar apropriadamente com o homem; nem uma ciência tão espinhosa quanto saber viver esta vida com naturalidade; e de todas as fraquezas que nós temos, é a mais bárbara desdenhar a nossa existência.

Quem quer que tenha uma mente para isolar o seu espírito, quando o corpo está pouco à vontade, preserva-o do contágio e deixa-o por todos os meios fazer o que ele puder: mas, por outro lado, deixa que se beneficie e o ajuda, não se recusando a participar dos seus prazeres naturais com uma complacência conjugal, trazendo-lhe (se for o mais sábio) moderação, a fim de que pela indiscrição ele não seja confundido com descontentamento. Se a intemperança é a peste do prazer, a temperança não é o seu açoite, mas antes seu condimento. Euxodus — que nisso estabeleceu o bem soberano — e seus companheiros, que lhe atribuíram tão alto valor, provaram-no em sua mais encantadora doçura, pelos meios da temperança que neles era peculiar e exemplar.

Eu ordeno que minha alma olhe igualmente a dor e o prazer com uma visão equilibrada:

***“Eodem enim vitio est effusio animi in laetitia
Quo in dolore contractio,”***

“Da mesma imperfeição surge a expansão da mente no prazer e sua contração na tristeza” [Cícero], e igualmente firme; mas o primeiro alegre e o outro severamente, e tão longe quanto é capaz, tendo o cuidado de extinguir o primeiro na amplitude do outro. A correta avaliação do bem traz consigo um profundo julgamento do mal: a dor tem algo de inevitável em seu início brando e o prazer algo de evitável em sua finalidade imoderada. Platão os coloca juntos e ensina que deveria ser igualmente encargo da fortaleza lutar contra a dor e contra as encantadoras e excessivas lisonjas do prazer: são duas fontes das quais quem quer retira, quando e tanto quanto precisa, seja cidade, homem ou animal, se muito afortunados. O primeiro será tomado medicinalmente conforme a necessidade, e mais escassamente; o outro pela sede, mas não para embriagar. A dor e o prazer, o amor e o ódio, são as primeiras coisas sentidas por uma criança: se, quando a razão chegar, conseguem aplicá-la a eles, isso constitui virtude.

Tenho um vocabulário próprio e especial; eu “mato o tempo” quando estou doente e intransigente, mas quando estou bem não o desperdiço: “eu experimento isso uma vez mais e adiro a ele”; a pessoa deve ultrapassar o mal e acomodar-se no bem. Esta frase ordinária dos tempos passados representa a utilidade com que o tipo avisado de gente pensa não poder tornar melhores suas vidas senão deixando-as passar e deslizar, e, até onde conseguem, ignorando e evitando os obstáculos como coisas de caráter problemático e desprezível: mas eu a conheço como outra espécie de coisa que estimo cômoda e valiosa, mesmo em sua mais recente decadência da qual agora desfruto; e a natureza a entregou em nossas mãos em circunstâncias tão favoráveis que devemos culpar apenas a nós mesmos se for importuna ou sua vantagem nos escapar:

“Stulti vita ingrata est, trepida est, tota in futurum fertur”

“A vida de um tolo é ingrata, tímida e completamente voltada para o futuro” [Sêneca].

Não obstante proponho-me a perder a minha sem pesar; mas sobretudo como uma coisa que é por sua condição perecível, não molesta ou que me aborreça. Nem corretamente ela se torna boa não sendo desagradável quando eles morrem, exceto quando estão satisfeitos por viver. É muito proveitoso cultivá-la: eu a desfruto em dobro do que outros fazem; pois a medida da sua fruição é dependente de nossa maior ou menor dedicação. Percebo principalmente que, sendo tão curto o meu tempo, desejo estendê-lo em relevância; interromperei a presteza do seu vôo pela prontidão do meu alcance; e através da vitalidade hei de empregá-lo para compensar a velocidade com que se esquiva. Na proporção em que é mais curta a posse da vida, tenho de fazê-la tão mais plena e profunda.

Outros sentem o prazer do contentamento e da prosperidade; também sinto isso, mas não como se passasse e me escapasse; deve-se estudar, experimentar e ruminar sobre isso para nos fazer condignos das graças da qual Ele que concede a nós. Eles desfrutam os outros prazeres como fazem com o sono, sem percebê-lo. Com o objetivo de que o próprio sono não escape tão estupidamente de mim, noutros tempos fiz que o meu sono fosse perturbado, de forma que posso melhor e mais sensivelmente apreciá-lo e prová-lo. Pondero comigo mesmo sobre o conteúdo; não passo por cima, mas examino; e dobro a minha razão, agora aumentada em perversidade e mau-humor, para entretê-lo. Encontro-me numa compostura tranqüila? há algum prazer que me excita? Não me sujeito a isso só para brincar com os meus sentidos: a eles associo também a minha alma, não para se comprometer, mas deleitar-se com ele; não para se perder ali mas estar presente; e eu o emprego, em parte, para vê-lo nessa condição auspiciosa, sopesar e apreciar a sua felicidade, ampliando-a. Calculo o quanto está endividado com Deus, estando em repouso sua consciência e suas paixões intestinas; tem o corpo em sua natural disposição, desfrutando ordenada e competentemente as funções suaves e calmantes através das quais Ele, em Sua graça, agrada-se em compensar os sofrimentos por meio dos quais a Sua justiça em Sua bondade apraz castigar-nos. Isso reflete quão grande benefício é ser assim protegido: seja qual for a direção para onde volte os olhos, os céus ao redor estão tranqüilos. Nenhum desejo, nenhum temor, nenhuma dúvida perturba o ar; não vem nenhuma dificuldade, passada ou presente, que sua imaginação não possa transpor sem afronta. Esta consideração assume grande distinção na comparação de diferentes condições. É assim que apresento aos meus pensamentos, sob mil aspectos, àqueles a quem fortuna ou seus próprios erros arrastaram e atormentaram. E, novamente, àqueles que, mais semelhantes a mim, tão negligentemente e sem curiosidade recebem sua boa fortuna. Essas pessoas são as que realmente desperdiçam o seu tempo; elas ignoram o presente que possuem, confiando na esperança e nas sombras, nas imagens fúteis que fantasia põe diante delas:

***“Morte obita quales fama est volitare figuras,
Aut quae sopitos deludunt somnia sensus:”***

**“Formas tais como aquelas que a morte é reputada para pairar em
volta, ou sonhos que durante o sono iludem os sentidos” [Virgílio]**

, que aceleram e prolongam seu vôo de acordo como são perseguidos. O fruto e a finalidade da perseguição é a própria busca;

como disse Alexandre, o propósito do seu trabalho era o trabalho:

“Nil actum credens, cum quid superesset agendum”

“Não pense nada ter feito se permanece alguma coisa inacabada” [Lucano].

Então, de minha parte, amo e cultivo a vida como Deus agradou-Se em nos conceder. Não desejaria ser privado da necessidade de comer e beber; e deveria pensar que não é menos perdoável a fraqueza de desejar que ela fosse duas vezes mais longa;

“Sapiens divitiarum naturalium quaesitor acerrimus:”

“O homem sábio é o mais arguto investigador das riquezas naturais” [Sêneca]

; nem que deveríamos nos assistir colocando em nossas bocas apenas um pouco daquela droga, através da qual Epimênides retomou seu apetite e se manteve vivo; nem que deveríamos estupidamente gerar filhos com nossos dedos ou calcanhares, senão melhores; com reverência é dito que podemos voluptuosamente gerá-los com nossos dedos e calcanhares; nem que o corpo deveria ser desprovido de desejo e excitação. Estas são queixas ingratas e maldosas. Aceito cordialmente e com gratidão o que natureza fez para mim; estou muito satisfeito e orgulhoso com isso. O homem ofende aquele grande e onipotente doador ao rejeitar, aniquilar ou desfigurar o seu presente: Ele é todo bondade e fez tudo bom:

“Omnia quae secundum naturam sunt, aestimatione digna sunt”

“Todas as coisas que estão de acordo com a natureza são merecedoras de estima” [Cícero].

Entre as opiniões filosóficas, abraço preferivelmente aquelas que são muito sólidas, quer dizer, mais humanas e mais próprias de nós: meu discurso é conforme as minhas maneiras, baixo e modesto: a Filosofia é infantil, no meu modo de pensar, quando em seu *Ergos* põe-se a nos pregar que essa é uma bárbara aliança para casar o divino com o terrestre, o razoável com o irracional, o severo com o indulgente, o honesto com o desonesto. Aquele prazer é uma qualidade bestial, indigna de ser provada por um homem sábio; o exclusivo prazer que ele extrai do divertimento com uma jovem esposa é um deleite da sua consciência ao executar uma ação de acordo com as regras, como colocar suas botas para uma viagem proveitosa. Oh, que seus seguidores não tenham mais nenhum direito, nem nervos, nem vigor em adquirir a virgindade de suas esposas do que em sua lição.

Não é isso o que diz Sócrates, que é seu e nosso mestre: ele avalia, como deve, o prazer físico; mas prefere o da mente como tendo mais força, constância, facilidade, variedade e dignidade. Isso, de acordo com ele, não passa de um meio que não é somente fantástico mas também primitivo; com ele a temperança é um moderador, não o adversário do prazer. A natureza é um guia suave, mas não mais doce e suave do que justo e prudente.

“Intrandum est in rerum naturam, et penitus, Quid ea postulet, pervidendum”

“O homem deve investigar a natureza das coisas e examinar completamente o que ela requer” [Cícero].

Sigo a trilha dela por toda parte: nós a temos confundido com rastros artificiais; e aquele acadêmico e bem peripatético que é “viver de acordo com ela”, torna-se nesta conta difícil de explicar e limitar; e que para os Estóicos, vizinhos deles, é “concordar com a natureza”. Não é errado estimar qualquer ação menos merecedora porque ela é necessária? E ainda assim eles não tirarão da minha cabeça que não é um casamento muito conveniente do prazer com a necessidade, com o que, diz um dos antigos, os deuses sempre conspiram. Com que propósito por meio do divórcio desmembraremos um edifício unido por tão íntima e fraternal correspondência? Pelo contrário, vamos confirmá-lo através de mútuos ofícios; deixe a mente despertar e acelerar o peso do corpo, e o corpo permanecer fixado à leviandade da alma:

“Qui, velut summum bonum, laudat animae naturam, et, Tanquam malum, naturam carnis accusat, profectū et animam Carnaliter appetit, et carnem carnaliter fugit; quoniam id Vanitate sentit humans, non veritate divina”

“Aquele que recomenda a natureza da alma como o bem supremo e condena a natureza da carne como malévol, a um só tempo carnalmente deseja a alma e sensualmente foge da carne, porque assim ela se ressentida da vaidade humana, não da verdade divina” [Santo Agostinho].

Neste presente que Deus nos fez, não há nada indigno da nossa atenção; nós permanecemos responsáveis por ele até o último fio de cabelo; e não é isto uma licença para o homem conduzir-se de acordo com a sua condição; isto é expresso, manifesto e muito importante, e o Criador o prescreveu para nós séria e estritamente. A autoridade tem poder somente para operar com respeito a matérias de julgamento comum, e é de mais peso numa linguagem estrangeira; então vamos aqui novamente exortá-lo:

“Stultitiae proprium quis non dixerit, ignave et contumaciter Facere, quae facienda sunt; et alio corpus impellere, alio Animum; distrahique inter diversissimos motus?”

“Quem não dirá que é propriedade da insensatez, indolente e obstinadamente executar o que deve ser feito, inclinando o corpo de um modo e a mente de outro, sendo confundido entre movimentos completamente diversos?” [Sêneca].

Para tornar isso aparente, peça a qualquer um que algum dia lhe conte quais extravagâncias e fantasias inculcou em sua cabeça, por conta das quais ele desviou seus pensamentos de uma boa refeição e lastimou o tempo que desperdiça comendo; em todos os pratos da sua mesa você não encontrará nada de tão insípido quanto esta sábia meditação (na maior parte das vezes nós temos melhor sono do que se despertamos com o propósito de acordar); e que os discursos e as noções dele não valem a

pior refeição. Embora eles tenham os êxtases do próprio Arquimedes, o que é isso então? Não quero aqui falar dele, nem misturar com a nossa população de homens ordinários a vaidade dos pensamentos e desejos que nos divertem; essas almas veneráveis, elevadas pelo ardor da devoção e da religião a uma constante e conscienciosa meditação nas coisas divinas, que através da energia de uma vívida e veemente esperança, pressupondo o emprego da nutrição eterna, o objetivo final e último passo dos anseios Cristãos, o exclusivo e constante prazer incorruptível, desdenhando aplicar-se às nossas necessárias, fluidas e ambíguas conveniências, e facilmente resignando o corpo aos cuidados e uso de pasto sensual e temporal; este é um estudo privilegiado. Entre nós mesmos por vezes observei que algumas opiniões supracelestiais e costumes subterrâneos estão em singular acordo.

Æsopo, o grande homem, viu o seu mestre urinando ao caminhar: “o quê, então”, ele disse, “devemos urinar enquanto corremos?” Vamos administrar o nosso tempo; contudo uma grande parte permanece ociosa e mal empregada. A mente não tem de boa vontade outras horas suficientes para realizar os seus negócios sem desassociar-se do corpo, naquele pequeno espaço que ela deve possuir para as suas necessidades. Eles se retirariam de si mesmos e deixariam de ser homens. É loucura; em vez de se transformar em anjos, transformam-se em bestas; em vez de se elevar, se deitam e se abaixam. Essas fantasias transcendentais me assustam, como os lugares altos e inacessíveis; e para mim nada é difícil de digerir na vida de Sócrates senão os seus êxtases e a comunicação com demônios; nada tão humano em Platão quanto o que dizem pelo que ele foi chamado de divino; entre as nossas ciências, essas parecem ser mais terrenas e vulgares do que elevadamente suportadas; e não vejo nada tão humilde e mortal na vida de Alexandre além das suas fantasias sobre a própria imortalidade. Filotas gracejou prazerosamente da resposta dele; através de uma carta o felicitou em relação ao oráculo de Júpiter Amon, que o havia colocado entre os deuses: “Em tua consideração fico contente com isso, mas me compadeço daqueles que hão de viver com um homem, e obedecê-lo, o qual excede e não se contenta com a dimensão humana:”

“Dīs to minorem quod geris, imperas”

“Tu reges porque carregastes a ti mesmo rebaixando os deuses” [Horácio].

A bonita inscrição através da qual os Atenienses honraram a entrada de Pompeu em sua cidade é conformável ao meu sentido: “Por tanto tu és um deus, assim como te confessastes um homem”. É a absoluta e, por assim dizer, divina perfeição, um homem saber como desfrutar lealmente a sua existência. Nós buscamos outras condições em razão de não compreendermos a aplicação das nossas próprias; saímos de nós mesmos porque não sabemos como ali residir. É muito a propósito andar sobre pernas de pau, pois ainda temos de caminhar com nossas pernas; e quando sentados no trono mais elevado no mundo, ainda estamos sentados em nossa própria bunda. Em minha opinião as vidas mais justas são aquelas que se acomodam regularmente ao modelo trivial e humano, sem milagre, sem extravagâncias. A velhice em parte carece de um tratamento mais brando. Vamos nos recomendar para que Deus, o protetor da saúde e da sabedoria, nos faça alegres e sociáveis:

“Frui paratis et valido mihi

Latoe, dones, et precor, integra

Cum mente; nec turpem senectam

Degere, nec Cithara carentem”

“Garanta-me, Apolo, que eu possa desfrutar das minhas posses com boa saúde; deixe-me ficar de mente sã; não me permita ser conduzido a uma velhice desonrosa, nem deseje o alaúde”.

Apologia

Na realidade, a primeira edição dos Ensaios (Bordéus, 1580) tem muito poucas citações. Elas ficaram mais numerosas na edição de 1588; mas a multidão de textos clássicos que às vezes tumultuam o texto de Montaigne, datam apenas da edição póstuma (de 1595). Ele havia feito essa coleta nos quatro últimos anos de vida, como uma diversão em sua “ociosidade”. Porém, elas se tornam mais frugais no Terceiro Livro.

Le Clerc

Compilado por
Roberto B. Cappelletti
Setembro, 2005